

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
HISTÓRIA

FILIPÍ GOMES DE POMPEU

**O UNIVERSO NUMA CASCA DE MARISCO: ARQUEOLOGIA ANIMISTA APLICADA AOS  
SAMBAQUIS E ZOOMORFOS DO BRASIL MERIDIONAL**

Porto Alegre

2021

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

FILIPPI POMPEU

O UNIVERSO NUMA CASCA DE MARISCO:  
ARQUEOLOGIA ANIMISTA APLICADA AOS SAMBAQUIS E  
ZOOMORFOS DO BRASIL MERIDIONAL

Porto Alegre, RS

2021

FILIPPI POMPEU

O UNIVERSO NUMA CASCA DE MARISCO:  
ARQUEOLOGIA ANIMISTA APLICADA AOS SAMBAQUIS E  
ZOOMORFOS DO BRASIL MERIDIONAL

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com área de concentração em Sociedade, Cultura Material e Povoamento.

Área de Concentração: Arqueologia

Orientador: Prof. Dr. Klaus Peter Kristian Hilbert

Porto Alegre, RS

2021

## Ficha Catalográfica

P788u Pompeu, Filipi Gomes de

O universo numa concha de marisco : arqueologia animista aplicada aos sambaquis e zoomorfos do Brasil meridional / Filipi Gomes de Pompeu. – 2021.

421.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Klaus Peter Kristian Hilbert.

1. sambaqui. 2. escultura. 3. zoólito. 4. zoomorfo. 5. arqueologia animista. I. Hilbert, Klaus Peter Kristian. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

FILIPPI POMPEU

O UNIVERSO NUMA CASCA DE MARISCO:  
ARQUEOLOGIA ANIMISTA APLICADA AOS SAMBAQUIS E  
ZOOMORFOS DO BRASIL MERIDIONAL

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com área de concentração em Sociedade, Cultura Material e Povoamento.

Área de Concentração: Arqueologia

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Klaus Peter Kristian Hilbert – PUCRS

---

Prof. Dra. Dione Bandeira – UNIVILLE

---

Prof. Dra. Mariana Petry Cabral – UFMG

---

Prof. Dr. Guilherme Felipe Galhegos – UFGD

---

Prof. Dr. André Prous – UFMG

Porto Alegre, RS

2021

*Para meus pais, meu filho e minha avó (in  
memoriam)*

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas e instituições colaboraram com esta pesquisa. Não pude, no tempo que restou, fazer justiça à memória de todas; mas se me escapam neste breve momento, não quer dizer que foram menos queridas por nós.

Ao CNPq, por ter financiado quatro dos cinco anos desta pesquisa, onde tivemos a oportunidade de usufruir de uma bolsa integral.

Ao Professor Klaus Hilbert, cuja cumplicidade e sintonia de ideias sempre nos permitiu ir pensar mais longe; ao ponto de assim correr toda uma década. Esta tese me mudou professor, muito obrigado. Que o futuro nos reserve novas oportunidades.

meus pais, que não apenas financiaram o último ano desta pesquisa, mas sempre acolheram meu sonho esquisito de querer tanto fazer parte de algo tão insólito quanto um sambaqui. Sem eles, nada disto haveria. Minha gratidão é eterna.

Juliano Sauter foi um aliado de primeira hora sempre a disposição e sempre preocupado com nossa saúde mental – e vice-versa. Além disso, seria natural que nossa amizade se fortalecesse porque gostamos de pensar, de música extrema, de povos indígenas, de jogos de sobrevivência, de beber e de trocar ideias fiadas. Tu é o meu termômetro de sanidade cara, se tu ficar louco, eu vou ficar também! Fabrício Lema e Bruno Rodrigues sempre se interessaram pela minha pesquisa assim como pela temática antropológica indigenista. Graças aos grupos organizados por eles e Sauter que pude desenvolver várias ideias presentes e ausentes daqui. Apenas desejo uma maior proximidade quando acabar essa pandemia.

Os professores Guilherme Galhegos Felipe e Maria Cristina “Tita” dos Santos forneceram apoio intelectual e se preocuparam legitimamente com o andamento da pesquisa. O que eu sei de antropologia, devo tudo a esses tutores “meus afins”. Espero um dia podermos continuar estreitando laços de aliança.

Jonathan e Thaissa Caino e seus felinos Miguel e Lucy foram jovens colegas que dividiram comigo sua amizade, tempo, indicações de tese e me deram porto seguro quando os refúgios usuais se esvaziaram de sentido. Que ainda possamos trocar muitas histórias de campo e copos de cerveja.

Ana Paula Gomes Bezerra, que levou adiante e realmente realizou a ideia da rede de contatos de apoio contra a depressão na pós-graduação que surgiu das nossas próprias conversas e desabafos. Seu coração acalenta o meu com empatia, sinceridade e uma vontade de sempre conhecer mais e ver o melhor das pessoas. A Ivana “Ivaníssima” Oricchio – salutar pesquisadora de zoomorfos, aventureira e poetisa; a qual trocamos muitas ideias e compartilhamos muitos olhares sobre zoomorfos e ideias sobre maré vermelha. Que essa sincronia intelectual permaneça vívida nas nossas carreiras que começam!

Mariana Detoni esteve ao nosso lado durante partes importantes da pesquisa, sempre disposta a conversar e mostrar que nem tudo o que importa no mundo são sambaquis ou cogumelos. Também há Magic, The Gathering, permacultura, banho de mar e rio!

A meu irmão Vagner Ayres, que sempre me deu exemplo com palavra e ato das minhas capacidades, mostrando que é possível superar qualquer adversidade e valorizar qualquer boa vontade. Tua força, fibra e superação eu nunca li exemplo igual em nenhum livro – tu me ensinou a escrever a minha própria história! Eu te amo, meu irmão, esteja bem sempre; tu é muito importante para mim.

Minha irmã, Carol Pompeu, que sempre dava um jeito de me fazer sorrir ao mesmo tempo que batia portas quebrando minha concentração. Com ela aprendi que, por mais que a gente cresça mana, ainda seremos crianças quando estivermos juntos.

Fabrcio Bernardes trocou ideias e figurinhas constantemente comigo – além de ser responsável por todo o código do ontográfico.

Roberta Ávila foi uma amiga sempre presente e disposta a bater papo fiado sobre política e arte. Aguardamos o final da pandemia e a reabertura dos museus impacientes!

todas as pessoas que conheci quando tive a oportunidade de conhecer também Joinville, antiga capital cultural sambaquiiana, sobre a qual tanto havia lido a respeito, assim como para nós lendário Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville. Escavar um sambaqui e ter tamanho acolhimento não apenas intelectual, mas de amizade, nos deu segurança para irmos em frente na nossa investigação pouco comum. A gratidão que devemos a Dione Bandeira e Roberta Meyer pela candura, sinceridade e apoio inestimável; Graciele Tules (VAMO TIME), Tatiane Andaluza da Silveira (não tivemos tempo de expor suas lindas ilustrações –

ainda!); as queridíssimas e queridíssimos: Dalzi, Fernanda Borba, Flavinha, José Ruiz (grande parceiro de gauchadas), André Carlo Colonese (muito obrigado pelas palavras de suporte, importantes<sup>3</sup> num momento importante) e Krista MacGrath, José Iriarte, Meg Bartz (conterrânea), Maria Cristina Alves, Ane, Thiago Fossile, Stephany Louise, Jéssica Ferreira e outros que nos escapam brevemente já talharam lugar em nosso coração. Espero que possamos estreitar ainda mais nossos laços, dentro em pouco.

A responsável que nos recebeu no Museu do Colégio Catarinense, Caroline Liebl Bastos; e suportou com interesse real nossos divagares filosóficos ao mesmo tempo que compartilhou o interesse pelo venerável Pe. Rohr.

Deborah Barbosa, cuja estrela começa a despontar, sempre atuou com profissionalismo e disposição notáveis, nos ajudando durante cerca de três ininterruptos. Nossa gratidão não faz jus à sua contribuição valorosa junto ao trabalho de atualização das esculturas. Auxiliou brevemente ainda neste trabalho Julia Prego.

Alberto Tavares, Roger Figueiredo, Ivana Oricchio, Jefferson Garcia, e uma funcionária anônima do Centro de Visitantes do Parque Ambiental de Itapuã (Porto Alegre/RS) forneceram imagens de esculturas inéditas e já publicadas. Lucas Silva leu e avaliou o primeiro capítulo. Agradecemos profundamente esse gesto de coleguismo que não nos faz perder a esperança em continuar contribuindo da mesma forma.

A todas as pesquisas e pessoas que um dia se interessaram por sambaquis e que me deram razão de estudar e aprender sempre mais.

Graziela Belotto revisou e formatou a maior parte deste trabalho.

Ao meu filho, Pietro Belotto de Pompeu, cujos cinco de seus oito anos me viu enfurnado atrás de uma lombada de livro ou da tampa do notebook. Pois é filho, “um dia quando você terminar o seu trabalho” finalmente chegou! E agora é hora de recuperarmos o tempo perdido...

## RESUMO

Este trabalho é uma tentativa de interpretação e fomentação de uma visão simbólica sobre os sítios de matriz conchífera do Brasil meridional (sambaquis e concheiros) e das esculturas de estilo típico associadas a este tipo de sítio: os zoomorfos. Para tanto, nos empenhamos em elaborar e descrever uma detalhada matriz teórica pertinente a esta perspectiva multinatural e análoga à construção dos sambaquis - o animismo perspectivista, a ontologia, a ontografia e a fenomenologia ocupam parte importante de nossa ideia. A partir do exemplo local dos sambaquis e concheiros cerâmicos da Baía da Babitonga, Santa Catarina, pudemos estabelecer uma visão geral sobre as motivações teóricas e práticas destas populações a respeito do cosmos que compartilham com formas animais das mais distintas. Esperamos com isto, poder ter contribuído e sedimentado uma nova forma de estudar e pensar este sítio arqueológico tão importante para a história da Arqueologia brasileira.

Palavras-chave: sambaqui; zoólito; zoomorfo; escultura.

## ABSTRACT

This work is an attempt to interpret and foster a symbolic vision of the sites of southern Brazil's conchiferous matrix (sambaquis and concheiros) and the typical style sculptures associated with this type of site: the zoomorphs. For that, we endeavor to elaborate and describe a detailed theoretical matrix pertinent to this multinatural perspective and analogous to the construction of sambaquis - perspectivist animism, ontology, ontography and phenomenology occupy an important part of our idea. Based on the local example of the sambaquis and ceramic shells from Babitonga Bay, Santa Catarina, we were able to establish an overview of the theoretical and practical motivations of these populations regarding the cosmos they share with the most distinct animal forms. With this, we hope to have contributed and sediment a new way of studying and thinking about this archaeological site so important for the history of Brazilian archaeology.

Keywords: sambaqui; zoólito; zoomorfo; escultura.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Relações Semânticas das Etimologias de Sambaqui.....	39
Figura 2- Imagem ilustrando os sambaquis mais antigos (Tipos I e III) e os mais recentes (Tipos IV e II), em associação com os sedimentos e linhas de costa do litoral.....	60
Figura 3- Espécies de Zoofauna e Esculturas Zoomórficas para os sítios selecionados.....	66
Figura 4 – Imagem de satélite da Baía da Babitonga.....	66
Figura 5- Jabuti Mutilado Nº 14.....	70
Figura 6- Antropomorfo Nº 15.....	71
Figura 7- Tatu Nº 147.....	71
Figura 8- Felídeo/canídeo/réptil Nº 280, em osso.....	71
Figura 9- Ave de Rapina Nº 162.....	73
Figura 10- Escultura Nº 110.....	74
Figura 11- Cabeça de Coruja em vértebra de Baleia, Nº 88.....	75
Figura 12- Nº 251.....	75
Figura 13- Tubarão-branco Nº 253.....	76
Figura 14- Tubarão-martelo Nº 216.....	76
Figura 15- Sargo/linguado Nº 7.....	77
Figura 16- Tainha Nº 127.....	77
Figura 17- Baleia orca Nº 103.....	77
Figura 18- Piau Nº 9.....	77
Figura 19- Pintura de um canguru.....	104
Figura 20- Primeira etapa de uma caçada no Ártico.....	106
Figura 21- Segunda etapa de uma caçada no Ártico.....	107
Figura 22- Lista ontográfica de termos e significados de <i>sambaqui</i> .....	155
Figura 23- Mapa ontográfico de termos e significados de <i>sambaqui</i> .....	156
Figura 24- Distribuição de um estilo transformacional da arte indígena do continente americano	185
Figura 25- Escultura de sargo-de-dentes ( <i>Archosargus probatocephalus</i> ) ou/e de Linguado ( <i>Paralycthis sp.</i> ) Nº 7.....	193
Figura 26- Animal aquático Nº 69.....	203
Figura 27- Escultura Nº 269.....	203
Figura 28- 1ª variedade, Nº 34.....	204
Figura 29- 2ª variedade, Nº 230.....	204
Figura 30- 3ª variedade, Nº 229.....	204
Figura 31- 4ª variedade, Nº 44.....	205
Figura 32- Fragmento Nº 78.....	206
Figura 33- Nº 28 – variedade 1.....	206
Figura 34- Nº 100 - variedade 2.....	206
Figura 35- Aquático Nº 39 – variedade 2.....	207
Figura 36- Nº 99, nucleiforme C típico.....	207
Figura 37- Nº 58, nucleiforme C atípico.....	207
Figura 38- Nº 13, nucleiforme C atípico.....	208
Figura 39- Nucleiforme mutilado Nº 120.....	208
Figura 40- Nº 274, encontrado no Parque Estadual de Itapuã, em Porto Alegre.....	209
Figura 41- Nº 105.....	209
Figura 42- Nº 81.....	210
Figura 43- ave de rapina Nº 162, variedade 1.....	211

Figura 44- Ave/tubarão-baleia Nº 226, variedade 2.....	211
Figura 45- Nº 137.....	211
Figura 46- Ave/quelônio Nº 245, variedade 1.....	212
Figura 47- Morcego Nº 171, variedade 1.....	213
Figura 48- Ave de rapina Nº 57, variedade 2.....	213
Figura 49- Ave Nº 12, variedade 3.....	213
Figura 50- Ave de rapina Nº 102, variedade 4.....	214
Figura 51- Ave Nº 93, variedade 5.....	214
Figura 52- Ave mutilada Nº 254.....	215
Figura 53- Ave Nº 255.....	215
Figura 54- Decapitado Nº 287.....	215
Figura 55- Decapitado Nº 289.....	216
Figura 56- Nº 10.....	216
Figura 57- Nº 101.....	217
Figura 58- Bicéfalo Nº 199.....	217
Figura 59- Tubarão cruciforme atípico/paquiforme Nº 270.....	217
Figura 60- Ave cruciforme Nº 256.....	218
Figura 61- Miracéu Nº 25.....	218
Figura 62- Sobrelevado atípico Nº 64.....	219
Figura 63- Paquiforme atípico Nº 275.....	219
Figura 64- Possível robalo Nº 132.....	220
Figura 65- Tainha bicéfala Nº 161.....	220
Figura 66- Sernambiguara platiforme Nº 48.....	221
Figura 67- Platiforme B do sambaqui de Xangri-lá.....	221
Figura 68- Peixe platiforme atípico Nº 243.....	222
Figura 69- Platiforme atípico Nº 257.....	222
Figura 70- Platiforme atípico Nº 243.....	222
Figura 71- Sirênio falso nucleiforme A Nº 62.....	223
Figura 72- Cetáceo/selácio falso triangular Nº 80.....	223
Figura 73- Tartaruga manca Nº 14.....	223
Figura 74- Aves/tartarugas Nº 123.....	223
Figura 75 - Tatu falso platiforme Nº 147.....	224
Figura 76 - Tainha Nº 127.....	224
Figura 77- Paquiforme falso sobrelevado Nº 242.....	225
Figura 78- Escultura paquiforme dupla Nº 273, detalhe de incisão em “L”, e outros.....	226
Figura 79- Escultura longilínea paquiforme do sambaqui de Cubatãozinho Nº 272.....	226
Figura 80- - Machado com boca Nº 291 – análoga à do Nº 272.....	227
Figura 81- Nº 15.....	227
Figura 82- Nº 18.....	227
Figura 83- Antropomorfo falso sobrelevado Nº 24.....	228
Figura 84- Mutilado Nº 150.....	228
Figura 85- Pessoa coruja saindo de ovo Nº 251.....	228
Figura 86 - Cabeça de coruja Nº 88.....	229
Figura 87 - Albatroz, outrora parte de um bastão Nº 79.....	229
Figura 88 - Baleia Nº 114.....	229
Figura 89 - Detalhe de bastão com efígie de pássaro Nº 189.....	229
Figura 90- Bastão com efígie de réptil ou felino Nº 280.....	231
Figura 91 - Peixe em osso, Nº 279.....	231

Figura 92 - Cabeça com resto de cavidade Nº 115.....	232
Figura 93 - Cabeça com pescoço.....	232
Figura 94 - Trecho posterior Nº 116.....	232
Figura 95 - Trecho medial Nº 117.....	233
Figura 96 - Fragmento de plataforma A, Nº 288.....	233
Figura 97 - Fragmento Nº 302.....	234
Figura 98 - Cabeça decapitada Nº 303.....	234
Figura 99 - Nº 139.....	235
Figura 100 - Nº 130.....	235
Figura 101 - Quadrúpede falso sobrelevado Nº95.....	235
Figura 102 - Ave Nº 142.....	236
Figura 103 - Arraia Nº 65.....	236
Figura 104 - Nº 249.....	237
Figura 105 - Escultura diversa Nº 261.....	237
Figura 106 – Miniatura de zoomorfo em osso.....	237
Figura 107 - Miniatura de zoomorfo em osso.....	237
Figura 108 - Pingente pequeno e grande com estilo de “cauda” torrense.....	238
Figura 109 - Prisma em quartzo regularizado com setores anterior e posterior.....	239
Figura 110 - Primeira escultura: falsificação em massa de rejunte; segunda escultura: ver Prous (2015, p. 110); terceira escultura: animal duplo.....	239
Figura 111 - Primeira escultura: secção quadrada regularizada com parte anterior e posterior; segunda escultura, ver Prous (2015, p. 110); terceira escultura: três incisões marcar uma parte posterior ou anterior.....	239
Figura 112 - Primeira escultura: ver Prous (2015, p. 110); segunda escultura: ver Prous, (2018, p. 209); terceira escultura: ver Garcia (2018).....	240
Figura 113 - Sulcos e situação paisagística do mega zoomorfo.....	240
Figura 114 - Sulcos e situação paisagística do mega zoomorfo.....	241
Figura 115 - Sulcos e situação paisagística do mega zoomorfo.....	241
Figura 116- Mapa ontográfico das tipologias <i>prousianas</i> .....	243
Figura 117- Gráfico de dispersão das tipologias na geografia litorânea.....	250
Figura 118- Sem Título (1988).....	255
Figura 119- Aves à esquerda, peixes e animais aquáticos à direita.....	258
Figura 120 – Ave/Tubarão-Baleia Nº 221.....	260
Figura 121 – Antropomorfo/Tartaruga-Marinha.....	260
Figura 122 - cruciformes/platiformes : : nucleiformes/sobrelevados.....	263
Figura 123 - Escultura Nº 76, não está mutilada nem gerou fragmentos de amputação.....	264
Figura 124 - Escultura de ave Nº 254 teve o apêndice Escultura totalmente mutilada Nº 286 ..	264
Figura 125 – Escultura nº 286, com mutilação extensa.....	264
Figura 126 - Evolução morfológica dos zoólitos. Profundidade das cavidades.....	267
Figura 127 - O paquiforme duplo Nº 123 e sua visível crise de identidade.....	271
Figura 128- Ontografia preliminar da paisagem cosmológica sambaquiana.....	309
Figura 129 – Ontográfico preliminar dos volumes escultóricos dentro da paisagem cosmológica sambaquiana.....	314
Figura 130 - Sepultamento do Morro do Ouro com zoomorfos Nº 107, 108 e 109.....	324
Figura 131 – Ontografia Paisagem Social.....	328
Figura 132 – Esboço de relações entre diferentes entidades captadas nos sambaquis.....	333
Figura 133 – A lógica da cavidade II.....	338
Figura 134- Visão ventral da arraia Nº 6.....	352

Figura 135- Visão ventral da arraia Nº 6.....	352
Figura 136- Visão ventral da arraia Nº 6.....	352
Figura 137- Visão ventral da arraia Nº 6.....	353
Figura 138- Visão ventral da arraia Nº 6.....	353
Figura 139- Visão dorsal da arraia Nº 6.....	354
Figura 140 - Visão dorsal da arraia Nº 6.....	354
Figura 141- Visão dorsal da arraia Nº 6.....	355
Figura 142 - Urso Haida.....	358
Figura 143 – Estrutura básica da distribuição dos elementos estilísticos na Arraia Nº 6 - II.....	358
Figura 144 - Comparação entre a ordem narrativa de mitos Achomawi e a distribuição de caracters estilísticos na arraia Nº 6.....	362
Figura 145 – Baleia paquiforme Nº 167.....	363
Figura 146 – Cavidade com elementos zoomórficos Nº 146b.....	363
Figura 147 – Cabeça decapitada Nº 136.....	363
Figura 148 – Morcego cruciforme Nº 171.....	364
Figura 149 – Cará bicéfalo Nº 35.....	364
Figura 150 - Peixe (Sargo/Linguado) Nº 7.....	366
Figura 151 - Detalhes das nadadeiras excisas do Sargo/Linguado Nº 7.....	367
Figura 152 – Relações entre as formas e as ambivalências de alguns animais mitológicos e não- mitológicos.....	368
Figura 153 - As duas tipologias de mantas <i>Chilkat</i> .....	369
Figura 154 - Animais misturados numa manta <i>Chilkat</i> .....	370
Figura 155 – Tábua de desenho para um manto <i>Chilkat</i> .....	371
Figura 156 - Bicos incisivos duplos convergentes Nº 105, convergência não-conjuntiva.....	372
Figura 157 - Bicos incisivos duplos convergentes Nº 118, incisão parcial.....	372
Figura 158 - Bicos incisivos duplos convergentes Nº 162, incisões convergentes.....	373
Figura 159 – Baleia mutilada Nº 1.....	374
Figura 160 – Baleia mutilada Nº 1.....	374
Figura 161 – Baleia mutilada Nº 1.....	374
Figura 162 – Animal aquático nº 24 visto de cima.....	376
Figura 163 – Animal aquático nº 24 visto de cima.....	376
Figura 164 – Animal aquático nº 24 visto de cima.....	377
Figura 165 – Tartaruga-Marinha Nº 33.....	378
Figura 166 – Tartaruga-Marinha Nº 33.....	378
Figura 167 – Tartaruga-Marinha Nº 33.....	378
Figura 168 – Tartaruga-Marinha Nº 33.....	379
Figura 169 – Miracéu Nº 25.....	379
Figura 170 – Detalhe do Miracéu Nº 25.....	380
Figura 171 – Miracéu enterrado na areia do fundo.....	380
Figura 172 – Baleia-Azul em processo de alimentação.....	381
Figura 173 - Linguado sobrelevado Nº66.....	381
Figura 174 -Linguado da espécie <i>Symphurus jenynsi</i> .....	381
Figura 175 – Sobrelevado talvez aquático Nº 64.....	387
Figura 176 – Sobrelevado de cabeça de Tartaruga-Marinha Nº 141.....	387
Figura 177 – Sobrelevado Nº 170.....	387
Figura 178 – Falso sobrelevado Nº 242.....	387
Figura 179 – Antropomorfo Nº 23 e Ninho de Aves Nº 235.....	388
Figura 180 – Ave paquiforme falsa sobrelevada Nº 13.....	389

Figura 181 – Terrestre falso sobrelevado Nº 95.....	389
Figura 182 – Ave cruciforme mutilada Nº 99.....	389
Figura 183 – Ave/Quelônio Nº 245.....	391

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Lista de moluscos em Gabriel Soares de Sousa.....	32
Quadro 2- Animais Quadrúpedes/Terrestres.....	67
Quadro 3 - Espécies animais encontrados nos sambaquis e concheiros da Baía da Babitonga e um pouco de seu comportamento.....	72
Quadro 4 - Espécies aniamis encontrados nos sambaquis e concheiros da Baía da Babitonga e um pouco de seu comportamento.....	78
Quadro 5 – Espécies de moluscos encontrados nos sambaquis e concheiros da Baía da Babitonga e um pouco de seu comportamento.....	85
Quadro 6 – Relações ontológicas básicas entre quatro modalidades de existência antropológica.	102
Quadro 7- Tabela de critérios escultóricos elaborada por I. Oricchio.....	194
Quadro 8- Outra tabela de critérios escultóricos elaborada por I. Oricchio.....	195
Quadro 9- Tabela de Classes Paradigmáticas elaborada por I. Oricchio.....	196
Quadro 10 - Quadro sumário do sistema tipológico prousiano.....	246
Quadro 11- Quantificação de técnicas e realismo para as tipologias prousianas.....	253
Quadro 12- Animais Aquáticos/Anfíbios.....	278
Quadro 13- Animais Voadores.....	288
Quadro 14- Animais Terrestres/Quadrúpedes.....	290
Quadro 15 – Relações e comparações estruturais elementares entre sambaquis, humanos e animais esculpidos.....	329
Quadro 16- Esquema estrutural básico de três mitos de origem Zuñi:.....	348
Quadro 17 – Tabela sinótica entre cavidades, tipologias e formas gerais dos blocos.....	349
Quadro 18- Estrutura básica da distribuição dos elementos estilísticos na Arraia Nº 6 - I.....	355

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentuais representativos de cada tipologia <i>prousiana</i> .....	245
Gráfico 2- Voador I.....	299
Gráfico 3- Voador II.....	300
Gráfico 4- Aquático I.....	301
Gráfico 5- Aquático II.....	302
Gráfico 6- Terrestre I.....	303
Gráfico 7- Terrestre II.....	304
Gráfico 8- Ctônico II.....	305
Gráfico 9- Ctônico III.....	305
Gráfico 10- Volume Total das Esculturas.....	315
Gráfico 11- Quantidade Esculturas x Volume da Cavidade.....	316

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Graus de realismo por sítios arqueológicos.....	247
Tabela 2- Esquema básico do deslocamento de sobrelevados dentro da área de atividade da terra-firme, da maré e da água.....	383

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>21</b>
<b>2 MUITO MAIS DO QUE CONCHAS: ETIMOLOGIA</b> .....	<b>24</b>
2.1. PROPOSTA .....	28
2.2. SAMBAQUI ANTES DO DEBATE ARTIFICIALISTA .....	31
2.3. ETIMOESTRATIGRAFIA DO SAMBAQUI .....	34
2.4. ETIMOLOGIAS ESCAVADAS.....	37
2.5. DICIONÁRIOS POR UM LÉXICO SAMBAQUIANO .....	41
2.6. <i>SAMBAQUI</i> E SEU CAMPO SEMÂNTICO .....	44
<b>3 SAMBAQUIS E A LINHA LITORÂNEA</b> .....	<b>51</b>
3.1 O AMBIENTE SALOBRO .....	59
3.2 .MANGUE .....	62
3.2.1 <i>Animais Quadrúpedes/Terrestres</i> .....	67
3.2.2 <i>Animais Voadores</i> .....	72
3.2.3 <i>Animais Nadadores/Anfíbios</i> .....	75
3.3 <i>Moluscos</i> .....	84
<b>4 O TOTEMISMO ONTEM</b> .....	<b>88</b>
4.1 A CIÊNCIA DO CONCRETO HOJE .....	92
4.2 O ANIMISMO HOJE? .....	98
4.3 NOTAS FENOMENOLÓGICAS .....	108
4.4 INTROMISSÃO: O CORPO NA AMÉRICA .....	114
4.5 A VIRADA ONTOLÓGICA .....	124
4.6 IMERSÃO: A COISA=CONCEITO .....	132
<b>5 ONTOLOGIA</b> .....	<b>137</b>
5.1 O.O.O.: ONTOLOGIA ORIENTADA PELOS OBJETOS .....	146
5.2 ONTOGRAFIA .....	151
5.3 MULTINATURALISMO PERSPECTIVISTA .....	157
5.4 ARQUEOLOGIAS ONTOLÓGICAS .....	171
<b>6 NOTAS SOBRE AS PESQUISAS ANTERIORES</b> .....	<b>186</b>
6.1 O DEBATE CONTEMPORÂNEO SOBRE ZOOMORFOS .....	188
6.2 CRÍTICA AO CONCEITO DE “COMPLEXIDADE SOCIAL” .....	199
6.3 TIPOLOGIAS E PARCIALIDADES REGIONAIS .....	249
ESBOÇO DE COSMOLOGIA SAMBAQUIANA .....	254
6.4 254	
6.5 PERSPECTIVISMO E MULTINATURALISMO NOS ZOOMORFOS SAMBAQUIANOS	257
6.6 FRAGMENTOS DE ANATOMIA AMBIENTAL .....	259
6.7 A LÓGICA DA CAVIDADE .....	265
6.7.1 <i>Animais Aquáticos/Anfíbios</i> .....	278
6.7.2 <i>Animais Voadores</i> .....	288
6.7.3 <i>Animais Terrestres/Quadrúpedes</i> .....	290
6.7.4 <i>Voadores</i> .....	299
6.7.5 <i>Aquáticos</i> .....	301
6.7.6 <i>Terrestres</i> .....	303
6.7.7 <i>Ctonico</i> .....	305

6.8	O QUÁDRUPLO SAMBAQUIANO.....	306
6.9	O UNIVERSO NUMA CASCA DE MARISCO.....	319
6.10	NA BEIRA DO MUNDO.....	326
6.11	PARA DENTRO DA CASCA.....	332
6.12	AS MARÉS VERMELHAS.....	334
6.13	A LÓGICA DA CAVIDADE – II.....	337
<b>7</b>	<b>ZOOMORFOLÓGICAS: MITOLOGIA PÓS-ESTRUTURAL E ANÁLISE ESCULTÓRICA DE ALGUNS ANIMAIS ESCULPIDOS.....</b>	<b>341</b>
7.1	A ARRAIA Nº 6 E SEU DESDOBRAMENTO ESTILÍSTICO E MITOLÓGICO.....	350
7.2	CONVERGÊNCIAS MITOLÓGICO-ESTILÍSTICAS TRANSCONTINENTAIS.....	356
<b>8</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>393</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>401</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>430</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Numa das obras mais difundidas acerca do movimento humanístico da *virada ontológica*, Bruno Latour atira logo de saída o paradoxo que embasa esta forma de pensar:

“O menor vírus da AIDS nos faz passar do sexo ao inconsciente, África, às culturas de células, ao DNA, a São Francisco; (...). Aperte o mais inocente dos aerossóis e você será levado à Antártida, e de lá à Universidade da Califórnia em Irvine, às linhas de montagem em Lyon, à química dos gases nobres, e daí talvez até a ONU, mas este fio frágil será cortado em tantos segmentos quantas forem as disciplinas puras; não misturemos o conhecimento, o interesse, a justiça, o poder. Não misturemos o céu e a terra, o global e o local, o humano e o inumano. ‘Mas estas confusões criam a mistura – você dirá -, elas tecem nosso mundo? – ‘Que sejam como se não existissem’, respondem os analistas, que romperam o nó górdio com uma espada...” (LATOURE, 1994, p. 8).

Pessoas praticantes de Arqueologia costumam flutuar entre os assuntos da sua disciplina com a mesma inconsciência – de tão natural que é esta passagem nas “ciências culturais da terra”. Como desaprender que os sambaquis nos ensinam arqueologia e cosmologia através da sobre-intelectualização de algo tão trivial, pequeno e esquecido como meras conchas de moluscos abandonadas pelo tempo e pela maré? Como algo tão mínimo e insuspeito poderia ser a base elementar de um fenômeno tão notável que sobreviveu por milhares de anos sob uma forma monumental e, aparentemente, coesa?

A Arqueologia é uma ciência interdisciplinar e depende de múltiplas perspectivas e escalas para embasar suas teorias e hipóteses. Perseguindo o amor pelo misterioso, qualquer praticante de Arqueologia, com treino formal ou não, nutrirá interesse em qualquer possibilidade de obter uma *visão arqueológica* das coisas (POMPEU, HILBERT, 2020). Essa visão acontece em diversas escalas do que pode ser observável – aliás, é um princípio científico elementar que os experimentos e observações controladas que solidificam o método sejam empíricos. Assim como o jornal que Latour abriu nos primeiros parágrafos de *Jamais Fomos Modernos*, uma revista científica de Arqueologia geral também poderá elencar artigos cujos recortes temporais, delimitações espaciais, temáticas e subjetivas reúnem assuntos e elementos dos mais díspares possíveis (salvo se um dossiê, é claro).

Tentamos pensar o mesmo para os sambaquis e esculturas zoomórficas que lhe fazem eco (PROUS, 1992). É claro que, dado a faixa temporal na qual os

sambaquis se localizam, não podemos obter o mesmo tipo de observação. Presos no passado, haveria algum modo de encontrarmos um caminho, um roteiro arqueológico que nos leve a buscar reflexões em nossa própria arqueologia a partir de uma arqueologia dos sambaquis?

Buscamos empreender essa pesquisa sob essa égide. Portanto, não se trata de uma investigação usual sobre sambaquis. Tanto quanto Latour vê os assuntos separados de um jornal, nós também tentamos reconstituir um sambaqui a partir dos pedaços que temos retirado deles ao longo da pesquisa a seu respeito. Realizamos essa tarefa pouco comum organizando nossa obra da seguinte forma: O primeiro capítulo versará sobre um tema pouco pesquisado: a etimologia do conceito de sambaqui. Buscamos na história escrita e na estrutura da língua geral da costa, derivada do Tupi, por continuidades semânticas da ideia de conchas e de seu acúmulo.

O segundo capítulo translada essas ideias para a paisagem sambaquiiana, tentando observar as relações ambientais que os sítios implantados detêm com seu entorno e com os animais que lhe visitam e lhe compõem como estratigrafia. Isto nos levou a uma ideia integrada entre composição e construção, para a qual, felizmente, existem teorias antropológicas disseminadas que poderiam nos ajudar a refazer esse nó górdio.

Os capítulos terceiro e quarto se voltam para uma profunda investigação acerca na natureza dessas composições. Dado que não conhecemos as pessoas que erigiram as estruturas, nem a língua que falavam, foi necessário recorrer à metafísica para obter esclarecimentos. Ontologia e fenomenologia dividem espaço com questões animistas e sua fruição através de um viés exclusivamente arqueológico. Assim, pudemos transformar o espaço físico do sambaqui num espaço cosmológico.

O capítulo quinto volta novamente aos animais, mas agora realizando uma distinção entre animais esculpidos como zoomorfos e animais utilizados para a nutrição do sítio e das pessoas que o construíram. Uma visão ampla do lugar das esculturas no espaço cosmológico nos levou a poder cartografar alguns conjuntos delas sob novas interpretações que já vinha sendo arrazoadas de modo geral (GOMES, 2012; ORICCHIO, 2020); mas que aqui encontraram expansão e outra forma de guarida.

O último capítulo, enfim, correlata todas as informações que pudemos elencar numa visão inequivocamente cosmológica: a mitologia indígena. Neste capítulo realizamos aproximações com a arte do noroeste do Pacífico americano, dentre outras conexões menos evidentes. Um exemplo de análise das esculturas sob correlações mitológicas e estilísticas é iniciado – mas não concluído devido á sua extensão, que ainda cobriria muitas páginas a mais. Nos satisfizemos em demonstrar algumas possibilidades desta seara.

## 2 MUITO MAIS DO QUE CONCHAS: ETIMOLOGIA

*Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para a qual convergem outros termos coordenados, cuja soma é indefinida.*

*Saussure, 1970, p. 146*

A iconoclastia e a etimologia, têm uma qualidade improvável em comum: o emprego contínuo da força, do bíceps ou da iteração, reduz os significados que os interessam em fragmentos. Assim como o apagamento de traços numa escultura ou efígie requer um método de melhor eficácia – mesmo que seja um movimento entrópico –, uma iteração também decanta da sua forma pragmática externa para a interna. Na prática, é um momento até mesmo inocente; e qualquer pessoa pode testar por si mesma. Tente repetir o movimento da leitura de uma mesma palavra como quem está lascando ou polindo uma estátua. Os pedaços pertencem simultaneamente a diversas porções superficiais e medulares de nossas palavras repetidas. É possível, desde que com a devida atenção, testemunhar a (de)composição da matéria que compõe as palavras e comporta as ideias: primeiro, ao nível da fonética; passando pelos morfemas; e, finalmente, se restringindo aos conceitos semânticos que, na verdade, são outras palavras – sinônimos.

Muito bem. Vamos tentar?

Sambaqui. Sambaqui. Sambaqui. Sambaqui. Sambaqui. Sambaqui. Sambaqui.  
Sambaqui. Sambaqui. Sambaqui. Sambaqui. Sambaqui. Sambaqui. Sambaqui.  
Sambaqui. Sambaqui. Sambaqui. Sambaqui. Sambaqui. Sambaqui. Sambaqui.  
Sambaqui. Sambaqui. Sambaqui. Sambaqui. Sambaqui.

E agora? O que significa, afinal, “Sambaqui”? “*Montes de concha*”, “*concheiros*”, “*casqueiros*”; uma pessoa responderá no tom educado de quem conhece o fenômeno arqueológico<sup>1</sup>. Mas, note, isso não é o *significado*, de sambaqui, senão sua mera tradução.

---

<sup>1</sup> Que dá o nome ao Tronco Tupi-Guarani, mas sendo diferente da sua contraparte.

Têm-se claro que o Tupi antigo não foi falado pelas pessoas que hoje pensamos como parte do que nós nominamos como cultura sambaquiana. Antecedendo ainda a chegada dos povos de idiomas Tupi-Guarani, há a presença de povos falantes das sonoras línguas Jê, conforme atestado pela arqueologia (NEVES, 1984, 1999; LIMA, 2000, p. 284-285; OKUMURA, 2007; DE BLASIS et. Ali. 2014). Existe, portanto, um intervalo considerável entre a formação do significante atual (a palavra “sambaqui”) e seus significados atuais e potenciais (o desenrolar histórico do seu conceito e as implicações linguísticas de cada versão). Todavia, ainda impera vasto silêncio neste intervalo, além das nossas preocupações.

O dilema arqueológico da ausência do outro parece ser um dos raros momentos em que se pode definir algo pela falta de uma determinada característica. No caso, a arqueologia seria a disciplina cuja informação jamais é realmente primária diante de um testemunho etnográfico antropológico; o que transporta seus esforços em busca de outras escalas relacionais pertinentes às suas fontes de pesquisa (BINFORD, 1983; HODDER, 1982). Os próprios sambaquis, evidências litorâneas de povos alheios à cerâmica, possuem essa abstenção como uma de suas principais características arqueológicas. Sem entrar no mérito da necessidade ou indiferença sobre a invenção ou adoção da cerâmica, não é novidade que a arqueologia brasileira é a área do conhecimento dos “sábios do caco de pote” (SCHÜCH, 1875, p. 11; SANJAD, 2011). Tanto o é, que sua maior influência teórica ainda é o histórico-culturalismo-inglês e o método de seriação cultural, uma proposta aplicada à cerâmica, tal qual ministrado pela importante iniciativa do PRONAPA – muito embora a presença francesa também tenha sido intensa (BARRETO, 1999, 2000).

Sem caquinhos (de barro) com os quais buscar identificação imediata, a primeira ideia quando repetimos para nós mesmos *sambaqui*; é a imagem ou o *sentido* de “concha”:

Concha. Concha. Concha. Concha. Concha. Concha. Concha. Concha. Concha.  
Concha. Concha. Concha. Concha. Concha. Concha. Concha. Concha. Concha.  
Concha. Concha. Concha. Concha. Concha. Concha. Concha. Concha. Concha.  
Concha.

É mais trabalhoso negar a argumentação do parágrafo anterior; *concha* carrega a ideia de *sambaqui*, sua origem semântica, afinal. A aparência ingênua de uma repetição de palavras ou conchas ilude, aludindo a um descarte desinteressado que só poderia pertencer à indolência, diriam diversos antigos naturalistas. Só que alguém, há muito tempo, as levou a sério o suficiente, a ponto de tornar o contraste, entre o tamanho e quantidade das conchas e o que elas são capazes de fazer quando arranjadas numa escala monumental, em um modelo conceitual a ser adotado. Desta forma, o conceito arqueológico é utilizado e pensado como uma analogia direta, automática e espontânea entre as conchas e o ato de acumulá-las<sup>2</sup>; podendo ser aplicado em primeira medida a qualquer sítio arqueológico onde as conchas perfazem a maior parte da experiência visual e tátil das camadas majoritárias do sítio – mesmo que haja uma distinção entre sambaquis propriamente ditos e outros tipos de sítios litorâneos conchíferos (PROUS, 1992, p. 204). Em suma, se tem concha na estratigrafia, há um *sambaqui* ali – mesmo que seja uma jazida paleoetnográfica (ROHR, 1977), um acampamento de coleta (PROUS, 1992, op. Cit) ou um concheiro (LEONARDOS, 1938) – e não um “Sambaqui”.

A essa assertiva, adiciona-se a observação pessoal do professor Ondemar Dias acerca da Tradição Mina, identificada no Sambaqui da Mina, no Pará, ainda contendo a datação mais antiga para a cerâmica no Brasil (5900 AP) (SIMÕES, 1972). A característica marcante da Tradição é o uso de conchas partidas como parte estrutural, como antiplástico, da cerâmica (SIMÕES, 1971): “Atentem”, disse o professor, “que o sambaqui está na cerâmica, assim como a cerâmica está no sambaqui” (DIAS, 2017)<sup>3</sup>. Desta forma, tanto a presença ou ausência de determinados elementos significativos está subordinada ao sentido primeiro que se dá ao conceito arqueológico ligado a *sambaqui*: as conchas precedem o acúmulo, ontologicamente falando, por que a ideia de acúmulo não é pertinente apenas às conchas: pode-se acumular coisas das mais diversas.

Muito disso se deve ao sentido de que acumular conchas de mariscos não é apenas patrimônio da arqueologia nacional, senão mundial. A etapa inicial da

---

Ao contrário da cerâmica, cuja forma inicial plenamente idêntica rende frações fractais muito numerosas, as conchas são naturalmente distintas em sua individualidade, enquanto compartilham idêntica aparência.

Comentário durante o XIX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, em Teresina, Piauí, de 10 a 15 de setembro de 2017.

história da ciência arqueológica se apoiou sobre os *kjækkenmøddings* dinamarqueses, “restos de cozinha” (TRIGGER, 1995, p. 82), cuja clara estratigrafia ajudou o pretense primeiro arqueólogo, o dinamarquês Jens Worsaae, a confirmar as teorias sobre datação relativa de seu tutor e conterrâneo, o museólogo Christian Thomsen, a partir de escavações em concheiros da Dinamarca. Não é à toa que o famoso explorador inglês Francis Burton já relacionava diretamente os sambaquis aos amontoados nórdicos – embora os chamasse precocemente de *sambagués* (FERREIRA, NOELLI, 2007, P. 163). Antes dele ainda, já havia notado Peter Lund a correlação antrópica de ambas as realidades arqueológicas (LANGER, 2001, p. 36; PROUS, 1992, p. 7). A conexão imediata, apontamos, se daria por conta da própria expressividade e atração visual, “da aparência inusitada de um concheiro” (CALAZANS, 2016, p. 63), que corresponde com perfeição à sedução insinuante que a ideia de uma pesquisa arqueológica coloca – a de que é preciso escavar para conhecer aquilo. Todavia, tácito salientar que é difícil estabelecer uma conformidade plena entre os conceitos, visto que a questão monumental se dispôs desde cedo (WIENER, 1876) e diverge do caráter aparentemente abnegado dos concheiros europeus, cuja cota positiva seria apenas reflexo da necessidade de se ter um depósito de lixo; se a leitura da época realmente fizer sentido. Quanto ao potencial visual dos sambaquis, aponta o cientista e ex-diretor do Museu Nacional, João Baptista de Lacerda, sobre a repercussão do termo Tupi diante de outras palavras dadas ao mesmo fenômeno: foram “todas essas denominações tiradas à própria matéria que entra pela maior parte na formação d’essas collinas, exprimem a mesma ideia e se substituem perfeitamente”. Acrescenta ainda que “a palavra *Sambaqui* parece, porém, haver prevalecido a todas essas expressões locais, e por isso preferimol-a...”, diria o artesão do conceito *Homem do Sambaqui* (LACERDA, 1885, p. 178). As conchas estavam sendo esmagadas pelo peso da descrição, enterrando seu potencial completo homogeneizado pela própria visão do que era/é ser indígena para quem não o é, já que ainda não se procurava saber quem haviam sido aquelas outras pessoas. Ou seja, “sambaqui” diz muito mais a respeito de Arqueologia do que de *sambaquis*.

*Sambaqui*, portanto, é tudo o que podemos saber sobre as pessoas responsáveis pelos “sambaquis”. Assim se traduz a distinção entre o *sambaqui* arqueológico e a palavra “sambaqui”, sinônimo de “monte de conchas”. Um, é o

conceito arqueológico crucialmente significativo do significante *sambaqui* – a ideia de sítios monumentais conchíferos funerários associados a um estilo artefactual escultórico de notável inspiração litorânea-marítima. O outro, é a força da sintaxe que reuniu dois substantivos de significados diferentes para gerar e gerir uma palavra diante de uma necessidade comunicativa, um neologismo – no qual qualquer camada conchífera configura um sambaqui como um coringa. O último se prende à embalagem de concha; o primeiro, a torna parte de um determinado conteúdo; ou melhor, quer saber o que ela contém. Aí nessa conexão, o ponto de contato das charneiras de um bivalve, e nas implicações que cada uma dessas metades traz, é possível compreender com maior amplitude qual o significado e pertinência de *sambaqui* no “sambaqui”.

## 2.1. PROPOSTA

Esse tipo de escavação, que faremos por via linguística, é o método usual da lexicologia semântica, estudo do sentido das palavras. Um dos seus pressupostos essenciais é a concepção da teoria dos *campos semânticos*, por Jost Trier, que incluem diferentes palavras dentro de um mesmo contexto significativo; logo, mudanças em uma das palavras afetam o significado de todo o campo semântico:

Trier vai estudar as palavras visando ao setor conceitual do entendimento, mostrando que elas constituem um conjunto estruturado onde uma está sob a dependência das outras. Assim as palavras se unem como numa cadeia, onde a mudança em um conceito acarreta modificação nos conceitos vizinhos, e assim por diante. Nesse sentido, as palavras formam um campo linguístico através de um campo conceitual e exprimem uma visão do mundo de acordo com a reconstituição que elas possibilitam. A teoria proposta por Trier possibilita L. Weisgerber a incluí-la em uma ampla teoria linguística e, nessa teoria, surge o conceito de campo linguístico que abarca tanto os campos léxicos, quanto os campos sintáticos. Assim, desses campos linguísticos, surgem os campos lexicais e os campos semânticos (ABBADÉ, 2011, p. 1338).

Este pequeno estudo que tentaremos é diferente do emprego usual da linguística junto à arqueologia (HEGGARTY, 2007, por exemplo), por representar uma categoria teórica bastante diferente em virtude da ausência de correlações espaciais e temporais. Aqui preferiremos prosseguir *através* do trajeto semântico dos termos e seus respectivos campos semânticos na história, realizando uma

semiologia histórica sobre o sentido, significado, significação, acepção e uso do conceito de *sambaqui* na arqueologia brasileira. Mas por que realizar um estudo lexicológico do termo, sendo que este já decorre dos primórdios da história escrita do Brasil? A palavra *sambaqui*, se tornada ela mesma um contexto de análise, pode nos revelar mais do que apenas digressões e conjugações, como a própria artificialidade extraída do Tupi revela, antes ainda que qualquer arqueologia existisse como tal. Na verdade, esta etapa linguística nos é tomada como uma exploração da tenacidade e resiliência do termo e significado de *sambaqui* dentro da sua filiação tupínica. Acreditamos assim que é a partir da ideia de que o *sambaqui* inocula ao seu alcance sensível uma necessidade de interação *para consigo* através de alguns poucos elementos significativos primordiais, que não estão evidentes na etimologia usual do conceito, mas que estão presentes na sua acepção atual de forma simplificada ao extremo.

Realmente, a própria expressão do termo é primordial para a arqueologia e história brasileira – a “preferência” de Lacerda por “sambaqui” não era simples acaso afinal. Na Dinamarca, os concheiros tinham um nome:

Kjoekkenmoedding, o que significa montes/resto de cozinha. Em francês, idioma de grande penetração nas sociedades científicas, foram chamados de amas de coquillages, isto é, monte de conchas. Em inglês, ganhou outra tradução literal: shell mounds. O Tupi, segundo a tradução de Angyone Costa, batizou-o de sambaqui, aglutinação de tamba (concha) e ki (monte). O português brasileiro possui ainda as versões casqueiro, berbigueiro, ostreira, sernambi. Toda esta variedade de nomes possui uma interessante semelhança: refere-se sempre ao aspecto externo destes sítios, que representam um inegável marco paisagístico. Por outro lado, nenhuma destas palavras têm significado que se remeta às características que estes montes provavelmente tiveram entre seus arquitetos. (CALAZANS, 2016, p. 18-19).

Por isso, o conceito de *sambaqui* deve ser explorado em virtude da sua própria manifestação sensível. Neste caso, isso significa também um levantamento etimológico em virtude das outras possibilidades sensíveis já registradas de se referir aos mesmos elementos do fenômeno com substantivos, adjetivos e mesmo advérbios. O termo fechado de “monte de conchas” é aplicável, portanto, apenas com a ressalva da superficialidade, para o que se pode chamar de *cultura sambaquieira*, pois estes últimos visivelmente desenvolveram uma série de elucubrações sobre esta prática que transcendem o simples descarte em

muito (WIENER, 1875, FISH, et. Ali. 2000). Nos textos arqueológicos mais pormenorizados sobre o fenômeno do sambaqui no litoral sul e sudeste do Brasil (PROUS, 1991, p. 216; LIMA, 2000; VILLAGRÁN, 2013) tanto elementos funerários, domésticos, religiosos, haliêuticos, venatórios e construtivos misturam seus interstícios num mosaico onde se coligam combinações entre conchas, areias, sepultamentos, ossos de animais, pedras, carvões, rochas, cinzas, perturbações e demais ingredientes das camadas de um *sambaqui* em um processo mais complexo do que já fora (GIANNINI, et ali.; 2010; VILLAGRÁN, 2010).

evidente que se antepõem uma série de problemas nesta tentativa despreparada de lexicologia. O primeiro é de caráter histórico. É claro que os povos sambaquieiros não falavam Tupi, como dito ao início. Qual luz que a linguística Tupi traz para o conhecimento sensível de um povo falante de uma língua desconhecida, que os antecede, pelo menos, por 500 anos; e nos antecede, por sua vez, por outros 500? No caso, entretanto, a semiologia é um ramo do conhecimento independente – e quase gêmeo – da linguística. Wolfgang Roth, autor da noção da frase anterior, também aproveita para criticar o desenrolar da etimologia histórica: segundo ele, o impacto causado pela teoria linguística geral de Saussure predominou nos estudos futuros por conta da ênfase dedicada a morfologia dos significantes em vez dos significados: “o interesse no significado consistiu em dispor de uma unidade fixa para o estudo do lado material, mas não importava em si” (ROTH, 1998, p. 62).

Aplicada a um sambaqui esta ideia redundante na noção prática de considerar qualquer acúmulo de conchas como um sambaqui, sem diferenciá-lo da etnia extinta à qual os associamos arqueologicamente. Para ele, a análise de significantes delimita de antemão o caráter arbitrário junto ao significado, cuja contribuição é limitada a rotular os morfemas, orações e lexemas. A solução para sair dessa jaula silábica seria “uma classificação que toma como ponto de partida o significado e distingue, por exemplo, entre sememas gramaticais, derivativos, composicionais, sintagmáticos, oracionais e textuais [que] parece ser inerente aos estudos semânticos...” (ROTH, 1998, p. 62-63).

Também é necessário ter claro sobre qual Tupi estamos falando, já que existiram diversos desdobramentos da língua antiga no que se soube dos últimos cinco séculos. Nos referimos a versão que primeiro foi conhecida pelos recém

chegados, dos duzentos anos inaugurais do malfadado contato. Nessa época, ela se tornou uma língua franca para todos os espaços de infiltração colonial, sendo até mesmo falada no lugar original de outros troncos linguísticos diversos do Tupi-Guarani. Três variantes principais aconteceriam; o Guarani, falado pelos grupos do sul do Brasil e ainda extante; a Língua Geral Amazônica, consolidada no Maranhão, Pará e Amazonas, autodenominada *nheengatu*, e igualmente extante na região; e a Língua Geral Paulista, elaborada a partir do ramo Tupi dos Tupinambá históricos do Sudeste – já extinta. Esses dialetos, se assim os podemos chamar, se formaram ao longo de um processo temporal registrado em diversos léxicos e vocabulários que compartilham muitas características e dessemelhanças (LEITE, 2013, p. 5-13). A nós, interessa muito essas relações de alteração dentro dos significados de *sambaqui*; logo, o lado Tupi é o nosso foco acessível, e procuramos compilar uma lista de termos a partir das etimologias disponíveis.

## 2.2. SAMBAQUI ANTES DO DEBATE ARTIFICIALISTA

Mas, como toda Arqueologia que se preza, o mais antigo ficou para o final: ainda faltam os séculos XVI e XVII. Em 1557, Jean de Léry publica suas memórias das viagens na França Antártica, atual região do Rio de Janeiro. Das deliciosas páginas do relato, nos interessa saber que ele já havia sido informado que as ostras da região eram os *leri-pés*. A consonância fonética – mais uma, afinal – com o seu próprio nome o daria motivo para o seguinte *causo*:

Fazia-se necessário portanto dar um nome que eles conhecessem e como Léry em sua língua quer dizer ostra, disse chamar-me Léry-assú, isto é, ostra grande. Mostraram-se os selvagens muito satisfeitos, rindo-se entre exclamações e dizendo: Em verdade eis um bonito nome e ainda não vimos nenhum mair com nome igual.  
(LÉRY, apud. BONETTI, 2014, p. 251).

Já, para aqueles que preferem os documentos menos folhetinescos e mais objetivos, não podem passar ao largo do *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, de Gabriel Soares de Sousa. Se trata da organização de comentários, observações, dentre outras notas e coisas notáveis que o colono observou durante sua estada de 27 anos no Brasil (1570 a 1587). As informações abrangem as sendas da

geografia, botânica, história e antropologia do país nesse momento incipiente de colonização ao qual o autor contribuiu pessoalmente. Diversas espécies de animais foram descritas, naquela que seria uma das contribuições pré-científicas mais relevantes do momento; e, para nossa sorte, a lista de vocábulos referentes às “castas” de moluscos é farta como uma rocha coberta de berbigões. Todos os animais citados são comestíveis (ver BONETTI, 2014). Reflete algumas vezes a repetição do morfema *leri* para as ostras da região baiana, assim como o era no Rio de Janeiro de Léry – mas esta seria apenas mais um fruto do mar, dentre diversos outros que ele deve ter provado. Arranjamos a descrição do que seria o primeiro opúsculo de malacologia do Brasil numa tabela mais sintética que uma citação direta:

Quadro 1 – Lista de moluscos em Gabriel Soares de Sousa

Molusco	Descrição (SOUSA, 1879 [1587] p. 269-272)
<i>leriçu</i>	“tem ordinariamente grandes miolos”
<i>lerimerim</i>	“Nos mangues... criam-se nas raízes e ramos d’elles até onde lhes chega a maré de preamar”
<i>leripebas</i>	“se criam em baixos de arêa de pouca água”
<i>sernambis</i>	“marisco miudo debaixo da arêa... que se cria na vaza... grande miolo de côr pardaça”
<i>tarcobas</i>	“se tiram debaixo da arêa, e tem-se em casa na agua salgada vivas <sup>5</sup> ”
<i>sururús</i>	“são da mesma feição e tamanho e sabor dos mexilhões de Lisboa”
<i>sarnabitinga</i>	“Dos berbigões ha grande multidão na Bahia, nas praias da arêa, ...a que os índios chamam sarnabitinga”
<i>guaripoapem</i>	“os Portuguezes dizem lingoeirões, os quaes são tão compridos como um dedo, e da mesma grossura”
<i>tapuçú</i>	“são uns buzios <sup>6</sup> tamanhos de um palmo e meio, que tem uma borda estendida para fóra no comprimento do buzio de um coto de largo... servem aos indios de buzinas, e criam-se na arêa”
<i>oatapú</i>	“são tamanhos como uma grande cidra, e ponteagudos no fundo... A estes buzios furam os indios pelo pé por tangerem com elles, e não ha barco que não tenha um, nem casa de indios onde não haja tres e quatro, os quaes soam muito mais que buzinas, e criam-se estes buzios na arêa”
<i>oapuaçú</i>	“que são tamanhos como uma pinha e maiores... tambem servem de buzina aos indios”
<i>ferigoas</i>	“se criam na arêa, tamanhos como nozes e maiores... ha muita somma, e com tormenta lança-os o mar fóra nas enseadas”
<i>ticoarapuã</i>	“tamanhos como um ovo, com um grande bico no fundo, e são muito alvos, lavrados em caracol por fóra... e se criam na arêa; do que ha muita quantidade”
<i>sacurauna</i>	“criam na arêa, tamanhos como peras pardas, que são asperos por fóra, e tem grande miolo, mas sobre o duro”
<i>oacaré</i>	“se criam na arêa... são muito lizos, e pintados por fóra... Estes buzios são os com que as mulheres burnem e assentam as costuras”

<sup>5</sup>“Estes pesquisadores observaram, experimentalmente, que o mexilhão *Mytilus californianus*, após perder sua toxidez quando colocado em água do mar filtrada, a retomava quando alimentado por 16 dias com água do mar não filtrada. O aumento da toxidez foi proporcional ao número de *Gonyaulax catenella* na água” VIEIRA, 1986, p. 89.

<sup>6</sup>O que entendemos como gastrópodes.

<i>ticoerauna</i>	“da feição de caramujos, pintados por fóra, outros compridos, também pintados... se criam nas folhas dos mangues como caracóes”
-------------------	---

Fonte: Inserir dados

E ainda completa: “Outras muitas castas da d’estes buzios pequenos, que por atalhar prolixidade não se diz aqui d’elles” (SOUSA, op. Cit.). O vocabulário específico é o maior de todos outros documentos que comentamos, o que nos dá uma vaga noção da sua real proporção à época. O trabalho antecede as informações preliminares de Fernão Cardim, que descreve, pioneiro, o processo de construção dos sítios, inúmeras vezes citado na bibliografia (CARDIM, 1925 [1584], p. 91-94). É visível que o léxico Tupi associado aos frutos do mar nos dois primeiros séculos da ocupação europeia da costa é muito mais amplo de significado do que sugere a palavra *sambaqui*. A mudança da língua e dos seus falantes entre os dois duzentos anos é saliente e sugere uma alteração proporcional na percepção sobre os recursos costeiros, litorâneos e marítimos. Pelo visto, nenhum indígena estava falando sobre *sambaquis*, mas sobre coisas *análogas a sambaqui*, no caso, bancos de mariscos e mariscagem, búzios e suas respectivas carapaças. Talvez, sugerimos, é que ainda não haviam *sambaquis* no litoral brasileiro, senão, no máximo *sernambetibas*, que são o desdobramento analógico da ideia cumulativa de conchas – o *lugar de sernambis*:

A palavra Sernamby, hoje corrupta, póde ter duas traducções; uma exprime perfeitamente o pensamento do indio, outra parecendo traduzil-a melhor, nada explica. Quanto a mim, quer dizer: restos da vazante e não orelha de carangueijo. Com effeito, quando estudei o character do indio, uma das cousas que mais me chamava a attenção era a propriedade na applicação das phrazes, que sempre caracterizava a expressão do pensamento. A contracção das syllabas, deu a suppressão de letras, que a difficuldade phonetica fez com que o civilizado formasse uma palavra quasi differente da primitiva. Sernamby deriva-se de seryc, vazante da maré, e sembyr restos, e não sery carangueijo e namby orelha. Parece esta ser a verdadeira traducção, mas, esta nada exprimindo em relação ao objecto, affasta-se do genio da lingua que tão bem explica a origem. Com effeito, é sempre depois que vaza a maré, que nos pontos onde encontrei os Sernambys, se encontram as conchas, que ficam pelas praias como, restos ou como refugio da maré.  
(BARBOZA RODRIGUES apud MATTOS, 1938, p. 169, grifos de um dos dois autores).

A primeira suspeita da origem ocidental do *sambaqui* surgiu quando a consulta a dicionários e vocabulários de Tupi antigo não encontrou o verbete “concha” como *tambá*, morfema de reconhecida publicidade arqueológica. No

trecho posterior do *sambaqui* isso também acontece: a ausência do *-ki* não surpreendeu, mas com certeza causou provocação. Quem ou o que era *sambaqui* até 1797? Os sítios monumentais onde chafurdam conchas e ossos humanos ou os depósitos naturais de conchas fixadas às pedras ou roladas e acumuladas nos cantos das enseadas pela maré sempre vacilante? E quem fez este *sambaqui* de palavras, enfim?

### 2.3. ETIMOESTRATIGRAFIA DO SAMBAQUI

A percepção econômica dos primeiros europeus que viriam a erigir morada e habitar junto aos indígenas soube se apropriar das expressivas complexidades intrínsecas das palavras tupínicas. As descrições sobre *sambaquis* para esta época de empreitadas ambiciosas são carregadas de atenção junto ao potencial edificante da construção civil (BONETTI, 2014, p. 244-245.); o pó ejetado pelas caieiras parasitas de *sambaquis* manchou a cara do litoral com fachadas de engenhos, igrejas, casas-grandes e senzalas – caiando o passado de um branco dez vezes mais antigo e transparente. Não havia espaço nem tempo para considerações de outra espécie, que não a da implantação, nutrição e sobrevivência da colônia. Um grupo desses pioneiros foram os jesuítas, talvez os mais interessados em entender o pensamento indígena de um modo legítimo, mesmo que fosse para ser vítima de sua condescendência. A reunião e sistematização das línguas faladas no litoral brasileiro, praticamente todas pertencentes ao idioma Tupi, teve sua culminância pela pena do padre José de Anchieta no seu *Arte de Grammatica...* (1595) e o novo idioma foi oportunamente batizado de “Língua Geral” (BARROS, BORGES, MEIRA, 1996; NAVARRO, 2012, p. 245-247). Esta criação abrupta traria consigo o uso do mau empréstimo, resultando numa generalização radical da pluralidade falante que havia na região litorânea, ao mesmo tempo que introduziria uma série de conceitos úteis ao mundo que era visto pelos recém chegados. Isso causaria uma série de alterações estruturais no Tupi, cuja atividade significativa era entrópica e anômala, ao mesmo tempo que “permitiu o acúmulo de dados descritivos a partir de uma mesma metalinguagem...”, constituindo, apesar de tudo, uma “estruturação linguística autônoma e relativa” (ALTMAN, 2000, p. 50), e garantindo a manutenção do seu *status quo* e da perspectiva exploratória que implica.

Boa parte da atuação religiosa com os indígenas significava a introdução de conceitos estranhos à cosmologia dos povos do litoral. Portanto, a criação de novas palavras e termos era fundamental – como é o caso do conceito de *índio*:

Esta política de institucionalização de uma língua indígena como geral foi parte de uma política indigenista colonial que estabeleceu a categoria de ‘índio’, que não existia no mundo pré-colonial. Índio era uma categoria supraétnica, reduzidas as diferenças dos grupos a um modelo único aplicado a toda a população indígena. A categoria de índio marcava a oposição entre o colonizador e o colonizado. Mantinha a alteridade cultural com relação ao colonizador, porém sem recuperar o étnico, ou seja, as especificidades próprias de cada grupo como unidade político-econômica.

(BARROS, BORGES, MEIRA, 1996, p. 195-196).

“Índio fala Tupi”. Já está claro que conhecemos outros conceitos tão axiomáticos como esse, que viriam a provocar alterações definitivas no Tupi primordial, falado por todo o primeiro século de história escrita do Brasil (BARROS, BORGES, MEIRA, 1996). O trabalho de Anchieta, entretanto, foi elaborado a partir de uma série de documentos anteriores à sua súplica como catecismos, gramáticas e vocabulários redigidos em caráter informal e submetidos às necessidades imediatas do trabalho evangelizador. Um destes, o *Vocabulario na Lingua Brasilica* foi encontrado por volta de 1622 e sua autoria é desconhecida, ainda que provavelmente coletiva. É tido como um dos mais fiéis compilados de Tupi para Português (RODRIGUES, 2011, p. 40) e sua publicação oficial em 1938 considerada um marco nos estudos da língua (TUFFANI, 1994, p. 99). Outros frutos felizes do triste anonimato incluem a *Gramatica da lingua geral do Brazil, com hum Diccionario dos voccabulos mais uzuaes para a intelligencia da dita lingua*<sup>7</sup> (1750) e o *Diccionario da lingua geral do Brasil, que se falla em todas as villas, lugares e aldeas deste vastissimo Estado, escrito na cidade do Pará, anno de 17718*. É lógico considerar que outros trabalhos existiam em consonância a estes, mas é provável que a maioria deles tenha desaparecido durante a retirada dos jesuítas do Brasil, em 1759.

Em igual medida fazia influência nos significados o próprio processo de tradução e sua orientação objetiva: “E daí por diante, todos os compiladores, nada mais fizeram do que acrescentar novas concepções e hábitos de linguagem, bem

---

[https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-69/UCBG-Ms-69\\_item1/P1.html](https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-69/UCBG-Ms-69_item1/P1.html)  
[https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-81/UCBG-Ms-81\\_item1/index.html](https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-81/UCBG-Ms-81_item1/index.html)

como aventar hipóteses, criando etimologias estrambóticas” (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 13). O resultado técnico foi responsável por alterações profundas nos processos e regras de sintaxe: “o sistema morfológico e sintático do *Tupi* antigo sofreu radical simplificação: perdeu-se quase por completo o rico jogo de prefixos e sufixos, o que, além de empobrecimento morfológico, acarretou também grande alteração sintática” (RODRIGUES, 2011, p. 42).

Como ponto que acreditamos definitivo para estabelecer o *sambaqui* como uma construção europeia está num dicionário contemporâneo à primeira citação de “sambaqui” (em 1797). O *Diccionario Portuguez-Brasiliiano e Brasiliiano Portuguez* de 1795 teve seu autor na pessoa do quase-anônimo Frei Onofre e possui o seguinte verbete: “*Acuí* - arder, abrasar, moer. Verbo... corrupção... *acái* - queimar. Na accepção de moer, e uzado pelos pretos de Santa-Cruz com o artigo *Aí*” (ONOFRE, 1751, p. 173). Realmente, soa como uma ordem a nova constituição de sentido que *sambaqui* recebe se *-ki* fosse *-acuí*; ou melhor, *-aicuí*; flexão aparentemente cunhada pelos escravos que deveriam empunhar as pás e manter vivo o fogo que dá vida às caieiras. É uma pequena nota de rodapé, esse papel africano na história dos *sambaquis*, mas nem por isso é menos impressionante. A presença de termos “lusistas” dessa espécie, cunhados pelos feitores portugueses (e pelos escravos também) “para se fazerem entendidos” foi notada num dicionário mais recente (CARVALHO, 1987, p. 269); e exatamente no verbete “RERI-CUÍ”, significando “ostra moída”.

Após o surgimento do termo, já nos estertores do século XVIII, com sua identidade mineral consolidada como indústria, o *sambaqui* finalmente entra para um dicionário toponímico Tupi (RODRIGUES, 1894), um assunto de considerável circulação, e atrai com outro brilho os interesses intelectuais da arqueologia da época. Independente das observações de Lund, La Hure, Burton e Varnhagen, o que se estava discutindo fora do país na arqueologia era importante, mas o contexto local era mais oportunístico pela mera natureza dos depósitos. A institucionalização da arqueologia no Brasil tinha o apoio direto do Imperador Dom Pedro II, que possuía acesso imediato aos debates científicos mundiais. A atenção sobre os *sambaquis* advinda do exterior, já assegurada, parece ter dado espaço para a rixa dentre artificialistas e naturalistas no Brasil – cujo debate estava embrulhado junto à política do período (LANGER, 2001, p. 40; FERREIRA,

2010). Isto, aliado a, possivelmente, outros recursos disponíveis para a construção civil, permitiram a estes sítios arqueológicos, finalmente, abandonar o sentido da pecha econômica que carregavam desde as suas primeiras descrições (BONETTI, 2014)<sup>9</sup>. Embora ainda houvesse quem os desprezasse arqueologicamente e deixasse-o claro em seu posicionamento no debate arqueológico e indigenista<sup>10</sup>, estimulado pelo debate acirrado; também houveram aqueles que viram nos *sambaquis* os restos de uma atividade cultural legítima (MADRE DE DEUS, 1797) – a resposta deixada de lado. A questão subsequente, sobre a racialidade do *homem do sambaqui*, atualizaria esse embate sob a égide da ciência hermenêutica (WAGNER, 2014, p. 211-212). Essa foi uma das crias do paternalismo inerente que temos herdado e escolhido desde o início da nação:

Paradoxalmente, apesar de o Brasil ter passado por movimentos artístico-literários de revalorização das origens e do passado indígena brasileiro (como no romantismo e modernismo), a arqueologia nunca compartilhou destas inspirações nacionalistas. Herdou-se, no entanto, uma orientação predominantemente historicista e difusionista européia, mas sem suas inspirações ideológicas e teóricas originais. (BARRETO, 1999, p. 203).

#### 2.4. ETIMOLOGIAS ESCAVADAS

Nos colocamos na tarefa de reavaliar essas disposições e tentar vislumbrar o máximo possível do étnico compartilhado pelos artefatos através do raciocínio sensível e da ciência do concreto (LÉVI-STRAUSS, 1989); porém, desenvolvida sobre o vocabulário e os significados neste primeiro momento. Essa regressão semiológica não é apenas praticada pela linguística; na filosofia heideggeriana a busca pelos sentidos alternativos de uma determinada palavra é parte essencial do método fenomenológico de “pensar as coisas em si mesmas” (HUSSERL, 2001, p. 168). Logo, alguns conceitos que se tornariam importantes numa etapa tardia de sua obra, como o *habitar*, foram esmiuçados até as raízes mais antigas do alemão (HEIDEGGER, 1971). Na arqueologia, a correlação comunicante entre palavras, coisas e pessoas pode ser traçada desde o presente, se se sabe o que era dito no passado sobre o que (ainda) existe hoje, já que o processo de significação só pode ser holístico ou interdependente entre as diferentes escalas

---

Adicionamos que indústria de cimento no Brasil teve diversas oscilações entre sua primeira implementação, em 1897, a até o fornecimento regular para o mercado nacional, no final da década de 1930 (SANTOS, 2011, p. 78).

Ver IHERING, 1911, p. 114; BARRETO, 2000, p. 38-39; LIMA, 2000.

de informação (HILBERT, 1994, p. 16). Na antropologia, diante da disponibilidade de uma maior quantidade de vocábulos e da própria extância da língua e de falantes, é possível obter uma “atitude cognitiva fundamental”. Uma experiência destas, de caráter ontológico, foi tentada junto aos *Yawalapiti* do Xingu, de língua Aruak;

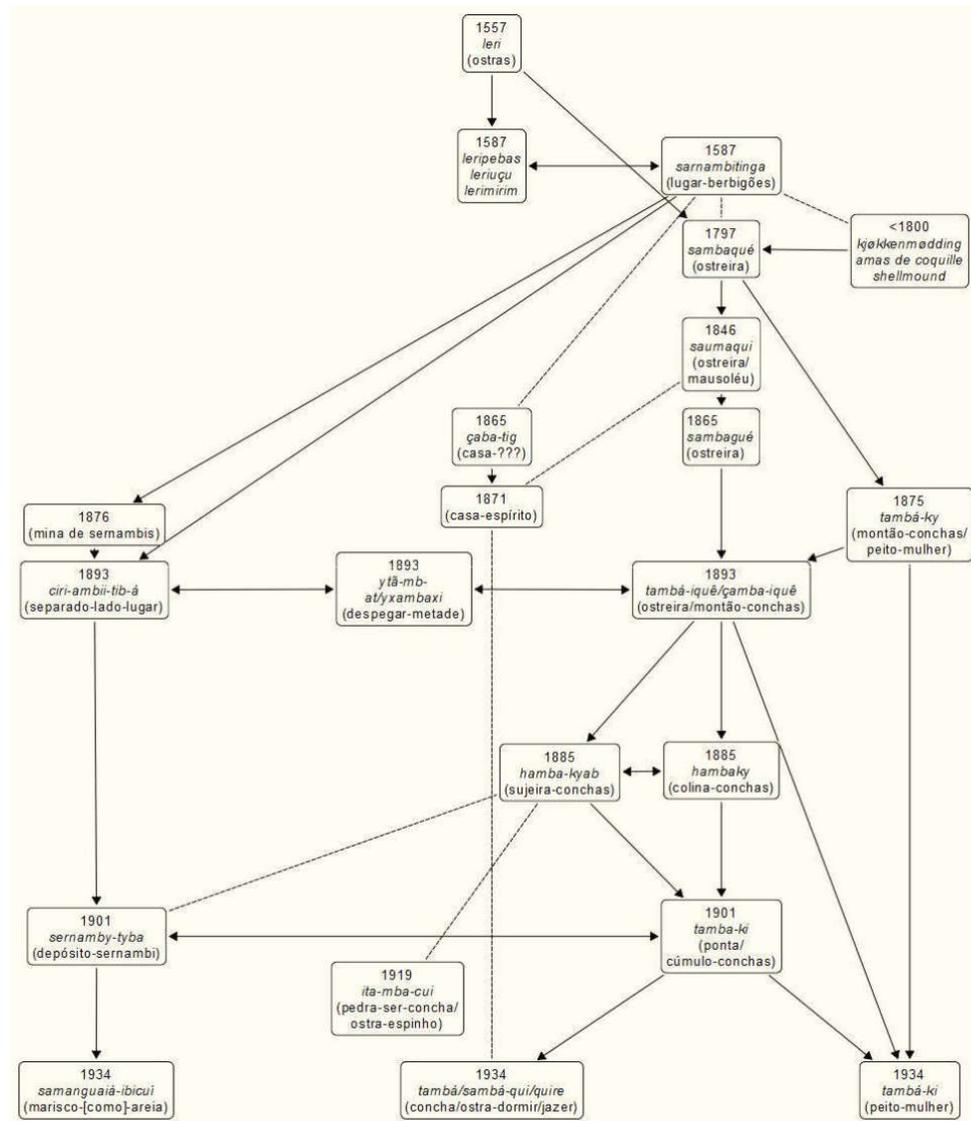
Quando eu pedia a meus interlocutores que classificassem uma entidade qualquer (um objeto, um animal, uma qualidade, as funções e relações portadas por um dado indivíduo), isto é, quando buscava subsumir um referente em uma classe mais geral, as respostas, quase sempre, levavam-se a inferir que existiam distinções cruciais dentro do paradigma denotado pela categoria. Tudo parecia se passar como se a língua (ou a cultura) dispusesse de um repertório fechado de conceitos puros ou ideais, e como se a adequação de um referente qualquer a tais conceitos só fosse possível através de dispositivos semânticos - esses que chamo de modificadores - cuja função seria estabelecer a distância metonímica ou a diferença metafórica entre protótipo ideal e fenômeno atual. Ou, dito de outra forma, como se as categorias classificatórias só pudessem ser proveitosamente acionadas através de afixos que indicam o modo de pertinência do referente à classe. (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 28).

Nosso esforço, contanto, deve ser adaptado aos nossos objetivos e particularidades. Dado que partimos das etimologias e buscamos o desdobramento de um significado específico, organizamos num gráfico inspirado em cladogramas as diferentes etimologias do termo. As setas nos dois sentidos representam termos que pertencem ao mesmo vocabulário (publicação)<sup>11</sup>. As setas em apenas um sentido representam descendência fonética e/ou semiológica. As linhas vazadas são suspeitas e sugestões de quaisquer relações linguísticas possíveis.

---

Exceto no ano de 1934.

Figura 1 – Relações Semânticas das Etimologias de Sambaqui



Fonte – Diversas. Consultar o texto.

Podemos apreciar que num momento inicial, antes do surgimento do *sambaqui*, as conotações com relação a conchas de moluscos gastrópodes e bivalves pareciam ser um tanto individualizadas a nível específico<sup>12</sup>. *Leri, ostra*, por exemplo, podia ser flexionada para espécies, grandes, pequenas e “chatas” (-peba); apesar da preponderância econômica das ostras, imaginamos que o mesmo modificador de tamanho não deveria ser específico a uma espécie de molusco. Tal o é como é o caso de *sarnambitinga*. A simplificação para *sambaqui*, como supomos, ocorreu por uma questão econômica, esvaziando as possibilidades alternativas de sentido. Quando ressurge o interesse intelectual nos *sambaquis*, as etimologias se multiplicam, adicionando e atravessando significados diversos e tentativos, explorando a fundo o potencial aglutinador da língua Tupi. Porém, já observamos que a face fenomenológica dos sítios foi preponderante nesse processo, em qualquer ponto da linha do tempo. Por isso, a pesquisa por significados alternativos deve incluir essas variáveis; essa escavação lexicológica foi acumulada *como um sambaqui*: é evidente o caráter complexo da estratigrafia de significados de qualquer língua – ainda mais nesse intervalo metalinguístico que tomamos a liberdade de apontar.

Se, ao compreender os *sambaquis* literalmente como “montes-concha”, estamos realizando constatações arqueológicas; quais tipos de constatações do mesmo teor podem ser auferidas a partir das partículas e termos de verbetes consultados durante a procura pelos outros sentidos de *sambaqui*? O que foi encontrado antes de encontrá-lo, como entendemos, também o diz respeito em aspecto arqueológico? Os termos obtidos na pesquisa constroem um significado arqueológico de paisagem que contém o *sambaqui* – da mesma forma como dele foram retirados: através de conceituação. Móveis e práticos como o fenômeno da sintaxe efetivado pelas classes gramaticais, cada um deles possui suas propriedades particulares de relação semântica; ou seja, cada palavra que compõe uma forma de escrever *sambaqui*, (montes, conchas, peito, sujeira, etc.) possui sua própria gama de significados individuais (“semi-sinônimos”) que, por sua vez, se tomados como palavras em si mesmas, gerarão uma descendência

---

As linhas com duas setas indicam uma relação de significado e/ou significante, ou também coexistência na mesma publicação; as linhas com uma seta apenas descendem e indicam a direção da herança de um significado ou significante; as linhas pontilhadas sugerem heranças com elos intermediários desaparecidos ou tupinizados.

de sentido independente da primeira que os gerou, mas extante e referente ao seu contexto genitor. Como um prisma, este processo decompõe o significado individual em seus componentes semânticos independentes. Contudo, cada volta neste sistema gera uma quantidade considerável de entropia, ameaçando mesmo a dissolver as palavras numa poça simétrica de sinônimos, em que tudo significa nada ao mesmo tempo se levada até os seus limites lógicos.

Portanto, deve-se ir além da gramática, pois palavras podem fazer sentido gramatical sem possuir ou agregar nenhum sentido sintático, como na frase: “ideias verdes dormem furiosamente” (CHOMSKY, 2002, p. 15). Apenas avaliando os contextos em que cada palavra – tomada como um conceito, um termo capaz de transformar o sentido sintático das qualidades e características de uma classe de objetos abstratos ou concretos<sup>13</sup> – pode seguir qualquer rastro de sentido, desde que se tenha um embasamento prévio. Esta é a condição da acepção *arqueológica* de *sambaqui*, portanto, eminentemente material e chancelada como ideia.

## 2.5. DICIONÁRIOS POR UM LÉXICO SAMBAQUIANO

Resolveu-se, em virtude dessa orientação, retornar ao Tupi e reunir todas as palavras que participam da construção do sentido conceitual de *sambaqui*. O objetivo é propor possibilidades de construção de novos conceitos que tenham alguma espécie de repercussão sensível; arqueológica ou antropológica. Como ponto de partida está o esforço etimológico realizado pelos popularizadores do *sambaqui*, onde cada significado correspondente a cada parte da palavra em cada proposição etimológica foi elencado, formando a primeira lista, a dos campos semânticos. A segunda lista decorre da consulta a uma quantidade considerável de dicionários, vocabulários e gramáticas de Tupi antigo, contemplando os cinco séculos; a maioria disponível em primeira edição e acesso livre. Através dos verbetes o significado semântico de cada palavra foi ampliado pelo acréscimo de composições e conexões com outros significados e demais notas e observações elencadas junto às entradas de texto pertencentes a cada termo. Cada palavra-chave dessa espécie solicitou sua própria consulta aos dicionários, de modo a

---

<https://dicionario.priberam.org/conceito>

ampliar ainda mais as relações de sentido dos campos semânticos relacionados através do sistema comunicativo indígena. Isso produziu uma segunda lista, de termos derivados dos primeiros.

A saber, a partir dos termos emergidos até agora pela etimologia de *sambaqui*, recolhemos: *ostra/ostreira, berbigões, lugar, mausoléu, mina, casa, espírito, peito, mulher, montão, colina, conchas, separado, lado, sernambi, sururu, metade, despegar, sujeira, depósito, ponta, pedra, espinho, marisco, areia, dormir, jazer*. Estes termos, antes de serem pesquisados em dicionários, tiveram seus campos semânticos analisados, de modo a absorver as possibilidades de correlação de sentido entre termos que não estão no *sambaqui* como palavras, mas como homonímias<sup>14</sup> e/ou sinonímias. Desta forma, de *separado, metade e despegar*, pudemos obter, *separar, desamarrar, dividir, escolher, romper, etc.*; de *colina*, surgiu *monte, morro, montanha*.

Outros termos puderam ser combinados, como *peito de mulher* ou “*onde dormem*” muito embora diversos sentidos tenham sido deixados de lado pela necessidade de impor limites a uma tarefa potencialmente infinita. Isso nos permitiu a elaboração de um campo semântico geral para o conceito de *sambaqui* – os elementos preliminares de uma muito necessária semiótica do *sambaqui*.

Diversos léxicos auxiliaram nessa empreitada, mas nem todos contribuíram de igual forma para as listas, já que são apenas cinco os dicionários Português-Tupi. Elas serão listadas por ordem cronológica em cada caso:

#### Tupi-Português

*O Tupi na Geographia Nacional*, de Teodoro Sampaio; publicado em 1901 pela Typographia da Casa Eclectica, no Rio de Janeiro.

*O Glossario das palavras e phrases da lingua Tupi, contidas na “Historie de la mission des pères capucins en l’isle de Maragnan et terres circonvoisines” do Padre Claude D’Abbeville*, de Rodolpho Garcia; publicada através da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* do Rio de Janeiro, Tomo 94, Volume 148, pela Imprensa Nacional, em 1923. Ocupa da página 7 até a 100 do periódico.

---

Todos os tipos de homonímia: homografias, homofonias paronímias e homonímias perfeitas.

O *Diccionario da lingua Tupy chamada lingua geral dos indigenas do Brazil*, do escritor Gonçalves Dias, de 1858; publicada no Rio de Janeiro por F. A. Brockhaus.

O *Vocabulario Indigena com a Orthographia Correcta* (complemento da Poranduba Maranhense), que saiu no volume XXV dos Annaes da Bibliotheca do Rio de Janeiro, em 1894. Autorado por José Barbosa Rodrigues.

O *Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasileira*, publicado na Revista do Arquivo Municipal, Volume 25, em São Paulo, 1936. O autor original, José Joaquim Machado de Oliveira, compilou os dados durante meados do século XIX (LEITE, 2013).

O *Pequeno Vocabulário Tupi-Português*, do Padre Lemos Barbosa. Foi publicado pela Livraria São José, no Rio de Janeiro, em 1951.

O *Dicionário Tupi Português*, publicado em Santos pela Traço Editora Ltda., em 1984. Assinado por Luiz Tibiriçá.

O *Dicionário Tupi (antigo) - Português*, de Moacyr Carvalho, publicado em Salvador pela Empresa Gráfica da Bahia, em 1987<sup>15</sup>.

#### Português-Tupi

O *Vocabulário na Língua Brasileira*, anônimo de 1622, coordenado e prefaciado por Plínio Ayrosa; publicado pelo Departamento de Cultura de São Paulo em 1938.

A *Gramatica da lingua geral do Brazil, com hum Diccionario dos voccabulos mais uzuaes para a intelligencia da dita lingua*, anônimo de 1750; um manuscrito digitalizado pela Biblioteca da Universidade de Coimbra.

O *Diccionario da lingua geral do Brasil, que se falla em todas as villas, lugares e aldeas deste vastissimo Estado, escrito na cidade do Pará, anno de 1771*, outro manuscrito anônimo e digitalizado pela Biblioteca da Universidade de Coimbra.

#### Tupi-Português e Português-Tupi

O *Diccionario Portuguez-Brasiliano e Brasiliano Portuguez*, de 1795, por Frei Onofre; coordenada e prefaciada por Plínio Ayrosa em 1934.

O *Vocabulário Português-Tupi, Tupi-Português*, de Ahmés Viégas, publicado pelo Instituto Agrônomo de Campinas, em 1971.

---

<sup>15</sup>A digitalização em um formato que possibilita a identificação de caracteres digitais nos permitiu utilizar esse dicionário em ambos sentidos.

O *Dicionário de Língua Geral Amazônica*, publicado em 2019 a partir de um original anônimo anterior a 1756. Jean-Claude Muller, Wolf Dietrich, Ruth Monserrat, Cândida Barros, Karl-Heinz Arenz e Gabriel Prudente, da Universidade de Potsdam e do Museu Paraense Emílio Goeldi, organizaram e transcreveram os originais.

A nosso ver, foram mais úteis o primeiro, *Vocabulário na Língua Brasilica* (1622), que registrou o uso de expressões complexas, às vezes, com as regras de construção de palavras – sua importante repercussão pode ser encontrada em todos os outros trabalhos pelos séculos seguintes que o citam diretamente ou nele são inspirados. O *Dicionário de Língua Geral Amazônica*, de 1756 (MULLER, et. Ali. 2019), que também apresenta diversos exemplos e regras dentro de um grande arrazoado de outros léxicos precedentes ainda desconhecidos; e o *Dicionário Tupi (antigo) – Português*, (CARVALHO, 1987) que parece abarcar praticamente todos os significados e variáveis terminológicas já utilizadas anteriormente – foi o único dicionário que contribuiu com todas as entradas de nosso léxico.

## 2.6. SAMBAQUI E SEU CAMPO SEMÂNTICO

As diversas etimologias de *sambaqui* foram reduzidas, portanto, a seus termos compositores essenciais e pesquisadas nos dicionários. Dado o grande leque lexical disposto pela abertura dos significados, organizamos os mesmos nos anexos (Anexo I), e os diferenciamos com asteriscos.

Foi com surpresa que não pudemos corroborar os significados dos termos *tambá* ou *sambá*, assim como o pósposito, *-ki*. A busca reversa rendeu palavras muito diferentes: *ybytira* para “monte”, “colina”, “morro” e “montanha” são ponto vencido para todos os dicionários. Já, “concha” pode ser *ape* ou variações da composição *itá*, “*pedra*”, e *ryry*, “*ostra*”: *ytãryryĩ* (1750, 1771, 1795) correlacionando a qualidade da dureza, pertinente a cada uma (em que *itá* também significa “ferro”, “metal”). Talvez em virtude disso possa ser possível explicar a variação *itã*, “concha”, existente em algumas das obras consultadas (ARRONCHES, 1739; RODRIGUES, 1894; CARVALHO, 1987), todas pertinentes ou incrementadas com entradas do dialeto da Língua Geral Paulista (LEITE, 2013).

Outro tupinismo análogo a *sambaqui*, de muito maior ocorrência nos léxicos (ausente apenas de 1971) é *rericuí*, “pó de ostra”, a cal. Sobre a aproximação dos termos de *casqueiro*, *concheiro*, *berbigueiro* e, principalmente, *ostreira*; aos conceitos arqueológicos estrangeiros de *kjoekkeonmoedding*, *âmas de coquilles* e *shellmound* insere um súbito beco sem saída. Uma alternativa possível neste contexto é a fonética de *-cuí*, “pó”, “farelo” com *-ki*, que faz algum sentido semântico se a observação do *sambaqui* for tomada através de um caráter econômico – o que já foi demonstrado. Isso fixou com clareza a tradução de ostras aos fonemas *reririri*, cujo lexema<sup>16</sup> é *ryry*. Este beco nos faz retornar às ostras e ostreiras tão referenciais a ideia do acúmulo. Sua importância latente induziu Gabriel Soares de Sousa a elencar três entradas para os diferentes tamanhos de ostras – mas outras espécies de diferentes nomes também admitiam flexão, como *sernambi* => *sernambetiba* (lexema *sernamb-*) e *oatapu* => *oatapuçu* (lexema *oatap-*). Portanto, a ideia de ostras e suas conchas já possuíam escalas de grandeza referenciais, permitindo a concepção intelectual da ideia do acúmulo: há ostras grandes, pequenas, com miolos grandes... Logo, também devem haver espécies mais indicadas para participar de um *sambaqui*.

O *-ki*, se desdobrado nas suas possibilidades de dicção, atraiu-se pela forma a *akuí* (enxuto, seco), *yké* (costas, lado) e *ker* (dormir); sendo que as duas primeiras parecem reverberar de algum modo, já que as conchas não estão molhadas nos *sambaquis* da mesma forma que estariam quando ainda estivessem ao sabor da alternância das marés. Já, se *yké* não carece de explicações por sua evidênciação implícita com as valvas dos bivalves, consideramos *ker* uma aproximação mais complicada e carente de maiores conexões. *Yké*, não é a única relação com o corpo, se levarmos em consideração a etimologia “peito de mulher”: Outra palavra próxima a *sambaqui*, e de notória ocorrência arqueologia, é *tembetá*; que vem de *embé* (*t-*), (beijo, lábio); da mesma cepa é *nambi*, “orelha”. Ambas compartilham a partícula nasalizadora *mb-*, assim como a forma encurvada e côncava, contentora de atributos e/ou substâncias particulares... tanto como um marisco. Chama a atenção igualmente a palavra

---

<sup>16</sup>Palavra ou parte de palavra que serve de base ao sentido por ela expresso. (também se diz semantema.) "lexema", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/lexema> [consultado em 19-12-2019].

*tambá*: “Tamatiá, *tambá*, subs. o animal da ostra; *etiam quod est intra pudenda mulieris* [também é dentro das genitais das mulheres]” (RODRIGUES, 1894, p. 37), sendo este um termo utilizado para humanos e animais (CARVALHO, 1987), em flagrante generalização específica. Adiciona a esta questão do corpo, ainda, o termo *també*, “barriga, a parte entre os quadris, ventre” (Op. Cit.), metaforizando os mariscos como entidades anatômicas vinculadas aos processos de reprodução e fertilidade.

Observe: *sururu* e *ryry* possuem pronúncias muito similares, baseadas em iterações fonéticas, e ambas se reportam a bivalves de ambientes marinhos ou paludais. A grafia Tupi de *sururu* é *çeruru*; e ambas palavras compartilham o morfema *uru-*, onde o prefixo *ç-* pode ser utilizado ou não (CARVALHO, 1987), como se vê. Todavia, as duas partes possuem papéis diferentes na formação da palavra. O significado de *uru-* é uma série de substantivos irregulares: “barca, cesto, embarcação, gaiola, receptáculo, recipiente, vasilha, vaso” – no sentido geral de “couber”. O *ç-*, quando formando *çuru-*, discorre com relação ao que vai dentro, aos conteúdos desse contentor (TIBIRIÇÁ, 1984; CARVALHO, 1987). Complementam esse sentido geral de substância e preenchimento algumas palavras derivadas de *uru-*: o adjetivo *ruru*, ou, prenhe, empapado, molhado, inchado, túmido... (VIÉGAS, 1971; CARVALHO, 1987); cuja versão antiga era, aparentemente, *çuçu*: “Inchaço q. cria materia. - Çuçuã” (VOCABULARIO, 1622, p. 263). Estas aproximações tanto fonéticas quanto semânticas, cabem, literalmente, uma dentro da outra – e, aliás, não é uma ideia nem um pouco alienígena. A imagem de Afrodite emergindo da ostra ainda é parte integrante e imediata do imaginário ocidental (DICIONÁRIO DE SIMBOLOS). *lurú*, “boca”, de comum acordo através dos séculos segundo os léxicos consultados, quiçá seja resultante de *y* “água” + *urú* “contentor” = “contém líquido” (na sua forma mais radical<sup>17</sup>), a saliva: outros significados do termo são “bocado”, “trago”, “foz dos rios”, “apetite” e “palavra (como expressão da boca)” (CARVALHO, 1987), pois mariscos cabem não apenas na boca dos rios, mas, principalmente, na boca da gente.

A repetição do sentido alimentar se replica com fluidez; exemplos incluem fonéticas aproximadas ao *çururu* como em *çoo-çoo*, mastigar, iteração de *çoo*,

---

No sentido de “raiz”.

“morder”, “carne”, “animal de caça” (BARBOSA LEMOS, 1951). Essa relação produziria uma tradução curiosa para *zururu*, “vaso de carne” (SAMPAIO, 1901). Outras versões intermediárias de *sururu* apontam para o significado de verter, manar, vaziar; *çururú* (ONOFRE; DIAS); ou *açururu* (MULLER et. Ali., 2019) – ainda se aparentam a morfemas e fonemas de significado curioso, também iterativo; *çy-çy-ia* (crispar, tremer, estremecer - CARVALHO, 1987). Desta última, uma sinonímia, também iterativa, é praticamente a dicção de ostra, quase espelhado como *çuçuã: ryrĩ* (Op. Cit). Iteração, sinônimo de “repetir”, segundo Carvalho, no Tupi é indicativa de “ação contínua ou de verbo primitivamente iterativo que perdeu sua forma simples” (Op. Cit.); Frei Arronches, entretanto, informa: “VAZAR - çururú. (É verbo de origem onomatopaica (p. 308)”, destoando da proposição moderna. Neste quesito, somos limitados a comentar a expansão da escala do sensível para o fenômeno do som, presente nas iterações e onomatopeias em geral.

Enfim, apenas o prefixo *cy*, significa “mãe”, em conjunção semântica com *ruru* “inchado”, “prenhe”; *ruru* ainda admite a inserção do prefixo *xe*, comumente aproximada aos sons fricativos, falado também como *ç-*, sem muita variação de significado. Aryon Dall’Igna Rodrigues explica duas formas de construção léxica aplicáveis aos sambaquis, a composição determinativa e a atributiva, que justificam esta aproximação experimental:

A composição propriamente dita é aquela em que se reúnem dois ou mais temas para formar um novo substantivo, que se comporta na frase como qualquer substantivo simples. (...).

Os compostos determinativos são constituídos por temas de substantivos, dos quais o primeiro é o determinante e o segundo, o determinado. Exemplos: t. pirá ‘peixe’ + t. ñandy’ I ‘óleo’ = piráñandy’ ‘óleo de peixe’. (...).

A um composto determinativo pode reunir-se novo tema, que o determina por sua vez; p. ex.: atá II ‘fogo’ + t. endy’ II ‘luz’ = atáendy’ ‘luz do fogo’ + t. urú ‘recipiente’ = atáendy’urú (forma absoluta tatóendy’urú) ‘candieiro’.

(RODRIGUES, 1951, p. 4-5).

Às vezes, a palavra *çururu* é vaziar, verter, manar em alguns dicionários (1739, 1751, 1756, 1771), e embebido, inchado, prenhe, em outros; assim, se *cy*, “mãe” (mulher é *kunhã*) e *ruru*, prenhe ou vaziar... *cy-ruru*<sup>18</sup>. Ou seja, parece que dentro do marisco existe um paradoxo: ou se está grávida ou acontece a

---

A composição propriamente dita é aquela em que se reúnem dois ou mais temas para forma um.

menstruação, dispondo a função proposta pela metáfora ostra: vagina/ventre, que tem sido colocada pelo sentido dos significados pesquisados. A dualidade é exercida entre uma antinomia negativa e descontínua (prenhez ≠ menarca) e a metáfora positiva e contínua (ostra: vagina). A sinonímia *Tambá/tamatiá* também encerra uma espécie de “antinomia reversa”, se considerarmos que seu significado é com relação ao *molusco*, no seu *interior*, *et quodam intra mulieris pudenda*, em vez das valvas soltas; a base de todo e qualquer *sambaqui*. Ainda nessa lógica de uma falsa união/separação, uma das etimologias (*ytã - mb - ati* = “metades separadas”), aponta outro paradoxo: *sambaqui* seria o morro das valvas, metades separadas do mesmo animal, que, mesmo todas reunidas em um grande monte, jamais encontrarão seu par original. Uma variação distinta do que deveria ser “concha” é *ape*, que pode ser flexionada para *apepuera*, “concha vazia” (ANÔNIMO 1622, VIÉGAS, 1971, CARVALHO, 1987), cuja suspeição de correlação com *apupé/apupira (t-)*, “as partes sexuais da fêmea” (CARVALHO, 1987), agora pode ser justificada em alguma medida.

Um sinônimo de “concha” é “casca”, cujo campo semântico também se remete às questões corporais: “pele”, cujo sentido figurado é expandido para “superfície”, “escama”, “escara” (1622, 1739, 1971, 1987). Há, inclusive, diferenciação entre casca mole e casca dura (1971, 1987). Uma composição que significa “pena”, dada como exemplo da capacidade de mobilização significativa do Tupi: *pé-pó*, “mão-casca”, “pena da flecha”, “barbatana”, “asa” (1987). *Pira*, entretanto, é o termo mais usual para “pele”, possuindo flexões praticamente infinitas junto aos léxicos mais voluntariosos nesse sentido, como “pele no corpo” e “esfolar”; sobre a mais sugestiva delas, “peixe”, *pirá*, explica Plínio Ayrosa: “piréra se decompõe em *pir*, pelle, e *oéra*, pluralisante. Nesse caso teríamos pelles, muitas pelles e si em sentido figurado, casca” (ARRONCHES, p. 248). Este sentido tem lógica tanto como as diversas escamas de peixe, que se dispõem lado a lado, umas sobre as outras em ordem escalonada; quanto ao manto conchífero dos moluscos bivalves que deposita camada por camada de lente calcificada conforme cresce (NARCHI, BUENO, 1983).

Uma vez mais, não se trata de propor formas passadas que teriam se distendido entre dois vocabulários diferentes (que informam os léxicos com continuidades e descontinuidades de sentido), mas de apontar que esses termos (ostra, sururu, sernambi e sambaqui) são coletivamente cúmplices de seus significados individuais de alguma forma. Embora não tenhamos conseguido isolar “partículas” classificatórias análogas ao sistema Aruak (VIVEIROS DE

CASTRO, 2011a), ficou claro o uso de metáforas e metonímias que derivam e fomentam o significado e as significações pertinentes ao fenômeno atual da concha. Nessa arqueologia semântica, deslocamos a atenção para a ampliação do léxico associado ao sensível que as múltiplas etimologias de *sambaqui* indicaram, notando diversos movimentos semiológicos metafóricos e metonímicos que apontam algumas temáticas não antes evidentes etimologicamente. Deve ser salientado que essas divisões e conciliações de termos e significados conversam com a noção animista de habitar *através* do território, congregando e rearranjando elementos díspares da paisagem, transpassando múltiplas escalas da existência – inclusive, a do Eu: “A vida, na ontologia anímica, não se trata de uma emanção, mas de uma geração de um ser, em um mundo que não é preordenado, mas incipiente” (INGOLD, 2015, p, 117).

O vínculo mais evidente está nas metáforas corporais que embebem as conchas; sua aproximação às genitais, principalmente, mas também com associações às aberturas em geral, como boca, lábios e orelhas. Os bivalves detêm especial relevância na implicância dessa relação por serem animais duplos e simétricos, cujas metades são idênticas à primeira vista, e por possuírem capacidade contentora e alimentar. As valvas soltas ainda são chamadas de “costados” em alguns léxicos, incorporando um sentido de externalidade e anatomia, uma preocupação com o ponto de vista externo, alheio – que fortalece o sentido dermatológico já explicitado. A capacidade de conter substâncias entre duas valvas indica o movimento de inserção e retirada de elementos, o dentro e o fora; assim como a possibilidade de cisão plena das metades, que sempre parece ser o objetivo final. Espécies de mariscos cujos indivíduos são avulsos e móveis (*Mesodesma sp.*, *Donax sp.*) incrementam essa associação através dos esguichos resultantes do seu processo de alimentação, que requer filtragem da água do mar. O sentido de continência, retenção e liberação do líquido encontra respaldo na metonímia do preenchimento, das partes que fazem o todo; na qual, se adicionada a metáfora corporal já existente, leva sem equívoco pertinente à gravidez – daí para a menstruação, como vimos, foi um passo consequentemente necessário. O quão relevante é isto para a arqueologia? Ainda mais dos sambaquis?

O eco arqueológico das conchas e seu arranjo estratigráfico parece persistir nas possibilidades semânticas das palavras Tupi voltadas a elementos corporais e a descrições etológicas dos moluscos. Assim como valvas de marisco não eram acumuladas sem motivo, tampouco desmotivada deve ser a conceituação da concha como algumas partes estratégicas da anatomia humana. A partir do que uns fizeram das conchas e do que outros falaram sobre elas, em ordem sucessiva, é possível observar a passagem das escalas formais, sem que possamos, todavia, apontar heranças diretas ou reconstituições linguísticas. Logo, antes de apenas transfixar as ideias Tupi sobre os artefatos sambaqueiros, se trata de buscar inspiração nessas possibilidades de discurso para inferir significados diretamente do material arqueológico.

### 3 SAMBAQUIS E A LINHA LITORÂNEA

Nestes cerca de 150 anos de pesquisa arqueológica sobre sambaquis, muita concha, osso, página e pedra foram revirados na procura de sentidos possíveis para o que seja, talvez, o tema mais tradicional da arqueologia brasileira. Sua principal característica existencial é com certeza a indeterminação: os sambaquis sempre oscilaram seu equilíbrio imóvel entre pelo menos duas inclinações, seja por oposição, inversão, correlação ou aliança. De formações minerais naturais, a sítios arqueológicos; de fruto da indolência indígena (IHERING, 1895); a um projeto monumental (WIENER, 1876); de principalmente mariscos, a principalmente peixes (LIMA, 2000; FIGUTI, 1993); de camadas conchíferas e de camadas terrosas (GIANNINI et al., 2010); de sambaquis propriamente ditos a ocupações breves de concheiros ceramistas (NEVES, 1988); se fruto de atividade ritual ou cotidiana (GASPAR, 2016); de coletores exclusivistas a grupos semi-horticultores (COLONESE et al., 2014)... Você escolhe; há o suficiente para pelo menos outros 150 anos de hipóteses, refutações e questionamentos.

Só que o branco fosco que brilha das conchas – se exposto à luz direta do sol, cintilando para um satélite no espaço quilômetros acima, ou se visível apenas ao se afastar a mortalha de folhas secas, dádiva de um dossel espesso – também reluz numa escala além da do artefato ou da estratigrafia. Não apenas na Arqueologia brasileira eles dividiram águas, mas na própria paisagem, coligando elementos das ordens do físico, geológico, químico e biológico.

Sua área de atividade se estende dos antigos e atuais manguezais ativos de sabor salobro, aos penedos expostos à alta energia da turbulência oceânica, não raras vezes ilhados em relictos de arquipélagos encalhados na planície litorânea, ou ainda insulares, como rosários verdes sobre o azul. Entre estes extremos, coroas de istmos têm engastados sobre si ainda outros sambaquis mais, que, de tão inclinados sobre as espumas dos arrecifes marinhos, ou junto aos deltas que avolumam a água doce que vem do interior, são lentamente desmontados pela ação erosiva da maré. Esta faixa que compreende um dos biomas de maior massa energética do planeta jamais foi de uso exclusivo dos povos sambaquianos. Muito antes de qualquer sapiens intrometer seus polegares opostos nos assuntos da América, uma rede firme de interrelações biológicas

já estava estabelecida há tempos – e muito bem, obrigado. A coesa cadeia alimentar admite ligações entre fios de todos os tamanhos; o microscópico fitoplâncton e as baleias em migração que deles fazem sua dieta principal exemplificam a dificuldade de traçar linhas humanas nesta malha em que bicho e gente sempre são estranhos recorrentes em sua interdependência.

Nos deltas e estuários inundados pela viscosidade do lodo marrom estão grudados os registros de sua rica composição mineral. Enriquecida por lençóis de grãos de rochas e cristais de quartzitos e silicatos escavados desde a sua nascente, carregando consigo seixos, toras, galhos e folhas mortas em procissão sem volta, a água doce e fresca derrama esta mistura fértil e nutritiva sobre o fundo das baías e sistemas paludais. Vêm ao seu encontro uma colherada de maré salgada, feita praticamente de plantas e animais microscópicos que servem de interstícios para um meio rico em sódio, mercúrio, fósforo e outros minerais oriundos das profundezas insondáveis, alienígenas do mar-oceano. Estes fluxos orgânicos e inorgânicos distintos se encontram no seio íntimo da enseada, cujos braços firmes e seguros são compostos por antigos derrames magmáticos, que, por seu rápido resfriamento, tornaram-se basaltos de granulação fina. Aí dentro desse abraço calejado por pontões pedregosos, obtusos, de fácil navegação e cabos compridos e agudos que abraçam trechos inteiros do litoral (SUGUIO, 1993, p. 5819), floresce a vida com rara intensidade, no ritmo marcado das estações.

A morfologia externa dos sambaquis é bastante variável, mas se deve atentar que a classificação formal do conceito arqueológico perpassa por uma distinção desta escala com concheiros cerâmicos tardios: “(...) [a] diferença morfológica e composicional entre sítios mistos e sambaquis, junto com a presença de cerâmica e maior diversidade na indústria óssea que se observa em

---

“The coastal Brazil shellmiddens are located on four distinctive types of substrates: Type I: Pleistocene marine terraces - These terraces are found inland from the maximum extent of Holocene lagoons, corresponding to periods of highest Holocene sea-level (5,100 BP). Type II: Holocene marine terraces - These terraces were deposited as beach-ridges following the highest Holocene sea-level and, therefore, the shell-middens on these terraces have necessarily been built after 5,100 BP. Type III: Ancient lagoonal deposits - These deposits are located in front of high sea-level, probably during the ensuing lowering of the sea-level. Type IV: Crystalline rock hills - These hills are located at the margins or centers of ancient lagoons and bays. As they never [were] covered by high sea stands, they may have been occupied at any time and are not sensitive time markers. However, those situated more inland may have been settled when the lagoon reached their greatest extent” (SUGUIO, 1993, p. 58).

alguns sítios mistos” (VILLAGRAN, 2013, p. 146). Em termos gerais, sua forma tende a ser circular ou elipsoidal – sempre existindo áreas planas no topo, como no sambaqui de Saquarema (PR): “(...) essas camadas são regulares e horizontais, e que permitiram no decorrer de toda a construção do depósito, uma superfície larga e plana a qual possibilitava ser amplamente habitável” (RAUTH, 1962, p. 15). Às vezes, os sítios são geminados, com duas cúpulas sobre a mesma base, nem sempre de construção simultânea, como no sambaqui do Guaraguaçu (PR) (MENEZES, ANDREATTA, 1971). Também existem cúpulas que formam conjuntos como os sambaquis do Godo (PR), com nove cúpulas distintas e aproximadas (RAUTH, 1969) e os sambaquis de Santa Marta (SC), contando com nove cúpulas (GIANNINI et al., 2010).

As áreas e alturas dos sambaquis variam da mesma forma, mas tendo-se em conta que a característica de monumentalidade é um elemento notório há tempos (WIENER, 1876), não é difícil especular sobre isto. Atualmente dois sambaquis estão “tecnicamente empatados” como mais altos do Brasil e do mundo. O mais famoso se localiza no sul de Santa Catarina, em Garopaba e leva o mesmo nome do município; tem cerca de 400 x 100 metros de diâmetro e 31 metros de altura (ROHR, 1969, p. 16-17; PROUS, 1992, p. 207). O segundo, recém encontrado na cidade de Guarujá (SP), é o sambaqui do Crumaú, com 400 metros de comprimento, 200 metros de largura e 31 metros de altura (AFONSO, 2017, p. 216). Entretanto, é impossível conhecer com clareza a quais altitudes os sítios que já foram calcinados atingiam no passado – é um tanto provável que houvessem sítios ainda maiores: o sambaqui da Carniça 1 (SC) teria cerca de 40 metros de altura segundo Prous (1977b, p. 55, nota 56).

bastante provável que quase todos, senão todos, autores ao longo da história da pesquisa em sambaqui fundamentaram suas avaliações sumárias na presença e estratificação de resíduos alimentares – principalmente de conchas (fenômeno global, segundo Waselkov (1983). Grosso modo, não é exagero comentar que os peixes se tornam visíveis apenas quando as conchas chamam a atenção para o fato de que ocultam algo; no caso, os restos de peixes. Vamos elencar algumas destas definições, de distintos momentos da história da pesquisa, para ilustrar esta noção; iniciemos com Angyone Costa, no primeiro livro de Introdução à Arqueologia Brasileira:

Recapitulando, à procura de uma definição, com preocupação de síntese, pode-se dizer que os sambaquis são montes de carapaças de moluscos, geralmente de forma arredondada, onde se acumulam detritos deixados pelos homens do neolítico e nos quais se encontram em artefatos de barro e pedra, ossadas humanas, ossadas de animais, outros elementos que afirmam a existência de uma estação demorada. E ainda, que constituem o monumento típico, característico, da nossa arqueologia (COSTA, 1936, p. 113).

...passando pelos Documents Pour la Prehistoire du Brésil Méridional: L'État de Santa Catarina, de André Prous e Walter Piazza...

Nous réserverons donc l'appellation de "sambaqui" à des sites (ou à des portions de sites, dans les cas de superpositions archéologiques) dans lesquels les vestiges culturels sont pris dans un épais sédiment détritique et dont les couches ou lentilles sont formées pour plus des trois quarts de leur volume par des coquilles de mollusques terrestres ou aquatiques (PROUS, 1977b, p. 23).

...e concluindo com o capítulo dedicado aos sambaquis no volume de referência Handbook of South American Archaeology...

The term 'sambaqui' is applied to cultural deposits of varying size and stratigraphy in which shell is a major constituent, undoubtedly encompassing accumulations with a range of functions and origins. Proportions of soil, sand, shell and the kinds of cultural inclusions and features in sambaquís are also variable (GASPAR, et. Ali. 2008, p. 319).

Entretanto, a presença de conchas também autoriza outros tipos de relação além da acumulativa. Os diferentes tipos de moluscos que fazem parte deste acumulado possuem características adaptativas específicas ao ambiente onde prosperam. Esta correlação existe desde o trabalho de Ricardo Kröne (1914), já citado anteriormente (*apud* MENDONÇA DE SOUZA, 1991, p. 78-79). Ou seja, como ostras são animais de água salobra, é natural que estejam mais para o interior, associadas às paleolagoas e paleoestuários assoreados pelos rios ou pelo recuo do mar. Kröne ainda relacionaria as alternâncias das espécies nos estratos aos momentos de maior fartura ou carência de disponibilidade de cada espécie.

Othon Leonardos irá expandir esse sistema classificatório e enquadrá-lo de modo específico como derivativo de suas relações ambientais pretéritas. Logo nas primeiras páginas de *Concheiros Naturais e Sambaquís* o autor parte de uma

única unidade classificatória (“concheiros”) que abrange o todo do fenômeno de acumulação malacológica; podendo este ser natural ou artificial. Na segunda etapa de decantação semiótica, ele considera uma classificação “mixta”, em que convivem, em sua respectiva ordem, os concheiros naturais (“falsos sambaquis”) e artificiais (“sambaquis propriamente ditos”). Aos artificiais, já influenciado pelos anos anteriores de debates e, provavelmente, pelo estudo de Kröne, delinea subdivisões na paisagem:

Quanto a situação os sambaquis podem ser classificados em quatro grupos: 1) - costeiros, litorâneos ou marinhos, situados nas imediações do oceano e constituídos essencialmente de conchas marinhas; 2) lagunares, situados nas bordas das lagoas e lagunares, com conchas de moluscos de água salgada ou salobra; 3) - fluviais, situados à beira rio, com valvas de moluscos fluviáteis; 4) terrestres, centrais ou continentais, quando longe do mar ou dos rios, constituídos geralmente de carapaças de gasterópodos terrestres.  
(LEONARDOS, 1938, p. 3). Grifos do autor.

Cada ecossistema, portanto, tende a ter seus respectivos sambaquis compostos pelas conchas do tipo de molusco predominante na área, além das espécies de menor representação quantitativa. Os sambaquis fluviais, por exemplo, foram feitos principalmente de *Megalobulimus sp.* (COLLET, PROUS, 1977; PLENS, 2013); os sambaquis situados em antigos manguezais expõem suas espessas camadas de *Ostrea sp.*; *Mytilidae sp.* se acumulam nas zonas intertidais, se expondo fora d’água nas marés baixas; e bancos de *Anomalocardia brasiliensis* se agarram nas mesmas rochas batidas pelo mar há mais de sete mil anos; e antes! O casal Empereire também notava que: “La composition d’un sambaqui est variable d’une region à une autre: les huîtres dominant les sambaquis de l’intérieur le *Modiolus sp.* dans les régions intermédiaires et le berbigão dans les dépôts plus proches de la côte”. (EMPERAIRE, LAMING, 1956, p. 37). Os pesquisadores chegam mesmo a criar um sistema de classificação de sambaquis bastante interessante, mesmo que não tenha gozado de grande aceitação no futuro. Se trata da divisão entre sambaquis móveis e compactos. Derivada do jargão dos exploradores de cal (limpos e sujios, respectivamente) ela foi pensada a partir das características estratigráficas existentes entre os seis sambaquis escavados por eles: Maratúá, Boguassú, Aroeiras, Ostras, Boa Vista (SP) e Ilha dos Ratos (PR).

Estudos na região da Lagoa do Camacho também ajudaram a fomentar classificações das disposições das matrizes dos sítios. O estudo de 78 sítios da região forneceu subsídios suficientes para surgirem três padrões de deposição. O primeiro é composto por alternância entre matrizes conchíferas (mais espessas) e terrosas (menos espessas), cujo conjunto é por vezes recoberto com uma camada areno-lamosa escura. O segundo é constituído de sedimentos cristalino-arenosos (quartzitos) em acúmulo monticular coberto com camada conchífero-arenosa com grande quantidade de matéria orgânica. O terceiro é composto por grandes pacotes heterogêneos de conchas, ossos geralmente queimados e areia, com lítico e carvão, acompanhado de carvão ocasional (GIANNINI et. Ali. 2010, p. 111).

Mesmo que a percepção das faculdades construtivas das conchas das principais espécies de moluscos não tenha sido levada em consideração pela bibliografia, o aspecto construtivo dos sítios há algum tempo já é um consenso (GASPAR, 1991; AFONSO, DEBLASIS, 1994). Extensas pesquisas no sambaqui de Jabuticabeira (SC) identificaram os principais tipos de feições arqueostratigráficas que ocorrem em sambaquis em geral. Sepultamentos associados a fogueiras, buracos de estaca e restos faunísticos são, de forma combinada ou singular, presentes em quase todos os sambaquis (e concheiros também). Ainda em Jabuticabeira, sua camada inferior de conchas é desprovida de maiores artefatos e feições arqueológicas; a camada superior terrígena, entretanto, é bastante rica em todas as evidências. Enquanto a interpretação do sítio seja a de um cemitério monumental, o que dá uma explicação ritual para os restos faunísticos (banquetes funerários) e para as estacas (cabanas funerárias); elas também podem ocorrer como descarte ou postes de habitação (algo ainda não demonstrado com clareza). (KLOKLER, et. ali., 2010; VILLAGRÁN, 2010; KLOKLER, 2008; VILLAGRAN ET ALI, 2010; FISH et. Ali. 2000). O raro caso do sambaqui do Rio Cubatão, em Joinville, que possui estacas de resalta ainda mais esta noção construtiva. O exame destas qualidades materiais parece mais plausível quando divisamos os modos de deposição destas ínfimas partículas como estratos bem visíveis, com clara funcionalidade. Por exemplo, no sambaqui de Espinheiros I, evidências do preparo de uma base comum de conchas de *Anomalocardia* antecedendo a construção de duas cúpulas geminadas; estas, de sedimentos heterogêneos. Os autores sugerem a criação de um aterro ou

pavimento preliminar e também apontam manipulações das camadas superiores (AFONSO, DEBLASIS, 1994, p. 26). O sambaqui de Ponta das Almas (SC) (PIAZZA, 1966), com sua inversão estratigráfica, também exorta este pensamento; assim como nos informa José Wilson Rauth sobre o sambaqui de Saquarema (PR):

Através desse corte observou-se, que, as espessuras dos extratos que compõem a jazida, demonstram, alternadamente, fases de coleta ecologicamente bem determinadas. Em consequência essas camadas são regulares e horizontais, e que permitiram no decorrer de toda a construção do depósito, uma superfície larga e plana a qual possibilitava ser amplamente habitável. Muito embora se registrasse uma predominância de ostras, outros níveis também eram compostos de *Anomalocardia brasiliana* e *Modiolus brasiliensis*, intercalados frequentemente por extensos filetes de carvão e cinzas (RAUTH, 1962, p. 15).

As substâncias básicas de construção de sambaquis são conchas de moluscos, elementos minerais terrígenos e ossos de animais e humanos. Logo, as camadas se compõem ou dessas substâncias em forma pura; ou misturadas, em proporções diferentes. Apesar do apelo visual, não nos enganemos: é impossível aferir com precisão quais são os componentes principais se não optarmos por um viés quantitativo ou qualitativo. Os estudos de zooarqueologia, por exemplo, têm demonstrado que não apenas os pioneiros coletores do litoral também eram pescadores em maior medida do que consumiam bivalves (FIGUTI, 1993; DE MASI, 2001; sambaquis da COSIPA/Ilha do Casqueirinho/SP), mas também que houve uma mudança significativa e preferencial de coleta intensiva de moluscos para uma preferência absoluta de peixes na dieta (LIMA, 1991, para sítios do Rio de Janeiro; BANDEIRA, 1992, para o sambaqui de Enseada, em Joinville/SC). As mudanças estratigráficas, porém, não são apenas de regime alimentar; também existe uma transição de camadas de conchas para camadas pretas no sambaqui de Jabuticabeira (SC), onde “esta mudança se deve muito mais a aspectos culturais do que meio ambientais” (NISHIDA, 2007, p. 96, ver também KLÖKLER, 2012). Desta forma, ao contrário do que ocorre normalmente em outros tipos de sítios arqueológicos, zooarqueologia e estratigrafia estão em íntima relação de interdependência dentro de sambaquis, a ponto de se confundirem. É possível perceber, portanto, que os sambaquis estão situados na

beira de dois ou mais mundos que mesmo transcendem as realidades arqueológicas, biológicas etc.

A descoberta de que, de fato, a maior quantidade de restos faunísticos era de peixes, derrubando a teoria da dependência exclusiva dos mariscos (FIGUTI, 1989), iniciou um processo teórico que borra a distinção entre as gavetas da zooarqueologia e estratigrafia. O estudo, ao considerar que os volumes gerados pelo descarte estabelecem uma relação entre matéria consumível (carne) x matéria descartável (osso, concha) (FIGUTI, 1993, p. 71, ver também LIMA, 1991; BANDEIRA, 1992), permitiu espaço para considerações de pleno fôlego estratigráfico, em que se tornou necessário dar sentido à coleta de mariscos, que já não representam mais o grosso da dieta<sup>21</sup>. Isto transformou os sambaquis de clara inclinação funerária no resultado de uma grande atividade ritual. Isto se deu em virtude da ausência de elementos culinários e artefatos dissociados das feições mortuárias (KLÖKLER, GASPAR, 2013; GASPAR et. Alii. 2013). Outras associações pertinentes ao universo cerimonial partem das relações possíveis a partir dos otólitos, elencando diversos usos para eles com base na etnografia (KLÖKLER, 2016); e com o preparo intencional de material ictiofaunístico que entraria para a composição do sítio – processos de descarte, queima e exposição intempérie, que, a nosso ver, confirma o caráter cerimonial dos sítios (VILLAGRÁN, 2019).

---

Senão um complemento alimentar necessário para estabelecer equilíbrio entre o potencial consumo fatal de proteínas magras a longo prazo; os carboidratos dos moluscos mitigariam esse incomum acúmulo (FIGUTI, 1993, p. 71). É estranho que este ponto não tenha sido comentado na produção que descendeu deste trabalho.

### 3.1 O AMBIENTE SALOBRO

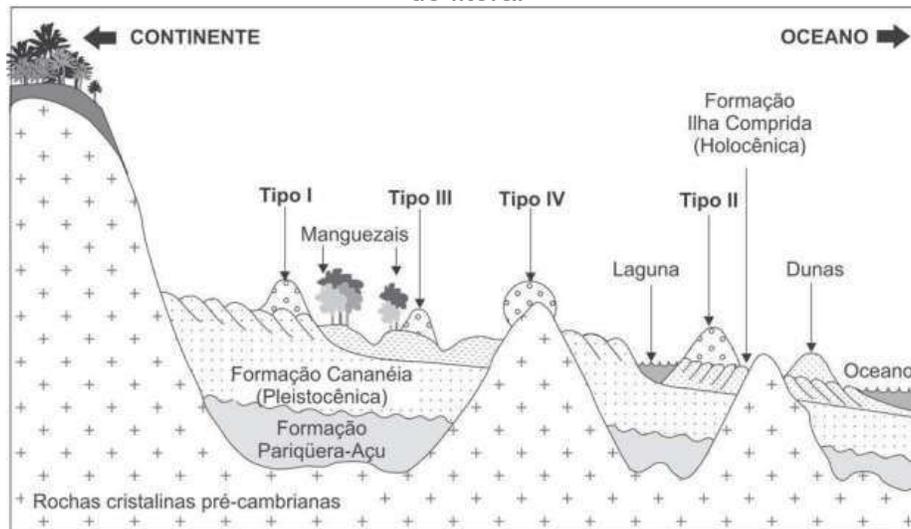
Por volta do período do Holoceno médio, cerca de 6.000 anos atrás, o mar estava um tanto mais avançado e alto, tornando esta faixa estreita bem mais afilada. Neste período específico, chamado de Ótimo Climático em que as temperaturas do planeta inteiro aumentaram, dando final a uma pequena glaciação que aumentou também, o nível do mar. Em nossa região de interesse, o mar subiu pelo menos cerca de dois a três metros, submergindo quantidades consideráveis de costa (KERN, 1997, p. 42). Fairbridge comenta que as mudanças eustáticas deram origem a um litoral “impressively abrupt, (...), deeply dissected and eroded back considerable distances from original border faults...” (apud, HURT, 1974, p. 2). Isto tem impacto direto nas áreas disponíveis para ocupação humana no litoral: as datações mais antigas são dos sítios do Algodão/SP (8.700 AP), Cambriú Grande/SP (7.800 AP) e Caipora/SC (7400 AP) estimado que os sítios antecedentes tenham sido cobertos pela ação marítima (CALIPPO, 2004; LIMA et. Ali., 2002; GIANNINI et. Ali., 2010; VILLAGRÁN, 2013, p. 140-141), respectivamente para as datações, como já havia postulado o casal Emperaire, na primeira metade da década de 1950 (EMPERAIRE, LAMING, 1954).

Como se dava essa dinâmica? O avanço e recuo do mar criaram alterações topográficas, com cristas e vales, nos quais a água se depositava, formando lagos e lagoas. Este sistema de barreiras vizinhas a áreas de captação de recursos foi um ambiente bastante aproveitado para a construção de sítios conchíferos. Os estudos recentes indicam diferentes alturas máximas durante os últimos 7000 anos:

- o nível médio atual do mar foi ultrapassado pela primeira vez no Holoceno entre 7000 e 6500 A. P.;
- há cerca de 5500 anos A. P., o paleonível do mar subiu entre 3 e 5m acima do atual;
- há aproximadamente 3900 anos passados, o paleonível médio relativo do mar deve ter estado entre 1,5 e 2m abaixo do atual (...);
- há cerca de 3000 anos A. P., o paleonível do mar ascendeu entre 2 e 3 m acima do atual;
- há 2800 anos A. P. ocorreu novamente uma pequena descensão, atingindo provavelmente um nível inferior ao atual; e,

há cerca de 2500 anos A. P., foi atingido um paleonível 1,5 a 2m abaixo do atual e, desde então, têm estado em rebaixamento contínuo. (SUGUIO et ali., 2005, p. 122).

Figura 2- Imagem ilustrando os sambaquis mais antigos (Tipos I e III) e os mais recentes (Tipos IV e II), em associação com os sedimentos e linhas de costa do litoral



Adaptado de Suguio (et. ali., 2005, p. 119).

Todavia, conhecemos essa morfologia com relação aos sambaquis há um bom tempo. O conhecimento moderno sobre as antigas paleolinhas de costa e a implantação geográfica dos sambaquis na paisagem são, em fato, resultado das pesquisas precursoras de Ricardo Kröne, um farmacêutico de profissão. No início da década de 1910, ele percebe que as diferenças de composição a partir de espécies de moluscos, na verdade, revelam sua situação geográfica e ecossistêmica. Observando os sambaquis das praias de Iguape, em São Paulo, e comparando os habitats de cada espécie majoritária com a localização do sambaqui em relação à linha de praia, ele nota que os embasados em *Ostrea sp.* estão mais distantes para o interior do que os construídos com *Anomalocardia sp.* Sua inferência, que usa para reforçar sua posição artificialista, foi a de que "... os sambaquis mais antigos encontravam-se mais afastados da orla marítima, e neles predominavam as carapaças de ostras, enquanto os mais modernos situavam-se junto à linha d'água, com predomínio de conchas de berbigões" (apud MENDONÇA DE SOUZA, 1991, p. 78-79).

Concentrando ainda mais o foco, é possível perceber que a paisagem litorânea comporta distintas características e fenômenos geológicos. Afinal, os

topos e vales das antigas entremarés também são condicionados pela matriz rochosa e pela conformação de diferentes sedimentos e processos de sedimentação. O geólogo João José Bigarella, numa listagem clássica e bastante referenciada dos sambaquis paranaenses e norte-catarinenses, tenta pensá-los cronologicamente a partir da sua implantação junto aos elementos geológicos dispostos na região em questão. Ele lista, em ordem majoritária de quantidade:

- I – Sambaquis situados no alto de tabuleiros arenosos (fósseis, restingas e praias) 43% do total.
- Sambaquis no alto de um monte arenoso ou ilha argilo-arenosa, no meio de um brejo – 31%
- III – Sambaquis localizados no alto de uma ponta rochosa – 18%
- IV – Sambaquis localizados no meio ou no alto de um brechó [sic] – 6%
- V – Sambaquis localizados no meio de um terreno arenoso – 2% (BIGARELLA, 2011, p. 21).

A partir disso texturizamos e condicionamos este trecho litorâneo com tabuleiros arenosos em que dunas se locomovem com uma pesada indolência provocada pelo calor desértico; com brejos ou mangues argilosos, povoados por halófitas enraizadas na lama fértil de nutrientes; com afloramentos rochosos de matriz vulcânica, despontando cumes e oferecendo matéria-prima. Entretanto, isto se refere apenas ao setor estudado por Bigarella. Outro grande núcleo de edificação de sambaquis é o litoral sul catarinense, logo depois do final das inúmeras pequenas baías que caracterizam o espaço da Ilha de Florianópolis e o continente, via norte. No sul, o litoral é menos recortado, com poucos pontões marítimos; mais alinhado e uniforme. A situação geomorfológica dos sítios, portanto, é diferente. DeBlasis (et. Ali. 2007) e Giannini (et. Ali. 2010) podem ser considerados os principais estudos sobre a implantação de sambaquis no litoral sul de Santa Catarina.

Como Giannini e colegas ampliam os resultados alcançados pela pesquisa mais antiga, nos ateremos às cinco classificações disponibilizadas por eles.

A primeira corresponde a pontas costeiras e costões rochosos de mar aberto, com dunas e paleodunas eólicas empoleiradas, e paleotômbolos formados na zona de sombra hidrodinâmica das pontas (...).

A segunda situação (...) relaciona-se a paleopontais de retrobarreira, na extensão do continente dos paleotômbolos (...). A terceira situação (...) dá-se em morros testemunho e paleodunas de geração eólica (...), próximos da margem lagunar,

porém, afastados por vários quilômetros da linha de costa marinha.

A quarta situação, corresponde a regiões planas do sistema barreira, incluindo margem de retrobarreira, onde os sítios se dispõem de modo mais espaçado e em distribuição mais linear, subparalela à costa (...).

A quinta situação (...) [ocorre] em morros testemunhos do embasamento pré-cenozóico, em meio ao delta e/ou à paleobaía lagunar por ele assoreada (GIANNINI et. Ali. 2010, p. 110-111).

Traduzimos em termos de paisagem: os sítios se posicionam na extremidade pontas rochosas como o Cabo de Santa Marta, na primeira situação; ao longo do ‘pescoço’ destas pontas, mais próximos ao continente e sobre as barreiras regressivas ali pré-existentes na segunda situação; à margem de corpos lagunares, igualmente sobre as barreiras regressivas, na terceira situação; em áreas mais desertificadas e arenosas, mais uma vez sobre as barreiras, na quarta situação; e, finalmente, junto aos antigos deltas de rios, que, por deposição gradual de sedimentos fluviais, distanciaram-se da proximidade imediata a este ambiente e restam como testemunhos do mesmo, na última situação. Assim, podemos caracterizar a parte sul do litoral do Estado de Santa Catarina de forma quase idêntica à do litoral norte; excetuando-se a quantidade elevada de baías e enseadas, que decresce devido ao formato retilíneo da linha de praia.

### 3.2 .MANGUE

Neste sistema de lagoas barradas que se forma entre as areias brancas da beira-mar e os sopés e taludes da Serra Geral existem ecossistemas chamados de pântanos, ou mangues. Constituído por sedimentos finos arrastados pela turbulência fluvial se acumulam nas topografias planas do fundo d’água, trazendo consigo minerais, nutrientes e carga orgânica em quantidade, escavadas dos solos argilosos e das rochas cristalinas. Os fundos dos corpos d’água estuarinos, cujo aporte de material se sedimenta, também estão expostos aos elementos trazidos pela ação das marés, que invadem essas calhas e deltas com regularidade. O sal é o mais numeroso destes elementos, o que torna o mangue um local ideal para as árvores angiospermas halófitas que são sinônimas, mas que representam diversas espécies (*Rhizophora mangle*, *Laguncularia racemosa*, *Avicennia sp.*, *Spartina sp.*, *Hibiscus sp.*, etc.). A penetração diária das marés,

uma ou duas vezes por dia, talvez o mais importante da contribuição marinha, traz consigo a microscópica fauna criptógama (algas), que enriquecerá substancialmente a biomassa do ecossistema. Afirma Soffiati:

A título de ensaio, podemos dizer que ele é um ecossistema situado entre a epinosfera, limnosfera e talassosfera, mas não um ecossistema de transição entre eles. O manguezal tem unidade e coerência interna. Ele não é um ecótono, ou seja, um ambiente de transição entre ecossistemas ou biomas. Embora aberto para a terra, para a fonte de água doce e para o mar, o manguezal organiza os elementos das três macro-esferas e os reúne numa estrutura singular que o distingue dos ecossistemas de águas doces, de águas salgadas e terrestres. Ao mesmo tempo, ele se auto-organiza, como de resto acontece com todo ecossistema (SOFFIATI, 2006, p. 23).

A sua organização está sedimentada até o nível microscópico por conta da composição heterogênea de diferentes solos. Essa mistura fractal se desmembra (ou recompõe?) quando notamos que a ciência é capaz de descrever três tipos de micro-habitats que contribuem para essa diversidade; o lavado, o apicum e o bosque de mangue.

O lavado é uma área lamosa que é regularmente exposta e submersa pelas marés de sizígia nas enseadas ou diretamente em contato com a água salgada. importante considerar que apenas por curtos momentos este trecho é emerso. Neste lodo de grãos microscópicos de aparência suja, milhões de micro-organismos bentônicos com algas e fitoplânctons. Plantas pioneiras, como o capim-praturá (*Spartina sp.*), às vezes, fixam suas raízes fasciculadas em trechos onde a invasão das águas é menor. Uma parte da fauna macroscópica é composta de invertebrados filtradores, nos quais, se metermos a mão no lavado, encontraremos sernambis (*Anomalocardia brasiliiana*), turús (*Teredo sp.*) e lambretas (*Lucina pectinata*), bivalves comuns em sambaquis. O caranguejo Uçá (*Ucides cordatus*) também é frequentador assíduo da região, devorando pequenos companheiros de clade (*Copepoda sp.*). O apicum é o trecho intermediário, cujo solo possui volumes mais aproximados de lodo e areia, lentamente acumulados pela deposição marítima e fluvial em consonância milenar. Aqui a maré alcança apenas durante os altos e baixos ciclos lunares (lua nova ou cheia); mas é nesse trecho onde se acumula o segredo da riqueza do mangue: a hipersalinidade favorece vegetação de porte herbáceo, as árvores que dão nome ao mangue começam a surgir aqui, ainda de modo tímido, como o

mangue-vermelho (*Rhizophora mangle*, *R. harrisonii*, *R. racemosa*), o mangue-branco (*Laguncularia racemosa*) e o mangue-preto (*Avicennia schaueriana*, *A. germinans*), cujas raízes em forma de gaiola prendem os minerais e nutrientes acumulados pelos processos de formação geológica do mangue. Suas folhas, flores e frutos caem na água, enriquecendo ainda mais o bioma e atraindo espécies maiores que se alimentam dos animais que decompõem ou comem estes propágulos (INSTITUTO, 2018, p. 24-25). Entre as raízes rizóforas dessas plantas que moram os Uçás, que enriquecem o bioma conforme reviram o fundo em busca de alimento e proteção (SCHMIDT, BEMVENUTI, DIELE, 2013. p. 11). Os bosques de mangue, por sua vez, correspondem mais ou menos à intersecção entre grupamentos florísticos distintos, como a Mata Atlântica, por exemplo, em conjunção com outras espécies de mangue, sua principal diferença é a presença de espécies como a embira-do-mangue (*Hibiscus tiliaceus*), o avencão (*Acrostichum aureum*) e o mangue-de-botão (*Conocarpus erectus*), que não possuem raízes rizóforas (INSTITUTO, 2018, p. 27).

Apesar do mangue ser o resultado idiossincrático da interrelação íntima entre os três ecossistemas, os animais que o habitam ou atravessam podem pertencer a um deles, ou mesmo ser específicos do mangue, das dunas ou até do alto-mar. A região é bastante caracterizada por múltiplos ciclos: das marés altas e baixas, das estações, das variações climáticas, e por outras sazonalidades que nos escapam. Associados a um ou mais ciclos dessa espécie, não é absurdo ver animais não nativos, que param para descansar nas águas calmas por algum tempo antes de seguir em sua migração de um hemisfério a outro; assim como é possível antecipar as estações ou mesmo um período de chuva ou seca através dos comportamentos animais. É sabido que os povos indígenas da América sempre observaram os comportamentos animais (RIBEIRO, 2013) e, como explanaremos, mais do que apenas verificaram códigos de ordem etológica, mas cultural. Procuramos obter o máximo possível de informações etológicas a respeito de cada espécie; porém, raras vezes encontramos detalhes. Contudo, como a grande maioria dos animais é migratória e não necessariamente autóctone do litoral, que, como vimos, é uma região de travessias, preferimos organizá-los partindo da premissa indígena de classificação elementar dos animais. Ensina o

professor *Huni Kuin*<sup>22</sup> Joaquim Maná, num episódio da saudosa série *Vídeo nas Aldeias* apresentada por Aílton Krenak, o que as crianças da aldeia estavam aprendendo:

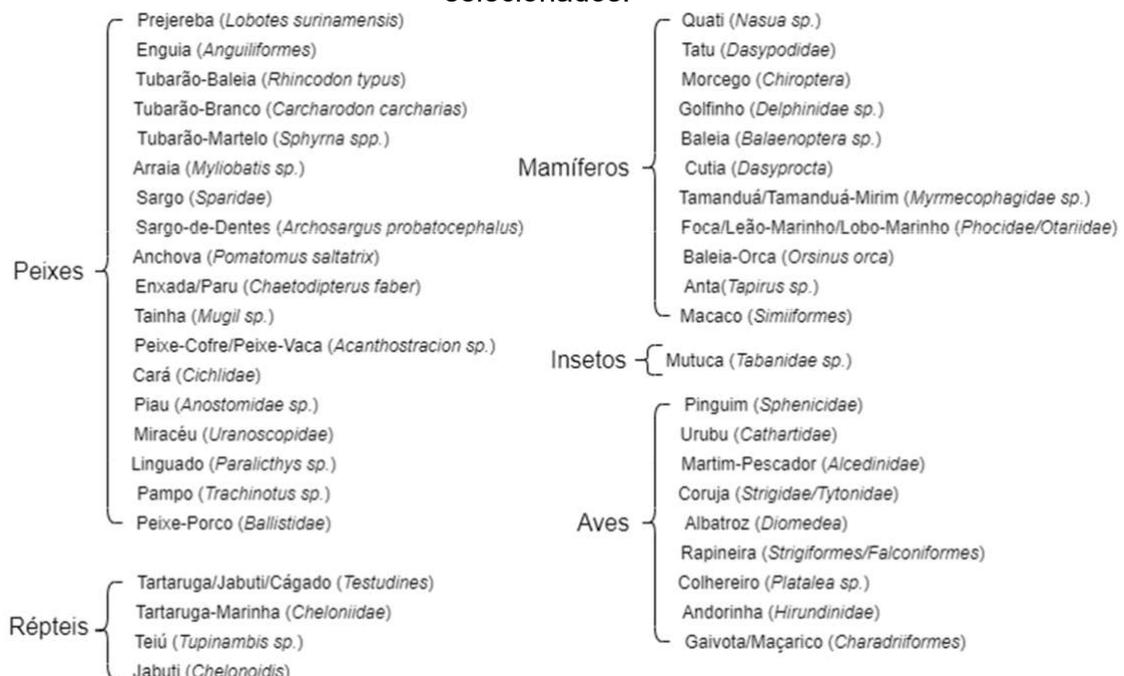
O exercício aqui é de pesquisar os animais. Por exemplo: ha pimis, o que algum dos animais come, o que que ele encontrou e o que que ele come [sic]; hanu ushamis, onde ele 'pousa', onde é o poleiro dele, onde ele dorme; hawê besu haska, qual é o 'jeito' dele? Hanup mí uishú, aonde você viu? Na terra, nos galhos dos paus, voando...<sup>23</sup>

Levando-se em consideração que essa constatação também é parcialmente arqueológica no que diz respeito aos zoomorfos de animais que são quadrúpedes, voadores ou aquáticos (PROUS, 1977, p. 100), pareceu-nos necessário incluir por respeito etológico e etnológico as categorias inclusivas “o que ele come?”; “quem come ele?”; “onde dorme?/onde você viu?” e “como é o seu corpo?/o que ele faz?”. Todavia, este é um momento em que ainda estamos listando os animais que aparecem não apenas no mangue, nas lagoas ou nas praias – mas principalmente nos sambaquis. Para não esquecermos dos animais de pedra, adotamos uma lista concisa das espécies ressurgentes como esculturas da etnia sambaquiiana admitindo algumas hipóteses e alguns casos com determinação taxonômica:

---

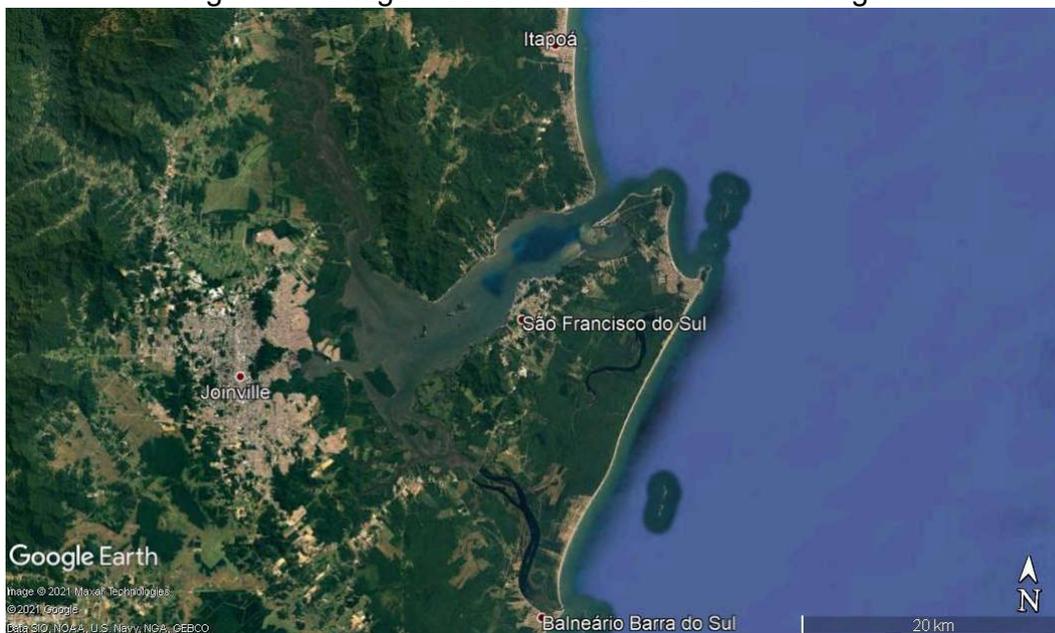
Kaxinawá.  
VIDEO NAS ALDEIAS. Índios no Brasil. Episódio 2: Nossas Línguas. 1999. 19 min. A partir dos 13:00.

Figura 3- Espécies de Zoofauna e Esculturas Zoomórficas para os sítios selecionados.



Adaptado a partir de Tiburtius e Bigarella (1960); Prous (1974a; 1977a); Rohr (1977); Ribeiro e colegas (2002); González e Milheira (2005); Gomes (2012); Klökler (2016); Garcia (2018); Oricchio (2020).

Figura 4 – Imagem de satélite da Baía da Babitonga.



Baía da Babitonga, que concentra a maior parte dos sambaquis e zoólitos da análise. Produzido por Filipi Pompeu no Google Earth.

Para ilustrar o panorama animal junto aos sambaquis, nos embasamos em estudos zooarqueológicos, naturalmente. Contudo, nosso recorte conceitual tornou perigosa a tarefa de delimitar uma área; a princípio, nossa área de interesse é indicada ou pelas esculturas zoomórficas, ou por trabalhos concisos sobre a zooarqueologia de um sambaqui ou, ainda, de vários sambaquis de uma região. Logo, estão representados: os sambaquis COSIPA, em São Paulo (FIGUTI, 1995), Jabuticabeira, Encantada III (KLOKER et. ali., 2010), Enseada (BANDEIRA, 1992), Espinheiros II (FIGUTI, KLOKER, 1996), Capelinha (ALVES, 2009) são as referências de espécies identificadas. Fossile e colaboradores (2018) é o que inclui a maior quantidade de sítios (110 amostras na região da Baía da Babitonga) e, porventura disto, nossa principal referência. Os sítios da região datam entre 5510 A. P. (Praia Grande VI, na Ilha de São Francisco do Sul) e 335 A. P. (Bupeva II), incluindo, portanto, os sítios cerâmicos da região (ANEXO II).

### 3.2.1 Animais Quadrúpedes/Terrestres

Quadro 2- Animais Quadrúpedes/Terrestres

Animal	O que ele come? (alimentação)	Quem come ele?	Onde dorme?/ Onde você viu?	Como é o seu jeito? (corpo)
Anta ( <i>Tapirus terrestris</i> ) <sup>24, 25</sup>	Frutos; folhas; cascas; brotos; grãos; sementes	Humanos, jaguares, jacarés	Ripário fluvial	Solitário; pares durante a reprodução; filhotes acompanham as fêmeas; crepuscular-noturno
Aratu ( <i>Brachyura sp.</i> ) <sup>26</sup>	Artrópodes não-insetos; <i>Donax sp.</i> ; tatuíras; filhotes recém eclodidos de Tartaruga comum ( <i>Caretta caretta</i> ); carcaças	Mão-pelada ( <i>Procyon sp.</i> ); corujas; gaivotas	noturno; ripário do apicum; repara ou escava as tocas pela manhã; tamanho da toca igual a largura da carapaça	Pinças características; olhos pedunculados; machos têm dança do acasalamento com as pinças; estridulações (esfregar das pinças); sedentário; hibernação; guarda alimentos; fêmeas mantém os ovos sob seu corpo;

Bachand et. ali. 2008.  
[https://animaldiversity.org/accounts/Tapirus\\_terrestris/](https://animaldiversity.org/accounts/Tapirus_terrestris/)  
[https://animaldiversity.org/accounts/Ocypode\\_quadrata/](https://animaldiversity.org/accounts/Ocypode_quadrata/)

Bugio ( <i>Alouatta</i> sp.) <sup>27</sup> ,	Folhas, frutos, flores	Humanos, falconiformes; felídeos	mora no topo das árvores; raramente desce ao chão	Cauda preênsil; territorial; catação em membros do grupo; diurnos; territoriais; hierárquicos
Cachorro do Mato ( <i>Cerdocyon thous</i> ) <sup>28</sup>	onívoro oportunista com presença de crustáceos aquáticos na dieta	predador Apex?	florestas tropicais; cerrado	noturno; crepuscular; monogâmico; territorial (mais durante a época seca); caça em pares ou solitário
Capivara ( <i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> ) <sup>29</sup>	Frutos; folhas; cascas; brotos; grãos; sementes; fezes	Humanos; jaguares; jacarés	ripário; florestas tropicais; cerrado	roedor; natatório; terrícola; crepuscular; sedentário; territorial; hierárquico; dimorfismo sexual
Cutia ( <i>Dasyprocta azarae</i> ) <sup>30</sup>	frutos; sementes; grãos; possivelmente raízes e folhas	Provavelmente carnívoros de maior porte habitantes ou visitantes do mesmo hábitat	juvenis usam tocas no chão abandonadas por outros animais; escavam e escondem sementes	roedor; bipedalismo; saltos; diurno; seguem macacos que deixam cair frutos
Gambá ( <i>Didelphis</i> sp.) <sup>31</sup>	onívoro voraz com facilidade de adaptação	Provavelmente carnívoros de maior porte habitantes ou visitantes do mesmo hábitat	no chão ou em árvores, embora sejam mais terrícolas	terrícola; noturno; crepuscular; solitário
Guaxinim/Mão-Pelada/Cachorro-do-Mangue ( <i>Procyon cancrivorus</i> ) <sup>32</sup>	onívoro oportunista com presença de crustáceos aquáticos na dieta	carnívoros maiores, incluindo pássaros raptorais	ripário genérico, dos pântanos às praias	terrícola, noturno; solitário; usam as patas como mãos e manipulam objetos
Irara ( <i>Eira barbara</i> ) <sup>33</sup>	onívoro oportunista com presença de moluscos na dieta	Provavelmente carnívoros de maior porte habitantes ou visitantes do mesmo hábitat, incluindo pássaros raptorais	arborícola; terrícola	diurno; movimento errático com corpo arqueado; viaja só ou em pares

[https://animaldiversity.org/accounts/Alouatta\\_guariba/](https://animaldiversity.org/accounts/Alouatta_guariba/)

[https://animaldiversity.org/accounts/Cerdocyon\\_thous/](https://animaldiversity.org/accounts/Cerdocyon_thous/)

[https://animaldiversity.org/accounts/Hydrochoerus\\_hydrochaeris/](https://animaldiversity.org/accounts/Hydrochoerus_hydrochaeris/)

Ferraz, 2005.

[https://animaldiversity.org/accounts/Didelphis\\_marsupialis/](https://animaldiversity.org/accounts/Didelphis_marsupialis/)

[https://animaldiversity.org/accounts/Procyon\\_cancrivorus/](https://animaldiversity.org/accounts/Procyon_cancrivorus/)

PRESLEY, S. J. *Eira barbara*. Mammalian Species, N. 636, p.1-6. 2000

Jaguatirica ( <i>Leopardus pardalis</i> ) <sup>34</sup>	pequenos roedores; tatus; ungulados; macacos	predador apex		
Paca/Agouti ( <i>Dasyprocta agouti</i> ) <sup>35</sup>	Folhas, frutos; grãos; sementes	humanos; carnívoros felídeos e canídeos		
Porco-Espinho ( <i>Erethizontidae sp.</i> ) <sup>36</sup>	folhas, raízes, tubérculos; cascas; brotos; sementes; frutas; flores	humanos; canídeos		
Pecari/Queixada/Porco-do-Mato/Cateto ( <i>Tayassu sp.</i> ) <sup>37</sup>	onívoros com preferência herbívora	humanos; canídeos e felídeos; jacarés		
Preá ( <i>Cavia sp.</i> ) <sup>38</sup>	folhas; raízes; tubérculos; sementes; grãos; folhas	canídeos, felídeos; cobras; aves de rapina		
Quati ( <i>Nasua nasua</i> ) <sup>39</sup>	onívoro que favorece frutas e invertebrados	felídeos; aves de rapina e provavelmente canídeos		
Tamanduá/Tamanduá-Mirim ( <i>Myrmecophaga tridactyla/Tamandua tetradactyla</i> ) <sup>40</sup>	formigas e cupins	jaguares, pumas		
Veado/Veado-Mateiro/Veado-Campeiro (Mazama)	frutos; folhas; fungos; brotos; líquens	jaguares		

floresta tropical; cerrado; pântano; terrícola; arborícola

---

noturno crepuscular; pelagem característica; solitário; territorial

---

ripário; terrícola; escavam tocas no chão; sedentários; solitários

---

notívago; roedor; dimorfismo sexual; pelagem com pintas barrancas sobre fundo avermelhado

---

terrícola;	espinhos; cauda
arborícola;	longa preênsil;
floresta;	noturno; solitário
cerrado	
	focinho redondo;
	herbívoro com
	presas; gregário;
ripário;	cascos; dimorfismo
terrícola;	sexual; gregário;
cerrado;	noturno; grupos
floresta;	viajam longas
cavernas;	distâncias; grupos
rochas largas	são muito
	barulhentos mesmo
	quando não estão
	sob ameaça
cerrado;	roedor; gregário;
planícies	noturno
floresta;	cauda preênsil
cerrado	comprida e listrada
tropical;	
cerrado;	
planície;	língua, cauda,
terrícola;	crânio e garras
diurno;	específicas
diurno;	
nômade	
florestas;	dimorfismo sexual
	(fêmeas não tem
cerrado	galhas); solitário

<sup>34</sup> [http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/biodiversidade/fauna-brasileira/avaliacao-do-risco/carnivoros/jaguaririca\\_leopardus\\_pardalis.pdf](http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/biodiversidade/fauna-brasileira/avaliacao-do-risco/carnivoros/jaguaririca_leopardus_pardalis.pdf)  
<https://animaldiversity.org/accounts/Cuniculidae/>  
[https://animaldiversity.org/accounts/Coendou\\_prehensilis/](https://animaldiversity.org/accounts/Coendou_prehensilis/)  
[https://animaldiversity.org/accounts/Tayassu\\_pecari/](https://animaldiversity.org/accounts/Tayassu_pecari/)  
[https://animaldiversity.org/accounts/Cavia\\_aperea/](https://animaldiversity.org/accounts/Cavia_aperea/)  
[https://animaldiversity.org/accounts/Nasua\\_nasua/](https://animaldiversity.org/accounts/Nasua_nasua/)  
[https://animaldiversity.org/accounts/Myrmecophaga\\_tridactyla/](https://animaldiversity.org/accounts/Myrmecophaga_tridactyla/)

sp./Ozotocerus bezoarticus)41				
----------------------------------	--	--	--	--

Fonte: ver notas de rodapé em cada caso.

Podemos perceber que, apesar de serem quadrúpedes, estes animais ocupam nichos diferentes da terra firme. Assim como o mangue possui três (e talvez mais) micro-habitats, também parece haver uma certa preferência entre alto e baixo: há diversos animais escaladores de pequeno porte que estão associados a atividades arborícolas, como bugios, gambás e quatis; mais próximo ao chão, diversos predadores e presas herbívoras. Exceções incluem animais que são capazes de escalar, mas preferem o chão – a jaguatirica, o gambá e a irara, por exemplo. O porco-espinho é um exemplo mais restrito em relação ao trânsito. Há alguns animais gregários que são bastante caçados em outras regiões do país – mas de modo geral, a caça nos sambaquis foi um elemento mais complementar à pesca junto com outras fontes de alimentação (FOSSILE, et ali, 2018; COLONESE et ali., 2014). A presença de predadores quase-apex, como a jaguatirica e o cachorro do mato podem representar consumo ou deposição ritual; embora haja casos em que fazem parte de uma alimentação oportunística associada a uma mudança cultural mais abstrata ou vinculada a práticas fisiológicas<sup>42</sup>.

Figura 5- Jabuti Mutilado N° 14<sup>43</sup>



Fonte: CASTRO-FARIA (1959, fig. 18)

---

(Vogliotti, 2003)

Caso de uma família Awá que vivia isolada do grupo contatado pelo pesquisador. Dentre outros comportamentos aberrantes para os Awá, o casal comia jaguares, cobras, pele e intestinos de cervo e aves necrófagas – segundo estes Awá. Os Awá já caçam onças espontaneamente em busca de proteção (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2011, p. 4, 10).

As esculturas possuem imagens adicionais ao catálogo prousiano que foram compiladas e dispostas para maiores observações interessadas no Anexo III: [LINK](#)

Figura 6- Antropomorfo Nº 15



Fonte: AGUILAR (2000, p. 59)

Figura 7- Tatu Nº 147



Fonte: PROUS (2015, p. 94)

Figura 8- Felídeo/canídeo/réptil Nº 280, em osso.



Fonte: FILIPI POMPEU (2018).

## 3.2.2 Animais Voadores

Quadro 3 - Espécies animais encontrados nos sambaquis e concheiros da Baía da Babitonga e um pouco de seu comportamento.

Coruja ( <i>Strigidae</i> sp./ <i>Tytonidae</i> sp.)44,45,46	carnívoro; roedores; pequenos répteis e pássaros	Humanos? Predador Apex?	floresta; campos de dunas; ninhos em árvores ou no chão/dunas	cabeça giratória; olhos avantajados; noturno; crepuscular; solitário e casais; disco facial; dimorfismo sexual
Garça ( <i>Ardeidae</i> sp.)47	crustáceos, peixes, tartarugas (filhotes); sapos; lagartos; cobras	Humanos? Cobras de grande porte? Jacarés?	florestas; cerrado; ripário de água salgada; algumas espécies migratórias	pernalta; gregário; ninhos em plataformas
Martim-Pescador ( <i>Alcedinidae</i> sp.)48,49	peixes; também insetos e crustáceos	Corujas; canídeos; cobras	tropical; insular; florestas; ripário; mangue; ninhos em tuneis	crista característica; mergulha na água; bico grande; dimorfismo sexual; cospem bolas de ossos
Morcego ( <i>Chiroptera</i> sp.)50	frutas; néctar	corujas; outras aves de rapina?	tropical; cavernas; arborícola	notívago; gregário; diurno
Nhambu ( <i>Tinamidae</i> sp.)51	bagas, frutas caídas; grãos; sementes	canídeos; cobras; lagartos; aves de rapina	terrícola; ninhos em tocas no chão	canto melancólico; ovo marrons; ovos azuis; menor coração dentre as aves
Pato/Cisne/Ganso ( <i>Anatidae</i> sp.)52	plantas submersas; gramíneas; invertebrados aquáticos; girinos; peixes	canídeos; cobras; lagartos; aves de rapina	ripários; migratória; ninhos no chão	gregários; territoriais; grandes ninhadas; ovos grandes

[https://animaldiversity.org/accounts/Athene\\_cunicularia/](https://animaldiversity.org/accounts/Athene_cunicularia/)  
 (Motta-Junior, Alho, 2000)  
<https://www.wikiaves.com.br/wiki/coruja-buraqueira>  
[https://animaldiversity.org/accounts/Egretta\\_caerulea/](https://animaldiversity.org/accounts/Egretta_caerulea/)  
<https://animaldiversity.org/accounts/Alcedinidae/#200403253139>  
<https://www.wikiaves.com.br/wiki/alcedinidae>  
[https://animaldiversity.org/accounts/Artibeus\\_lituratus/](https://animaldiversity.org/accounts/Artibeus_lituratus/)  
<https://www.wikiaves.com.br/wiki/tinamidae>  
<https://www.wikiaves.com.br/wiki/irere>

Urubu-Rei ( <i>Sarcoramphus papa</i> ) <sup>53,54</sup>	necrófago	felídeos; cobras (filhotes)	cerrado e florestas; terrícola; sem ninhas (ovos depositados no solo)	Cabeça característica; grande envergadura; diurno; casais; solitário; voo planador
--	-----------	-----------------------------------	--	--

Fonte: ver notas de rodapé em cada caso.

Os animais alados de origem zooarqueológica colocam uma questão interessante quando comparados às esculturas zoomórficas: enquanto são gastronomicamente pouco relevantes, a nível de escultura e estilo são muito numerosos – ainda que geralmente indefiníveis em seus detalhes de proveito taxonômico. Sabe-se que diversas aves como o vira-pedras (*Arenaria interpres*), várias espécies de maçarico (*Scolopacidae sp.*) e a gaivota rapineira (*Stercorarius sp.*) atravessam o litoral catarinense (GROSE, CREMER, 2015), e possuem etologias acessíveis, mas não se pode afirmar que qualquer uma das 152 esculturas de aves<sup>55</sup> é um desses animais. Mesmo assim, há 35 esculturas que se comportam como aves de rapina, olhando para baixo; ou por um adereço da espécie, como um bico aquilino. O “tipo rapineiro” pode ser resumido pela escultura Nº 161, a única de todos os zoomorfos a ter garras excisas (até o momento):

Figura 9- Ave de Rapina Nº 162



Fonte: PROUS (2015, p. 79)

Rohr indica algumas outras possibilidades encontradas no sambaqui de Pântano do Sul (1977, p. 49-57), mas não há sustentação do ponto de vista taxonômico para uma identificação até a clade de gênero – o que não invalida

<https://www.wikiaves.com.br/wiki/urubu-rei>  
[https://animaldiversity.org/accounts/Sarcoramphus\\_papa/](https://animaldiversity.org/accounts/Sarcoramphus_papa/)  
 Segundo nossa apreciação do catálogo de Prous (1977a).

suas interpretações, afinal, pois tampouco é possível dizer muito além disso a princípio. Interessante na lista é a presença de nhambús, carne tida por ruim em diversas etnias contemporâneas – e também uma ave predominantemente terrestre – não deveria fazer parte da lista anterior? Ao final, as silenciosas corujas se insinuam como a exceção que toda regra tem por regra; ao menos três casos são suspeitos<sup>56</sup>. Como principal afecção desse pequeno conjunto, todos destoam de se parecer por outros motivos além do animal e da tipologia paquiforme<sup>57</sup>: a escultura Nº 110 (PROUS, 1977a, p. 37; 2015, p. 7258), do sambaqui da Conquista I (Joinville); a escultura Nº 88 (PROUS, 1977a, p. 32), do sambaqui de Matinhos, no Paraná; e uma escultura tentativamente catalogada como Nº 251 (AGUILAR, 2000, p. 60; GOMES, 2012, p. 182), uma muito interessante intersecção entre coruja, homem, seixo e ovo.

Figura 10- Escultura Nº 110



Fonte: PROUS, (1977a, p. 37; 2015, p. 72), do sambaqui da Conquista I (Joinville)

---

Escultura Nº 110 (PROUS, 1977a, p. 37; 2015, p. 72), do sambaqui da Conquista I (Joinville); escultura Nº 88 (PROUS, 1977a, p. 32), do sambaqui de Matinhos, no Paraná; e uma escultura tentativamente catalogada como Nº 251 (AGUILAR, 2000, p. 60; GOMES, 2012, p. 182), uma muito interessante intersecção entre coruja, homem, seixo e ovo.

Daremos-nos essa liberdade de abordar as tipologias *proubianas* mais adiante. “Proubiano” é o termo por nós empregado para nos referirmos ao conjunto de publicações e terminologias cunhadas por André Prous; em contraponto a “proussiano”, referente a uma nação europeia extinta.

Tiburtius e Bigarella (1960, p. 51) dizem ser um inseto estilizado.

Figura 11- Cabeça de Coruja em vértebra de Baleia, Nº 88



Fonte: Fonte: FILIPI POMPEU (2018).

Figura 12- Nº 251



Fonte: PROUS (2015, p. 60).

### 3.2.3 Animais Nadadores/Anfíbios

Por sua vez, animais que têm relações majoritariamente relacionadas à água são os identificados com mais frequência sob forma de zoólitos; cerca de 79 esculturas parecem ser capazes, ou estar adaptadas, para locomoção aquática ou em ambientes associados à água (em nossa apreciação). Estão também dentre os casos de maior equilíbrio entre as propriedades nativas do bloco inicial, e o detalhamento e esmero dentre as esculturas; um atributo de eminência etnoestilística<sup>59</sup>: “Tout se passe paradoxalement comme si le réalisme des détails était, dans l’ensemble des pièces, inversement proportionnel à la libération vis-à-vis de la matière brute” (PROUS, 1977a, p. 72).

<sup>59</sup> Junto aos paquiformes (PROUS, 1977a, p. 71).

Contudo, a água se distribui ao sabor dos leitos que conseguem contê-la ou canalizá-la. Nestes caminhos mais ou menos rasos ou fundos, estreitos ou largos, se precipitam correntes e turbulências que servem como leitos, estradas ou montanhas para os animais – aí dentro há diversas formas de locomoção, quase sempre associadas à migração<sup>60</sup>. As formas principais são: *diádromos* são peixes que migram entre águas fluviais e marítimas; *anádromos* vivem no mar, mas a troca de gametas, a postura de ovos e o crescimento dos alevinos precisa ser em água doce; *catádromos* são o contrário dos *anádromos*, em que a água salgada é requisito para a troca de gametas, embora vivam sua vida adulta na água doce; *anfídromos* também trocam do meio doce para o salgado, mas não em virtude de reprodução, senão por outras características fisiológicas; *potamódromos* são peixes exclusivos de água doce, vivendo ali todo o seu ciclo e migrando apenas dentro deste meio, e; *oceanódromos* são o seu equivalente marinho.

Figura 13- Tubarão-branco Nº 253



Fonte: PROUS (2015, p. 86-87)

Figura 14- Tubarão-martelo Nº 216



Fonte: LADISLAU NETTO (1885, p. 510)

---

Embora alguns mamíferos e aves também desfrutem do oceano como ambiente principal. Aparecerão aqui, a contragosto de toda taxonomia.

Figura 15- Sargo/linguado Nº 7



Fonte: ORICCHIO (2020, comunicação pessoal)

Figura 16- Tainha Nº 127



Fonte: FILIPI POMPEU (2018)

Figura 17- Baleia orca Nº 103



Fonte: PROUS (2015, p. 91)

Figura 18- Piau Nº 9



Fonte: LADISLAU NETTO (1885, p. 510).

Contudo, nem todos os animais que irão figurar na lista são nadadores por natureza. Os albatrozes, que nidificam apenas em ilhas altas e escarpadas, às

vezes, costumam dar mortos na praia (BARBIERI, 2010); assim como algumas espécies de pinguins e sirênios. A estrela-do-mar e o ouriço-do-mar representam os equinodermos rastejantes e as rochas escuras cobertas de algas das áreas alagáveis da maré; enquanto as tartarugas nos lembram dos hábitos de postura junto às dunas das praias; e alguns caranguejos e siris, trazem os ares do mangue. Os peixes podem ser divididos entre os de alto-mar, os de água doce e os de água salobra – geralmente com as espécies migratórias sendo as mais tolerantes às alterações de salinidade, como a tainha, os golfinhos e a miraguaia, apenas para citar alguns exemplos.

Embora correspondam quantitativamente à maior parte das evidências zooarqueológicas, pouco se sabe sobre o comportamento etológico e ecológico de peixes em geral até hoje. Como animais aquáticos, a observação direta é comprometida, sendo que os dados disponíveis são escassos. Em alguns momentos, foi possível apenas encontrar informações a nível de gênero, ou em notícias de ocorrências em mares de outros países atlânticos – em virtude disto, a tabela abaixo deve ser considerada com ressalvas:

Quadro 4 - Espécies animais encontrados nos sambaquis e concheiros da Baía da Babitonga e um pouco de seu comportamento.

Animal	O que ele come? (alimentação)	Quem come ele?	Onde dorme?/ Onde você viu?	Como é o seu jeito? (corpo)	Época de Migração/Reprodução
Acará (Cichlidae sp./ <i>Geophagus brasiliensis</i> )	Peixe - Águas doces e salobras; bentopelágico <sup>61</sup> ; potamódromo; machos levam os ovos na cabeça <sup>62</sup> <sup>63</sup> ;				primavera (set./dez.) <sup>64</sup>
Albatroz ( <i>Diomedea</i> sp./ <i>Thalassarche</i> sp.)	Ave – nidificam em ilhas isoladas e escarpadas; às vezes dão mortos na praia <sup>65</sup>				Reprodução no Sul: inverno/verão (ago./maio) <sup>66</sup>
Aratu ( <i>Brachyura</i> sp.)	Caranguejo - folhas e raízes do mangue; preda gastrópodes; exclusivo de áreas de manguezal <sup>67</sup>				outono (mar./maio) <sup>68</sup>

De fundo e de superfície.

Migra na água doce. <https://www.merriam-webster.com/dictionary/potamodromous>

<http://www.fishbase.org/summary/Geophagus-brasiliensis.html>

MOTA, CAMPOS, RODRIGUES, 1983., p. 127.

BARBIERI, 2010.

PEREIRA, 2018, p. 20, 22.

<sup>67</sup> [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-81752008000200005&script=sci\\_arttext&tIng=pt;https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/view/20782;](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-81752008000200005&script=sci_arttext&tIng=pt;https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/view/20782)

COSTA-NETO, LIMA, 2000, p. 201.

Anchova ( <i>Pomatomus saltatrix</i> )	Peixe – Zoólito; águas marinhas; estuarino; 0-200 m de profundidade; típicos de águas movimentadas; cardumes; agressivo e voraz: atacam outros cardumes e não consomem tudo que matam; associado a tubarões e peixes-espada; mordem quando manipulados; miga para águas quentes no inverno e para frias no verão; saboroso <sup>69</sup> ; mangue é berçário da espécie; alta mobilidade <sup>70</sup>	inverno/verão (jun./mar.) <sup>71</sup> .
Badejo ( <i>Mictroperca</i> sp.)	Peixe – marinho; associado a recifes; ?-250 m de profundidade; solitário; carnívoro (peixes e crustáceos); potencialmente venenoso <sup>72</sup> ; dimorfismo sexual por cor e tamanho; bêntico <sup>73</sup> , recifes, costeiro; água salobra; notívago; migratório; solitário; reprodução gregária; 2m-198 m prof. <sup>74</sup>	inverno/primavera (jul./out.) <sup>75</sup> .
Bagre/Jundiá (Ariidae sp./ <i>Cathorops spixii</i> / <i>Notharius grandicassis</i> / <i>Netuma barba</i> )	Peixe - onívoro; espécies de águas doces, salobras e salgadas (Ariidae sp.); bentônico; esporão-barbatana; venenoso; sem escamas; carne oleaginosa; barbilhões (bigodes); machos levam os ovos na boca <sup>76</sup>  Alimento de banquetes funerários (Klokler, 2016)	primavera (out./dez.) <sup>77</sup> .
Baiacu-Ará/Baiacu-Liso/Baiacu-de-Espinho ( <i>Lagocephalus laevigatus</i> / <i>Diodon</i> sp.)	Peixe – marinho; estuarino; 10-180 m de profundidade; solitário ou pequenos grupos <sup>78</sup>	inverno/verão (ago./nov.) <sup>79</sup> .
Baleia ( <i>Balaenoptera</i> sp.)	Zoólitos; marinho; maior mamífero do planeta; fonte de matéria-prima (carne, ossos, gordura, pele); migratório;	inverno/verão (jul./nov.) <sup>80</sup>
Bolacha-do-Mar ( <i>Encopemarginata</i> )	Equinodermo - Seres microscópicos; bêntico; se enterra no solo <sup>81</sup>	?
Caranha/Pargo ( <i>Lutjanus</i> )	Peixe - Águas doces, salobras e marinhas; bentopelágico <sup>82</sup> ; associado a recifes; anfídromo <sup>83</sup>	inverno (jun./set.) <sup>84</sup>

<http://www.fishbase.se/summary/Pomatomus-saltatrix.html>

[https://animaldiversity.org/accounts/Pomatomus\\_saltatrix/](https://animaldiversity.org/accounts/Pomatomus_saltatrix/)

VILLELA, 2015, p. 15.

<http://www.fishbase.se/summary/Mycteroperca-bonaci.html>

Que vive no fundo do mar.

[https://animaldiversity.org/accounts/Mycteroperca\\_venenosa/](https://animaldiversity.org/accounts/Mycteroperca_venenosa/)

FREITAS, 2014, p. 70.

<http://www.fishbase.org/summary/Genidens-barbus.html>

NUNES, 2020, p. 32

<http://www.fishbase.org/summary/Lagocephalus-laevigatus.html>

DENADAI et. ali. 2012, p. 407.

<https://www.rotabaleiafranca.com.br/a-rbf/baleia-franca/>

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/3106/1/v12n4a13.pdf>

De fundo e de superfície.

Migra da água doce para a salgada, ou vice-versa, em algum momento da vida que não por reprodução. <https://www.merriam-webster.com/dictionary/amphidromous>

DÔMEIER, KOENIG, COLEMAN, 1993, p. 189

sp/Lutjanus griseus)		
Cangauá (Stellifer sp./Bairdiella ronchus)	Peixe – marinho; estuarino demersal <sup>85</sup> ; 16-40 m de profundidade <sup>86</sup> ;	primavera (set./dez.) <sup>87</sup>
Cherne/Garoup (Epinephelus sp./Hyporthodus niveatus)	Peixe – marinho; demersal; 30-525m de profundidade; apenas juvenis chegam às praias <sup>88</sup> ;	verão (dez./mar.) <sup>89</sup>
Caranguejo-Uçá (Ucides cordatus)	Folhas e raízes do mangue; Áreas alagadiças; migração e reprodução coincidem; machos expõem espuma e lutam com outros machos; predado por baiacus, Anatídeos (patos, gansos, marrecos) e guaxinins, atividade lunar intensa <sup>90</sup>	verão (dez./jan.) <sup>91</sup>
Corvina (Micropogonias furnieri/Isopisthus?)	Peixe - marinho; estuarino; demersal; oceanódromo; – 60m de profundidade, susalmente 20-30m; cardumes; berçário no fundo de estuários; juvenis se alimentam de moluscos sésseis e peixes <sup>92</sup> ; Alimento de banquetes funerários (Klokler, 2016)	todo o ano, com picos em abril, setembro e novembro <sup>93</sup>
Goete (Cynoscion jamaicensis)	Peixe – marinho; demersal; 1-70m de profundidade, raramente abaixo de 18m; juvenis vivem em estuários fluviais <sup>94</sup> ;	inverno/primavera (jul./out.) <sup>95</sup>
Golfinho (Delfinidae/Tursiops sp./Delphinus sp./Steno sp.)	Zoólitos; mamífero marinho carnívoro; gregário; sociável; comensalismo com rêmoras <sup>96</sup> ; revelam cardumes de enxovas <sup>97</sup>	truncatus: outono/inverno <sup>98</sup> Delphinus sp.: maio/set. <sup>99</sup>
Guaiamú (Cardisoma guanhumí)	Caranguejo – águas marinhas e salobras; estuários e rios; dimorfismo sexual; azuis e violetas; pinça grande pode chegar a 30cm; solitário <sup>100</sup>	verão; luas cheias <sup>101</sup>

Que nada no fundo do mar.

<https://www.fishbase.de/summary/Bairdiella-ronchus.html>

SOUZA, CHAVES, 2007, p. 1118.

<https://www.fishbase.de/summary/Hyporthodus-niveatus.html>

ANDRADE, et. ali. 2003, p. 373.

WUNDERLICH, PINHEIRO, RODRIGUES, 2008, p. 188.

Op. cit.

<https://www.fishbase.de/summary/Micropogonias-furnieri.html>

ISAAC, 1988, p. 5.

<https://www.fishbase.de/summary/Cynoscion-jamaicensis.html>

SILVANO et. ali. 2006, p. 347.

<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/107648>

(PROUS, 1977, p. 94).

SANTOS, 2016, p. 7.

A espécie é globalmente cosmopolita e o período se refere ao hemisfério norte: MURPHY, COLLET, ROGAN, 2005, p. 1247.

[https://animaldiversity.org/accounts/Cardisoma\\_guanhumí/](https://animaldiversity.org/accounts/Cardisoma_guanhumí/)

Op. cit.

Guaivira/Salteir (Oligoplites sp./Caranx sp.)	Peixe – águas marinhas e salobras; bentopelágico; ?-40m de profundidade <sup>102</sup> ;	Todo o ano, pico entre ago./jan. <sup>103</sup>
Jacaré/ Jacaré- de-Papo- Amarelo (Caiman latirostris)	Águas doces e salobras; pântanos, mangues, rios e estuários; dimorfismo sexual; pele macia; dominância; solitário; crepuscular; sedentário <sup>104</sup>	Cruza: inverno verão (out./dez.); eclosão: março <sup>105</sup>
Leão- Marinho/Foca (Pinnipedia sp.)	Zoólito; marinho, salobro (em menor medida); semi-terrestre; comem moluscos bivalves; dimorfismo sexual; gregários;	Migração invernal <sup>106</sup>
Ouriço-do-Mar (Echinoidea sp.)	Marinho, bêntico, entre algas e rochedos; há espécies venenosas; espinhos protuberantes	?
Oveva (Larimus breviceps)	Peixe – águas marinhas e salobras; demersal; 1- 60m de profundidade; estuários <sup>107</sup> ;	Verão (dez./mar.) <sup>108</sup>
Miraguaia (Pogonias cromis)	Peixe – águas marinhas e salobras; demersal; oceanódromo; 10-?m de profundidade; áreas de desembocadura fluvial; juvenis entram em estuários; come moluscos <sup>109</sup>	Inverno/Verão (out./jan.) <sup>110</sup>
Parú/Enxada (Chaetodipter- us faber)	Zoólito; Peixe - águas marinhas e salobras; associado a recifes; oceanódromo; 3-35m de profundidade; juvenis pretos nadam como folhas secas; grandes cardumes; comem moluscos; durante a desova podem ficar à deriva <sup>111</sup> .	Verão (nov./jan.) <sup>112</sup> .
Peixe- Cofre/Peixe- Vaca (Ostraciidae sp./Acanthostr- acion sp.)	Zoólito – marinho; associado a recifes; 1-80m de profundidade; em campos de algas; come moluscos <sup>113</sup>	?
Peixe- Espada/Peixe- Fita (Trichiurus lepturus)	Águas marinhas e salobras; bentopelágico; anfídomos; 0-589m de profundidade; adultos caçam na superfície e descem ao fundo de noite – juvenis é o contrário; até 2,3m de comprimento; juvenis formam cardumes <sup>114</sup> ;	Primavera/Verão (nov./abr.) <sup>115</sup>

<https://www.fishbase.de/Summary/SpeciesSummary.php?ID=1000&AT=salteira>  
SILVANO et. ali. 2006, p. 377.

[https://animaldiversity.org/accounts/Caiman\\_latirostris/](https://animaldiversity.org/accounts/Caiman_latirostris/)  
POLETTA et. ali. 2009, p. 96.

<sup>106</sup><https://www.icmbio.gov.br/apabaleiafranca/destaques/80-ocorrencia-de-lobos-e-leoes-marinhos-e-registrada-na-regiao-sul-do-brasil.html>

<https://www.fishbase.de/Summary/SpeciesSummary.php?ID=1180&AT=oveva>  
SOUZA, CHAVES, 2007, p. 1118.

<https://www.fishbase.de/Summary/SpeciesSummary.php?ID=425&AT=miraguaia>  
CANZIANI, 2015, p. 12.

NUNES, 2020, p. 36.

NUNES, 2020, p. 36.

<https://www.fishbase.de/Summary/SpeciesSummary.php?ID=92&AT=peixe-cofre>

<https://www.fishbase.de/summary/Trichiurus-lepturus.html>



Pescada-Acoupa (Cynosion acoupa/ Nebris micros/ Cynosion leiarchus/Cynosion virescens)	Águas doces, marinhas e salobras; demersal, oceanódromo. 1-20m de profundidade; cardumes; juvenis tem berçário em estuários e mangues116	Verão (dez./mar.)117
Piau (Schizodon sp.)	Peixe – Zoólito; água doce; bentopelágico; cruzam em locais vegetados; nada com a cabeça para cima118	Inverno/Verão (out./mar.)119.
Pinguim-de-Magalhães (Spheniscus magellanicus)	Zoólito; marinho; pelágico; migratório (litoral sul é local de reprodução); aparecem mortos ou debilitados nas praias; nadam em bandos;	Migração: Inverno/Verão (jun./dez.).120
Prejereba (Lobotes surinamensis)	Peixe – Zoólito; águas marinhas e salobras; bentopelágico; oceanódromo; baías, estuários e desembocaduras de rios; as vezes se deixa boiar na superfície; juvenis nadam como folhas secas121	Primavera/Verão (out./mar.)122.
Raia/Arraia (Rhinoptera bonasus/Sphyrna tiburo/Pristis sp./Myliobatis goodei/Aetobatus narinari)	Selácio - Zoólito – águas marinhas e salobras; bentopelágico; anfídromo; 1-80m de profundidade; saltador; cardumes; molusco principal alimento123	Primavera/Verão (out./mar.)124.
Robalo (Centropomus sp.)	Peixe - Águas marinhas, salobras e salgadas; demersal; anfídromo; estuários e recifes125;	Verão (dez.)126.
Roncador/Corcoroca (Haemulidae sp./Conodon nobilis/Haemulon sp.)	Peixe – marinho; demersal; 1-100m de profundidade; notívago; fundo rochoso127	Todo o ano, mais intenso no verão128.
Sargo/Sargo-de-Dente (Sparidae sp./Archosargus)	Peixe – Zoólito; águas marinhas e salobras; associado a recifes; 15-?m de profundidade; listrado paralelo; dentes muito parecidos com os humanos;	Verão/Outono (fev./maio)130.

<https://www.fishbase.de/Summary/SpeciesSummary.php?ID=1169&AT=pescada>  
SANTOS, 1997, p. 15.

<https://www.fishbase.de/summary/Schizodon-australis.html>  
SANTOS, 1980, p. 395.

MÄDER, SANDER, CASA JR., 2010, p. 228.

<https://www.fishbase.de/summary/Lobotes-surinamensis.html>

FAGUNDES, 2019, p. x.

<https://www.fishbase.de/Summary/SpeciesSummary.php?ID=1250&AT=arraia>

ARAÚJO, ODONE, VELASCO, 2016, p. 1.

<https://www.fishbase.de/Summary/SpeciesSummary.php?ID=1014&AT=robalo>

NUNES, 2020, p. 36.

<https://www.fishbase.de/summary/Conodon-nobilis.html>

DA SILVA, et. ali. 2019, p. 238.

BELL, 2005, p. 2.

s probatocephalus;/Anisotremus sp.)	bastante saboroso; alimentação principal de moluscos <sup>129</sup>	
Siri (Callinectes sp.)	Águas marinhas, salobras e doces; comum em estuários; coloração azul característica; come moluscos <sup>131</sup> ;	Verão (jan./maio) <sup>132</sup> .
Tamboril/Miracéu (Astroscopus sexpinosus/Urano Scopidae sp.)	Peixe – Zoolito; marinho; demersal; 5-15m de profundidade; cabeça característica <sup>133</sup>	?
Tainha (Mugil sp.)	Peixe - Zoólito; águas marinhas, salobras e doces; demersal; catádromo <sup>134</sup> ; migrações ao longo da costa; cardumes <sup>135</sup>	outono/inverno (mar./set.) <sup>136</sup>
Tartaruga (Chelidae sp.)	Quelônio - Zoólito – Águas marinhas, salgadas e salobras; migratório; casco característico	espécies: Inverno/Verão (set./abr.) <sup>137</sup> .
Tubarão/Cação (Selachimorph sp./Alopias vulpinus/Carcharodon carcharias/Priónace glauca/Carcharias taurus/Isurus oxyrinchus/Carcharhinus sp./C. leucas/C. obscurus/C. plumbeus/Galeocerdo cuvier)	Zoolito (Tubarão-Branco); marinho; pelágico; solitário ou em pares; estuarino; oceanódromo; 0-1200m de profundidade; ataca humanos, associação com peixes oportunistas <sup>138</sup>	Para C. acronotus: Verão (fev./mai.) <sup>139</sup> .
Tubarão-Martelo (Sphyrna spp.)	Zoólito – marinho; pelágico; estuários e baías; oceanódromo; 0-1000m de profundidade; solitário, em pares e cardumes <sup>140</sup>	Verão (mar.) <sup>141</sup> .

Fonte: ver notas de rodapé em cada caso.

<https://www.fishbase.de/summary/Archosargus-probatocephalus.html>

[https://animaldiversity.org/accounts/Callinectes\\_sapidus/](https://animaldiversity.org/accounts/Callinectes_sapidus/)

MANTELATTO, FRANSÓZO, 1999, p. 66.

<https://www.fishbase.de/summary/Astroscopus-sexpinosus.html>

Nasce na água salada, se desenvolve na água doce e depois volta à água salgada.

<https://www.fishbase.de/Summary/SpeciesSummary.php?ID=1090&AT=tainha>

HERBST, 2013, p. 58

<https://www.tamar.org.br/noticia1.php?cod=899>

<https://www.fishbase.de/summary/Carcharodon-carcharias.html>

HAZIN, OLIVEIRA, BROADHURST, 2002, p. 144.

<sup>140</sup>

<https://www.fishbase.de/Summary/SpeciesSummary.php?ID=912&AT=tubar%C3%A3o+martelo>

VOOREN et. ali. 2000 apud ALVES, 2017, p. 45.

Além da quantidade de espécimes, é possível perceber que o verão é preferencial para os movimentos de reprodução das espécies; muito embora haja bastantes espécies invernais. Isso garante a possibilidade de depender da pesca o ano todo, mesmo que no inverno possa ser necessário complementar a dieta com moluscos, caça e vegetais.

### 3.3 Moluscos

Falando em *malaco-*; não seria possível encerrar este capítulo sem os moluscos. Estão divididos em dois grandes grupos; os bivalves e os gastrópodes – embora existam outros três grupos menores, nos focaremos nestes, os principais nos sambaquis. São animais que podem habitar um considerável número de habitats, existindo diversas espécies adaptadas a amplas variações de salinidade, podendo ser plenamente terrestres ou aquáticos, com muitas espécies vivendo entre ambos nichos. Como o componente principal das conchas é cálcio, outras evidências de fragilidade considerável quando em solos alcalinos, como ossos e dentes, são preservados (ALLEN, PAYNE, 2017).

Sua disposição nos ambientes também é diversa como suas espécies. Desde bancos de moluscos agarrados às rochas atingidas eternamente pela maré, passando por pequenos bandos de animais independentes que se enterram nas areias das praias, até gastrópodes que predam outros moluscos tanto na água doce quanto na salgadas. Todos substratos em contato com a água doce, marinha ou salobra possuem suas próprias populações de pelecípodas (o outro nome dos bivalves) e caracóis que servem de predadores e alimentos uns para os outros. Como existem espécies sésseis que se multiplicam em grande quantidade, é bastante provável que o maná do litoral, antecedendo os peixes num ponto de vista da distância e disponibilidade, fosse representado por estes animais.

A referência principal para as espécies marinhas é *Conchas Marinhas de Sambaquis do Brasil* (SOUZA, LIMA, SILVA, 2011). Praticamente todas as espécies são de ambiente marinho; embora algumas delas não suportem grandes variações de salinidade, entende-se que todas as descrições que se refiram à zona entremarés/intertidal (ou que considerem substratos lamosos) podem ser ou de mangue ou de mar aberto.

Quadro 5 – Espécies de moluscos encontrados nos sambaquis e concheiros da Baía da Babitonga e um pouco de seu comportamento.

Molusco	Detalhes
Ameijôa/Lambreta/Sernambi ( <i>Phacoides pectinatus</i> )	Bivalve marinho livre; substratos arenosos e areno-lodosos; comestível
Aruá? ( <i>Pomacea</i> sp./ <i>Ampullaria</i> sp.?)	Gastrópode fluvial
Aruá-do-Mangue ( <i>Neritina virgínea</i> )	Gastrópode; Águas salobras; fundos lamosos, raízes de halófitas; as vezes entre rochas; coloração variada com padrões diferentes
Asa-de-Anjo/Tampa-Fole ( <i>Cyrtopleura costata</i> )	Bivalve livre; Águas marinhas e salobras; perfurante de estrato lodosos e rochas de baixa resistência; até 10m de profundidade; comestível
Baquiqui ( <i>Erodona mactroides</i> )	Bivalve marinho; fundos lodosos; até 10m de profundidade; valva direita maior Bivalve marinho livre; concha grossa e pesada; enterrada em substratos lamosos/arenosos, dentro de baías ou estuários; regiões entremarés; até 5m de profundidade; produz pequenas pérolas negras; comestível;
Berbigão/Samanguaiá/Sernambi/Mija-Mija/Vôngole ( <i>Anomalocardia brasiliana/Tivela</i> sp.)	Bivalve marinha; Infralitoral 142; 5-75m de profundidade, fundos arenosos e lodosos; seção quadrangular; comestível?
Berbigão-de-Sangue/Amêijoas-do-Sangue ( <i>Anadara</i> sp.)	Gastrópode marinho; fundos arenosos entremarés
<i>Bulla striata</i>	Gastrópode marinho; fundos arenosos entremarés de até 30m de profundidade; ponta externa característica; comestível 143
Búzio ( <i>Olivancillaria</i> sp.)	Gastrópodo terrestre
Caracol-de-Jardim ( <i>Megalobulimus</i> sp.)	Gastrópode marinho; fundos arenosos; até 15m de profundidade; rosa ou marrom; brilhante; três voltas
Caracol-da-Lua ( <i>Polinices hepaticus</i> )	Gastrópodo marinho ou de mangue; supralitoral rochoso ou sobre vegetação de mangue; forma geral triangular; acintada com listras irregulares
Caramujo ( <i>Littorina</i> sp.) <sup>144</sup>	marrons/amarelada/acinzentada com bandas multicoloridas; 6 a 9 voltas
<i>Cerithium atratum</i>	Gastrópode marinho ou de mangue; substratos arenosos, lodosos ou rochosos; até 80m de profundidade; concha turiforme; 10 a 13 voltas; 18 a 20 protuberâncias por volta; cinza com matiz creme, branco e marrom
<i>Chione</i> sp. <sup>145</sup>	Bivalve marinho; região entremarés até 140m de profundidade; substratos arenosos, areno-lodosos e entre rochas; padrão de costelas radiais; manchas radiais arroxadas e marrons
Craca ( <i>Balanus</i> sp.)	Gastrópode marinho; afixado as rochas

Região permanentemente submersa, com limite superior povoado por algas *Sargassus* sp.

Consulta feita para *Olivancillaria urseus*.

Há três espécies sob este gênero: *Echinolittorina lineolata* (L. ziczac), L. flava e L. angulifera. As informações são uma sumula destas espécies.

Consulta feita para *Chione cancellata*.

Crepidula sp.146	Bivalve marinho; substratos rochosos, sobre corais e mangue; 12 a 36m de profundidade
Cymatium parthenopeum	Gastrópode marinho; substratos rochosos entremarés até 65m de profundidade; 7 a 8 voltas com 5 6 cordões espirais; canal sifonal comprido; comestível
Dedo-de-Moça (Tagelus plebeius)	Bivalve marinho; fundos arenosos, arenolodosos e em desembocadura de rios; até 10m de profundidade; casca fina; comestível
“Grão-de-Café” (Melampus coffeus)	Gastrópode de águas salobras; estuários, substratos lodosos de mangue; supralitoral
Macoma constricta	Bivalve marinho; entremarés; substratos lodosos de estuários; se enterra até 30cm de profundidade sobre a valva esquerda
Mexilhão/Marisco/Sururu/Bacucu (Mytella guianensis/Perna perna/Mytella charruana/Modiolus brasiliensis)	Bivalve marinho; fundos arenolodosos, preso às rochas em colônias; comestível
Mexilhão-dos-Tolos/Bacucu/Sururu (Brachydontes sp)147.	Bivalve marinho; aderido em rochas na região entremarés e raízes de mangue; 0,3 a 2m de profundidade; comestível
Moçambique/Beguara (Donax hanleyanus/Donax hilairea)	Bivalve marinho; entremarés de praias arenosas; se enterra; comestível
Murex senegalensis/Siratus senegalensis 148	Gastrópode marinho; fundos arenosos entremarés; 8 voltas com espinhos longos; canal sifonal longo
Nassarius sp./Nassarius vibex	Gastrópode marinho; águas salobras; substratos lodosos e arenolodosos; 7 voltas convexas;
Ostra/Gureri (Ostrea sp./Crassostrea sp.)149	Bivalve marinho e de mangue; substratos duros, rochas e aderida a raízes de Rhizophora mangle; entremarés; profundidade até 50m; comestível. Bivalve marinho; águas rasas; aderida a rochas ou raízes de mangue; concha muito característica com esporões ou escamas bastante projetadas; interior nacarado; produtora de pérolas de alto valor comercial; comestível.
Pinctada imbricata	Bivalve marinho; fundos arenosos em águas rasas
Pitar circinatus	Gastrópode marinho; substratos arenosos e arenolodosos; até 10m de profundidade; concha grande e espessa; comestível; 8 ou 9 voltas com nódulos protuberantes sobre as últimas voltas.
Pregoari/Búzio (Strombus pugilis)	Gastrópode marinho; substratos rochosos; regiões entremarés; 5 a 7 voltas; diversos padrões de cores e disposição destas; preda mytilídeos como o Mexilhão perfurando suas conchas.
Sacuritá/Caramujo-Liso/Corogondó (Thais haemastoma/Stramonita haemastoma)	Bivalve marinho; substratos arenosos e arenolodosos; entremarés; até 75m de profundidade.
Semele proficua	

Consulta feita para *Bostrycapulus aculeatus* (Crepidula aculeata).

Consulta feita para *Brachydontes exustus*.

Sinonímia de *Siratus senegalensis*.

Consulta feita para *Ostrea puelchana* e *Crassostrea rhizophorae*.

Tarioba (*Iphigenia brasiliensis*)

Turú (*Teredo navalis*)

Bivalve marinho; substratos arenosos, areno-lamosos e estuarinos; enterra-se a cerca de 20cm de profundidade; comestível. Bivalve (mangue?); perfura substratos de madeira
---

Fonte – Souza, Lima, Silva (2013); e notas de rodapé em cada caso.

possível observar que, apesar das tentativas de dividir os animais de acordo com a sua mobilidade, existem diversas espécies que transladam frequentemente de um ambiente ao outro, sendo altamente adaptativas e móveis. Tanto aves quanto quadrúpedes terrestres denotam características oportunísticas, assim como algumas espécies são migratórias. Os peixes, muito mais numerosos, elencam igualmente este comportamento migratório sazonal, assim como a capacidade de adaptação aos três tipos de elementos aquáticos numa perspectiva dupla, às vezes tripla, de ambientes disponíveis ajuda a considerarmos que algumas espécies podem ter sido alvo de atenção dedicada por parte das pessoas sambaquianas.

O comportamento etológico de alguns animais já foi notado, como os golfinhos que entregam aos pescadores as localizações dos cardumes de tainhas (PROUS, 1977a, p. 95). O conjunto das esculturas, ressalta Castro Faria, "...revela um universo de conhecimentos empíricos, um domínio de saber não verbalizado, mas expresso plástica e tecnicamente de um modo não menos vigoroso e compreensivo" (CASTRO-FARIA, 1959, p. 14). "...marisqueiros apresentam um conhecimento robusto sobre os aspectos etológicos, biológicos e ecológicos dos recursos pesqueiros com os quais interagem, bem como reconhecem a influência que os ciclos lunares e da maré têm sobre esses animais" (COSTA-NETO, LIMA, 2000, p. 195-196). Contudo, para podermos compreender como se constitui esse conhecimento, é preciso terçarmos armas nos equipando do saber antropológico. Como os povos sambaquianos não nos deixaram um legado verbal, teremos que recorrer às formas culturais modulares e modelares do pensamento indígena: o totemismo e o animismo.

#### 4 O TOTEMISMO ONTEM

Animismo e totemismo podem ser pensados de duas formas distintas: antes e depois da percepção epistemológica de que Natureza e Cultura eram esferas divididas pelo naturalismo (LATOURET, 1994). O final do século XIX, que testemunhou a gestação intelectual dos conceitos, era marcada por um racismo sistematizado que se valeu da sua invenção para exaltar e justificar a presença europeia e a espoliação de povos que abrigavam e geravam os termos em questão. É claro que correntes teóricas inteiras que iriam influenciar de modo positivo o desenrolar da disciplina, como o difusionismo, por exemplo, foram cunhadas nesse período. Não é à toa que os conceitos de totemismo e fetichismo, cunhados com o mesmo objetivo, eram diferenciados do animismo com dificuldade (com menores ocorrências do “xamanismo”). O fetiche africano invertia as relações de valor entre objetos naturais ou corriqueiros e as manufaturas europeias; os primeiros eram muito mais desejados que os segundos.

“Feitiço” era o nome dado a esses objetos religiosos que desconcertavam os escravistas. O totemismo ainda seria um desenrolar dessa mistura, no qual estaria mais associada a uma relação de identificação com determinados animais-totem em prol da criação e manutenção de regras e normas sociais – geralmente sob a forma de clãs ou *sibs* (TAYLOR, 2005, p. 79; KECK, 2013, p. 122).

Essa identificação, entretanto, não era aplicável como a teoria azeitada parecia implicar. Os Nuer possuem totens que variam desde o leão, passando pela ema, rios, papiros, cordas, partes de animais e doenças. O termo “totem”, por sua vez, é Ojibwa; muito embora avaliações recentes associem a ontologia desse grupo norte-americano muito mais ao animismo do que ao totemismo (INGOLD, 2000, p. 112). Por sua vez, os grupos que esculpem totens de animais são etnias do pacífico norte; os Tsimshian e Haida. O modo encontrado foi evitar a dissociação plena, reiterando essas manifestações como gênese do que viriam a se tornar as religiões modernas (INSOLL, 2011), alimentando a dissolução das individualidades culturais que aí poderiam contribuir em sentido contrário. Tratava-se, evidentemente, de delimitar de forma um tanto vaga algo que fosse uma espécie de instituição social típica das sociedades selvagens. Não obstante, a premissa que levou até os, ainda rótulos, animismo e totemismo, era logicamente

verdadeira: como compreender o fato de que as etnias estudadas afirmavam categoricamente que existe um princípio de animação universal e evidente – que, quando presente, sempre íntimo – a cada uma das coisas que existem?

Estas ontologias<sup>150</sup>, genuínas em sua origem, apesar de um tanto esvaziadas pelo matiz colonialista, nunca deixaram de chamar a atenção pelas inferências que a simples tentativa de se considerar conjuntos ou unidades de significado específico provoca. É visível que, na verdade, a tentativa de definir com clareza cada um não era o foco da disciplina no período, com estas terminologias sendo, na prática, sinónimas na hora de aplicar este ou aquele rótulo. A maça podre era o particionar da estrutura social destes povos em estamentos sociológicos teleológicos e unilaterais em que não havia intercomunicação com outros aspectos culturais específicos aos grupos em questão – apenas comparações superficiais de motivos míticos, estruturas de parentesco e sistemas de crença compartilhados de modo desigual no globo estavam numa etapa de conexão e associação ainda muito incipiente. Qualquer demonstração de originalidade era varrida para dentro de uma caixa etiquetada pronta para entrar na ordem pré-estabelecida das enciclopédias – o que talvez fosse necessário à época para facilitar o trabalho que tais sùmulas gerais exigem. A questão da intercorrência e popularidade desses conceitos, todavia, extrapolou a previdência quando não era preciso disfarçar ou afirmar qualquer preconceito enraizado no fértil solo do Ego. Essa “ilusão totêmica” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. traria consequências imensas para ambos os lados desta relação entre “informante” e “porta-voz” (ainda que de forma muito mais grave para um do que para outros). O eco desse falso equívoco se estendeu por praticamente toda a centena de anos que seguiu; e algo do que é produzido na antropologia e ciências associadas ainda é guiado pelos produtos de alguns desses argumentos. Não convém explorar demasiado esta senda – Philippe Descola coloca que “a Etnologia começou a progredir apenas a partir do momento que ela abandonou a questão das origens” (DESCOLA, 2002, p. 94). Origens, essas, que como vimos,

---

A ontologia como filosofia pode ser tomada, no modo mais amplo, como o estudo do ato de existir e das coisas que existem. Não se trata, entretanto, de existencialismo, pois dá mais atenção ao caráter da lógica relacional do que se considera *existir e existente*, do que propriamente lida com a condição humana de existência – embora não raro os temas se sublinhem um ao outro. É central para a ontologia o pensar sobre se e quais entidades existem, como se constituem, como e se se relacionam a uma universal e/ou umas às outras (se múltiplas forem), etc.

serviam apenas para criar uma antecipação e justificativa da ingerência econômica e social destes povos. Aos poucos, e conforme a realidade das sociedades etnografadas resistia a uma circunscrição definitiva e prática de totemismo, os ajustes foram se tornando cada vez mais fortuitos e notáveis. A mudança na forma como a antropologia observava o conceito seria distendida até o ponto do translúcido a partir do início da década de 1960. Resume bem essa noção a seguinte passagem:

totemismo é uma unidade artificial que existe apenas no pensamento do antropólogo e à qual nada de específico corresponde na realidade.

Quando se fala de totemismo, confundem-se, com efeito, dois problemas. O primeiro é a identificação frequente de seres humanos com plantas ou animais e que se refere a visões muito gerais sobre as relações do homem com a natureza; estas relações interessam à arte e à magia tanto quanto a sociedade e a religião. O segundo problema é a denominação dos grupos fundados no parentesco, a qual pode ser feita mediante vocábulos referentes a animais ou vegetais, mas também de muitas outras formas. O termo totemismo cobre somente os casos de coincidência entre as duas ordens. (LÉVI-STRAUSS, 1975, P. 21-22).

Essa abertura vinha de encontro com o que todas as tentativas anteriores de classificação esbarravam: a comparação entre as semelhanças de homens e animais não estava situada na ordem de uma identificação de caráter positivo como, por exemplo, pensava Malinowski, que via a classificação totêmica como resultado inconsciente da mera necessidade de matar a fome; comestível quando não-totem ou não comestível quando totem. A similitude não havia deixado de existir, apenas estava posta enquanto problema em outra escala das relações entre os conceitos de Natureza e Cultura – como ponto de equilíbrio do estruturalismo antropológico. Se o totemismo é a consideração da Natureza como modelo para a criação de categorias aplicáveis na realidade cultural tanto no nível da organização e sistematização da cultura, quanto na orientação das normas de parentesco, a identificação direta a um ou outro precisa ser parcial para que ainda exista um ponto de diferenciação a partir do qual possam partir novas relações. Logo, para Lévi-Strauss, se o totemismo já era arbitrário para a antropologia, imagine para os próprios nativos; de modo que, para entrar na lógica do sistema de correlações que se apresenta, é inútil, veja bem, um retorno teleológico às origens, como havia apontado Descola acima. Qualquer ponto de partida é válido

para o antropólogo belga, pois a dialética de semelhanças e diferenças é universal; as combinações são equivalentes às operações (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 27) e estas são dadas de acordo com suas características particulares tidas como naturais, concretas e sensíveis, como veremos em seguida.

Assim, o “pretense totemismo” de Lévi-Strauss tem como virtude a de colocar a humanidade como mediadora entre a Natureza e a Cultura, mais do que servir como descrição de uma religião ou teologia. Essa mediação repercute na inspiração, por assim dizer, da escolha de elementos muitas vezes aparentemente heteróclitos nessas características particulares, que, não obstante, produzem diferenciação. A diferenciação possui um papel fundamental nessa levada pois é este o ponto de identidade e comparação usado para construir o sistema lógico que rege cada um dos “totemismos”; e porque Homem e Natureza são essencialmente diferentes entre si enquanto unidades individuais (dado a crer que animais e humanos são incomparáveis entre si mesmos) – em contraponto às coletividades unificadas (como a escolha do clã a partir de características animais). A ideia é correlacionar as diferentes características concretas dos animais numa relação de identidade àqueles que admitem essa identidade como ponto de diferenciação. Os mitos de criação *Xokléng* explicam como os irmãos criadores, *Kamé* e *Kanyerú*, ao sair um de cada lado de dentro da terra, possuíam características particulares: *Kanyerú* era veloz, magro e de pés pequenos que também lhe conferiam uma personalidade impulsiva e instável; já *Kamé* tinha os pés grandes e lentos, mas era mais sábio e decidido. No tocante ao concreto, eles foram seguidos por pessoas que compartilhavam esses traços; essa é a origem do sistema de metades típico da etnia. Essa repercussão se dá igualmente no mundo concreto. Ao criarem os animais, os irmãos criadores lhes deram marcas corporais de linhas ou manchas que os fazem pertencer a determinada metade – e essa distinção se espelha no mundo: “Essas pinturas, o índio vê tanto na pele dos animais como nas cascas, nas folhas ou flores das plantas, e (...) cada metade emprega material tirado de preferência de animais e vegetais da mesma pintura” (NIMUENDAJU, 1986, p. 86-87). E, levando-se em consideração que a mitologia uma qualidade de narrativa: “Dito de outro modo, as operações da sensibilidade já têm um aspecto intelectual e os dados externos, de ordem geológica, botânica, zoológica, etc., nunca são intuitivamente apreendidos em si mesmos, mas na

forma de um *texto*, elaborado pela ação conjunta dos órgãos dos sentidos e do entendimento” (LÉVI-STRAUSS, 2014, p. 654)

Lévi-Strauss está dizendo que, para resolver os problemas gerados pelas permutações de parentesco, pela organização da ordem social e pela classificação dos elementos naturais (as questões geológicas, botânicas, zoológicas...), todas estas searas estão conjecturadas no fenômeno chamado *pelo tropo do texto antropológico* chamado de “totemismo”. Enquanto no primeiro momento, não é equivocado dizer que havia um reconhecimento claro dos problemas que dão substância à questão – ou seja, o totemismo como ideia é uma questão antropológica legítima –, apenas no segundo momento fica claro que o resultado e o motivo para resolução dessas questões é o *atravessar a passagem* da dicotomia Natureza/Cultura como uma dialética (Natureza : : Cultura<sup>151</sup>). A partir dessa dialética, executada como um leque de oposições e correlações que se expande alicerçada como possibilidade dessa antinomia, é possível inferir as operações lógicas que levam até sua atual expressão enquanto fenômeno social, material e mitológico. A questão do totemismo parecia estar superada.

#### 4.1 A CIÊNCIA DO CONCRETO HOJE

Metade do primeiro capítulo da obra que viria a se tornar a matriz mais aproximada do conceito corrente de estruturalismo (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 234-235) é dedicado a descrever e explicar que as classificações autóctones dadas para a natureza são mais numerosas e interessadas do que parecia à antropologia da época. Isto seria marcado pelo próprio advento das “grandes artes da civilização”: “cerâmica, tecelagem, agricultura e domesticação de animais” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 29) – embora técnicas ainda mais pretéritas façam falta nesse rol. Ao comparar os processos básicos entre sujeitos e objetos da taxonomia ocidental, usando exemplos da biologia e das classificações selvagens, ele atenta para o fato de que são exercícios fundamentais da existência de igual forma e propriedade. Chega mesmo a pensar esta *bricolage* – cujo termo é emprestado do campo da arte – como um movimento pré-científico antecessor e indispensável para o surgimento de uma ciência “engenheira” moderna: “...de maneira que o determinismo seria globalmente

---

Onde os dois dois pontos são o sinal matemático para equivalência.

*suposto e simulado, antes de ser conhecido e respeitado?”* (Op. cit., p. 26, grifos do autor). Ele realiza uma notável apreciação do movimento intelectual realizado pela “*práxis-bricoleur*”:

Poder-se-ia, portanto, dizer que tanto o cientista quanto o bricoleur, estão à espreita de mensagens, mas, para o bricoleur, trata-se de mensagens de alguma forma pré-transmitidas e que ele coleciona: como os códigos comerciais que, condensando a experiência passada da profissão, permitem enfrentar economicamente todas as situações novas (porém com a condição de que elas pertençam à mesma classe das antigas); já o homem de ciência, engenheiro ou físico, antecipa sempre a outra mensagem que poderia ser arrancada a um interlocutor, apesar de sua relutância em se pronunciar a respeito de questões cujas respostas não foram dadas anteriormente. O conceito aparece assim como o operador de uma abertura do conjunto com o qual se trabalha, sendo a significação o operador de sua reorganização: ela não o aumenta nem o renova, limitando-se a obter o grupo de suas transformações. (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 35-36).

A esta ciência não-ocidental ele chama: *ciência do concreto*, que também nomeia o primeiro capítulo do *Pensamento Selvagem*. No capítulo seguinte, *Lógica das Classificações Totêmicas*, há apenas uma referência breve ao animismo, em que ele a associa como resultado do debate de Sartre sobre razão analítica e razão dialética. Para ele, o uso destas categorias reitera a distância prática entre o “primitivo” e o “civilizado” – e assim, ele se remete a esse esforço como algo “inerte [que] restaura muito ingenuamente a linguagem do animismo” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 278). Parece inocente acreditar que Lévi-Strauss não distinguisse e conhecesse em primeira mão o debate e as opiniões acerca do tema, assim como a natureza dos conceitos a esta altura da sua carreira. Provavelmente ele considerava o animismo como um fenômeno análogo ao totemismo não por conta da confusão pré-estabelecida sobre a formação histórica dos conceitos, mas porque sua margem de inquérito se situa nas implicações que esse movimento era apenas um resultado marginal, inconsciente e inevitável da resolução do problema antropológico maior logo na sequência da publicação d’*O Pensamento Selvagem*: o da passagem da Natureza para a Cultura através dos mitos. Logo, mesmo que houvesse algo como *O Animismo Hoje*<sup>152</sup>, não seria surpresa se este fosse tratado no mesmo sentido de compartilhamento e

---

VIVEIROS DE CASTRO, 2011, *passim*.

distribuição da prática totemista como um reflexo alternativo de estrutura simbólica e semântica distribuída com as fontes de referência “naturais” organizadas por *bricolagem* espontânea:

Structural analysis as Lévi-Strauss conceived it thus became a sort of ironic reductionism, or in his term “entropology”, revealing how human cultures in their very attempts to construct representations of their differentiation from nature ironically succeed only in producing constructs which reveal in their form and content culture’s true character as an epiphenomenon of nature (TURNER, 2009, p. 13).

Embora essa seja uma crítica recorrente, que hoje sabemos superficial<sup>153</sup>, o que lança a *ciência do concreto* às alturas, sim, de uma ontologia que poderíamos julgar como “híbrida” (enquanto criação de uma outra perspectiva) é a equiparação da distinção de Natureza : : Cultura como intencional – ao contrário do que estava implícito nas discussões iniciais sobre totemismo e animismo, que empregava a maior distância ontológica possível de seus “informantes”. Não é por identificar a distinção entre essas noções que o pensamento indígena o tem por construídos – ele não é tributário deste mesmo amálgama, apesar de também as utilizar de forma não menos objetiva do que sua contraparte europeia quando necessário. A diferença é que a *experiência sensível* é tida por Lévi-Strauss como dominante na produção do conhecimento em seu contexto “*sauvage*”; enquanto que para o ocidente, a objetificação só se torna completa na etapa de laboratório, em que a passagem da Natureza para a Cultura se destaca do meio perceptivo para o – dito – absoluto. Isso sim explicaria o engodo da “ilusão totêmica” como análogo a uma “ilusão animista”; são apenas formas (no sentido representacional) diferentes de ilustrar o mesmo tipo de relação. Já, isto é o que levaria posteriormente ao relativismo cultural em uma observação mais superficial, do qual falaremos mais adiante – mas na verdade permite a expansão do que pensamos como “totemismo” e “animismo”, como aproximações de modelos intelectuais imanentes, emanados da perspectiva indígena legítima.

---

“O discurso da mitologia estrutural estabelece as condições de toda antropologia possível. Toda antropologia é uma transformação das antropologias que são seu objeto, situadas *todas*, desde sempre, no ‘ponto de articulação de uma cultura com outras culturas’. O que permite passar de um mito a outro, e de uma cultura a outra, é de mesma natureza que o que permite passar dos mitos à ciência dos mitos, e da cultura à ciência da cultura. Generalizo aqui um argumento crucial de Maniglier (2000)” (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 244). Grifos do autor.

A distinção entre animismo e totemismo só seria trazida à tona novamente com o movimento de crítica a escrita etnográfica e quanto a ciência como um todo. Enquanto a etnografia começava a se dar conta do peso subjetivo e da *incontinenti* parcialidade dos relatos; a ciência subitamente se notou incapaz de transportar as suas classificações para a realidade biológica do planeta. Sujeito e objeto, natureza e cultura, indivíduo e sociedade, corpo e mente, sexo e gênero, teoria e prática; os sólidos paradigmas sobre os quais a ciência moderna havia construído sua hegemonia cada vez mais distante do passado primevo rumo a um futuro progressista, apresentavam rachaduras na base. Bruno Latour exemplifica com promessa a queda desses muros ao abrir um jornal e interligar as notícias de cadernos diferentes: “o menor vírus da aids nos faz passar do sexo ao inconsciente, à África, às culturas de células, ao DNA, à São Francisco” (LATOUR, 1994, p. 8). O esforço permanente, que tem feito muito da ciência atual, têm sido o de proliferar conceitos para dar conta do crescimento exponencial do que Latour chama de *híbridos*. *Híbridos* são entidades que surgem quando a classificação dialética tenta capturar ou congelar numa classificação uma relação social. Desta forma, ao tentar-se provocar uma classificação artificial, a única coisa que resta após a instabilidade da decisão é o *híbrido*, colocando um outro problema e dando motivo para uma especialização sempre maior da ciência, que aos poucos começa a perder substância. Em um determinado momento esse movimento se torna efervescente e borbulhante demais para não ser notado. E isso provoca uma inversão no caráter crítico de todas as disciplinas (principalmente nas humanas, claro), em que ela se transporta das avaliações das condições de campo - (“...who speak? Who writes? When and where? With or whom? Under what institutional and historical constraints?” (CLIFFORD, 1986, p. 13) – para uma reconcepção profunda do trabalho científico das humanidades como um todo. Sobre a etnografia – e suas implicações na etnologia (e arqueologia):

Ethnography in service of anthropology once looked at clearly defined others, defined as primitive, or tribal, or non-Western, or pre-literate, or nonhistorical – the list, if extended, soon becomes incoherent. Now ethnography encounters other to relation to itself, while seeing itself as other. (...) The ethnographer’s distinctively intimate, inquisitive perspective turns up in history, literature, advertising, and many other unlikely places. The science of the exotic is being “repatriated” (CLIFFORD, 1986, p. 23).

Esse retorno a (ou descoberta de) si mesmo permitiu uma abertura de pontos de vista até então inéditos. Aos poucos foram reencontradas nos mitos e nas etnografias recentes e antigas reafirmações de alguns sentidos de figuras de linguagem que pareciam sempre ter estado lá sem ser levados até as últimas consequências lógicas: animais, vegetais, fenômenos meteorológicos e feições geográficas que são pessoas, que tem ritos, instrumentos culturais onde elas não deveriam “be narrowed down to poetic fancy and transformed metaphor”, porque sustentam uma “... broad philosophy of nature, early and crude indeed, but thoughtful, consistent, and quite really and seriously meant” (TYLOR, 1875, p. 285) – para citar um grande *pater* da antropologia mais criticada recentemente. Mas agora, muito mais do que foi pensado por Tylor à sua época, estas ideias incômodas provocaram um efeito real sobre a experiência antropológica e etnográfica formativa do século passado.

A travessia do caráter de produção do conhecimento havia invertido o que poderiam ser pessoas, coisas, relações sociais. Existe uma intuição que indica que o que hoje é óbvio um dia foi algo extraordinário; e ela acontece quando percebemos que um dos objetivos mais geridos pela antropologia e arqueologia é obter conhecimento a partir dos seus recortes de tempo e espaço. Quando Lévi-Strauss vê ciência concreta e objetiva nas classificações indígenas (no final tão heteróclitas/sucintas como as nossas acabam sendo), o passo para que também houvesse uma filosofia de produção do conhecimento indígena tornou várias formas mais bem divisadas. Embora ele não tenha formulado essa inversão efetiva, por conta da constante travessia (ou transformação?) unilateral entre Natureza e Cultura (ou, ainda, Natureza *para* Cultura) (COSTA, FAUSTO, 2010, p. 91 – dentre outras carências discutíveis) – ele lançou as bases para a crítica que permitiu admitir a ampliação dessa ideia. As perspectivas dos povos então “informantes” estavam deixando de ser escritas num caráter de autoridade canônica e passavam a ser afirmações categóricas de um outro mundo possível (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 117), e, em certa medida, experienciável por pessoas não originais a ele. A conceituação, um dos pilares método-epistemológicos da antropologia, mudou de mãos, e passou a ser mais interessante utilizar os *nossos* pressupostos como objetos de investigação *de outrem*; a partir de como o sentido pertinente a eles acontece no conhecimento

local. Deixou de ser uma questão de sabor hermenêutico e determinista, para ser uma questão de afirmação ontológica existencial e política (HOLBRAAD, PEDERSEN, 2017, p. 5). Não se trata da hermenêutica sutil da metafísica platônica da ontologia ocidental, embora mantenha com ela diversos pontos de contato. Mas sim de uma ontologia que, antes de qualquer coisa, *prevê outras ontologias* – e antropologias e arqueologias e reflexões sobre o mundo que compartilhamos – e isso sim nos interessa como algo a mais para ser dito sobre o que é o fazer científico do mundo. Vide o nome do movimento: a “*virada ontológica*”.

A “explosão” dos preceitos naturalistas aconteceria de formas distintas; os trabalhos de Marilyn Strathern, Tim Ingold e Bruno Latour podem ser tomados como os principais guias nessa viagem que é perscrutar por outras ontologias existentes, por outras coisas que também são. Embora seus campos de análise sejam um tanto quanto distintos, em que variam desde os laboratórios modernos, as relações de gênero na Papua e os caçadores do círculo polar ártico; muito de seus roteiros se cruzam e ajudam a vislumbrar alguns elementos similares na paisagem. Em comum, reside esse ímpeto pela abertura de significados, pela permanência do movimento, transportabilidade e multiplicação de perspectivas: a impossibilidade de determinar com precisão “nada que se assemelhe a natureza ou cultura, (...) não existe uma dicotomia consistente, apenas uma matriz de contrastes” (STRATHERN, 2014, p. 27); o que seria uma referência clara aos híbridos de Latour, a partir dos quais os fios que restam da sua trajetória em direção ao devir traçam redes, que em um trançado sociológico de conectividades sustentam o todo das relações sociais (LATOURE, 1994). A forma mais pictográfica seria a de um tecido industrial amplificado; mas com certeza jamais em ângulos retos ou passadas umas sobre as outras dessa forma. A distância entre os vetores, assim como seu sentido, parece ser caótica, mas dentro dos limites da rede. Para Ingold a noção é similar, embora difira na natureza das relações, que não são pensadas como entre entidades, mas sim de feixes de fios que se arrastam e se embolam uns com os outros, mudando as suas trajetórias e criando algo próximo de uma malha micelial (INGOLD, 2015, p. 146-148). A sociabilidade passou a ser percebida como um atributo natural do eterno atrito entre a passagem do tempo sobre (ou através?) as entidades ou forças que aí

comprovam a existência – embora outras coisas também viriam a ter a mesma irreduzibilidade no futuro.

Chegamos a um local de interesse central. Se agora se tornou evidente e necessário levar a sério o que os indígenas dizem e reconhecer seus conceitos filosóficos como tais – e a sociabilidade faz parte do fundamento da existência, pois algo existe *para* alguém – foi necessária reavaliação dos conceitos de totemismo e animismo. Não porque se desejou ressuscitar o espírito anímico-totêmico de outrora; quer dizer, não da forma como se pensava, ao menos. O “retorno do animismo” seria mais marcado com as pesquisas e ideias de Tim Ingold e Phillipe Descola, culminando no embasamento fundamental da teoria que nos interessa como fonte de interpretação: o multinaturalismo perspectivista de Eduardo Viveiros de Castro. Entretanto, pode ser bastante difícil discernir entre uma ontologia de caráter animista e uma de caráter totêmico, já que elas podem coexistir como áreas sobrepostas e não dominantes dentro de um mesmo reflexo filosófico.

#### 4.2 O ANIMISMO HOJE?

Descola, um antropólogo que trabalhou com os Jivaro-Achuar da Amazônia peruana, continua a partir dos conceitos de Natureza e Cultura como organizados por Lévi-Strauss, mas observa dinâmicas diferentes daquelas esboçadas pelo mestre francês no pensamento deste povo. Na verdade, ele amalha as etnologias disponíveis até então (2005) e escava mais fundo que Lévi-Strauss ao observar que o uso dos conceitos de natureza e cultura são construtos sociais esboçados lentamente desde a filosofia aristotélica, se popularizando com o método de investigação científica de Descartes e operando numerosas influências, mudanças e representações de si e do mundo. O construto da “Natureza” teria sido criado primeiro, sendo que a “Cultura” seria algo que nela floresceu enquanto distinção necessária entre atividade cultural e ambiente onipresente. Apenas no final do século XIX a formação dos conceitos estaria madura para gestar a antropologia – porém, com o objetivo de ratificar e manter a replicação do sistema dual ao qual é tributária: “it has been constructed little by little as an ontological tool of a particular kind, designed to serve as the foundation of the cosmogenesis of modernity (DESCOLA, 2013, p. 63). Porém, essa dialética

nunca foi a única forma de produção do conhecimento como fenômeno humano e sempre dividiu críticas e contribuições com outras estruturas filosófico-cognitivas. O próprio método científico e objetivo não podia fechar os olhos para sempre diante da percepção e afirmação de outras ontologias (esta mesma uma ação ontológica, afinal: “negar o outro”) e, quiçá como uma forma de negociação ou adaptação tida como parte das mudanças necessárias para a sobrevivência de si mesma, a matriz ontológica-cientificista ocidental não pôde senão delinear o esboço de uma outra forma de pensar. O fato é indiscutível; tanto é possível um resgate histórico da trajetória do binário Natureza/Cultura, quanto as etnografias que revelam que a antropologia é embalada pela incompatibilidade dele no mundo pertencem a diversos períodos. Enquanto a lógica cartesiana postulava uma única nomotética predominante às outras; a ontologia animista, se diante disto numa “fantasia”, discutiria quais dessas sociologias são válidas e sobre quais regimes de existência estariam embasadas:

Seen from the point of view of a hypothetical Jivaro or Chinese historian of science, Aristotle, Descartes, and Newton would not appear so much as the revealers of the distinctive objectivity of nonhumans and the laws that govern them; rather, they would seem the architects of a naturalistic cosmology altogether exotic in comparison with the choices made by the rest of humanity in order to classify the entities of this world and establish hierarchies and discontinuities among them” (DESCOLA, 2013, p. 63, grifos nossos).

O caminho pelo qual o pensamento animista voltou a emergir como turbulências na superfície de um apático espelho d’água foi através de uma outra lógica binária que é emulada do próprio fenômeno dual, continua Descola. A leitura possível de um ponto de partida deste é pela *identificação* e *relação* do que pode ser associado entre as entidades que povoam um determinado lago, que é tudo menos simplória como pode parecer à primeira vista<sup>154</sup>. *Identificação* se refere à comparação de características que alguém expõe como pertinentes a si, com as características observadas como pertinentes ao outro com analogias e contrastes; a partir disso, um nível de identificação é estabelecido como base em semelhanças ou diferenças: “the ability to apprehend and separate some of the

---

<sup>154</sup> Ele salienta que há outras formas de corroborar a estruturação da experiência, como a temporalidade, espacialidade, sistemas de figuração e mediação, não os considerando por uma questão de espaço e porque a identificação e relação lhe parecem suficientes.

continuities and discontinuities that we can seize upon the course of observing and coping practically with our environment” (DESCOLA, 2013, p. 115). *Relação* então se torna a determinação que este Outro<sup>155</sup> *possui comportamento particular* e a tentativa de aproximação com a sociabilidade estabelecida através de normas; e, portanto, passíveis de, enfim, existência, que acontece sob o ajuste crítico numa, também Outra, gradação de interação entre Eu e Outro. Basicamente, agora se sabe que o Outro também se vê como Eu me vejo: Eu. Isso através de observações diretas que buscam por comportamentos que possam ser considerados como normas sociais em atividade – em que a identificação de graus distintos antecipa a impossibilidade de uma tradução total, ajudando a moldar um esquema classificatório que permite espaço considerável de manobra. Uma possui um teor analítico-abstrato que precede o encontro, já que possuir de antemão o espectro de sua própria natureza é existir de fato no mundo real, e é isso que permite considerar outras formas de si: “This mechanism of mediation between the self and the nonself, seems to me from a logical point of view, to precede and be external to the existence” (DESCOLA, 2013, p. 112). A outra é fenomenológica, já que depende do contato perceptivo para articular Outrem em alguma realidade que ressalte, mesmo que parcialmente, noções de ordem social a partir de “purely formal relations such as coexistence, succession, identity, correspondence and origination” (DESCOLA, 2013, p. 113). A atividade dessas modalidades de cristalização da experiência incita muitas possibilidades a partir da abertura de combinações possibilitada pela concepção de gradações que precisam se inscrever no específico. Ou seja, o volume de rendimento desses preceitos elementares é suficiente para gerar classificações tanto num nível abstrato quanto num nível empírico, abarcando as escalas do raciocínio e do ato. O que vai determinar as diferenças gerais e particulares de esquemas ontológicos distintos será o peso dado às pedras de um e de outro lado.

Como exemplo de um Outro e o mundo que este vê, Descola diz o que aprendeu com os *Achuar*: a distinção entre humanos e não-humanos é pensada não como uma conclusão em termos, mas definidora em graus, com a presença

---

“Outro” é um termo básico da relação ontológica Eu/Outro. Ele é tratado com nuances diferentes no decorrer da Filosofia e aqui aparecerá no geral como constituinte dessa relação básica; com as divergências sendo trazidas quando necessário.

de uma “alma”; um princípio de animação que é o elemento classificatório mais fundamental (*wakan*) à maioria das entidades do universo *Achuar*. Uma vez considerada como possuidora de *wakan*, a entidade também passa a ser *aent*, “pessoa” – alguém que porta consciência e capacidade de comunicação, o que é considerado uma comprovação da presença de cultura, sendo esta, portanto, igualmente distribuída. Essa aparente unidade, entretanto, não tarda a admitir que a necessidade de multiplicação o trato principal: as classificações que antes eram tidas como epifenômenos transportados da natureza para a cultura adquirem alto poder de transformação e modelagem acerca das relações sociais por serem embasadas nos níveis de “troca de informação tidos como possíveis” pelo pensamento *Achuar* (DESCOLA, 1998, p. 26). Trata-se de uma situação etnocêntrica. As entidades mais próximas e comunicáveis são aquelas que, além de falar em língua inteligível (de preferência a materna), possuem as normas sociais mais parecidas com as achuares, que são os “humanos de excelência” (ou de referência?). Os animais predadores (jaguares, sucuris) ocupam os pontos mais remotos da cartografia da comunicação identitária *Achuar*, sendo *iwianch*; que é a mesma denominação dita para as almas dos mortos. Mas mesmo estas entidades podem ser interpeladas e identificadas como pertencentes ao domínio da cultura pelos xamãs, que neles têm seus aliados para o ataque ou a defesa de uma guerra cosmológica. *Penke aents* são aqueles que falam a língua *achuar* como a primeira língua ou com desenvoltura o suficiente para se fazerem compreender com plenitude (DESCOLA, 1998, p. 26).

Estes caracteres são tradicionais do que a antropologia tradicional pensa como animismo. Como já observado, é um fenômeno usual entre os grupos animistas atribuir a possibilidade de vida a todas as coisas que podem ser concebidas como existentes – e, com relação aos *Achuar*, Descola nos forneceu alguns critérios básicos seus e dos *Achuar*. A questão é que esse conjunto de possibilidades é absurdamente impossível de mapear ou prever: se qualquer entidade pode estar viva, como diria Ingold, “é melhor apostar presumir que esteja e arcar com as consequências” (INGOLD, 2015, p.116). Se levarmos essa lógica da comunicação até as últimas consequências, o mundo se torna um local paradoxalmente imóvel e mudo, ermo de formas. A onipresença de significantes misturaria os significados de modo indiscernível, tornando impossível a

compreensão e a própria linguagem. A Babel etnológica sempre conteve inúmeros ecos de discontinuidades desta espécie – mas a antiga antropologia não acedeu a essa questão, dado que a lógica do princípio racional nativo era tomada como equívoco infantil ou relativista. Por isso, as identificações e relações de Descola são muito bem vindas ao estabelecer discontinuidades e momentos de silêncio legítimos, nos quais, afinal, é possível retornar a si num mundo cheio de Outros outrora invisíveis (que também ficam muito melhor divisíveis). A discontinuidade fundamental, portanto, se baseia na dicotomia entre corpo e princípio animador, sendo que a de natureza e cultura é tida, desta forma, como o mesmo contínuo pleno de uma Babel – mas dessa vez, cultural.

Algo que tem ido e vindo no argumento *descoliano* é a relação entre interioridade e fisicalidade (ou exterioridade); dado que os índices de identificação e relação são baseados na amálgama entre analogia e fenômeno empírico, identificação ou diferenciação. Logo, são as combinações possíveis entre eles que estabelecem regimes ontológicos distintos – incluindo, finalmente, o animismo e o totemismo. Já foi observado que, para o animismo, portanto, existe uma identidade do que é interior e uma diferença do que é exterior. O totemismo é, por sua vez, baseado na concomitância do interior e do exterior entre entidades diferentes, um caso de reconhecimento pleno. O naturalismo é o oposto diametral do animismo; as interioridades são particulares, os corpos, compostos pelas mesmas substâncias. Enfim, o analogismo é uma ontologia radical que prevê a diferenciação total entre os corpos e os interiores. Emprestamos de Descola o seguinte quadro sinótico:

Quadro 6 – Relações ontológicas básicas entre quatro modalidades de existência antropológica.

Interiores similares Exteriores diferentes	Animismo	Totemismo	Interiores similares Exteriores similares
Interiores diferentes Exteriores similares	Naturalismo	Analogismo	Interiores diferentes Exteriores diferentes

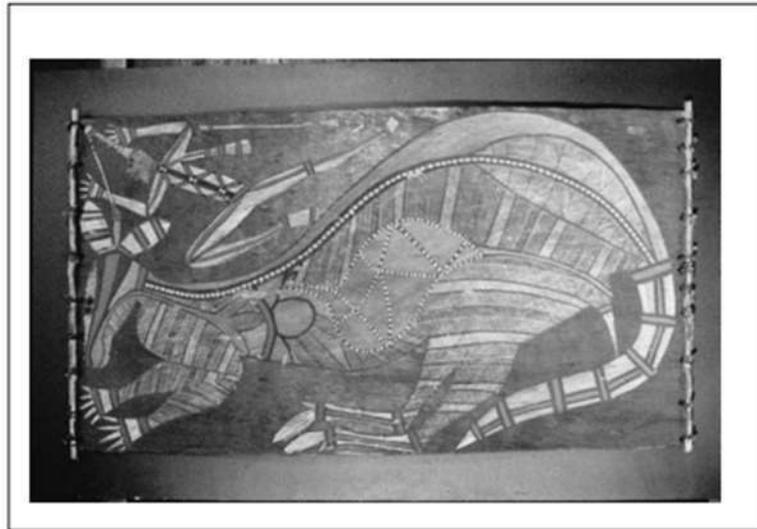
Fonte – Descola (2013).

A partir dessas inferências, a questão do animismo e do totemismo diante da lógica cartesiana, Descola consegue descortinar mais detalhes sobre a natureza dos quatro sistemas ontológicos. O que diferencia de modo mais

marcante o animismo dos outros parece estar na observação do que é exterior, do que é material; “(in the *form* and the mode of life it prompts, far more than in substance. (...) a material continuity linking all organisms together is common to most animist ontologies (DESCOLA, 2013, p. 130, grifos do autor). Essa assertiva a resposta para o paradoxo babélico, ainda que possa ser tomada como uma contradição; se é a continuidade material a característica das ontologias anímicas, qual a diferença entre esta e o totemismo, já que o sistema totêmico seria totalmente identitário? Não é estranho notar que o totemismo está “completamente dissolvido na atividade classificatória do pensamento selvagem (...) [sendo] que o problema agora é o de recuperar sua realidade institucional específica (VIVEIROS DE CASTRO, p. 465). Enquanto, provavelmente, Descola discordaria dessa ideia, colocando que as definições tipológicas da atividade efetiva de cada ontologia estão definidas – mesmo que não admitam exclusividade – a crítica se refere justamente à ideia de que uma classificação tipológica de ontologias é estática como um conceito ocidental tradicional (LATOURET, 2009, p. 2).

Outro comentarista importante para nós surge neste momento; a partir da experiência etnográfica compartilhada entre autóctones animistas (*Inuit* canadenses) e totemistas (*Kunwinjku* australianos) e como um dos principais críticos do naturalismo clássico, Tim Ingold também se vê inspirado pelas teorias nativas de conhecimento. Para ele, é possível estabelecer noções estilísticas relativas a cada modalidade ontológica, observando as expressões gráficas de cada caso. É curioso e interessante para nós que em ambas instâncias estão ocorrendo caçadas, situações de contato previsíveis e fundamentais ao mesmo tempo. O exemplo Aborígine, cujo estilo longilíneo dos corpos contrasta com seu cuidadoso preenchimento com linhas retas transversais paralelas traçadas por tons terrosos, coloca em exposição um espírito ancestral *mimih* cravando sua lança (com *atlatl*) num canguru que é muito maior que seu *nemesis*.

Figura 19- Pintura de um canguru.

Figure 7.3 Painting of an antilopine kangaroo with *mimih* spirit, by Namerredje Guymala, c.1975.

Fonte: Adaptada do original INGOLD (2000, p. 116.)

Cada membro do caçador está explorando o alcance das suas articulações, demonstrando o movimento, enquanto o marsupial está colocado em repouso, com as patas estendidas, estáticas, quase paralisadas. Não há plano de fundo ou sequer uma superfície em que se desenrola a ação e tampouco expressões faciais podem ser detectadas. O movimento, todavia, é ressaltado pela disposição dos corpos; o caçador está plenamente envolvido com a forma desenvolvida por movimentos naturais, enquanto o canguru está inerte, dando ênfase à sua anatomia. As vísceras estão desenhadas com cuidado e a sua visibilidade admitida antecipa o esquarteramento que é ordenado pela representatividade dos clãs, a cada caçador cabendo um órgão ou outra parte da agora carcaça. Os clãs também integram territórios particulares e, como observa Ingold, esta relação está estabelecida na repartição do corpo do canguru. O cosmos dos *Kunwinjku*, também está disposto aí, num exemplo clássico do regime totêmico de existência: cada região geográfica é pertinente a um grupo social como orientado pela anatomia do canguru: os seus órgãos corporais são a própria paisagem onde toda a trama social da caçada se desenrolará, algo que é um pequeno passo além com relação à classificação de Descola:

With a totemic ontology, the forms life takes are already given, congealed in perpetuity in the features, textures and contours of the land. And it's the land that harbours the vital forces which

animate the plants, animals and people that I engenders (...). ... every living Being, according to Aboriginal conception, draws its essential form and substance directly from the land, and the land, in turn, embodies the creative powers of the ancestors (INGOLD, 2000, p. 112-113).

Para Ingold, as expressões gráficas de animais do totemismo *Kunwinjku* se abstêm da narrativa, pois os animais colocam “not a particular being situated in the world, but rather the world as it is enfolded within a particular being” (INGOLD, 2000, p. 119). Muito além da nutrição, o corpo do animal não apenas contém o mundo, como também estabelece as suas fronteiras. Outras pinturas, tanto em caráter rupestre como as tradicionais, realizadas em casca de árvore, inserem os *mimih* realizando as mais diversas tarefas culturais. Assim, como carece um pano de fundo (um mundo externo) em que estas criaturas, caça e caçador, interagem, a gravidade dos traçados orienta a visão para a dimensão interna que é o território *Kunwinjku*. Desta forma, Ingold afirma que a concepção de mundo da ontologia totêmica é a de uma interrelação premente com a energia vital que a paisagem oferece. O território tradicional que é “o grande protagonista” dessa expressão gráfica, e a atividade ontológica está enraizada, pressuposta e antecedente nele tanto como nutrição quanto como filosofia – há um ciclo da vida que permeia e dá ritmo, ordem e, é claro, organização; mas esta organização é sobre um mundo dado e variavelmente constante (INGOLD, 2000, p. 118-119).

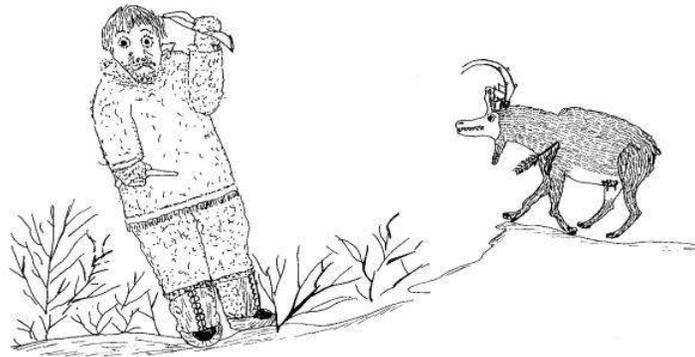
Figura 20- Primeira etapa de uma caçada no Ártico.



Fonte: Adaptada do original: INGOLD, (2000, p. 117)

A caçada do Ártico propõe outras percepções. Em primeiro lugar, a narrativa é tão latente que dois desenhos são analisados em temporalidade de antes e depois. As ilustrações *Inuit* deixam intervalos maiores entre o caçador delineado com detalhes e o caribu que será alvejado. O caçador está camuflado dentre uma ramagem espessa e o caribu parece apenas situado em sua proximidade, com uma pata meio levantada, olhando para o arbusto, desconfiado. A atmosfera profunda desse encontro engendra uma inquietação com naturalidade; o arco retesado do Inuit e o olhar desconfiado do caribu contrastam com a simplicidade de linhas, contornos e cores. A tensão superficial é tão tênue quanto visível e a impressão que dá é que a qualquer momento isso pode mudar. No segundo desenho, a flecha já se encontra pousada no alvo. A situação espacial das personagens não mudou, mas as suas expressões agora dominam a narrativa: não é exagero falar que o caçador com olhos esbugalhados parece ter sido desenhado sentindo um espasmo de dor – a flechada que direcionou contra o caribu. Seu corpo se retesa, os arbustos e o arco diminuem; mesmo o terreno muda, elevando a situação do caribu. O caçador está extremamente visível. O caribu, antes desconfiado ou curioso, agora está desafiante, com o olhar também esbugalhado de dor, mas mostrando dentes pontiagudos (que não são parte de sua anatomia “natural”), pronto para a retribuição.

Figura 21- Segunda etapa de uma caçada no Ártico.



Fonte 1- Adaptada do original: INGOLD (2000, p. 122.)

Ingold aponta uma inversão do estado de espírito entre caça e caçador, quando existe o contato venatório. Tudo se trata de um reconhecimento, uma identidade, estabelecida entre a presa e predador através da troca de perspectivas. Os exemplos *Inuit* não poderiam ser melhores para exemplificar isso. O caçador se imiscui nos arbustos e replica o comportamento dos caribus para poder conhecer suas identidades e intenções – o caribu, ferido na imagem, também revela sua natureza interior quando ferido: ele se revela também um predador pelo comportamento (INGOLD, 2000, p. 118-119). Mas, mais do que isso, ainda existe o que se poderia chamar de um sistema venatório que regula a atividade de caça não apenas dos humanos, mas também dos animais. Se a vida no totemismo *Kunwinjku* é dada pela relação que as pessoas estabelecem com a terra, no animismo, é a atividade de caça que cumpre esta função. Os animais nutrem o homem, desde que este seja responsável e aceite apenas o que for necessário à sua sobrevivência. Caso contrário, as anatomias dos animais podem ser alteradas, que, como sabemos, é uma alteração formal do corpo, para o corpo de um predador. Neste caso, o caçador avaro se torna a presa da vingança daquele que não respeitou as normas de boa conduta.

Logo, o acréscimo que Ingold coloca aos conceitos *descolasianos* é a noção de movimento. Se no totemismo *Kunwinjku*, isto é uma relação de ciclicidade que está conectada aos animais como a integração entre a terra, energia vital, e animal, a efetiva geografia social que obtêm do solo sagrado imutável e eterno a subsistência vital. O que é imóvel aqui, é externo e implica em “a world that is already made, not in the making” (INGOLD, 2000, p. 120); já no

animismo, essa relação parece ser oposta (ainda que não de modo diametral), visto que todos são humanos de fundo e o que introduz descontinuidade é o corpo, segundo Descola. O que é eterno e imutável aqui é interno, e a multiplicidade de corpos e subjetividades possíveis (objetos inanimados que se revelam animados) propõe uma forte matriz de transformação e incompletude contínua e irreversível. Como encerramento da distinção entre totemismo e animismo, e como plataforma para continuarmos a pensar o corpo, segue a excelente sùmula das duas ontologias de Viveiros de Castro:

animismo consiste na ideia de que o cosmos é habitado por muitas espécies de seres dotados de intencionalidade e consciência; vários tipos de não-humanos, assim, são concebidos como pessoas, isto é, como sujeitos potenciais de relações sociais. Ao contrário do totemismo, sistema de classificação que utiliza as espécies naturais para significar as relações sociais intra-humanas, o animismo utilizaria as categorias de socialidade para significar as relações interespecíficas. Assim, o animismo estabelece uma só série – a série social das pessoas – em lugar de duas; e as relações entre natureza e cultura são de contiguidade metonímica, não de semelhança metafórica. O jogo das semelhanças e diferenças é interno quanto a uma série única, onde as espécies diferem entre si tanto quanto diferem da - e / ou se assemelham à – espécie humana (VIVEIROS DE CASTRO, 2011a, p. 466-467).

#### 4.3 NOTAS FENOMENOLÓGICAS

A visão é um atributo essencial da experiência, como pudemos atestar analisando como os animais no animismo têm sido observados sob um viés animista. Observamos que isso é um movimento empático, de aproximação, que procura, a partir de seu contexto particular, colocar o olhar como “l’identité du corps perçu dépend de la nature du corps de la ‘personne’ à l’origine du regard” (VIVEIROS DE CASTRO, TAYLOR, 2006, p. 149). Assim, qualquer assunção com relação àquele corpo resulta numa alteração de perspectiva. Isso nos interpõe a seguinte questão: o quanto a perspectiva, o ponto de vista, está ligada ao sentido corporal da visão? Como e por onde isto se dá?

Se trata de uma questão capciosa – o que não deveria ser. O olhar é o sentido mais dominante dentre os que nosso corpo disponibiliza. É por ele que localizamos os elementos e entidades que compõem o mundo que nos rodeia. A visão, inclusive, não raro é sujeita a metáforas e metonímias para auxiliar na

expressão de outros sentidos e ideias, como “ver para crer”, “olhos são a janela da alma”, ou em termos que abrangem noções de luz e sombra como “Iluminismo” e “Idade das Trevas”, por exemplo. Mais do que isso, parece inevitável derivar para outros sentidos da percepção. Assim como nos casos *proubianos* de segmentação e realismo que antecedem a geometria zoomórfica, também há na visão despreocupada do cotidiano a mesma ênfase entre o genérico e o específico (PROUS, 1974, p. 65) – mas aqui, devemos tomar essa distinção sob os auspícios do ver; que são como o que está ao alcance e o que está inatingível:

“O olhar de proximidade faz-se as vezes quase tátil (...). Ele entra na espessura das coisas, numa espécie de palpação dos olhos. Toque não da mão, mas do olho, ele busca antes o contato, exercendo uma espécie de carícia. O olho ótico preserva a distância, faz do objeto um espetáculo e saltita de um lugar ao outro habitando seu objeto. Duas modalidades possíveis do olhar!” (LE BRETON, 2016, p. 72).

Contanto, isto não deve ser encarado como uma cisão entre os olhares; em fato, isso seria contraditório com o mesmo caráter sinestésico que a visão expõe. Esta interdependência anda de mãos dadas com a dimensão interpretativa do ato de ver. Maurice Merleau-Ponty foi o fenomenólogo mais obcecado nessa questão<sup>156</sup>. Ele pensava que a instituição do indeterminismo na Física tradicional com o advento da Física quântica colocava em xeque todo o aparato intelectual da exatidão que caracteriza a disciplina ontológica fundamental do pensamento ocidental (NÓBREGA, 2014, p. 1182). Se para a Física é necessária uma extensão corporal – equipamentos elaborados para medir objetos de tamanho infinitesimal – estes significavam a extensão dos sentidos corporais elementares:

Nunca como hoy la ciencia ha sido tan sensible a las modas intelectuales. Cuando un modelo tiene éxito em un orden de problema, ella lo ensaya em todas partes. Nuestra embriologia, nuestra biologia, están llenas de *gradientes*, sin que se vea con justeza cómo se distinguen de lo que llamaban los clásicos orden o totalidad, pero la cuestión que se plantea, ni debe serlo. El gradiente es una red que se tira al mar sin saber que recogerá. O también la delgada rama en la que se harán cristalizaciones imprevisibles. (...); em uma palavra que esta ciencia fluyente se comprende a sí misma, se ve como uma construcción sobre la base de um mundo bruto o existente, y no reivindica para sus operaciones ciegas el valor constituyente que los ‘conceptos de la naturaleza’ podían tener en una filosofía idealista. Decir que el

---

Para a compreensão adequada, foi de essencial importância a leitura de diversos autores, os quais referencio aqui

mundo es el objecto X de nuestras operaciones, por definición nominal, es llevar a lo absoluto la situación de conocimiento del sabio, como si todo lo que fue o es siempre hubiera sido para entrar en el laboratorio” (MERLEAU-PONTY, 1986, p. 10-11).

fácil perceber agora como essa crítica se estende a uma questão sensível muito bem situada: o corpo. Ao invés de simplesmente descreditar a ciência, ele a nivela pela concepção de que os aparelhos científicos acabam tão inexatos quanto a sensação perceptiva mais elementar. Merleau-Ponty aponta para o falso particionamento e divisão protocolados pela ciência cartesiana e seus respingos na Física Quântica contemporânea; para ele essa divisão acabou relegando a experiência sensorial para o campo da ilusão e da subjetividade que acabou saindo pela culatra: “La ciencia manipula las cosas y renuncia a habitarlas” (MERLEAU-PONTY, 1986, p. 9).

O ver arqueológico mais elementar e recorrente aí se encaixa em particular, já que para o empiricismo é uma questão essencial ao ponto de máquinas sofisticadas terem sido desenvolvidas justamente para ver as microescalas do invisível. Se o objetivo da ciência é isolar os objetos para poder melhor analisá-los, para Merleau-Ponty é impossível retirar as coisas de seus contextos ou conjuntos sem alterá-las de modo definitivo. Um exemplo pode ser encontrado na tentativa de diferenciar a cor de uma textura:

“Essa mancha vermelha que vejo no tapete, ela só é vermelha levando em conta uma sombra que a perpassa, sua qualidade só aparece em relação com os jogos de luz e, portanto, como elemento de uma configuração espacial. Aliás a cor só é determinada se se estende em uma certa superfície; uma superfície muito pequena seria inqualificável [no pensar analítico-científico atual]. Enfim, este vermelho não seria literalmente o mesmo se não fosse o ‘vermelho lanoso’ de um tapete. A análise descobre, portanto, em cada qualidade, *significações que a habitam*” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 25, grifos nossos).

O mesmo poderia ser dito ao contrário: a textura é avermelhada tanto quanto o vermelho é lanoso – ao separarmos ambos em caixas diferentes (visão/tato; cor/textura) o tapete em si desaparece. Ao reconhecermos que as sensações e percepções são pertinentes a experiências *de conhecimento*, por outro lado, inserimos um caráter diferencial imanente sobre todas as coisas que redundam no eterno *dever*. Nada é completo *per se*, senão através dos contextos onde cada coisa está inserida de acordo com cada integração que exista ou não aí dentro – além da de pertencer ao mesmo contexto de origem. “The features of

the perception infuse and inform one another, and so cannot be treated as autonomous elements, standing only in external relations to one another” (CERBONE, 2008, p. 126); e, podemos adicionar, interação de forma sinérgica, criando uma espécie de *empuxo de sentido*. O tapete em que se pisa, um zoomorfo em nossas mãos ou numa vitrine e os vermelhos de um quadro de Rothko são tão indeterminados na escolha dos atributos constituintes ao contexto maior aos quais cada exemplo pertence, quanto a presença ou não de uma partícula quântica. Para Ponty, a própria separação entre os sentidos perceptivos atravessa isto e há apenas sinestesia permanente, como a própria cunhagem de “vermelho lanoso” dispõe.

Isso coloca o problema final que levaria o filósofo francês da fenomenologia para a ontologia. Como afinal atestar a realidade (não a veracidade) das coisas e dos sentidos? É possível afirmar que as coisas são partes de algo maior ou menor?

Para Merleau-Ponty, a resposta está no *corpo*; ou, melhor, na *arqueologia do corpo*; assim como entendemos o seu resgate sensorial de fora para dentro – a princípio...

Enquanto o corpo é tomado pela filosofia tradicional como um mecanismo composto de diferentes partes sensoriais que apenas dão relações ilusórias e subjetivas de realidade através dos sentidos – já que a realidade verdadeira é mensurável –; Ponty se satisfaz em colocar que quaisquer alterações fisiológicas alteram a capacidade de aferir o mundo, ou, melhor, colocam um mundo-outro diante de nós. Ele parte dos comportamentos animais (etologia) e pelas experiências registradas na primeira infância dos humanos para atestar que este conhecimento preliminar é aferido pela própria experiência do corpo no ambiente no qual está situado. Assim como o corpo dos animais se adapta e reage de acordo com as necessidades exigidas pelas circunstâncias ambientais – às vezes, por milhões de anos (MERLEAU-PONTY, 2000, 283-284) – o corpo humano também se desenvolve e altera sua percepção conforme amadurece ideias e sensações através do movimento (Op. cit. p. 337); e essas coisas acontecem simultaneamente. Isso é perfeitamente análogo à tentativa moderna de *ampliar* essas capacidades corporais através da construção de aparatos mecânicos que nos permitem ver coisas minúsculas ou distantes (um microscópio, um telescópio), aumentar ou diversificar nosso deslocamento (carros, aviões,

submarinos) etc. Pelo corpo (e suas extensões) se está sempre em contato e convívio com o mundo e com os elementos que dele é capaz de captar, conforme cada caso. O corpo afirma a existência do mundo assim como a minha própria. Mais do que isso, e em crítica a Descartes, ele considera que o ato de existir está determinado por esse fator físico-sensível da corporalidade como percepção; em vez de “penso, logo existo”, seria “sinto, logo existo” – pois, se sinto, *irei* pensar. O corpo é conhecimento pleno e pré-instalado frente a um conhecimento formal como entendemos hoje; logo, como recém dito, o conhecimento é irreduzivelmente sinestésico: “A percepção sinestésica é a regra” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 308 apud NÓBREGA, 2008. p. 142). Assim, eis o porquê de as partes ainda serem pertinentes ao debate filosófico – sem combinações, sem sinestesia.

Contudo, a consciência não é uma propriedade dos objetos, já que ele antecipa que estes não sejam sencientes/sensíveis; sendo crucial resolver essa crítica, sob o risco de tornarmos nosso argumento inválido. Para fazê-lo sem abdicar de nenhum dos dois, ele desenvolve dois argumentos: o primeiro, voltado visão e a quem está vendo, no qual ele sugere a indefinição entre ambos; ao ver uma coisa, você se distancia sua consciência de si mesmo para dar atenção àquilo. Já, antes de você prestar atenção naquilo, aquilo estava numa existência suspensa com outras coisas fora do foco – ideia aparentemente derivada da *epoché* husserliana e da *estante heideggeriana*. Logo, *ver é quem está vendo*, tanto quanto quem vê, vê a si mesmo nas coisas do mundo (já que olha essas coisas para si). A isso ele chamou de “narcisismo” da visão. O segundo é que Merleau-Ponty pensa o corpo, portanto, e, por exemplo, como elemento integral da relação sujeito/objeto; ou melhor, o sujeito e o objeto são a mesma concepção de corpo/visão; dado que todas nossas ações resultam e partem do movimento dos corpos no mundo – para apontarmos uma correlação com Ingold. O mesmo acontece na situação deste corpo/sujeito/objeto no mundo, pois o início da percepção nasce simétrico com o mundo detectado por esta percepção – ainda que numa espécie de sempiterna iminência, visto que a visão sensível é real, afinal (EVANS, 2008, p. 188-189). Há, então, fatores imanentes *como* transcendentos e vice-versa, e para coaduná-los como uma avenida contínua (mas com vários semáforos e conversões), ele cunha a ideia de carne ou *quiasma*. Para ele, o *quiasma* é justamente isto – esse derramamento ou decantação do Eu no mundo: “Like the natural man, we situate ourselves in ourselves and in the

things, in ourselves and in the other, at the point, where, by a sort of chiasm, we become the others and we become world” (MERLEAU-PONTY, 1964, p. 160) – mas a ideia fica mais clara quando ele fala de *deiscência*:

“...a Being of which vision is a part, a visibility older than my operations or my acts. But this does not mean that there was a fusion or coinciding of me with it: on the contrary, this occurs because a sort of dehiscence<sup>157</sup> *opens my body in two*, and because between my body looked at and my body looking, my body touched and my body touching, there is overlapping or encroachment, so that we must say that the things pass into us as well as we into the things” (MERLEAU-PONTY, 1964, p. 123 – grifos nossos).

Assim, para Merleau-Ponty, tudo está reunido no corpo – que é elemento básico do *quiasma*, a carne do mundo; que, por sua vez, se abre em deiscência enquanto elabora a si e ao mundo que o rodeia, simultaneamente. Essa abertura deisciente de dentro para fora é plenamente sensível e, para ele, mais centrada nos sentidos tácteis e observatórios. Contudo, como observamos, a questão do corpo disseminado e parcialmente atemporal também é central para o multinaturalismo ameríndio, ainda que orientada pela égide da lógica da predação. Talvez o melhor exemplo que simplifique o que Merleau-Ponty afirmava seja o da descida de um rio por uma pessoa dentro de um barco, algo assaz trivial:

Se o observador, situado em um barco, segue a corrente, pode-se dizer que com a corrente ele desce em direção ao seu porvir, mas o porvir são as paisagens novas que o esperam no estuário, e o curso do tempo não é mais o próprio riacho: ele é o desenrolar das paisagens para o observador em movimento. Portanto, o tempo não é um processo real, uma sucessão efetiva que eu me limitaria a registrar. Ele nasce de *minha* relação com as coisas. Nas próprias coisas, o porvir e o passado estão em uma espécie de preexistência e de sobrevivência eternas (...). Frequentemente se diz que, nas próprias coisas, o porvir ainda não é, o passado não é mais, e o presente, rigorosamente, é apenas um limite, de forma que o tempo desmorona” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 551-552; grifos do autor).

---

<sup>157</sup>Deiscência:(latim *dehiscentia*, -ae, plural neutro de *dehiscens,entis*, participio presente de *dehisco,-ere*, partir, dividir) *nome feminino* 1.[Botânica] Separação natural e espontânea de certos órgãos de uma planta, pela sutura que os unia para a saída do seu conteúdo. 2. [Medicina] Abertura de uma sutura ou de um tecido em cicatrização. "deiscência", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/deisc%C3%Aancia> [consultado em 13-07-2020].

O multinaturalismo perspectivista, apesar de não estabelecer seu foco na passagem do tempo<sup>158</sup>, considera da mesma forma o corpo como fonte da razão filosófica; sendo ambos pensamentos comparáveis nesta qualidade, apesar de sua distinta origem temporal e espacial. Mas, dentro do sistema predominantemente venatório da perspectiva multinaturalista, o corpo alcança uma preponderância maior no sentido de que tudo o que é 'corporal' tem a mesma possibilidade de inflexão. Os corpos dos outros também são sede de perspectivas múltiplas tanto mitológicas/filosóficas quanto afectivo-fisiológicas/sócio-culturais. Embalados por esse *empuxo de sentido*, precisamos tentar nos aproximar mais desse corpo continental e multifacetado, cujas saliências ortogonais parecem perfurar o mundo das ideias como animais e artefatos sempre sensíveis e onipresentes

#### 4.4 INTROMISSÃO: O CORPO NA AMÉRICA

O corpo é o ponto de partida fundamental para nossa experiência vivida enquanto seres humanos (MERLEAU-PONTY, 1968), e o seu papel na arqueologia e antropologia é evidente por causa disso. Como nosso interesse aqui arqueológico, é necessário que nos dediquemos à matéria como assunto e substância. Não por acaso, esse ponto também é importante para compreendermos a versão ameríndia do animismo asiático comentado por Ingold; o multinaturalismo perspectivista. Assim, vamos seguir explorando o esquema básico da corporalidade e, aos poucos, ir dando subsídios para que daí possamos aumentar nossa base teórica.

Muito mais do que morfologia como a conhecemos, a anatomia indígena, então, estabelece o contínuo transformacional entre as formas humanas e não-humanas não como fixação específica ou classificação taxonômica que seria idêntica para todas as entidades como método. A matéria (a forma), é uma plataforma relacional essencial para esta noção e a diferença deve estar inserida nela – ou ser por ela fruto de percepção – como um método de sociabilidade estritamente cultural e culturalizante. Logo, se tudo são relações sociais, ou seja,

---

Uma crítica sólida a Viveiros acerca da atemporalidade foi realizada por Weismantel (2015). Na filosofia ontológica, contanto, não é preciso lembrar da relevância do tempo nas obras de Martin Heidegger.

comunicação, a forma física é uma forma de expressão linguística, que possui idiomas como espécies. Para obter descontinuidade é preciso pensar a morfologia como uma retórica, o modo de vida como um discurso e o corpo como um artefato:

importante observar que esses corpos ameríndios não são pensados sob o modo do fato, mas do feito. Por isso a ênfase nos métodos de fabricação contínua do corpo (Viveiros de Castro, 1979), a concepção do parentesco como processo de assemelhamento ativo dos indivíduos (Gow, 1989, 1991a) pela partilha de fluidos corporais, sexuais e alimentares (...). A *Bildung* [construção] ameríndia incide sobre o corpo antes que sobre o espírito: não há mudança espiritual que não passe por uma transformação do corpo, por uma redefinição de suas afecções e capacidades. (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 390).

Assim como "...a forma e o modo de vida que ela leva..." a identidade desta ideia tem claro eco com a *ciência do concreto*<sup>159</sup> de Lévi-Strauss, que demonstrou a objetividade e eficácia dos métodos de classificação indígena (LÉVI-STRAUSS, 1989). Enquanto o belga preferiu permanecer na análise mitológica, outros trabalhos têm demonstrado que a observação indígena da natureza é encarnada como uma perspectiva social-global, que tem um teor intenso de sociologia e toma a etologia animal como análoga às relações sociais humanas. É assim que vêm à tona uma série de observações etnológicas acerca de como os indígenas classificam os animais e outras entidades de acordo com as normas e instituições sociais que regulam seu próprio regime ontológico. São exemplos o cauim do jaguar, que é sangue; a casa de reza das antas, que é um barreiro, etc. – assim como isso é aplicável para as instituições sociais, os animais também têm regras de parentesco, ritos funerários, tabus alimentares, pinturas corporais, passagens maioridade, xamãs. Há um transporte constante de significados e/entre significantes que a lógica ocidental proíbe por questões herméticas e ontológicas; mas que, na *bricolage*, servem como atratores naturais porque são perceptualmente sensíveis e perenes. Essa lógica pode se distender às relações presentes em diversas outras dimensões da sociabilidade entre humanos, não-humanos e "ainda-menos-humanos" (ou objetos): para os *Yanesha*, não é tão

---

"O antropólogo que primeiro efetivamente tematizou a questão da corporalidade na América do Sul foi Lévi-Strauss, nas *Mitológicas*, uma obra monumental sobre a 'lógica das qualidades sensíveis', qualidades do mundo apreendidas no corpo ou pelo corpo: cheiros, cores, propriedades sensoriais e sensíveis. Ele demonstrava como era possível a um pensamento articular proposições complexas sobre a realidade a partir de categorias muito próximas da experiência concreta" (VIVEIROS DE CASTRO, 2011d, p. 478).

simples distinguir entre os berços e os bebês, as bíblias das penas de pássaros e os utensílios manuais das estrelas e constelações (SANTOS-GRANERO, 2009). Toda a esfera de relações admite, com regras específicas para cada situação, que o abandono do dogma das fixidezes conceituais seja universal, transformando a metamorfose e a mutabilidade em eventos recorrentes e produtores de significado (relações).

Mas ainda é preciso dar um passo atrás para deixar isso mais claro. Como uma relação exterior, é o corpo que estabelece esse vínculo com o socioambiente cujas entidades atuam com outras entidades. Na verdade, a questão do corpo já tinha recebido um certo foco na antropologia amazônica com o artigo seminal *A Construção da Pessoa nas Sociedades Indígenas*, de 1979. O trabalho, isolado de uma conexão com o animismo à época, parte do princípio de que a categoria de pessoa é universal – mas que na etnologia ameríndia ele está firmemente amarrado à ideia de corpo enquanto construção social:

Sabemos como o corpo é destotalizado nas sociedades tribais da América do Sul, com atribuição de valores mais ou menos sociais a certas partes ou órgãos que estão servindo aqui como um idioma francamente social. Assim, os meninos, prestes a se transformarem em homens (serem sociais), devem ter seus lábios e orelhas furadas. É essa penetração gráfica, física, da sociedade no corpo que cria as condições para engendrar o espaço da corporalidade que é a um só tempo individual e coletiva, social e natural. Quando tal trabalho se completa, o homem está completo, sintetizando os ideais coletivos de manter a individualidade, tal como nós a concebemos, reforçando a coletividade e a complementaridade com ela (SEEGER, DA MATTA, VIVEIROS DE CASTRO, 1979, P.14-15).

Para nós, este trecho transforma o corpo num conceito. Observe-se que a sociabilidade está tão internalizada na matéria que mesmo partes de um corpo específico, “fechado” para nós ocidentais, podem adquirir animação; mas a ideia mesmo deve ser estabelecida na concepção de que os corpos, a modalidade ontológica mais essencial, são construídos de acordo com a necessidade ou o contexto que se apresenta. Talvez, seja um exagero chamá-los de peças, pedaços interdependentes necessários para o funcionamento de uma entidade – porque a entidade não depende do empréstimo de volição da parte ninguém, ela um todo. Peças, entretanto, ainda não deixam de ser um algo igualmente possível, dado que não se restrinjam a isso.

Mas bem, se estamos falando de corpos e construção, isto ocorre em um determinado lugar, numa paisagem dada, cujos atributos são colocados como feições geomorfológicas: florestas com árvores frondosas, rios e deltas mansos no outono e catastróficos no verão, descampados com gramíneas altas, mangues de águas amarronzadas pontilhadas pelas raízes das rizóforas. Isto apenas falando de vegetais – ainda há os seixos dos rios, os afloramentos rochosos dos vales, colinas, montanhas. O exemplo de Ingold junto aos *Kunwinkuju* coloca bem um modo de conjugar estes conjuntos sob a ótica da caça. Os fenômenos meteorológicos também são ativos; iluminam e obscurecem a noite e o dia, nutrem a terra com chuvas e dobram os galhos com os ventos. Porém, paisagens possuem estes elementos inter-relacionados na geomorfologia de tal forma que transitar nesse espaço requer especialização e adaptabilidade.

Essa especialização é estritamente corporal – ao menos no que se trata do mundo de acesso imediato. Na paisagem sambaquiana que descrevemos no capítulo anterior, existem os animais que vivem neste meio. Há macacos que quase nunca descem das árvores; pássaros migratórios piscívoros nos deltas; peixes que habitam os estuários; marés e mangues; túneis, tatus e porcos-espinhos que percorrem o chão da floresta e o subterrâneo das raízes; e há os grandes predadores solitários que possuem ao menos uma espécie para cada – céu, terra e mar. Este meio é perpassado de vida em plena e recorrente atividade, que arrasta consigo pedaços das coisas que atravessa ao mesmo tempo que deixa um pouco de si em cada lugar por onde passa. Os corpos dos animais são ideais para as tarefas que cumprem; para escalar, voar, nadar, escavar e caçar/coletar. Esta disposição pura é tomada pela taxonomia como geradora de classificação morfológica – presença e ausência como variedade discreta. Já, para a visão animista, a forma é um indicador social “*morfo-lógico*” de quais tipos de relação este animal realiza no meio-ambiente no qual transita, organizando escalas de qualidade e diferenciação que permitem incentivar aproximações e promover disjunções. E ainda mais: o espraiamento da cultura/pessoa como força fundamental do cosmos leva a considerar, portanto, as partes especializadas dos corpos animais como instrumentos; seus padrões de pelos, peles e penas como pinturas corporais, cocares, colares e diademas – indicadores sociais. Logo, a ideia de peças não é tão absurda se considerarmos que, nesta concepção, a anatomia dos corpos é tomada como de origem artefactual – novamente, em Tylor:

“performing their special functions in the universe with the aid of limbs like beasts, or of artificial instruments like men...” (TYLOR, 1875, p. 285). A isso não se referem apenas diversos mitos de criação (SANTOS-GRANERO, 2009), mas também é o reflexo das relações mais corriqueiras com a alteridade, com Outrem. Um artigo que traz iluminação determinante para esta questão trabalha com a face fractal da pessoa; a partir da concepção melanésica da “dividualidade” básica dos corpos das pessoas, José Kelly Luciani transporta para a América do Sul essa ideia – encontrando um pouso confortável. Através da temática cosmológica da caça e da guerra, ele analisa três povos cuja ontologia está aí firmada: os Tupinambá dos registros coloniais, os Araweté e os Wari’ da Amazônia. Nos três grupos houve um desenrolar diferente em forma, mas idêntico como consequência estrutural:

A fractalidade da pessoa revela-se através do desembrulho das relações que a constituem. Esse processo revela uma similaridade auto-escalar. O englobamento do Outro pelo Eu é a conclusão dessa trajetória: Inimigos tornam-se Nós [por antropofagia], viventes tornam-se os mortos. O processo envolve a troca de partes do corpo e modificações corporais: no primeiro caso [Tupinambá], Outros (inimigos) se tornam Eus (matadores); no segundo [Araweté], Outros são redefinidos como Nós. O primeiro é uma troca de lugares no interior de uma mesma moldura -você se torna eu e vice-versa; o segundo é uma mudança de molduras – você verá o mundo como eu via antes da troca. O primeiro implica o multinaturalismo, o segundo a humanidade da posição reflexiva de sujeito. Esses dois passos constituem a essência do perspectivismo: 1) englobamento (predação/intercurso sexual) via transações que fazem de Outros versões do Nós; 2) o corpo, como sede de perspectivas, é modificado, fazendo Outros verem o mundo como Nós, quer dizer, como ex-Outros. O “Nós” sempre tem a última palavra, pois se trata de carregar a qualidade de sujeito consigo. Se o corpo é sede de perspectivas, então suas partes transacionadas, real ou imaginariamente, são veículos de perspectiva. O perspectivismo é, literalmente, uma troca de perspectivas, algumas vezes mediada pela troca de partes do corpo, isto é, partes da sede-de-perspectiva. Essas partes contêm pessoas inteiras: o sangue está para a pessoa assim como a pessoa está para o grupo, todos são uma ‘pessoa fractal’. (LUCIANI, 2001, p. 125, grifos nossos).

A forma de nenhum corpo é fixa ou permanente, por isso, é impossível aplicar o contexto taxonômico tradicional e obter resultados não contraditórios. O papel que assumimos aqui é o de produzir uma abertura, já que a anatomia é constituída de elementos que não são específicos a nenhuma espécie em particular – e sim, que engendram comportamentos particulares “feixes de

afecções” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b, p. 382) – dentre elas, duas destas afecções são fundamentais e compartilhadas entre todas as espécies:

The form taken by bodies covers more than just their physical conformation; it includes the entire package of biological equipment that makes it possible for a species to occupy a particular habitat and there develop the distinctive mode of life by which we immediately identify it. (...) Against the background of an identical interiority, each class of beings possesses its own physicality, which is both the condition and the result of particular diets and a particular mode of reproduction. This produces an ethogram, that is, a specialized way of behaving, the detailed characteristics of which could not fail to be recognized by the observational faculties of peoples who depend for their subsistence upon an environment little affected by human intervention. (DESCOLA, 2013, p. 134)

A dieta e a reprodução funcionam como pontos de equilíbrio chave para a percepção da construção do corpo e para o estabelecimento e manutenção da sociabilidade interespecífica. O corpo passa por um processo de fabricação ou atualização permanente, contínua; e mesmo a observação da anatomia como artefatos que permitem tipos específicos de relação, preveem, de antemão, a dieta/caça e a reprodução como os modos *sui generis* dessas relações, principalmente a primeira. Para alterar ou criar um corpo é muito importante prestar atenção à quais substâncias são colocadas ou retiradas dentro de seus tênues limites e em quais momentos. Para os Q'om do Chaco argentino, por exemplo, o corpo é personalidade e a pessoa é corporalidade no sentido de que “alguns componentes da pessoa são concebidos como extensões pelo fato de que, mesmo fora do limite corporal, contêm uma parte que pertence a ela ou, melhor, são a pessoa” (TOLA, 2007, p. 502-503). Durante a gestação de uma mulher Q'om, o corpo da criança é composto pelo esperma do pai, o que quer dizer que as mulheres devem manter atividades sexuais durante a gravidez. Outros fluidos, substâncias ou emanções corporais como calor e odores podem ser capturados por alteridades hostis e “ter repercussões sobre a própria vontade, a intencionalidade as emoções e os pensamentos” (TOLA, op. Cit).

Entretanto, nem toda transformação semântica e/ou metamorfose corporal individualmente intencional. Existem outras alteridades que veem aos humanos como presas e se comportam dessa forma com relação a elas – outras transformações inadvertidas figuram em diversos mitos. Na verdade, os mitos são

uma grande história da época em que os humanos e os animais não se diferenciavam ainda, e conta como as escolhas erradas dos antepassados dos seres humanos os levaram a se transformarem em animais, sendo que eles ainda portam traços distintivos de seu passado antropomorfo (LEVI-STRAUSS, 1989). Uma posição especial neste universo caótico que impede que as relações descambem para transfigurações permanentes e quase randômicas é a figura do xamã. O xamanismo é uma instituição que efetivamente transforma o ato de transformação em diplomacia interespecífica e cosmológica. Embora os princípios do animismo sejam de comum compreensão para todas as pessoas em seu nível mais fundamental, os xamãs são os especialistas e estudiosos dessa dinâmica social. Se tudo é cultural nesse mundo feito de sociabilidade iminente, nada do que acontece nele é acidental e a lógica da predação (em que conceitos como presa/predador atuam como operadores lógicos) ameaça submeter alguém a uma transformação indesejada. Para piorar as coisas, muitas vezes a comunicação é distante, dado que entidades das mais longínquas escalas estão constantemente rondando o mundo “menos-humano” que compreende praticamente tudo o que está fora das aldeias. Uma dessas experiências, contada pelos Runa do interior do oeste amazônico, coloca as consequências de um encontro com a alteridade longe do seu centro de referência cultural:

These spirit masters are a part of everyday life in Ávila. Ventura himself entered their realm when as a child he got lost in the forest. Accompanied by his dog, he was out hunting with his father. As the day wore on Ventura lagged farther and farther behind until boy and dog lost their way. He eventually met a girl he thought was his sister and followed her down a road that seemed to be taking them home but instead led them through a waterfall to the abode of the masters. After a few days, Ávila shamans, who were able to enter the spirit realm with the help of the hallucinogen aya hausca, managed to negotiate Ventura's release. By this time, however, he and his dog had become feral or wild (quita in Quechua). They lost the ability to recognize Ávila villagers as people. The dog failed to bark when called to, and Ventura didn't recognize, and was even frightened of, his own mother, Rosa (KOHN, 2013, p. 154).

Ao admitir-se (ou ser vitimado) por uma alteração sócio corporal específica (no caso, a mera morada junto a alteridade), uma pessoa pode passar a enxergar o mundo com outros olhos – mesmo que temporariamente. Indivíduos sem treino xamânico podem se dar conta tarde demais que o convite recebido da sua irmã (ou alguém disfarçado dela, como é o que parece), encontrada durante uma

passagem solitária pela floresta, na verdade é uma cooptação da sua subjetividade para ser transformado involuntariamente, como numa emboscada. As pessoas, quando começam a sentir vontade de beber sangue em vez de cauim, a ver os vermes da carne podre como peixes e a sonhar com metamorfoses acompanhado de uma pessoa em “modo humano” que igualmente demonstra o comando e o poder de controle da metamorfose, acodem aos seus xamãs (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b). Toda atividade social é uma interpretação e exige outra em resposta, e apenas o xamã é capaz de alterar a sua forma (assim como algumas formas alheias), entrar no mundo das entidades que procuram algo com os humanos, e retornar dessa viagem perigosíssima em segurança – às vezes. Para tanto, ele também adiciona e retira substâncias/partes de seu corpo para poder se comunicar com essas alteridades com eficácia e negociar com elas o retorno da subjetividade “predada”; ou também atua preventivamente, perscrutando o que está sendo manipulado e foi trazido de fora, para que todos de seu grupo possam estar em segurança. Mas isso é muito mais prosaico do que parece, ao mesmo tempo em que pode ser capaz de exigir uma interpretação heterogênea, se necessário:

O argumento de que ‘nossos corpos são diferentes’ não exprime uma teoria biológica alternativa, e, naturalmente equivocada, ou uma biologia imaginariamente não-standart. O que o argumento piro manifesta é uma ideia não-biológica de corpo, ideia que faz com que questões como a diarreia infantil não sejam tratados enquanto objetos de uma teoria biológica. O argumento afirma que nossos ‘corpos’ respectivos são diferentes, entenda-se, que os conceitos piro e ocidental de corpo são divergentes, não que nossas ‘biologias’ são diversas. A anedota da água piro não reflete uma outra visão de um mesmo corpo, mas um outro conceito de corpo, cuja dissonância subjacente à sua ‘homonímia’ com o nosso é, justamente, o problema (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 140). Grifos do autor.

Por isso, o xamanismo ocupa uma posição privilegiada no esquema sociocósmico ameríndio. É a partir da atividade xamânica que a possibilidade de observar outros mundos a partir da metamorfose controlada se torna possível não apenas na teoria, mas também na prática. Xamãs, ao observarem os corpos em toda a sua miríade de fisionomias, são capazes de vislumbrar o humano por trás da pele de animal e se colocarem na situação horizontal que o contexto exige. Desde doenças, viagens às aldeias dos animais, dos mortos e das estrelas, a até

a transformação objetificante da caça de parente/inimigo para alimento; a centralidade do xamanismo como operação é o que permite fomentar o estabelecimento de uma teia ou rede de relações sociais particular a esta ou aquela etnia/grupo social. Como um exato inverso da mentalidade ocidental, que promove a distância analítica como método básico da produção de conhecimento; o xamanismo procura uma aproximação intimista que vê a empatia como a ótica ideal de relação. O saber é produzido pela assunção de que se está falando antes com alguém do que com algo, colocando a condição de pessoa como a referência epistemológica indispensável – que, desta forma, é, portanto, ontológica e “ontologizante”: “*the point of view creates the subject: whatever is activated or ‘agented’ by the point of view will be a subject*” (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p. 467). Apenas assim é possível enxergar o projeto alheio com relação ao quem é observado: observando o outro prisma como uma interpretação tão válida quanto a de quem está tentando se colocar nesse ponto de vista. Um excelente exemplo que reúne as questões da alimentação, dos corpos e suas afecções e da distribuição das relações sociais através das escalas cosmológicas identificadas pelos *Makuna* esclarece bem o que temos dito até agora:

By means of food shamanism, Makuna men—and men only—convert potentially harmful beings and substances of nature into life sustaining food for humans. Food blessing is thus a prominent part of the process of food preparation, a male counterpart to women’s cooking. Virtually every edible plant or animal brought from the forest or the river is blessed before being eaten.

(...)

In the process of creation each class of being received its particular powers (conceptualised as ‘weapons’) which allow it to sustain and defend itself in its appropriate habitat. Each distinctive set of ‘weapons’ (wooden splinters, feathers, poison, saliva, blood, semen) objectifies the creative powers that brought the species into being and define its generic identity. In the case of animals these substances and powers are continuously incorporated through the foods they eat, and thus successively re-incorporated at ascending levels in the food chain.

(...)

In the cosmic food web human beings occupy a unique position. As distinct from other living beings, who consume their preordained food ‘naturally’ as it were, men eat by means of food shamanism. By blessing their food, human beings turn animal-persons into human food and thereby assert their humanity. This shamanic capacity allows humans to overcome the dangers inherent in ‘nature’ while at the same time incorporating the life force it contains.

(...)

Due to the powerful substances and objects ('weapons') they contain, all natural foods are inherently dangerous to human beings. Through the blessing of food (...) these harmful substances are removed from the food. (...).

(...) According to the Makuna, most diseases come from eating improper or unblest food. (...)

The life-sustaining powers of every species—what could be glossed as its generic essence or soul—are intimately (and apparently causally) connected with the reproduction and continuity of the species as a distinct class of beings. As the food blesser removes the 'weapons' from the food and sends them back to their origin, he performs an essentially regenerative act: he returns the 'soul' of the killed and cooked animal (or edible plant) to its birth house, and thereby enables its subsequent rebirth. Food blessing thus has a fundamentally creative aspect which partly subsumes it under the domain of wanore shamanism: the protective, regulatory and life-sustaining shamanism which ensures the renewal of cosmos and the ordered reproduction of all beings. (ÅRHEM, 1996, P. 193-196.)

A emersão das ideias animistas colocaria em xeque uso dos conceitos de natureza e cultura, na melhor das hipóteses, “sem uma crítica etnológica rigorosa” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b, p. 348). Na verdade, ainda que sua aplicabilidade não seja tão simples o quanto parece - como veremos adiante - as implicações da lógica ética do modelo percolam e sedimentam uma série de estudos anteriores sobre a atividade social dos objetos na ciência e filosofia ocidentais (*System and Technology Studies*, agencialidade e ontologia), coagulando sob o termo mais corrente da “Virada Ontológica” (HOLBRAAD, PEDERSEN, 2017). A dissolução (ou abertura) de natureza e cultura, portanto, parece estar sendo homeopática e gradual; apesar disso e dos esforços que compilamos, as disciplinas ainda têm suas paredes celulares bastante firmes e definidas. Entraremos agora no que ludicamente chamamos de “mecanismos erosivos” dessas barreiras desafiadas pela Virada Ontológica, cuja atividade mais as transforma em membranas do que as liquefaz. Deixemos claro que agora partiremos para uma escala acima dos processos de identificação e reconhecimento (relação) pertinentes ao conjunto ontológico animista. O panorama se alarga estuda quais os novos potenciais no todo das humanidades, numa espécie de metafísica das disciplinas; tal o seu poder de infiltração como abertura de novas possibilidades de experimentação.

#### 4.5 A VIRADA ONTOLÓGICA

Por mais vias de contato que existam entre a arqueologia e a antropologia, o traslado e internalização de uma metodologia para outra exige uma espécie de “meta-metodologia”. A ideia de que o naturalismo é natural está naturalizada para as disciplinas, mas a sua relação com os seus sujeitos de conhecimento é diferente (caso contrário, as disciplinas seriam homônimas). Novamente a ilusão que as escalas podem provocar distende e confunde o que é qualidade e quantidade de informação: um “informante” pode dar versões bem distintas de outro dentro de uma mesma etnografia, por motivos já visitados em momentos anteriores. A sua presença no presente não é mais bem situada do que a do material arqueológico se derrubamos a distinção naturalista: ambos são Outro. Ora, é a temporalidade e/ou a linguística estabelece a diferença? Muito bem, então a aproximação entre as disciplinas reside mesmo no movimento que abrirá outros movimentos, no nosso transportar de *conhecedores* para *conhecimento* também; portanto, deve existir, ao menos nessa escala, um ponto de contato metodológico. Tentaremos expor isso inserindo aqui e ali a presença do material.

Holbraad e Pedersen sumarizam bem em três momentos, o que se poderia chamar de uma transposição mais ou menos comum que – não tanto pelas etapas em si, mas pelo que resultam – permitem fundamentar não pontos de partida, mas vetores de movimento e sentido gnosiológico. Basicamente, um método de criar balizas de análise. Estes três estamentos não são de forma nenhuma estranhos para qualquer pessoa familiarizada com a ciência de modo geral. O que está diferente é o que eles querem dizer quando a permanência das posições de inquirido e inquisidor como definidores de limites é subvertida para as de equivalência e correspondência como promotoras legítimas de inquirido científico.

A *reflexividade* é a efetiva inversão de prioridades entre os resultados de campo, por assim dizer, e a conseqüente teorização acerca deles. O que se revela, antes que algo possa ser dito sobre isso, é a presença de uma teoria prévia, constituída de anos de estudos antropológicos, etnológicos e etnográficos. Esta, de sua feita, já é relatada – mas, traduzida – a partir do seu peso como fonte não refinada. Em termos simples, seria algo como se as fontes em primeira mão fossem capazes de dizer tudo o que precisa ser ouvido de uma só vez; e onde a

nossa reflexão posterior é efetuada a partir disso. A ideia, antes que se avente às possibilidades, é que em primeiro lugar se ressalte com clareza quais são os conceitos típicos, ou tomados como mais “espontâneos”, de modo a representar as informações arqueológicas ou antropológicas “as accurately as possible” A ideia da tarefa é que nos conceitos, agora salientes, possam ser rastreáveis aparentes contradições lógicas: “Occasions in which your descriptions tempt you to say that your informants are being ‘irrational’ are good candidates for logical scrutiny<sup>160</sup>” (ALBERTI, et. Al. 2009, p. 908). Todos os conceitos lentamente internalizados na sua fabricada naturalidade devem ser agora o objeto de inquérito – e os fenômenos que menos se encaixem neles sejam considerados com o escrutínio da apreensão intelectual séria. Por isso, o animismo, totemismo e perspectivismo abrem a possibilidade de inversão tanto em termos antropológicos quanto arqueológicos – eles situam “the limits of the conceptual repertoires we bring to them (...), [to] understand these phenomena are, let alone explain what they might be so, is to break out of the circle of our conceptual repertoire” (HOLBRAAD, 2009.P. 433). É isso o que significa ser “ontológico”, afinal: levar em conta a autodeterminação dos postulados existenciais da alteridade tal qual se apresentam ao momento do conhecimento de sua aparição como um (re-)conhecimento genuíno. Em vez de refutar a pertinência do que se apresenta como parcial aos nossos critérios, adotar o que se manifesta como uma distensão do que sabe – como *modus operandi*. Antecipa-se, assim, para que a etnografia se torne “the ground of new concepts, providing the lever with which the anthropological perception can be transformed” (HOLBRAAD, PEDERSEN, 2017, p. 12).

Falando-se em percepções, talvez haja espaço para uma meia digressão que ilustre isso com outro entendimento: deve-se apontar que a reflexividade da qual se fala não é, e nem deve ser, uma reflexão abstrata do intelecto ou um reflexo simples e sem substância, idêntico ao de um espelho – mas da reflexividade como uma qualidade, um adjetivo daquilo que se respalda sobre si, daquilo que, efetivamente, pode ser refletido; ou, aquilo cuja existência é atestada

---

No caso da arqueologia, onde o equivalente a “informantes” seria a matéria não-humana que tem em sua formatação aspectos humanos de nosso interesse, supõe-se que ruídos desta espécie sejam comumente elencados sob a égide do “ritual” ou “caçadores-coletores-pescadores”; e quiçá sobre outros termos que encarnem mais o vago e o universal do que o específico-subjetivo.

como a origem do reflexo: “o que realmente estamos fazendo?” Assim, o que a antropologia costuma ver não é nem o reflexo da sua etnografia, mas meramente o espelho construído para refleti-la, ao invés de seguir o ângulo da luz para a fonte da imagem. A moldura deste espelho é entalhada com *-culturas, -sociais, -políticas* e dá o recorte em que se espelha uma cultura – logo, uma enciclopédia antropológica clássica seria algo como um museu cheio desses “espelhos” onde só se veem os artefatos expostos como reflexos destacados do seu contexto. Não apenas a sempiterna “cultura”, foi retirada e substituída por um branco infinito como um pano de fundo, mas o próprio artefato subsumido por uma pequena etiqueta com dizeres de idade aproximada, etnia, local e data de coleta; quiçá ainda um esboço de sua significância local. A infraestrutura aqui é mais tangível e próxima do que aquilo que a justifica em primeiro lugar. Um museu desta espécie, ao dividir e classificar os seus artefatos, os coloca dentro da lógica institucional estabelecida que propõe uniformidade entre os aspectos de cada ala que compõe o prédio. Caso admitíssemos que aos visitantes que frequentam o espaço regularmente fosse dada a liberdade de abrir os painéis envidraçados, espalhar as coisas todas em cima de uma mesa e recatalogá-las a partir dos critérios que considerassem adequados, quais tipos de classificações poderiam surgir? Por forma? Tamanhos? Número de partes? Cores? Peso? Temas? Motivos? Matérias-Primas? Texturas? Estado de conservação? Odores? Sem nenhum “treino antropológico”, é possível observar que novas configurações estão presentes na percepção do fenômeno da existência, no princípio ontológico que cada entidade dispõe.

Um exemplo etnológico que ilustraria bem esta etapa está, por exemplo, para os *Yawalapíti*, as pessoas são macacos das onças e os grilos são os peixes dos mortos (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 149). Ao nos lembrarmos que se deve levar a sério esta declaração, qual seria a modalidade lógica de verificação que valide isso como uma lógica - em cunho aristotélico? Viveiros de Castro, a partir de um exemplo trivial, consegue esclarecer:

Mas se dizer que os grilos são os peixes dos mortos ou que os lameiros são a rede das antas é realmente dizer que Nina, filha de minha irmã Isabel, é minha sobrinha (...), então, de fato, não há nenhum relativismo envolvido, Isabel não é uma mãe para Nina, do ponto de vista de Nina, no sentido usual, subjetivista, da expressão. Ela é a mãe de Nina, ela é real e objetivamente sua

mãe, e eu sou de fato o seu tio. A relação é interna e genitiva - minha irmã é a mãe de alguém de quem eu sou o tio, exato como os grilos são os peixes dos mortos -, e não uma conexão externa, representacional, do tipo “X é peixe para alguém, que implica que X é apenas representado como peixe, seja lá o que for em si mesmo. Seria absurdo dizer que, desde que Nina é filha de Isabel mas não minha, então ela não é uma “filha” para mim - pois de fato ela o é, filha de minha irmã, precisamente (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 384; grifos do autor).

Outro exemplo seria a história de Ventura, já contada, em que ele não reconhecia sua própria mãe após ser levado para a morada dos mestres da floresta. Em caráter abstrato, poderíamos considerar como questões primordiais, depois do arrolamento das informações relevantes, “e se x fosse pensado como y?” ou, “o que z precisa para se tornar w?” (ALBERTI, 2009, p. 908). O processo de reflexividade, como o entendemos, significa exercitar e transportar a empatia do domínio da inteligência emocional para a alçada da filosofia ontológica.

O segundo estamento proposto por Holbraad e Pedersen se dedica à *conceitualização*. A cunhagem de conceitos é um dos procedimentos básicos do trabalho antropológico – mas não o único. Os autores realizam uma pesagem entre a conceitualização, explicação e interpretação, inferindo que a massa de cada um deles se refere a diferentes processos de indagação e produção do conhecimento. Não necessariamente excludentes entre si, diante da explicação (um processo que eles chamam de “positivista”, portanto, heurístico) e da interpretação (hermenêutica), a conceitualização é o processo mais aproximado daquilo que pode e quer ser encontrado como definidor de sentido. Se se tem em mente que as coisas, enfim, estão sendo respeitadas em suas respectivas formas de ser isso significa exercer a observação e esperar ver quais tipos de conceitos surgem dali: “the material will not give you the answers, only the terms with which to generate them” (ALBERTI, et. Al., 2009, p. 908). Também não é novidade para a etnologia e a etnografia a listagem de conceitos nativos que funcionam como indexadores de sentido – o que se estabelece agora é que estes conceitos não necessitam mais de explicação ou interpretação por parte da antropologia; é necessário deixá-los ser.

A ideia é tomar estes conceitos como alternativas, em virtude de que “...possibilities of thought that ethnographies can provide (...) they can go beyond

the anthropologist's capacity to describe them by (ab)using them in their familiar senses" (HOLBRAAD, PEDERSEN, 2017, p. 18). Por exemplo, numerosas etnografias indígenas consideram que os animais são gente; o mito é a história sobre como as pessoas foram transformadas em animais. "Onças são gente" é uma declaração desta espécie. Isso quer dizer que, além de onças, elas também são gente. Elas não deixam de ser onças, apenas não são evidentemente humanas – isso nos traz duas constatações: a primeira, é a de que onças detém alguma espécie de 'humanidade'; e a segunda, conseqüentemente, é a de que humanos devem possuir alguma espécie de 'oncidade', um traço ou comportamento 'oncino': ou seja, isso nos diz tanto sobre o que é ser uma onça quanto o que é ser humano (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b, p. 484). A ideia é muito menos elencar diferentes pontos de vista de uma mesma "realidade objetiva" em que alguns dispõem de maior capacidade de observação do que outros; e muito mais abrir e explorar os limites do que é objetivamente realista de acordo com o contexto (humanos são animais racionais, mas podem se 'animalizar', se comportar como onças, peixes, minhocas, etc.). O segredo parece ser tratar "(...) all the things that your informants say of and do to something with things as modes of representing the things in question, treat them as modes of defining them" (HOLBRAAD, 2011, p. 15).

O relativismo cultural ou a ideia de que os povos autóctones possuem versões enfraquecidas de ideias e instituições admitidas como globais, poderia subsistir desta forma, sendo esta apenas um eco de antigos significados sob novos significantes (WAGNER, 2012, HOLBRAAD, PEDERSEN, 2017, p. 12-14). Em vez de encarar os conceitos e processos de conceituação alheios como genuínos e legítimos, tenta-se aparar os elementos mais salientes, por assim dizer, para que estes caibam nas classificações tradicionais, relegando-os a uma aproximação da verdade como parte de uma grande variedade utilizada apenas em modo comparativo. Todavia, esse erro de escala parece estar contingenciado da conceitualização; desde que se admita que o primeiro conjunto de ideias, criado em relativo isolamento ao longo dos séculos como demonstrado por Descola, se permita também atualizar com os novos significados que emergem da coleta etnográfica; e desde que colocados em consonância e pé de igualdade uns com os outros. O modo de aferir se esses passos deram certo é que a

presença deles deve aparecer, posteriormente, como parte “natural” dos processos de explicação e interpretação que nunca deixarão de ocorrer. O segredo é que se passa a ser necessário tratar “(...) all the things that your informants say of and do to something with things as modes of representing the things in question, treat them as modes of defining them” (HOLBRAAD, 2011, p. 15); podendo-se, então, constituir um volume de informação apto para uma *bricolage*.

Finalmente, a *experimentação* seria o ponto de contato mais imediato à origem ontológica da produção de conhecimento; a etnografia antropológica ou o mero contato da arqueologia em contato com material inventado como artefato. A etnografia e a escavação são exemplos do pragmatismo experimental típico desta etapa, em que a metodologia novamente aparece como mote. Por se falar em método, atenta-se também aqui que a manipulação e as críticas oriundas já reflexionam outra vez, colimando o processo de modo orgânico – todas as etapas redundam umas nas outras, de modo ‘algorítmico’, como coloca Holbraad:

Much as with other heuristic forms (...), the success of an ontological informed anthropological experiment is a function of the degree to which it can remain faithful to and conscious of – its own design, including the inevitable but nevertheless productive limitations of its heuristic form. (...). And much as with other scientific experiments that are not closed and hypothesis-driven but open-ended and exploratory, success here lies in the extent to which a particular heuristic framework and its more or less ‘algorithmic’ procedures have been pushed to their very limit, while the modifications inevitably resulting from this process of extreme testing are transparently accounted for and reflected upon as part of the operation (...). Not, however, because anything new and novel is automatically to be preferred over well tried and the conventional, but because a successful ‘run’ of the experimental ontological ‘machine’ is to be measured against the degree to which potentially useful concepts are been generated by this heuristical procedure, and more generally the extent to which the ontological experiment has explicated, problematized and improved existing ways of thinking (HOLBRAAD, PEDERSEN, 2017, p. 22-23).

Essa manipulação, que é produto elementar do encontro entre Eu e Outrem, não pode ser totalmente eliminada como intervenção neutra ou “observadora”, ainda que possa ser monitorada e levada em consideração dentro da questão animista. Neste caso, significa que os antigos “informantes” estão agora ocupando o patamar de “interlocutor” ou “co-respondente” – em que se

poderia pensar, também, dependendo do caso, por que não, em “colegas”? De qualquer forma, está claro que se trata de algo novo em sua singularidade por, agora ambas, subjetividades, e o resultado disso para ambos sentidos será o fruto de uma atitude colaborativa (e irrevogável nesse âmbito). Um exemplo correlato poderiam ser as atualizações míticas para inserir os brancos dentro da cosmogênese indígena, dando-lhes uma afetação prática dentro de um sistema já estabelecido, mas disposto a co-ação intersubjetiva, como é o caso dos *Runa*, cujo mestre das capivaras é um latifundiário branco que, mediante negociação, abre os currais onde guarda seus animais para que os caçadores possam predá-los (KOHN, 2013, p. 154-155)<sup>162</sup>. Note-se que por esse “comportamento intersubjetivo” estamos considerando o seu efeito ontológico, o seu ponto de vista e qual mundo se exprime através da entidade em questão antes da sua opinião subjetiva (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b, p. 384-385).

Na arqueologia, esse processo de admissão seria inverso. A partir da notificação da existência do artefato e estabelecido seu contexto imediato, o mito seria construído e narrado com a terminologia adequada para cada conjunto de paradoxos ou culturas de diferentes alteridades ou visões de mundo. A ideia desta interpretação reside no ato da contra-interpretação; na concepção de inverter o sentido do ato interpretativo de volta para si mesmo. Por questões linguísticas, é muito mais evidente que acessar este conteúdo é uma realidade simples para a antropologia, mas enigmática para quem trabalha, às vezes, apenas com materiais “brutos”. Como captar as afecções de algo que não fala ou mesmo se tem dúvida acerca de seu caractere animado? Um debate trazido à tona com certa frequência é a resposta de Edmund Leach durante um congresso interdisciplinar, com profissionais de ambas disciplinas, arqueologia e antropologia, em 1972. Antecipando críticas do pós-processualismo, ele aponta o determinismo inerente ao processualismo de Binford – mesmo embora ele troque gato por lebre ao comparar música performance como estruturas análogas a linguagem – um determinismo saussureano-linguístico mais recorrente em Lévi-Strauss. O seu ponto é que,

---

Nos mitos *Bõe* (Bororo), os brancos são usurpadores de artefatos da criação, posteriormente resgatados pelos indígenas (VIERTLER, 1999).

The task of the archaeologist is to dig up and analyze the residues of the past. By all means let all the resources of science to be used to improve techniques so that more and more an accurately record is obtained on what these residues really are, when they came into existence and so on. As soon as you go beyond asking 'what' questions such as: 'what is the nature of my material?' and start asking 'how' and 'why' questions, such as 'how did this deposit change over time?', or, by analogy, 'how was the prehistoric game of social chess played out?', then you are moving away from verifiable fact into the realm of pure speculation. This does not mean that the archaeologist should not speculate, but he needs to understand what he is doing and when he is doing it. (LEACH, 1973, p. 764)

Para Leach parece claro que a empreitada arqueológica está limitada às coisas como pressuposto de algo além, do “índio atrás do artefato”. As coisas em si, como Olsen aponta, são representações incompletas de um passado remoto e semi-cognoscível (OLSEN, 2003, p. 90). Leach ainda deixa aquele sabor amargo na boca de quem diz coisas que talvez não deveriam ser ditas; mas depois de tê-lo feito. Parece que para ele, quando a Arqueologia tenta ir além da descrição está dando passos maiores que as pernas. Holbraad, ao organizar um dossiê sobre arqueologia e ontologia para o *Cambridge Archaeological Journal*, em 2009, aponta para o que podemos chamar de uma ‘expressão ontológica’ das coisas que é mascarada pela sedução que os informes etnográficos provocam (sem surpresas aqui). Ele comenta que, apesar das coisas não disporem de seu status ontológico em suas mangas, as coisas fazem coisas a partir das quais é possível atestar a sua atividade ontológica (HOLBRAAD, 2009, p. 438). Um eco fortuito pode ser encontrado no cerne da teoria antropológica perspectivista de Viveiros de Castro; num raríssimo momento em que ele comenta sobre a “ontologia interessante e ambígua” dos artefatos: “são objetos, mas apontam necessariamente para um sujeito, pois são como ações congeladas, encarnações materiais de uma intencionalidade não-material” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b, p. 361). Todavia, isso não implica necessariamente numa dependência das etnografias, dado que a ideia é pensar as coisas como definidoras de si mesmas. A citação de Viveiros pode ser criticada na dependência latente dos artefatos com relação aos humanos no tocante à sua conceitualização; apesar de não ser ainda o caso de “o índio atrás do artefato” redivivo (muito por causa da ênfase de sentido como vetor), os artefatos continuam subsistindo mais do que existindo na teoria perspectivista cuja animação seria secundária diante de plantas, fenômenos

meteorológicos, feições paisagísticas e animais (Op. cit.). Se a divisão naturalista já foi batida e rebatida por indexações *gellianas*, *assemblages latourianas* e tramas *ingoldianas*, a primeira colocação é que as coisas em si mesmas constituem seus próprios contextos afinal – independentemente de qualquer regime ontológico existente, as coisas mesmas possuem sua “autodeterminação ontológica” (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 25). Elas contêm seus próprios contextos tanto quanto os “informantes” da etnografia clássica estão contidos e contêm os contextos que os constituem. Logo, se trata de pensar a etnografia como não exclusiva, como não dependente de sujeitos ou objetos, mas como pertencente a qualquer manifestação ontológica que aí se coloca: uma *etnografia das coisas* (HOLBRAAD, 2014). Essa noção dialoga com o cerne heurístico da virada ontológica no que tange ao abandono de pressuposições conceituais e teóricas que abre espaço de manobra para a emersão de conceitos nativos de filosofia. Ainda que este abandono não seja total, é o questionamento da sua inefabilidade que permite a digressão e distensão de sentido de conceitos como “humanidade”, “agência” e “subjetividade” – quais conceitos nativos se aproximam (e não são sinónimos) de suas contrapartes ocidentais?

#### 4.6 IMERSÃO: A COISA=CONCEITO

A partir do que foi explanado, é possível perceber que nada aqui é apenas uma coisa em si que não seja, também, uma abertura para outra. Entretanto, a aplicabilidade destas noções na antropologia e arqueologia não é uniforme, mas subordinada à qualidade da documentação disponível – no caso que nos interessa, se material ou imaterial. Martin Holbraad coloca em questão o conceito filosófico mais amplo que se adequa ao problema em questão:

It is this notion of emancipation, then, that I propose to transpose onto things: things can speak insofar as they can set the terms of their anthropological engagement by acting as originators (...) of our anthropological conceptualisations. Things can speak if they can yield their own concepts. (HOLBRAAD, 2011, p. 17) (grifo nosso)

Falar sobre a *coisa* é definitivamente mais complicado e complexo do que se pode fazer jus aqui, dada a sua penetração nas humanidades desde a filosofia. Todavia, a colocação de Holbraad, sobre a emancipação das *coisas* localiza

melhor e traduz com precisão essa alternância de estados e condições que imperam na filosofia ameríndia, possibilitando aplicação sistemática, desde que adaptada para cada caso. Inicialmente, a sua proposta foi retratada no hoje popular livro *Thinking Through Things*, em conjunto com Amiria Henare e Sari Wastell (2007) que antecipa os movimentos posteriores realizados por Holbraad e Jan Axel Pedersen em *The Ontological Turn*. A partir dos movimentos de *reflexividade*, *conceitualização* e *experimentação*, que ainda não haviam coalescido como método e anteparo, os autores cunharam a ideia de “*conceito = coisa*”. Partindo da premissa, que nós pensamos universal, de que as *coisas* são capazes de fornecer os seus próprios significados, e da ideia de que é preciso levar a sério e literalmente os significados propostos e obtidos por via etnográfica, está e a condensação máxima deste movimento. Quase como uma metateorização, os autores sugerem que, como outros particionamentos analíticos intelectuais (significado/significante; sentido/referência), a divisão entre conceitos *ou* coisas impede a exploração e aprofundamento das noções que podem ser obtidas das *coisas* (HENARE, HOLBRAAD, WASTELL, 2007, p. 2). Embasados na crítica à epistemologia antropológica de Marilyn Strathern, que impõe o significado ao significante na sua busca por explicação de fenômenos culturais externos; eles criticam a presença dos artefatos nas etnografias e análises como meras descrições e as descrições nativas como meras aproximações às composições dualistas típicas do pensamento ocidental. Os autores apostam na exploração radical até seus limites etimológicos, indo realmente de encontro à raiz do problema: “it is proposed that the ‘things’ that present themselves be allowed to serve as a heuristic with which a particular field of phenomena can be identified, which only then engender theory” (op. Cit., p. 6). Isto nos parece como um movimento acertado que vai de encontro às necessidades prementes daqueles que estão interessados no pós-humanismo de fato; em vez de localizar as coisas dentro de sistemas ‘ontocosmológicos’ particulares (como a rede de Latour, exemplo já dado), se trata de um esvaziamento teórico da coisa, “emptying it out of its many analytical connotations, rendering it a purely ethnographic ‘form’ ready to be filled out contingently according only to its own ethnographic exigencies” (HOLBRAAD, 2011, p. 11).

Embora seja um grande perigo considerar a coisa como algo desprovido de teoria – pois isso por si só é um modelo ontológico particular num momento histórico preciso – a entrega da responsabilidade acerca da emergência de novos conceitos poderia ser considerada como terceirizada; nem pessoas nem coisas seriam capazes de orientação sem um contexto que as una. O contexto, poderíamos dizer, especificamente na questão das coisas como matéria, é um trabalho da arqueologia. Ora, é sabido que a grande distinção entre a antropologia e a arqueologia é metodológica; trata-se sobre a natureza específica da percepção subjetiva das fontes primárias. Todavia, os exemplos que fundamentam o protótipo *conceito = coisa*, pela ordem dos fatores, preveem a antecipação do discurso falado para a definição das coisas – nesta formatação, a fórmula desempenha muito pouco efeito sobre uma emancipação das coisas em si. Para tanto, é necessária uma inversão simples:

If there the formula 'concept = thing' designated the possibility of treating what people say and do around things as manners of defining what those things are, here its symmetrical rendition 'thing concept' raises the prospect of treating the thing as a manner of defining what we (analysts now, rather than natives) are able to say and do around it. At issue, to coin another phrase, are a thing's conceptual affordances. (HOLBRAAD, 2011, p. 17).

Aqui está a conjunção entre as ideias da arqueologia e antropologia dividirem a paisagem das humanidades, como proposto por Tim Ingold (1992). A ideia de *Affordance*, embora hoje seja um conceito bastante corrente no mundo do design e outras disciplinas envolvidas na fabricação de artefatos como produtos utilitários<sup>163</sup>, tem origem no estudo de psicologia ambiental de James Gibson (1986), uma grande fonte de teoria (e crítica) para Ingold (2018). Gibson considera como princípio básico a irreduzibilidade da capacidade do ambiente de ser mensurado apenas pela perspectiva físico-químico-morfológica. Pelo contrário, ele nota que os animais se confundem com os espaços nos quais interagem através de uma análise da paisagem:

The affordances of the environment are what it offers to the animal, what it provides or furnishes, either for good or ill (...). As an affordance of support for a species of a animal, however, they have to be measured relative to the animal. They are unique for

---

Poderíamos, tentativamente, pensar 'forma = uso', em uma espécie de 'regressão arqueológica', onde esta fórmula escusa parece ter atuado com grande influência nos anos imediatamente anteriores ao pós-processualismo.

that animal. They are not just abstract physical properties. They have relative to the posture and behavior of the animal being considered. So an affordance cannot be measured as we measure in physics. (GIBSON, 1986, p. 127-128, ênfases do autor).

Ingold atravessa esse argumento em diversos sentidos ao longo do tempo; ora desenvolvendo-o como uma relação de interdependência que é exigida para o movimento das coisas (INGOLD, 1992); ora como um dispositivo equivocado em criar uma precedência dos objetos, que são apenas mobilizados por conta de Outrem/Eu (INGOLD, 2018). Posteriormente, ele traça seu próprio caminho ao considerar que a realidade e as aferições do mundo são produzidas em plena contingência, chegando às raias do radicalismo anti-objeto : *Life of Lines* abandona a *affordance* (e o próprio conceito de etnografia) em prol de uma educação intuitiva e participante :

Participant observation, in short, is a practice of correspondance: a way of living attentively with those among we work. Herein, I contend, lies the purpose, dynamic and potential of anthropology. It is not to arrive at retrospective accounts of what life is like for peoples of particular places and times : its not ethnographic, in that sense. Rather, is educational. To undergo this education is to join with others in an ongoing exploration of what the possibilities and potentials of life might be. (INGOLD, 2015c, p. 157, ênfase do autor).

curioso como quando nos debruçamos sobre as coisas *como* materiais, seja o que for que seja uma *coisa material*, então, é possível colimar e desdobrar diversos vetores de sentido que apontam para fenômenos imateriais e relações abstratas que conectam e reconectam os fundamentos das disciplinas da arqueologia e antropologia. Num exemplo simples, tomemos a noção emprestada do design como uso pela fórmula 'forma = uso'. Esta fórmula foi objeto de estudo da arqueologia por anos antes do surgimento do pós-processualismo; esta espécie de empréstimo espontâneo ressalta a homologia de sentido apartada do registro histórico, ao mesmo tempo que serve de base para catalogações morfológicas (arqueologia) e utilitárias (Design) (SUDJIC, 2010). O próprio Ingold advoga pela admissão da arte, arqueologia, antropologia e arquitetura como sendo, em nossos termos, ontologicamente indistintas: "...a series of pathways in which the concerns of anthropology, archaeology, art and architecture seemed naturally and effortlessly to converge" (INGOLD, 2013, p. 12). Outra possibilidade de apreciar essa instância filosófica está na máxima que, "a natureza de uns pode

muito bem ser a cultura dos outros” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b, p. 361), a teoria, o objeto ou conceito de uma disciplina terá operação diferente se for transportada entre contextos, salientando a alteração de sentidos e significações quando traduzidas de uma esfera de atividade sócio-intelectual para outra – mas essa transformação é espontânea: “the thing differentiates *itself*, no longer as an instantiation ‘of’ a concept, but a self-transformation as a concept” (HOLBRAAD, PEDERSEN, 2017, p. 219, grifos dos autores).

## 5 ONTOLOGIA

Chegamos a um ponto em que se torna imperativo fundamentar o conceito de ontologia (e *coisa!*) ao qual nós e demais colegas nos referimos diversas vezes. Ontologia é um ramo da filosofia interessado na existência<sup>164</sup>: o que é existir, qual a natureza da realidade, quais suas características gerais e específicas e como elas funcionam; eis algumas das problemáticas básicas do campo (HOFWEBER, 2018). É igualmente uma questão antiga e presente ao longo do desenrolar dos debates filosóficos e científicos da humanidade; Empédocles, Parmênides, Aristóteles, Platão, Santo Agostinho, Descartes, Frege, Husserl, Merleau-Ponty, Sartre e Heidegger são alguns dos seus maiores expoentes. Pode-se notar que citamos pessoas de áreas aparentemente dispersas, apontando para uma intersecção de campos entre a metafísica, teologia, existencialismo, ontologia e fenomenologia. Isto se deve ao caráter eminentemente cosmológico que está imbuído no questionamento de cada caso; a metafísica se preocupa com aquilo que está “além da física”, as “coisas que não mudam”, ao contrário da física, que trabalha com o tempo e o espaço (VAN INWANGEN, SULLIVAN, 2018<sup>165</sup>) – em se tratando sobre o que existe ou não dentro deste eixo. A teologia possui a mesma descrição que demos à ontologia; mas versada sobre a natureza de Deus e seu papel na construção e manutenção do Universo numa cosmológica ocidental (HALVORSON, KRAGH, 2019<sup>166</sup>). A fenomenologia, é o estudo da consciência e das estruturas intelectuais sensíveis, como experimentadas por uma pessoa, “along with relevant conditions of experience. The central structure of an experience is its intentionality, the way it is directed through its content or meaning (...)” (SMITH, 2018<sup>167</sup>). Todas elas ainda podem ser associadas aos estamentos filosóficos da ética (como se agir em sociedade), lógica (como postular um raciocínio válido) e epistemologia (o que é, e como obter,

---

Difere-se aqui da ontologia da computação e programação de *softwares*, cujo escopo particular está situado fora do nosso recorte.

van Inwagen, Peter and Sullivan, Meghan, "Metaphysics", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2018 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2018/entries/metaphysics/>>.

Halvorson, Hans and Kragh, Helge, "Cosmology and Theology", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2019 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2019/entries/cosmology-theology/>>. <https://plato.stanford.edu/entries/phenomenology/#DiscPhen>

conhecimento), informando e se atualizando a partir destas interrelações complexas que só podem ser consideradas caso a caso. No nosso caso, estabeleceremos reduto na ontologia, apontando intersecções quando necessário.

Como a ontologia é baseada em modelos ontológicos, que são sistemas de relações entre as diferentes características de coisas que existem ou não, fundamentando a realidade, existe uma grande variedade de perspectivas no campo que não raro soam bastante incomuns a quem não se inicia em seus caminhos. Isso se dá porque a ontologia procura pelo que é mais elementar à existência, que, como acabamos de observar, adota diferentes unidades de análise. Um exemplo está nos diferentes sistemas monádicos (Leibniz, Tarde), duais (Descartes, Lévi-Strauss, Husserl), ternários (Eliphaz Lévi, Kant, Hegel, Freud), e mesmo quádruplos (Heidegger, Harman) que podem emergir em contradição, suplantação e interdependência. Alguns conceitos e noções compartilhados por todas as linhas são a consciência, o eu, o outro, o objeto, o subjetivo, a coisa e a relação, mas isso fala mais sobre nossa visão superficial do que é uma sistematização dedicada e exaustiva. De qualquer modo, ontologias são consideradas concepções gerais acerca do universo e sobre como a existência se articula em relação a isto; também pensamos que se exprimem de modo direto em todas as manifestações conscientes, desde o senso comum até o paradoxo acadêmico. É, então, visível que tanto o animismo e o perspectivismo multinaturalista são modelos ontológicos em que o segundo é derivativo do primeiro; mas ambos informam um ao outro, sendo impossível reduzi-los a si sem se referir às suas respectivas contrapartes e totalidades de si mesmo (LÉVI-STRAUSS, 2012, VIVEIROS DE CASTRO, 2010): ainda mais se a pessoa fractal for levada em consideração (LUCIANI, 2001).

A título de exemplo, apresentaremos um dos modelos mais celebrados da filosofia moderna, a ontologia de Martin Heidegger, antecedida pela de seu mentor. Heidegger é considerado revolucionário por sua filosofia naturalista e lírica, trazendo influências do jogo de sentido da poesia (de Hölderlin, no seu caso) e da linguística (etimologia), para falar de objetos cotidianos como jarras e martelos com profundas consequências epistemológicas. Discípulo do aparente fundador da fenomenologia, Edmund Husserl, sua filosofia é informada em grande

parte por seu mestre, ainda que suas divergências políticas e filosóficas acabassem insuperáveis. Husserl é possivelmente o primeiro filósofo a ter como foco específico a natureza do objeto, com sua máxima do “voltar as coisas em si mesmas”, portanto, introduziremos brevemente suas ideias antes de entrarmos na propriedade da filosofia rural de Heidegger.

Husserl desenvolve uma metafísica do objeto, partindo do princípio de que um objeto é criado pela intenção de qualquer relação a ele conectada; ele é, portanto, dado como algo *disposto como* algo, em intencionalidade de significado. Intenção aqui significa consciência e isso implica em aplicar o conceito de objeto a objetos que não são físicos, garantindo-lhes o mesmo grau de realidade que objetos sensíveis – embora neste momento objetos não disponham desta operação. O reconhecimento da repercussão da realidade verdadeira dos objetos imateriais frente aos tão-reais-quanto objetos materiais implica neste caso o encontro com um terceiro objeto real-real: o *noema*, de onde vêm a referência de totalidade, ou essência, que se manifesta nessas duas formas agora tomadas como derivativas. Então, temos objetos físicos e reais e sua faceta eidética, ideal – que redundam ou resultam num super-objeto. Todas as três faces coexistem juntas.

Para atingir o âmbito mais íntimo do real que emana do *noema*, Husserl implementa a metodologia da *redução eidética*, que consiste em observar e descrever o que existe de mais fundamental em determinado objeto: conchas, por exemplo, podem ser de bivalves ou gastrópodes, que por sua vez podem ser marinhos ou paludais, gregários ou solitários, móveis ou sésseis, etc. Todavia, todas as conchas de todas as espécies de moluscos são feitas de carbonato de cálcio e têm um lado externo e interno característicos. O *noema* das conchas é esse, e essa retirada das conchas de seus contextos específicos é chamada por ele de *epoché*. Desta forma, a *redução eidética* trata o objeto como um contentor de características específicas, um conjunto de elementos ou qualidades sensíveis e intelectuais que derivam do *noema*. A *redução eidética*, portanto, se apoia no *epoché*, na retirada do objeto de seu contexto, já que se considera que ele próprio o carrega consigo. Isso nos garante acesso direto e subjetivo às suas variáveis e invariáveis. Entretanto, Husserl notou que jamais esgotaremos totalmente a realidade do objeto, por mais que obtenhamos vislumbres de seu *noema*, sua

essência. Ao dispormos uma valva de berbigão na mão, é impossível avaliá-la sensivelmente de todos os ângulos visuais e possibilidades projetadas nas ideias. Tampouco podemos aferir a partir da imaginação os diferentes sambaquis que acontecem ao longo do mesmo sambaqui durante um dia; já que as conchas e as árvores sob a luz da manhã não são as mesmas que sob o luar, ou a chuva, ou como materiais de construção. Mesmo assim, o objeto escancara essas possibilidades uma vez que entremos em relação intencional com ele através da *epoché* – ‘a concha no laboratório, nas camadas do sítio e no dormente das autoestradas é um sambaqui da mesma forma, ainda que numa outra topologia. Desta forma, o conhecimento não é obtido a partir de um ponto prévio à consciência, senão (em) conjunto com o próprio mundo: não existe consciência fora do mundo sensível, já que o real é dado a partir desta tensão (BEYER, 2018). Este movimento que seria resgatado pelo pós-humanismo *latouriano*, mas é pouco associado com as ideias de Husserl.

Heidegger partirá deste ponto, mas num sentido inverso. Sua apreciação dos objetos, *Coisas*, como ele prefere<sup>168</sup>, salta em direção contrária à de Husserl como uma bola quica para trás quando atirada numa parede. Porém, sua força parte dali – o recuo de perspectiva necessário para a atribuição do *noema* é tomado por Heidegger como um movimento que *parte do objeto*, a *Coisa*, cuja realidade nos é velada pelas características pertinentes, e não disposta ali em sua inteireza:

O seu legado é antes um convite para entrarmos em um processo de problematização sem fim especificável, em um acontecer não gerado por nós – por nosso espanto diante do que há ou das nossas necessidades – mas pela ‘retenção’, por um retraimento que, no entanto, chama para ser dito. Esse dizer tem caráter peculiar: ele não é progressivo, explorador, fonte de informações novas sobre algo que preexiste, mas sim regressivo, reminiscente, um retorno à nomeação inicial. Que nomeação é essa? A exercida pelos pré-socráticos: ‘Trata-se de despertar para o contencioso que está na pergunta pelo assunto do pensamento (pensamento no sentido da relação ao ser como presencialidade; Parmênides, Heráclito, noein, logos). (LOPARIC, 2004a, p. 37).

---

Heidegger capitalizava todos seus conceitos, como fica claro na tradução para o inglês que utilizamos (ver HEIDEGGER, 2001); apesar da norma da língua alemã exigir a capitalização de todos os substantivos. some-se a isso que na língua alemã todos os substantivos são capitalizados – justamente, pois assim todas as Coisas estão marcadas graficamente na escrita.

De uma forma simples, podemos dizer que Heidegger afirma que a totalidade das *Coisas* e sua realidade efetiva é real, porém ambígua; estando ao mesmo tempo disposta na consciência e ao nosso redor no mundo – mas sempre se retirando, essencialmente, sempre para um pouco mais além de nós. As condições de variabilidade e invariabilidade do *noema husserliano* são transmutadas como os conceitos de *Vorhandenheit* (HEIDEGGER, 2001, p. 48) e *Zuhandenheit*; o primeiro, “ao alcance da mão”, se refere ao fato de que as *Coisas* que nos cercam estão fora da consciência imediata, em sua grande maioria. Se temos diante de nós uma série de coisas, pão, manteiga, café, xícaras, pratos, pires e talheres, podemos observá-las em plena consciência – porém, ao passarmos a manteiga no pão e provarmos, entram em suspensão o suco de laranja, o rádio ligado na Gaúcha e os meus próprios óculos, passando despercebidos por mim, mas longe de deixarem de existir. Eles também não desaparecem da realidade, senão se retiram para o seu interior de modo ordenado por assim dizer, sendo referências uns dos outros e se mobilizando parcialmente quando uma parte dessa unidade é operada. Por exemplo, após comermos do pão com manteiga, ainda no conjunto significativo *café da manhã*, estarei mais consciente da mesa posta do que dos latidos dos cães, ou do canto dos aracuãs, lá fora. Logo, as *Coisas* que pertencem a determinados contextos perfazem o que Heidegger chama de *Equipamento* (‘das *Zeug*’; op. cit, p. 97), estando todas à beira da existência sensível da mesma forma como uma partícula quântica que está e não está no Universo ao mesmo tempo. Esta ideia de *Equipamento* está subordinada a qualquer atividade, assim, teremos conjuntos como *jardinagem*, *demolição* ou *decatlo*, cada uma contendo suas entidades, retiradas do sensível. As *Coisas* estão presentes no sensível, mas não em sua realidade total.

Todavia, ainda as *Coisas* necessitam da minha atenção para tornarem-se sensíveis. Para tanto, o conceito de *Zuhandenheit* (op. cit, p. 98) prevê o golpe de mestre que arremessaria a bola no ponto certo da parede. Segundo o filósofo bávaro, esta condição existencial – “pronto-à-mão”, traduzido livremente<sup>169</sup> – é mais eficaz para conhecer uma determinada *Coisa* do que apenas observar ou

---

Bastante aproximado do sentido contido na expressão francesa “*prêt-à-porter*”, “pronto-para-vestir”, como algo que se ilustra melhor do que o geral sentido intrincado do alemão.

teorizar sobre ela. O exemplo clássico é o do martelo: quem tem em suas mãos um martelo, e põe-se a martelar um prego, está mais consciente do martelar do que o martelo empunhado com firmeza na mão.

In dealings such as this, where something is put to use, our concern subordinates itself to the 'in-order-to' which is constitutive for the equipment we are employing at the time; the less we just stare at the hammer-Thing, the more we seize hold of it and use it, the more primordial our relationship to it become, and the more unveiledly is it encountered as that which it is - an equipment. The hammering itself uncovers the specific 'manipulability' [Handlichkeit] of the hammer. That kind of Being which equipment possesses - in which it manifests itself in its own right - we call 'readiness-to-hand' [Zuhandenheit]. (HEIDEGGER, 2001, p. 98)

As capacidades ou características que as *Coisas* têm, para Heidegger, são reunidas nesta ideia de *Equipamento*, que é organizada em seu conteúdo pelo 'necessário-para' [in-order-to]; por unidades práticas como usabilidade, servicibilidade e manipulabilidade. Assim, martelos, pregos, alicates e porcas pertencem a um mesmo conjunto equipamental, idêntico ao café da manhã. Todavia, o uso não revela a realidade da *Coisa*, apenas sua *condição* de equipamento: apenas nos damos conta da existência real da *Coisa* quando esta nos falha. O martelo só surgirá à nossa consciência imediata se errarmos uma martelada ou se sentirmos o cabo hesitar depois de um golpe – e aí, toda a realidade se escoa novamente para as profundezas da escala do equipamento, nos deixando reduzidos aos resíduos sensíveis da ausência diante da insegurança e fracionamento de nós mesmos. Diferentemente de Husserl, em que a intencionalidade da *epoché* que emula a existência do objeto, a *Coisa* de Heidegger existe paradoxalmente no ato de desconexão que dispara um raciocínio transversal ao do velho mestre. A realidade é um paradoxo contido na distribuição possível da consciência.

Talvez, todavia, a marca registrada do filósofo seja a dissociação da *Coisa* e do *Objeto*. Para Heidegger, se algo está sempre perto ou longe, o está porque existe uma distância entre nós. O que está ao nosso alcance é justamente aquilo que podemos atestar uma existência, um *Ser*, é algo que vem a nós – isto é a *Coisa*. Esta *Coisa* vem até nós através de sua *coisidade*, as características que permitem atestar sua realidade física, tal qual um martelo martela, uma jarra contém; mas ela não contém líquidos, nem o martelo, marteladas. Eles contêm a

sua própria ausência, os contornos do martelo e da jarra encerram a expectativa da fragilidade, o limite de suas possibilidades de uso; suas formas sensíveis embalam o vácuo a vácuo na topologia do vazio. Por isso a realidade sensível é falsa para Heidegger, senão uma manifestação da *Coisa* que o *Ser* (a consciência de si) detecta para atestar sua própria existência. Esta existência ôntica é pertinente aos acidentes sensíveis das *Coisas*, sendo o objeto de questionamento permanente da ciência tradicional. A sua contraparte, apresentada por ele, é a tal da existência ontológica, esta sim, preenhe da essência do real reapresentado como meramente ôntica; ou aquilo que detém a consciência de alguma escala de existência. Para entender melhor isso, aqui está o conceito mais antigo de Heidegger; o conceito de *Ser* (*Dasein*).

As ways in which man behaves, sciences have the manner of Being which this entity – man himself – possesses. This entity we denote by the term 'Dasein'. Scientific research is not the only manner of Being which this entity can have, nor is it the one which lies closest. (...) Dasein is an entity which does not just occur among other entities. Rather, it is ontically distinguished by the fact that, in its very Being, that Being is an issue for it. (...) That kind of Being towards which Dasein can comport itself in one way or another, and always does comport somehow, we call 'existence' [Existenz] (...). Dasein always understands itself in terms of its existence – in terms of a possibility of itself: to be itself or not itself. Dasein has either chosen these possibilities itself, or got itself into them, or grown up in them already. Only the particular Dasein decides its existence whether it does so by taking hold or by neglecting. The question of existence never gets straightened out except through existing itself. The understanding of oneself which leads along this way, we call existentiell. (HEIDEGGER, 2001, p. 32-33, grifos da edição).

Ponto central de sua investigação, é necessário avançar com alguma cautela, sempre levando em consideração que nossa explicação pode ser insuficiente em termos metafísicos – mas adequada para o projeto que nos propomos. Para Heidegger, a *interpretação* tem caráter central, dado que o *Dasein* avalia as *Coisas* a partir de sua própria existência: isso é colocado como algo *existencial*. Esta existência é sempre atribuída, mas insuflada (“or got itself into them, or grown up in them already”), e acaba por mover e embasar um mundo onde é possível encontrar a mim e a todas as outras *Coisas* que julgo existirem ou não. Assim, ao contrário de Husserl que prevê a suspensão, isolamento e descrição de determinada *Coisa* para melhor entendê-la; para o discípulo bávaro

o mundo é indissociável, visto que retirar uma *Coisa* de seu *Equipamento* a desloca irremediavelmente.

Sentir fome, navegar, brincar de blocos de montar, escrever uma tese, encontrar alguém, se molhar na chuva; todas são possibilidades da existência e configuram elementos da unidade do *Ser*. Estas digressões ao infinito, por sua vez, são todas pertinentes ao mesmo campo eidético, por assim dizer, pelo caráter de que são, também, potencialmente terminais – a impossibilidade, o nada e o fim da existência são os nódulos que encerram e reúnem as probabilidades do *Ser*, sendo a morte insuperável e operante como eterna insuficiência. Finalmente, essa situação altamente ambígua do *Ser* o torna uma espécie de super-existência, já que ele “não é determinado inicialmente pela relação sujeito-objeto, mas como sendo o aí da presença viva dos entes no seu todo, ou seja, o lugar do desocultamento do *Ser*” (LOPARIC, 2004b, p. 11). Por isso que o cerne de toda a ontologia ocidental reside no “Ser-aí”, o *Dasein*, para Heidegger: apenas através do paradoxo da presença e ausência totais que é possível obter conhecimento ontológico real.

Estas ideias da teoria de Heidegger são classificadas como o primeiro período do seu pensamento, mas apesar de seu caráter preliminar, foi um dos maiores avanços filosóficos do século passado. Se Husserl permanece imbatível em todas as ideias referentes a unidade de seu objeto, Heidegger seguiu os passos do mestre, explorando não apenas as relações internas da *Coisa*, mas partindo disso para a relação com a questão do existir, do *Ser*, se afastando das preocupações fenomenológicas propriamente voltadas à questão da percepção: What Heidegger finds most fateful in the development of Western philosophy is, (...) the orientation toward being as ‘reality’ or ‘thinghood’, for this makes the world a sum total of *independently* existing entities that exist for observing subjects... (FREDE, 1993, p. 60, grifos da autora).

A segunda etapa do grande esquema ontológico heideggeriano consiste, então, na amálgama destes elementos, aqui tão rapidamente esboçados. A atenção passa a ser dada pelo filósofo ao *habitar* e sua necessária relação ambiental. Embora a estrutura ontológica do quádruplo já estivesse presente no primeiro momento, é após a segunda guerra que o modelo florescerá. O

importante deste primeiro passo é salientar que as *Coisas* estão ao nosso alcance, mas, que ao direcionarmos nossa intenção – sempre interpretativa – de tomá-las, seja em mãos ou em ideia, a sua essência sempre se desloca para mais além; ou deixando para trás sua percepção sensível (*Vorhandenheit*) ou relembrando sua presença imediata esquecida através da falha, da perda de utilidade (*Zuhandenheit*). Como pertencentes todas ao *Dasein* (que seria um *Equipamento* existencial, portanto?), eles possuem qualidades ônticas, enquanto ponto de partida para aceder a um conhecimento plenamente ontológico<sup>170</sup>.

Essas possibilidades e impossibilidades do ôntico e do ontológico só podem ser exploradas em sua realidade a partir da linguagem. A linguagem ocupa uma posição importante no pensamento de Heidegger e está presente em diversas de suas reflexões por conta de seu caráter interpretativo. Tanto no primeiro quanto no segundo momento de sua produção, conceitos como *fenomenologia* (HEIDEGGER, 1962, p. 50) e *habitar* (HEIDEGGER, 1971, p. 144- são constituídos a partir de um resgate semiológico típico da etimologia (que também tem laços íntimos com a ideia de equipamento, afinal). De fato, ele transporta a ideia de equipamento para a realidade da linguística, em que, se aproveitando da natureza aglutinadora do alemão, lavra neologismos com certo nível de prolixidade, como já observado – e em antecipação de seus predecessores, majoritariamente reduzidos aos recursos do grego, ele segue sua investigação pelo tronco germânico. Para ele, a linguagem serve para exercer a interpretação, além de ser imanente ao *Ser*, já que é através das palavras que se vem à existência: “We speak and speak about language. What we speak of, language, is always ahead of us. Our speaking merely follows language constantly (...). ...when we speak of language we remain entangled in a speaking that is persistently inadequate” (HEIDEGGER, apud STRHAN, 2011, p. 4). Porém, o uso reiterado das mesmas estratégias de tradução e construção do conhecimento acabaram por subsumir excessivamente os significados aos significantes, tornando a linguagem um “equipamento redundante”, e ocultando o *Ser* sob camadas e mais camadas de textos reduzidos às descrições do sensível. A

---

Consta num rodapé desta tradução: “While the terms ‘ontisch’ (‘ontical’) and ‘ontologisch’ (‘ontological’) are not explicitly defined, their meanings will emerge rather clearly. Ontological inquiry is concerned primarily with *Being*; ontical inquiry is concerned primarily with *entities* and the facts about them” (2001, p. 31).

linguagem se tornou obsoleta e meramente elusiva, nos alienando da verdade do *Ser*. A alternativa, afirma o discípulo espiritual do poeta romântico Hölderlin, está na poesia. Apenas através do pensar da linguagem, em vez de pensar sobre ela (LOPARIC, 2004b, p. 9), que é possível aceder à *poiesis*, palavra grega para “criar”, e desvelar poético-filosoficamente aquilo que transformamos em um mero *Equipamento* de *Vorhandenheit*.

Por isso, para Heidegger, é necessário emular a poesia para desvelar o *Equipamento* essencial que nos rodeia – o mundo (*das Welt*). A arqueologia, por conta de seu viés sensível, deveria ser responsabilizada por este envelamento do mundo? O problema, como observado pelo filósofo, não está na descrição das coisas e do mundo, mas numa relação ambígua de distância: ter à mão um fragmento hoje é estar mais perto do passado do que muitas pessoas estão; mas apenas assim se nota o grão pequenino é o nosso saber sobre as dunas de outrora. Assim como a antropologia não pode esperar obter descrições idênticas do mesmo fenômeno, mesmo que o fenômeno não mude em sua essência, à arqueologia não convém abandonar a relação material, já que existe em Heidegger uma plataforma des-objetificante das *Coisas* que as aproxima do ser humano pela negação ao cartesianismo: “Dito de outra maneira, o ser humano não é determinado inicialmente pela relação sujeito-objeto, mas como sendo o aí da presença viva dos entes no seu todo, ou seja, o lugar de desocultamento do *Ser*” (LOPARIC, 2004, p. 11).

### 5.1 O.O.O.: ONTOLOGIA ORIENTADA PELOS OBJETOS

Já falamos de ontologia no início deste capítulo, todavia, ainda não comentamos os seus movimentos mais recentes. Dentre os debates contemporâneos, alguns nomes têm conseguido atrair mais atenção, reputadamente o realismo especulativo (*speculative realism*) e a ontologia-orientada-aos-objetos (*object-oriented-ontology*, “OOO” doravante). Nos ateremos ao segundo conceito, dado que o primeiro também se aplica a outras acepções ontológicas que nos escapam, ou que já tratamos (e isso ficará mais claro adiante). Graham Harman é o responsável por muito das ideias que informam estes termos. A partir das ideias de Heidegger e Husserl, ele desenvolve um grande modelo ontológico que têm sido alvo de considerável repercussão,

especialmente a partir de 2010, quando foi publicado uma série de entrevistas com Harman e outros adeptos da – doravante – OOO (GRATTON, 2010). A síntese *The Quadruple Object* (HARMAN, 2011), condensaria as ideias principais do modelo filosófico da OOO, acumulando constante interesse nos anos seguintes.

A premissa é constituída a partir de quatro assunções filosóficas. A primeira é a negação da prioridade ontológica humana diante da não-humana; todas as *coisas* existem tanto quanto aquilo que não é uma *coisa*<sup>171</sup>. Isto implica pensar que estas *coisas* existem *até mesmo fora* da consciência humana, numa realidade particular autônoma. Assim, tanto a máxima *ergo sum cogito*, quanto o antropocentrismo latente das descrições do mundo derivadas daí, são canceladas. Isso acontece de modo mais detalhado ao se observar essas mesmas descrições sobre o seu ponto de vista da natureza dos *objetos/coisas* (BOGOST, 2012, p. 4-5). Se observa que ou os *objetos* são tomados como falsas realidades, meros resíduos empíricos de uma essência inacessível; ou, os elevam como a realidade pura e universal das coisas, não havendo existência verdadeira além da sensível. Na OOO, a questão da realidade está resolvida<sup>172</sup> – tudo existe

– o que se quer saber é com base no que essas existências se apoiam; portanto, ela desenvolve o foco nas relações que os objetos têm entre si. Se todas as *coisas* possuem a existência mesma de si como pano de fundo, isto significa os *objetos* derivam desta relação mútua para existir – a relação das relações que tem entre si, entre outros *objetos* e entre nós (humanos e objetos) – mas se torna impossível conhecer qualquer um em sua compleição total, física ou simbólica. E por isso, tanto *objetos*, *coisas* e humanos possuem relações igualmente distorcidas, em qualquer configuração possível, falando de si ou de outros (BRYANT, 2011, p. 26), o que garante à OOO (e seus componentes teóricos) uma atmosfera fértil de imprecisão e ambiguidade em todas as relações existentes:

We distort when we see, and distort when we use. Nor is the sin of caricature a merely human vice. Dogs do not make contact with the full reality of bones, and neither do locusts with cornstalks, rocks with windows, nor planets with moons. It is not human

---

Onde “coisa” aqui é apenas uma entidade qualquer, despida do peso heideggeriano.  
Não que antes não o houvesse sido por Heidegger.

consciousness that distorts the reality of things, but relationality per se. (HARMAN, 2007, p. 193).

A presença marcante de Heidegger e Husserl também se torna indispensável ao entendimento da teoria: *objetos* e *qualidades* são elementos distintos intercambiáveis e retroalimentares, que jamais são auferidos ou encontrados juntos plenamente, existindo sempre em parcialidade, seja mais ao alcance das mãos (perceptível/sensível) ou das ideias.

A solução e desenvolvimento destes princípios da OOO é justamente na reavaliação do termo *objeto*<sup>173</sup>. Para tanto, e a partir dos princípios recém elencados, Harman observa quatro polos relacionais: *objetos reais*, *objetos sensíveis*, *qualidades reais* e *qualidades sensíveis*<sup>174</sup> (HARMAN, 2011, p. 102) – ao mesmo tempo que lhes propõe quatro cruzamentos e terminologias, que chama de *tensões*:

*Tempo*; é referente ao cruzamento entre *objetos sensíveis* e *qualidades sensíveis*, e é derivado da ideia *husserliana* de que objetos estão reunidos numa realidade sensível – mas que essa realidade se altera de acordo com a passagem do tempo, em movimentos de estabilidade e mudança;

*Espaço*; aqui se encontram os *objetos reais* e suas *qualidades sensíveis*. relativo não à existência do local onde ocorre alguma relação, senão a própria ideia da relação e da não-relação. Ou seja, posso pensar em um sambaqui qualquer, a partir daqui de Porto Alegre, e notar que esta relação é incompleta acerca da realidade do sambaqui. Entretanto, mesmo diretamente sobre o sítio, a incompletude não pode ser retirada das conchas; jamais teria acesso à sua totalidade ainda que eu mesmo o tivesse construído;

*Eidos*; derivado da redução eidética de Husserl, onde as *diversas qualidades reais* pertinentes a um sambaqui, não são, sem surpresa, *sensíveis*, sendo auferidas através da percepção simples. Esta tentativa de acessar aquilo

---

<sup>173</sup>“For the purposes of this book, an object is anything that has a unified reality that is autonomous from its wider context and also from its pieces” (HARMAN, 2011, p. 116).  
<sup>174</sup>Este modelo quádruplo deve muito ao quádruplo entre mortais, o divino, a terra e o céu do segundo Heidegger (1971). Não trataremos de seus pormenores por uma questão de espaço.

que está para além do sensível acaba por transcendê-lo nesta busca, atingindo outros elementos estranhos à unidade do *objeto*;

*Essência*; as *qualidades* e *objetos reais* se encontram nas fímbrias inacessíveis ao sensível ou ao pensamento. Sua suposta manifestação não pode ser dissociada de um segundo princípio, a *causação vicária* [*vicarious causation*<sup>175</sup>]. Segundo Harman, os objetos e qualidades sensíveis estão sempre em contato constante, enquanto suas contrapartes reais residem depois de uma distância impossível, quase isoladas:

Real objects withdraw into obscure cavernous underworlds, deprived of causal links. Sensual objects, by contrast, are so inclined to interact with their neighbors that we wonder why they fail to do so at every instant. In other words, the only place in the cosmos where interactions occur is the sensual, phenomenal realm. Against philosophies that regard the surface as formal or sterile and grant causal power only to shadowy depths, we must defend the opposite view: discrete, autonomous form lies only in the depths, while dramatic power and interaction float along the surface. All relationships are superficial. (HARMAN, 2007, p. 195-197).

Esta *causação*, portanto ocorre num espaço intermediário existente entre os *objetos* e *qualidades reais* em que cada elemento em relação está parcialmente presente. *Vicário*, portanto, é usado no sentido de que, já que os *objetos* e *qualidades reais* estão fora do alcance, existe a interação através de algo mais que intercede ou media entre os dois (ou mais), com os objetos se retirando ou contactando uns aos outros por aí. Harman resolve a questão vendo na intencionalidade do ato causal a parte que falta do enigma. A questão da intencionalidade já havia sido trazida por Franz Brentano: “When I judge, there is something judged; when I love, there is something or someone loved” (HARMAN, 2011, p. 21), que seria emprestada dentro do famoso “voltar as coisas em si mesmas” de Husserl; e traduzida pela noção de *ôntico* e *ontológico* do *Dasein* por Heidegger, como declaração da supremacia ontológica humana, frente ao

---

A causalidade é um assunto antigo e extenso da filosofia. Nos satisfazemos aqui com a definição do dicionário Priberam: cau·sa·li·da·de substantivo feminino

Influência da causa sobre o efeito.

Modo de operar de uma causa.

"causalidade", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/causalidade> [consultado em 05-11-2019].

fenômeno material. Harman vê diferente. Tomamos a liberdade de substituir sua árvore por um sambaqui: quando olho para um sambaqui, dirijo, recolho, englobo ele em minha intencionalidade – porém, o ato está dentro da intenção, como um gatilho ou ativador sensorial. Assim, a intencionalidade é o movimento de envolvimento que reúne o Eu real – por assim dizer – à intencionalidade mesma e o sambaqui sensível: “To repeat, the pine tree and I are separate objects residing on the interior of a third: the intention as a whole” (HARMAN, 2007, p. 197).

Este sistema triádico não é simétrico e admite mudança de sentido conforme *objetos* e *qualidades reais e sensíveis* se entrecrocaram neste último termo da existência. Ele chama essas possibilidades de ruído escuro (“*black noise*”): a primeira se refere aos elementos característicos essenciais de uma coisa. Determinado *objeto* possui determinadas *qualidades essenciais* que, se alteradas, põem determinada classificação que a ele se dá em ambiguidade, dúvida ou em suspenso. A segunda é que essa alteração é constante dessas relações e não impede por si a identificação do todo dessa mesma entidade manifesta. É possível identificar através das diferenças ou diferenciações para se considerar um certo grau de estabilidade. A terceira é que essa *qualidade sensível* não é a única depositada junto a mim dentro da intencionalidade, sendo que outros objetos e qualidades, satélites ou lindeiros, também acabam englobados. Não está clara a interdependência entre eles. Além disso, a relação entre o *Eu real* e as *qualidades sensíveis*, digamos, de um sambaqui, são apenas uma das possibilidades que Harman (2007, p. 199-200) elenca:

*Contenção*: o caso entre o *Eu real* e o sambaqui (*objeto*) *sensível*;

*Contiguidade*: os *objetos sensíveis* envolvidos pela intencionalidade se encontram numa espécie de “incubação”, aguardando algum gatilho específico e mantendo sua individualidade – embora possa existir alguma espécie de mistura entre eles. Todavia, essa mistura não é suficiente para descaracterizar o sambaqui.

*Sinceridade*: quando olho o sambaqui, estou totalmente envolvido na busca de sua face real através de suas *qualidades sensíveis*; mas deixando estas de fora da minha consciência imediata na tentativa<sup>176</sup>.

*Conexão*: aqui Harman explica que se trata da criação de um *novo objeto real*, através do contato indireto da intencionalidade entre dois *objetos reais* precedentes (especulamos). Não se trata da intencionalidade mesma, senão apenas do resultado da contenção desses dois *objetos reais*.

*Sem Relação*: o estado usual dos *objetos reais*; estáticos, aguardando algum disparo desconhecido para iniciar uma nova relação.

Eis que Harman enfim organiza o que se poderia chamar de ordenamento essencial de seu pensamento e visão ontológica numa pequena cosmologia de conceitos:

We now have five kinds of objects (real intention, real I, real tree, sensual tree, sensual noise) and five different types of relations (containment, contiguity, sincerity, connection, and none). Furthermore, we also have three adjectives that unfold inside an object (vicarious, asymmetrical, buffered) and three kinds of noise surrounding a object (qualities, accidents, relations). (HARMAN, 2007, p. 201).

Não é necessário ilustrar em detalhe conceitos já comentados ou aí em cima apresentados. O que importa é perceber que Harman, e tantos outros filósofos, fundamentaram suas próprias cosmologias sobre os fundamentos da existência. Contudo, esta e qualquer outra ontologia dispõe também de uma existência sensível, que é a sua textualidade e tradução em texto, som e imagem. Este processo e seu resultado é a ontografia, embora haja muitas formas de tomar a mesma ideia como parâmetro.

## 5.2 ONTOGRAFIA

A pretensão da ontologia de explicar o mundo existente acaba por garantir a ela e à filosofia uma posição de antecedência diante dos desdobramentos subsequentes do conhecimento em outras disciplinas ao longo da história.

---

Uma clara releitura do *Vorhandenheit* de Heidegger, no tocante da retirada do objeto real para o interior, uma vez interagido fisicamente.

Embora a investigação da ontologia tenha sido preterida a um segundo plano após o século XVII (e mesmo antes disso), o retorno e o resgate às origens da ciência continuamente trouxeram à tona questões ontológicas. Os trabalhos da (sis)temática *System and Studies Technology* da década de 1980 são identificados por Michael Lynch como o ponto fulcral de um contato tornado estranho (LATOURE, 1994), em que a autocrítica científica ressaltou a presença de diversas áreas do conhecimento, assim como as situou no tempo e no espaço:

A problem with excited talk about epistemology, ontology, ethics, and aesthetics is that it generates confusion about the kinds of investigation that are being envisioned and promoted. (...) Pluralized and hybridized ontologies may seem difficult to distinguish from what we used to call worldviews. (LYNCH, 2013, p. 452-453).

A abrangência das *grand theories* que buscam explicar totalidades e mônadas necessitava de uma referência localizada de modo a permitir a formulação acessível e em detalhe das suas premissas, grosso modo, hipotéticas arqueologicamente falando. A ilustração fica completa com o modelo ontológico *latourianos* da ANT (Actor Network Theory), que Tim Ingold compara com sua própria malha (INGOLD, 2012). Essa constante associação de fenômenos e eventos locais com grandes abstrações teóricas provoca, portanto, a inflação do conceito de ontologia para essa escala inacessível do macro e vaga demais para fazer sentido real no sensível local. Lynch coloca que é possível mitigar a retirada abrupta dos significados de dentro dos significantes através da *reorientação do eixo* que estabelece as questões a serem resolvidas. No exemplo por ele dado, onde é imposto a produtores de leite a inserção de um rótulo informando sobre a origem transgênica do produto, as questões essenciais eram o estabelecimento de um ponto de vista em que o animal não-humano detinha o direito de desfrutar de condições saudáveis de trabalho, por exemplo. Do mesmo modo, também se fala sobre o interesse, a intenção (no sentido da OOO), de um determinado grupo de pessoas postular esse reclame. Por sua vez, os produtores arguíram via legal que sua liberdade de fala estava sendo violada; ao serem obrigados a comunicar a presença de hormônios sintéticos no leite, estavam atentando ao seu direito de permanecer em silêncio (LYNCH, 2013, p. 456-458). Para ele, portanto, ontografia se resume a: “to establish the salience of ontology (...) for some case in study. This

presupposes that talk of ontology is not always and everywhere and that when it is salient, it remains to be determined just how is salient.” (LYNCH, 2013, p. 455).

Essa assertiva é bastante similar à aproximação poética de Harman, que infere suas classificações como uma paisagem:

We have outlined a model that contains four poles: two kinds of object, and two kinds of quality. Our task is now as follows. We must consider the various possible combinations of these poles to see how they interact (...). Rather than a geography dealing with stock natural characters such as forests and lakes, ontography maps the basic landmarks and fault lines in the universe of objects. (HARMAN, 2011, p. 124-125).

Nos parece que esses marcos da paisagem e falhas geológicas são justamente as saliências pelas quais Lynch procura. Essa abordagem cartográfica interessante pela referência fortuita à substância material, topológica quando paisagem e descritiva enquanto textura, por exemplo, em que mais uma vez a OOO aparece na assertiva de que é na relação sensível onde as relações são permanentes, sempre submetidas aos acidentes e qualidades de múltiplas entidades<sup>177</sup>. Contudo, como observar essas saliências? No caso de Harman, por exemplo, existem desde empréstimos simples – como é o caso do *vorhandenheit* – a até desenvolvimentos legítimos, inferidos a partir da ausência simples: a causação vicária. Outro autor que já tratamos propõe mesmo um método de observar saliências: trata-se dos cinco passos de Holbraad sobre como realizar uma ontografia (no sentido que o objeto quádruplo de Harman também o é). Para ele, se trata de procurar por contradições lógicas que desafiam a lógica ocidental nas descrições pormenorizadas acerca de um fato, um fenômeno ou uma classe de artefatos, por exemplo. Uma vez identificado qual o conflito e outras relações pertinentes se combinam para formá-lo, se obteriam alguns conceitos-chave (as coisas-conceito), que seriam o ponto de partida para uma atualização especulativa de sua própria ontografia – ou, melhor, da ontografia à qual determinada entidade pertence mais ou melhor. Ingold e Latour também promovem ontografias mais voltadas aos nexos do animismo autóctone do que aos polos paralisantes de objetos da filosofia helenista, ora identificando seus

---

Uma questão que valeria a pena explorar é a consideração ontológica de plural. Tudo existe, mas tudo existe a partir de uma tríade: presença, ausência/intervalo e plural - o plural exige um intervalo, é o intervalo que garante a existência da presença.

desdobramentos como malhas ou redes miceliais fúngicas de relação social vital. A possibilidade dessa informação ser de difícil compreensão, por estar “inflacionada” de significados, tantos quantos se permitiu associar, começa a torná-la redundante.

Sabidos disso, agora podemos sumarizar ontografia como uma *descrição* de uma ontologia em particular; seja de suas relações ou de seus objetos. Porém, mais do que apenas realizar uma descrição, ela situa o todo da ontologia como algo acessível – e mesmo premente ao mero ato da existência. Como glosa o antropólogo belga numa passagem filosófica sobre a sua ciência do concreto que muito bem poderia ser tomada como uma meta-ontografia:

A verdadeira questão não é saber se o contato de um bico de picanço cura as dores de dente mas se é possível, de um determinado ponto de vista, fazer “irem juntos” o bico do picanço e o dente do homem (congruência cuja fórmula terapêutica constitui uma aplicação hipotética dentre outras), e, através desses agrupamentos de coisas e de seres, introduzir um princípio de ordem no universo. Qualquer que seja a classificação, esta possui uma virtude própria em relação à ausência de classificação (...) que constitui a base de todo o pensamento, pois sob o ângulo das propriedades comuns que chegamos mais facilmente às formas de pensamento que nos parecem muito estranhas. (LÉVI-STRAUSS, 1979, 24-25, grifos nossos)

...ou contraditórias, como afirma categoricamente Ian Bogost ao conceituar ontografia, concordando com Holbraad:

Let's adopt ontography as a name for a general inscriptive strategy, one that uncovers the repleteness of units and their interobjectivity. From the perspective of metaphysics, ontography involves the revelation of object relationships without necessarily offering clarification or description of any kind. Like a medieval bestiary, ontography can take the form of a compendium, a record of things juxtaposed to demonstrate their overlap and imply interaction through collocation (BOGOST, 2012, p. 38; grifos nossos).

isso, portanto, que Lynch coloca quando afirma que a ontografia desinflaciona a ontologia. Quando a ontografia mapeia e cartografa as ontologias disponíveis ao alcance sensível, aí sim é possível relatar a uma ontologia propriamente dita diante da grande possibilidade de aplicações da palavra. Se ontologia é a realização e questionamento da existência, a ontografia

propriamente é a configuração de uma cosmologia em seus termos lógicos e sensíveis.

Para não cairmos em contradição, é necessário ilustrar. Vamos usar como exemplo alguns significados aferidos no capítulo etimológico no tocante ao termo *concha*<sup>178</sup>. Tanto iterações sinonímicas quanto fonéticas foram consideradas para gerar as palavras; sendo a relação fonética em apenas um caso (“*caminho*”). Iremos primeiro apresentar o modelo sugerido por Bogost e observarmos seu comportamento:

Figura 22- Lista ontográfica de termos e significados de *sambaqui*.



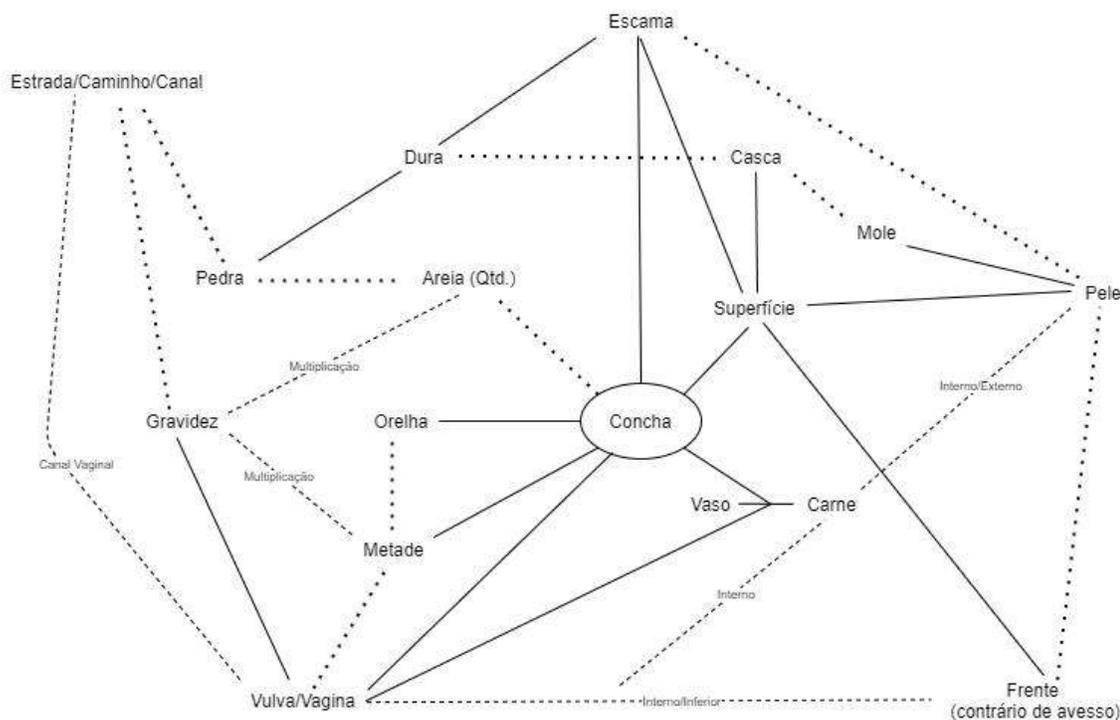
Fonte: consultar capítulo I, *supra*.

Diante deste conjunto, podemos verificar que algumas palavras tendem a se reunir espontaneamente através da correspondência semântica (além de pertencer ao mesmo conjunto); o que já havíamos chamado de *empuxo de sentido*. Este empuxo, contanto, não acontece sempre com a mesma intensidade. Para caracterizarmos essas diferenças, foi estipulado o uso gráfico de três tipos de linhas. As linhas inteiras e contínuas indicam uma relação conhecida ou autoevidente, em que o empuxo é intenso a nível quase homológico, dado, natural; a linha pontilhada é um arrasto médio, no qual, geralmente, existe alguma alteração de sentido por transformação da palavra, seja pela sua função, quanto pela sua forma – a conexão aqui é uma condição analógica; e, por último, as transformações múltiplas, grifadas como traços descontínuos, sempre devem conter uma legenda, pois os sentidos já foram tão manipulados que acabam por

<sup>178</sup> Pode ser consultado junto ao Anexo I.

condensar em uma inscrição adicional – são as relações mais frágeis, pois remontam a um plano hipotético cujo sentido é aferido com grande ajuste de sensibilidade; ao invés de ser um arrasto, é a primeira marola após o final da instabilidade da maré. Contudo, no esquema anterior apenas duas conexões existem; e apenas porque são nos dadas pelos léxicos de Tupi. Abaixo podemos contemplar melhor, portanto, o modelo que extraímos da *ciência do concreto* de Lévi-Strauss, que consistiu em estabelecer essas conexões, e explicá-las.

Figura 23- Mapa ontográfico de termos e significados de *sambaqui*.



Fonte: consultar capítulo I, *supra*.

Assim, é possível vislumbrar com clareza as relações e as áreas semânticas de *concha*. Há eixos evidentes de sentido que apontam para relações corporais e sensíveis, tornando muito mais simples notar as saliências das quais falava Lynch (Op. Cit.). Mas mais do que isso, este exemplo apenas permite a expansão do modelo: ainda mais conexões poderiam ser realizadas, como a inscrição de “barco”, “lado” ou “caixa”. Não o faremos por questão de espaço, como se vê. A questão é que se torna possível realizar abstrações cada vez mais profundas conforme se vai cartografando a ontologia do que quer que seja. Estipulados a partir de uma base empírica, os sentidos sensíveis vão se transformando, se metamorfoseando em conceitos conjuntivos, grávidos de

significado – seria possível a decantação destes conceitos em um sistema filosófico, já que cada vez mais nos afastamos da matéria-prima do sentido?

Bem, depende do recorte. E do que é feita a sua matéria-prima.

### 5.3 MULTINATURALISMO PERSPECTIVISTA

O multinaturalismo perspectivista têm sido considerado o movimento mais articulado da virada ontológica e está diretamente implicado na inversão crítica dos parâmetros tidos como mais essenciais da antropologia. Em suma, se trata da intensificação de alguns dos preceitos elementares do animismo e sua coalescência num sistema ontológico particular que costuma ser considerado como “cosmológico”; ou seja, o sistema de relações básicas que governam a totalidade da existência – ao menos em se tratando dos povos autóctones do continente americano<sup>179</sup>. O animismo é a matéria-prima do multinaturalismo perspectivista, como pudemos explicar anteriormente.

Um destes preceitos é a concepção animista que o estatuto de “pessoa” não é especial a nada nem ninguém; seres humanos, rochas e meteoritos, energias puras como o fogo ou uma canção, e mesmo as tempestades e ventos cardinais, podem ser subjetividade própria e possuir poder de interpretação. A condição humana e suas qualidades perspectivas, de emanar um ponto de vista específico sobre o mundo, “são uma questão de grau e de situação, mais que propriedades diacríticas fixas desta ou daquela espécie” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b, p. 353). Mais do que isso, e o que torna realmente o animismo em perspectivismo é a máxima que cada espécie considera a si mesma como humana, participante de um ponto de vista particular e vendo as outras espécies como animais. Esta noção é relatada como se as antas, ao chegar em casa depois de um dia de coletas, tirassem seus colares de anta e apresentassem sua real forma humana; todos os animais têm uma pele animal, que apenas faz esconder sua verdadeira face humana. Esta noção é amparada principalmente pela indiferença dos mitos de criação ameríndios com relação a definição das

---

Há algumas relações coincidentes entre o animismo asiático do interior do continente com o animismo americano; *grosso modo*, o xamanismo das estepes é particular com relação ao mesmo conjunto geral básico de preceitos cosmológicos (HOLBRAAD, WILLERSLEV, 2007).

personagens entre “humano” e “animal”, já que os animais possuem aldeias, ritos, regras matrimoniais e de descendência, instrumentos, instituições e comportamentos sociais idênticos aos dos humanos. Aliás, o grande tema da mitologia americana parece ser justamente sobre o povoamento do mundo por diferentes espécies – todas criadas a partir da humanidade primordial – ilustrada por dois fenômenos bastante recorrentes.

O primeiro é a persistência do tema mitológico da indistinção entre humanos e animais na origem dos tempos e sobre como se criou esta diferenciação; os golfinhos, contam os *Selk’nam* da Argentina austral, tem origem na história da família que fica ilhada e ameaçada por uma poderosa tempestade. Sem saídas, resolvem nadar em direção à terra e entram na água todos, menos um, que precisa ser arremessado para se salvar:

Koemanta se hundió. Pero sus parientes lo levantaron enseguida y lo elevaron por encima del agua. Sin embargo, él no podía sostenerse. Nuevamente se hundía, pero los otros lo levantaban cada vez. Y así las cosas seguiron por un largo tiempo. Siempre que Koemanta se hundía, sus cuñados, los Ksámenk [golfinhos], lo elevaban inmediatamente por encima del nivel del agua. Todos se mantuvieron juntos. Por último, Lemanta aprendió a nadar!... Esto causó mucha alegría a toda la familia. Ahora todos continuaron nadando mar afuera. Y no volvieron a tierra firme. A partir de entonces se quedaron en su nueva patria, el mar (GUSINDE, p. 599)

O segundo é que o modo como os seres humanos enxergam bichos, plantas, fenômenos meteorológicos e elementos da paisagem é deveras diferente como essas entidades veem a si mesmas e aos humanos, como é o caso dos mortos da cosmologia *Kaingáng*:

Nesse Toldo dos Defuntos, tudo é mais ou menos como aqui em cima, na Terra. Algumas coisas, porém, têm lá significação diferente ou oposta: assim, os defuntos tratam umas formigas grandes de ‘onças’; as minhocas são ‘peixes’, as aranhas, ‘cobras’ etc. O milho é preto. (CASTRO, 1986, p.88.)

Esta inflexão, contrária às ideias ocidentais de uma fronteira evolutiva entre animais e humanos, na qual os animais são o estágio inicial, e coloca a condição humana e cultural como o pano de fundo do mundo do teatro da existência. Ou seja, não existem animais que não tenham sido humanos em algum

momento do passado. Se hoje existe uma distinção clara entre eles, a sua explicação está justamente nos mitos

A condição original comum aos humanos e animais não é a animalidade, mas a humanidade. A grande divisão mítica mostra menos a cultura se distinguindo da natureza que a natureza se afastando da cultura: os mitos contam como os animais perderam os atributos herdados ou mantidos pelos humanos (...). Os humanos são aqueles que continuaram iguais a si mesmos: os animais são ex-humanos, e não os humanos, ex-animais. (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b, p. 355).

Aí entra o caráter da diferenciação, extremamente acentuado nesse contexto oral-intelectual, que garante a homologia da cultura. Neste espaço, a comunicação e a socialidade são, portanto, onipresentes e onipotentes, coagulando “a absolute discourse (...) where the differences between points of view are at the same time annulled and exacerbated” (VIVEIROS DE CASTRO, 2012, p. 55). O animismo, como já dito, seria o fornecedor de um elemento que preenche a necessidade de mobilidade da ação social e consciência interpessoal, que está associado ao multinaturalismo, uma concepção central ao pensamento indígena. As considerações autóctones sobre uma comum subjetividade a muitos seres, que antes tratávamos como objetos, abre um campo onde as relações entre quaisquer coisas no mundo são tão naturais, quanto sociais. A concepção de que estas entidades não são apenas ativas e atuantes, mas possuem, cada uma, uma maneira particular de ver e participar no mundo, é não apenas considerar a existência de outros pontos de vista, mas efetivamente respeitá-los; tratá-los com respeito e decoro. Ainda bem que nunca tudo é animado, mas sim, quem sabe, o possa vir a ser. Isso garante, a todos nós, habitantes do mundo, um modo singular de agir e interagir, cada um à sua maneira, entendendo que nele habitam múltiplas formas de natureza, de ser, ver e estar no mundo – sendo esta noção o conceito de multinaturalismo. Por isso que nós podemos colocar que a natureza do perspectivismo é o resultado da atividade cultural dos seres que povoam o cosmos. Estes outros, deste modo, veem coisas diferentes a partir da mesma coisa, e, em vez de imprimirem nela a sua interpretação como nativa ou específica ela (“verdadeiramente natural”), procuram saber o quanto daquilo é gente – uma pessoa que pode ser até seu parente! – e o quanto não é (um animal, um bicho, um “espírito”). Vamos ilustrar isso com uma breve análise de um mito *Arekuna* (Venezuela/Brasil/Guiana):

Como não suporta mais o choro do filho, uma mulher o abandona para que a raposa o comesse. A raposa o recolhe, cria-o e o alimenta, mas uma anta o rouba. A criança cresce, totalmente coberta de carrapatos, que são as pérolas da anta.

Quando cresce, a anta toma-o por marido. Ela lhe ensina o significado diferente que as coisas e os seres tem para as antas: a cobra venenosa é uma chapa para assar beijus, mas o cão é uma cobra venenosa...

A anta, grávida, arrasa a plantação dos parentes do marido. Em seguida, ela diz ao marido que vá visitá-los, aconselhando-o a manter a união em segredo. O rapaz é calorosamente recebido, mas todos se espantam ao vê-lo coberto de carrapatos. Ele diz que se perdeu na floresta. (LEVI-STRAUSS, 2004, p. 301.)

Este exemplo coloca em evidência dois mundos, o das antas e o dos humanos. Ao ser abandonada, a criança adotada pela anta começa a ser instruída sobre a “antidade”, a predisposição que as antas têm de ver um mundo específico a elas quando ele é cingido pelo colar de pérolas/carrapatos. Bonito e idêntico, ela o tem, doravante, por esposo. Observe-se que apesar de tanto antas como humanos comerem beijú, a chapa para fazê-los é completamente diferente da dos humanos, já que os humanos fazem beijús em frigideiras de barro. Similarmente, as antas são animais de caça por parte dos humanos, como a explicação subsequente, aqui suprimida, ressalta (LÉVI-STRAUSS, 2004, p. 302). Os Achuares da Amazônia peruana perfazem um paralelo na perspectiva antina de ver cobras como cachorros: “uma cadela magra, de cor indefinida, que atende pelo nome marcial de Makanch, a cobra ferro-de-lança cuja picada pode levar à morte em poucas horas” (DESCOLA, 2002, p. 104). Isso induz a considerar que as cobras deste mundo, na verdade, são cachorros de um caçador-outro...

Provavelmente um ser não-humano que vê os humanos-antas como presas. O último parágrafo fecha este pequeno corolário ao descrever que a criança, agora adulta, continua sendo reconhecível como humana pelos seus parentes – embora seu lado “-anta” permaneça presente como o adorno de pérolas. Em suma, ao colocar o colar na criança, a anta não apenas está replicando um comportamento humano; ela está concedendo a condição de anta ao menino.

A humanidade, antes específica aos sujeitos, torna-se algo um tanto distendido: todos se consideram humanos, mas veem uns mais que outros como tal, estabelecendo na sua “humanidade” o lastro pelo qual as outras entidades serão niveladas, admitindo um certo etnocentrismo. Mas isso, deve ser salientado, “é um problema de grau, e não de natureza” (VIVEIROS DE CASTRO, 2012, p. 54).

O exemplo clássico é o dos porcos selvagens, do jaguar e das pessoas. Os porcos selvagens parecem com os humanos, possuem parentes, andam em grupo etc. Seus hábitos gregários também tornam o pecari um alvo particular e sua carne desejável – os humanos veem os pecaris como pecaris, mas os pecaris veem os humanos como jaguares. Por sua vez, o predador máximo da floresta, o jaguar, vê a nós, os humanos, como porcos selvagens e os pecaris, talvez, como peixes. Mas não acaba por aí. O corpo é a forma como cada espécie vê a seus iguais. Quando nós, humanos, estamos longe dos pecaris, eles tiram sua “roupa” de pecari e veem homens, mulheres, velhos e crianças. Como cada um é visto por nós determina nosso ponto de vista com relação a eles e pode alterar como eles veem a nós ou como eles veem outros que não nós. Desta forma “o conteúdo de categorias tais como sujeito/objeto ou natureza/cultura não é estático, mas relacional” (LUCIANI, 2001, p. 99).

E tomar a categoria “pessoa” como focal é o resultado de várias opções: deriva da necessidade de se criticarem os pré-conceitos ligados à noção de Indivíduo que informam muitas das correntes antropológicas; deriva da percepção de que o termo “pessoa” é um rótulo útil para se descreverem as categorias nativas mais centrais – aquelas que definem em que consistem os seres humanos – de qualquer sociedade; e deriva da constatação de que, na América do Sul, os idiomas simbólicos ligados à elaboração da pessoa apresentam um rendimento alto, contrariamente aos idiomas definidores de grupos de parentesco e aliança” (SEEGER, DA MATTA, VIVEIROS DE CASTRO, 1979, p. 6). Grifo nosso.

Pode-se dizer então que a determinação de pessoa, ou, quando se determina se esta ou aquela entidade, afinal, exprime um mundo (ou uma natureza, se preferir), é potencialmente atual e ativa, enquanto a humanidade é uma condição ou um estado móvel, não permanente, podendo ser alterado de acordo com as circunstâncias. E quais circunstâncias são essas? Fica evidente que a apreensão da realidade para ambas leituras do mundo é estruturalmente diferente em cada caso – logo, se trata de uma questão de diferenciação.

Novamente, aos primórdios: nos mitos de origem<sup>180</sup> foi explicado que existe um regime de comunicação plena entre as diferentes alteridades que povoam o universo. Isto está ilustrado, não raramente, nas afirmações indígenas que neste

---

Ameríndios, é claro. As religiões abraâmicas resolvem esta questão logo no Gênesis: Deus fez o Homem a sua imagem e semelhança.

momento todos animais eram xamãs; o que é perceptível no mito *Arekuna*, para a anta e para a criança, que parece estar sendo instruída nos mistérios do ponto de vista das antas. Isso nos permite dizer bastante a respeito dessa figura central do animismo e, conseqüentemente, do perspectivismo. Os xamãs não são o arquétipo da relação de alteridade à toa: são profissionais empenhados e especialistas na mediação entre as diferentes entidades e os mundos que emulam. Um universo superpovoado de vozes e intenções é inerentemente perigoso – tal é a floresta, a savana, os rios, ou qualquer outro lugar onde se está longe da cultura (da sua cultura propriamente dita). Adicione-se a isso o fato de que nem todos os não-humanos são iguais em sua distância com relação a humanidade; e que a possibilidade de comunicação interespecífica depende cabalmente da avaliação correta desse potencial. Finalmente, agregue-se ainda que existem inúmeras referências às atividades de caça como reguladoras das relações ontológicas sob a forma de fonte de teoria filosófica; muito mais do que voltadas a mera subsistência (VIVEIROS DE CASTRO, 2012, p. 49-53). A lógica da predação é um fenômeno recorrente e, naturalmente, não é algo exclusivo a predadores *apex* dado que a subjetividade não é especificada pela morfologia aqui, e sim, pelo tipo de alimento, o que, ou como, algo ou alguém, é comido. Longe do reduto familiar de sua espécie, tudo está em pleno movimento intencional, exigindo preparo, reação e cautela. Um erro de interpretação pode revelar-se fatal como uma emboscada bem preparada e aquele que não reagir da forma apropriada pode ser muito bem se tornar a presa de alguém. Não existem coincidências ou eventos fortuitos, senão relações interespecíficas, dado que todas unidades do universo compartilham a faísca humana primordial. A interpretação, o que estes fenômenos (ou subjetividades) dizem, fazem e pensam, que é a questão primordial do trabalho do xamã, o especialista encarregado da mediação entre as entidades e os mundos que elas veem:

O xamanismo amazônico pode ser definido como a habilidade manifesta por certos indivíduos de cruzar deliberadamente as barreiras corporais e adotar a perspectiva de subjetividades aloespecíficas, de modo a administrar as relações entre estas e os humanos. Vendo os seres não-humanos como estes se veem (como humanos), os xamãs são capazes de assumir o papel de interlocutores ativos no diálogo transespecífico; sobretudo, eles são capazes de voltar para contar a história, algo que os leigos dificilmente podem fazer (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 357-358).

Desta forma, não existem coincidências ou eventos fortuitos. Tudo o que acontece é o resultado da atividade de outro eu, da vontade de outra pessoa. Isto influi à atividade xamanística em seu âmago ontológico – veja bem, do Ser, da existência. A performance xamânica adequada é realizada em equilíbrio e consideração pessoal em relação ao seu “objeto” de interação, em que as aspas ressaltam a verdadeira necessidade do xamanismo: a diplomacia. Em vez dos métodos de conhecimento ocidentais, que promulgam a objetificação total como exigência principal do aprendizado, os xamãs tomam como fundamental este conhecimento de forma literal: num mundo cuja essência mais íntima pertence ao domínio do subjetivo, a única forma de entrar em contato e comunicação é o reconhecimento da cognição do onipresente outro. Enquanto a ciência ocidental objetivamente epistemológica, balizada pelas instituições conceituais de sujeito e objeto, nas matas das terras baixas amazônicas a “ciência” xamânica exerce uma sorte de política enraizada com firmeza no que nós, caraíbas, chamamos de filosofia ontológica. Tendo-se em mente a onipresença dos sujeitos, a análise xamanística se passa mais por uma interpretação compreensiva – ainda mais quando se sabe que estes não-humanos também se pensam como humanos e que a humanidade pertencente a si mesmo está em risco constante. Mesmo diante de algo que aparenta mutabilidade é indispensável uma aproximação intimista, personificante, pois é o reconhecimento mútuo das subjetividades em contato que permite a elaboração do conhecimento real: “o objeto da interpretação a contra-interpretação do objeto” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 360). Muito bem, uma vez explanadas as fundações abstratas do xamanismo e sua centralidade no pensamento perspectivista, é hora de aceder aos seus rudimentos práticos. A empiria relacionada às operações xamânicas serve como o teste de litmus para diversas assertivas que listamos; isto se deve ao elemento prioritário da experiência do existir que é o corpo. O corpo possui um papel central dentro do xamanismo e, é claro, no perspectivismo também. Tanto para leigos quanto para antropólogos, a primeira ideia de um xamã é a de alguém soprando fumaça e balançando chocalhos sobre alguém deitado e imóvel enquanto cantos são entoados, na expectativa da cura. Após a liturgia, é comum o especialista revelar para o aflito e os demais testemunhas algum objeto pequeno; um osso, um fragmento de madeira ou uma pequena pedra polida de cor incomum, como a

prova da afecção que o infeccionava: “The sufferer is mouthed over and kneaded (...), and after a time an arrow-head, a long piece of sinew or a pointed stick is brought to light and shown as the cause of pain (BARCLAY, 1904, p. 70) – eis aí a prova da influência de um agente externo e mal intencionado. Isso também pode acontecer como uma forma de prevenção, sendo, por exemplo, retirado do corpo da caça recém morta:

Tradicionalmente, cada vez que um animal com -jam (...) era morto (caçado ou pescado), ele deveria ser ‘olhado’ por um xamã, antes mesmo de ser cortado para o cozimento. O xamã retirava do animal o urucum e o babaçu que o caracterizavam como um animal com -jam, mas também frutos, tubérculos, folhas, gongos ou quaisquer outros traços de sua dieta alimentar, visíveis somente a seus olhos. Da mesma forma, o xamã deveria ‘olhar’ todo o mel, retirando também dele o urucum e babaçu antes do consumo. (VILAÇA, 2017, p. 90)

Ao remover e apresentar a matéria como evidência física, ele purifica um corpo que havia sido inoculado com esta pequena semente que pode causar, dentre tantos outros sintomas, dor, febre, e a estranha capacidade de alterar o que está sendo visto pela vítima. A percepção da visão no xamanismo também está presente nos ritos de alteração sensorial provocadas pela ingestão de substâncias alucinógenas, frequentemente relacionadas a esta atividade. As alterações provocadas no organismo permitem a exploração do mundo através de outros olhares e toques, vendo o que estava invisível e tocando o que era intocável:

Essa humanização da maioria das plantas cultivadas significa que elas são receptivas às invocações anent que lhes dirigem (...). No entanto, apenas nos sonhos e transes esses seres folhudos podem recobrar a sua aparência humana outrora perdida e dialogar com os Achuar. (DESCOLA, 2006, P. 129).

Os corpos desta cosmologia, portanto, estão constantemente sujeitos à transformação, numa diferenciação eterna de si mesmos. Contudo, como já foi observado, o sentido dessa transformação varia, e cabe a quem porta os poderes animísticos do xamanismo entender o processo e a lógica dessas alterações para poder atuar em relação a elas para si e para outros, leigos. Retornemos brevemente à noção de que a concepção de que algo que tem o conceito de ‘alma’, um princípio animador, como preferimos chamar, não é específico a nenhuma entidade específica [sic]. Também refresquemos a ideia de

que os animais veem as mesmas coisas que os humanos de outra forma, e veem a si mesmos como humanos. O problema que essas assertivas dispõem é que é necessário com urgência uma fórmula de diferenciação, para se compreender como e por que as antas veem os carrapatos como colares de pérolas. Embora no mito Arekuna os parentes não tenham observado isso com muita atenção (justamente pelo fato de que no mito esse caráter de indiferenciação era corriqueiro), as etnografias revelam que esse tipo de percepção não apenas altera o que está sendo como, é claro, como se travam relações com o mundo a partir dessa outra forma de captação. Uma proposição lógica: “Some people in Ávila jokingly refer to edible leafcutter and as people’s crickets. Monkeys eat crickets, and when people eat ants (...), they too, in a certain sense, become monkeys” (KOHN, 2013, p. 125). Logo, para se mudar a perspectiva sobre o que pode/está sendo visto da mesma coisa, é necessário alterar a sua composição corporal. Existem diversas formas de corpos no mundo, e cada um deles está adaptado a realidade e ao contexto ambiental ao qual pertence. Os mecanismos evolutivos que permitem aos beija-flores sugar o néctar profundo das flores e aos peixes nadar em profundidades demersais ou contra as correntes marinhas são tomados pelo xamanismo como os apetrechos ou ferramentas necessárias para que se possa agir no mundo desta ou daquela maneira. Todavia, isso não fundamenta o xamanismo como um posto político ou militar, mas o instala como condição. Antes de ser um diplomata ou mediador entre os mundos de humanos e não-humanos, o xamanismo é uma condição liminar que favorece a presença constante de diferenciação sob o controle estrito da modificação corporal, uma metamorfose.

Assim, para poder atuar de modo pleno, o xamã deve produzir algum tipo de alteração corporal em si e/ou nos doentes, de modo a mudar sua própria percepção natural-cultural e entrar em contato com as outras alteridades animais, que passam a vê-lo como um igual, um humano como elas - mesmo que o xamã, para seus pares humanos, esteja totalmente animalizado. Desta forma, o corpo é a materialização efetiva do caráter diferenciador das coisas que diferenciam a si mesmas, como afirma Holbraad no sub item anterior.

Não se trata de uma oposição entre o homem e o animal realizada longe do corpo e ao longo de categorias individualizantes, onde o natural e o social se auto-repelem por definição, mas de uma dialética onde os elementos naturais são domesticados pelo grupo e os elementos do grupo (as coisas sociais) são naturalizados no mundo dos animais. O corpo é a grande arena

onde essas transformações são possíveis (...). Sabemos que o corpo é destotalizado nas sociedades tribais da América do Sul, com atribuição de valores mais ou menos sociais a certas partes ou órgãos do corpo que estão servindo como um idioma francamente social. Assim, os meninos, prestes a se transformarem em homens (serem sociais), devem ter seus lábios e orelhas furadas. É essa penetração gráfica, física, da sociedade no corpo que cria as condições para engendrar o espaço da corporalidade que é a um só tempo individual e coletiva, social e natural. (SEEGER, DA MATTA, VIVEIROS DE CASTRO, 1979, P. 14-15).

Mas não apenas adereços servem para construir um corpo, substâncias líquidas e sólidas também, como o sêmen, o sangue, a saliva, os refluxos eméticos e a comida. Grosso modo, quaisquer entradas ou saídas de substâncias devem ser tomadas com cautela para evitar alguma transformação indesejada. Mas, não estamos mais em um tempo mítico; o desenrolar das diferenciações humanas para animais prossegue, mas dadas as múltiplas humanidades, são necessários regimes de diferenciação: estes são o parentesco e a predação.

A predação é tomada como um índice classificador de humanidade. São popularmente reconhecidos como criaturas de humanidade similar, senão superior à humanidade de quem analisa, os predadores *apex* das teias alimentares das terras baixas. Os corpos dos jaguares, urubus-rei e outros animais dos estratos superiores da biomassa são adotados como referências básicas da atividade e comportamento predatório e, portanto, como modalidades afectivas de alto teor cultural: “Some people in Ávila become runa puma by drinking jaguar’s bile; this helps them adopt a predatory point of view...” (KOHN, 2013, p. 107); bile essa retirada do estômago do animal, indicando uma súpula de sua alimentação. Lévi-Strauss dedica todo o primeiro volume das *Mitológicas* ao tema do roubo ou recebimento do fogo por estes animais, o que possibilita o cozimento dos alimentos; sem o fogo, doravante estes menos-humanos comerão seus alimentos crus, marcando o caráter diferenciador das espécies (LÉVI-STRAUSS, 2004).

Já, o parentesco ao qual nos referimos não é aquele de ordem matrimonial produtor de alianças, afinidades e dependente de doadores de mulheres (LÉVI-STRAUSS, 1984). Não que este sistema seja inócuo; é que ele ainda é um conjunto ativo e subordinado à lógica predatória. Partamos novamente do princípio da indissociação mítica – neste momento, todos eram parentes do ponto

de vista humano. Esta lógica prossegue no sentido de que hoje todos os seres derivam dessa pretérita humanidade uniforme e homogênea cuja diferença foi inscrita no corpo. Porém, já explicado, o corpo muda conforme o que é ingerido ou expelido, e isso tem diretamente a ver com a alimentação e, portanto, com a predação. O parentesco, antes de genealógico, é consubstancial, e está decisivamente associado ao tipo de presa que é compartilhada entre diferentes não-humanos e animais: “a dieta alimentar define o pertencimento à espécie” (VILAÇA, 2017, p. 79). Essa associação de parentesco acontece como efeito próprio da perspectiva a partir de quem é comido. Por exemplo, “assim como dois indivíduos são irmãos porque têm os mesmos pais, eles sejam conspecíficos por que tem o mesmo peixe, a mesma cobra, a mesma canoa e assim por diante (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b, p. 385). Isso desliza em diversas nuances para embasar e explicar uma gama de ocorridos como o encontro com familiares mortos na floresta que os guiam para situações potencialmente perigosas, já que são não-humanos ou animais disfarçados (KOHN, 2013, p. 154).

Outro fator que introduz diferenciação/identificação é o comportamento das espécies, o que a biologia reclama como etologia, e onde a alimentação também ajuda a encorpar a ideia como uma das condutas que ajudam na distinção. Deve-se ter em mente que aqui está se falando de um perfil estritamente social. O professor Joaquim Maná, da etnia Huni Kuin (Kaxinawá) comenta sobre um exercício que está sendo passado na escola da aldeia:

O exercício aqui é de pesquisar os animais. Por exemplo: ha pimis, o que algum dos animais come, o que que ele encontrou e o que que ele come [sic]; hanu ushamis, onde ele ‘pousa’, onde é o poleiro dele, onde ele dorme; hawê besu haska, qual é o ‘jeito’ dele? Hanup mí uishú, aonde você viu? Na terra, nos galhos dos paus, voando...<sup>181</sup>

preciso notar que esse sistema de classificação parte da descrição morfológica como um atributo subjetivo e cultural, em vez de taxonômico. Isso nos permite considerar, com certa garantia, que a principal capacidade corporal é a comunicação.

Os pássaros ainda possuem certas qualidades específicas que os aproximam dos homens. As etapas do seu crescimento e as modificações radicais que deles resultam – diferenças entre o filhote de pássaro, o jovem, o adulto,

---

VIDEO NAS ALDEIAS. Episódio 2: Nossas Línguas. 1999. 19 min.

passagem da penugem para as penas, dimorfismo sexual, etc. – são particularmente aptas para indicar as mudanças de status de que os ritos de passagem são a expressão. Não é de surpreender, portanto, que a iniciação dos adolescentes, a entrada numa sociedade de guerreiros ou numa classe etária, o acesso à chefia ou a culminação do aprendizado xamânico sejam muitas vezes marcados, na Amazônia, pelo uso de um adereço de penas distintivo. O vínculo entre os casais, o cuidado dos pais para com a ninhada, as manifestações de altruísmo ou a organização bem clara das espécies sociáveis também apresentam muitas analogias com os modos de expressão da afetividade humana.

(...) Na maioria das culturas amazônicas, certos pássaros de plumagem excepcional, como as araras e os tucanos, constituem assim metáforas exemplares da condição humana no próprio coração da natureza. Quer coloquem, porém, seu esplendor num pássaro, quer num adereço, essas oposições de cores em que se expressa a marca do social se fazem perceber segundo uma contigüidade instantânea, não podendo indicar uma periodicidade temporal tornada invisível por falta de ilustração (DESCOLA, 2006, p. 94).

Todo este *corpus* de conhecimento é a área de atuação dos xamãs. Eles modificam intencionalmente seus corpos (ou os corpos dos afetados) para poder ser reconhecidos pelos não-humanos como eles se veem entre si, como humanos. Já que estes últimos veem os humanos como não-humanos, os veem como presas e atacam suas vítimas com uma espécie de “doença da alteridade”, inserindo elementos que erodem a sua estabilidade e subjetividade corporal, transformando-os efetivamente em presas. Na citação direta acima, está disposto que há uma “contigüidade instantânea”; o que isso quer dizer exatamente é que o processo transformativo permanece aberto e contínuo entre as formas corporais, rejeitando qualquer determinação definitiva de uma forma final. Isso significa que às anatomias animais é permitido – quiçá até mesmo incentivado – a troca constante de partes especializadas. Os bicos dos pássaros, ora indicados para recolher frutos, perfurar troncos de árvores ou dilacerar presas, quando entendidos dentro desta questão, são encarados como ferramentas e equipamentos que promovem a possibilidade da mudança de perspectiva.

Observe-se com atenção que aqui diversos elementos da teoria se conjugam: a disposição múltipla de perspectivas sobre um mesmo artefato ou situação; a percepção de conspécividade entre entidades por terem “o mesmo

peixe, a mesma cobra” (VIVEIROS DE CASTRO, 2012, p. 110); a predominância do esforço gnosiológico da pessoa como metodologia de obtenção de conhecimento, e a indeterminação corporal plena através do intercâmbio permanente de partes e substâncias corporais – tudo isso aponta para uma epistemo-ontologia (SÁEZ, 2012, p. 15) cuja interdependência e continuidade das relações entre diferentes entidades é essencial para a manutenção e devir da mesma. A troca, em boa ou má fé, é o elemento que nega o estabelecimento de quaisquer polaridades teleológicas éticas ou morais em si, exigindo que sua existência seja meramente referencial, funcionando como algo que Santo Agostinho chamaria de “o primeiro motor”, que embasa e embala a atividade vital, anímica, do universo.

Era natural esperar que críticas surgissem ao enxuto expediente perspectivista. E não há razão para que não existam; é através dessas brechas que, observamos, se repercute a posição da teoria de constante renovação, mesmo que este seja um dos pontos de contenda. A crítica mais facilmente dirimível é a do paradigma natureza/cultura. Em longo artigo, Terence Turner (2009) postula que, embora o perspectivismo procure superar as fronteiras conceituais tradicionais, faz apenas reiterá-las. Ao rever os mitos de origem do fogo, dos ornamentos, etc. ele dispõe que Viveiros jamais atravessou a noção estruturalista de passagem da natureza para a cultura, com os presentes ou roubos dessas tecnologias meramente sinalizando essa distinção e redundando em infinita objetificação: “the transformations of productive activity, which include exchange as one of their mediating moments are (...) the principle mediators of the relation of nature to culture, and directly construct the pragmatic and conceptual structures of culture itself” (TURNER, 2009, p. 25). Essa crítica, todavia, parece ser anterior ao artigo de Turner. Em 2002, durante as aulas que ministrou em Cambridge, Viveiros de Castro pondera sobre essa reversal, associando-a com uma característica realmente presente em sua obra que é a generalização. O perspectivismo não é majoritariamente presente em todas as culturas indígenas da América e que o conceito de “ameríndio” é mais voltado para as terras baixas da América do Sul. Todavia, ao considerar pontos específicos de análise, ele coloca em antecipação que o real objetivo de desafiar o Grande Divisor (LATOUR, 1994) está justamente em demonstrar, de modo “abstrato-experimental” o caráter diferenciante que identifica essa coesão ontológica: o Grande Divisor é

inesquivável, mas deve ser apenas um ponto de partida quando ele mesmo é muito menos localizável em qualquer etnografia indígena do que o perspectivismo em si. O interesse está em constituir uma alternativa crítica para a antropologia cujo trampolim é o Grande Divisor – mas que jamais retorna para ele:

We count ourselves lucky when our natives display a blissful disdain for the practice of self-interpretation, and even less interest in cosmology and system. We're probably right, since the lack of native interpretation has the great advantage of allowing the proliferation of anthropological interpretations of this lack. Simultaneously, the native's disinterest in cosmological order fosters the production of neat anthropological cosmologies in which societies are ordered according to their greater or lesser inclination towards systematicity (or doctrinality, or whatever). In sum, the more practical the native, the more theoretical the anthropologist. (VIVEIROS DE CASTRO, 2012, p. 66)

Porém, a generalização, ainda que pensada como ferramenta, segue sendo uma admissão perigosa e transparente. A lógica perspectivista pode estar distribuída pelos seus regimes de alteridade, construção corporal, predação e perspectiva mesma de modo idêntico à outorgação de humanidade para espécies não-humanas: em desigualdade. Oscar Calavia Sáez coloca como entre grupos de cultura e língua muito aproximados, o foco no corpo é ora valorizado (Yaminawá) em prol do olhar, da perspectiva, que recebe maior atenção logo no afluyente ao lado (Kaxinawá) (SÁEZ, 2012, p. 14). A aplicabilidade do perspectivismo junto às terras altas também é um ponto de divergência (WEISMANTEL, 2012), mesmo que estas ausências estejam contempladas por Viveiros (VIVEIROS DE CASTRO, 2012, p. 63). Outro problema da generalização a atemporalidade, atestada por Mary Weismantel, Segundo ela, neste quesito, o perspectivismo é arqueologicamente estéril, dado que a disciplina é voltada para compreender mudanças ao longo do tempo. Além disso, o sistema transformacional que embala a teoria também permanece inalterável além da lógica da predação – “Individual jaguars and humans seek, hunt, kill, and even become one another – but in the end, each community remains intact and unchanged, and every individual must either return home or die among strangers (WEISMANTEL, 2012, p. 13). O risco implicado está na redução desse equipamento gnosiológico muito mais como um modelo *prêt-a-porter*, do que um esforço crítico (SÁEZ, 2012, p. 13).

Uma última crítica, com o mesmo teor arqueológico, é a da assertiva de Viveiros sobre a prioridade da lógica da predação para o padrão classificatório das cosmologias indígenas: "...the spiritualization of plants, meteorological phenomena and artifacts seems to me secondary or derivative in comparison with the spiritualization of animals (VIVEIROS DE CASTRO, 2012, p. 59). Todo um volume foi organizado por Fernando Santos-Granero que procura oferecer um outro ponto de vista. Diversos etnólogos, a partir de suas próprias experiências etnográficas, contribuem em sentido contrário a esta ideia, apontando a animação de artefatos como tão fundamental para a elaboração de uma cosmologia quanto o sistema de teia alimentar. Desde os mitos de origem do cosmos, passando por animação e subjetivação, os autores demonstram que todo um espectro de manifestações ontológicas pode ser mais importante para o perspectivismo como um todo, do que a lógica da predação,

However, since animal bodies are frequently conceived out of cultural objects - and this is confirmed by the fact that animals themselves see their body parts as cultural instruments (Viveiros de Castro, 1998:470) [sic] - we are forced to conclude that the model of the human body is not the body of animals, but rather the body of artifacts (SANTOS-GRANERO, 2009, p. 7).

Não entraremos nessa digressão, dado que nosso espaço é limitado. Nos limitaremos a seguir explorando a virada ontológica – desta vez, com as suas influências junto à arqueologia. Todavia, já notamos que embora seja necessário deixar bem claro o que é o perspectivismo, não se pode tomá-lo por inteiro – senão adaptá-lo aos contextos particulares de estudo (WILLERSLEV, HOLBRAAD, 2007, p. 337-342).

#### 5.4 ARQUEOLOGIAS ONTOLÓGICAS

Antes que possamos falar sobre arqueologia e ontologia, é premente considerar as duas inclinações ao redor das quais os estudos orbitam. A primeira, que se poderia chamar de arqueologia ontológica tem uma ênfase na metafísica fenomenológica, cuja fertilidade vem sendo mantida pelos estudos da grande corrente da arqueologia pós-processualista: cognitiva, ecológica, agentiva e da paisagem ao longo dos últimos tempos (SHANKS, 2007, OLSEN, 2007, WEBMOOR, 2007, TILLEY, 2004). Estes corpos teóricos também são resultado

da afluência das filosofias ontológicas e fenomenológicas de Maurice Merleau-Ponty, Martin Heidegger e Edmund Husserl, que já investigamos. Explorações filosóficas, curiosamente empíricas apesar de sua forte ênfase abstrata – essas influências foram essenciais para o deslocamento das descrições arqueológicas dos artefatos para outras perspectivas que iam além da visão tecnicista e determinista do histórico-culturalismo e processualismo (WALLACE, 2011, p. 30-31). A base filosófica também arrebataria a teoria antropológica, naturalmente e duas fileiras com distintas inclinações se formariam: uma, nutrida pelas redes de Bruno Latour (LATOURE, 1994); e outra, disseminada pelas malhas de Timothy Ingold (INGOLD, 2012). Este eco, defendemos, se replica na sua aplicabilidade arqueológica, também geminando duas possibilidades de investigação.

A primeira se refere ao pragmatismo global que se instaura quando consideramos que toda a relação entre sujeitos e materiais poderia ter um pouco do que já chamam de “animismo teórico ocidental” (ALBERTI, MARSHALL, 2009). Embora existam imbróglis teóricos na assunção da vitalidade das coisas – cuja dependência da fisiologia biológica como fonte de teoria pode ser considerada como elementar (INGOLD, 1992, p. 694) –, a ideia de que coisas que tínhamos por ordinárias mantenham relacionamentos particulares entre si e indiferentes à nossa vontade se tornou uma opção de investigação emancipada e independente. Alguns autores mesmo chegam ao ufanismo, valorizando e elevando a arqueologia de tal forma como a “disciplina das coisas” como se isso fosse uma grande vantagem em vez de uma responsabilidade impossível (OLSEN, 2010). Como apontado por Severin Fowles (ALBERTI, et al., 2011, p. 899), todas disciplinas lidam com coisas de alguma espécie; é a experiência relativa a ela e seu conteúdo que não é uniforme.

A outra vertente de publicações brota desta trazendo consigo alguns dos sulcos do velho tronco: não há dúvidas que o proponente mais vocal e nítido enquanto teoria é Viveiros de Castro – mas o seu perspectivismo não possui distribuição uniforme e global; ao contrário, suas expressões mais intensas são do continente americano, com uma boa dose do sistema da predação também sendo valorizado continuamente por grupos autóctones caçadores asiáticos (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 351-352). Portar o mérito do debate não situa preponderância de aplicabilidade teórica. As conexões entre essas coisas e outras coisas que também subsistem são diferentes. No caso de Viveiros, que tem

bastante claro para si qual o alcance do fenômeno perspectivista, o esforço parte da insistência com as quais algumas formas e conteúdos, predominantemente orais e transcritos, tiravam o sono daqueles que tem a antropologia por trabalho. A arqueologia do perspectivismo, ou perspectivista, é fruto do trabalho etnográfico e etnológico e está, portanto, informada da mesma forma. A primeira inclinação que temos é que isso dificilmente seria aplicável para uma arqueologia onde a ideia de alteridade é diferente em sua origem – sem fonemas nem sílabas – e isso afeta de modo irrevogável, o que pode ser inferido. E também que essa história de “fontes de primeira mão” não é novidade de nenhuma maneira: o Outro está presente e ativo (VIVEIROS DE CASTRO, 2002a).

Das dualidades principais da arqueologia e de diversas outras disciplinas: matéria/mente, natureza/cultura, indivíduo/sociedade e o reconhecimento de que isso redundando em diferentes escalas não é algo recente (INGOLD, 1991, p. 356). Simetria é uma atitude que implica mutualidade enquanto proposições que aplicamos aos objetos, sendo aplicadas em nós. A arqueologia não descobre o passado, ela trabalha com o que restou dele. Essa relação é a base da arqueologia cuja fórmula é duplamente constitucional e dinâmica: ‘pessoas fazem artefatos e artefatos fazem pessoas’. É inegável que esta relação exige simetria (SHANKS, 2007). Os objetos e artefatos ainda são tratados como fenômenos resultantes ou produtos de outros fenômenos “principais”, representando apenas um eco distante e enfraquecido de uma determinada relação social. Mesmo que sua agentividade seja reconhecida, ela o é como uma ponte ou caminho de transmissão, com seu real valor intrínseco preterido (OLSEN, 2003, p. 580).

De um modo bastante semelhante à analogia de Latour sobre o jornal em que os diferentes temas e assuntos distribuídos em cadernos e colunas se interconectam, Timothy Webmoor traz a mesma ênfase para a arqueologia. A multiplicação de abordagens metodológicas e perspectivas teóricas que a disciplina atravessa desde, pelo menos a efervescência processualista, também caracteriza uma tentativa constante da manutenção das divisões cartesianas. Exemplos já foram dados sobre a inexorável indivisão entre pessoas e coisas, a *assemblage latouriana*. Webmoor aponta para o fato de que isso não é uma fetichização das coisas no sentido marxista porque está dissociada das ‘relações de produção’ pertinentes a essa teoria – a simetria como esfera ontológica está

situada num ponto que acabou sendo velado por esse sistema (WEBMOOR, 2007, p. 571).

Isto pode afetar a disciplina de forma negativa, criando dezenas de nichos subordinados a temáticas deveras específicas que buscam encontrar a cisão em versões e observações cada vez mais microscópicas com nomenclaturas e neologismos cada maiores – como Webmoor chama: “hyper-pluralism” (WEBMOOR, 2007, p. 568); ou, “un abanico de teorías especializadas” (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2007, p. 296). Todas elas se embasam em epistemologias tidas como “sólidas” de acordo com a sua “realidade” uniforme e universal típica da lógica positivista; verificações quantitativas, probabilísticas, estatísticas que fornecem um falso caráter de coerência per se. Em fato, a conjunção das pessoas – amadores, moradores locais, arqueólogos, políticos – e objetos (artefatos arqueológicos, instrumentos de trabalho) colocam uma mediação do mundo em um permanente ato de criação constante, cujas cristalizações são efêmeras e assumem o *status* de observações subjetivas.

It may thus be desirable to see humans and nonhuman beings alike as persons, and to assume that they are equally ‘alive’. In this way, animism can be seen as a kind of radical ontology and epistemology, functioning as an antithesis of modern science as it effectively offers a critique of Western rationality and its mechanistic worldview, while helping to reconceptualize relations between nature and culture, humans and non-humans, the living and the dead, the organic and the inorganic, and so on (DOMANSKA, 2018, P. 3)

A ideia de que a publicação arqueológica é o passado representado é superficial. Ele não pode ser representado porque ele se apresenta por si só; a publicação arqueológica encerra o assunto sob um ponto de vista – e o passado se representa de modos diferentes para arqueólogos e não-arqueólogos. A publicação é uma tradução, e não existe tradução perfeita; o que existe é o processo de transformação do significado que atua como mediação entre este significado fragmentado do passado para a interpretação e construção do presente. Nesse sentido, ele é uma espécie de poética; o sentido das palavras é transformado quando postas num contexto coletivo: se trata de dizer outros sentidos de um mesmo significado (ainda mais se levando em consideração que o passado já foi o presente). Que o passado que nos chega não é o mesmo, se sabe pelo menos desde o processualismo; entretanto, ele é móvel e se ressignifica

como uma rede de relacionamentos, igualmente móvel. Michael Shanks comenta que isso é muito similar a uma memória, que ganha significado quando “re-coletada”. Quando uma memória de um evento passado pode ser acionada por uma série de gatilhos diferentes, eles a alteram minimamente, a conectando com novas situações e eventos.

And, as processes of making, our attention is directed to the material practices of reference, representation and mobilization – how the site and its artifacts are transported into new and diverse environments, connections and ecologies that are not of the ‘original’ context of the site and artifacts, yet which nevertheless allow that site and artifacts to be recognized, potentially, for what they were (SHANKS, 2007, P. 592).

A tarefa da simetria, portanto, não é a de encarnar a “nova teoria” que revolverá o solo por novos paradigmas preterindo ou menosprezando os avanços obtidos por outras vertentes. De fato, se trata da atitude de uma subversão ao retrabalhar os já bastante aqui martelados conceitos básicos da disciplina. O ponto de partida é a admissão *a priori* de que pessoas e coisas não desfrutam de uma oposição cismática radical natural, mas que seus âmagos dependem desta divergência para criar sentido que, em fato, propõe a complementação através da diferença de suas existências compartilhadas. Em suma, significa considerar que uma determinada entidade ocupa tanto uma situação de pessoa quanto de objeto e que esta divisão – tomada como natural – é artificial. “Este reposicionamento post-humanista descentra a los humanos como seres autónomos e independientes (...), y admite el recononcimiento no-moderno (amoderno) que las cosas son parte igualmente importante del ser” (GONZALEZ-RUIBAL, 2007, p. 300). Este ponto é irreduzível e é o nódulo central da proposta. A pretensão de subverter os conceitos de “consciência” e “intencionalidade” nesse momento é fundamental. Humanos também são coisas, como ‘coisas’ podem ser outras coisas quaisquer (inclusive parcialmente humanos). Exemplos já foram dados sobre a inexorável indivisão entre pessoas e coisas e sua subsequente atividade;

*assemblage latouriana*. “...la arqueología simétrica propone regresar a las cosas mismas, a la materialidad cruda del objeto, despojada de los significados a los que son tan aficionados los arqueólogos posmodernos” (Op. Cit. p. 284-285)

Para adotar uma relação de simetria nós devemos colocar em segundo plano a noção de que o passado só pode ser atingido com dados “puros”. O passado é o resultado de um trabalho relacional. Ele não é uma medida simples entre o que aconteceu

e o discurso arqueológico, ou um dado 'dado'; ele é uma realização dessa relação; a origem ontológica de sua própria conceituação. O passado se origina da articulação e conexão com, e de, restos arqueológicos. Ele é maior do que um dado, que é algo fixo e abstrato, já que ele flui entre tanto quanto é necessário para a constituição do presente e do futuro. Isso não altera o que aconteceu no passado porque essa sua criação nunca está terminada, já que é oriunda de conexões antigas e se derrama em novas – o passado não é (apenas) uma fonte de referência, ele é um recurso criativo! (SHANKS, 2007, p. 591-592).

Isso não significa dizer que quantificações estão ultrapassadas ou qualquer outra falácia dessa espécie. Pelo contrário, os resultados anteriores não devem ser menosprezados de forma alguma, seja sua orientação histórico-culturalista, processual ou pós-processual. As publicações arqueológicas que os abrigam não apagam, apenas reduzem, a luz que a *assemblage* produz naturalmente. O que muda é sobre como estes resultados passam a ser pensados – e, ainda aproveitando o embalo positivista – garantem um substrato melhor visível para a compreensão da origem/existência destes fenômenos (DOMANSKA, 2018, p. 4; WEBMOOR, 2007, p. 590). Ou seja, embora a quantificação seja uma redução de um fenômeno maior, este processo de decantação também acontece com as qualidades de pessoas e coisas. Levando em consideração que cada um deles é composto por diferentes atributos que o garantem homogeneidade individual, nem todos eles são compatíveis qualitativamente entre si, por cancelamento, negação ou anulação para promover a conexão específica entre duas entidades. Conforme mudam-se as entidades, estas qualidades voltam a figurar e a mediação/negociação prossegue.

Já existem estudos que trabalham com essas noções em escalas diferentes, exemplificando as diferentes abordagens possíveis que estão englobadas pela assunção ontológica.

Uma das escalas de atuação possível é a de uma quase plena simetria num encontro contemporâneo, em que é possível observar que existem outras arqueologias que explicam um outro mundo, na mesma medida em que ajudam a alargar nosso próprio foco de possibilidades. Tal ocorreu junto aos Wajãpi, quando da visita da arqueóloga Mariana Cabral. Ela descreve a interação entre eventos míticos e evidências materiais citando as interpretações e adaptações da noção ocidental de arqueologia introduzida por ela a pedido da comunidade. A lógica

apontou que todas as premissas arqueológicas predispostas não se demonstraram suficientes para explicar os fenômenos materiais que vieram à tona, apontados pelos Wajãpi, ou notados pela colega, sempre dependentes de justificativas específicas para a associação com esta ou aquela intenção, fluindo com indiferença frente a concepções arqueológicas básicas. Enquanto o jovem professor Aikyry abordou a noção de ordem estratigráfica para explicar o resgate do saber tradicional diante da superposição de crenças imposta pelos missionários “era preciso escavar como na arqueologia para chegar até ele”; para os idosos, contanto, esta ideia estava de ponta cabeça:

Passados cinco meses, eu reencontro Aikyry em outra oficina na terra indígena. Preocupado, ele me contou que teve dificuldades para explicar para os velhos a estratigrafia. Ele queria explicar para eles como os arqueólogos sabem que aquilo que está no fundo da terra é antigo. No entanto, para os velhos, como ele me explicou, o antigo não podia estar no fundo. Para me explicar, ele fez uso da imagem de uma árvore: começa com uma pontinha, um talo, uma folha, e vai crescendo, vai subindo a folha: a parte de cima da árvore é a mais antiga. (CABRAL, 2014, p. 327).

Pensemos que a distinção nessas concepções seja mais uma divergência de sentido referente à orientação temporal: a estratigrafia é uma espécie de registro planejado, com dois eixos que se cruzam, determinando profundidade/tempo e largura/morfologia das camadas, estratos e demais feições arqueológicas; já, uma árvore cresce de dentro para fora, exigindo, no mínimo, uma terceira dimensão e implementando uma “cardinalidade temporal” nessa ortogonia, ao situar o passado como aquilo que brota na parte mais superior. A arqueologia tradicional trataria isto como uma inversão estratigráfica<sup>182</sup>, todavia, a questão principal não é tanto sobre o ato de acumular, senão da ordem das camadas. O broto está numa relação de crescimento e preenchimento da/na árvore, se distanciando do chão em direção às profundezas do céu, enquanto que uma sondagem arqueológica é meramente um poço fechado, de fundo estéril, do qual se retiram coisas, trazendo-as para a luz dos olhos. Logo, sem ler Binford e sua teoria do médio-alcance, a sabedoria Wajãpi sabe que o passado se transforma incólume como presente quando diante de nós, plenamente atualizado – mesmo que com o teor dito “enganado” dos indígenas.

---

Quando uma datação mais recente está associada a uma camada inferior, estratigraficamente mais antiga.

A verdade, como apontado por Cabral, é que existem duas temporalidades neste diálogo (e outras na arqueologia como um todo) e que elas não são excludentes; pelo contrário, inserem-se pela aceitável discordância acerca do mesmo fenômeno compartilhado: passado e presente se integram e intercalam de modo contínuo na Amazônia (o que teoricamente poderíamos estender ao futuro). Essa abertura imanente ao outro ensina muito para a arqueologia. É evidente que inversões estratigráficas não mudarão de sentido para a disciplina, mas pode-se dizer agora que existe mais de um tipo de inversão estratigráfica, especialmente quando se trata de coisas que se inventam a distância, para parafrasear Roy Wagner. Parece ponto pacífico afirmar também que podemos ver um pouquinho mais de arqueologia, agora. Porém, é possível ir mais longe. Os artefatos e outros tipos de entidades, como seres humanos, espíritos, fenômenos naturais, etc. (a alteridade em geral) possuem comportamentos distintos, cuja interdependência induz a um compartilhamento de atributos culturais comuns. Já foi observado na antropologia perspectivista como a categoria de artefato pode estar disposta nos contextos do mito e do trivial, interferindo e intrometendo referências e inspirações que estão mais orientadas pelos paralelismos sociais entre os personagens “abstratos” ou “distantes” do mito e a atividade “real” ou “positiva” dos artefatos, do que representando um vínculo subordinado: “mito não é legenda de desenho nem essa ilustração de mito” (BARCELOS NETO, 2013, p. 181). Ou seja, para situar a condição dos artefatos na esfera do social, é preciso tomá-los como se o material fosse a força de expressão, em que a forma, o modo da inscrição é mais relevante do que o relevo, numa escala micro; e cuja razão da construção do artefato possa até estar inacessível, mas jamais insensível e acidental, numa escala macro. A fixação desses é mediada pelas possibilidades da matéria, que, em vez de sua extensão palpável, se exprime através da sua própria elucidação: o artefato é uma questão, e a matéria, a substância mediadora tão significativa quanto significativa. Assim, nenhum artefato é um fim em si mesmo, da mesma forma que “la figura de un barco nunca es un barco, un reno nunca es un reno y un río es siempre un río cósmico” (OLSEN, apud GOMES, 2019, p. 78).

Um estudo de particular interesse é o realizado sobre concheiros nos Estados Unidos sob a égide animista. O foco foi desenvolvido num estudo multi-escalar, que interage a partir do conceito de “lugares de persistência”; que é

basicamente um *locus* específico, revisitado e conhecido por um longo período de tempo. No caso em questão, contanto, após um levantamento das diferentes interpretações a respeito dos sítios: seriam cemitérios corporativos de grupos com intenções políticas e territoriais ou estruturas habitacionais, com artefatos e feições arqueológicas indicando “complexidade social” (MOORE, THOMPSON, 2012, p. 267). Note-se que essas questões não são nenhuma novidade com relação aos sambaquis brasileiros (LAMING, EMPERAIRE, 1956, p. 146-152; PROUS, 1992, p. 219-223; FISH et. Alii, 2000); porém, são oriundas de outra realidade, dado que estes concheiros são fluviais, não obstante, a presença de valvas de moluscos marinhos e alguns outros poucos recursos costeiros (MOORE, THOMPSON, 2012, p. 271) indicam uma transposição dessa contextualidade ambiental conchífera a partir do elemento construtivo básico, as conchas. Ao proporem suas próprias interpretações, os autores procuram se balizar a partir do que já havia sido dito a respeito dos concheiros de modo construtivo, agremiando convenientemente as propostas anteriores embasados sobre a leitura teórica de Ingold a respeito do “enmalhamento”, de carregar e construir a paisagem numa relação sociológica com outras entidades que povoam esse espaço, efetivamente construindo um ambiente (INGOLD, 2000, p. 20-21):

Our interpretation of these definitions is that a holistic approach to the past requires multiple kinds of analyses at varying scales. Following this line of thought, we advocate a study of the past characterized by theoretical pluralism, which takes into account various proximate explanations of particular historical events and how macroscale phenomena occurring over long periods of time across regions structure those events. Thus, the goal is not to find the ‘best way’ to study the past but to integrate multiple theoretical perspectives and promote a multivocal archaeology. (THOMAS, MOORE, 2012, p. 266).

Embora suas conclusões finais careçam de espaço para uma melhor análise da relação dos artefatos com outras questões da paisagem, esta definição que citamos é essencial para o nosso intento. A defesa que fazemos desta perspectiva não é novidade. Os estudos disponíveis refletem em sua multiplicidade de abordagens e observações a quantidade de escalas que podem ser encontradas.

Benjamin Alberti e Yvonne Marshall observam que potes antropomorfos do noroeste argentino estão submetidos à dualidade “corpo-pote” não sob um regime metafórico, mas sim, como referências de diferenciação necessária num

transformativo regime cosmológico animista. A relação, segundo os autores, está no fato de que é impossível definir a peça como corpo ou pote, sendo ela, portanto, ambígua e possibilitando a ampliação dos significados pertinentes aos termos do conceito duplo: “Once we treat the material as it is presented to us, the question What cultural variations of a given body are revealed? gives way to What is a body, what is a pot? or even What is gender, what is sex? In other words, what are the theoretical possibilities of this specific body-pot?” (ALBERTI, MARSHALL, 2009, p. 353, grifos dos autores). Outra percepção dos artefatos também interage em múltiplas escalas a ponto de aumentar o escopo interpretativo da arqueologia. A associação da argila e dos processos de modelagem e queima é presente na mitologia e etnografia dos Tewa dos Estados Unidos. As oleiras, em virtude do caráter de atribuição vital e personalidade considerado a cada pote, interagem e negociam com a argila, que possui suas próprias capacidades, para a criação de um novo ser. Os Pueblo preveem dois tipos de existência: “Raw Beings reflect the primordial “essences” of the cosmos. “Made Beings” are formed from “Raw Beings” (YOUNG, 1988, apud VAN POOL, NEWSOME, 2012, p. 5), o que, diante de uma concepção animista, implica em uma relação com o corpo – ou seja, o pote Tewa está na mesma escala documental que o caso argentino, mas podendo-se flexionar e apontar para um campo semântico, de significações relacionado com a anatomia (e conseqüente sociabilidade) humana:

Rina Swentzell (...) writes that the clay is so much as part of us (Tewa) that the same word, ‘nung’ is ‘used for both earth (clay) and us (people)’. Swentzell (...) further equates her famous daughter, Roxanne Swentzell, with the pots she makes, stating ‘I have a daughter who is a clay person out of whom other clay people emerge’. These statements about pottery reflect both that the pot is considered ‘a person’ and that the potter, the clay and the pot are linked within the same semantic and epistemological category. (VAN POOL, NEWSOME, 2012, p. 6).

Essa captura implica em releituras das feições arqueológicas que contém material cerâmico, como é o caso das oferendas funerárias e áreas de dispersão específicas como o fundo de poços d’água e escadarias – sendo elementos que facilitariam etapas liminares da vida e morte dos seres vivos (VAN POOL, NEWSOME, 2012, p. 12). Aproximações arqueológicas embasadas no mesmo grau de ambigüidade e capacidade de travessia quanto esta, está na anomalia arqueológica inglesa de Wiltshire, uma incomum cova culinária com enorme

quantidade de ossos de cervo vermelho, propiciando considerações sobre totemismo, animismo, domesticação e tabus alimentares (REYNOLDS, 2010); ou, ainda, mais prementemente identificadas com o perspectivismo ameríndio como o caso dos animais que mostram seus dentes em atitudes ameaçadoras - mesmo apesar de não serem animais *apex* - que indicam uma relacionalidade íntima entre humanos e animais restrita pelo magnífico espaço cerimonial de Gobekli Tepe, na Turquia, que trabalha também com a ideia da domesticação (BORIC, 2013; BUSACCA, 2017). Outra associação relacionando dentes e perspectivismo está na arqueologia dos antigos habitantes da costa Leste dos Estados Unidos, que pareciam considerar os tubarões como seus iguais sociais através da disseminação do uso de pendentos de dentes de selácios - e também junto aos Wabanaki, um grupo extante (BETTS, BLAIR, BLACK, 2012).

Já citada a coleção de capítulos sobre a situação dos objetos e artefatos do mito ao cotidiano de diversos grupos indígenas amazônicos percebe espécies de princípios relacionais entre estes e os humanos. Na escala das mitologias Tukano, Mamaindê, Yanesha e Piro, os atos de criação dos deuses primordiais, em especial dos humanos, são realizados com artefatos. A reverberação para tópicos internos a esse princípio construtivo pode ser apreciada na identificação de artefatos como antecedentes, portanto, aos humanos e animais. Isso é uma alternativa interessante à usual noção geral de obtenção de tecnologias pela humanidade mítica, que é inversa: fogo, enfeites e armas são roubados ou doados pelos animais ou outras entidades. Numa escala interior a essa unidade externa, existe um princípio anatômico dos artefatos, marcado entre os mitos Urarina e Kaxinawá (Huni Kuin), em que diversas entidades possuem partes de seus corpos que viram ou são enxertados como artefatos. Artefatos trazem o mito para a construção corporal das crianças do grupo, com o uso de redes de dormir e bancos, para fortalecer seus corpos adicionando elementos necessários para os ritos da maioridade. Santos-Granero também elenca diferentes categorias de objeto, que incluem movimentos propositais endógenos e exógenos: “(1) objects originating through self-transformation, (2) objects originating through metamorphosis, (3) objects originating through mimesis, (4) objects originating through ensoulment, and (5) plain objects” (SANTOS-GRANERO, 2009, p. 8-9).

Contudo, deve-se salientar que a conexão dos mitos com o sensível não se dá pautada pela literalidade (ao contrário do que possa parecer). Um exemplo

o das flechas e arcos Awá, que lastreiam sua existência com base no fabrico, transporte e manutenção das armas. Flechas são proporcionais ao tamanho de cada proprietário, são identificadas ao seu “genitor” instantaneamente quando apresentadas para outras pessoas da aldeia e possuem especial relação com a cozinha e o ato de cozinhar – cujo alimento, nessa etnia, é feito apenas pelos homens (GONZÁLEZ-RUIBAL, HERNANDO, POLITIS, 2011). As relações intrínsecas que os flecheiros Araweté tem com suas flechas nos colocam questões interessantes de indiferenciação ontológica que extrapolam a fronteira narrativa do kito – já que as suas condições dizem respeito também à sua pessoa no tocante à sua própria origem: “...the arrows were strange, crooked, dirty and poorly feathered, a caricature of Araweté arms. Examining them, an Elder of the village declared that Iwarawī was becoming less and less Araweté and was starting to ‘become an enemy’” (VIVEIROS DE CASTRO, 1992, p. 57). Desta forma, é difícil supor onde se encaixaria uma flecha Araweté no esquema de Santos-Granero, já que se poderia aplicar parcialmente três dos casos – os primeiros. A partir da experiência entre os Awá, os pesquisadores puderam organizar uma lista de características para saber se determinado artefato faz parte de uma ontologia mista sobre a “technology of self”:

It has to be preferably to be built by his or her owner.  
Its fabrication, use and maintenance have to take time and require intellectual concentration and educated sensorimotor skills.  
It must be recognized by others as personal (even inalienable) property.  
It has to be individualized to a certain degree (that is, to be clearly distinguishable from similar items belonging to other people).  
It has to be intimately tied to its owner (it might be often carried away with him or her, even when it is not used).  
It must have a corporeal, prosthetic character, as an extension of the human body.  
Its making and use must be frequent and imply routine: the repetition of the same acts is fundamental to the maintenance of ontological security and the continuity of being.  
When the owner dies, it has to be buried with him or her or destroyed. it is not usually inherited or used by other persons after death. (GONZÁLEZ-RUIBAL, HERNANDO, POLITIS, 2011, p. 14).

Embora bastante interessante em alguns aspectos, a tentativa dos autores de fornecer uma estrutura que auxilie na compreensão de uma “arqueologia de si”

se complica quando não podemos aplicar estes conceitos apenas nos artefatos: ele só é útil sem adaptações para uma realidade *etnológica*; o mesmo pode ser dito de Santos-Granero.

Um empréstimo mais cauteloso que aproxima a arqueologia do multinaturalismo perspectivista é o trabalho conhecido de Mary Weismantel. Seu objetivo explícito é “can archaeology (...) develop a perspectivism as deeply grounded in archaeological data, methods and questions (...)? (WEISMANTEL, 2012, p. 142). Enquanto ela observa uma expansão das possibilidades de perspectiva dos objetos – apontando questões fundamentais da *práxis* necessária para a coligação teórica: “But... when we look at this being, whose eyes are we seeing it?” (Op. Cit., p. 146); e as relações entre as substâncias da pedra e animal, criando híbridos – ela também observa criticamente a verdadeira “falha” do perspectivismo: “(...) larger societal change over time that is absent from Viveiros de Castro’s model. Individual jaguars and humans seek, hunt, kill, and even become one another – but in the end, each community remains intact and unchanged, and every individual must either return home or die among strangers” (Op. cit., p. 151). Ou seja, é a falta do caráter histórico e de pontos entre os quais traçar pontes de convergência entre matéria sensível e efeito intelectual – e nós concordamos em parte com essa assertiva. É verdade que os movimentos realizados por Viveiros transitam numa escala distante da materialidade, mas não vemos essa distância como incrementada por isso; pelo contrário, agora existe um roteiro que admite as propriedades sensíveis como critérios participantes: “...the stones actually materialize shamanic looking as a bodily, sensorial experience” (Op. Cit. p. 147). Enquanto a crítica pela exclusão da Mesoamérica e dos Andes é válida como ela mesma explica antes de analisar uma estela de Chavín (2850-1500 AP), e pontuá-la no vasto continente ameríndio – é exatamente essa a contribuição da arqueologia, colocar no mapa do tempo os deslocamentos das ideias enquanto entidades, pessoas e coisas que temos por existentes. A respeito de sua crítica sobre o caráter ético e moral do uso do perspectivismo, entendemos que Viveiros de Castro trabalha na mesma escala de importância para o pensamento indígena que o pensamento helênico/platônico/aristotélico tem para a construção do conhecimento ocidental; mesmo sendo extremamente abstrato e analítico, ambas formas não estão explícitas na mente das pessoas que as têm por elemento aculturado todo o

tempo, o tempo todo<sup>183</sup>. Nós podemos falar de pensamento helênico, arte greco-romana; mas não de uma filosofia ameríndia? Caso nos acusem de inocência, sabemos que os filósofos pré-socráticos desafiaram os mitos de sua época para implantar as bases do que viria cerca de duzentos anos depois ser considerada como a filosofia platônica e aristotélica. Apenas citamos, da mesma página que Weismantel critica:

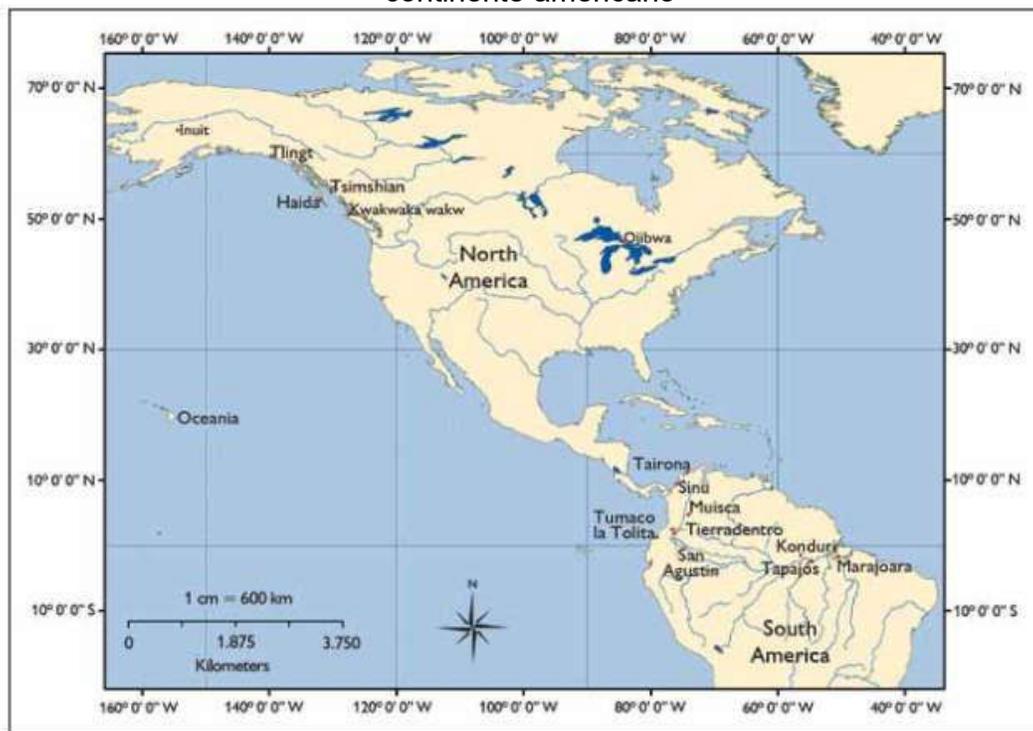
There was no Greece of course, and no identifiable Plato or Aristotle: there was no one, in particular, to oppose ‘myth’ and ‘philosophy’. But the thought-experiment that follows may be read as outlining a sort of imaginary identikit picture of an Amerindian philosophy who would stand to indigenous mythopoiesis as Cartesian or Kantian ideas, say, stand to what I’m calling ‘The Modern West’ (VIVEIROS DE CASTRO, 2012, p. 64).

Recentemente, um profundo fôlego a respeito da intersecção entre arqueologia e multinaturalismo foi tomado com a publicação do artigo *O perspectivismo ameríndio e a ideia de uma estética americana*, de Denise Gomes. Ali, além de realizar um resgate de interpretações sobre cerâmicas tapajônicas por parte de pesquisadores antigos e contemporâneos – e de uma revisão sucinta da arte de origem etnográfica e arqueológica de povos do pacífico norte a toda uma gama de etnias amazônicas – ela conseguiu circunscrever a continuidade do elemento transformacional: “...a metamorfose constitui uma das principais características identificadas em diversos estilos cerâmicos e de artefatos líticos do baixo Amazonas, o que permite reforçar a noção de existência de uma unidade cosmológica ameríndia associada ao perspectivismo. (GOMES, 2012, p. 144)”. Pontuamos o caráter cartográfico da distribuição das transformações ao longo do continente americano, como apontado pela autora:

---

Igualmente, convém visitar: <https://culanth.org/fieldsights/the-politics-of-ontology-anthropological-positions>

Figura 24-Distribuição de um estilo transformacional da arte indígena do continente americano



Fonte: Adaptado de GOMES, 2012, p. 138

Sua inspiração parece ser oriunda de uma pesquisa anterior. *A Linguagem Iconográfica da Cerâmica Marajoara*, de Denise Schaan (1996), também realiza uma série de inferências e resgates etnológicos e interpretação no primeiro trecho de sua dissertação – cujo resultado final já é conhecido na arqueologia nacional. Compartilhando conosco e com Denise Gomes a ausência de dados etnográficos específicos, a autora já expunha o bom senso que caracterizou seu trabalho:

A maneira que nos parece possível para enfrentar essas dificuldades é a de apostar numa certa analogia etnográfica e numa metodologia que tenha consciência dessa dificuldade e que avance até onde for possível apesar da falta de dados referenciais. Não há um método infalível para trabalhar com uma sociedade arqueológica da qual não se tem nenhuma referência etnográfica. A maneira de trabalhar a iconografia dependerá das condições encontradas. O pesquisador tem que, ao mesmo tempo em que as referências numa teoria e metodologia conhecidas, criar seus próprios passos dentro dessa metodologia e, até certo ponto, pensar ou repensar a teoria de acordo com a sua realidade. (SCHAAN, 1996, p. 44-45).

Assim, munidos deste conselho e de uma recém demonstrada contiguidade que atravessa não apenas as linhas teóricas que amalgamam filosofia ontológica

e fenomenológica, antropologia multinaturalista e arqueologia perspectivista, estamos equipados para a próxima etapa de nossa tarefa. Esta escala que antecede os sambaquis que havíamos abandonado dois capítulos atrás, nos possibilita retornar ao fenômeno cultural que restou majoritariamente arqueológico no presente. Seguiremos o conselho de Schaan e passaremos, portanto, a descrever a realidade que nos interessa. Para finalizar, não podemos deixar passar uma última citação que sintetiza não apenas as questões encontradas por Schaan acerca da dificuldade da analogia etnográfica – mas também coloca um pouco do papel de quem faz a pesquisa. O pensamento “indígena” é evidentemente ocidental; porém, é pensado *a partir* de uma visão autóctone legítima<sup>184</sup>.

A questão é que, diante da multiplicidade de possibilidades que a *ausência* promove, não se sabe por onde começar; ou melhor, só existem *vários começos*: “We need to go back to basics. But we do start with objects or affects, artifacts or materials, communication or participation? (...). I wonder, whether there might be some way of putting these (...) perspectives together” (INGOLD, 2014, p. 520 apud SAUTCHUK, 2018, p. 5-6).

## 6 NOTAS SOBRE AS PESQUISAS ANTERIORES

Aqui tentaremos coadunar as ideias e conceitos instituídas nos capítulos anteriores. Não se trata exatamente de um esforço inédito e se torna necessário apresentar com nível adequado de sumariedade as publicações mais importantes sobre o tema dos zoomorfos.

O estudo arqueológico mais premente para nós está todo reunido em duas publicações. Estas, um catálogo de todos os zoomorfos que puderam ser encontrados até 1974; e um estudo arqueológico apurado que os determinou estilos, técnicas de trabalho e visão de conjunto cultural, uma tese defendida em 1977; são obras elementares e pioneiras na arqueologia brasileira. Seja em caso de estudo ou mera curiosidade, é possível saber um pouco de tudo sobre sambaquis ali; tanto por imagens quanto por texto, já que existem diversas

---

“...a oposição Natureza/Cultura deixa de ser uma condição antropológica universal (objetiva ou subjetiva) para se transformar em um tema mítico, interno ao pensamento indígena...” (VIVEIROS DE CASTRO, 2013, p. 241).

aberturas para detalhes e referências a outros fenômenos dos sambaquis. Seria muito fácil e interessante realizar um documentário a respeito dos estilos e distribuições de zoomorfos no litoral, para se ter um exemplo. O maior obstáculo ao seu conhecimento é a sua baixa circulação: a falta de uma tradução do francês do texto principal é agravada pelas poucas e pequenas imagens, separadas das fichas informativas por questões de ter sido publicada como um artigo e não como um catálogo de fato. Estas limitações técnicas e fortuitas acabaram cobrindo com um filtro fotográfico a brilhante contribuição.

Isso deve explicar a obscuridade com relação ao próprio tema dos zoomorfos na arqueologia dos sambaquis brasileiros. Desde a publicação do “Les Sculptures Zoomorphes du Sud Brésilien et de L’Uruguay”, pode-se dizer que o assunto só passou a ser trabalhado com profundidade novamente a partir da pesquisa e peregrinação de Angela Gomes (2012), que pincela o tema com teoria antropológica atual quase quarenta anos depois, rotulando novas tipologias e inaugurando o que se poderia chamar de *método perspectivo* dos zoomorfos. Esse ressaltado das esculturas trouxe à tona uma monografia, mais antiga, mas que teria passado despercebida se não fosse pela dissertação anterior: a de Rafael Milheira (2005). Milheira, felizmente, retrabalhou aspectos ali encontrados e reforçou o debate publicando um capítulo atualizando suas ideias, de forma a enriquecer a comunidade (2014). Depois disso, o próprio Prous buscava chamar a atenção para a lembrança o seu estudo (2018) e os zoomorfos seriam trazidos ao museu como jamais antes (2015) – finalmente, recebendo o foco e atenção que tanto merecem.

Outros dois estudos nasceriam dessa cepa tão prolífica e instigante. O de Jefferson Barbosa atualiza o conhecimento histórico e museológico (assim como alguns paradeiros e origens de esculturas) de Santa Catarina; e em especial da coleção do Colégio Catarinense (2018). Estudo particularmente necessário para incluir dados importantes sobre zoomorfos datados por Rohr em Pântano do Sul e publicados no mesmo ano dos estudos de Prous (1977) – escapando, portanto, ao catálogo de 1974. O outro é de Ivana Oricchio, que busca instituir um sistema paradigmático a um conjunto de 50 esculturas, também trazendo noções da teoria antropológica contemporânea para o debate dos zoomorfos.

Todas essas pessoas contribuíram em profundidade para que esta pesquisa existisse e consideramos nossa explanação apenas a última concha das costas do pescoço deste magnífico colar – do qual temos a honra de participar.

Trataremos de avaliar brevemente, de modo não linear, esses estudos e apontar os elementos que mais agregaram para nós em cada caso. Igualmente realizaremos críticas construtivas, mais voltadas para embasar a nossa posição do que para apontar a qualidade dos estudos, o que não nos compete neste modelo de redação.

## 6.1 O DEBATE CONTEMPORÂNEO SOBRE ZOOMORFOS

O estudo de Rafael Milheira explora a ideia de os zoomorfos estarem conectados a relações mitológicas, como havia sido pensado por Proust após sua longa e detalhada análise morfo-tipológica das esculturas. Ele realiza interessantes aproximações entre a questão material e mitológica, contrastando a qualidade impermanente e sempiterna do mito – sempre alvo de alteração e modificação, ao mesmo tempo que exprime continuidade e tradicionalismo – com a permanência da rocha, citando Mircea Eliade para inserir o caráter sacrossanto que as esculturas exprimem. Essa perspectiva, pioneira em se tratando de uma monografia, é digna de mérito apesar do tratamento superficial que dá à questão mítica por si. A seguinte passagem exemplifica esta abordagem promissora:

Através da materialização do mito há a tentativa proposta pelo artista da escultura, mas, no fundo, uma tentativa coletiva do grupo, em manter a narrativa de forma imutável, ou seja, interpretamos que exista a intenção de ‘narrar o mito como ele realmente é’, já que a rocha não muda, a rocha se mantém sempre a mesma. Porém, como já afirmamos, esse mito é reinterpretado incessantemente, seja pelas próprias sociedades sambaqueiras seja por grupos pré-históricos que se apropriam dessas esculturas por motivos ainda não esclarecidos, ou seja, o mito é permanentemente relido e adquire novo significado assim que é reapropriado por um diferente grupo social. (MILHEIRA, 2005, p. 48).

Ele prossegue com essas ideias em um trabalho posterior (2014), em que tenta verificar diferentes “graus” de interpretação mítica, se baseando nos graus de realismo *proustiano*. Para ele, essa escala poderia se referir a diferentes versões de um mesmo mito:

A diferença de representação formal das esculturas sambaqueiras pode estar relacionada à diferença de leituras da narratividade do mito e ao arquivamento memorial da representação do mesmo, dada a tradição desse fato social e a pouca quantidade de suportes materiais de visualização do mito.

Ou seja, se for considerado que as esculturas sambaqueiras não formam conjuntos artefatuais muito numerosos, que, por sua vez, foram confeccionadas em uma grande extensão territorial e num amplo período cronológico para momentos específicos como rituais ligados a sepultamentos, pode-se pensar que (...) a leitura individual do mito feito pelo artista poderia ser o principal motivo da variabilidade estilística das esculturas. Nesse sentido, a diferença de estilos mais ou menos elaborados tecnicamente não necessariamente fruto de uma especialização da atividade de produção dos zoólitos, considerada um indicador de complexidade social dos grupos sambaqueiros por Lima e Lopez Mazz. (MILHEIRA, 2014, p. 199).

Para iniciarmos uma réplica a esta resposta, citamos uma constatação de Prous sobre os dois estilos que ele pôde isolar:

(...) un art abstrait, centré sur des formules géométriques sans s'attacher jamais au particulier, et un art plus concret qui s'intéresse à un animal dans ce qui caractérise son espèce, ce qui explique la diversité de ses formules morphologiques, liées à la zoologie et non plus à une idée. (PROUS, 1977, p. 76).

O maior problema de se considerar as esculturas como mitos não é postular a fórmula *zoomorfo=mito*; mas sim o de não citar nenhum mito atualmente conhecido, nem teoria mitológica que associe elementos significativos do pensamento indígena presente na fenomenologia sambaqueira. Onde se encaixam os dois estilos determinados por Prous numa relação mítica? Se as esculturas de nível 3 e 4 eram “mais fidedignas” a um mito que se procura preservar como preservamos as esculturas em museus, qual o sentido de existirem as muito mais numerosas esculturas de níveis menores? Que as esculturas “representem” atores míticos é uma probabilidade real; mas que o realismo esteja associado a mitos mais ou menos puros, ou a maior ou menor compreensão de uma narrativa nos parece equivocado – além de acabar reafirmando os valores típicos da teoria da complexidade social. Na verdade, o que nos parece é que é necessário considerar as qualidades exprimidas por ambos estilos com o mesmo *valor informativo*, no qual a discrepância quantitativa dispõe o indício de um projeto técnico-estilístico que *valoriza tanto o vago quanto o específico*, como veremos.

Outro ponto importante seria a potencial dependência dos zoomorfos para a emulação dos mitos. Com certeza há algum eco mitológico nas esculturas; contudo, nos parece mais provável que os zoomorfos sejam tão, ou até mais responsáveis pela multiplicação de versões do que as pessoas que com eles

detinham relações no passado. Lévi-Strauss, o responsável pelas veneráveis Mitológicas, apontava para a importância da variedade mítica se se quiser acessar às relações semânticas internas que estruturam os ritmos e movimentos dos atores mitológicos: “Na verdade, postulamos que as verdadeiras unidades constitutivas do mito não são as relações isoladas, mas *feixes de relações*, e que unicamente na forma de combinações desses feixes que as unidades constitutivas adquirem uma função significativa” (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 301). Assim, é preciso repensar e refletir sobre a realidade sensível das esculturas; a maior contribuição de Milheira, ainda que prematuramente abandonada, é a de que os mitos podem ser tocáveis e sólidos.

O trabalho de Angela Gomes, já apresentado, traz uma leitura mais prática do que teórica dos mesmos princípios filosóficos perspectivistas que nos informam, demonstrando que, dependendo do ponto de vista espacial com o qual se toma uma determinada escultura, é possível ver um segundo contorno animal (GOMES, 2012, p. 208-210). A questão xamânica também é tocada, inspirada como em autores antigos pela presença das hieráticas cavidades – adicionando a ideia do “híbrido” [sic] sem realmente explorar esta senda a partir dos dados arqueológicos e etnográficos que foram compilados, apenas apontando a suspeição<sup>185</sup>. Todavia, não era seu objetivo explorar os processos e princípios ontológicos pelos quais poderiam ser vislumbradas outras perspectivas sobre o conjunto total das esculturas e o fenômeno cultural dos sambaquis. Suas conclusões versaram mais sobre o atestar do caráter ritual das esculturas e de sua consideração como índices de complexidade social; o que já havia sido proposto alhures (LIMA, MAZZ, 2000); mas que aqui o foi realizado a partir da análise contextual e geográfica:

Por diversos fatores, discutidos neste estudo, considera-se que essas esculturas, imersas em simbolismos e significados, possam estar associadas com uma emergência de complexificação social e serem indicativos de afirmação para diferenças individuais, pois, poucos indivíduos, entre uma gama de sepultamentos encontrados, receberam zoólitos como oferenda mortuária. Além disso, seguramente os zoólitos circularam e, supostamente permitiram assegurar status de prestígio para determinados grupos ou indivíduos que lhes obtivessem a posse. (GOMES, 2021, p. 236-237)

---

Onde o uso do termo híbrido faz lembrar os trabalhos de Bruno Latour.

A questão da complexidade social nos sambaquis esbarra, primeiramente, no uso irrefletido das consequências da própria atribuição arbitrária do termo; a antropologia tem claro para si quando e como o conceito surgiu, sendo ele pertinente a um tempo definido e não inerente a todas as sociedades. A aplicação do conceito na antropologia se deu em virtude da crise deflagrada pelo desaparecimento de sociedades tradicionais. Sem um objeto de estudo à vista, a antropologia se satisfaz em considerar estudar sociedade ditas complexas, modernas ou pós-industriais em vez das primitivas e tribais, então, sob a angústia de uma extinção iminente e total.

Assim, quanto maiores os índices demográficos e posições sociais especializadas, mais complexa e menos simples seria uma sociedade, implicando numa dicotomia que mais faz reiterar a posição de quem observa do que de quem está em observação (PEIRANO, 1983; CLIFFORD, 1986). Na arqueologia o movimento parece ter sido dado num sentido contrário: o de reabilitar estudos e perspectivas sociais em vez de essencialmente materiais, procurando dar uma profundidade que, aparentemente, não era papel da disciplina, senão como algo a ser almejado. Este poderia ser um dos périplos que praticantes da disciplina tentaram para colocar no mesmo plano de interação arqueologia e antropologia. A situação de oposição inversa entre as disciplinas poderia ser espelhada nos resultados instáveis gerados pela antropologia para a antropologia:

Neste caso, fazer antropologia das sociedades ocidentais/complexas se resumiria em ver estas sociedades através dos olhos das sociedades primitivas/simples. A conclusão a que se chega em relação a tal procedimento é que não se deixou o etnocentrismo de lado, mas que, ao contrário, o etnocentrismo assumiu uma forma mais sofisticada – foi invertido. A sociedade ocidental, afinal, não passaria de uma sociedade simples refinada. (PEIRANO, 1983, p. 109).

Fato é que ao rotularmos esta ou aquela sociedade como “complexa” não nos diz muita coisa: na verdade, podemos inferir que qualquer sociedade é complexa em seus próprios termos, e a etnografia está aí para consulta. Se levarmos em consideração que a arqueologia lida com os pedaços mais elementares do que restou do todo de uma sociedade – as coisas materiais – como classificaríamos uma sociedade que, digamos, descobriu por observação empírica que a Terra é um globo, se pudéssemos conhecer esse avanço? Ela seria complexa pelas consequências intelectuais que isso poderia provocar, ou

apenas o produto de um oportunismo *laissez-faire* que, inadvertidamente, ainda utiliza implementos neolíticos para instituir e manter relações econômicas e sociais? A especialização e incremento de determinados conjuntos de materiais arqueológicos logicamente nos leva à dedução da existência de trabalho especializado e de grupos conferidores de *status* – mas não nos diz nada sobre o *caráter* dessa especialização e qual a sua capacidade de transigência ou intransigência. É possível uma sociedade ter uma cultura qualitativamente *maior* ou, melhor, ser *menos natural*?

Por exemplo: um dos argumentos para se inferir complexidade social é quantidade de trabalho dedicada às esculturas de acordo com seu maior ou menor realismo; variando em seus extremos entre praticamente instantâneo a uma média de 80 horas, podendo atingir até cerca de 210 horas (PROUS, 1977a, p. 64). Contudo, também sabemos da preferência dos sambaquianos por pré-formas que emulem corpos animais, não raro, associados a estas mesmas esculturas mais laboriosas por sua especificidade taxonômica (Op. cit. p. 72), o que desengana a noção de que, teoricamente, blocos naturais precisam de menos trabalho

O que essa premissa, a dos blocos naturais, nos *induz* a questionar é sobre o trabalho envolvido na obtenção deste bloco pré-animalista; já existem trabalhos a respeito (BELÉM, 2012), mas, de fato, é impossível saber com certeza quanto tempo levou para *encontrar um seixo animal o bastante [sic]* para que valesse 210 horas do trabalho especializado de alguém. Mesmo que não se estivesse efetivamente procurando a matéria-prima mais adequada, a experiência de encontrar um bloco pareidólico o suficiente pode ser a de uma em uma vida, dependendo da sua forma em especial e do quão breves podem ser as expectativas da vida de uma pessoa; além de poder nem ser o que você queria, mas ser algo que alguém que você conhece quer – isto tudo além dos tabus, oferendas e precauções gerais que talvez fossem necessárias *antes* da manipulação segura do volume. Neste tipo de escultura, tudo funciona como se os blocos fossem visitas ilustres para quem é indispensável abrir espaço e oferecer respeito, pouso, alimento e conforto – estas atitudes jamais pertencerão aos cálculos conceituais da complexidade social pressionada sobre os sambaquis.

Figura 25- Escultura de sargo-de-dentes (*Archosargus probatocephalus*) ou/ de Linguado (*Paralichthys sp.*) N° 7



Fonte - ORICCHIO (2020). Imagens cedidas pela autora.

O trabalho seguinte, de Ivana Oricchio, procura explorar melhor as sendas alternativas à essa orientação teórica, começando por oferecer um sistema classificatório distinto do *prouciano*. Seria mais uma das numerosas pesquisas acadêmicas que foram afetadas irreversivelmente pela passagem do fogo no Museu Nacional do Rio de Janeiro – assim como a nossa. Se trata do primeiro trabalho a realmente repensar o sistema tipológico prousiano de zoomorfos. Ela o realiza como precognizado por Robert Dunnell; através do sistema paradigmático de construção de classes tipológicas sistemáticas. Os critérios são tomados de forma assumidamente arbitrária, em que a qualidade precede a quantidade em importância, e a ordenação é preferida à explicação; na mesma medida, os rótulos são subordinados ao estabelecimento de classes, assim como estas classes se antecipam aos modelos e construção de modelos (DUNNELL, [1971] 2007, apud ORICCHIO, 2020, p. 66-67). Em suma:

Na classificação paradigmática, os elementos definidores de uma classe são equivalentes, não estruturados, de igual peso e associados por interseção. Nele, os atributos são agrupados em conjuntos e dentro dos conjuntos cada atributo é mutuamente exclusivo.

Atributos mutuamente exclusivos não podem se combinar com atributos do conjunto a que pertencem, apenas com atributos de outros conjuntos. Esses conjuntos de atributos são chamados de dimensão. Um outro aspecto importante na classificação paradigmática é a não existência de hierarquia entre atributos, ou seja, o peso entre eles é igual. Para ilustrar, podemos considerar a utilização dos atributos “tempero” e “decoreção” em uma classificação de cerâmicas. Assumimos, então, que ambos têm o mesmo peso. Não é necessário identificar qual deles é mais ou menos importante para que a classificação seja efetuada. A ponderação ocorre no momento de seleção dos atributos considerados relevantes para a classificação. As classes obtidas

através de uma classificação paradigmática são comparáveis entre si, pois elas são compostas pela interseção de atributos advindos de diferentes dimensões. (ORICCHIO, 2020, p. 69).

Trabalhando com 50 esculturas que puderam ser avaliadas em diferentes museus do Brasil (18); em que o grosso das amostras provinha do Museu Nacional – esse, portanto, é o último registro em primeira mão desta que era a maior coleção de zoomorfos do país. Para tanto, felizmente, o trabalho é de excelência ao atualizar as informações disponíveis, literatura associada e oferecer novas descrições e fotografias individuais das esculturas. Após sumarizar de modo bastante semiológico os termos conceituais-descritivos utilizados por Castro Faria, Guilherme Tiburtius e André Prous (ORICCHIO, 2020, p. 20-52) e abalizar seu teoricamente o critério pragmático de classificação ela estabelece, com a criticidade adequada, uma série de tabelas apresentando os parâmetros descritivos eleitos para análise. Houve cuidado em incluir novos critérios até então ainda não abordados com especificidade, como restauros, volumes de cavidades, coloração e correlação com sambaquis, campos de dunas, acampamentos e depósitos votivos (ORICCHIO, 2020, p. 88-117).

A partir destes cruzamentos e descrições ela promove uma lista, já enxugada, de 16 variáveis primárias detectadas a serem elaboradas como classes paradigmáticas. Estas, por sua vez, são revertidas nas seguintes categorias gerais presentes no conjunto amostral selecionado:

Quadro 7- Tabela de critérios escultóricos elaborada por I. Oricchio.

Nº	Nome	Explicação	Crítérios Discretos
1	Cavidade na Representação	“se a peça possuía uma cavidade no núcleo da representação animalesca ou se a cavidade estaria em um volume separado”	“sim”, “não”, “volume separado”
2	Planando em Cruz	“se a peça seria uma representação animalesca composta por um núcleo, dois eixos imaginários que se interceptavam a noventa graus conferindo à peça um aspecto de estar planando em cruz com um apêndice na extremidade de cada um desses eixos”	“sim”, “não”
3	Encaixe Espiga Interna <sup>186</sup>	analisamos se a peça possuía um apêndice semelhante a um encaixe do tipo espiga interna	“sim”, “não”,

4	Cauda=Cabeça	analisamos se a peça possuía ao menos um apêndice intercambiável que ora poderia ser visto como cabeça e ora poderia ser visto como cauda de animais de classes taxonômicas diferentes. Algumas peças “se comportam” desta forma quando é alterado o ângulo de observação	“sim”, “não”,
5	Três Apêndices Similares	analisamos se a peça possuía um número total de quatro apêndices, onde três deles teriam suas extremidades de formato similar e um quarto seria diferente dos demais	“sim”, “não”,
6	Par de Opositores Retangulares	analisamos se a peça possuía um par de apêndices similares, opositores e de formato tendendo a retangular	“sim”, “não”,
7	Olhos	analisamos se a peça possuía um ou mais olhos	“sim”, “não”, “NO” (não-observável, devido a imagens ou tafonomia)
8	Forma da Cavidade	analisamos se a peça possuía uma cavidade angular ou arredondada	“não”, “arredondada”, “angular”

Fonte - Adaptado de ORICCHIO (2020, p. 118-120)

A análise de distribuição das categorias paradigmáticas se deu em duas séries, ou dimensões, distintas: uma cobrindo três das categorias (forma da cavidade, cauda=cabeça presente e olhos) e outra cobrindo seis (cavidade na representação, planando em cruz, encaixe espiga interna, cauda=cabeça, três apêndices similares e par de opositores regulares). Todas as 50 esculturas foram analisadas em cada dimensão. A primeira (chamada de CPECSR) gerou 10 classes paradigmáticas; a segunda (FCO), 12 classes. Organizamos-as brevemente na tabela abaixo:

Quadro 8- Outra tabela de critérios escultóricos elaborada por I. Oricchio.

CPECSR							
Classe	Cavidade Representação	Planando Cruz	Espiga Interna	Cauda=Cabeça	Três Apêndices Similares	Par Opositores Regulares	Total Esculturas
1	Não	Não	Não	Não	Não	Não	6 (12%)
2	Não	Não	Sim	Não	Não	Não	4 (8%)
3	Não	Sim	Sim	Não	Não	Não	2 (4%)
4	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	15 (30%)
5	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	4 (8%)
6	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não	2 (4%)
7	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Sim	4 (8%)
8	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	6 (12%)
9	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	6 (12%)

10	Volume Separado	Não	Não	Não	Não	Não	4 (8%)
		FCO					
	Forma Cavidade	Cauda=Cabeça	Olhos			Total	
			Esculturas				
11	Arredondado	Não	Não			3 (6%)	
12	Arredondado	Não	Não Observável			4 (8%)	
13	Arredondado	Não	Sim			12 (24%)	
14	Arredondado	Sim	Não			5 (10%)	
15	Arredondado	Sim	Sim			2 (4%)	
16	Angulosa	Não	Não			2 (4%)	
17	Angulosa	Não	Não Observável			2 (4%)	
18	Angulosa	Não	Não			6 (12%)	
19	Angulosa	Sim	Sim			2 (4%)	
20	Não	Não	Não			5 (10%)	
21	Não	Não	Não Observável			2 (4%)	
22	Não	Não	Sim			5 (10%)	

Fonte - Adaptado de ORICCHIO, (2020, p. 123; 131)

A distribuição espacial e em tipo de sítio arqueológico das classes paradigmáticas foi disposta como listas e mapas individuais. Contudo, como se trata de um conjunto amostral cujas referências são retiradas de Prous (1974<sup>a</sup>), é mais simples tabelar a lista que compara as classes paradigmáticas com as tipologias *prousianas* e realizar a aferição em separado<sup>187</sup>. Ficará claro que qualquer análise de localização por via do sistema paradigmático deve seguir a tabela como uma carta de tradução:

Quadro 9- Tabela de Classes Paradigmáticas elaborada por I. Oricchio.

Classes Paradigmáticas	Tipologia Prousiana
1	Triangular, Paquiforme, Antropomorfo
2	Nucleiforme A, var. 2 e 4
3	Nucleiforme A, var. 3
4	Nucleiforme B var. 1 e 2, Nucleiforme C, Plátifomes A e B, Paquiforme, Antropomorfo, Inacabados, Diversos
5	Cruciforme atípico, Nucleiforme C, Paquiforme
6	Cruciforme B, var. 1, Nucleiforme C atípico
7	Cruciforme C, Cruciforme C var. 1, 2, 3
8	Cruciforme A, Cruciforme B, var. 1 e 2
9	Cruciforme A, Cruciforme C, var. 1 e 2
10	Sobre pedestal
11	Nucleiforme B var. 2, Paquiforme, Diversos
12	Sobre pedestal, Nucleiforme C, Nucleiforme B var. 1
13	Plátifome B, Sobre pedestal, Nucleiforme B, var. 1, Paquiforme, Nucleiforme B var. 2, Nucleiforme C atípico, Nucleiforme C, Cruciforme B, var. 1.
14	Cruciforme A, Cruciforme B, var. 1 e 2.

Os mapas, que não serão reproduzidos por questão de espaço, devem ser apreciados nas páginas 126-128 e 134-136 para melhor clarificação.

15	Nucleiforme B var. 2, Cruciforme A
16	Platiforme A
17	Platiforme A, Inacabado
18	Cruciforme C, var. 1, 2, 3, Antropomorfo, Cruciforme atípico, Cruciforme A
19	Cruciforme C var. 2 e 4
20	Nucleiforme A, var. 3 e 4, Triangular
21	Nucleiforme A var. 2
22	Antropomorfo, Paquiforme, Triangular

Fonte - Adaptado de ORICCHIO (2020, p. 150, 152)

A questão da comparação tipológica demonstra a dificuldade de se obter correlações claras entre diferentes apreciações geométricas dos zoomorfos. Enquanto a classificação de Oricchio conseguiu estabelecer alguns paralelos identitários que poderíamos chamar de plenos (classes 16 e 10), os resultados mais ecoados estão na dissolução das terminologias de um caso dentro do outro (classes 4 e 13). O trabalho de Oricchio mostra, acima de tudo, como as tipologias *prousianas* podem e são intercambiáveis entre si como parte da natureza dos conjuntos compostos por caracteres discretos, reforçando a ideia inicial da seleção específica dentro de um conjunto de possibilidades<sup>188</sup>. Logo, pode-se observar a multiplicação de híbridos *latourianos* quando da mudança do foco de análise quantitativa (Oricchio trabalhou com cerca de 1/5 do total examinado por Prous) e da pessoa que observa (já que a autora igualmente concebeu a conexão entre critérios não previstos no catálogo genitor e na sua pesquisa atual; exemplo: “cauda=cabeça”, ou a sumarização das cavidades à qualidade dos ângulos. Essa outra visada, que poderíamos dizer original, sobre as esculturas é melhor observada pela autora quanto toca na questão taxonômica. Duas interpretações em especial chamam a atenção pelo hibridismo: “Aves-Elasmobranchii” e “Aves-Reptilia-Elasmobranchii”, ditas de esculturas de nível 1 e 2 apenas (p. 141):

relevante afirmar que, enquanto Prous está preocupado com a questão do ‘realismo’, ou seja, o ser que existe ‘no mundo real’, nós estamos interessadas em identificar qual classe taxonômica pode ser percebida mesmo que a peça seja animalesca e não um animal totalmente real. Deste modo, a divergência talvez seja proveniente dessa variação na perspectiva de observação das peças.  
(ORICCHIO, 2020, p. 145.)

---

A primeira série de classes (CPECSR) representa 6% do total de possibilidades; a segunda (FCO), 19% (ORICCHIO, 2020, p. 123, 131).

Pensamos que esta disposição é totalmente original e um desenvolvimento arqueológico determinante para o estudo dos zoomorfos. A redução da ingerência classificatória ocidental na opção tomada por Oricchio também é uma resposta ao próprio sistema rotulador do qual bebeu: o de classes paradigmáticas. Intuitivamente, e como boa leitora do trabalho de Angela Gomes (2012), não se resignou apenas a tentar vislumbrar outros ângulos gerais, mas também exercitou o lado figurativo que, segundo Prous, “tout les zoomorphes entrent par définition” (1974a, p. 72). Reitere-se a noção de que “Via de regra é evidente quando da conversa com alguns pesquisadores, que a noção estética dos zoólitos que os mesmos guardam na memória é a aquela das esculturas *expoentes*” grifos do autor (MILHEIRA, 2020, p. 200). Ou seja, enquanto é realmente importante sabermos o maior número de detalhes anatômicos sobre os animais que inspiram as esculturas zoomórficas (como veremos), as esculturas de grau 3 e 4 de realismo *prouciano* contam com apenas cerca de 28,5% do total absoluto e se remetem às memórias imediatas de uma experiência pessoal com os artefatos. Os outros cerca de 70% de casos figurativos, por sua feita, são os caminhos pelos quais se refina e afina essa memória comentada por Milheira, “para uma noção melhor do padrão estético e a variabilidade estilística do conjunto das esculturas importante recorrer aos acervos, onde se encontram as peças menos sofisticadas esteticamente, porém mais representativas quantitativamente” (MILHEIRA, 2015, p. 200).

Assim, paradoxalmente, ao trabalhar com menos esculturas, Ivana Oricchio observou muito mais a respeito delas do que tem sido feito desde a publicação da tese *prouciana*<sup>189</sup>, efetivamente transformando o indistinto e vago em algo que estava oculto e *escondido do olhar* – pois o que era *distante* agora foi colocado em outros graus, sim, mas através de *aproximação*, que não trafega com valores numéricos/realistas, mas qualitativos/figurativos; e que, acima de tudo, se remetem ao domínio do familiar para qualquer pessoa e não apenas a alguém com conhecimento especializado. Agora, o estudo dos zoomorfos entra numa nova fase, em que interessa menos saber qual é o animal “representado”, diante de quais criaturas podem ser vistas dentro de um zoomorfo – e o porquê, já que acabamos de saber como.

---

Onde Prous define o lado figurativo como uma crítica ao preciosismo taxonômico de Luiz de Castro-Faria (1954) – pensamos.

## 6.2 CRÍTICA AO CONCEITO DE “COMPLEXIDADE SOCIAL”

Aparte da discussão arqueológica e antropológica global, nos sambaquis a questão é mais delicada. Se aplicação do rótulo de “complexo” deve ser aplicada, ela o deve ser em comparação a um outro sistema dito “simples”. Mas, qual sistema é esse outro? Se trata de esforço quase ingrato dada a ausência de informação direta, sendo pensada a sociedade sambaquiana como um conjunto vagamente teleológico, no qual primeiro compete consigo mesmo por falta de critérios temporais ou, quando mais próximo de nós no tempo, por uma presença tardia e externa da cerâmica, geralmente, tomada como índice de complexidade por conta dos processos de sedentarização, com o forte teor histórico-culturalista que imbuí a disciplina no Brasil (DIAS, 1996; HILBERT, 2007). Todavia, é uma estratégia cujo fenômeno lógico é sólido, pois a ausência de cerâmica é contraposta pelos zoólitos, que seriam a “resposta sambaquiana” à cerâmica, indicando complexidade – ainda que por razões puramente técnicas (como estimativa do tempo de fabricação, por exemplo<sup>190</sup>) já que é impossível solucionar o mistério das cavidades e atestar sua real funcionalidade, ao contrário dos recipientes de barro. Esta falsa dicotomia antagônica<sup>191</sup> (zoomorfos x cerâmica) é apenas um espelho pálido das claras distinções que homogeneizavam o próprio discurso antropológico (simples x complexo; letrada x iletrada; subdesenvolvida x desenvolvida); já que, *grosso modo*, zoomorfos e cerâmica são incomparáveis dentro desta ótica, pois se refeririam a momentos e atividades distintas.

Não é à toa que representam artefatos-guia que mobilizam termos, e seus consequentes significados, por muito tempo. Termos estes usualmente tomados como opositivos e de forte impacto na disciplina (ritual x cotidiano; religioso x profano, sedentário x nômade). Os zoólitos, como observamos, são vistos frequentemente como símbolos de *status* social (e seu contraponto, a desigualdade social), muito por conta de sua presença junto a sepultamentos e contextos rituais materialmente diversificados (LIMA, MAZZ, 2000, p. 136; GOMES, 2012). Essas noções são claramente influenciadas, ao que se pode dizer hoje, por uma inspiração marxista que, longe de recriminar o esforço recente dos

---

ver Prous (1991); Belém (2012).  
Da qual já fomos partidários.

colegas, está presa no anacronismo da sociedade que analisa e toma a outra como objeto – crítica essa, justiça seja feita, que apenas começamos a realizar a partir da virada do milênio (HODDER, 1992<sup>192</sup>; GONZÁLEZ-RUIBAL, et al., 2007; ALBERTI et al., 2011). A grande contribuição desses estudos, que pensamos derivar diretamente do intrincado conjunto de tipologias *prousianas*, é justamente reiterar o caráter único e milenarmente inefável das esculturas zoomórficas. É a presença de zoomorfos juntos a contextos de grande valor simbólico, assim como a constituição destes num sistema do qual apenas vislumbramos contornos indistintos, que nos faz pensar *toda* a sociedade sambaquiiana como *sui generis*. Nisto, os próprios sítios foram trazidos nesta toada em paralelo, com os estudos de construção estratigráfica recente (FISH et al., 2000; GIANNINI et al., 2010; VILLAGRÁN, 2019). Esta rica contribuição fica comprovada; mas, como observamos, ela esbarra na necessidade da *função* das esculturas/cavidades, que apenas evocam a imaginação xamânica/mitológica em nossas cabeças (PROUS, 1977a, p. 37. Por isso, os sambaquis precisam ser integrados logicamente à lógica da formação dos sítios para que este caráter possa ser explorado em toda a sua insinuante e evidente fertilidade.

Acreditamos que este questionamento acerca da complexidade dos sambaquis muito se deve ao rigoroso e confortável sistema tipológico delineado por Prous (1974a, 1974b, 1977). Gerado a partir de um universo de 242 amostras de diversas qualidades, Prous obteve treze categorias principais e cerca de quinze variedades de algumas destas (além de cruciformes atípicos, platiformes atípicos, fragmentos, muito quebrados, esboçados e peças diversas); trata-se de um modelo que apenas recentemente foi rediscutido e ampliado (ORICCHIO, 2020) e tem sido utilizado com segurança por outros pesquisadores quando do encontro com esculturas, então, inéditas (RIBEIRO, MILHEIRA, 2005; ROHR, 1977). Prous, que peregrinou de museus a coleções particulares para ver a maior quantidade de zoomorfos possível, assumiu três elementos essenciais como ponto de partida para a aferição das esculturas: “- la *représentation* animalière (plus ou moins identifiable); - la *forme générale* (plus ou moins naturaliste ou géométrique); - la

---

“Theoretical debate involves defining terms, defining boundaries, and setting up oppositions. Theoretical meaning is always referential (to other theories) and tends to be confrontational by nature. Argument is over the top of, rather than through the data that become relevant only as examples. The argument is entirely about the present, not about the past.” p. 185.

présence éventuelle d'une *cavité* (de caractéristiques variables)" (PROUS, 1977a, p. 31).

### 6.3 TIPOLOGIAS PROUSIANAS E ESCULTURAS ZOOMÓRFICAS

O ideal agora é apresentar, enfim, um pouco das esculturas zoomórficas; o nosso interesse inicial não era com elas, porém, ao longo da pesquisa se tornou mandatório “pescar” referências ao ponto de nos tornarmos “pescadores” nós mesmos. De fato, é inegável o *empuxo de sentido* que elas exercem por sua forma multivariada e suas recônditas cavidades – seria impossível falar de semiologia e simbolismo se não nos referirmos aos seus animais, pessoas, distribuições geográficas e matérias-primas, que já conhecemos a ponto de haver um sistema classificatório para elas. Sua publicação, ocorrida há quarenta e quatro anos continua influente e exigindo uma segunda edição revisada (1974a<sup>193</sup>), já que novas esculturas surgiram e outras desapareceram nos meandros das páginas, dos acervos, do tempo e dos armários das pessoas. Ousamos levemente tentar essa tarefa de seguir a contagem *prousiânica*, dado que dispúnhamos de publicações adicionais – e mesmo pudemos avistar algumas esculturas citadas, mas não descritas no catálogo genitor, assim como tomamos conhecimento de outras mais. Além da revisão bibliográfica, tornou-se parte de nossa tarefa ir atrás do máximo de esculturas que fosse possível, para obter melhores imagens e encontrar eventuais novidades que eram previsíveis dado o espaço de tempo desde a última atualização. Infelizmente, vários fatores do destino se interpuseram entre nós e um resultado minimamente satisfatório porque restringiram nossa capacidade de deslocamento por períodos razoáveis de tempo, insuficientes para esgotar mesmo as esculturas já bem conhecidas<sup>194</sup>. Reunimos estes escombros, portanto, ao mesmo tempo que descrevemos as famosas tipologias *prousiânicas*, incluindo na contabilidade final os zoomorfos publicados pós-74 e alguns poucos casos inéditos.

---

O catálogo da exposição no Museu de Arte Moderna de São Paulo, que contou com diversos zoólitos, oferece o modelo de diagramação ideal para um esforço dessa espécie. Adicionalmente, diversos problemas tecnológicos apagaram informações sem cópia – mais de uma vez.

Diante de uma série de pequenas faltas de correspondências entre o catálogo de 1974 e a tese de 1977, utilizamos a última para balizar as informações do conjunto. Contudo, foi inevitável assumir, diante do todo aparato teórico que já demonstramos, que algumas esculturas que não se enquadram em uma ou mais tipologias, sejam, portanto, presentes em todas as suspeitas. Assim, os totais que apresentamos não se igualam aos publicados em 1974, pois, por exemplo, fragmentos suspeitos de pertencerem a esta ou aquela tipologia foram marcados positivamente para ambas as suspeitas e para fragmento. Isso se aplicou apenas na contabilidade das tipologias *prousianas* – ao final do arrolamento apresentaremos valores finais definitivos para esta atualização.

Triangulares – Peças de conformação mais alta do que larga; forma geral triangular; sem cavidade – 4 esculturas<sup>195</sup>; a mais recente é um pequeno exemplar do sambaqui de Cabeçuda (GARCIA, 2018). Apenas detalhes pequenos para boca, olhos e cauda são discretamente inscritos – quando o são.

---

Nºs 45, 69, 138 e 269.

Figura 26- Animal aquático Nº 69



Fonte - Prous (2015, p. 73)

Figura 27- Escultura Nº 269

Figura: 39: Zoólito inédito encontrado na Reserva Técnica do MHS. Possível representação de cetáceo, Laguna, SC, s/d.



Fonte: Acervo Arqueológico do Museu do Homem do Sambaqui "Pe. João Alfredo Rohr, S.J." / Colégio Catarinense. Foto: Jefferson Garcia. 2017.

Fonte -- GARCIA (2018, p. 104)

Nucleiformes A – Blocos grosseiramente ovoides; sem cavidade; apêndices pouco numerosos e pouco elaborados (bicos/bocas, olhos, caudas); prioridade de ressalto da cabeça – que pode progredir para uma cauda oposta, mais larga que alta; identificação animal impossível; peças de pequeno ou muito pequeno tamanho – contabilizamos 24 esculturas. Quatro variedades se definem pelo acréscimo gradual de técnicas e elementos corporais: de um núcleo parcialmente cortical com um apêndice solitário a um animal com quatro apêndices – ainda que próximos ao bloco. Prous considera as três últimas variações deste estilo como morfologicamente anteriores aos nucleiformes B (2ª variedade, 7 esculturas196), nucleiformes C (3ª variedade, 5 esculturas197) e cruciforme (4ª variedade, 5 esculturas198); e as relaciona com a ausência da cavidade. A primeira variedade conta com 6 esculturas199.

Nºs 36, 42, 175, 193, 230, 234 e 278.

Nºs 40, 197, 227, 228 e 229.

Nºs 44, 46, 165, 195 e 221.

Nºs 34, 43, 198, 200, 260 e 263.

Figura 28- 1ª variedade, Nº 34



Fonte 2- GOMES (2012, p. 165)

Figura 29- 2ª variedade, Nº 230



Fonte 3- PROUS (1974a, p. 124)

Figura 30- 3ª variedade, Nº 229



Fonte - PROUS (1974a, p. 123)

Figura 31- 4ª variedade, Nº 44



Fonte - SERRANO (1937, p.) prancha VI – o retângulo branco é um adesivo antigo.

Três acréscimos são recentes: as esculturas Nºs 260 e 263 (GOMES, 2012, p. 154, 168, respectivamente) ao conjunto da variedade 1; e a de Nº 278 junto à variedade 2 (Op. Cit., p. 165).

Nucleiformes B – Blocos grosseiramente elípticos; com cavidades ovais de profundidade média ou profunda, ventrais; apêndices posteriores e anteriores; sem apêndices laterais; realismo segmentário<sup>200</sup>, limitado; identificação animal impossível; pequenas e médias dimensões; fabricação medíocre – 23 esculturas. Duas variedades se relatam ao grau de desenvolvimento cabeça-cauda em relação ao núcleo; A segunda variedade, com 4 esculturas<sup>201</sup>, é uma sobrevalorização, em geral do trecho anterior – o Nº 39 inverte esta lógica de priorização dos detalhes, com a cauda recebendo maior atenção do que a cabeça. A variedade 1 conta com 10 esculturas<sup>202</sup>; sobre as 9 esculturas restantes, não houve informação suficiente para registrá-las num ou noutro caso<sup>203</sup>.

---

Apenas alguns apêndices são elaborados e identificáveis. Em contraponto a um realismo global, onde esta característica é trabalhada como um todo na escultura.

Nºs 39, 91, 100 e 108.

Nºs 20, 28, 31, 63, 67, 140, 159, 185, 190 e 203.

Nºs 73, 78, 146a, 209, 217, 218, 223 e 241.

Figura 32- Fragmento Nº 78



Fonte - PROUS (1974a, p. 90)

Figura 33- Nº 28 – variedade 1



Fonte - GOMES (2012, p. 79)

Figura 34- Nº 100 - variedade 2



Fonte 4- FILIPI POMPEU (2018).  
Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville, Santa Catarina

Figura 35- Aquático Nº 39 – variedade 2



Fonte - ORICCHIO (2020). Comunicação pessoal.

Nucleiformes C - Blocos grosseiramente elípticos; cavidades ovais de profundidade média ou profunda, ventrais, com bordas lineares; apêndices posteriores e anteriores bem pronunciados (cabeça-cauda); identificação animal dúbia; médias e grandes dimensões – 28 esculturas. Há casos típicos (22 esculturas<sup>204</sup>), em que os apêndices laterais são oblíquos, de bordas subretangulares, e em relação horizontal com o núcleo; e atípicos (6 esculturas<sup>205</sup>), horizontais com o núcleo e com apêndices de bordas triangulares (menos a Nº 13). São esculturas consideravelmente elaboradas.

Figura 36- Nº 99, nucleiforme C típico



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)

Figura 37- Nº 58, nucleiforme C atípico



Fonte - GARCIA, SOUZA, AFONSO (2012, p. 298)

Nºs 30, 50, 54, 59, 60, 61, 83, 96, 99, 112, 143, 148, 158, 169, 179, 180, 183, 188, 189, 207, e 243.

Nºs 13, 58, 124, 126, 262 e 274.

Figura 38- Nº 13, nucleiforme C atípico



Fonte - AGUILAR (2000, p. 51)

Um nucleiforme severamente mutilado (Nº 120), do qual restou apenas a cabeça e parte da cavidade, não pôde ser subsumido a nenhuma tipologia:

Figura 39- Nucleiforme mutilado Nº 120



Fonte 5- FILIPI POMPEU (2018)

Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville, Santa Catarina

A escultura de Nº 246, um nucleiforme C que não pode encontrar guarida dentre as variedades, foi publicado ainda em 1977, por Rohr (p. 47-48). Já, junto aos nucleiformes atípicos pudemos adicionar os Nºs 262 (GOMES, 2012, p. 180) e 274:

Figura 40- Nº 274, encontrado no Parque Estadual de Itapuã, em Porto Alegre



Fonte - Centro de Visitantes do Parque de Itapuã (2018)

Cruciformes A<sup>206</sup> – Forma geral de cruz grega; extensões bastante individualizadas; identificação animal dúbia; dorso plano ou levemente côncavo; largura total igual ou similar à longitude; apêndices terminam em superfícies planificadas de cantos retos ou pouco arredondados; cabeças podem ser ogivais, com marcação discreta do apêndice oral, geralmente o único detalhe; cavidades circulares, com bordas pequenas em similar profundidade, ventrais; realismo segmentário e restrito; tamanho pequeno ou muito pequeno – 9 esculturas<sup>207</sup>.

Figura 41- Nº 105



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)

Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville, Santa Catarina

---

As esculturas Nº 222 e 232 (fragmento) não foram consultadas pessoalmente por Prous, mas são reputadamente algum tipo de cruciforme.  
Nºs 11, 16, 76, 81, 105, 107, 113, 144 e 196.

Figura 42- Nº 81



Fonte - PROUS (2015, p. 77).

Cruciformes B<sup>208</sup> – Forma geral de cruz losangular, com três ângulos aproximados (geralmente a parte anterior); uma primeira variedade possui apêndices laterais bem desenvolvidos (13 esculturas<sup>209</sup>); a outra tem formato mais alongado, com apêndices laterais curtos (4 esculturas<sup>210</sup>); cavidade circular, com raras saliências por borda, mas geralmente sem, de qualquer profundidade, ventrais; realismo segmentário, olhos e bico costumam ser marcados; pequenas e médias dimensões – 20 esculturas<sup>211</sup>. Há vários graus de “acabamento”. Ainda na década de 1970 uma escultura foi avistada na serra gaúcha e publicada em 1977; a ave ou quelônio Nº 245 (RIBEIRO, RIBEIRO, SILVEIRA, 1977).

---

Cinco esculturas apenas estão filiadas sem pertencer exatamente a nenhuma das duas variedades: Nºs 137, 166, 237, 238 e 256.

Nºs 26, 27, 87, 104, 133, 151, 152, 162, 168, 172, 177, 178 e 256.

Nºs 82, 154, 155 e 226.

Quatro esculturas não puderam ser reduzidas às variedades de cruciformes B; sabemos que Prous não conheceu as de Nº 166 e 209; e a de Nº 237 está decapitada. A de Nº 137, supomos, que por possuir o alongamento da cauda da variação secundária e o estreitamento do conjunto cabeça-apêndices laterais da primária não é possível fazê-lo.

Figura 43- ave de rapina Nº 162, variedade 1



Fonte – FILIPI POMPEU (2018).  
Museu do Colégio Catarinense, Florianópolis, Santa Catarina

Figura 44- Ave/tubarão-baleia Nº 226, variedade 2



Fonte - ORICCHIO (2020, p.)

Figura 45- Nº 137



Fonte - GOMES (2012, p. 135)

Figura 46- Ave/quelônio N° 245, variedade 1



Fonte 6- RIBEIRO (1991, apud GOMES, 2012, p. 176)

Cruciformes C - Forma geral de cruz latina; apêndices laterais horizontais com relação ao solo; dorso planificado, ou levemente côncavo; há a presença de trechos planos além do dorso; bordas dos apêndices laterais planificadas com ângulos retos (como nos cruciformes A, e ao contrário dos B) – esta cavidade é presente em todas as esculturas do conjunto; ausência de realismo global; olhos e bocas estereotipadas; alguns possuem sulcos na cabeça<sup>212</sup> – quando presente, define a qual classe taxonômica pertence o animal (como o teiú N° 98, o tubarão-martelo N° 216 e o morcego N° 171); cavidades geralmente retangulares<sup>213</sup>, profundas, com bordas bastante salientes, ventrais; possivelmente aves, mas admitindo exceções; várias peças muito bem executadas - 29 esculturas.

Cinco variedades existem: a primeira é de esculturas pequenas, de igual largura e longitude, embora a cauda sempre seja um pouco maior que a cabeça (5 esculturas<sup>214</sup>); a segunda se refere a blocos maiores, com apêndices laterais pequenos e um equilíbrio entre cabeça-cauda (9 esculturas<sup>215</sup>); a terceira corresponde a esculturas cuja cauda é muito mais comprida que a cabeça (10 esculturas<sup>216</sup>); uma espécie de sulco jugular está presente nessa terceira variedade como em nenhuma outra<sup>217</sup>; a quarta variedade é idêntica à anterior, salvo a cauda que se alarga notoriamente (6 esculturas<sup>218</sup>); a última variedade

<sup>212</sup> “8/13 “*des cas connus*”.

Exceções ovais:

N°s 3, 53, 136, 171 e 184.

N°s 4, 19, 21, 57, 85, 135, 258, 265 e 268.

N°s 2, 12, 17, 97, 98, 181, 182, 191, 250 e 259

N°s 2 e 191.

N°s 55, 86, 102, 164, 204 e 247. No caso da N° 204, Roger Figueiredo nos disponibilizou imagens – porém, não temos certeza se se trata da mesma escultura ou de um caso inédito: as imagens não correspondem àquelas de cruciformes C, senão de cruciformes A – e a escultura foi decapitada, o que não é comentado por Proust. Por ora, ficará aqui.

agremia esculturas cujo eixo cabeça-corpo é bastante encompridado em relação aos apêndices laterais (4 esculturas219).

Figura 47- Morcego N° 171, variedade 1



Fonte 7- PROUS (1977a, p.) Prancha IV

Figura 48- Ave de rapina N° 57, variedade 2



Fonte - PROUS (2015, p. 69)

Figura 49- Ave N° 12, variedade 3



Fonte 8- ORICCHIO (2020). Comunicação pessoal.

---

N.º 68, 84, 93 e 109. A de N.º 84, apesar de não ter sido consultada por Prous, possui uma imagem que permite associá-la a esta variedade.

Figura 50- Ave de rapina Nº 102, variedade 4



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)  
Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville, Santa Catarina

Figura 51- Ave Nº 93, variedade 5



Fonte 9- FILIPI POMPEU (2018)  
Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville, Santa Catarina

Alguns zoomorfos recentemente noticiados que podem ser subsumidos à alguma variedade do tipo cruciforme C são os de Nº 258 (OLIVEIRA, 2010, p. 45), 265 (GOMES, 2012, p. 264) e 268 (GARCIA, 2018, p. 103), na variedade 2; Nºs 250 (AGUILAR, 2000, p. 50) e 259 (GOMES, 2012, p. 205), na variedade 3; Nº 247 (GOMES, 2012, p. 139), na variedade 4; e Nº 267 (GARCIA, 2018, p. 94), na variedade 5. Adicione-se ainda ao grande grupo cruciforme C de 1974, mas sem que possamos determinar a variedade, as seguintes esculturas: a ave de sianito mutilada Nº 254 (RIBEIRO et. ali, 2002, p. 22), uma ave uruguaia, Nº 255 (MENEHIN, 2008, p. 40); e as esculturas decapitadas Nº 287 (GOMES, 2012, p. 183) e 289 (ROHR, 1950, p. 360).

Figura 52- Ave mutilada N° 254

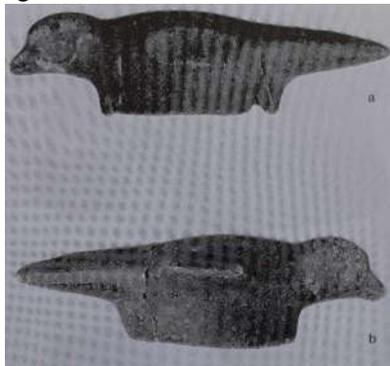


Figura 53- Ave N° 255



Figura 54- Decapitado N° 287



Fonte 10 - GOMES (2012, p. 183)

Figura 55- Decapitado Nº 289

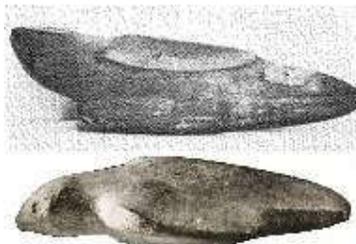


Fonte - FILIPI POMPEU (2018).

Museu do Colégio Catarinense, Florianópolis, Santa Catarina.

As esculturas Nº 10, 101 e 199 não se adequam com certeza (atípicos) em nenhum dos três grandes conjuntos cruciformes; a primeira por não ter cavidade; as outras duas são bifurcadas – ora na cauda, ora na cabeça. O tubarão Nº 270220, surgido em meados de 2016 na frente de uma gruta no interior de Santa Catarina, quase é um paquiforme como seu parente, o famoso tubarão-branco Nº 253 (RIBEIRO, et. ali. 2002), com o qual compartilha atributos únicos221:

Figura 56- Nº 10



Fonte 11- PROUS (1974a, p. 71);  
CASTRO-FARIA (1959, Fig. 21)

---

Citado em Garcia, mas não como tubarão (2018, p. 21).

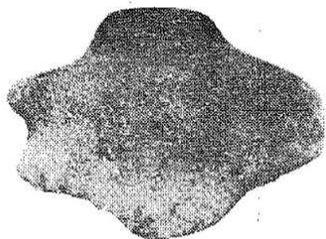
E possivelmente também ao Nº 126, severamente mutilada, descamada e recoberta de pátina sintética (inadvertidamente) por Tiburtius; também foi encontrado em depósito, votivo, cuja morfologia geral incita profunda suspeita dentre as três esculturas.

Figura 57- Nº 101



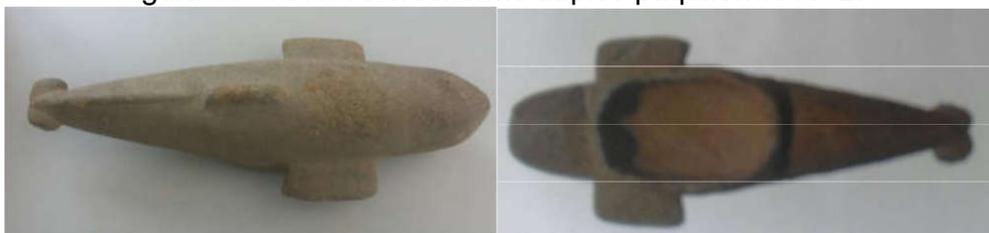
Fonte 12- FILIPI POMPEU (2018)  
Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville, Santa Catarina

Figura 58- Bicéfalo Nº 199



Fonte - PROUS (1974a, p. 118)

Figura 59- Tubarão cruciforme atípico/paquiforme Nº 270



Fonte 13- Museu de Lomba Alta, em Alfredo Wagner, Santa Catarina

Finalmente, três cruciformes não foram testemunhados por Prous à época; o Nº 222 conheceu apenas por foto; os Nºs 49 e 232, apenas por desenhos. O cruciforme Nº 256 surgiu no Uruguai em algum momento antes de 2008 (MENECHIN, P. 40) e se assemelha na cauda bifurcada ao Nº 101 e se diferencia com estranhos apêndices laterais triangulares – mas não pudemos obter maiores informações além da imagem:

Figura 60- Ave cruciforme Nº 256



Fonte - MENECHIN (2008, p. 40).  
Coleção García Lagos, Uruguai.

Até aqui, salienta Proux, se tratam de estilos nos quais o realismo é segmentário e a morfologia, dominante, mas incapaz de aferir gêneros taxonômicos. Isso permitiu multiplicidade e serialidade ao ponto de existirem “cópias”, ou “duplos”, em alguns casos. Os próximos estilos são o inverso disto. As esculturas, mesmo compartilhando elementos estilísticos específicos para cada tipologia, são muito diferentes quando uma diante das outras – “et don’t la forme sera liée de plus près à celle de l’animal représenté” (PROUS, 1977a, p. 44).

Sobrelevado – O animal está sobre uma base não-zoomórfica onde a cavidade circular, sempre funda, é um volume à parte e se dissocia da representação; forma geral massiva, apesar do pequeno tamanho geral; cavidade é um volume a parte e se dissocia da representação; esculturas naturalistas (animais marinhos e terrestres) – 10 esculturas<sup>222</sup>. O Nº 64 é um tanto atípico porque o animal não identificado parece estar dentro da cavidade.

Figura 61- Miracéu Nº 25

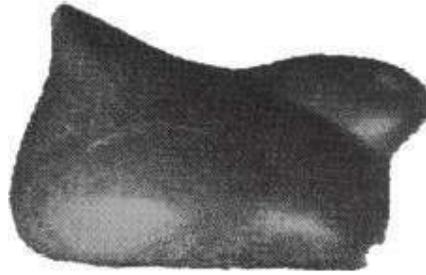


Fonte 14- Fonte - CASTRO-FARIA (1959, Fig. 10)

---

Nºs 1, 24, 25, 33, 64, 66, 141, 170, 192 e 225.

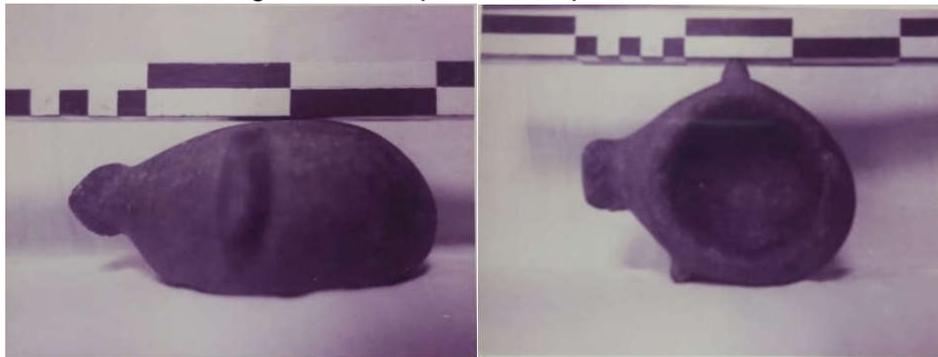
Figura 62- Sobrelevado atípico N° 64



Fonte - BIGARELLA (1949, p. 161)

Podemos, talvez, considerar a existência de um segundo<sup>223</sup> sobrelevado atípico no sentido de não sabermos o significado de seus apêndices laterais únicos: totalmente verticais, como é o caso na escultura N° 275:

Figura 63- Paquiforme atípico N° 275



Fonte - (autoria e data da imagem desconhecidas).  
Ex-Museu de Arqueologia do Rio Grande do Sul, Taquara.

Platiformes A – A tipologia dos peixes (as vezes se sabe a espécie): forma geral chata; altura três vezes o tamanho da largura; apêndices laterais são dorsais ou ventrais – nadadeiras de quase sempre incisadas<sup>224</sup>; dois casos bicéfalos (N°s 35 e 132) e sem cauda; a cabeça é anexa ao bloco; bocas incisadas sobre retângulos excisos; raros olhos<sup>225</sup>; cavidades rasas, de borda simples, na lateral esquerda ou

\_\_\_\_\_  
Prous tem algumas dúvidas com relação ao N° 64 (PROUS, 1974a, p. 28).  
Essas nadadeiras possuem progressões matemáticas se se contarem seus sulcos em vários casos.  
“9 des 11 pièces”.

central; o bloco inicial é pouco modificado; mas, mesmo assim existe uma forte atmosfera de dedicação e detalhismo, principalmente as maiores.

Figura 64- Possível robalo Nº 132



Fonte 15- FILIPI POMPEU (2018)

Figura 65- Tainha bicéfala Nº 161



Fonte 16- FILIPI POMPEU (2018)

Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville, Santa Catarina

Platiformes B – Forma geral chata, mas mais espessa que o tipo A; cavidade lateral pouco profunda e sem bordas, tanto do lado direito quanto do esquerdo; há casos apenas com uma depressão; sem nadadeiras; bocas similares incisadas sobre excisões – 7 esculturas<sup>226</sup>.

Nºs 8, 9, 48, 194, 201, 248 e 257.

Figura 66- Sernambiguara platiforme N° 48



Fonte - GOMES (2012, p. 78)

Um platiforme B foram localizados após 1974: em 1982 foi publicado o N° 248 (RIBEIRO, 1977, Fig. 2), encontrado num sambaqui periférico no litoral do Rio Grande do Sul. Contudo, à primeira vista, poderia também se tratar de um cruciforme, em se levando em consideração a ave de rapina N° 162:

Figura 67- Platiforme B do sambaqui de Xangri-lá



Fonte 17-Acervo Pedro Mentz Ribeiro – FEEVALE<sup>227</sup>

Era o único platiforme atípico é a arraia N° 6 por reunir características dos tipos A e B além de uma cavidade ventral – que não poderia ser diferente dado a forma do animal. Falaremos dela em detalhe posteriormente. Outro, o N° 243, notificado por Gomes (2012, p. 168), já havia sido publicado por Serrano como uma ponta de flecha (SERRANO, 1937, Prancha. IX) – se qualifica como atípico por não possuir cavidade, mas ser claramente um peixe chato. O último, N° 257 (ASSUNÇÃO, 2010, P. 42), foi encontrado no sambaqui Capivari III, do sul de Santa Catarina que possui nadadeiras, mas não a boca estilizada do tipo:

---

Imagens gentilmente cedidas pelo colega Alberto Tavares, em 2019.

Figura 68-Peixe platiforme atípico N° 243



Fonte 18- SERRANO (1937, Pr. XI)

Figura 69-Platiforme atípico N° 257



Fig. 11. Foto do zoólito encontrado pelo proprietário do terreno no sambaqui Ilhotinha (Capivari III).

Fonte - ASSUNÇÃO (2010, p. 42)

Figura 70- Platiforme atípico N° 243



Fonte 19- GOMES (2012, p. 168)

Paquiformes – Todas as peças com realismo global, com ou sem cavidade; cavidades bastante variáveis em profundidade, tamanho, forma, localização e bordas; é o tipo que mais possui esculturas sem cavidade; blocos massivos, maiores que os nucleiformes; todos quadrúpedes são paquiformes (10 casos), mas também existem peixes, mamíferos marinhos e aves; englobam “falsos”

triangulares, platiformes, pedestais e nucleiformes A; dimensões pequenas, médias e grandes – 29 esculturas<sup>228</sup>.

Figura 71- Sirênio falso nucleiforme A Nº 62



Fonte -BIGARELLA (2011, p. 159)

Figura 72- Cetáceo/selácio falso triangular Nº 80



Fonte - VALENÇA (1984, p. 85)

Figura 73- Tartaruga manca Nº 14



Fonte 20- CASTRO-FARIA (1959, Fig. 18)

Figura 74- Aves/tartarugas Nº 123

Nºs 5, 14, 29, 32, 37, 38, 47, 62, 80, 94, 103, 110, 122, 123, 127, 145, 147, 160, 167, 173, 187, 210, 239, 242, 253, 264, 266, 272, 281, 293 e 295.



Fonte - PROUS (2015, p. 97)

Figura 75 - Tatu falso platiforme Nº 147



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)

Figura 76 - Tainha Nº 127



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)

A escultura Nº 242, publicada por Prous como uma nota comentada pelo Irmão Guilherme Naue da PUCRS sobre um zólito pertencente ao farmacêutico de Santa Vitória do Palmar foi identificada por nós em um catálogo datilografado do próprio Irmão. Soubemos a partir dele que esta é a escultura, um paquiforme “falso sobrelevado”:

Figura 77- Paquiforme falso sobrelevado N° 242



Fonte - FILIPI POMPEU (2016)

Laboratório de Arqueologia do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS.

Outras esculturas recentemente agregadas ao rol dos paquiformes estão o já bastante afamado (jamais de modo suficiente) tubarão-branco de N° 253 (RIBEIRO et. ali. 2002); o pretenso pinguim em pé N° 264 (GOMES, 2012, p. 181, 205); o longilíneo N° 266 (PROUS, 2015, p. 59); o grande longilíneo N° 272, com olhos perfurados e boca, exemplo sagaz do estilo cortical sambaquiano; o paquiforme duplo N° 273, quase um ensaio acabado, (detalhe para os tracejamentos suaves<sup>229</sup> e apropriação de geodos) com diversas perspectivas; o grande paquiforme pré-forma N° 281; e o sutil machado com apêndice oral N° 291. Estes últimos quatro figuram pela primeira numa publicação arqueológica. Todas estão abrigadas no Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville/SC. Por questões de espaço, apresentaremos imagens apenas das ainda inéditas<sup>230</sup>.

---

Sua forma em “L” é análoga ao trecho anterior (apêndice oral) do sobrelevado N° 66.

As de N° 293 e 295 são apenas notícias: a primeira, publicada por Paldaof (1899, p. 346), sobre uma cabeça de onça encontrada no Rio Vacacaí dentro de uma igaçaba; a segunda era uma escultura comprida em xisto verde, encontrada na Serra Gaúcha que desapareceu do Laboratório de Arqueologia da PUCRS após 2010.

Figura 78- Escultura paquiforme dupla Nº 273, detalhe de incisão em “L”, e outros



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)  
Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville, Santa Catarina

Figura 79- Escultura longilínea paquiforme do sambaqui de Cubatãozinho Nº 272



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)  
Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville, Santa Catarina

Figura 80- - Machado com boca Nº 291 – análoga à do Nº 272



Fonte FILIPI POMPEU (2018)

Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville, Santa Catarina

Antropomorfos – Representação parcial ou completa de um ser humano; forma geral variável entre um quase-pedestal sem cavidade até um realismo global retangular completo com apêndices; cada uma das cinco peças possui um estilo particular; detalhes definitivos na cabeça, com boca; olhos, orelhas, nariz e narinas. Dimensões variáveis. Um antropomorfo novo foi identificado em 2000 e publicado arqueologicamente em 2012 (GOMES, p. 182, 209); cujo estilo entretêm uma pessoa meio coruja, talvez saindo de um ovo (Nº 251).

Figura 81- Nº 15



Fonte - AGUILAR (2000, p. 59)

Figura 82- Nº 18



Fonte - PROUS (2015, p. 61)

Figura 83- Antropomorfo falso sobrelevado N° 24



Fonte - PAIVA (1984, p. 33)

Figura 84- Mutilado N° 150



Fonte - VALENÇA (1984, p. 90)

Figura 85- Pessoa coruja saindo de ovo N° 251



Fonte - PROUS (2015, p. 60)

Zoósteos – Esculturas em bula timpânica de baleia; apenas um caso com cavidade<sup>231</sup>; realismo global, aves e baleias; um caso de efígie sobre bastão e outro sobre vértebra de baleia; dimensões pequenas dadas as possibilidades dos ossos de baleia – 9 esculturas<sup>232</sup>. Alguns fragmentos de zoósteo (os N°s 296 e

---

Que é um aproveitamento da forma natural da bula timpânica; baleia N° 90. N°s 79, 88, 89, 90, 114, 186, 205, 279 e 280.

nos impelem a considerar uma subdivisão de bastões<sup>233</sup>; mas, para nosso interesse atual, nos contentaremos em apenas trabalhar a nível de hipótese, os agrupando quando necessário.

Figura 86 - Cabeça de coruja Nº 88



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)

Figura 87 - Albatroz, outrora parte de um bastão Nº 79



Fonte - PROUS (2015, p. 109)

Figura 88 - Baleia Nº 114



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)

Figura 89 - Detalhe de bastão com efigie de pássaro Nº 189

---

Outros dois bastões em osso de baleia, com encaixas chanfrados e cônicos na ponta, pertenciam a mesma coleção Julita Lepper, no Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville.



Fonte - FILIPI POMPEU (ano)

Todas, menos a Nº 79, estão no Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville; esta se localiza no Museu da UFPR, em Curitiba

Notório é o bastão com efígie Nº 280 adicional, encontrado no acervo do Museu de Sambaqui de Joinville. O animal, cuja cabeça foi decapitada, parece ser um (mais provável) réptil ou felino por causa de sua longa cauda estirada e posição de repouso. Outro zoósteo, o de número 279 (PALDAOF, 1898, p. 346, Est. IV; SIERRA Y SIERRA, 1931, p. 107, 109) que passou despercebido é um pequeno peixe, com realismo global, mas incapaz de ser preciso taxonomicamente sequer a nível de gênero.

Figura 90- Bastão com efigie de réptil ou felino N° 280



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)  
Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville, Santa Catarina

Figura 91 - Peixe em osso, N° 279



Fonte - PALDAOF (1898, Est. IV<sup>234</sup>)

Fragmentos – Pedacos extirpados de esculturas maiores. 11 cabeças (uma com pescoço, três ainda conectadas à um trecho da cavidade); um setor posterior e um medial. Total de 27 esculturas, entre osso e pedra<sup>235</sup>; a maior parte oriunda da região da Baía da Babitonga (SC).

As outras imagens da estampa permitem deduzir que a mancha redonda que faz as vezes de olho é um orifício – podendo este exemplo ser, talvez, um pingente.  
N°s 92, 111, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 146, 206, 224, 232, 283, 284, 285, 286, 288, 290, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302 e 303.

Figura 92 - Cabeça com resto de cavidade Nº 115



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)  
Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville

Figura 93 - Cabeça com pescoço



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)  
Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville

Figura 94 - Trecho posterior Nº 116



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)  
Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville

Figura 95 - Trecho medial Nº 117



Fonte- FILIPI POMPEU (2018)

Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville

Alguns fragmentos recentes (14 esculturas<sup>236</sup>) dão um pouco mais de variedade ao tipo, com uma metade de platiforme A (Nº 288) e uma periferia incisa de uma forma corporal desconhecida<sup>237</sup> (Nº 302) sendo os exemplos mais notáveis:

Figura 96 - Fragmento de platiforme A, Nº 288



Fonte - RIBEIRO (et. ali 2002, p. 30)

---

Nºs 283, 284, 285, 286, 288, 290, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302 e 303.  
 Quiçá um platiforme B ou atípico? Não o contabilizamos assim, todavia.

Figura 97 - Fragmento N° 302



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)  
Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville.

Figura 98 - Cabeça decapitada N° 303

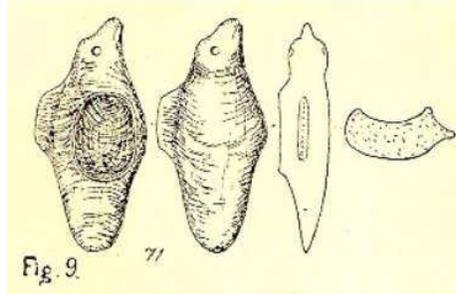


Fonte - FILIPI POMPEU (2018)  
Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville.

Diversos – Vinte esculturas que não se encaixam em nenhuma das outras categorias<sup>238</sup>. A cavidade pode ser praticamente toda a escultura, desde simples recipientes com detalhes, passando por morfologias idiossincráticas e desafios às regras - como é o caso do quadrúpede falso sobrelevado N° 92. Em todo caso, a grande maioria parece ter exigido uma quantidade considerável de trabalho; ao mesmo tempo que bordejam as fronteiras emprestando atributos de tipos anteriores.

N°s 22, 65, 74, 95, 128, 130, 131, 139, 142, 153, 156, 157, 235, 249, 252, 261, 271, 276, 277 e 282.

Figura 99 - N° 139



Fonte - TIBURTIUS, BIGARELLA (1960, p. 47<sup>239</sup>)

Figura 100 - N° 130



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)

Figura 101 - Quadrúpede falso sobrelevado N°95



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)

---

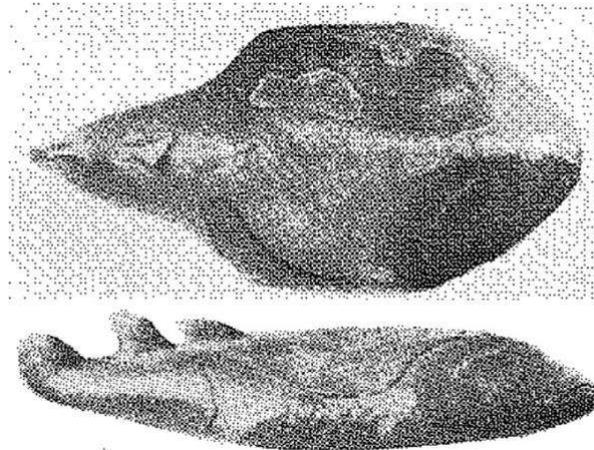
O desenho é extremamente confuso. Prous, através de uma fotografia, demonstra que a cavidade é na direita da escultura e o apêndice, dorsal (1974a, p. 104).

Figura 102 - Ave N° 142



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)

Figura 103 - Arraia N° 65



Fonte - PROUS (1974a, p. 65)

Dentre as sete esculturas “irredutíveis à nossa carta classificatória” que surgiram nos últimos anos<sup>240</sup>, se destacam a de N° 249, talvez um macaco ou animal terrestre com características de platiforme B e nucleiforme C – e a curiosa N° 261, uma espécie de platiforme angular, não lembrando nenhuma espécie animal.

---

N°s 249, 252, 261, 271, 276, 277 e 282.

Figura 104 - Nº 249



Fonte - PROUS (2015, p. 95)

Figura 105 - Escultura diversa Nº 261



Fonte - INSERIR DADOS

Falta de Informação – As últimas 21 esculturas são aquelas sobre as quais não existia informação segura, não foram encontradas na bibliografia ou carecem de maiores descrições<sup>241</sup>.

Mini e Megazoomorfos – O trabalho de Angela Gomes (2012) ainda inauguraria a fundação de outro paradigma tipológico: a descrição de pequenas esculturas zoomórficas em osso e pedra, sem cavidade:

Figura 106 – Miniatura de zoomorfo em osso.



Fonte- GOMES (2012, p.104)

Figura 107 - Miniatura de zoomorfo em osso.

Nºs 51,71,72,74, 75, 77, 84, 106, 125, 129, 195, 204, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 219, 222 e



Fonte- GOMES (2012, p.112<sup>242</sup>)

André Prous adicionaria algumas esculturas a esse rol em 2015; além de delimitar a tipologia propriamente dita: “...esculturas zoomórficas em miniatura, de osso e pedra, que não medem mais de 2,5 a 4 cm” (PROUS, 2018, p. 208<sup>243</sup>). Ele comenta ter analisado alguns espécimes na década de 1970, junto ao Museu do Homem do Sambaqui em Florianópolis – mas à época os zoomorfos de tamanho usual já eram preocupação o bastante. Garcia ainda encontraria mais um dentro do Museu do Colégio Catarinense, primeiro caso que divide sua função animal com a de adorno (GARCIA, 2018, p. 105). Por fim, diante da possibilidade de pequenos animais serem também adornos numa noção perspectivista; nós também encontramos alguns exemplares que outrora seriam chamados de pingentes no Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville – assim como uma pequena forma regularizada em quartzo com setores anteriores e posteriores; por assim dizer. Também verificamos, talvez, alguns dos observados por Prous no Museu do Homem do Sambaqui:

Figura 108 - Pingente pequeno e grande com estilo de “cauda” torrense



Fonte- FILIPI POMPEU (2018)

Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville

---

Mais uma pequena escultura de osso na página 112, em pedra. O que, em fato, não é muito distante das dimensões de zoomorfos pequenos na obra de 1977(a); as menores deveriam ter até 6,5cm (Op. cit., p. 34).

Figura 109 - Prisma em quartzo regularizado com setores anterior e posterior



Fonte- FILIPI POMPEU (2018)

Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville

Figura 110 - Primeira escultura: falsificação em massa de rejunte; segunda escultura: ver Prous (2015, p. 110); terceira escultura: animal duplo



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)

Museu do Homem do Sambaqui

Figura 111 - Primeira escultura: secção quadrada regularizada com parte anterior e posterior; segunda escultura, ver Prous (2015, p. 110); terceira escultura: três incisões marcar uma parte posterior ou anterior



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)

Museu do Homem do Sambaqui

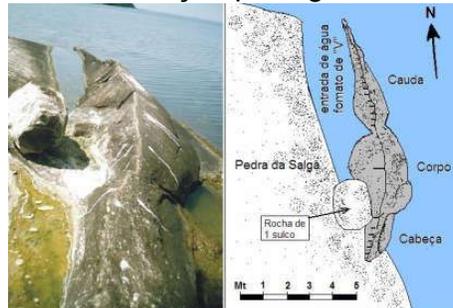
Figura 112 - Primeira escultura: ver Prous (2015, p. 110); segunda escultura: ver Prous, (2018, p. 209); terceira escultura: ver Garcia (2018).



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)  
Museu do Homem do Sambaqui

Enfim, se a escala do ‘mini’ se descortinou para a pesquisa sobre zoomorfos, o que podemos dizer da escala do ‘macro’? Um trabalho não publicado aponta a existência de um zoólito “monumental” junto aos arrecifes de Iguaba Grande, Rio de Janeiro. A grande rocha que está atualmente ao nível do mar, possui 28 sulcos que se aprofundam entre 4 e 35 cm ao longo do eixo dorsal do que seria, então, um réptil. A sua conexão com a paisagem também é abordada como interligada com outros fatores naturais como a orientação geográfica e as montanhas da Serra Geral ao fundo:

Figura 113 - Sulcos e situação paisagística do mega zoomorfo



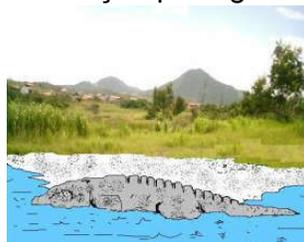
Fonte - ALTAMIRANO ( s/d, p. 4).

Figura 114 - Sulcos e situação paisagística do mega zoomorfo



Fonte - ALTAMIRANO ( s/d, p.6).

Figura 115 - Sulcos e situação paisagística do mega zoomorfo



Fonte - ALTAMIRANO ( s/d, p13).

No total, contabilizamos 14 pequenas esculturas – porém, não as incorporamos na contagem final por duas razões: a primeira é que os critérios de classificação atuais para os minizoomorfos não são suficientes para agregar a todos os casos. Por exemplo, o animal duplo do canto direito da primeira linha da imagem acima possui cerca de 8 cm; deveria ser incorporado, portanto, ao catálogo principal como uma escultura “normal”. O problema é que, em todos os casos, provavelmente pertenceriam aos tipos diversos ou, no máximo, paquiformes muito atípicos por causa de seu volume diminuto. A outra questão que se abre em sentido psicológico: se há zoomorfos grandes e pequenos, muito e pouco trabalhados, com e sem cavidade; o quanto as nossas próprias definições de “zoomorfo” se adequam à realidade das esculturas? Este ponto crucial será melhor desenvolvido adiante.

Não há zoomorfos com flagrante naturalismo vegetal crustáceo ou malacofílico ao que se interpreta – “...a espiritualização das plantas, meteoros e artefatos talvez pudesse ser vista como secundária ou derivada diante da espiritualização dos animais. (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b, p. 357).

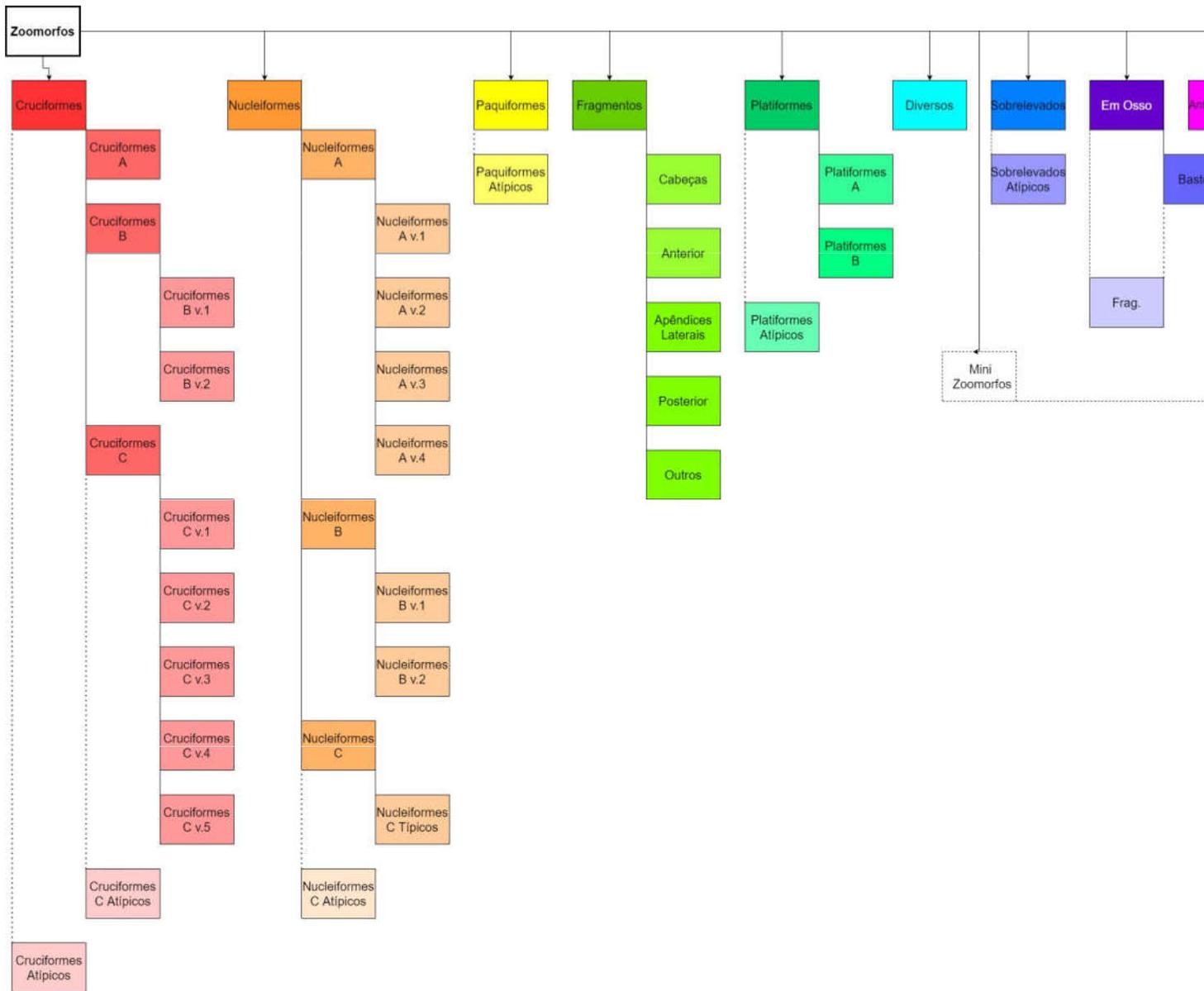
Pudemos, assim, estabelecer a etapa atual do catálogo de esculturas, podendo proceder à uma quantidade final – mesmo que esta seja estipulada com base no nosso alcance possível, como já comentado: nosso total provisório é de

cerca de 322 esculturas (excluindo-se as miniaturas). Neste link está o Anexo IV, referente a uma tabela que sintetiza algumas informações sobre cada escultura:

<https://drive.google.com/drive/folders/1cIliopRk1bkmYqixgAzfovXSKJvmyjSI?usp=sharing>

E, para ilustrar melhor nossa adoção teórica da ontografia e ontologia, organizamos um mapa ontográfico das tipologias para *desinflacionar* as informações acima e de acordo com o que apresentamos até o momento:

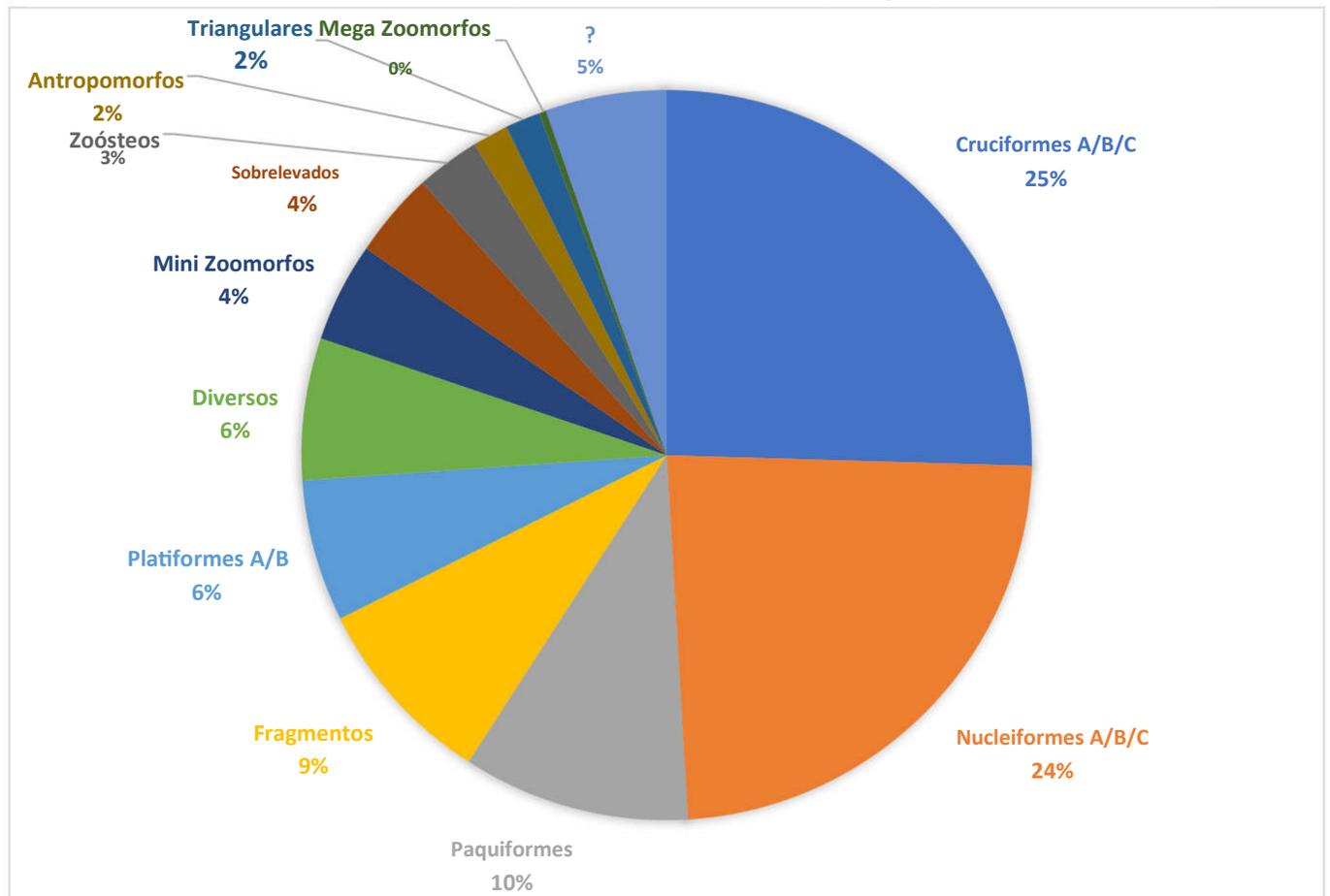
Figura 116- Mapa ontográfico das tipologias *prousianas*



Fonte – Prous (1977a)

A seguir, um gráfico elaborado por nós com os percentuais para cada tipologia tratada no mapa ontográfico.

Gráfico 1 - Percentuais representativos de cada tipologia prousiana.



Fonte – Elaborado por FILIPI POMPEU (2021).

A clara diferença (que também valida o princípio lógico do sistema) entre os estilos ficou indicada pela correspondência ou não destes tratos, sendo clarificada uma crucial distinção entre casos mais realistas (mais taxonomicamente precisas) e menos realistas. Este sistema foi espelhado numa prática escala de 1 a 4, sendo bastante didática (PROUS, 1977, p. 72-73). O quadro sumário do sistema também goza de popularidade dentre as referências primárias principais já citadas:

Quadro 10 - Quadro sumário do sistema tipológico prousiano.

Realismo	realismo menor (1-2) forma geométrica						
Forma/ Cavidade	Triangular	Ovoide s	Quadrilobulares	Cruciforme			
Com Cav.	Triangulares	Nucleiformes A	-	-			
Sem Cav.	-	-	Nucleiformes A e B	Cruciformes A, B e C			
Com e Sem	-	-	-	-			
realismo maior (3-4) forma não geométrica							
Animal							
2 Volumes Heterogêneos	Chato	Espesso	Humano				
-	-	-	-				
Sobrelevados	Platiformes A e B	-	-				
-	-	Paquiformes Em Osso	Antropomorfos				

Fonte - Adaptado de Prous, op. cit.

Os quatro níveis de realismo (e esquematismo) são simples e práticos. Sobre uma amostra de 176 esculturas foram desenvolvidas suas abrangências qualitativas e percentagens quantitativas: no primeiro, associado à plena abstração, “l’animal est figure par des simples volumes plus ou moins réguliers, sans formes anatomiques bien discernables et sans détails précis”, com 7,3% do total; o segundo e o terceiro, apresentam detalhes anatômicos em quantidade, sendo considerados “imaginários” por seu “fantasismo”: o segundo, “comme étant des membres, une tête e une queue. Peuvent éventuellement être representes des détails (oeil, bec) anatomique non spécifiques (representes de la même manière

quel que soit l'animal figure", com cerca de 64% do total; e o terceiro, onde é possível afirmar se o animal pertence ao "monde de l'eau (poissons, cetáces), de l'air (oiseaux, chiroptères) ou de la terre (quadrupèdes et bipèdes)", 15,5% do total. Enfim, o último grau de realismo é considerado quando é possível isolar a espécie animal zoológica precisa (PROUS, 1977, p. 72-73), englobando 13% do total amostral. Quanto à distribuição desses graus de realismo no litoral, Prous não encontrou preferências: com base em quatro sítios mais produtivos em esculturas (Cubatãozinho, Conquista, Ilha de Santana e Acampamento de Torres) nenhum deles possui apenas um dos níveis, mas ao menos dois – embora possa ser possível desenvolver mais deduções a respeito.

Tabela 1- Graus de realismo por sítios arqueológicos.

	Cubatãozinho	Conquista	Santana	Camp. Torres
4º (13%)	1 (11%)	1 (7%)	3 (21%)	2
3º (15%)	0	1 (7%)	3 (21%)	6
2º (64%)	8 (88%)	10 (76%)	8 (57%)	11 (33%)
1º (7%)	0	1 (7%)	0	11 (33%)
Total	9 (100%)	13 (100%)	14 (100%)	30 (100%)

Fonte - Adaptado de PROUS (1977, p. 74)

Surge ainda, trazendo um espaço semântico e interconectando o conjunto das esculturas, a noção de pertencimento a um hábitat. “Espaço semântico” o chamamos, pois o seu sentido é atuar aqui como um espaço de sentido (no sentido de que um hábitat também é um espaço) que funciona para interconectar casos de identificação apenas parcial e poder, afinal, tê-los como animais. Visto que poucos casos se prestam aos critérios de classificação zoológica, dar um passo a mais no reino do indistinto e do entrópico não podia ser evitado. Prous revela isto junto com as constatações numéricas sobre os animais identificáveis ou não; a ideia de hábitat aqui parece surgir mais como o que restou da ideia, ou projeto, do animal: segundo ele, apenas 29% dos casos poderia ser identificado como terrestre, aéreo *ou* aquático (1977a, p. 32). Tanto o é que Prous deixa claro a existência de uma diferença entre um *realismo segmentário* (“une fraction seulement de l’objet est reconnaissable em tant que partie corporelle”) e um *realismo global* (“la forme de l’objet correspond à celle d’un animal, que celui-ci soit ou non identifiable avec précision”) (Op. cit.). Essa dicotomia, por sua vez, se desdobra por cima dos tipos, seccionando-os entre mais e menos realistas *de acordo com a importância da cavidade*: enquanto os paquiformes e plataformas (miscelânea<sup>244</sup> e aquáticos, portanto) entretêm uma “évocation de formes naturelles”, com cavidades cada vez mais simbólicas e menos expressivas ao extremo da ausência; os seus aparentados, nucleiformes B<sup>245</sup> e cruciformes (assim, aves e terrestres em geral) valorizavam uma relação “géométrisante

Um grupo majoritariamente aquático: pudemos isolar aves e aves possíveis nos zoomorfos N°s 5, 29, 47 (cabeça com bico), 110, 123, 239 e 264, 7 esculturas, 21,21% do total; Terrestres: N°s 15, 22, 37, 47, 94, 122, 145, 147, 173, 187 e 264 (pinguim em pé), 11 esculturas, 33,33% do total; Aquáticas: N°s 29, 32, 38, 47 (cauda bifurcada), 62, 80 (tubarão), 103, 122 (como tartaruga-marinha – ver próximo capítulo, *infra*), 176, 210, 253, 264 (pinguim), 14 esculturas, 42,42% do total

– as restantes, de N° 242, 266, 273, 281, e 291, em geral, parecem aquáticas na mesma medida em que lhe faltam traços definitivos para afirmarmos com confiança.

A variedade 1 possui 8/10 esculturas associáveis a aves: N°s 20, 28, 31, 67, 140, 159, 185 e (cauda); já a variedade 2 possui ¾ terrestres, os de N°s 91, 100 e 108; o restante, N° 39, se realmente um sirênio, é um animal aquático, mas parcialmente terrestre também.

centrée autour d'une cavité", em que a relevância da escavação central no conjunto não deveria ser nuclear apenas no plano prático, senão, simbólico. Isto fica permanentemente marcado na oposição nucleiformes A e sobrelevados; a associação dos últimos com as cavidades é "*certainement*" (grifos do autor), enquanto os primeiros *jamaïs* as têm (grifos nossos). (Op. cit. p. 86<sup>246</sup>).

Mais adiante entraremos em maior detalhe sobre esse ponto que costuma passar à atenção geral - o que queremos adiantar é que o sistema tipológico *prousiانو*, sumarizado na tabela anterior, é gestado e amparado em seus contornos gerais por esta distinção entre realismo global e segmentário, presença e ausência de cavidade. Investigando os habitats relativos a 50 esculturas de nível 3 e 4, Prous obtêm os seguintes resultados:

21 animaux aquatiques (le dixième des zoolithes, les 2/5 des pièces de réalisme 3 et 4);  
9 volatiles (moins du vingtième des zoolithes et moins de 1/5 des animaux de réalisme 3 et 4);  
13 animaux terrestres (tous quadrupèdes);  
3 représentations 'ambigües' (crocodilien, pingouin, animal double, d'identification d'ailleurs douteuse);  
4 antropomorphes  
(PROUS, 1977, p. 101).

Diante disto, ele considera o universo aquático como mais popular, sendo que o espaço terrestre é de média representação, e o aéreo de baixa – mesmo que pelo menos outras cinco esculturas talvez também pudessem se enquadrar no céu. Isto colocaria céu e terra como mais ou menos iguais em quantidade. A qualidade e execução também é diferenciada: os animais marinhos são melhor acabados e podem ser identificados zologicamente na maioria dos casos; as cabeças desses animais, contudo, tendem a carecer de olhos e demais detalhes típicos dali. O contrário disto é uma realidade para os animais terrestres e aéreos; as cabeças reúnem todos os traços mais distintivos de cada caso (salvo exceções), e os aéreos identificados todos possuem olhos – o que apenas um caso terrestre apresenta. Este peso da cabeça, que costuma portar a maior parte dos detalhes, é pertinente da mesma forma junto a todas as esculturas de grau 1 e 2 de realismo (PROUS, 1977, p. 100). Prous ainda lança algumas hipóteses deveras interessantes a respeito do simbolismo das esculturas: por quê animais

---

Oricchio (2020, p. 20) faz bem lembrar que Castro-Faria já havia realizado uma distinção

aquáticos realistas são mais numerosos que os terrestres, cujo exemplo direto está mais ao alcance? Será possível que neles estejam representados também moluscos ou vegetais, nos casos menos específicos? Ou se trataria de uma preferência à mobilidade, já que são organismos sésseis? Haveria alguma relação entre a fertilidade e a morte dados dos diferentes domínios da paisagem (as águas, céus e terras) e do cosmo (o subterrâneo, o ctônico, a noite e a morte)? “Em tous cas, son sens profond nous échappe encore” (PROUS, 1977, p. 103).

#### 6.4 TIPOLOGIAS E PARCIALIDADES REGIONAIS

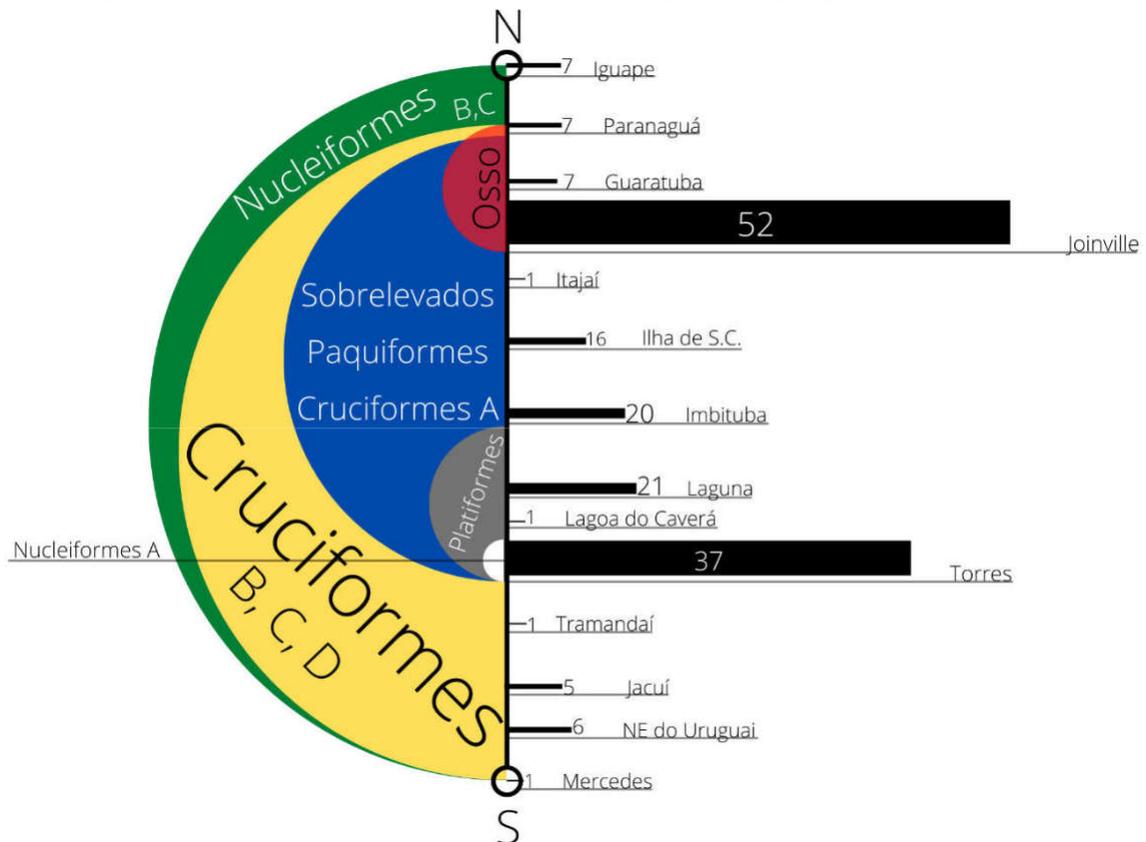
As correlações espaciais surgiram a partir de outra amostra de 184 esculturas (das quais foi possível conhecer a origem sem dúvidas; 76% do total do catálogo<sup>247</sup>), foi realizada a distribuição cartográfica. Desse total, cerca de 84% (155 esculturas) era oriunda da atual faixa litorânea entre Matinhos e Torres, mensurando por volta de 420km. Aí, Proust pôde identificar cinco grupos que abrigaram estilos particulares de zoomorfismo dentro da fórmula geral – dois destes apresentam subdivisões. O restante era pertinente às áreas então chamadas periféricas: o litoral paulista, o estado gaúcho<sup>1</sup> (com exceção de Torres) e o Uruguai, mensurando aproximadamente 1200 km de área. Proust salienta que nessas regiões satélites apenas os estilos mais dependentes de uma forma geométrica e antropomorfos foram encontrados – Nucleiformes B e C; Cruciformes B, C e D - ao contrário da profusão de estilos das áreas nucleares (“aire nucléaire”). Sete áreas são estabelecidas:

Na época. Não foi possível atualizar este rol com as esculturas que adicionamos. Todas as informações decorrentes estão no capítulo V, *Les Problèmes de Repartition*, (1977a, p. 109-120).

---

1 A cronologia disponível para o litoral norte do Rio Grande do Sul indica que os sambaquis estiveram ativos desde  $4.280 \pm 40$  AP, quando o Sambaqui de Xangri-lá foi inicialmente ocupado (DeBlasis, 2015). Uma série de datações realizadas sugerem que o adensamento populacional se deu no terceiro milênio, com  $3.660 \pm 40$  AP no Sambaqui da Figueira (Rogge; Schmitz, 2010),  $3.540 \pm 50$  AP marcando o início do assentamento no Sambaqui do Recreio (Hilbert, 2011),  $3.420 \pm 60$  no Sambaqui do Camping (Wagner, 2009a),  $3.350 \pm 50$  AP marcando o abandono do Sambaqui do Recreio (Wagner, 2009a),  $3.310 \pm 40$  AP no Sambaqui de Arroio Seco (Rogge; Schmitz, 2010),  $3.130 \pm 40$  AP no Sambaqui de Itapeva (Wagner, 2009b) e  $3.05 \pm 40$  AP (Rogge; Schmitz, 2010). Após meio milênio a ocupação no litoral pelos sambaquianos é retomada no Sambaqui de Sereia do Mar (Wagner, 2012). Passariam-se mais um milênio até que em  $1.110 \pm 40$  AP as ocupações nos sambaquis da Vila Guará (Deblasis, 2015) e Dorva (Wagner, 2009), cujas cronologias e sigmas são idênticas, marquem o abandono do litoral pelos grupos dos sambaquis. A discussão da dinâmica do processo de povoamento regional bem como a calibração dos intervalos das cronologias podem ser encontradas em Wagner; Silva; Hilbert (2020).

Figura 117- Gráfico de dispersão das tipologias na geografia litorânea.



Fonte - Adaptado de PROUS (1977a, Fig. 2b).

Estas áreas centrais se constituem como estilos regionais e estão associadas aos sítios que contém a maior quantidade de esculturas: em Joinville se contabilizaram 52 esculturas, das quais 60% (31) provinham de três sambaquis (Cubatãozinho, Conquista e Rio Velho). Nos outros 14 sambaquis da região jamais foram encontrados mais que pares ou esconderijos votivos.

Os estilos típicos fazem esta primeira área maior, englobando também as extensas baías paranaenses de Guaratuba e Paranaguá. Este trecho norte é representado como exemplo geral pelos sambaquis de Matinhos, Conquista e Barra do Sul. As esculturas são de tamanho um pouco menor que o habitual, notoriamente sobre osso de baleia, em intrigantes bastões com efigies animais (e talvez, encaixes?). O material lítico não é tão bem elaborado; as zoformas principais são de aves e cetáceos. A região também favoreceu cruciformes A e, principalmente, fragmentos de zoomorfos, sendo os últimos presentes até o Paraná. Nenhum cruciforme B ou C foi encontrado.

O trecho sul foi fixado por Prous ao redor dos sambaquis do Morro do Ouro, Linguado 26 e Rio Velho. Chamou-lhe a atenção o acabamento esmerado das esculturas líticas, efetivado sobre blocos de grande tamanho. Tanto os tipos sempre populares (cruciformes C e nucleiformes B e C) quanto paquiformes e sobrelevados conviviam – esses últimos, inclusive, só são menos numerosos do que na Ilha de Santana, mais ao sul. Segundo Prous, nenhum fragmento ou cruciforme foi encontrado<sup>248</sup>.

O litoral central de Santa Catarina também pode ser dividido em dois: o trecho que abrange a Ilha homônima e o litoral do município de Imbituba, com especial menção à Ilha de Santana de Dentro.

A Ilha de Santa Catarina deve ter possuído muitos sambaquis antes da colonização – o sambaqui de Pântano do Sul foi um dos poucos que restou e, mesmo assim, grande parte de seus zoomorfos foi encontrado nas dunas próximas ao sítio ou nas camadas inaugurais (ROHR, 1977). O antropomorfo e dois cruciformes C aí encontrados são exemplos do polimento das esculturas típicas do trecho. Isso aproximaria a região com o setor sul joinvilense, recém explanado. Dez zoomorfos de outras regiões da Ilha não possuem estes mesmos cruciformes C, e cinco destes detêm marcas de picoteamento; técnica preparatória do polimento. Também começam a surgir experimentalismos com as fórmulas clássicas genéricas. As novas tipologias que tentam com cavidades de localização lateral, paquiformes quadrúpedes e alguns sobrelevados, serão encontradas mais ao sul em um melhor grau de desenvolvimento.

Como o centro do estilo sobrelevado, não longe da Ilha de Santa Catarina, está a Ilha de Santana de Dentro, no município de Imbituba. Apenas na pequena ilhota foram encontrados pelos menos 17 esculturas, onde prevalecem paquiformes, sobrelevados e cruciformes B da primeira variedade. Aqui o picoteamento é tão importante como técnica de acabamento quanto o polimento, segundo Prous, e também há duas esculturas com cavidade lateral. A região reúne aspectos tipológicos tanto do norte quanto do sul, sendo uma janela (“jalon”) entre as regiões tradicionais mais periféricas. Há também apenas um cruciforme C, e no continente, não na Ilha. Ele aventa a possibilidade que o estilo pertinente à região de Imbituba seja uma mistura de estilos antes separados; mas não chega

---

O que é um engano, já que a escultura nº 232 é um fragmento de cruciforme do Rio Velho (Prous, 1974a, p. 61).

a desenvolver o argumento apenas com base na intuição (“nouse ne pouvons savoir si l'on doit ou non considérer...”).

Seguindo para o sul, há os sambaquis da região de Imaruí, Laguna, Jaguaruna e Garopaba; onde, novamente, podem ser pensados em dois conjuntos. O primeiro parece ser formado apenas pelos sambaquis de Laguna, incluso extintos. No caso, o picoteamento é bastante recorrente nas esculturas, com apenas uma exceção. Foram encontradas espécies de formas sóbrias de poucos detalhes segmentários: paquiformes, cruciformes B e nucleiformes C – ausentes estão cruciformes A e C, platiformes A e cavidades laterais.

Os sambaquis mais recuados para o bojo continental, associados à Lagoa de Imaruí possuem todos um platiforme A e, ao menos, uma superfície cuidadosamente polida. A este grupo deve ter pertencido o único sambaqui de Jaguaruna que continha um zoólito. Prous considera que o primeiro grupo deste trecho se aproxima dos seus vizinhos de Imbituba e Ilha de Santa Catarina por tipologia e picoteamento; enquanto o segundo, aparentemente herdando a cavidade lateral, também do norte, parece ter sido o berço do estilo platiforme.

O litoral gaúcho está representado apenas pelo destaque dado a Torres. Não está clara a natureza dos antigos sambaquis de Torres como em outras regiões<sup>249</sup> : os 37 zoomorfos que foram relacionados à área do município possuem apenas dados vagos sobre onde poderiam ter sido encontrados. Sabe-se de um grande sítio sem conchas onde a maioria teria se originado, mas diversos achados próximos (como os zoomorfos da Lagoa do Caverá) apontam para uma certa disseminação de “oficinas” ou “acampamentos” um tanto maior quanto a estimada. O estilo típico, nucleiforme A, é bastante elementar em termos de detalhe, se valendo da ausência, ou redução da cavidade á cúpulas em esculturas onde o mínimo satisfatório é a identificação de uma parte anterior (cabeça). O estilo também admite partes posteriores (caudas) em modelo faliforme. Todavia, há esculturas aparentemente autóctones de platiformes A, sobrelevados e cruciformes B, todas oriundas das áreas setentrionais como observamos. Nenhum nucleiforme B foi localizado.

a partir desse resumo amplo e aprofundado que Prous reorganiza o quadro da ocupação sambaquiana no litoral brasileiro. A comparação é feita

---

Poucos antigos locais de reunião sambaqueira foram tão destruídos quanto Torres.

através dos artefatos e dos estilos de cada caso. A face setentrional favoreceu utensílios em osso, ainda que em quantidades variáveis; bastões, recipientes rasos em ossos de baleia, ornamentos e implementos são mencionados. Os líticos, mais numerosos, são menos elaborados que os ósseos: o polimento de cinzéis e machados se restringe ao gume. A preferência óssea, como sabemos, também é pertinente aos zoomorfos da região, ainda que sejam pouco numerosos.

A face meridional apresentou pouquíssimo material sobre osso; a indústria lítica, por outro lado, se desenvolveu em formas muito variadas – aparentemente culminando no uso de blocos iniciais planificados como pratos e plataformas. Como contraponto frente a falta de dados cronológicos a época, Prous realiza uma aproximação tipológica para explicar a distribuição dos estilos.

Quadro 11- Quantificação de técnicas e realismo para as tipologias prousianas.

Região/Atributo	Picoteamento	Polimento	1	2	3-4	Tipos de Realismo 3-4
SP & norte PR	1	5		10	1	Antropomorfo
Guaratuba/Joinville	4	43	1?	35	16	Osso, Paquiforme, 1 Sobrelevado
Ilha SC.	5	10	1?	14	3	Antropomorfo, Paquiforme
Imbituba	8	11		10	9	Paquiforme, Sobrelevado
Laguna	5	3		6	1	Paquiforme
Lagoa de Imaruí	0	12		5	7	Platiformes A
Torres/Tramandaí	11	23	18	15	9	Sobrelevado, Platiforme, Paquiforme, 1 Cruciforme
Interior RS	1	6		6	1	Nucleiforme B segmentário

Fonte – Adaptado de Prous (1977a, p. 120)

Ao analisar os resultados da distribuição estilística, ele coloca duas tipologias gerais como pano de fundo arquetípico de onde as outras tipologias ramificaram. Esta flexibilização à regre teria sugerido, de modo bastante vago, uma mudança no “mito original”. Esta mudança teria dado origem a todas topologias locais, sendo que as variações regionais seriam, portanto, posteriores àquelas que se baseiam os Nucleiformes B e C e os Cruciformes B, C e D:

Cependant, au fur et à mesure que la mode se répandait vers le sud, le mythe qui les justifiait a dû se compliquer et se diversifier, em sorte que la création de nouveaux types restèrent purement locaux, montrant par là une rupture “ideologique” partielle advenue après la diffusion primaire du mythe originel; c’est ainsi que les sites à zoomorphes d’os sont probablement plus récentes que les autres dans la région de Joinville, que ceux à plateformes A sont probablement postérieurs à ceux de la ville de Laguna.

(Op. cit., p. 128).

## 6.5 ESBOÇO DE COSMOLOGIA SAMBAQUIANA

Em 1963, um artigo chamado “*specific objects*” balançou o mundo das artes plásticas. Escrito por um dos artistas por trás do movimento chamado *minimalismo*<sup>250</sup> Donald Judd, o texto discorre sobre como a arte da época estava cada vez mais distante dos padrões tradicionais de pintura e escultura. Ele começa pontuando que uma pintura ou uma escultura confundem-se enquanto um espaço, ou continente, de atividade possível, nutrindo um ao outro com suas características compartilhadas de profundidade, limites e intenções particulares em cada um. De fato, torna-se complexo conseguir dizer quando uma ou outra arte é uma escultura ou uma pintura, visto que o uso das tintas na pintura dá a profundidade da escultura; enquanto as esculturas são construídas (em vez de escavadas) com materiais que nem sempre são sólidos ou simples de delimitar, como a luz, o som ou a textura visual, por exemplo. O artigo fundamenta as bases mais elementares do que é o minimalismo artístico moderno e como ele se organiza: sobriedade, essencialismo e radicalismo imantados numa liberdade que reverte a própria ideia de “composição”:

So far, considered most widely, three dimensions are mostly a space to move into. (...) Three dimensions are real space. (...) Obviously, anything in three dimensions can be any shape, regular or irregular, and can have relation to the wall, floor, ceiling, room, rooms or exterior or none at all. Any material can be used as is or painted. A work needs only to be interesting. (...) It isn't necessary for a work to have a lot of things to look at, to compare, to analyze one by one, to contemplate. The thing as a whole, its quality as a whole, is what is interesting. The main things are alone and are more intense, clear and powerful. (JUDD, 1963, p. 4).

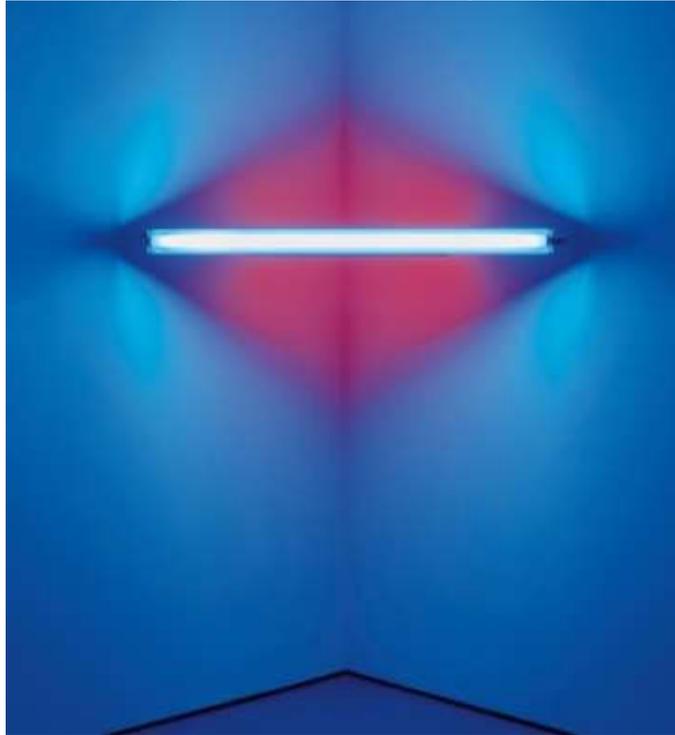
Ou seja, não importa tanto se esta ou aquela obra de arte é uma pintura ou uma escultura: ela é; antes de sequer abriremos a boca para dizer quais os elementos de uma ou outra forma dada ao observarmos uma obra dessas, já estamos inseridos nela. Em uma consonância do movimento contínuo de Ingold, que move a roda da vida no mundo povoado por entidades sempre ativas e em deslocamento físico e/ou intelectual (INGOLD, 2012, 2015a), também não podemos dizer onde começa e onde terminam as obras de Dan Flavin. Seu estilo ficou marcado pelo uso de luzes coloridas fluorescentes que atravessam os elementos do entorno à obra, a partir de uma emissão visual que *inclui* o ambiente,

---

Não por seus fundadores, que circulavam em volta do expressionismo abstrato em seus próprios termos.

ao tocar, cromática, os ângulos retos dos cantos das salas. Apenas o afastamento total e a cisão sensível podem restaurar a desconexão original – mas já é tarde demais para nós, irradiados por essa arte nos tornamos parte dela como o material mais insólito, intimista e autêntico de sua composição.

Figura 118- Sem Título (1988)



Fonte - Dan Flavin (1933-1996)  
Galeria Greenberg van Doren, Nova Iorque.

O grande mérito do minimalismo, assim como o de movimentos artísticos precedentes e ainda por vir, é, justamente, nos questionarmos: quais os limites da arte? O que pode ou não ser arte? Como ela se insinua em nossas vidas, transformando o que é mais elementar, em algo extraordinário e profundamente reflexivo?

Não se trata de mera coincidência. Assim como na arte, na arqueologia e na antropologia, não raro, é muito difícil inserir discontinuidades entre as coisas, uma vez que não as estejamos observando com critério, senão sendo parte delas. Bjornar Olsen falava, num *reductio ad absurdum* eficaz, que não é possível sequer imaginar uma vida sem objetos (OLSEN, 2010); também, é visível a presença dos híbridos (LATOUR, 2004) e da *coisa-conceito* (HOLBRAAD, PEDERSEN, 2017) – além de representar uma experiência plenamente fenomenológica e ontológica

(HARMAN, 2017a, 2017b; HEIDEGGER, 1971). Esses elementos híbridos e entrelaçados (ainda que jamais imóveis) da ontologia artística ocidental já haviam sido trabalhados nos conceitos de *ready-made* e *found-art* – propostas que variam entre si não apenas as aspirações que levam isto ou aquilo ser levado a um museu e dado um título; mas por sua atitude perspectiva com relação à arte, que encontra possibilidades de exploração a partir de objetos triviais ou relegados a segundo plano de atenção.

No multinaturalismo perspectivista, como observamos, essa forma de expressão possui uma outra dinâmica. Sabemos que não existem coincidências, senão agência e, imbricados na ação, agentes. Esse caldo cultural em que todas as coisas do mundo nadam propõe outra indistinção: o que é uma alteridade e o que não é?

A possibilidade de que um ser até então insignificante revele-se como um agente prosopomórfico capaz de afetar os negócios humanos está sempre aberta; a experiência pessoal, própria ou alheia, é mais decisiva que qualquer dogma cosmológico substantivo. (...) A tradução da 'cultura' para os mundos das subjetividades extra-humanas tem como corolário a redefinição de vários eventos e objetos 'naturais' como sendo índices a partir dos quais a agência social pode ser abduzida. O caso mais comum é a transformação de algo que, para os humanos, é um mero fato bruto, em um artefato ou comportamento altamente civilizados, do ponto de vista de outra espécie: o que chamamos 'sangue' é a 'cerveja' do jaguar; o que temos por um barreiro lamacento, as antas têm por uma grande casa cerimonial, e assim por diante. Os artefatos possuem essa ontologia interessantemente ambígua: são objetos, mas apontam necessariamente para um sujeito, pois são como ações congeladas, encarnações materiais de uma intencionalidade não-material (...). E, assim, o que uns chamam de 'natureza' pode bem ser a 'cultura' dos outros. Eis aí uma lição que a antropologia poderia aproveitar. (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b, p. 353; 361).

Assim, no mundo perspectivista, ao contrário de um jogo de luzes coloridas, não podemos simplesmente virar as costas e olhar para a obra de arte seguinte – um encontro dessa espécie na filosofia americana é um encontro diplomático; exige uma resposta *adequada* e *apropriada*, ou uma fuga espetacular. É uma forma totalmente diferente de incorporação ao evento que está acontecendo. Sabemos que a lógica da predação rege esses encontros fortuitos – mas eles não se aplicam igualmente a todas as coisas: os casos de menor animalismo, por assim dizer, residem em fenômenos meteorológicos, topologias da paisagem e

vegetais. Não obstante, aparte do trecho citado acima, Viveiros não fala de artefatos, embora eles constituam parte importante do *corpus* ontológico indígena. Das possibilidades de associações ontológicas a partir de etnografias compiladas com foco voltado para as concepções indígenas sobre a ideia, ou conceito do que para nós, seria um artefato, Santos-Granero lista: “(1) objects originating through self-transformation, (2) objects originating through mimesis, (3) objects originating through ensoulment, and (5) plain objects” ((SANTOS-GRANERO, 2009a, p.8-9). Reunindo essas posições, a de que encontros fortuitos com a alteridade são imprevisíveis, mas antecipados; e a de que corpos são uma versão, combinação ou modalidade do conceito de artefato, nos perguntamos: e quando se encontra um artefato que é um animal, um “*found-animal-art-fact*”?

## 6.6 PERSPECTIVISMO E MULTINATURALISMO NOS ZOOMORFOS SAMBAQUIANOS

Quando encontramos os zoomorfos nos acervos dos museus e nas exposições de arte (AMARAL et. ali, 2015), já podemos apreciar o seu caráter interdisciplinar. Mas, como vimos, o seu englobamento ocidental é diferenciado do indígena; a maior parte das esculturas que são selecionadas são animais que claramente podem ser identificados como aves, peixes ou cordados terrestres. Todavia, cerca de 84% das esculturas não podem ser claramente alinhadas a uma espécie (PROUS, 2015, p. 43), o que a aproxima mais da arte minimalista – mas também foram expostas esculturas que apresentam um equilíbrio inconstante entre a forma do seixo inicial, já manifestadamente animalista, e a inclusão precisa de detalhes essenciais ao bloco para que o animal surja da rocha: “Tout se passe paradoxalement comme si le réalisme des détails était, dans l’ensemble des pièces, inversement proportionnel à la libération vis-à-vis de la matière brute” (PROUS, 1977a, p. 72) – afinal, a “natureza” de uns, pode bem ser bem ser a “arte” dos outros? Neste caso, os zoomorfos já detêm uma formidável convergência com o multinaturalismo perspectivista além de seu evidente animalismo.

Figura 119- Aves à esquerda, peixes e animais aquáticos à direita



Fonte - PROUS (2015, p. 116; 118)  
Exposição do MAM/SP

Nós sabemos que as esculturas zoomórficas são aproveitadas a partir de blocos naturais de pedra. Também sabemos que, em geral, elas possuem uma cavidade, que alega um caráter de artefato, caso a impressão da escultura tenha cegado sua própria natureza; e que são corpos esculpidos de animais móveis, “dont les végétaux et les mollusques sont exclus” (PROUS, 1977a, p. 102). A diferença entre uma visão “construtivista”, como vista em Santos-Granero e no minimalismo ocidental, é revertida junto aos zoomorfos – a *dureza* de sua matéria-prima não permite agregações idênticas sem a combinação com um segundo bloco; tal é a qualidade de seu corpo, não é? Qualquer escultura precisa ser *reduzida* à sua forma antecipada – que, pode ser prevista pelo contorno original ou não -, mas o ponto de chegada é o mesmo: um corpo multiplicável como o ponto de vista que ele acolhe.

Essas culturas rejeitam propiciar uma forma material, separada do corpo, às relações que se estabelecem ao redor dele; contrariamente àquelas da Nova Guiné, da África Ocidental ou da Europa, as sociedades da bacia amazônica produzem poucas imagens tangíveis do corpo sob a forma de gravuras, de esculturas ou de pinturas. Elas não fabricam representações do corpo, elas de fato fabricam os corpos. Os utensílios são pensados, descritos e quase sempre decorados como corpos. A “obra de arte” que importa na Amazônia é o *corpo humano*. (TAYLOR, CASTRO, 2006, p. 150 apud GOMES, 2016, p. 673).

Os poucos antropomorfos que existem, entretanto (cinco esculturas), não dão conta de corroborar essa noção – talvez porque não estejamos os vendo da perspectiva correta. Voltemos um passo atrás: nós recém conhecemos as formas dos zoomorfos no capítulo anterior, contudo, o perspectivismo nos permite aceder a uma diferenciação na perspectiva (ou seria melhor dizer, no ponto de vista). Sabemos como essas esculturas se distribuem na geografia; mas ainda não

sabemos como se distribuem no cosmos, embora esta seja a primeira impressão que seus corpos passam: os lugares onde frequentam. Porém, antes de chegarmos nessa classificação, precisamos apontar mais pontos de conexão importantes entre a apreciação arqueológica-estilística que gerou as tipologias *proubianas* e como elas incorporam (ou são incorporadas pelos) os animais que ali existem.

## 6.7 FRAGMENTOS DE ANATOMIA AMBIENTAL

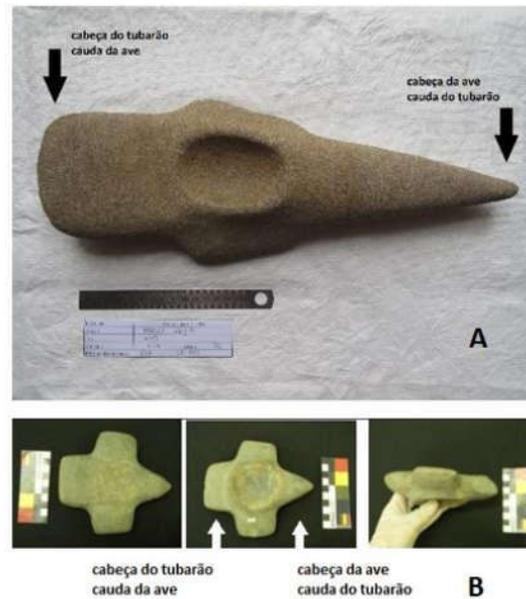
A partir do ponto de vista do animismo perspectivista, é preciso pensar as esculturas como seres sencientes; a escultura, portanto, é o seu *corpo*. O conceito de corpo, relembremos, é fundamental para que seja possível atuar no mundo animista, já que são as formas que cada animal possui que lhe permitem ou voar, ou escavar, ou escalar – e isso é fundamental para poder-se iniciar uma relação de conhecimento para com outrem. Porém, isso não se dá da mesma forma em todas as esculturas zoomórficas, já que suas formas animais são diferentes enquanto pedra e enquanto carne:

(...) les animaux marins sont généralement identifiables zoologiquement, au moins en gros; (...) Les animaux aériens se partagent entre de simples évocations (...) les appendices latéraux toujours interprétés comme des ailes étendues n'en sont pas obligatoirement, l'appendice postérieur, lui aussi interprété comme une queue, est dans le même cas; ...sauf chez les animaux marines, le réalisme n'est normalement que segmentaire; la tête seule est identifiable spécifiquement dans les diverses catégories (...). Chouette, cormoran, anthropomorphe même peuvent n'être représentés que par cette seule partie du corps, alors que les quadrupèdes ne se connaissent comme que par leurs pattes et les animaux aquatiques par le ensemble de leurs corps. Cela seul justifie la division que nous avons établie entre les ressortissants des divers biotypes, qui paraît avoir été cella-là même qu'établissent les habitants préhistoriques du littoral. (PROUS, 1977a, p. 76; 100-101; 103).

Mas é claro que se trata de uma simplificação. As esculturas transitam entre os estilos através das possibilidades de se encontrar no mesmo seixo, mais de um animal. Já comentamos sobre as perspectivas publicadas por Angela Gomes (2012) e Ivana Oricchio (2020), que conseguiram, através de posicionamentos diferentes, observar animais convivendo na mesma escultura. Não é uma notação recente (ao menos Prous já havia notado a reversibilidade de algumas esculturas

duplas, espelhadas ou obtidas por inversão ou rotação<sup>251</sup>); mas é original ao ser estabelecida de modo segmentar. No primeiro caso, é uma observação diretamente lateral de um antropomorfo que relewa uma tartaruga na mesma cabeça; no segundo, é uma inversão de cabeça/cauda, em que a cabeça de um animal é a cauda do outro.

Figura 120 – Ave/Tubarão-Baleia Nº 221.



Fonte – Oricchio (2020, p. 119). Comunicação pessoal.

Figura 121 – Antropomorfo/Tartaruga-Marinha



Fonte - Adaptado de Gomes (2012, p. 210).

Esse segmentarismo (que também é usado para estipular os graus de realismo de cada escultura) ecoa como o construtivismo possível dos zoomorfos. Se a matéria-prima, por um lado, limita as interpretações preliminares por causa de sua própria pré-forma animal; é justamente essa capacidade animalista do

---

1977a, p. 80-81.

corpo ameríndio que indistingue topologia geológica da anatomia animal. E estas formas estão constantemente em transformação: sabemos que corpos não existem sob formas rígidas, fechadas ou específicas, podendo ser compartilhadas, traduzidas ou subsumadas conforme a necessidade ou a intervenção de outrem. Dadas as quantidades de alterações que existem nos zoomorfos, que vão desde a superficial pintura da peça com ocre, ainda vívido após milênios em alguns casos; a até mutilações extensivas combinadas com combustão. Em fato, parecem se tratar, assim como as melhores obras-primas de Leonardo da Vinci, de trabalhos continuamente retocados e retrabalhados ao ponto de não podermos discernir uma ordem tradicional do uso de técnicas de redução e desbaste da rocha:

Nous avons décrit les trois opérations: taille, bouchardage et polissage, comme si elles étaient normalement successives sur une même pièce. En fait, elles sont souvent simultanées, les artisans semblant d'avoir travaillé systématiquement, mais d'une manière assez fantasiste; en témoignent des ébauches qui présentent les traces simultanées de ces différentes techniques. (PROUS, 1977a, p. 61).

Ou seja, se trata de abandonar as tentativas de especificidade taxonômica como uma única forma possível de interpretar zoomorfos – ou de considerá-los formas acabadas, ou esboços. Todas as esculturas se referem a animais, técnicas, ambientes e anatomias intencionalmente ambíguas: e nisso mesmo a taxonomia mais precisa está equivocada, pois é preciso ignorar a presença da cavidade para efetivar uma identificação precisa – não existem animais reais com cavidades abertas em seu ventre, dorso, ou onde quer que seja – e isso resulta numa falácia arqueológica: “...every being is a synthesis of the combined efforts of all the beings who have contributed – socially and bodily – to his or her existence” (LAGROU apud SANTOS-GRANERO, 2009a, p. 7). Por isso, os zoomorfos não *representam* animais, senão se dispõem nus perante nosso olhar e o dos outros; eles são animais-esculpidos, aflorados ou abafados na rocha, diferentes dos outros animais que vemos voando, mergulhando ou deixando pegadas nas areias das praias ou no lodo do mangue – mas não menos animais: animais-*Outros*. O que estamos vendo é exatamente aquilo que é: a subjetividade está ali, latente, mas não visível como se gostaria – dado que os corpos também são roupas ou máscaras necessárias para se transitar além dos domínios do seu território ou parentesco nativo, já que todos os animais consideram a si mesmos

como humanos, e tiram seus disfarces ao retornar para casa, em segurança e com caça (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b; VILAÇA, 2017; LIMA, 2005). Um zoomorfo é uma escultura num corpo de ave ou peixe, ou qualquer que seja a forma utilizada em cada caso. Se os olhos significam a visão nos animais, esculturas e pessoas, o ato de ver, não importa em qual dessas posições se esteja, significa a escultura – seja-se lá quantos animais podem conviver no mesmo corpo.

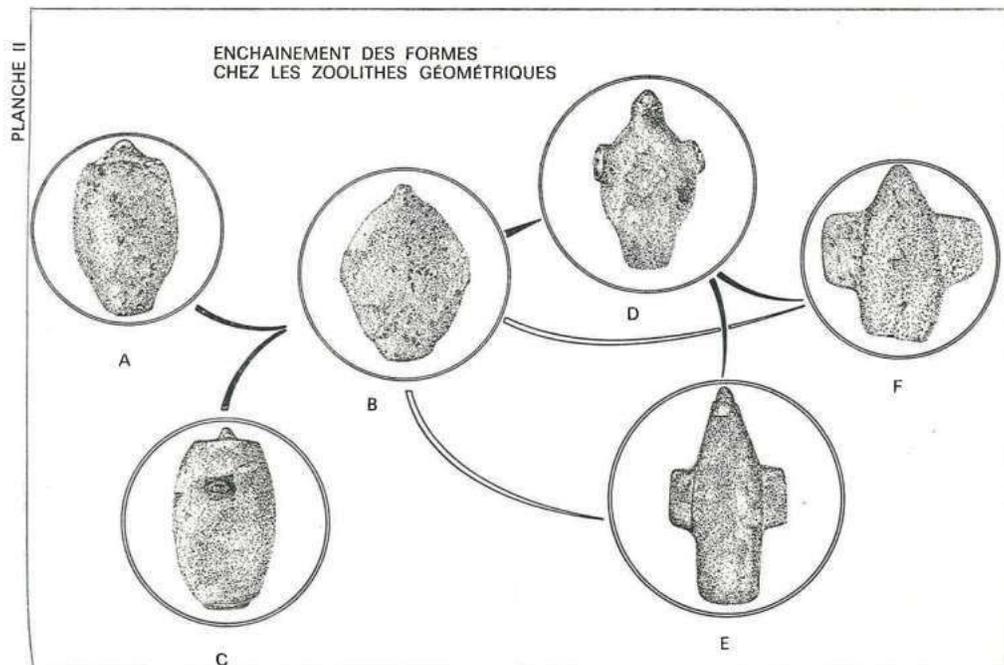
Assim, dado que é possível a convivência de dois animais diferentes na mesma escultura, isto deve ser levado como pressuposto para nossas interpretações. Para podermos agremiar as esculturas que são de animais que circulam entre o ar, a terra e o meio aquático, foi necessário estabelecer *gradações* de pertencimento a um ou outro: três elementos significam três possibilidades, então os números finais serão maiores do que o total de esculturas que pudemos tomar conhecimento. Quando há suspeita sobre a identificação das possibilidades de deslocamento da escultura-animal, um ponto de interrogação foi inserido para assinalar a conjectura recém florida.

Quando o animal possui apêndices laterais, no universo racional das esculturas zoomórficas, estaremos o interpretando em voo ou como capaz de voar, ou nadar, dependendo do conjunto de elementos adicionais a estes: “Les apêndices latéraux des cruciformes, toujours interprétés comme des ailes étendues n’em sont pas obligatoirement” (PROUS, 1977a, p. 76). Alguns animais podem ser interpretados, entretanto, como aves sem estarem com suas asas abertas por conta da forma da cabeça, da evidenciação do bico ou da relação cabeça-cauda – nesses casos, também fazem parte dos animais alados, mas não estão integrados ao universo celeste, pois estão *em repouso* sobre o solo, o ninho, um galho ou outra superfície ou membrana<sup>252</sup> sólida. Ou seja, são animais alados em condição terrestre ou aquática, se considerarmos que asas podem ser abertas ou fechadas, como as esculturas geométricas já estabelecem entre si:

---

<sup>252</sup> Não podemos esquecer que há alguns pássaros cuja pose sentada estática não necessariamente implica em imobilidade – senão nadando sobre a superfície da água.

Figura 122 - cruciformes/platiformes : : nucleiformes/sobrelevados



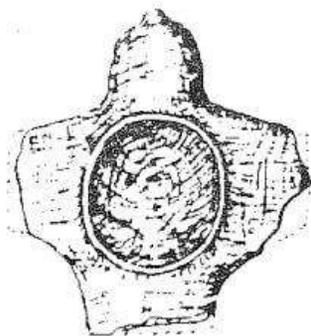
Fonte – Prous (1977a, Prancha II).

Os temas/tipologias *prousianas* colocam o que as esculturas são capazes de *fazer*, em alguma dobra oculta da nossa realidade *antes* de efetivamente incorporarem algum animal a olhos vistos. Como está inscrito na substância em que foi avistado um *animal-pedra*, é o equilíbrio entre a forma e seus apêndices que lhe dá as condições de atuar no ar, na água e no chão com maior ou menor capacidade (talvez em todos). Para prosseguirmos é necessário considerar os fragmentos e mutilações, elementos redutivos da filosofia sambaquiiana do corpo e da corporalidade.

“Fragmento”, em nossa concepção, se referem a um pedaço de zoomorfo que é resultante de uma amputação (apêndices laterais e eventualmente posteriores) ou decapitação. “Mutilado” é o bloco restante – ou seja o bloco principal, que sempre estará conectado a uma cavidade (ou ao que dela restou), e do qual, em virtude disto, pode-se tentar inferir uma tipologia usual. Assim, uma escultura mutilada é aquela que se pode atestar que já produziu um fragmento. Um caso mínimo de mutilação é quando a remoção tecnicamente reduz ou isola a capacidade de apreensão sensível (decapitação) ou de deslocamento (apêndice) – tornando o animal inicial *menor* (como a de N° 254). Para haver

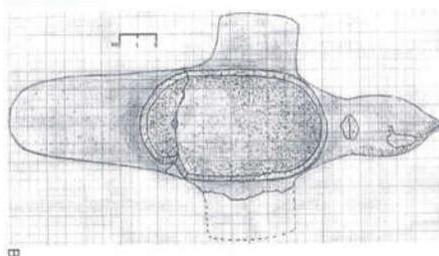
amputação, o apêndice deve ser totalmente removido; a ave N° 76 não se enquadraria, por exemplo. Já, um caso extremo de mutilação é a escultura N° 286, cuja cavidade, que já vinha sendo derrubada pelas bordas, apenas por pouco foi poupada da decapitação e esquartejamento e extenso picoteamento:

Figura 123 - Escultura N° 76, não está mutilada nem gerou fragmentos de amputação.



Fonte - Adaptado de BIGARELLA E TIBURTIUS (1960, p. 41)

Figura 124 - Escultura de ave N° 254 teve o apêndice Escultura totalmente mutilada N° 286



Fonte- Freitas (2008)

Figura 125 – Escultura nº 286, com mutilação extensa.



Fonte – FILIPI POMPEU (2018).

Os fragmentos, por sua vez, podem ser divididos com relação à sua antiga situação anatômica: cabeças e apêndices laterais possuem cada um, um intervalo respectivo; em casos mais fracionados, nos sentimos satisfeitos com os rótulos

genéricos de apêndices posteriores e anteriores. A matéria-prima é subjacente a este critério (há cabeças de osso e pedra).

Não podemos deixar de comentar os casos em que as esculturas foram reconstituídas. Por exemplo, o quadrúpede sobrelevado N° 33 possui restos de massa colante no pescoço, e o N° 99, cujos apêndices laterais e cabeça também foram reconectados ao bloco mutilado. Neste caso, como não sabemos se essas fraturas são decorrentes do processo descontrolado de desmonte dos sítios que possa ter afetado as esculturas, resolvemos marcar todos os casos que possuímos alguma desconfiança – durante as análises subsequentes, os casos mais dúbios serão apontados quando se fizerem presentes.

Mas ainda falta comentar um elemento central para a compreensão dos zoomorfos: a sua cavidade.

## 6.8 A LÓGICA DA CAVIDADE

Qual é a natureza de uma cavidade? Uma cavidade é um paradoxo: ao mesmo tempo que é um espaço aberto para algumas possibilidades, ele insere uma intensa cisão e descontinuidade em seus limites mais sensíveis. O que está numa cavidade, está *dentro* dela, ou do que a porta como adereço, condição ou qualidade. Algumas cavidades podem ser fechadas, encerrando o contato de seus conteúdos com o exterior – que já estavam parcialmente mediados pelos limites externos – e tornando invisível a sua existência, ocultando em seu âmago algo que, seja o que for, passa a ter uma atribuição quântica. A forma desses movimentos semiologicamente quânticos pode ser mais ou menos considerada de acordo com a quantidade e tamanho das aberturas com o externo. Podemos pensar em diversos orifícios que se abrem e fecham simultaneamente ou não, se um corpo todo for uma cavidade em que ouvidos, boca, olhos, genitais e ânus são portas de entrada ou saída; em cavidades que residem no final de tubos e ao começo de tubos, como o estômago; em cavidades com uma única abertura que reversível, transformando fora em dentro, e frente em verso; em aberturas lineares, que podem ou não fechar com zíperes ou dentes; em cavidades com tampas removíveis, semi-independentes de suas contrapartes côncavas; em cavidades escavadas... A diversificação, a partir de agora, é natural; só que sabemos que as cavidades impõem um dentro e um fora, um visível e um invisível.

Prous já comentava a respeito da dinâmica, numa proto-ontologia da cavidade:

On a voulu produire un effet sur l'homme qui voyait la pièce d'une certaine manière, posée, attachée ou suspendue (...), mais peut-être aussi sur d'autres observateurs; c'est ainsi que l'on pourrait comprendre la différence de traitement entre une face secondaire, négligée mais cependant travaillée, dans le cas des plateformes, qui dans ce cas auraient été normalement couchées sur la face secondaire. Les autres types montrent, nous l'avons déjà dit, beaucoup moins de dissymétrie d'une partie à l'autre, et les données techniques comme les traces d'érosion nous offrent des renseignements contradictoires qui empêchent de savoir quelle fut la position d'usage et quelle d'abandon. (PROUS, 1977a, p. 86).

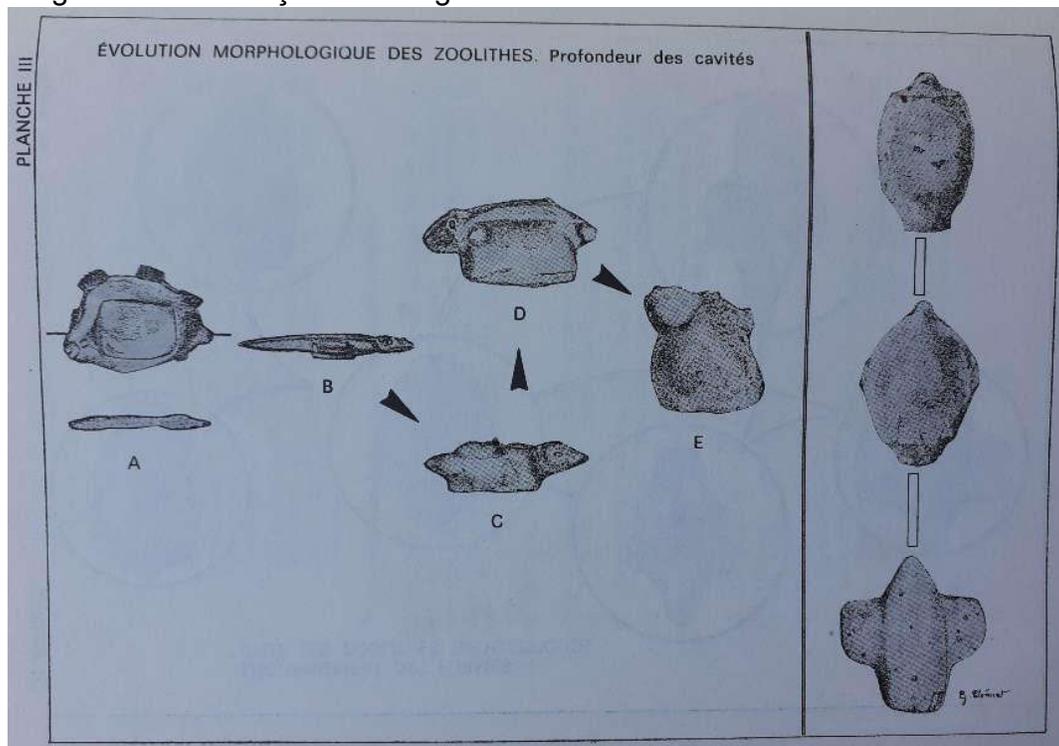
A cavidade, portanto, parece ser alguma espécie de operador lógico; ao se distinguir entre possivelmente funcional (“les autres types”), simbólica (plataformas) e ausente (nucleiformes A), podemos obter três gradações – não de utilidade, não sabemos com certeza o que ainda são. Sabemos que elas funcionam como operadores lógicos por outra razão, que vai além de girar a cavidade em busca do seu “polo” animal e o “polo” escavado: como a própria natureza da cavidade que recém descrevemos, ela também pode ser considerada como pertinente aos significados de dentro/fora (o ato de caber) e de visível/invisível; portanto: presença (com cavidade contentora/que suspende o animal), ausência (sem cavidade) e parcialmente visível/invisível (plataformas com cavidades ocultas/simbólicas). O dizemos por que se torna visível que os zoomorfos são entidades tripartites, já que mesmo os (cerca de 15%) que não possuem cavidade pertencem à mesma “família”, seja por outras questões estilísticas, seja por origem local. A possível crítica a esta ideia esbarra nas esculturas que, por sua vez, não podem sequer ser determinadas como animais em sua forma mais genérica (mais numerosa): se voam, andam ou nadam – ou, em casos extremos, se são mesmo animais. Nestes casos é a *presença da cavidade* que os permite ser identificados como zoomorfos, sem que possa ser impedido o desdobramento para casos sem cavidade. André Prous, a título de conclusão, coloca: “La validité de notre classification nous paraît finalement comprovée par le recoupement des caractéristiques stylistiques, thématiques, morphologiques et techniques de l'ensemble étudié” (PROUS, 1977, p. 146), das quais a cavidade ocupa, literalmente, uma posição nuclear. Não nos parece plausível separar a cavidade desta escolha étnica, sendo que ela pode ser

vislumbrada tanto como estilo (diferentes profundidades e bordas, chegando a constituir a tipologia Sobrelevada), tema (pois cavidades existem tanto em esculturas de contorno animal, humano e indistinto) e técnicas (porque tanto picoteamento quanto polimento são encontradas em todas as esculturas e inevitáveis se escavar uma cavidade for requerido). Esta relação entre o animal e a cavidade implica no ritmo estabelecido por Prous, em que a verificação plena da presença da cavidade implica ocultar da visão de quem observa o caráter animal que pode ou não estar presente: é preciso virar a escultura para analisar a cavidade na maior parte dos casos, dado que frequentemente estão em lados opostos, dioscúricos:

anterior a cavidade / cavidade / posterior a cavidade  
a direita da cavidade / cavidade / a esquerda da cavidade  
(PROUS, 1977, p. 81)<sup>253</sup>

Essa dualidade central, que exclui a visão dorso/ventre, contrasta com dois dos conjuntos tipológicos *prousiãos* que verificam a presença *gradual da cavidade* entre os extremos dos tipos em questão:

Figura 126 - Evolução morfológica dos zoólitos. Profundidade das cavidades.



Fonte - Adaptado de PROUS (1977a, Planche III)

Adicionalmente: "De plus, l'intérêt que nous avons noté pour les rythmes géométriques dans la construction de ces plateformes va de pair avec la fabrication des autres objets géométriques particuliers à cette région" (PROUS, 1977, p. 118).

Não é preciso ir muito adentro na rebentação – ou, talvez, seja melhor esperar a maré baixar – para observar que a cavidade, nos mariscos que colonizam as rochas arredondadas das enseadas e as praias lamacentas dos mangues, é interna – um recipiente, na verdade, como algumas acepções etimológicas já comentaram no passado (*supra*). Porém, uma vez interna, invisível – como vestir um manto, ou roupa de bicho, a carne do marisco tem uma pele bivalve e dura como a pedra. É claro, se trata de uma falsa simetria, as conchas não são duras *como* pedras; elas são *duras* como pedras. Mas, curiosamente, outra simetria geral dos bivalves também é falsa: as duas valvas não ocultam um duplo idêntico de *matryoshkas* como talvez eludido pela perfeição da iteração ou pelas inúmeras linhas de crescimento que envelhecem lentamente os moluscos: ao abri-las, encontramos o contrário: uma carne crua e mole ladeada por duas cavidades que abre e fecha como asas, olhos ou uma boca. Os bivalves são animais que também funcionam como operadores lógicos elementares em suas inversões de paradoxo: o mole é indivisível e invisível; mas o vácuo visível de sua ausência é duplo, plural; se múltiplo, um sambaqui – se sozinho, isolado, desparelho, duro, dúbio e ambíguo: um zoomorfo.

A dificuldade de se traçar uma linha clara entre o que pode ou não ser um zoomorfo e sua relação com a presença ou ausência de cavidades é assumida por mim nós *um projeto* – imanente e intencional – compartilhado entre os povos sambaquianos, a fauna e a paisagem e as esculturas mesmas, ainda antes do trabalho escultórico. Este projeto tem como núcleo significativo e significante o modelo (aparentemente) contraditório da ambiguidade. Esta ambiguidade, por sua vez, é firmada, num caráter sensível, entre a matéria-prima, que tipo de animal está ali presente e a cavidade, numa relação tripartite: [*animal/matéria-prima/cavidade*]; na qual, num sentido ontológico, é a matéria-prima que antecipa a presença do animal a partir de sua topologia negativa (que prevê uma cavidade); ou positiva (que prevê o animal). Outra forma de embasar esta ideia é que é possível a existência de um zoólito do tipo (*animal*)-osso-sem cavidade. Supreendentemente, isto não se dá num sentido puramente tecnológico, onde se buscariam rochas de menor dureza ou maior maleabilidade; e sim numa submissão à forma natural do núcleo inicial:

Si l'on a donc apprécié les matières de couleur plus voyante  
(pierres à inclusions, roches porphyriques), on ne les recherche

pas exclusivement, et dans aucun cas les zoolithes n'étaient faits em fonction de la matière première (...). Par contre, la forme même des blocs a joué u um rôle plus net. Même si nous sourtons du type 'nucléiforme A', nous notons que la mise em forme générale (par taille le plus souvent) ne demande d'ôter qu'une partie assez faible de matière, et que les deux types qui gardent le plus la forme générale du bloc sont les quadrupèdes (pachyformes) et les poissons plateformes, justement les types les plus naturalistes et qui reçoivent um traitement de détail privilegie. (PROUS, 1977, p. 71-72).

O mesmo poderia ser dito das esculturas menos precisas taxonomicamente, já que suas formas abstrusas, mesmo que sugiram um maior índice de redução inicial, *preservam* a ambiguidade mimética inicial de seixos rolados. Os realces, como bem aponta Prous para casos onde apêndices se destacam do bloco central, são unívocos para *todo o universo* dos zoomorfos, por ele considerados como figurativos por conta de “représenter une *réalité visible*, même si celle-ci n'est pas reconnaissable immédiatement dans la représentation. Tout les zoomorphes entrent par définition dans cette catégorie...” (PROUS, 1977, p. 72) grifos nossos. Ou seja, se os núcleos primários eram selecionados principalmente por conta de sua forma natural, as esculturas que liberaram mais lascas igualmente se identificam à uma forma natural: a *do corpo animal*, no caso, nucleiformes B e cruciformes. A ambiguidade entre os animais e os seixos é ontológica quando “dentro” do bloco, mais invisível ou opaca, exigindo visibilidade (“trabalho”); quando mais visível, exige realce e contraste; e ambos apontam para uma mesma origem existencial: todos seixos são animais em potencial pois todos animais e pessoas estão parcialmente visíveis na rocha, o que ecoa com clareza o teor animista (ou animalista, para citar Castro-Faria) dos povos sambaquianos. Por hora, seguiremos criando associações fenomenológicas concretas entre os sambaquis e os zoomorfos. O que podemos estabelecer é que podemos chamar as esculturas tanto de *animais-pedra*, zoólitos, quanto de *animais-cavidade* como uma forma de simplificação do sistema ternário “x-y-z” anterior – ou, se admitirmos um sistema expandido: *animais-pedra-cavidade*; onde cada parte de seu conteúdo amalgama um sistema altamente significativo para além de sua sensibilidade material:

Nessa evocação há mais do que metonímia, a convenção das partes que representam todos. Um item pode continuar sendo particular e, no entanto, ser animado como uma entidade completa, maior do que aparenta ser. Não há nada de misterioso

nessa ideia (um velho caderno de exercícios pode simultaneamente relembrar tentativas de escrever um romance e toda uma época de aspirações e esperanças). Trata-se de uma figura vista duas vezes (...). As pessoas compreendem que um objeto pode ser um item específico quanto conter o mundo em si; ele condensa ou miniaturiza um contexto mais amplo. Assim, um objeto pode presentificar poderes ou forças que afetam a vida de uma pessoa, sejam eles imaginados como o ambiente, o cosmos e a comunidade. (STRATHERN, 2014b, p. 495).

Interpretando zoomorfos (e as consequências desse ato)

Nosso esforço seria baldado se não tentássemos propor interpretações a respeito das esculturas. Resgatando algumas ideias do capítulo anterior:

What might 'things' be if they are to be conceived as, in some pertinent and coherent sense, non-material, as animist phenomena so often require? What concepts might replace the very distinction between the 'material' and the 'imaterial', which is so pernicious to the analysis of animist phenomena that it renders them downright contradictory? (HOLBRAAD, 2009, p. 434).

Para o fazê-lo, será necessário recortar da nossa consciência ativa tudo o que aprendemos sobre tipologias *prousianas* – por enquanto. Deve-se tomar as esculturas no sentido mais cabal do termo morfológico e procurar obter objetividade na intuição e primazia do que está diante (e não dentro ou além) de nós; tomando as “coisas em si mesmas”. Não raro será possível, como já sabemos, observar dois ou mais animais de acordo com a escultura em questão; o paquiforme duplo N° 123, por exemplo, é constituído por dois animais – o animal de baixo parece estar carregando o de cima – logo, esta escultura pertence tanto a aves voando, aves em repouso a quelônios aquáticos (tartaruga-marinha<sup>254</sup>).

---

Como gentilmente interpretado, e por nós seguido, pelos biólogos marinhos do Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville (2018).

Figura 127 - O paquiforme duplo N° 123 e sua visível crise de identidade.



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)  
Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville.

evidente que, dependendo da subjetividade de quem é observante, haverá dissonâncias e discordâncias interpretativas – de fato, as interpretações que estamos prestes a realizar não deveriam representar um modelo acabado e definitivo por si mesmo. É perfeitamente possível e provável que se discorde que a ave inferior do conjunto N° 123 seja uma tartaruga-marinha; tendo-se em vista que a negativa para *qualquer* interpretação, por mais esdrúxula que seja, deve ser contraposta com uma *contra-interpretação*<sup>255</sup>, para que esta se sustente enquanto argumento construtivo. Isso só pode ser efetuado seguindo-se o mesmo procedimento intuitivo utilizado para gerar a interpretação equivocada *com razão*. A regra do estilo geral sambaquiano é clara: os animais tendem a ser mais visíveis do que as espécies animais – em virtude disto, o conjunto N° 123 contém a mesma ambiguidade contínua que é inerente não apenas a esta *atitude esculpida*, mas ao próprio princípio perspectivista de *equivocação controlada* vigente na filosofia nativa de nosso continente: em uma passagem inflada por Deleuze, Guattari (na

“...um objeto é um sujeito incompletamente interpretado. Aqui, é preciso saber personificar, porque é preciso personificar para saber. O objeto da interpretação é a contra-interpretação do objeto” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b, p. 360).

apreciação do autor) e Heidegger (em nossa apreciação de *habitar*, *supra*), Viveiros de Castro dispõe sobre esse angular recurso de pesquisa:

Traduzir é situar a si mesmo no espaço da equivocação e ali *habitar*. Não é desfazer a equivocação (uma vez que isto seria supor que a mesma jamais existiu em primeiro lugar), mas, precisamente, porque o oposto é verdadeiro. Traduzir é enfatizar ou potencializar a equivocação, isto é, *abrir e alargar o espaço imaginado como não existente entre as línguas conceituais em contato*<sup>256</sup>, um espaço que a equivocação precisamente ocultava. A equivocação não é aquilo que precede a relação, mas aquilo que a funda e a impulsiona: uma diferença de perspectiva. Traduzir é presumir que uma equivocação já existe; é comunicar por diferenças, ao invés de silenciar o Outro presumindo uma univocalidade – a similaridade essencial – entre o que o Outro e Nós estamos dizendo. (VIVEIROS DE CASTRO, 2019, p. 255; grifos nossos).

Em termos sucintos, amortecidos pelas palavras anteriores: as chances de um dos dois animais N° 123 ser uma ave ou quelônio são idênticas em se levando em consideração o que sabemos e, mais importante, o que observamos. O catálogo de 1974(a) infelizmente omite a entrada para a escultura; mas sabemos que Prous a interpreta como um paquiforme (1977a, p. 47). Com a carta tipológica em nossas mãos, poderíamos dizer que o animal de cima, um paquiforme, está *tematicamente* sobrelevado por um outro, *tematicamente* cruciforme – falta-os apenas o *tema* da cavidade, princípio fundamental das tipologias. Seja qual for o caso, *a ambiguidade ainda é o tema suprajacente*. Essa passagem que as aves fazem cruzando os céus sobre mar, ar e terra e as tartarugas-marinhas realizam nas suas longuíssimas migrações até a postura de ovos na areia das enseadas é tão tradutora dos fluxos da paisagem quanto nossas elucubrações sobre se ave ou tartaruga, se paquiforme morfológico ou sobrelevado temático<sup>257</sup>. O que é mais importante ter em mente é que esse milenar projeto de inconstância e transformação é lavrado de modo análogo em nossas interpretações contemporâneas. Assim, o equívoco de nossa parte arqueológica está subjetivamente inscrito na escultura, coisa de mais de três milênios antes de apreciarmos o conjunto N° 123 hoje – sobre o qual nos outorgarmos o direito de dizer algo acerca desses misteriosos animais.

---

A presença de uma pessoa falante é a diferença crucial entre antropologia e arqueologia; eis que consideramos essa passagem transportável para a realidade arqueológica das esculturas zoomórficas.

Talvez as paisagens mudem de escala - da habitada para a portátil -, mas existe conflagração e eco permanente entre ambas as realidades.

Portanto, para realizar nossas interpretações de acordo com esses parâmetros multinaturalistas híbridos e pluriconceituais, foi necessário um movimento cuja simplicidade chega a ser cândida: da mesma forma que os antigos povos sambaquianos observavam animais nos seixos de contornos, ditos, naturais; porque não podemos nós, antecipados pelas noções de *realismo global* e *local*, criar o nosso próprio bestiário com base numa impressão subjetiva? Ela não é totalmente desvinculada de nossa experiência pessoal com o material arqueológico e zoofaunístico, é claro – da mesma forma que as esculturas colocam o *conhecimento* sambaquiano deste ambiente pretérito (e atual, por que não?): “A morfologia por assim dizer específica de muitas dessas representações e a repetição constante das mesmas formas animais indicam conhecimentos minuciosos e interesses bem definidos” (CASTRO-FARIA, 1959, p. 14).

Partindo do *realismo global*, podemos aproximar algumas noções do professor Joaquim Maná e de André Prous, ao considerar “la vision d’un monde”: animais aquáticos (peixes e cetáceos); das entranhas da terra (tatu); da noite e da escuridão (morcego, coruja) (PROUS, 1977a, p. 102) – aos que podemos adicionar as numerosas e indistintas aves. Em fato, se observarmos *os animais*, ou seja, num caráter ocidentalmente etológico, estas definições estariam equivocadas, mas não de um modo controlado (VIVEIROS DE CASTRO, 2019), já que tampouco os animais-não-esculpidos não possuem cavidade nem são feitos de pedra (mas sim de osso!), e nem os esculpidos costumam ser plenamente autossuficientes, sempre necessitando de *realismo local* para poderem ser associados a este ou aquele *comportamento* – porque é raro falar de espécies. Mas, se tomados na paralaxe conceitual, este corpo de pedra também é um “feixe de afecções” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b), demonstrando toda a sua capacidade disponível, onde, num *equivoco controlado*, podemos entender estas esculturas e suas características escultóricas como um conjunto de atributos coordenados para comunicar um *comportamento*. Em termos simples, no “das coisas em si mesmas”, basta se perguntar, diante de uma suspeita escultura zoomorfa: “o que este animal está fazendo?”

As respostas para essa pergunta são: “está em movimento”, e; “está em repouso”. Essas respostas, que funcionam talvez como um psicopompo<sup>258</sup>, por

---

Não no sentido da morte como na sua origem helênica, mas no de guiar a compreensão à guisa de introdução, apresentando os pontos de conexão do objeto antes de avaliar suas conexões.

sua vez, nos levam a questão que é cabal ao *realismo global* dos zoomorfos: “*por onde* ele se movimenta?” – já que as formas animais demonstram culturalmente a adaptação darwiniana através de suas morfologias que conciliam forma e espaço. Esta é uma conclusão óbvia no caso da resposta “a”; e, no caso da resposta “b”, nos leva a emprestar um olhar um pouco mais focado, *local*, para que se possa definir a *pose* do repouso – porque os animais de ar, terra e mar, em virtude de suas roupas corporais, se portam diferentemente uns dos outros conforme a ocasião, ou melhor, o *terreno*. As aves de rapina, por exemplo, possuem uma pose imponente e altiva, bastante verticalizada. Já os pequenos passeriformes pousam encolhidos e arredondados sobre galhos mínimos, ou enfunados dentro de seus ninhos em buracos na madeira e nas rochas, por exemplo. Oricchio (2020, p. 20-21) faz bem lembrar que Castro-Faria vê dois conjuntos de aves, antecipando nucleiformes e cruciformes *prourianos*:

O primeiro grupo é formado por aves em atitude de repouso, com as asas sempre unidas ao corpo, que se apresenta assim com um volume único, de contorno uniforme. A cabeça e a cauda destacam-se dessa massa regular, na qual entretanto, as asas são muitas vezes esboçadas por meio de sulcos. (...) Formam um segundo grupo as aves representadas por asas abertas, destacando-se, nitidamente, da massa do corpo. Nesse grupo, identificam-se duas formas distintas. Na primeira as asas são representadas por duas massas pequenas, em relação ao corpo arredondado, alto, e, com uma escavação profunda na face correspondente ao ventre, o que dá a tais peças o caráter de um gal. A forma mais frequente nesse segundo grupo, entretanto, é a das aves de corpo alongado e de asas mais amplas, completamente distendidas. Essas figuras apresentam um notável equilíbrio das massas, obtido principalmente pela representação das asas abertas, o que serve igualmente para sugerir com bastante força a ideia de movimento. A projeção lateral das asas estabelece o equilíbrio com as duas massas extremas, transversais, formadas pela cabeça e a cauda. Nessa forma, apesar do seu caráter eminentemente realista, observa-se um esquematismo de certo modo uniforme e rígido, resultante, talvez, da identidade dos fins a que provavelmente se destinavam tais peças. (CASTRO-FARIA, 1959, p. 6-7).

Esperamos ter convencido que existem atributos que permitem subsumar uma escultura a um meio, ou domínio, por onde ela exerce seu movimento, ou seu repouso. Embora uma quantidade inesperada de variáveis surgiu neste momento, e veremos porque, pudemos subsumar cada vez mais a forma zoomórfica ao elemento ambiental básico ao qual cada espécie precisa pertencer:

isto nos permitiu utilizar como ponto de partida básico de classificação as seguintes noções não-dicotômicas por que não são auto-excludentes<sup>259</sup>:

é um bicho alado; e/ou, que prefere/sabe voar; e/ou, uma ave;

é um bicho que prefere/sabe nadar; um peixe

é um bicho que anda e/ou deixa marcas com as patas no chão; tem patas/pés;

Observamos que, no ambiente litorâneo, há raríssimos animais incapazes de atravessar pelo menos uma das fronteiras mais extremas do céu, terra e corpos d'água. Como comentado no capítulo II, todos os animais que visitam são adaptados plenamente pra conviver com as condições cambiantes de umidade, salinidade e temperatura, com o bioma não sendo menos que um ponto de encontro (um potlatch?) de diversas espécies de bichos. Talvez, aí, os povos sambaquianos tenham conseguido observar que essas entidades mudam de forma conforme atravessam suas faixas etárias e ambientes; como o paru das pedras (*Chaetodipterus faber*), cujos filhotes nadam lateralmente como folhas secas; ou como as tartarugas-marinhas (*Cheloniidae*) que nadam com delicadeza nas águas da enseada, mas rastejam desengonçadas para realizar a postura de seus ovos nas praias. Contudo, como o próprio mangue, comprova, não apenas os animais são híbridos, mas a própria paisagem cria descontinuidades por onde bichos adornados com as roupas certas, fazem os traquejos necessários para visitar distintos espaços – os espaços que criamos, por sua vez, também se desdobram. Mas para sabermos por onde e como o ar, a água e a terra se misturam e se dividem neste princípio de cosmologia, precisamos saber como as travessias animais são feitas – num esforço de etnografia escultural não menor que a etologia ocidental e a etnologia clássica propriamente dita (HOLBRAAD, 2009) e como recém citado por nós com Castro Faria (supra), factível e produtivo.

Tentando aproximar mais as relações escultóricas e zoofaunísticas buscamos maiores informações, portanto, a respeito das espécies. Solicitamos a

---

Sobre às possíveis críticas sobre a objetificação filosófica multinaturalista, lembramos: “Todo ser que ocupa vicariamente o ponto de vista de referência, estando em posição de sujeito, apreende-se sob a espécie da humanidade” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b, p. 374). Isto só faz sentido se considerado dentro da lógica da predação, que já comentamos nos capítulos anteriores: o animal *Apex* tem maiores chances de ocupar uma posição de humanidade maior do que a sua, especialmente se você se comportar como presa. Assim, o princípio de objetificação também existe na filosofia americana; apenas está versado de forma diferente.

profissionais da biologia marinha e ictiologia, que, com base em seus conhecimentos técnicos, tomassem de forma o mais livre o possível as imagens que enviamos de cada animal esculpido<sup>260</sup>. Os resultados variaram de idênticos a novos táxons relacionados, em comparação com as identificações realizadas por Prous (1974a, 1977a). Então, buscamos novas informações a respeito das espécies; aquilo que as tornariam distintivas ou idiossincráticas em sua própria natureza ou na relação conosco, humanos – porque o etnocentrismo é essencial para se saber quem se é numa realidade multinatural. A partir destes caracteres etológicos, que transportamos para o perspectivismo multinaturalista como os elementos culturais - já que atravessam a morfologia e anatomia animal(-ista) – que definiremos nossos tipos. Adicionalmente, comparamos a distribuição dos recursos faunísticos com a localização das esculturas que podemos inferir ao menos algum domínio animal com os mesmos sítios e referências que, agora resgatamos, do segundo capítulo: nela há um sambaqui fluvial (ALVES, 2009), sambaquis mais setentrionais (FIGUTI, 1993); uma ocupação ceramista (BANDEIRA, 1992); um grande sambaqui monumental funerário multigeracional do litoral sul-catarinense (KLOKLER et. ali, 2010); e um grande arraigado para 110 sambaquis e concheiros da Baía da Babitonga, um dos maiores centros de atuação dos zoomorfos (FOSSILE, et. ali. 2018). Podemos considerar um recorte adequado para ser comparado com os disseminados e dispersos zoomorfos, cuja temporalidade é difícil determinar.

Para não passarmos sem exemplos sólidos de categorias locais de classificação ontológica e cosmológica a partir da etologia, vamos comentar brevemente algumas dessas categorias obtidas junto a pescadores tradicionais do nordeste brasileiro. As suas divisões comportamentais, em similitude com os preceitos multinaturalistas locados no corpo como feixe de afecções (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b), também encontram respaldo temático: “...reprodução, migração, alimentação, produção de sons, fuga de predadores, atividade lúdica, agressão, estrutura social, dentre outros”; e, talvez mais determinadamente pelo papel da predação na classificação: “ No entanto, é no hábito da carnivoría que um maior número de etnoespécies é percebido, variando desde o consumo de microorganismos, a artrópodos (Crustacea e Insecta), anelídeos e predação

---

Somos extremamente gratos ao Professor de Ictiologia da UFRGS André Netto Ferreira e aos biólogos marinhos residentes no Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville/SC.

piscívora intra e interespecífica” (COSTA-NETO, MARQUES, 2000, p. 555-556). Estas definições ainda eram extrapoladas com certa naturalidade: com peixes que chocam ovos ou carregam filhotes na boca (reprodução), andam em mantas (cardumes); peixes bravos (resistentes à captura e/ou agressivos na caça); peixes fortes (resistentes às mudanças ambientais); e peixes que boiam, pulam, roncam, cheiram – e até mesmo peixes que respondem a estímulos na água, como atirar cocos ou outros objetos que boiam (Op. Cit.; MOURÃO, NARDI, 2003). Fizemos uma breve seleção dos conceitos levantados por estas pesquisas para decantar o que encontramos ao observarmos as etologias dos animais-de-pedra sambaquianos, e, inspirados pelas palavras de Joaquim Maná, cunhamos as seguintes questões elementares para se fazer em cada caso de animal-não-esculpido e esculpido:

por onde o bicho anda?

o quê que ele faz e como ele é?

o quê que ele come?

quando ele vem (ter família)?

A lista não é exaustiva, não compilando esculturas com mais de dois animais possíveis. Como se pretende mais ilustrativa a respeito da relação da etologia das espécies com as esculturas, algumas esculturas aparecem tanto como animais aquáticos/anfíbios como voadores; mas não muitos, apenas o suficiente para deixar a lista menos povoada do que já está.

Com relação à divisão de animais que já havia sido assim realizada no capítulo II, manteremos os domínios de animais aquáticos/anfíbios, voadores e quadrúpedes/terrestres.

### 6.8.1 Animais Aquáticos/Anfíbios

Quadro 12- Animais Aquáticos/Anfíbios

Animal (Táxon) <sup>261</sup>	Escultura – Local de Avistamento	Por onde o bicho anda?	Que ele faz e como ele é?	Que ele come?	Quando ele v (ter família)
<b>Albatroz (<i>Diomedea sp./Thalassarche sp.</i>)</b> <small>262,263</small>	Bastão de osso Nº 79 – Sambaqui de Matinhos/PR	Nidificam em ilhas isoladas e escarpadas. Migratório.	Bico especializado. Às vezes dão mortos na praia.	Cefalópodes, krill.	Reprodução sul e extremo Inverno/Verão (ago/mai)
<b>Arraia (<i>Batoidea</i>)</b> <small>264</small>	Platiforme atípico Nº 6 - Litoral Sulcatarinense	Em águas marinhas e salobras; bentopelágico; anfídromo; 1-80m de profundidade.	Saltador; solitário ou grupos.	Crustáceos, moluscos.	Primavera/Verão (out/mar).
	Diverso Nº 65 - Sambaqui do Rio Velho/SC (Litoral Norte)				
<b>Anchova (<i>Pomatomus saltatrix</i>)</b> <small>265, 266</small>	Platiforme A Nº 132 - Sambaqui do Perrixil/SC (Litoral Sul)	Em águas marinhas; estuarino; 0-200m de profundidade; típicos de águas de alta energia marítima; migra para águas quentes no inverno e para frias no verão; saboroso; mangue é berçário da espécie; alta mobilidade.	Cardumes agressivos e vorazes contra outros cardumes; não consomem tudo o que matam; associado a tubarões e peixes-espada; mordem quando manipulados.	Piscívoro.	
<b>Baleia (<i>Balaenoptera</i>)</b> <small>267</small> / <b>Cetáceo (<i>Cetacea</i>)</b> <small>268</small>	Nº 1 – Provável Ilha de Santana de Dentro/SC (Litoral Sul) Nº 90 – Sambaqui de Matinhos/PR	Marinho; migratório; encalha em praias e estuários.	Maior mamífero do planeta; respiradouro e esguichos de água; pulos na superfície da água; bate a nadadeira na água; fonte de grande quantidade e	Krill.	

Inverno/Verão (jun./mar).	Bupeva II; Costeira; Forte Marechal Luz; Jabuticabeira II; COSIPA I, IV.
Inverno/Verão (jul./nov.)	Jabuticabeira II; Conquista I; Enseada I; Forte Marechal Luz; Espinheiros II; Itacoara; Rio Pinheiros

As informações das referências estão distribuídas ao longo de cada linha – e marcadas ao lado do animal (táxon).

BARBIERI, 2010.

PEREIRA, 2018, p. 20, 22.

ARAÚJO, ODONE, VELASCO, 2016, p. 1.

[https://animaldiversity.org/accounts/Pomatomus\\_saltatrix/](https://animaldiversity.org/accounts/Pomatomus_saltatrix/)

VILLELA, 2015, p. 15.

<https://www.rotabaleiafranca.com.br/a-rbf/baleia-franca/>

<https://www.rotabaleiafranca.com.br/a-rbf/baleia-franca/>

	Nº143 – Dunas do Sambaqui de Pântano do Sul/SC (Ilha de Santa Catarina) Nº 167 – Torres/RS Nº 176 – Tramandaí/RS Nº 316 – Sul da Ilha de Santa Catarina		qualidades de matéria-prima.		
Baleia-Orca ( <i>Orcinus orca</i> ) <sup>269</sup>	Paquiforme Nº 103 – Sambaqui do Cubatãozinho/SC (Litoral Norte) Nº 114 – Sambaqui de Barra do Sul/SC (Litoral Norte)	Marinho, cosmopolita; as vezes visita águas rasas em procura de comida.	Corpo característico com dorso preto e ventre branco; nadadeira dorsal.	Piscívoro; focas, leões-marinhos, animais na beira da água.	Verão.
Beijupirá ( <i>Rachycentron canadum</i> ) <sup>270,271.</sup>	Paquiforme Nº 69 - Ilha de São Francisco do Sul/SC	Em águas marinhas, estuarinas, arrecifes, oceanódromo.	Examina objetos que boiam estacionários; costuma ser solitário; bom peixe para alimentação; tende a ser solitário.	Crustáceos, peixes e cefalópodes.	Inverno/Verão (jul/dez)
Cará ( <i>Cichlidae</i> ) <sup>272,273,274</sup>	Paquiforme A Nº 35 - Torres/RS	Águas doces e salobras; bentopelágico; potamódromo.	Machos levam os ovos na cabeça	Invertebrados bentônicos.	Primavera (set/dez)
Cangulo/Peixe-Porco ( <i>Ballistidae</i> ) <sup>275,276 277 278</sup>	Platiforme A Nº 56 - Serra Gaúcha/São Francisco de Paula, em gruta. Platiforme A Nº 149 - Sambaqui do Perrixil/SC (Litoral Sul)	Marinho, arrecifes, enseadas, entre 0-100m profundidade, geralmente 0-50m.	Bilateral; cabeça triangular; nadadeira dorsal em forma de pena. Dentes apropriados para quebrar conchas de bivalves. As vezes boia na superfície junto com algas e com os filhotes; adultos guardam	Bivalves, cracas ( <i>Balanus sp.</i> ), gastrópodes, crustáceos.	Verão (nov./m)

[https://animaldiversity.org/accounts/Orcinus\\_orca/](https://animaldiversity.org/accounts/Orcinus_orca/)  
<https://www.fishbase.de/summary/Rachycentron-canadum.html>  
 HOLT, FAULK, SCHWARZ, 2007, p. 182.  
 Migra na água doce. <https://www.merriam-webster.com/dictionary/potamodromous>  
<http://www.fishbase.org/summary/Geophagus-brasiliensis.html>  
 MOTA, CAMPOS, RODRIGUES, 1983., p. 127.  
<https://www.fishbase.de/summary/Balistes-capriciscus.html>  
 MOURÃO, NORDI, 2003.  
 BERNARDES, DIAS, 2000, p. 690.  
 GOLDMAN, GLASGOW, FALK, 2016, p. 325.

	<p>Platiforme A Nº 163 - Sambaqui de Congonhas I/SC (Litoral Sul)</p> <p>Platiforme A Nº 220 - Um Sambaqui no Cabo de Santa Marta/SC (Litoral Sul)</p>		<p>os ovos depositados na areia até os filhotes nascerem; excelente pescado; agressivo e resistente quando fisgado; emite ruídos quando capturado, motivo de seu nome. Pescadores tradicionais dizem compreender. Associado a envenenamento por maré vermelha. Solitário ou pequenos grupos.</p>		
<p>Enguia/Moréia (<i>Anguiliformes</i>)<sup>279,280</sup></p>	<p>Paquiforme Nº 272 - Sambaqui do Cubatãozinho/SC (Litoral Norte)</p>	<p>Como podem ser animais de água doce (enguia), ou salgada (moréia), há muitas variações sobre seus hábitos; demersais; moréias são de arrecifes e têm tocas entre as pedras ou fundos escavados; as enguias têm tocas nos fundos lodosos.</p>	<p>Corpo serpentiforme. Solitários. Moréias podem ter camuflagem e/ou veneno.</p>	<p>Peixes, cefalópodes, crustáceos e moluscos.</p>	<p>Nenh</p>
<p>Enxada/Paru (<i>Chaetodipterus faber</i>)<sup>281, 282.</sup></p>	<p>Platiforme A Nº 134 - Um Sambaqui no Cabo de Santa Marta/SC (Litoral Sul)</p>	<p>Abundante em águas marinhas e salobras; associado a recifes, mangues e fundos arenosos; oceanódromo; 3-35m de profundidade.</p>	<p>Bilateral, juvenis pretos nadam como folhas secas de plantas do mangue em água muito rasa; grandes cardumes; durante a desova podem ficar à deriva, boiando, imitando as folhas do mangue. As vezes circulam pessoas mergulhando, curiosos. Mordedores de isca e um excelente pescado. Associado a envenenamento por maré vermelha.</p>	<p>Comem moluscos, crustáceos, outros bentônicos e plâncton.</p>	<p>Verão (nov./jan.)</p>

<https://www.infoescola.com/peixes/moreia/>

[www.fishbase.de](http://www.fishbase.de) – numa pesquisa genérica que levantou duas espécies de enguias (*Myrophis plumbeus* e *Stictorhinus potamius*); mas com certeza conseguimos obter 78 espécies de moréias.

NUNES, 2020, p. 36.

<https://www.fishbase.de/summary/Chaetodipterus-faber.html>

Foca <sup>283</sup> ( <i>Pinnipedia</i> ) <sup>284</sup>	Nucleiforme A Nº 309 – Sul da Ilha de Santa Catarina	Marinho, salobro (em menor medida).		
Golfinho/Toninha ( <i>Odontoceti</i> ) <sup>285, 286, 287, 288.</sup>	Cruciforme C, v.3 Nº 17-?	Mamífero marinho, tolerância ao salobro.		
	Sobrelevado Nº 24 – Ilha de Santana de Dentro/SC (Litoral Sul)			
	Triangular Nº 269 – Sambaqui de Cabeçada/SC (Litoral Sul)			
	Nucleiforme C Nº143 – Sambaqui de Pântano do Sul/SC (Ilha de Santa Catarina)			
Jacaré ( <i>Crocodylia</i> ) <sup>289, 290</sup>	Nº 294 – Torres/RS Zoomorfo monumental Nº 320 – Iguaba Grande/RJ (Região dos Lagos)	Águas doces e salobras; pântanos, mangues, rios e estuários.		

Semi-terrestre; dimorfismo sexual; gregários.	Peixes, moluscos bivalves.	Migração invernal.	Ver otarídeos.
		<i>T. truncatus:</i> outono/inverno <i>Delphinus sp.:</i> mai/set	
Gregário, sociável, auxilia pescadores a cercar cardumes, respiradouro e esguichos, natação vertical na água, sexualizado; comensalismo com rêmoras.	Piscívoro.		Deplhinus sp.; Steno sp.; Tursiops sp. = Enseada I
Dimorfismo sexual; couro macio ( <i>C. latirostris</i> ); dominância; solitário e gregário; crepuscular; sedentário; olha e respira por	Peixes, mamíferos, mariscos, outros répteis.	Cruza: inverno verão (out/dez); eclosão: março.	Enseada I; Forte Marechal Luz; Itacoara; Jabuticabeira II (contexto ritual); Encantada III.

Uma escultura de foca, feita em barro cozido, com cavidade aparentemente aberrante, figura no centro das imagens de zoomorfos de descrevendo a numerosa e afamada Coleção Behrenhauser (Rohr, 1950, p. 369; 439-440). Não a consideramos um zoomorfo *stricto sensu* feito Prous que jamais menciona o fenômeno. Embora, para embasar essa falta de atribuição, seja a questão da ausência da cerâmica n a essa falta de atribuição; talvez seja interessante avaliar o pendente de barro cozido encontrado por Serrano em Torres (1937, prancha o elaborado sepultamento com zoomorfo do sambaqui do Cubatãozinho, cuja cova foi esculpida com capricho a partir do nível c Bigarella, 1960, p. 22), que se revelou manufatura Jê (ANEXO X). Ainda, aproximados na matéria-prima, mas reforçando essa “intuição de barro cru associados a outros 10.000 fragmentos cerâmicos cozido no sambaqui do Forte Marechal Luz – aí também foram con clayball”, “fired square-cornered object” e um “unfired cornered object” nas duas ocupações mais tardias (Bryan, p. 84). Tudo isto no ceramistas e sambaquianos compartilharam mais do que lugares de pesca ou coleta de mariscos.

Antes isolados, estes indícios parecem sugerir uma chegada gradual da cerâmica

<https://www.icmbio.gov.br/apabaleiafranca/destaques/80-ocorrencia-de-lobos-e-leoes-marinhos-e-registrada-na-regiao-sul-do-brasil.html>

<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/107648>

<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/107648>

SANTOS, 2016, p. 7.

A espécie é globalmente cosmopolita e o período se refere ao hemisfério norte: MURPHY, COLLET, ROGAN, 2005, p. 1247.

[https://animaldiversity.org/accounts/Caiman\\_latirostris/](https://animaldiversity.org/accounts/Caiman_latirostris/)

POLETTA et. alii. 2009, p. 96.

Jacaré-de-Papo-Amarelo ( <i>Caiman latirostris</i> ) <sup>291, 292</sup>	Diverso Nº 22 – Rio San Luis, Uruguai.		cima da água quase todo mergulhado.		
Leão/Lobo-Marinho ( <i>Otariidae</i> ) <sup>293</sup>	Nº 62 - Sambaqui do Rio Velho/SC (Litoral Norte)	Marinho, salobro (em menor medida); semi-terrestre.	Dimorfismo sexual; gregários; bastante sociáveis; estrutura social.	Piscívoro, moluscos bivalves.	Peixe, cefalópodes crustáceos
	Nº 39 – Torres/RS				
Linguado ( <i>Paralichthys sp.</i> ) <sup>294, 295, 296.</sup>	Platiforme A Nº 7 - Laguna/SC (Litoral Sul)	Em águas marinhas, salobras e demersais, até 40m de prof.; em baías e estuários.	Morfologia característica; mimetismo; se enterra em leitos arenosos; olhos podem ser do lado direito ou esquerdo. Bom pescado.	Crustáceos, moluscos, poliquetos.	Para <i>Xystreus rasile</i> ( <i>Paralichthys</i> ) Primavera/Out.
	Platiforme atípico Nº 243 - Torres/RS				
	Platiforme mutilado Nº 288 - Santa Vitória do Palmar/RS				
Linguado ( <i>Symphurus cf. trewasae cf. jenynsii</i> )	Sobrelevado Nº 66 - Sambaqui do Rio Velho/SC (Litoral Norte)				
Linguado ( <i>Pleuronectiformes</i> )	Platiforme B Nº 8 - Torres/RS ou Um Sambaqui do Sulcatarinense	Em águas marinhas, salobras e doces; nerítico-pelágico; anádromo; entra em estuários e rios.	Gregário; faixa característica ao longo do corpo.	Come pequenos invertebrados e larvas de crustáceos.	Primavera (set./nov.)/Out. (mar./out.).
	Seixo em forma de linguado Nº 319 - Sul da Ilha de Santa Catarina				
Manjuba ( <i>Anchoviella lepidentostole</i> ) <sup>297, 298.</sup>	Paquiforme Nº 266 – ?				

[https://animaldiversity.org/accounts/Caiman\\_latirostris/](https://animaldiversity.org/accounts/Caiman_latirostris/)

POLETTA et. ali. 2009, p. 96.

<https://animaldiversity.org/accounts/Otariidae/>

[https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c\\_code=076&id=14125](https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c_code=076&id=14125) – para *Paralichthys brasiliensis*, a espécie com maior quantidade de dados.

<https://en.wikipedia.org/wiki/Paralichthyidae>

[https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c\\_code=076&id=54749](https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c_code=076&id=54749)

<https://www.fishbase.de/summary/Anchoviella-lepidentostole.html>

GIAMAS, SANTOS, VERMULM JR, 1983, p. 95.

Miracéu/Tamboril ( <i>Uranoscopidae</i> ) <sup>299</sup> .	Sobrelevado Nº 25 - Ilha de Santana de Dentro/SC (Litoral Sul)	Peixe pouco observado; marinho, demersal, prof.: 5-15m; em fundos arenosos, com cascalho ou lodo; juvenis em 0-5m na borda de estuários e baías-berçário.	Face para cima; caça se enterrando no fundo, de baixo para cima. Ventre chato. Notívago, durante o dia fica enterrado.	Piscívoro. Cefalópodes.	?
Peixe-Cofre/Peixe- Vaca ( <i>Acanthostracion</i> <i>sp./Lactophrys sp.</i> <sup>300</sup> , <sup>301</sup> , <sup>302</sup> )	Paquiforme Nº 32 - Ilha de Santana de Dentro/SC (Litoral Sul)	<i>Acanthostracion sp.</i> = marinho; associado a recifes; 1-80m de profundidade; em campos de algas. <i>Lactophrys bicaudalis cf. triqueter</i> = marinho, em arrecifes, 3-50m de prof; prefere água transparente de arrecifes; sob rocha ou em buracos na pedra.	<i>Acanthostracion sp.</i> = forma de caixa, padrão hexagonal. <i>Lactophrys</i> <i>bicaudalis cf. triqueter</i> = solitários ou em grupos pequenos; quando excitado, libera toxinas que matam outros peixes. Associado a envenenamento por maré vermelha. Produz toxinas naturalmente (é uma espécie de baiacu).	<i>Acanthostracion</i> <i>sp.</i> = come sésseis invertebrados bentônicos – mas não mariscos. <i>Lactophrys</i> <i>bicaudalis cf.</i> <i>triqueter</i> = come moluscos, crustáceos e outros bentônicos.	?
	Paquiforme Nº 210 - Ilha de Santana de Dentro/SC (Litoral Sul)				
Peixe-Lagarto ( <i>Synodus cf. synodus</i> ) <sup>303</sup> , <sup>304</sup>	Cruciforme C, v. 5 Nº 109 - Sambaqui do Morro do Ouro	Marinho, de arrecifes; 0-144m de prof.; geralmente 2-35m; prefere águas rasas.	Serpentiforme. Costuma descansar em superfícies rochosas ou invés de arenosas – outras espécies do gênero se enterram para caçar.	Peixes, crustáceos, moluscos, poliquetos.	?
Peixe-Rei ( <i>Odontesthes</i> <i>bonariensis</i> ) <sup>305</sup> , <sup>306</sup> .	Paquiforme Nº 127 - Sambaqui de Barra do Sul/SC (Litoral Norte)	Em águas marinhas, salobras e doces; pelágico-nerítico (até 200m de prof.); prefere águas doces.	Gregário; deposita ovos na vegetação; predador.	Peixes, crustáceos, cefalópodes.	Para O. <i>argentinensi</i> Primavera/Verão (ago./dez.)
	Paquiforme Nº 266 - ?				
	Platiforme A Nº 132 - Sambaqui do	Marinho, em baías e estuários; em buracos e tocas nas pedras.	Padrão de escamas notório; permite	Onívoro; crustáceos,	?

[https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c\\_code=076&id=14115](https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c_code=076&id=14115)

A forma da cabeça deste gênero o aproxima mais das esculturas de cangulos (Nº 56, 149, 163 e 220) e do sernambiguara Nº 48.

<https://www.fishbase.de/Summary/SpeciesSummary.php?ID=92&AT=peixe-cofre>

[https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c\\_code=076&id=4286](https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c_code=076&id=4286)

<https://www.fishbase.de/summary/Synodus-synodus.html>; a pesquisa por imagens na internet demonstrou que a espécie se enterra para caçar como outras espécies do gênero.

[https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c\\_code=076&id=2719](https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c_code=076&id=2719)

<https://www.fishbase.de/summary/Odontesthes-bonariensis.html>

MORESCO, BENVENUTI, 2006.

Peixe-Veleiro/Maria-Nagô ( <i>Equetus sp.</i> ) <small>307;308.</small>	Perrixil/SC (Litoral Sul)		aproximação; solitário; caça à noite.	moluscos, peixes menores, algas.	
	Triangular N° 269 - Sambaqui de Cabeçuda/SC (Litoral Sul)				
Piau ( <i>Anostomidae sp.</i> ) <sup>309, 310.</sup>	Platiforme B N° 9 - Imbituba/SC (Litoral Sul)	De água doce; bentopelágico.	Boca para baixo específica do gênero; nada verticalmente. Algumas e berçário em espécie são alvo de aquarismo por seu padrão de cores e formas.	Reprodução, postura de ovos locais vegetados.	Inverno/Verão (out/mar).
Pinguim (Sphenicidae) <small>311</small>	N° 93 – Sambaqui do Rio Pinheiros/SC (Litoral Norte)	Marinho; pelágico; migratório (litoral sul é local de reprodução).	Penas adaptadas; anda em pé; gregário.	Piscívoro.	Migração: Inverno/Verão (jun/dez).
	N° 264 – Alguem sambaqui de Santa Catarina				
Prejereba ( <i>Lobotes surinamensis</i> ) <sup>312, 313, 314.</sup>	Platiforme A N° 174 - Torres/RS	Em águas marinhas e salobras; bentopelágico; oceanódromo; baías, estuários e desembocaduras de rios.	As vezes se deixa boiar na superfície como as folhas de mangue, próximo a objetos estacionários; juvenis nadam como folhas secas.	Crustáceos e bentônicos diversos.	Primavera/Verão (out/mar)
Robalo ( <i>Centropomus sp.</i> ) <sup>315, 316.</sup>	Platiforme A N°161 – Pescaria Brava/SC Litoral Sul)	Em águas costeiras, enseadas e lagoas, tolerante à água doce - anfidromo. Congrega nos deltas próximo da reprodução.	Atividade associada à alteração da maré.	Piscívoro e herbívoro.	Verão/Inverno

[https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c\\_code=076&id=3584](https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c_code=076&id=3584)  
[https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c\\_code=076&id=3585](https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c_code=076&id=3585)  
<https://www.fishbase.de/summary/Schizodon-australis.html>  
 SANTOS, 1980, p. 395.  
 MÁDER, SANDER, CASA JR., 2010, p. 228.  
<https://www.fishbase.de/summary/Lobotes-surinamensis.html>  
 FAGUNDES, 2019.  
 BREDER JR., 1949.  
[https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c\\_code=076&id=345](https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c_code=076&id=345)  
[https://animaldiversity.org/accounts/Centropomus\\_undecimalis/](https://animaldiversity.org/accounts/Centropomus_undecimalis/)

Sargo ( <i>Sparidae</i> ) 317,	Platiforme A Nº 7 - Laguna/SC (Litoral Sul)	Em águas marinhas e salobras; associado a recifes; 15-?m de profundidade.	Cardumes pequenos; corpo listrado paralelo; dentes muito parecidos com os humanos; bastante saboroso. Resistente à captura.	Moluscos bivalves e outros invertebrados sésseis.	Verão/Outono (fev/mai).
Sernambiguara/Pampo ( <i>Trachinotus cf. falcatus</i> ) 318, 319, 320, 321, 322, 323,	Platiforme B Nº 48 - Santa Catarina	Marinho, salobro, em arrecifes de 0-36m de prof.; adultos em buracos ou canais nas pedras; sobre fundos arenosos e as vezes lodosos.	Dimorfismo sexual; solitário ou pequenos grupos; no verão, juvenis abundam próximos à arrebentação em fundos arenosos; berçários longe da costa. Resistente à captura. Associado ao ciclo lunar. Associado a envenenamento por maré vermelha = <i>T. goodei</i>	Moluscos, crustáceos e pequenos peixes.	Para <i>T. marginatus</i> Primavera/Verão <i>T. falcatus</i> = var. conforme a região quanto mais sul, maior é época de reprodução
Tainha ( <i>Mugilidae</i> ) 324; 325, 326	Paquiforme Nº 127 - Sambaqui de Barra do Sul/SC (Litoral Norte)	Em águas marinhas, salobras e doces; demersal; catádromo; migrações ao longo da costa; cardumes.	Cardumes, saltadores.	Herbívoro.	Outono/Inverno (mar/set)
	Sobrelevado Nº 33 – Ilha de Santana de Dentro/SC (Litoral Sul) Nucleiforme B Nº 78 – Baía de Guaratuba/PR	Águas marinhas, salgadas e salobras.	Bico, olhos grandes, casco característico – especialmente a de-couro.	Moluscos e outros bentônicos; peixes.	espécies: Inverno/Verão (set/abr).

<https://www.fishbase.de/summary/Archosargus-probatocephalus.html>

Sernambiguara seria “peixe- sernambi”: “guara – nome comum dado a peixes de diversas famílias” (TIBIRÇÁ, 1987, p, 103); ou, a  
interessantemente, “habitante-[do]-sernambi”: “GÜ-ARA. Participio com função substantiva: o que está, o que mora” (CARVALHO  
<https://www.fishbase.de/summary/Trachinotus-falcatus.html>  
LEMOS, 2010.

<https://www.iucnredlist.org/species/190407/16510662#habitat-ecology>

[https://animaldiversity.org/accounts/Trachinotus\\_falcatus/](https://animaldiversity.org/accounts/Trachinotus_falcatus/)

[https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c\\_code=076&id=1011](https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c_code=076&id=1011)

Nasce na água salgada, se desenvolve na água doce e depois volta à água salgada.

<https://www.fishbase.de/Summary/SpeciesSummary.php?ID=1090&AT=tainha>

HERBST, 2013, p. 58

Tartaruga-Marinha (Cheloniidae) <sup>327, 328, 329</sup>	Paquiformes nº 123 – Sambaqui do Linguado/SC (Litoral Norte)				
	Nucleiforme C Nº 207 – Sul da Ilha de Santa Catarina				
	Cruciforme B, v.1 Nº 245 – Barros Cassal/RS (Serra Gáúcha)				
Tubarão-Baleia ( <i>Rhincodon typus</i> ) <sup>330.</sup>	Cruciforme B, v. 2 Nº 226 – Santa Catarina	Oceanódromo, marítimo; às vezes se aproxima das praias e entra em estuários e deltas durante reprodução de camarões;	Maior peixe do mundo; inofensivo a humanos; até 20m de compr.; solitário ou altamente gregário; seguido por peixes oportunistas; voltam todos os anos aos mesmos lugares; posição vertical da cabeça próx. a superfície da água quando comendo zooplâncton; “mastigam” a água.	Comem plâncton, pequenos peixes, crustáceos e cefalópodes.	?
Tubarão-Branco ( <i>Carcharodon carcharias</i> ) <sup>331, 332</sup>	Paquiforme falso cruciforme Nº 253 - Capão do Leão/RS (Litoral Central)	Marinho; pelágico; solitário ou em pares; estuarino; oceanódromo; 0- 1200m de profundidade.	Maior tubarão do mundo; solitário ou em pares; associação com peixes oportunistas. Ataca humanos.	Piscívoro; arraias, cefalópodes; animais próximos à água.	Para <i>C. acronotus</i> Verão (fev/mar)
Tubarão-Lixa ( <i>Orectolambiformes</i> ) <sup>333</sup>	Diverso Nº 65 - Sambaqui do Rio Velho/SC (Litoral Norte)	Marinho, demersal, sedentário; associação com peixes oportunistas.	Solitário; notívago (hora de caçar); gregário e mais imóvel durante o dia. Permite aproximação. Considerado um peixe de reações lentas. A pele	Peixes; crustáceos, bivalves e outros bentônicos.	

<https://www.tamar.org.br/noticia1.php?cod=899>

BRITO et. ali., 2015.

EDRIS et al., 2018.

<https://www.fishbase.de/summary/Rhincodon-typus.html>

<https://www.fishbase.de/summary/Carcharodon-carcharias.html>

HAZIN, OLIVEIRA, BROADHURST, 2002, p. 144.

<https://www.fishbase.se/summary/Ginglymostoma-cirratum.html>

			pode ser curtida em couro durável.		
<b>Tubarão-Martelo</b> <b>(<i>Carcharhiniformes</i>)</b> <sup>334</sup> ,335.	Paquiforme Nº 80 – Sambaqui do Veríssimo/PR	Marinho; pelágico; estuários e baías; oceanódromo; 0-1000m de profundidade; solitário, em pares e cardumes.	Cabeça característica; poucas populações sedentárias; Solitário, em pares e cardumes; associação com peixes oportunistas.	Piscívoro	Verão (mar)
	Cruciforme atípico Nº 216 – Santa Catarina				

Fonte – Verificar notas de rodapé em cada caso.

---

VOOREN et. ali. 2000 apud ALVES, 2017, p. 45.

<https://www.fishbase.de/Summary/SpeciesSummary.php?ID=912&AT=tubar%C3%A3o+martelo>

## 6.8.2 Animais Voadores

Quadro 13- Animais Voadores

Animal (Táxon) <sup>336</sup>	Escultura – Local de Avistamento	Por onde o bicho anda?	Que ele faz e como ele é?	Que ele come?	Quando ele vem (ter família)?
Andorinha ( <i>Hirundinidae</i> ) <sup>337</sup>	Cruciforme C, v.1 Nº 136 – Dunas do Sambaqui de Pântano do Sul/SC (Ilha de Santa Catarina) Cruciforme C, v.5 Nº 267 – Fortaleza de Araçatuba/SC (Sul da Ilha de Santa Catarina)	Cosmopolita, florestas e urbes. Migratório no inverno – na maioria das espécies a migração é continental	Pequeno porte, pode ter cauda bifurcada. Pesca insetos e bebe água com rasantes sobre superfícies calmas de corpos d'água. Excelente caçadora de insetos no ar.	Cupins, formigas e outros insetos.	Verão.
Beija-Flor ( <i>Trochilidae</i> ) <sup>338</sup>	Paquiforme Nº 29 - Ilha de Santana de Dentro/SC (Litoral Sul)	Florestas e áreas urbanizadas.	Menor ave do mundo. Bico comprido característico. Voa parado no ar ou para trás. Ninhos em cavidades ou, as vezes externos com arquitetura notável.	Néctar.	Verão.
Colhereiro ( <i>Platalea sp.</i> ) <sup>339</sup>	Cruciforme C, v.4 Nº 247 - Sambaqui de Pântano do Sul/SC (Ilha de Santa Catarina)	Áreas alagadas de baixa energia.	Plumagem rósea e bico característico; ave pernaltas. Plumagem intensifica de cor na época reprodutiva.	Anfíbios, insetos, camarões, crustáceos.	Verão.
Coruja ( <i>Strigidae sp./Tytonidae sp.</i> ) <sup>340,341,342</sup>	Vértebra de baleia Nº 88 – Sambaqui de Matinhos/PR Paquiforme Nº 110 – Sambaqui de Conquista/SC (Litoral Norte)	floresta; campos de dunas; ninhos em árvores ou no chão/dunas	cabeça giratória; olhos avantajados; noturno; crepuscular; solitário e casais; disco facial; dimorfismo sexual	carnívoro; roedores; pequenos répteis e pássaros	Varia muito com a espécie.

As informações das referências estão distribuídas ao longo de cada linha – e marcadas ao lado do animal (táxon).  
[http://www.wikiaves.com.br/wiki/andorinha-pequena-de-casa?s\[\]=%2Anotiochelidon%2A&s\[\]=%2Acyano-leuca%2A](http://www.wikiaves.com.br/wiki/andorinha-pequena-de-casa?s[]=%2Anotiochelidon%2A&s[]=%2Acyano-leuca%2A)  
[http://www.wikiaves.com.br/wiki/aves\\_do\\_planalto\\_central:beija-flores?s\[\]=%2Abeija&s\[\]=flor%2A](http://www.wikiaves.com.br/wiki/aves_do_planalto_central:beija-flores?s[]=%2Abeija&s[]=flor%2A)  
<https://www.iucnredlist.org/species/22697574/93621961#habitat-ecology>  
[https://animaldiversity.org/accounts/Athene\\_cunicularia/](https://animaldiversity.org/accounts/Athene_cunicularia/)  
 (Motta-Junior, Alho, 2000)  
<https://www.wikiaves.com.br/wiki/coruja-buraqueira>

	Antropomorfo Nº 251 - Sambaqui de Pântano do Sul/SC (Ilha de Santa Catarina)				
Gavião-Tesoura ( <i>Elanoides forficatus</i> ) <sup>343</sup>	Cruciforme C, v.5 Nº 267 – Fortaleza de Araçatuba/SC (Sul da Ilha de Santa Catarina)	Migratório continental.	Dimorfismo sexual; cauda bifurcada típica; dá rasantes sobre a água para capturar insetos.	Lagartos, anfíbios, insetos.	Primavera.
Papagaio/Calopsita ( <i>Psittacidae</i> ) <sup>344</sup>	Paquiforme Nº 60 – Sambaqui do Rio Velho/SC (Litoral Norte) Cruciforme A Nº 107 – Sambaqui do Morro do Ouro/SC (Litoral Norte)	Florestas e descampados.	Bico característico; monogâmicos para a vida; ninhos em cavidades – poucas espécies arquitetam ninhos.	Frugívoro, herbívoro; insetos durante a criação dos filhotes.	Geralmente primavera/verão.
Martim-Pescador ( <i>Alcedinidae</i> sp.) <sup>345, 346</sup>	Cruciforme C, v.2 Nº 19 – Entre lagos Castillos e Balizas, Uruguai.	Tropical; insular; florestas; ripário; mangue; ninhos em tuneis.	Solitário; crista característica; pousa num galho e espera sua presa de cima; mergulha na água; bico grande; dimorfismo sexual; tocas escavadas; cospem bolas de ossos	peixes; também insetos e crustáceos	?
Morcego ( <i>Chiroptera</i> sp.) <sup>347</sup>	Cruciforme C, v.1 Nº 171 – Torres/RS	Tropical; cavernas; arborícola.	Notívago; gregário.	frutas; néctar	Inverno/Verão.
Urubu-Rei ( <i>Cathartidae</i> ) <sup>348, 349</sup>	Cruciforme C, v. 2 Nº 135 - Sambaqui de Pântano do Sul/SC (Ilha de Santa Catarina) Diverso Nº 317 – Sul da Ilha de Santa Catarina	Cerrado e florestas; terrícola; sem ninhos (ovos depositados no solo).	Cabeça característica; grande envergadura; diurno; casais; solitário; voo planador	necrófago	Inverno/Verão (jul./de

Fonte - Verificar notas de rodapé em cada caso.

<https://www.wikiaves.com.br/wiki/gaviao-tesoura>  
<https://www.wikiaves.com.br/wiki/psittacidae>  
<https://animaldiversity.org/accounts/Alcedinidae/#200403253139>  
<https://www.wikiaves.com.br/wiki/alcedinidae>  
[https://animaldiversity.org/accounts/Artibeus\\_lituratus/](https://animaldiversity.org/accounts/Artibeus_lituratus/)  
<https://www.wikiaves.com.br/wiki/urubu-rei>  
[https://animaldiversity.org/accounts/Sarcoramphus\\_papa/](https://animaldiversity.org/accounts/Sarcoramphus_papa/)

### 6.8.3 Animais Terrestres/Quadrúpedes

Quadro 14- Animais Terrestres/Quadrúpedes

Animal (Táxon) <sup>350</sup>	Escultura – Local de Avistamento	Por onde o bicho anda?	Que ele faz e como ele é?	Que ele come?	Quando ele vive (ter família)?
Entidade Mascarada (?)	Paquiforme Nº 37 – Torres/RS	Terrestre.	Talvez seja um xamã.	?	?
Anta ( <i>Tapirus terrestris</i> )	Sobrelevado mutilado Nº 236 - Sambaqui do Rio Velho/SC (Litoral Norte)	Ripário fluvial	Focinho característico; orelhas giratórias; solitário; pares durante a reprodução; filhotes acompanham as fêmeas; crepuscular-noturno.	Frutos; folhas; cascas; brotos; grãos; sementes.	?
Felino ( <i>Felidae</i> )	Bastão de osso Nº 280 – Sambaqui do Cubatão/SC (Litoral Norte)	Terrestre; as vezes arborícola.	Predador Apex; onças tem pelagem característica; solitários.	Caça geralmente terrestre, herbívora, de médio porte.	Depende da espécie
Forma Humana ( <i>Homo sapiens</i> )	Nº 15 – Sambaqui de Pântano do Sul/SC (Sul da Ilha de Santa Catarina)	Terrestre.	Não tem braços. Possui nádegas.	?	?
	Nº18– Mercedes/Uruguai	Os apêndices laterais sugerem alguma forma de interação além dos sentidos marcados da cabeça.	Olha para frente. Braços minúsculos de nucleiforme, em contraste com o volume do bloco. Frente com cavidade com motivos de ângulos retos; costas com depressões interconectadas por bordas em sentido espiral.		
	Nº 23 – Sambaqui do Morro Grande/SP	“Para cima”	Olha para frente/cima.		

As informações das referências estão distribuídas ao longo de cada linha – e marcadas ao lado do animal (táxon).

	Nº 150 – Sambaqui da Mina Velha/SC (Litoral Norte)	Mutilado	Olha para frente.		
	Nº 251 – Sambaqui de Pântano do Sul/SC (Sul da Ilha de Santa Catarina)	Séssil?	Dentro de um ovo? Emerge do ovo?		
Graxaim ( <i>Lycalopex sp.</i> ) <sup>351</sup>	Seixo em forma de graxaim Nº 312 - Sul da Ilha de Santa Catarina	Cerrado e Mata Atlântica.	Forma lupina; cauda longa; tocas no chão; bom faro, audição.	Mamíferos roedores; aves de solo; insetos e frutas.	Inverno (jul./out.)
Jabuti ( <i>Chelonoidis</i> ) <sup>352</sup>	Paquiforme amputado Nº 14 – Sambaqui de Pântano do Sul/SC (Sul da Ilha de Santa Catarina)	Áreas bem florestadas e úmidas; Mata Atlântica.	Casco com padrão hexagonal, alto; dedos com membranas; machos competem com fêmeas.	Onívoros, mas predominantemente herbívoro.	Anual.
Macaco ( <i>Simiiformes</i> )	Paquiforme falso platiforme Nº 249 – Jaguaruna/SC (Litoral Sul)	Arborícola; Mata Atlântica.	Patas, rosto e cauda específicos; muito variáveis entre as diversas espécies.	De estritamente frugívoro a onívoro.	Depende da espécie, mas geralmente estações quentes
Quati ( <i>Nasua nasua</i> ) <sup>353</sup>	Nº 187 – Imbituba/SC (Litoral Sul)	Arborícola; Mata Atlântica.	Orelhas, focinho e cauda (listrada) específicos; descem com a cabeça para baixo das árvores.	Onívoro.	Verão (jan./mar.) Outono/Primavera (out./feb.)
Réptil ( <i>Reptilia</i> )	Bastão de osso Nº 280 – Sambaqui do Cubatão/SC (Litoral Norte) Megazoomorfo Nº 320 – Iguaba Grande/RJ (Região dos Lagos)	Diverso conforme a espécie.	Cores escuras e verdes; mimetismo; escamas; cauda característica.	Onívoro, mas principalmente carnívoro.	
Tamanduá/Tamanduá- Diverso conforme a espécie.	COSIPA I, II, IV; Jaboticabeira II; Encantada III; Capelinha I.		Língua, cauda, crânio e garras específicas;		
Mirim ( <i>Myrmecophaga</i> )	Paquiforme Nº 94 – Baía da Babitonga	Mata Atlântica.	excelente faro; péssima visão; diurno; nômade; solitário.	Formigas e cupins.	Capelinha

LUCHERINI, VIDAL, 2008.  
[https://animaldiversity.org/accounts/Chelonoidis\\_carbonaria/](https://animaldiversity.org/accounts/Chelonoidis_carbonaria/)  
[https://animaldiversity.org/accounts/Nasua\\_nasua/](https://animaldiversity.org/accounts/Nasua_nasua/)

<i>tridactyla/Tamandua tetractyla</i> <sup>354</sup>					
Tatu ( <i>Dasypus sp.</i> ) <sup>355</sup>	Nucleiforme A, v.4 Nº 44 – Torres/RS	Mata Atlântica e cerrado.	Armadura e focinho característicos; escavador de túneis; semi-gregário; capaz de nadar desengonçadamente.	Insetívoro.	Primavera/Verão
	Paquiiforme falso platiiforme Nº 122 – Sambaqui do Linguado/SC (Litoral Norte)				
	Paquiiforme Nº 144 – Sul da Ilha de Santa Catarina				
Teiú ( <i>Tupinambis sp.</i> )	Cruciforme C, v. 3 Nº 98 – Torres/RS	Ver Réptil.			

Fonte - Verificar notas de rodapé em cada caso.

---

[https://animaldiversity.org/accounts/Myrmecophaga\\_tridactyla/](https://animaldiversity.org/accounts/Myrmecophaga_tridactyla/)  
<https://animaldiversity.org/accounts/Dasyopodidae/>

Deve ser levado em consideração, diante dos resultados obtidos, que não necessariamente a ausência de restos faunísticos de uma espécie animal de animal-esculpido significa um tabu alimentar. De fato, raros são os estudos zooarqueológicos que fornecem um “cardápio completo”, com identificação de diferentes famílias dos cordados – não apenas os peixes e moluscos já são numerosos o suficiente, mas esse tipo de análise requer um esforço coletivo de diferentes especialidades, o que nem sempre pertence ao recorte ou ao orçamento. Adicionalmente, deve-se ter em consideração que a representatividade das coletas de amostras zooarqueológicas são estimativas – como o próprio uso de Número Mínimo de Indivíduos<sup>356</sup> antecipa. Isto quer dizer que se não encontramos determinado peixe ou ave no sambaqui, não significa que ele jamais tenha sido consumido pelos construtores do sítio. Talvez no futuro, aliando mais informações similares de formas diferentes, seja possível pensar com maior liberdade a existência de tabus alimentares, que provavelmente faziam parte de algumas dessas espécies animais-esculpidas.

Como similar, contudo, aos estilos sambaquianos, as aves de modo geral parecem fazer parte de uma alimentação cosmológica local oportunista; mas muito importante como metafísica, já que a maioria das esculturas é associável ao menos, ao hábito de voar.

Não apenas os peixes, mas os animais com o garbo corporal adequado ou preparado para a água corroboram sua multiplicidade cosmológica sendo não só bons para comer, como bons para pensar (LÉVI-STRAUSS, 1989), em que podemos admitir que, ao menos no litoral sul de Santa Catarina, marcaram de modo profundo e em permanente transformação, essa interação dos povos sambaquianos com o Outro. Buscando obter mais relações entre as espécies-não-esculpidas quanto esculpidas de peixes resolvemos focar nos animais-esculpturas aquáticos de nossa análise, procurando distinguir os sítios com ocupações ceramistas dos sambaquis *strito senso*<sup>357</sup> – os animais de pedra estão em laranja escurecido, e quando encontrados como parte da matriz arqueológica, em itálico. As tipologias que criamos são em parte deduzidas a partir dos trabalhos

---

Metodologia de pesquisa e refinamento de informação tradicional da zooarqueologia. que trata cada fragmento identificável como um indivíduo animal esqueletalmente completo – mas disperso pela estratigrafia e irreduzível à sua forma original. Estatisticamente, cada fragmento é um bicho. Marcando com “C” e “S” – sambaquis de São Paulo, “SP”.

sobre conhecimento etnoictiológico (COSTA-NETO, MARQUES, 2000; MOURÃO, NARDI, 2003); aos quais acrescentamos os de interesse perspectivista: se é um predador secundário ou *apex* (presa/herbívoro, por exclusão); se come moluscos – algo de nosso interesse atual; e qual a sua periculosidade não evidente, dado que há alguns animais venenosos esculpidos na pedra, como a tabela acima aponta.

Quadro 15- Etologias dos Animais Aquáticos

	Pula/Sai todo da água			Sai só uma parte da água			Solitário/Grupos pequenos		Gregário/Cardume				Demersal		Faz ruído fora da água		Predador Agressividade água		Come bivalves/gastrópodos				
	Nerfítico	De fundo	Terrestre	Flutuia com folha	Nadadeira rasgada	Cabeça/Chos/Narinas	Grupos pequenos	Apenas Reprodução	Miracaboloma	Migração curta/Proteção	Reprodução	Cardume e Colônias	Fica sobre o fundo	Se enterra no fundo	Pulmonados	Outros	Predador secundário	Apex	Resistente à captura	Territorial	Preferencial	Completo	
Arraia	X						X			X			X			X		X				X	
Anchova	X							X			X					X							
Badejo <sup>358, 359</sup>							X			X						X			X				
Bagre																							
Baleia	X				X								X										
Baiacu <sup>360</sup>							X	X			X												X
Beijupirá				X			X																
Bolacha do Mar													X										
Cará									X		X	X								X			
Cangauá												X											
Cangulo	X			X			X				X				X				X	X	X		
Corvina								X			X					X			X				
Crocodiliano			X			X	X								X		X	X	X	X	X		
Enguia/Moreia								X											X	X			
Foca/Sirênios			X			X	X								X				X	X			
Garoupa <sup>361, 362</sup>							X	X								X							X
Goete													X										
Golfinho	X				X	X	X		X		X				X								
Guaivira <sup>363</sup>	X			X							X												
Linguado							X	X					X	X									X
Manjuba									X														
Miracéu								X					X	X					X				
Miraguaia								X					X								X		
Orca	X				X		X	X							X		X						
Ovea								X					X										
Pargo <sup>364</sup>								X															
Parí				X					X												X		
Peixe-Cofre							X						X										X
Peixe-Lagarto							X						X	X									
Peixe-Rei																							
Peixe-Veleiro							X			X													X
Pescada																							
Piau													X										
Pinguim	X		X					X		X		X			X								
Prejereba				X																			
Robalo																X			X				

[https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c\\_code=076&id=1215](https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c_code=076&id=1215)  
[https://animaldiversity.org/accounts/Mycteroperca\\_venenosa/](https://animaldiversity.org/accounts/Mycteroperca_venenosa/)  
[https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c\\_code=076&id=4659](https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c_code=076&id=4659)  
[https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c\\_code=076&id=16](https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c_code=076&id=16)  
[https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c\\_code=076&id=15](https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c_code=076&id=15)  
[https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c\\_code=076&id=999](https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c_code=076&id=999)  
[https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c\\_code=076&id=1427](https://www.fishbase.de/Country/CountrySpeciesSummary.php?c_code=076&id=1427)

Roncador					X		X		
Sargo						X			X
Sernambiguara				X		X			X
Tainha	X				X	X			
Tartaruga-Marinha		X	X		X	X			
T.-Baleia			X	X		X		X	
T.-Branco			X	X					X
T.-Lixa							X		X
T.-Martelo			X	X	X		X	X	X

Fonte – Ver capítulo II (*supra*) e rodapés adicionais.

X				
X				X
			X	
			X	X
			X	
			X	X
			X	

Dentre os resultados mais substanciais de nosso inquérito sobre o comportamento dos animais não-esculpidos estão as colunas relativas ao posicionamento dos animais com relação à água; há uma diversificação entre animais que conseguem romper a membrana da água, boiar próximo à lâmina da superfície ou se deslocar pelo fundo, não raro se ocultando e camuflando no solo. A influência aquática, contudo, é dividida com outras tipologias além da dos peixes bilaterais plataformas. Desde as aves/quelônios<sup>365</sup> e aves/animais-aquáticos<sup>366</sup> de geometria cruciforme (incluindo pinguins<sup>367</sup>), mas todos os sobrelevados são animais de predominância marítima ou litorânea, estando diretamente associados às marés<sup>368</sup>, arrecifes e enseadas<sup>369</sup>, praias<sup>370</sup> e mangues<sup>371</sup>. Até mesmo alguns paquiformes e nucleiformes B (v.2) ensaiam uma roupagem de mergulho específica: focas, lobos e leões-marinhos, que também são animais meio terrestres como a tabela acima e os próprios nucleiformes permitem entender. Há uma consonância entre as horizontalidades, geometrias e direções dos animais-esculpidos que conflagra com os nichos que os animais-não-esculpidos ocupam na paisagem a partir dos movimentos e comportamentos etológicos – garantidos por sua forma corporal, como rege o bom multinaturalismo. Há ainda uma diferença entre sítios cerâmicos e sambaquis propriamente ditos; no entanto. Os sítios associados a cerâmica Jê são muito mais diversificados – acompanham esses restos animais nas camadas estratigráficas dos concheiros os artefatos de pesca que faltam aos antigos sambaquis (LIMA, 2000), confirmando, no mínimo, numa transformação da perspectiva ontológica subsequente aos animais e suas espécies.

Ainda desenvolveremos mais este argumento. Por enquanto, nos satisfaremos em tentar correlacionar nossas interpretações com as tipologias *prousianas*. Verificamos quantas tipologias apareciam relacionadas aos movimentos terrestres, anfíbios e alados, combinados ou não, de acordo com nossa interpretação e organizamos em alguns gráficos. Como algumas interpretações/animais podem se deslocar através de mais de um meio – mas como os corpos são geralmente melhor adaptados para uma realidade – calculamos três movimentos para cada

---

9 casos: N°s 10, 28, 30, 105, 144, 168, 179, 191 e 250.

14 casos: N°s 12, 31, 64, 101, 123, 139, 142, 209, 226, 227, 228, 229, 245 e 248.

N°s 9 e 264.

Linguado N° 66.

Peixe-Cofre N° 32; miracéu N° 25.

Baleia encalhada N°1; tartaruga-marinha N° 33.

Cabeça de quelônio/psitacídeo estilizado N° 141.

modalidade<sup>372</sup>, mas apenas tornamos gráfico os primeiros e segundos pois os terceiros demonstraram-se muito pouco numerosos<sup>373</sup>. A forma elementar de tabelamento segue o exemplo seguinte:

Quadro 16- Exemplo de registro de movimentação dos animais esculpidos.

Escultura (Nº)	Animal	Tipologia	Movimento I	Movimento II	Movimento III
14	Cágado/Jabuti	Paquiforme	Terrestre	Aquático	0
25	Miracéu	Sobrelevado	Aquático	Ctônico	0
44	Ave de Rapina Pousada/Tatu	Nucleiforme A, v.4.	Voador	Terrestre	Ctônico
207	Tartaruga- Marinha	Nucleiforme B	Aquático	Terrestre	0

A tabela completa, que elenca igualmente todas as esculturas é o mesmo anexo IV. Neste anexo há uma humilde atualização parcial do catálogo *prouciano* de 1974(a), totalizando 322 esculturas. Ele também pode ser encontrado e analisado com filtros do *software Excel* para subsumar informações, caso alguma pessoa venha a se interessar em desenvolver suas próprias interpretações – as nossas, jamais definitivas e justificadas caso a caso, estão figurando aí:

<https://filipipompeu.github.io/ontografico/><sup>374</sup>

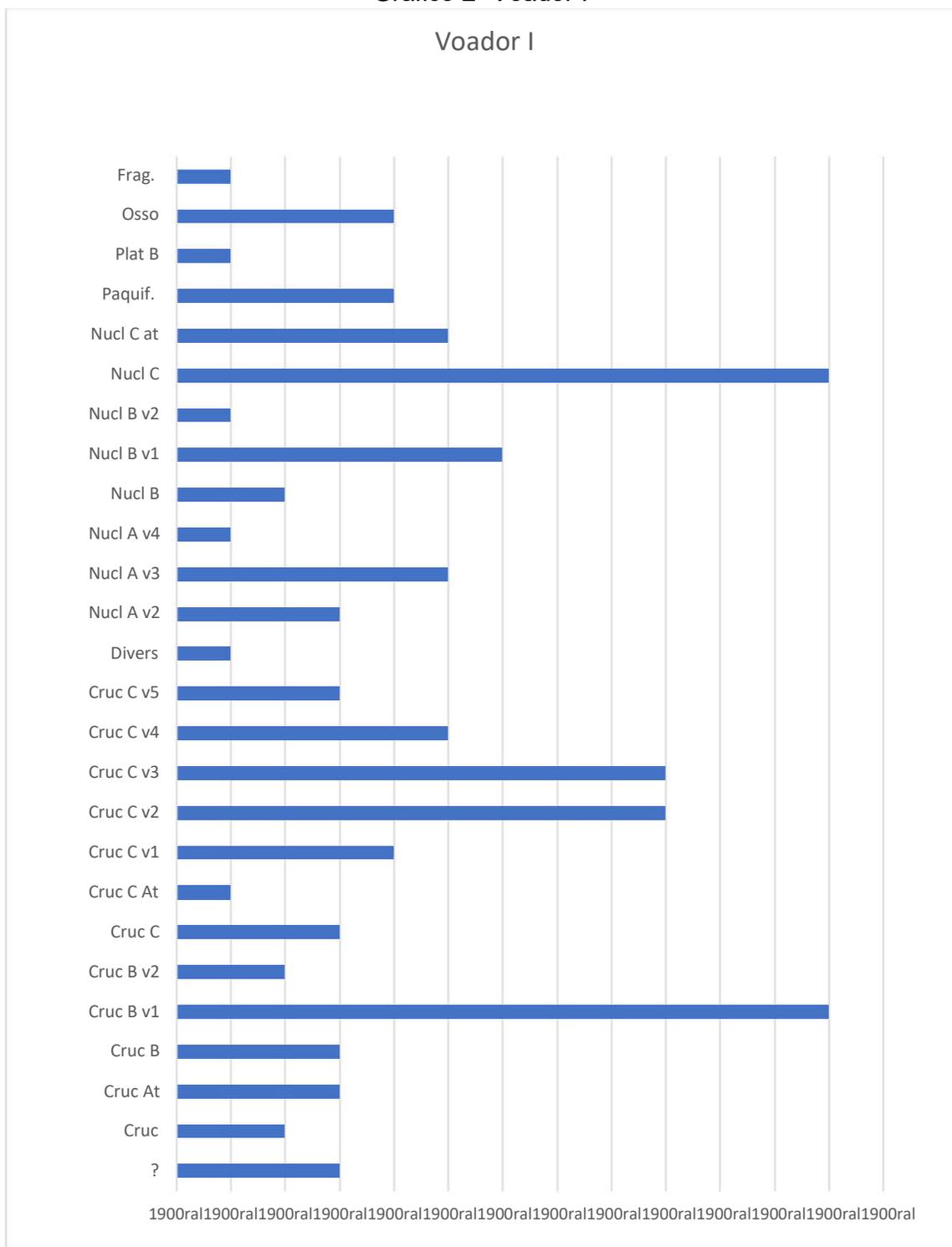
---

Um quarto movimento, ctônico, referente aos animais que se enterram no fundo da terra ou das águas também foi levantado. Ele só pode ser secundário ou terciário, dado que é possível considerar sua presença a partir de um animal predominantemente terrestre ou bentônico. Suspeitas de pertencimento a uma ou outra modalidade de deslocamento foram assinalados como ex.: “voador?”.

A versão virtual foi codificada por Fabrício Bernardes, ao qual somos infinitamente gratos.

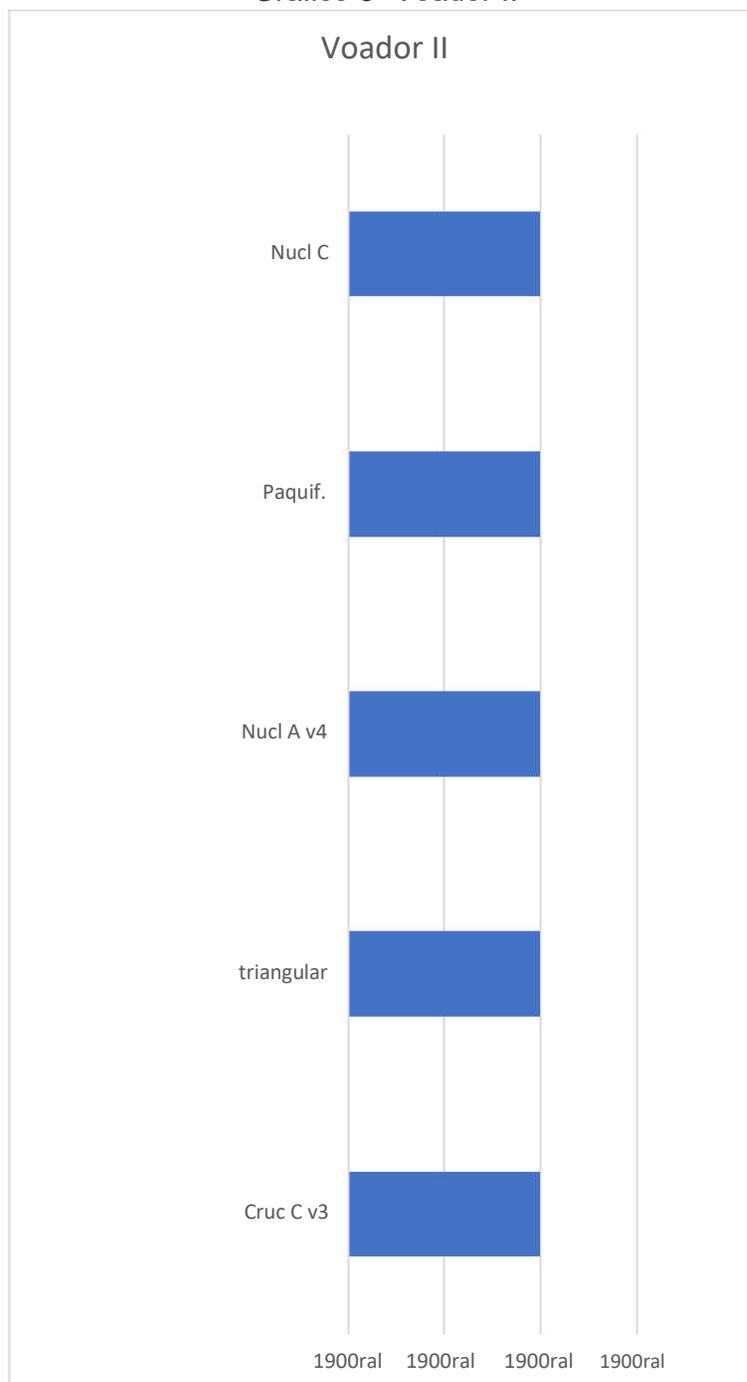
### 6.8.4 Voadores

Gráfico 2- Voador I



Fonte – FILIPI POMPEU (2021)

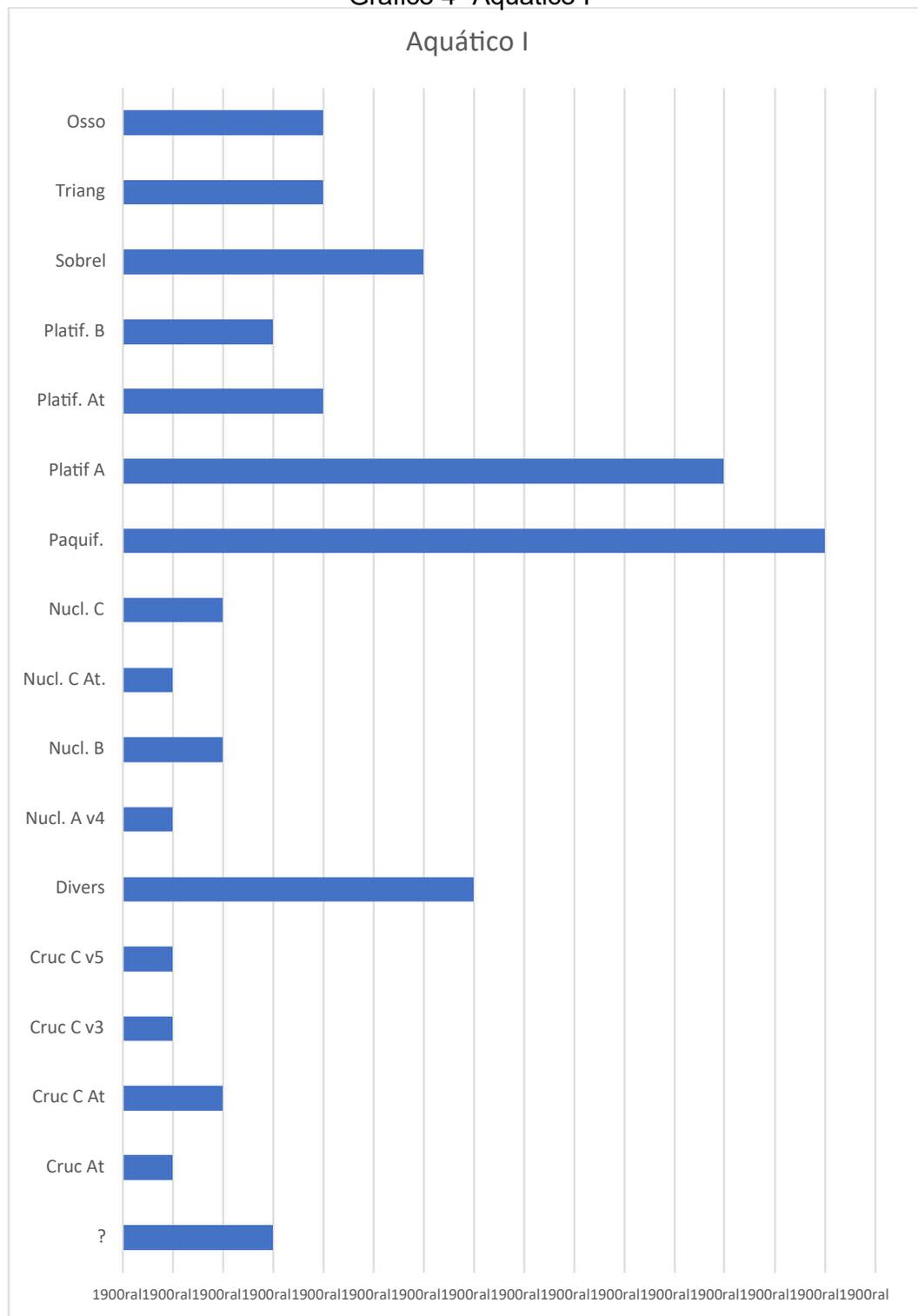
Gráfico 3- Voador II



Fonte - FILIPI POMPEU (2021)

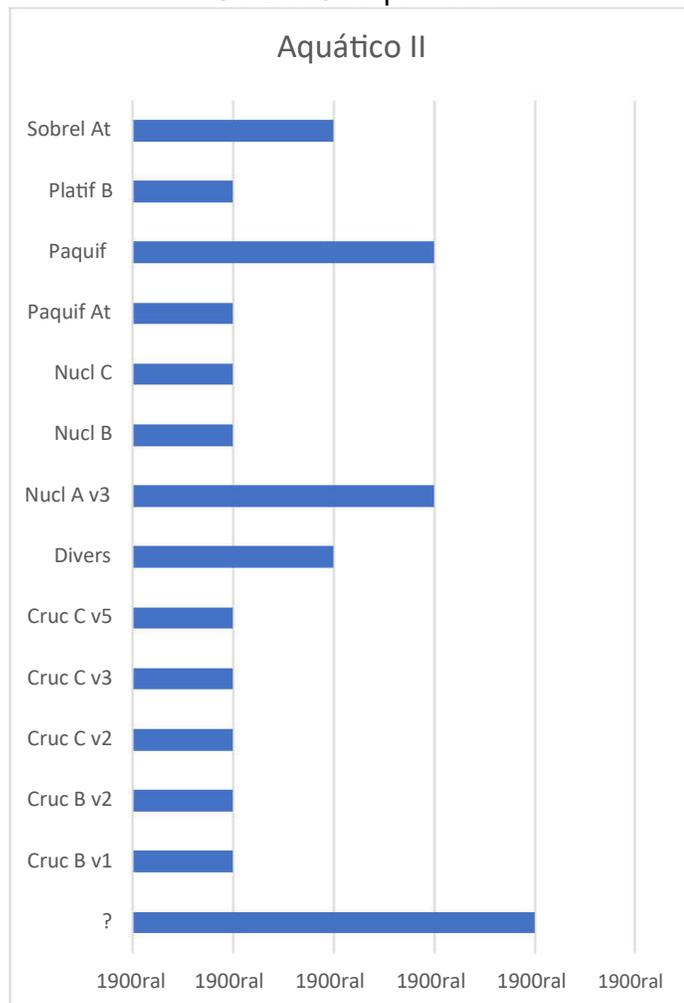
## 6.8.5 Aquáticos

Gráfico 4- Aquático I



Fonte 21- FILIPI POMPEU (2021)

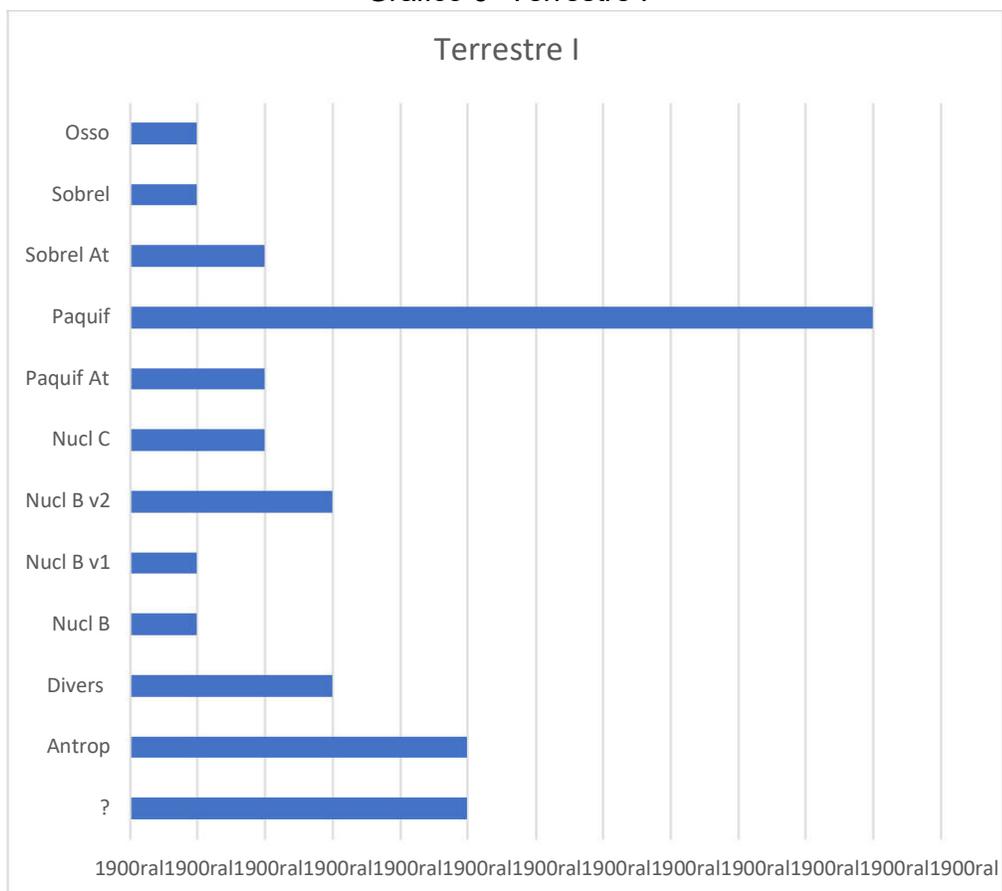
Gráfico 5- Aquático II



Fonte - FILIPI POMPEU (2021)

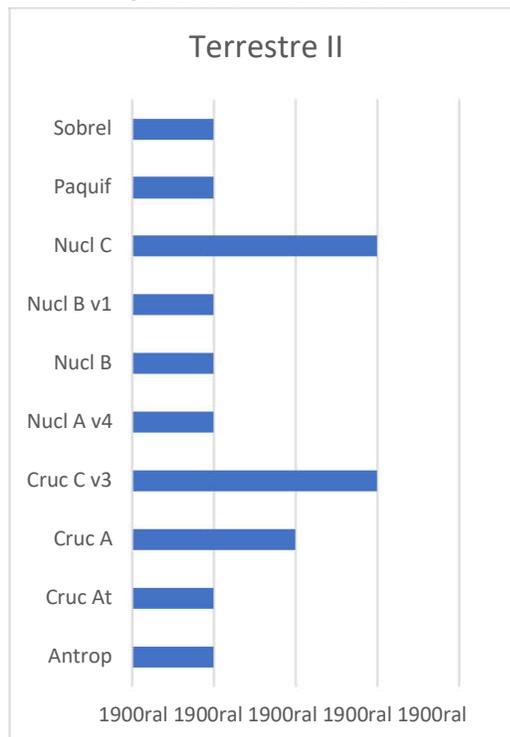
## 6.8.6 Terrestres

Gráfico 6- Terrestre I



Fonte - FILIPI POMPEU (2021)

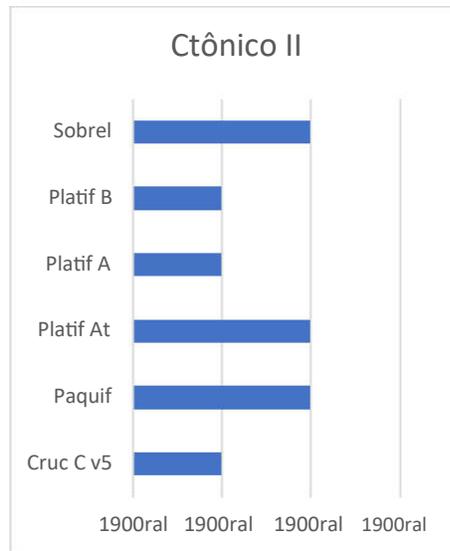
Gráfico 7- Terrestre II



Fonte - FILIPI POMPEU (2021)

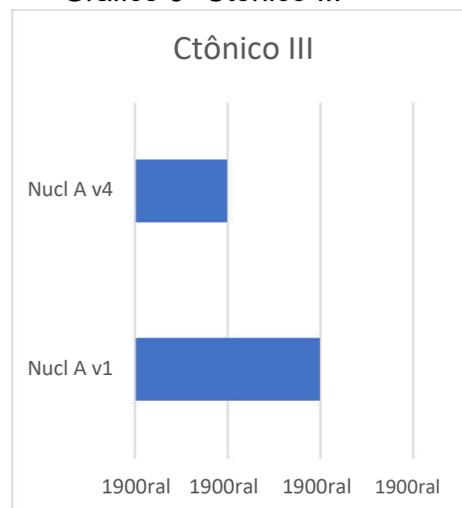
## 6.8.7 Ctonico

Gráfico 8- Ctônico II



Fonte - FILIPI POMPEU (2021)

Gráfico 9- Ctônico III



Fonte - FILIPI POMPEU (2021)

Em suma, podemos apreciar que há uma distribuição das esculturas numa paisagem mais ou menos hipotética sugerida pela relação entre natureza da cavidade e do animal incorporado. Os animais que estão numa relação de alto/baixo, seja por suas cavidades e/ou por sua capacidade de voo, estão ocupando um trecho da paisagem oposto ao de animais de cavidades rasas, cujo bloco natural é típico das áreas associadas à turbulência aquática onde moram os animais em questão. É

perceptível para quem conhece a teoria do movimento e da vida dos grupos autóctones animistas (INGOLD, 2000, 2012) que a correlação não é fortuita: estes corpos animais estão sendo trabalhados em virtude dessa percepção construtiva do corpo e da metafísica simultaneamente (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b). Agregue-se a esta noção ainda uma outra: os zoomorfos são esculturas conhecidas por admitirem bastante “ambiguidade de expressão”, em geral – aliada à uma certa inconstância iconoclástica que, não raro, reduz as formas e mistura os tipos; não diferentemente das representações xamânicas das cerâmicas amazônicas onde várias espécies humanas, animais e sobrenaturais se amalgamam em quimeras confusas e cativantes.

Mas, ao contrário de considerarmos esse ruído como uma barreira à interpretação, apenas notamos que elas abrem relações *entre* os meios terrestre, aéreo e aquático ao inserir a presença assimétrica de animais análogos tanto a um como a todos elementos em algum ponto da realidade observável e da estilística sambaquiana. Essas inversões e reversais, às vezes, se coligam e, às vezes, se antagonizam, com diversas esculturas representando pontes temáticas entre estilos diferentes, e até mesmo antagônicos. Para acomodar confortavelmente e com clareza essa distinção estilística e animalista pré-posta por Proust, conseguimos *ontografar* uma carta cosmológica provisória em se tratando dessa paisagem cosmológica que os zoomorfos evocam. Assim, para podermos conformar as perspectivas tipológicas e ambientais numa paisagem abstrata e esquemática, confeccionamos três exemplos do mesmo modelo que funcionam como “peles” sobrepostas – separadas nos dois primeiros, e no último, reunidas com as esculturas. Vamos começar com o “ontográfico” ambiental.

## 6.9 O QUÁDRUPLO SAMBAQUIANO

Uma das noções que absorvemos (ou que nos absorve) ao nos situarmos no topo de um sambaqui, é a noção de distância. Sítios monumentais, alturas monumentais – já está comprovado por pesquisas anteriores que sambaquis contemporâneos pertencentes ao mesmo espaço geográfico são capazes de observar uns aos outros (DEBLASIS et. ali. 2007); ao mesmo tempo que já comentamos sobre o seu caráter gigântico para quem o observa de baixo para cima (WIENER, 1876;

DUARTE, 1968; FISH et. ali. 2010). Mas o que acontece quando cruzamos a visão de cima com a visão de quem está embaixo é, justamente, uma miniaturização do objeto para onde o olhar pousa – o mesmo pode ser dito com relação à distância onde o que estava, por exemplo, perto, se distancia ao mesmo tempo que diminui conforme busca se situar a uma das linhas do horizonte. Parece inocente querer retomar essas noções elementares de física. Porém, quando elas são eivadas de uma concepção cosmológica, os eixos onde os elementos da paisagem se conectam mudam de perspectiva: de pontos abstratos de um limite distante, passam a ser pontos de gravidade para o olhar, de um modo similar à noção de profundidade nas artes plásticas. A diferença é que esses pontos de conexão são, numa apropriação fenomenológica da construção dos corpos multinaturalistas, precisamente as formas corporais pelas quais se atravessa a paisagem, como o estudo da etologia dos animais demonstrou acima.

A capacidade de visibilidade dos animais que todo ano vêm visitar o litoral pelo ar, terra e água tem diretamente a ver com as condições de observação da paisagem. Tanto faz se estamos procurando animais transformados em alimento, escultura ou num parente; se é o corpo animal que nos interessa, o sambaqui como ponto de vista se torna uma necessidade. A partir de um sambaqui é possível olhar tanto para as estrelas durante a noite, como observar a chegada dos pescadores, as pessoas mariscando na praia e puxando redes de arrasto nos baixios alagados e de águas transparentes das enseadas mais internas. Também é possível, deste observatório privilegiado, também assistir à perseguição de cardumes de tainhas, anchovas e outros peixes coletivizados como um grande corpo por um grupo organizado de golfinhos – ou seriam tubarões, assim, de tão longe? Outros animais facilmente avistáveis dali são as famílias de baleias que todo ano vêm visitar o nosso litoral, cortando a linha horizontal onde o céu toca o mar com seu jato alto de gotículas... O que nos faz olhar para o azul infinito, rastreando a chegada de formações aéreas das diversas espécies de aves que vêm e vão, tendo no mangue e nas enseadas, alimento, proteção e abrigo. Também é possível vislumbrar outras questões, mais diuturnas, como a chegada ou saída da maré, que age sobre a praia como uma membrana permissível ao mergulho, mas jamais ao olhar – revelando em suas transgressões máximas e mínimas todo um mundo povoado por uma série de alteridades enterradas na areia como o miracéu, camufladas no fundo como um

linguado, ou imitando folhas secas e detritos como parús e prejerebas; além de, claro, muitos moluscos. Às vezes, anunciada por alguma espécie animal capaz de antecipar sua partida e, às vezes, totalmente de supetão, ela entra ou se retira das enseadas trazendo consigo sem pedir permissão, ou deixando para trás em atolamento súbito diversas entidades móveis e sésseis, minerais e orgânicas, de topo e de fundo, centrifugando num tumulto submarino pedras roladas, carcaças meio devoradas, conchas de moluscos, peixes, equinodermos, algas e nuvens de areia.

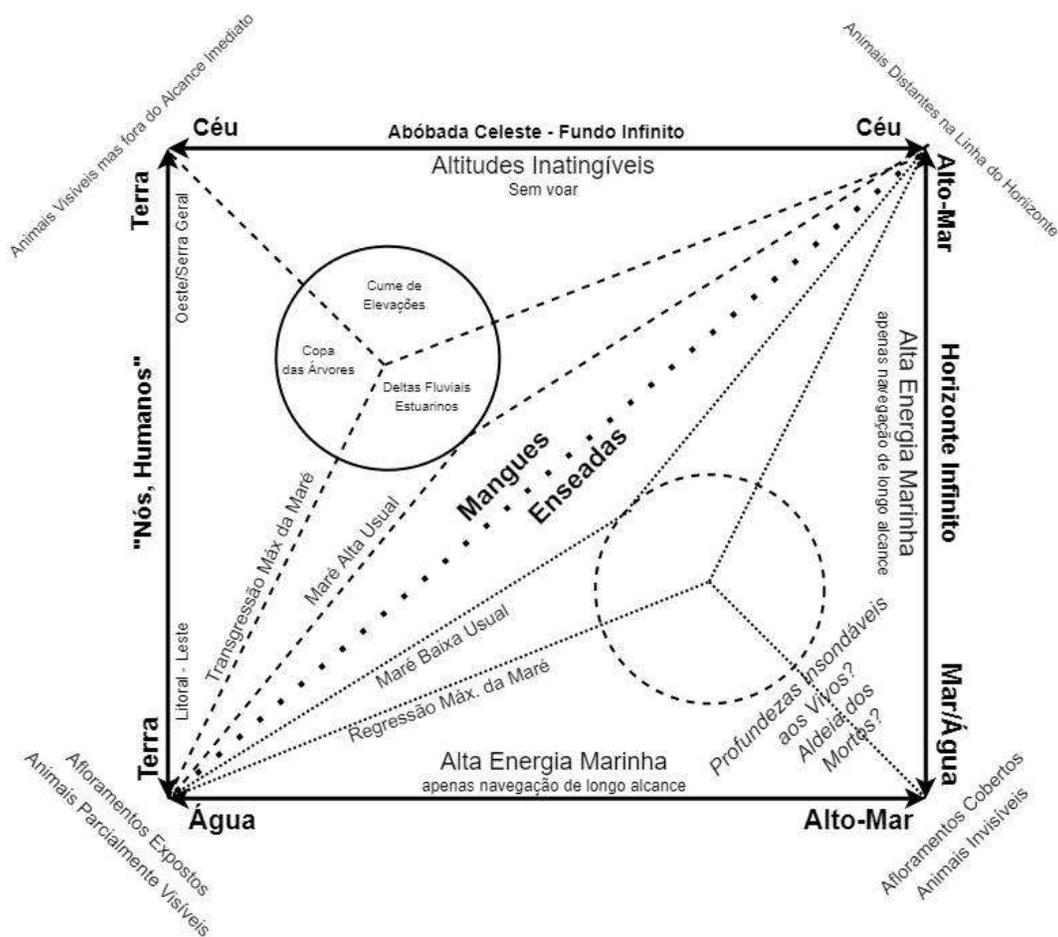
Essa membrana móvel da maré, que torna um mundo-outro visível para quem não sabe ou pode ser peixe, é mais translúcida se deslocamos nosso olhar para o interior da terra firme, em que as enseadas sofrem muito menos a alteração túrbida das águas oceânicas; ali, naquelas águas vadeáveis a pé não é preciso esperar a hora certa para ver esse mundo-outro das criaturas aquáticas. Tanto o mangue quanto a enseada oferecem essa possibilidade aos olhos humanos – pelo menos enquanto for possível prender a respiração. Esta profundidade, ao nosso alcance imediato, contrasta com as águas escurecidas onde apenas embarcações adequadas podem navegar (e mesmo assim, apenas pela superfície, sem poder olhar para baixo). Dentro das águas mais profundas, usual lar dos mortos para vários grupos indígenas do Brasil (VIERTLER, 1991), é impossível observar, a não ser que, talvez, alguém já esteja morto...? (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b).

No horizonte interior, a visão é bloqueada pela Serra Geral, onde as elevações cobrem parcialmente, com uma linha irregular como as escamas protuberantes de um jacaré monumental (ALTAMIRANO), a platitude que o toque do céu e do mar conjuga. Aqui, onde o céu toca a terra, há escalas de altitude como há marés altas e baixas. Da mesma forma, é possível com algum esforço elevar plataformas, escalar árvores, morros ou mesmo os paredões rochosos da Serra em busca de um maior contato com as entidades celestes, quiçá constelatórias. Dessas altitudes verte a água doce filtrada pelo basalto e arenito em direção aos deltas junto com sedimentos que variam de pequenos seixos a blocos de tamanho considerável, lentamente extraídos da matriz basáltica ao longo de milênios; estradas fluviais que os povos sambaquianos conheciam com a intimidade de um colega de quarto quando necessitavam subir ou descer de um bioma para outro.

O sambaqui não apenas vê a paisagem, como a contém. Corpo feito de um milhão de corpos, ele conecta através do olhar as membranas que separam os outros-

corpos que ainda estão vivos e móveis na paisagem (INGOLD). De cima deste sambaqui hipotético, visitamos brevemente o todo da paisagem; porém, essa fenomenologia pode ser apreciada de qualquer sambaqui de estatura considerável – basta ir lá e ver. Essa perspectiva do sambaqui é a que assumiremos; não a do sítio, pé claro, mas *a partir* de um sambaqui que, como todos os outros, se situa na beira dos mundos – é preciso assumir uma perspectiva, contudo. Esta está no eixo terrestre, esquerda; o resto do ontográfico se resume a ilustrar as relações todas que acabamos de descrever e tornar convergentes.

Figura 128- Ontografia preliminar da paisagem cosmológica sambaquiiana.



Fonte – FILIPI POMPEU (2021)

O ontográfico possui formas geométricas, ao invés da paisagem real; realizemos, portanto, uma *segunda* descrição que revele as associações entre as formas e o natural como um cosmos, convergindo algumas noções

Os quatro eixos conectam a água com o céu, e a terra, assim como há a terra conectada ao mar e o céu; em suas respectivas posições. No meio, há um grande prisma, rodeado por quatro triângulos escalenos que detalham as relações absolutas de cada meio para si e entre si. Os círculos, posicionados nos eixos de contato internos entre o prisma central e dois triângulos de cada lado, ressaltam topologias de altura (círculo contínuo<sup>375</sup>) e de descenso (círculo descontínuo). Eles foram inspirados pelas tipologias sobrelevadas e platiformes, como veremos no próximo ontográfico – o importante é entendermos que o círculo contínuo é acessível, mas com dificuldade cada vez maior entre cada terço; o do delta é tráfego usual, talvez auxiliado por veículos aquáticos<sup>376</sup>; o da copa das árvores e do cume de elevações é apenas escalável e impermanente (não é possível a um corpo humano fixar residência ali sem algum tipo de transformação adaptativa). Já, do círculo descontínuo, apenas o terço interno ao prisma central é vadeável à forma humana “neutra”; pois representa trechos de recuo da maré, que, similarmemente aos deltas, também são visitados por animais de diversas espécies.

Contudo, a terra está marcada pelo enunciado “Nós, Humanos”, como dissemos; isso se deve ao etnocentrismo inerente a qualquer grupo cultural que existe; como somos pessoas em corpo de humano, não estamos equipados para atravessar da terra para o céu ou a água da mesma forma que nossos contra-corpos animais – o triângulo escaleno do céu, que só pode ser alcançável sem asas parcialmente. Portanto, o prisma, próximo a nós<sup>377</sup>, humanos, se refere a áreas reais em que é possível a uma criatura com capacidades corporais humanóides mergulhar e *ver embaixo da água*, efetivamente alterando sua perspectiva do mundo. Sabemos que os povos sambaquianos eram exímios mergulhadores e respeitáveis navegadores (OKUMURA, BOJADJIAN, EGGERS, 2006; LESSA, CARVALHO, 2015), e, ao mesmo tempo, a região se refere a áreas de formação natural de seixais, que, também já

---

Um terço do círculo está descrito como “deltas”, sendo esta uma parte topologicamente baixa. Contudo, é a partir dali que a terra começa a se elevar ou se estabilizar em superfícies planas, sendo também um ponto de conexão entre as águas doces e salgadas nas enseadas e manguezais.

E terra natal de 74% dos sambaquis paranaenses e norte-catarinenses estudados por Bigarella (2011c, p.21). Especialmente no ponto de conexão terra/água.

bastante martelado aqui, eram pesquisados pelos povos sambaquianos em virtude de suas emulações animalistas (PROUS, 1977a). Atravessa esse prisma, conectando os eixos de contato terra/água e céu/água<sup>378</sup> uma longa linha pontilhada que traça uma distinção metafórica entre o mangue e as enseadas – também locais de plena circulação de pessoas, humanos e animais, não raro sob a forma de corpos seixosos, carnosos, escamosos e emplumados. Essa linha central exerce especial gravidade sobre os seixos por representar um grande ecótono que influencia com vigor afloramentos rochosos ao mesmo tempo que acumular partes roladas dele junto às suas regiões mais batidas pelas ondas ou arrastadas pelas correntes fluviais, convergindo para esse território “tradicional”<sup>379</sup>. As linhas pontilhadas e descontínuas paralelas já estão descritas como metáforas para a ação infalível da maré – metáforas porque sabemos que a maré alta no alto-mar pode não ser relevante, ou mesmo visível, para quem está em terra; assim como sabemos que o alcance máximo da maré não sobre até as nascentes dos deltas. Contudo, em se levando a considerar os movimentos regressivos e transgressivos da altitude do mar, as relações com as implantações de sítios associados com a proximidade de ambientes salobros (ora mais doces, ora mais marinhos) e a numerosa fauna e flora que caracterizam as relações ecológicas do ambiente, ela precisa ser metafórica. Tudo isso nos permite assinalar espaços *cosmológicos* de circulação usual, incomum, rara e sobrenatural, tanto de corpos animais quanto de almas humanas. Agora é possível, igualmente, relacionar a sensibilidade da visão com as áreas que são alagadiças e suas visibilidades totais, parciais e possíveis – sempre a partir de nosso corpo humano. Finalizando e nos desvinculando dos corpos e perspectivas humanas visíveis, também é necessário situar os outros domínios vedados ao alcance de quem não tem asas ou nadadeiras. Os dois triângulos escalenos aquáticos são trechos inacessíveis para quem não possui um equipamento de mergulho ocidental ou uma capacidade xamânica de deslocamento; realmente, é um outro mundo, invisível e insondável a não ser navegando sobre sua superfície – embora ainda não esteja claro como se dava a atividade náutica (CALIPPO, 2011), ela era imensamente presente tanto como os artefatos tardios de pesca em alto mar ressaltam (LIMA, 2000).

Esse ontográfico preliminar ainda deve ser associável com as esculturas – pode não ser possível afirmar que qualidade de entidade os animais-esculpidos

---

Veja-se bem que cerca de 40% da nossa amostra de 322 esculturas são aviárias (136 esculturas). Mas jamais exclusivo, dado que há zoomorfos elaborados em matéria-prima não-local e osso.

representam, mas podemos dizer em que parte do cosmos eles poderiam se situar. Voltemos para a questão dos tamanhos da paisagem: o sambaqui promove uma capacidade de afastamento efetivo por conta de sua *altura/tamanho*. Essa relação volumétrica também é fundamental para Prous, que, aparte dos paquiformes, vincula tipos através desta relação entre *tamanho* e *forma*. Assim, o sambaqui fenomenológico engloba os zoomorfos pelo seu volume monumental ao mesmo tempo que empresta esse atributo para que os zoomorfos possam se pensar uns aos outros.

Mas, espere um pouco, como um zoomorfo pode pensar - e em si mesmo? Pensemos juntos: uma ideia é algo abstrato e invisível, geralmente oculto dentro de nossas cabeças ou do que quer que costumemos atribuir consciência. O multinaturalismo perspectivista já nos deixou claro que devemos pensar os corpos esculpido como entidades independentes por si e interdependentes entre si e nós mesmos, ontem e hoje. A ideia *cabe* dentro de um *corpo*, como podemos deduzir. Se seguirmos essa lógica para as esculturas teremos que reverter um pouco a nossa lógica usual: em vez das cavidades serem pensadas como contentores – o que sabemos que não é, por diversas razões (PROUS, 1974a, p. 134-136) – seria interessante considerá-las como *contidas pela escultura*, pelo corpo, gesto e afecção animalista. Não estamos querendo correlacionar diretamente uma relação *cavidade-pensamento*<sup>380</sup>, mas colocar que, se o volume total das esculturas contém os volumes das cavidades, as próprias esculturas podem conter umas às outras numa relação que varia desde o monumental até os zoomorfos miniaturizados (GOMES, 2012; PROUS, 2018), como diversas camadas de linhas de crescimento de uma concha ou como várias peles sobrepostas de uma *matryoshka*. Da mesma forma que o seixo prevê o animal, a cavidade prevê a escultura – seja porque precisa ser escavada, seja porque foi encontrada em consonância ambiental, sobrenatural ou intuitiva. Isso explica o segundo ontográfico, que busca coligar essa paisagem cosmológica aos zoomorfos e suas diferentes distribuições de tipos, formas, espécies e geografias. Os eixos consagrados aos domínios da terra, céu e água estão marcados com as cores vermelha, laranja e azul, respectivamente – e os círculos dentro dos triângulos escalenos se referem, em fato, a esculturas específicas. Seleccionamos como ponto de partida as tipologias sobrelevadas e platiformes. Entendemos que o tipo

---

Embora isso seja possível agora.

sobrelevado, com seu volume duplo que *eleva* o animal esculpido e vaga especificidade (apenas animais majoritariamente aquáticos foram interpretados) e o tipo platiforme, com seu volume linear planificado como um horizonte, realismo global e com cavidades contentivamente dúbias, seriam ideais para inscrever polos dos quais o cosmos verte: se ter um volume maior, como temos divulgado nos últimos parágrafos, é correlato a um diferente olhar, as esculturas de maiores volumes em cada círculo conterão todas as outras, seja o animal esculpido exclusivo ou não a qualquer um dos três domínios da paisagem – *da mesma forma que um sambaqui*.

As esculturas que foram escolhidas como matrizes (“mães”) para posicionar as suas aparentadas, portanto, deveriam ser as maiores de suas tipologias a partir de suas cavidades. A baleia sobrelevada e encaçada N°1, com sua cavidade de 120d<sup>3</sup> recebeu o lugar de honra no círculo contínuo. Dois eixos partem do seu núcleo, que são mensurados com a escala do volume da cavidade até os pontos compartilhados entre as três membranas – em cada caso, as medidas de volume absoluto estão fixadas nos eixos de setas preenchidas mais externos. Assim, a baleia encaçada conterá todas as aves e todos os animais terrestres, mesmo sendo um animal predominantemente marinho, situado no topo daquilo que, nos olhos e coração de uma baleia é uma montanha muito alta para ser alcançada sem os ventos da maré: o ponto de transgressão máxima da maré. Do outro lado do mangue e da enseada, no círculo vazado está o sargo/linguado N° 7. Há peixes esculpidos com cavidades mais rasas ou volumes maiores do que esse peixe híbrido platiforme, porém, seu volume de cavidade garante efeito similar ao da baleia encaçada junto aos outros animais esculpidos de origem aquática. Similarmente, seus eixos e o círculo permitem transição entre a água, o céu e a terra, embora sua superfície de contato imediato seja maior ao nível do chão – seu eixo nesta conexão se refere apenas aos volumes de esculturas sem cavidade, e a seta preenchida inferior. O seu eixo que parte ao horizonte aéreo, contudo, se refere ao volume das cavidades de animais esculpidos aquáticos; em contraponto à seta externa que mensura os volumes aquáticos a partir dos 250d<sup>3</sup> de volume total que o sargo/linguado possui. No centro, como uma membrana entre o mangue e a enseada, existe um eixo que é centralizado, ainda, por uma última escultura, a de N° 180. O animal ali presente não pôde ser interpretado por Proust, último a descrevê-lo; mas a situação especial que ele apresenta merece

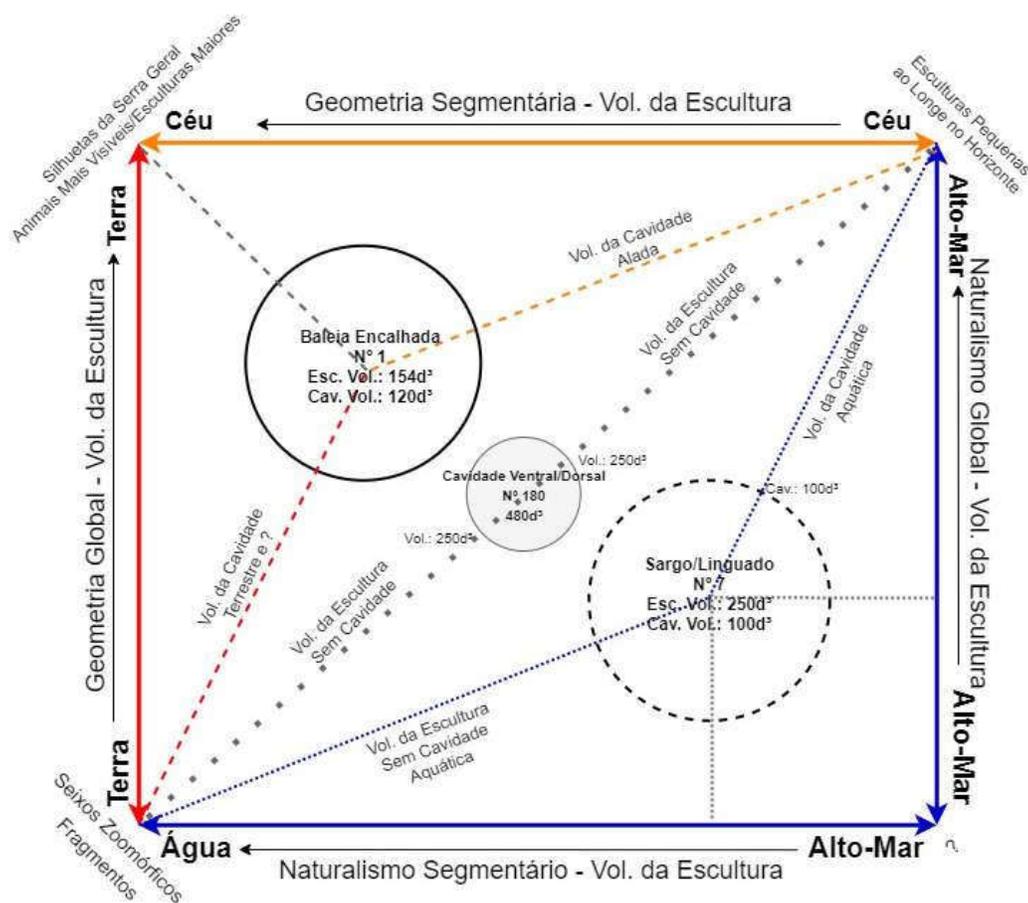
---

uma citação que ajude a justificar sua posição central a partir daquilo que é central para os zoomorfos; a sua cavidade:

Curieusement, il est impossible de déterminer si elle est ventrale (comme chez pratiquement tous les zoolithes non plateformes) ou dorsale; on ne peut en effet savoir avec certitude quel est le haut et le bas de l'objet; par rapport aux branches latérales (considérées comme des 'ailes'), la cavité serait ventrale; par rapport à la tête, il semblerait qu'elle soit dorsale. (PROUS, 1974a, p. 52).

Reunindo algumas ambiguidades centrais, o animal esculpido N° 180 também é o mais volumoso, com o eixo central servindo de referência final para qualquer escultura que não possa ser associada claramente a algum bicho, ela se encaixa confortavelmente no centro das esculturas de maior e menor cavidades. Finalmente, cada um dos eixos apontando para terra ou céu, que partem desse miolo, são pertinentes às esculturas aéreas, terrestres ou aquáticas que não possuem cavidades.

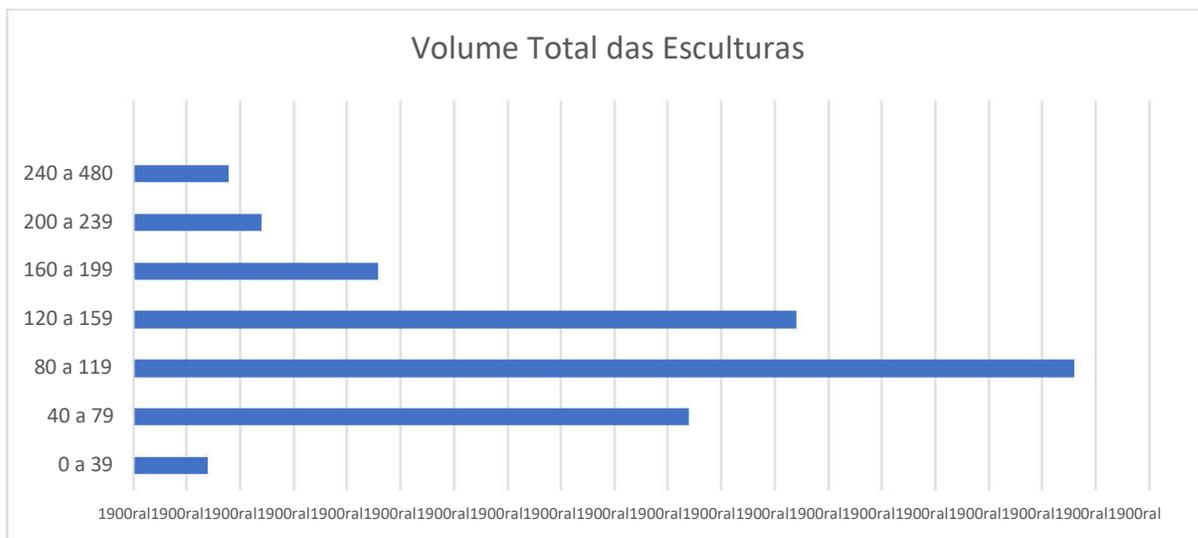
Figura 129 – Ontográfico preliminar dos volumes escultóricos dentro da paisagem cosmológica sambaquiiana.



Fonte – FILIPI POMPEU (2021)

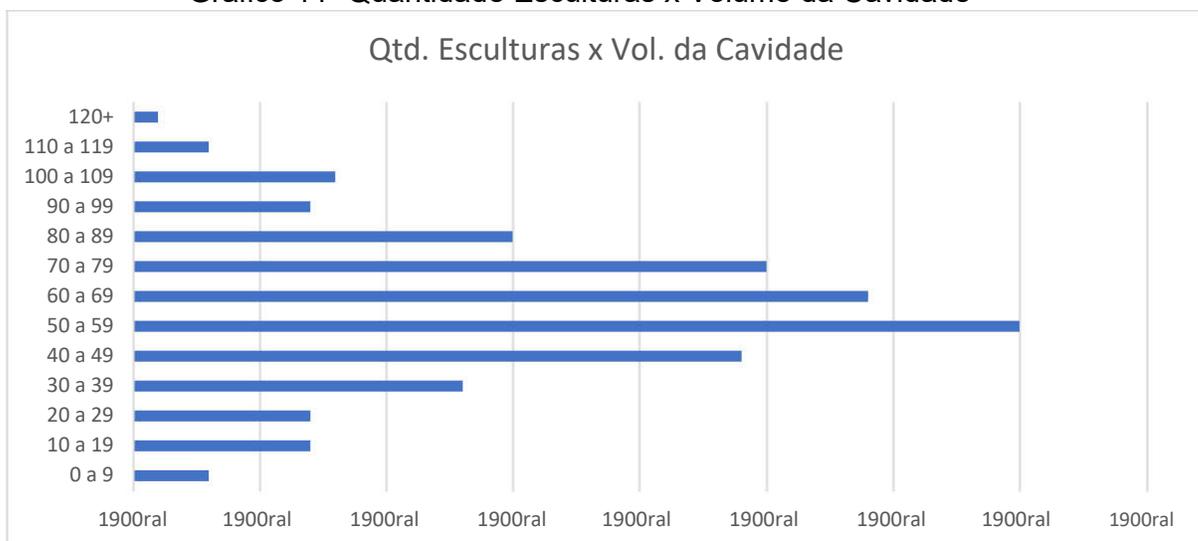
Para distinguirmos entre volumes pequenos, médios e grandes, fizemos todas as médias individuais e uma grande média coletiva da grande maioria das esculturas. Não sabemos infelizmente a profundidade de diversas cavidades - ou porque não contávamos com a pandemia, ou porque não contávamos com nossa pouca astúcia – e estes animais foram considerados pelas imagens e a partir de nossa própria experiência pessoal etnografando em pessoa por volta de 60 esculturas (em alguns casos, visitamos coleções em três momentos).

Gráfico 10- Volume Total das Esculturas



Fonte – FILIPI POMPEU (2021)

Gráfico 11- Quantidade Esculturas x Volume da Cavidade



Fonte – FILIPI POMPEU (2021)

Assim, delimitamos para fins de plotagem no ontográfico final os seguintes volumes por tamanhos: esculturas de volume muito pequeno (de 1 a 39d<sup>3</sup><sup>382</sup>); de volume pequeno (40 a 79d<sup>3</sup>); médio (80 a 119d<sup>3</sup>); grande (120 a 159d<sup>3</sup>); muito grande (160 a 199d<sup>3</sup>); e massivo (200 a 480d<sup>3</sup>). As cavidades por sua vez, são apenas de volumes grandes (80 a 120d<sup>3</sup>); médios (40 a 79d<sup>3</sup>); e pequenos/muito pequenos (10 a 39d<sup>3</sup> e 1 a 9d<sup>3</sup>, respectivamente).

Volume que sugeríamos para a recente categoria de “minizoólitos”, em que deixamos cerca de 12 espécimes de fora de nossa análise. Saberemos onde se localizam na paisagem, contudo.

Pudemos distribuir as outras tipologias que exploram a relação das cavidades no mesmo esquema; se um dia, num momento antes do tempo, alguma entidade demiúrgica chateada com o infinito arremessou, talvez, sem antecipar que este seria um ato de criação, estrelas do céu sobre a terra e a água – e essas viraram montanhas, lagos, ilhas, zoomorfos e sambaquis – foi assim que aconteceu: os miscelâneos<sup>383</sup> paquiformes acabaram atingindo no lado mais aquático por não possuírem cavidade e por sua forma geral se assemelhar às dos seixos encontrados nas praias de rios, pântanos e arrecifes; os nucleiformes, por terem uma cavidade por costume, estão mais aproximados dos sobrelevados – estes, animais aquáticos<sup>384</sup>, por isso dentro da área da maré, região de encontros acidentais ou provocados com este tipo de criaturas. Os nucleiformes da primeira variedade, que podemos interpretar como aves<sup>385</sup>, caem no eixo que parte dos sobrelevados em direção ao céu, mas não muito longe dos sobrelevados, seus parentes com cavidade. Os segundos nucleiformes estão, por assim dizer, do outro lado da praia, transitando entre os ambientes mistos marítimos e paludais, animais terrestres e aquáticos que são<sup>386</sup>, após sua origem catastrófica. Da enseada para a água, os platiformes, animais aquáticos de fundo com cavidades rasas laterais, caíram nas profundezas, mas visitam frequentemente a terça área dos nucleiformes. Adentro da enseada, que é seu território tradicional de caça junto com diversas outras espécies multinaturais. Já, os cruciformes, com cavidades não tão profundas quanto os sobrelevados, mas definitivamente conectados ao céu planando com suas asas estendidas inserem uma observação distante, geométrica, de animais que estão nas mais superiores camadas de ar quente – mas que caçam em terra, orientados por sua visão aguçadíssima. Enfim, o ontográfico final pode ser encontrado no seguinte link<sup>387</sup>:

---

Um grupo majoritariamente aquático: pudemos isolar aves e aves possíveis nos zoomorfos N°s 5, 29, 47 (cabeça com bico), 110, 123, 239 e 264, 7 esculturas, 21,21% do total; Terrestres: N°s 15, 22, 37, 47, 94, 122, 145, 147, 173, 187 e 264 (pinguim em pé), 11 esculturas, 33,33% do total; Aquáticas: N°s 29, 32, 38, 47 (cauda bifurcada), 62, 80 (tubarão), 103, 122 (como tartaruga-marinha – ver próximo capítulo, *infra*), 176, 210, 253, 264 (pinguim), 14 esculturas, 42,42% do total – as restantes, de N° 242, 266, 273, 281, e 291, em geral, parecem aquáticas na mesma medida em que lhe faltam traços definitivos para afirmarmos com confiança.

Apenas interpretamos o N° 33 como uma tartaruga-marinha por sua forma geral e seu hábito de fazer a postura de seus ovos em praias brasileiras.

A variedade 1 possui 8/10 esculturas associáveis a aves: N°s 20, 28, 31, 67, 140, 159, 185 e 203 (cauda);

A variedade 2 possui ¾ terrestres, os de N°s 91, 100 e 108; o restante, N° 39, se realmente um sirênio, é um animal aquático, mas parcialmente terrestre também.

A imagem deveria ser incluída no corpo do texto, porém, devido às suas grandes proporções, isto diminuiria sua visibilidade.

<https://filipipompeu.github.io/ontografico><sup>388</sup>

Deve-se deixar claro que o ontográfico final e as posições de cada escultura nesse cosmos não pretendem exatidão total e absoluta. Na verdade, isso seria impossível, já que antes que o volume da escultura ou da cavidade seja considerado, preciso saber se se sabe qual o animal que está esculpido ou não. Desta forma, não pudemos dar guarida nem pouso a cerca de 85 esculturas por falta de informações na bibliografia e porque nós mesmos não conhecemos a escultura, senão por imagens reduzidas em número e qualidade. Como se isso já não dependesse de subjetivo o suficiente, algumas esculturas que se transformam quando consideradas de perfil, invertendo-se cabeça e cauda, ou cavidade para cima ou para baixo (PROUS, 1977a, p. 80-81; RIBEIRO, RIBEIRO, SILVEIRA, 1977, p. 14-15; GOMES, 2012, p. 210; ORICCHIO, 2020, p. 119), o que as levaria a ocupar dois lugares ao mesmo tempo no ontográfico – onde não podemos impedir a analogia com o comportamento corriqueiro de partículas quânticas. As esculturas são irreduzíveis a gráficos e ilustrações da mesma forma que um *quantum*; porém, seu surgimento pode ser antecipado, como já sabemos, por uma cavidade (no caso escultórico), e pela superposição de partículas atômicas no mesmo lugar – elas só se revelam como uma ou outra quando assumimos uma perspectiva a respeito delas. E, como sabemos, no multinaturalismo, o que você é capaz de ver também diz onde é o seu lugar no mundo, ou qual a sua condição de saúde, em casos mais graves (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b). Isso nos leva a pensar que o ontográfico dos zoomorfos é apenas a versão deles da realidade sambaquiã; assim como pode ser a decantação de uma forma de anamnese que um xamã faria:

Pois é altamente provável, no que concerne aos *humanos*, os Makuna diriam, muito ao contrário, que só existe *uma* vera e justa representação do mundo. Se começarmos a ver, por exemplo, os vermes que infestam um cadáver como peixes grelhados, ao modo dos urubus, só poderemos concluir que algo anda muito errado conosco. Pois isso significa que estamos virando urubu, o que não consta normalmente nos planos de ninguém: é sinal de doença, ou pior. (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b, p. 378).

Por exemplo, o peixe N.º 7, encontrado em Laguna, sul de Santa Catarina, foi identificado em diferentes momentos históricos por diferentes ictiólogos como um sargo-de-dentes (*Archosargus probatocephalus*), e um linguado (*Paralychthys sp.*). Quais são as consequências de ver um ou outro? Será que ao ver um sargo, animal que já identificamos como associado às marés vermelhas e que come mariscos com dentes de gente, vemos um parente? Ou, se observarmos um linguado, teremos que começar a ter cuidado para evitar um? E, o mais importante, o que isso diz sobre nós? Não sabemos as respostas para essas perguntas, mas sabemos que elas podem ser feitas.

#### 6.10 O UNIVERSO NUMA CASCA DE MARISCO

As esculturas nos guiaram até as fímbrias do cosmos sambaquiano, mais uma vez. Mas um ontográfico de zoomorfos apenas se restringe aos zoomorfos – às esculturas propriamente ditas. O que nos falta é retornar aos sambaquis, cuja posição em relação ao esquema recém apresentado seria *externa*: o sambaqui sempre será o melhor lugar de observação *cosmológica* (ao invés de geográfica) da paisagem. Da mesma forma que não podemos separar conceitualmente as cavidades das esculturas e as conchas dos sambaquis, também não podemos separar os sambaquis dos animais esculpidos, que costumam ser periféricos quando não funerários, e/ou enterrados como depósitos votivos ou restos de alimentação dentre as camadas dos sítios.

Está fora de questão uma origem estrangeira das esculturas, como foi malabarizado por autores anteriores (IHERING, 1885; SERRANO, 1947; MENGHIN, 1960), e hoje podemos afirmar com tranquilidade que ambos fenômenos arqueológicos possuem forte interdependência: os zoomorfos são o artefato-guia da cultura sambaquiana (PROUS, 1991). Todavia, essa relação arqueológica é contrastável com os diferentes contextos extra-sambaquianos nos quais zoomorfos foram encontrados – e quando lá dentro, sempre estão associados a sepultamentos, sendo isto tomado geralmente como um indicativo da sua importância simbólica (BIGARELLA, 1960; ROHR, 1977; GOMES, 2012; MILHEIRA, 2014). É curioso que o artefato-guia da etnia esteja na maior parte das vezes dissociado das estruturas arqueológicas onde encontra sua razão conceitual. Numa relação de inversão, a alta

mobilidade das esculturas, que perdura até hoje com itens sendo encontrados e desaparecendo de coleções e museus, contesta com vigor a monumentalidade típica dos elefantes brancos do litoral – estes últimos retransformados em sua sessibilidade como edifícios coloniais<sup>389</sup>. Os sambaquis, fenomenologicamente constituídos de mariscos sésseis – quando em vida e como montes de conchas - não parecem ter sido pouso permanente para zoomorfos, salvo como auxiliares das manifestações funerais. Para tentarmos entender essa discrepância, vamos analisar sucintamente a constituição material destes sítios tão despídos de *animais-pedra* quanto preenchidos pelos restos de uma vasta fauna.

Os estudos zooarqueológicos representam um grande volume da bibliografia produzida sobre o assunto desde que sambaquis viraram fruto de interesse científico. O conceito de sambaqui, como já demonstrado – não por nós, mas pela formação de palavras do Tupi antigo - indica paralelo idêntico ao termo arqueológico de *animal-pedra*; *montes-concha*. A *coisa-conceito*, entretanto, aqui parece possuir maior peso. A relação entre os acúmulos conchíferos que, poderiam ser denominados como sambaquis no senso estrito da palavra, ganham outra conotação quando os “levamos a sério”<sup>390</sup>, como dizem Holbraad e Viveiros de Castro. Isto então significa dizer que a *práxis* de acumular *coisas*, formando *montes*, não é específica do nosso litoral; contanto, a escolha de *conchas* de moluscos bivalves corresponder à maior parte da aferição sensível do que são os maiores montes de conchas do mundo é um traço genuinamente brasileiro, com o perdão do anacronismo, é claro.

A consciência estabelecida no título “Dos mariscos aos peixes” (LIMA, 2000), exprime essa ideia não apenas do ponto de vista dietético como também do sensível. Ao se observar um sambaqui externamente o que se vê e chama a primeira atenção uma maior presença de conchas, pela brancura e pelo tamanho monumental (ver o capítulo etimológico, *supra*). Os estudos arqueológicos comprovaram o caráter, aparentemente, equivocado desta percepção (LIMA, 2000; BANDEIRA, 1992; FIGUTI, 1993; VILLAGRAN, 2013), evidenciando numericamente uma maior presença de peixes e mudando a perspectiva de que estas pessoas comiam mais mariscos do que qualquer outra coisa. O que acontece é que “a receita para um sambaqui” imprime outras ambiguidades: mesmo na arqueologia, essa colocação torna impossível traçar

---

O seu uso como dormente de estradas deve ter auxiliado no deslocamento de inúmeros zoomorfos – se um último arroubo interpretativo é possível.  
<https://culanth.org/fieldsights/the-politics-of-ontology-anthropological-positions>

uma distinção clara entre zooarqueologia e estratigrafia (FIGUTI, 1993), aproximando de tal forma subáreas da disciplina que julgávamos distintas e inconfundíveis há muito tempo. Afinal, o sambaqui, em sua concepção fenomenológica, uma vez que pudemos adentrar seus interiores, também se mostra tripartite como zoomorfos: são *montes-concha-peixe*. É claro que estudos recentes demonstraram a presença considerável de elementos terrígenos – ictiomontículos (VILLAGRÁN, et al., 2010) – que, como o nome estabelece, estão vinculados em consonância com a ictiofauna, podendo ser subsumados um ao outro.

Outro traço indelével da estratigrafia sambaquiana são os sepultamentos. Eles têm sido noticiados desde antes da pesquisa sistemática, como foi trazido, pelo menos, desde Frei Gaspar da Madre de Deus (1797): “Na maior parte d’ellas ainda se conservão inteiras as conchas (...), e ossos de defuntos: pois se algum indio morria ao tempo da pescaria, servia de cemiterio a Ostreira, na qual depositavão o cadaver, e depois o cobrião de conchas” (MADRE DE DEUS, 1797 [1920], p. 122). Importantes não apenas para a determinação da origem antrópica dos sambaquis durante os grandes debates do final do século XIX, início do XX, os sepultamentos estabelecem não raro, grandes continuidades junto aos sambaquis (FISH et al. 2000; VILLAGRÁN et al., 2010). A ausência de estruturas habitacionais pode ser contrastada com as poucas evidências de estacas que parecem estar mais associadas aos próprios sepultamentos, ao menos no litoral sul de Santa Catarina (FISH, op. cit.); mas não incomumente no Rio Grande do Sul (KERN, LA SALVIA, NAUE, 1983) e Paraná (ORSSICH, 1977) são encontradas sem referentes funerários.

A questão é menos simples do que parece, embora seja mais evidente do que possa parecer. A distinção entre humanos e não-humanos na arqueologia impede a percepção de que, em fato, diversas criaturas outrora vivas estão ali sepultadas. Peixes, aves, mamíferos e moluscos todos foram concatenados com cautela para a arquitetura mortuária dos sambaquis – e não à toa. A aparente falta de ambiguidade (são cemitérios mais do que residências) resvala nas relações criadas por uma espécie de “identidade diferencial”: as conchas, como sabemos, tem sua parte dura externalizada, e já apontamos sua relevância fenomenológica para a própria eleição dos sambaquis como objeto de estudo. Todavia, se esse é o traço distintivo dos moluscos, os outros animais o têm em inversão, pois seus ossos, estruturas internas, que são tudo o que resta de uma criatura viva. As conchas sésseis, desta forma, revestem as ossadas coletivas de humanos e animais móveis, compartilhando mais

do que espaço e razão sociológica funerária – mas a própria composição química baseada em cálcio (Ca). As partes moles, desaparecidas, tornam essa diferença latente quando pensamos que parece haver tratamento distinto tanto para ossos de peixes (VILLAGRAN), quanto para ossos humanos (POMPEU, 2015), diante do uso das conchas/moluscos em geral.

Os sepultamentos também têm muito a dizer num teor perspectivista. As exumações clássicas de Tiburtius nos sambaquis do Morro do Ouro e do Cubatãozinho, na região da Baía da Babitonga detonam microcosmos singulares do mesmo trançado tecido entre os elementos da paisagem e da filosofia.

Talvez o enunciado mais vibrante seja o de que os zoomorfos também são capazes de morrer – ou, pelo menos, tornar-se sésseis por uma aproximação ao fúnebre. Contudo, a existência de casos como o do N° 126, queimado, quebrado e enterrado a meia distância entre os sambaquis do Rio Perequê e de Barra do Sul – ou seja, de uma espécie particular de esconderijo ou depósito votivo (GOMES, 2012) em que a escultura é enterrada no chão<sup>391</sup>, nos permite considerar que se trata mais do primeiro caso. Isso que já era constatável pelo sambaqui de Conquista, matriz de mais de quinze fragmentos de esculturas zoomórficas, ganha ainda mais consideração desta forma. Isto, essa assunção de que zoomorfos morrem porque estão dividindo uma cova elaborada com um esqueleto humano, também possui uma conotação arqueológica: estes sepultamentos são coletivos, apesar de conterem apenas os ossos de uma única pessoa. Nos conta Tiburtius sobre seu notável encontro no sambaqui do Morro do Ouro:

Havia neste depósito vestígios de grandes fogueiras representados por camadas calcinadas e fragmentos de carvão vegetal. Dos sepultamentos encontrados neste sambaqui, mencionaremos o que apresenta interesse para este trabalho.

Trata-se de um sepultamento no qual o esqueleto achava-se cercado por diversos objetos entre os quais três zoomorfos. Encontrava-se no lado SE do sambaqui, a 1,30m acima da base, numa camada de aproximadamente 50 cm de espessura, de cor marrom carregada. Aparentemente fora cuidadosamente preparado. Foi possível verificar numerosos detalhes (conforme esquema da fig.

mas infelizmente nada se conservou do material ósseo, extremamente friável e que se desfazia ao menor contato.

Era nitidamente visível que esta camada foi escavada uma cova principal de aproximadamente 2,8m de comprimento, por 1,5 de largura na qual se notavam mais três escavações menores: Uma delas à altura da cabeça e duas outras aos pés. O esqueleto encontrava-se

---

Talvez casos mais intensos sejam o da Ilha de Santana de Dentro e no Morro Mirim, em Imbituba/SC.

no meio, em decúbito lateral direito e com pernas e braços fletidos ( a face dirigida para o sul) com as mãos a aproximadamente 15cm de distância do crâneo, (vide fig. 1).

Aparentemente tratava-se do esqueleto de uma pessoa idosa. O maxilar inferior era estreito e apresentava apenas quatro dentes incisivos extremamente gastos. O maxilar superior não apresentava dente algum.

Em redor do esqueleto encontravam-se diversos objetos: Próximo ao crâneo e com cavidade para baixo os zoólitos n's' 4334 col. Tib. e 4335 col. Tib. (fig.1); Três seixos rolados de forma ovalada (indicados pelos n's 1,2 e 3 fig 1 e de 74, 40 e 112 mm de diâmetro máximo, respectivamente) e uma pedra que parece ter sido usada como objeto manual para amolar outras pedras (indicada pelo n 10 na fig.1).

Na altura da região cervical encontrava-se uma pedra base para batedor(\*), "anvil stone"(fig. 1, n. 8, 14 mm de espessura) e na altura da bacia um martelo de pedra ( fig. 1, n 7). Próximo aos ossos dos pés, encontravam-se dois batedores com depressão(\*) (pedras trabalhadas do tipo frequentemente denominado "quebra-côco")

frente do esqueleto achavam-se os seguintes objetos: Próximo às mãos um martelo de pedra de 115mm de comp. (fig. 1, n 4) e mais duas pedras trabalhadas com evidências de uso (fig. 1, n's' 5 e 6).

A mais ou menos 80 cm de distância dos joelhos, foi encontrado o terceiro zoólito, alongado, de forma altamente estilizada (objeto n 5561 col. Tib., ilustrado na fig. 2) e que descreveremos adiante.

Os objetos de n's 15,16,17,18,19, na fig. 1, encontrados entre êste zoólito e os fêmures do esqueleto, são constituídos por pequenas peças de osso trabalhadas.

Além destes achados, devemos mencionar ainda as pequenas escavações (indicadas pelos n's 20,20a e 21 na fig. 1). Sem dúvida, elas faziam parte do sepultamento. Tinham uma profundidade média de aproximadamente 25cm e circunferência de 18 cm sendo que as próximas dos pés continham carvão vegetal e valvas soltas de berbigão (*Anomalocardia brasiliensis*) e a que se encontrava perto do crâneo continha numerosos restos de peixe de tamanho reduzido. provável que, além destes, outros objetos tivessem sido depositados ao lado do morto, os quais, entretanto, teriam sido destruídos pelas intempéries.

(TIBURTIUS, BIGARELLA, 1960, p. 17-19)

Figura 130 - Sepultamento do Morro do Ouro com zoomorfos Nº 107, 108 e 109

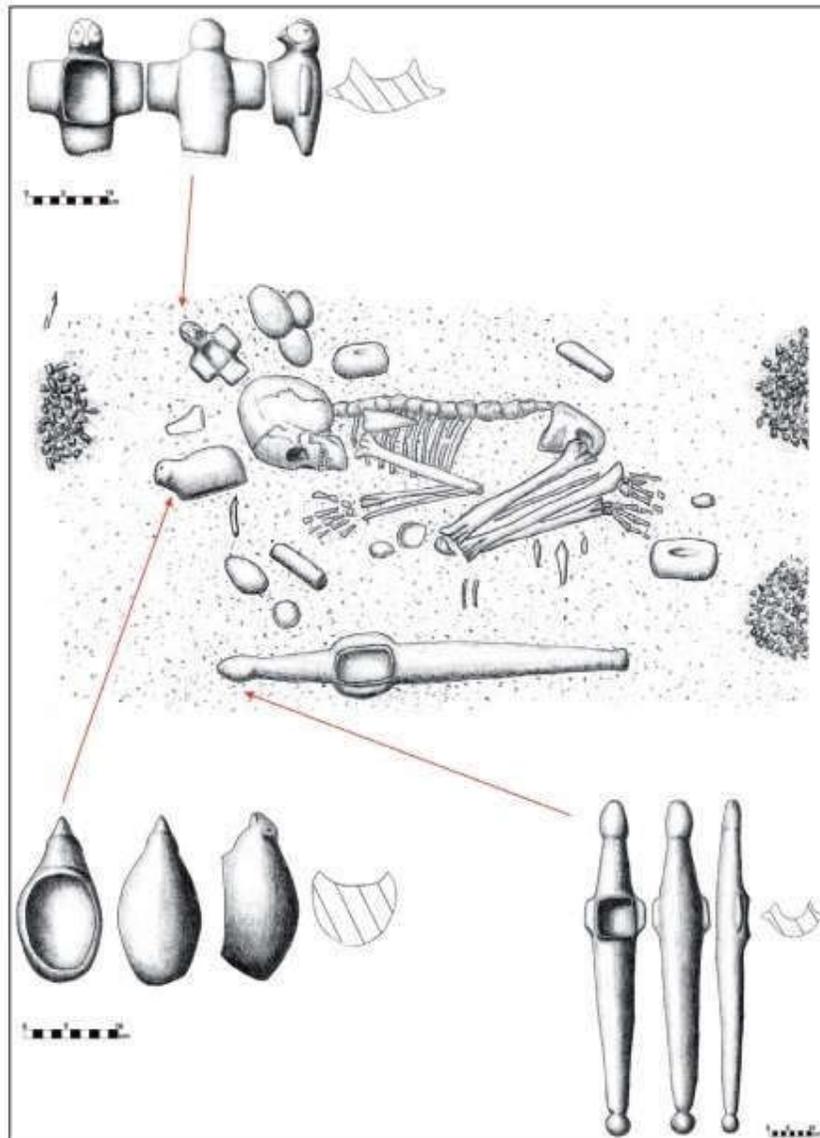


Figure 4a. Sépultures. Cubatãozinho (d'après Tiburtius et Bigarella, modifié)

Fonte - PROUS, RODET E GOMES (2011, p. 394)

A morte, como o rito de passagem que é (VON GENNEP, 2013), também acarreta uma profunda transformação corporal (SEEGER, DA MATTA, VIVEIROS DE CASTRO, 1979; VILAÇA, 2017). Logo, o corpo sepultado é um corpo construído. Mas, aqui, existe uma disjunção radical, uma “catástrofe corporal”, que divide o cosmos em opostos francamente “radicais” – que sabemos muito importante para os povos sambaquieiros (POMPEU, 2015, 2018):

(...) a morte é uma catástrofe corporal que prevalece como diferenciador sobre a comum ‘animação’ dos vivos e dos mortos. As

cosmologias ameríndias dedicam igual ou maior interesse à caracterização do modo como os mortos veem o mundo que à visão dos animais, e, como no caso destes, comprazem-se em sublinhar as diferenças radicais em relação ao mundo dos vivos. Os mortos, a rigor, não são humanos, estando definitivamente separados de seus corpos. Espírito definido por sua disjunção com um corpo humano, um morto é então atraído logicamente pelos corpos animais; por isso, *morrer é transformar-se em animal, como é se transformar em outras figuras da alteridade corporal, notadamente os afins e os inimigos.* (...) (As religiões fundadas no culto de ancestrais parecem fazer a postulação inversa: a identidade espiritual atravessa a barreira corporal da morte, os vivos e os mortos são semelhantes na medida em que manifestam o mesmo espírito – ancestralidade sobre-humana e possessão espiritual, de um lado, animalização dos mortos e metamorfose corporal, do outro) (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b, p. 395, grifos nossos)

Em nosso ver, estes sepultamentos não podem ser associados definitivamente a um culto aos mortos – embora sambaquis como o Jabuticabeira celebrem com vigor essa noção (FISH, et. ali.; 2010), ou à uma cisão definitiva, já que os sítios foram usados de igual modo como locais de ocupação e cemitérios (VILLAGRÁN, 2013, p. 144). O que nos importa saber é que no sambaqui, os vivos se transformam em mortos de um modo absoluto, e, supomos neste exemplo, irreversível. A transformação dos vivos em animais, assim como o compartilhamento ontológico *escultura-animal*, ecoa, sem engano, nas paredes das covas escavadas com esmero – igualando existencialmente, em um sepultamento coletivo, animais e humanos. A morte confunde os vivos e os animais esculpidos dentro do corpo do sambaqui da mesma forma que não é mais possível distinguir entre zooarqueologia e estratigrafia: “Within this perspective, shells should be considered as sediment... (FIGUTI, 2005, p. 71); assim como os mortos se transformam em animais e passam a fazer parte da *fauna que foi consumida* e incorporada ao volume do sambaqui. Diversas outras associações surgem quando admitimos isto; a título de exemplo está o nivelamento das esculturas às pessoas sepultadas como parentesco. Calculamos que, ao dividir o mesmo nível de elaboração funeral, era possível que essas pessoas não fossem apenas os escultores, mas os parentes efetivos e diretos desse indivíduo, como alguns grupos indígenas associam (MATTHEWS, ROULETTE, 2018). A mudança na perspectiva *arqueológica*, de modo similar à *transformação de conchas em sedimento*, é a que este sepultamento, outrora

individual, passa a ser coletivo. Os sambaquis e os zoomorfos parecem ser capazes de efetuar transformações em várias escalas que alteram perspectivas até hoje<sup>392</sup>. Nossa intenção, contanto, não é essa; a de hipotetizar relações de parentesco entre sambaquianos e esculturas zoomorfas. O que nos interessa na descrição da cisão entre os vivos e os mortos é que ela acontece em meio aos restos de animais que foram transformados em estratigrafia. Se o sambaqui é um corpo feito de outros corpos, e todos estes estão mortos, a sua situação na paisagem também é liminar ao mesmo tempo que dispersiva – não repetiremos novamente como os fluxos da paisagem, das linhas do horizonte e das diferentes agregações e combinações de terra, rocha, areia, água se conformam neste *locus* que confunde o fim com o começo do mundo.

#### 6.11 NA BEIRA DO MUNDO...

O que apontamos é para a relação geral de um esquema sociológico nos sambaquis versado na transformação catastrófica que a morte coloca, atingindo tanto animais, humanos e moluscos, muito embora suas conformações físicas e comportamentos etológicos sejam taxonomicamente pertencentes a universos muito diferenciados. Não nos interessamos tanto na precisão cladística, portanto, quanto nas analogias, essas sim, *impostas e evidentes* pela simples presença hierática e silenciosa dos sambaquis de modo voluntário, contínuo e persistente ao longo de, pelo menos, quatro milênios. É a distância que se estabelece entre essas analogias possíveis que observamos como potencial pleno de análise – e que consideramos fruto de reflexão indígena mesmo depois do auge da presença sambaquiiana, assim como da história da disciplina arqueológica brasileira.

Pensamos o sambaqui arqueológico como o revestimento de conchas, ora totais à distância, ora parciais intercalando ictiocamadas terrígenas populadas por incontáveis sepultamentos humanos e não-humanos, que dá coesão estrutural, perceptiva e social para o irreversível fenômeno da morte através do modelo construtivo de superposição e intercalamento de camadas de matéria-prima

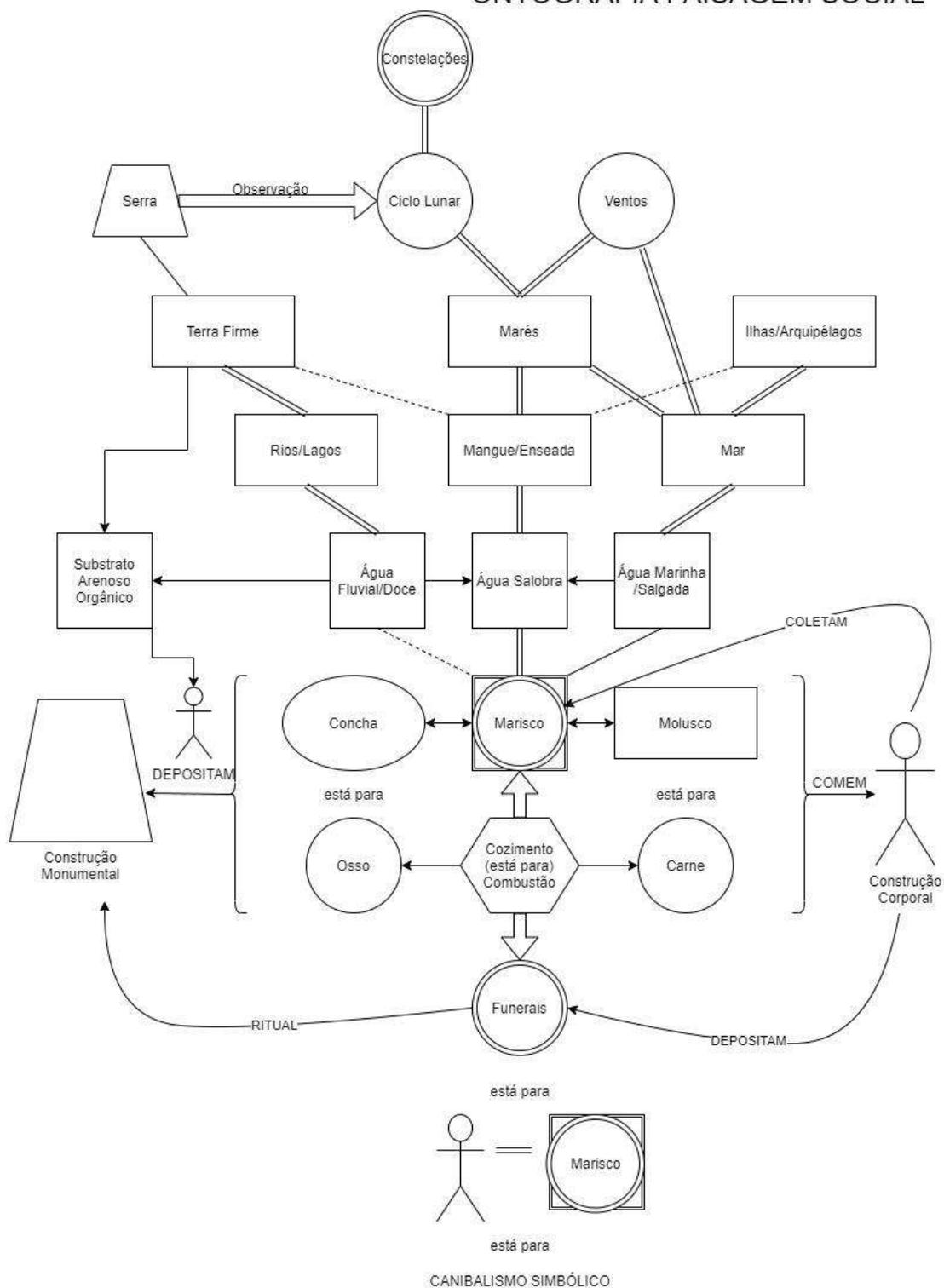
---

Outra transformação possível que não deixaremos escapar vai no sentido de considerar que são os mariscos que transformam ou conferem a forma animal dos seixos associados às colônias fixas e móveis de moluscos fixados às rochas, ou enterrados nas praias e manguezais, onde também se encontram essas pré-formas naturais.

conchífera e terrígena. Os mortos perdem suas peles de carne, mas recebem inúmeras peles de concha, por assim dizer. Isso significa que a morte deveria instituir uma relação entre mobilidade e vida em oposição à sessibilidade e morte (INGOLD, 2015a), ao mesmo tempo que situa uma topocosmologia elencando tanto elementos da paisagem quanto da fauna e seus domínios do céu, da terra, dos rios, dos mares, do mangue, das ilhas, dos bancos de mariscos num teor filosófico persistente. Ele se situa na fronteira elementar entre os interiores obscuros das florestas, vales e campos da terra-firme ctônica, morada de animais quadrúpedes e humanos de língua estrangeira; o mangue de águas escurecidas de rios seixosos que desembocam em deltas salobros e praias arenosas, lodosas, estreitas e habitadas por miríades de mariscos e caranguejos, cujas margens lindeiam por avenidas aquáticas e pequenas enseadas de baixa turbulência que abrigam berçários de diversas espécies de peixes e camarões; e o litoral com suas enseadas e praias abertas, ladeadas por rochedos cobertos de colônias sésseis de moluscos que marcam o limite máximo e mínimo da maré, que se estende sobre seixais e bancos de areia onde moram mais animais cujo mundo se inverteu como num eclipse e agora é possível a interação – mesmo que temporária, ela é periódica e previsível.

Figura 131 – Ontografia Paisagem Social

ONTOGRAFIA PAISAGEM SOCIAL



Fonte – FILIPI POMPEU (2020)

Isso coloca o sambaqui como um espaço de reunião e passagem social não apenas mortuária, de fertilidade ou de maioridade, mas sim, ontológica e sensorial em sentido integral e organicamente distribuído, provavelmente sendo utilizado também para festas dos mortos e celebração dos ritos da maioridade<sup>393</sup> – dentre talvez outras cerimônias de cunho sobrenatural, simbólico e social.

Assim, é possível estabelecer um esquema conceitual fenomenológico sensível a partir da aplicação da *coisa-conceito* em zoomorfos e sambaquis. Este esquema breve visa apenas demonstrar a presença da necessidade de assunção de um ponto de vista, o que leva a excluir outras perspectivas quantitativas corriqueiras, criando uma distinção e identificação entre atributos visíveis e invisíveis:

Quadro 15 – Relações e comparações estruturais elementares entre sambaquis, humanos e animais esculpidos

	Mais Visível	Menos Visível/Invisível
Sambaquis	Conchas/Altura	Peixes/Terra
Zoomorfos	Pedra e/ou Osso	Cavidade e/ou Animal
	Nucl. A/ Plats./Paquif.	Nucl.B/Crucis.
Humanos	Carne/Pele	Ossos/Alma/Sepult.

Fonte – FILIPI POMPEU (2021)

claro que se tratam de posições genéricas, perspectivas iniciais. O que queremos demonstrar com estes breves elementos é que é possível afirmar que dentre os povos sambaquianos era vigente algo aproximado da ideia de *ciência do concreto* (LÉVI-STRAUSS, 1981); porém, com uma consequência cosmológica que possui implicações arqueológicas – dado que os sambaquis e zoomorfos são ao mesmo tempo apenas e tudo o que restou. Procuramos deixar claro aqui que essa passagem não se refere a um princípio cultural sambaquiano, um *ethos* estilístico ou estruturante – o que aproximaria ao conceito padrão do sentido de cultura -, e sim a uma transformação sensível que emerge do caráter material das coisas desde a construção dos sambaquis. Mesmo que não saibamos suas reais consequências ontológicas à época, está se falando de *princípios ontológicos* que podem ser subsumados; e à revelia da ambição de completo, uma realidade de todas ciências humanas. Ou seja, de fragmentos de um sistema ontotaxonômico da realidade sambaquiana e nunca presos ou apenas específicos a ela, dado que é o seu arranjo

---

Seriam então as raras marcas de postes cabanas funerárias e/ou casas de reclusão dos menores?

e atividade própria desses elementos que trará um vislumbre tentativo e produtivo do que poderia ser uma cosmologia do conceito de sambaqui.

Uma análise generalista das características que os compõem permite estabelecer uma relação de espacialidade diferenciada: enquanto os sítios são sésseis como bancos de mariscos, os zoólitos parecem evadir-se dessa regra geral de modo notório, alternando suas aparições entre sítios-esconderijos e associações indiretas a cemitérios – numa apreciação ampla, a conexão direta parece ser paradoxalmente excepcional entre as esculturas e os amontoamentos. Dois dos quatro sítios mais representativos em quantidade de artefatos são esconderijos, o que reforça a ideia de exterioridade e mobilidade das peças, já que mesmo nos casos em que se sabe a procedência, não existe contexto descrito – após mais de um século de pesquisas e escavações, cremos plausível pensar que se existem contextos íntegros com zoólitos dentro de sambaquis, são raros de forma geral; independentemente de serem funerários ou não. Já na questão dos mariscos, a lógica parece ser de uma fraca metonímia onde a faceta gregária dos moluscos é apenas transportada e transformada de modo quase uniforme, mantendo sua sessibilidade. Como são frutos do mar que são resultado da coleta, em vez da caça, não seria ilógico propor que pudessem ser vistos como pertencentes ao reino vegetal. Isso também ajudaria a pensar porque não existem esculturas de vegetais – não porque eles não parecem animais, mas sim porque a distinção entre um e outro é marcada pela capacidade de se movimentar, além da questão venatória. Impossibilitados de exercer a clareza de definição por carência de fontes, nos limitamos a deduzir que a relação existente entre os zoólitos e a estrutura de conchas é de distância, que se distende entre um conjunto de relações internas e externas. A flutuação satélite dos zoólitos, portanto, confere alcance físico para a influência sambaquiana que muito se aparenta com os deslocamentos e migrações que suas representações animais implicam realisticamente. “Perguntas sobre o ‘jeito’, as particularidades de uma pessoa (por que gosta de tais coisas, age de certa forma, etc.) podem ser respondidas com um simples: ‘Je kwerekem’ (‘É assim o corpo dela’), (VILAÇA, 2017, p. 77).

Como o estatuto da predação é elemento corrente essencial para se compreender as relações entre as pessoas e o meio ambiente – e, como o elemento principal da matriz arqueológica são as conchas, é mandatório nos atermos a este ponto. A transformação de um corpo para outro (implicando em sua respectiva visão de mundo) costuma ser iniciada ou efetivada pelo consumo de alimentos tais quais

tipo e condições pela alteridade pretendida, seja para provocar, impedir, prevenir ou controlar alguma transformação. O consumo preferido e generalizado era de peixes e mariscos; visual e construtivamente, isto realça alguns fatores de ordem fenomenológica na apreciação externa do sítio. Embora peixes sejam muito mais consumidos que mariscos, as conchas são a matéria-prima mais sensível pela visão. Também, se considerarmos que há uma segunda inversão pensando no que é consumido de cada tipo de animal (a parte interna do marisco e externa aos ossos dos peixes), este paralelo parece se reforçar. Na visão estruturalista, o marisco é um alimento que pode ser comido tanto cru quanto cozido (no qual cru/cozido); já os ossos de peixes são encontrados escurecidos em vários graus pela ação do fogo, sendo tácito encará-los como pertinentes à apenas uma parte da relação cru/cozido.

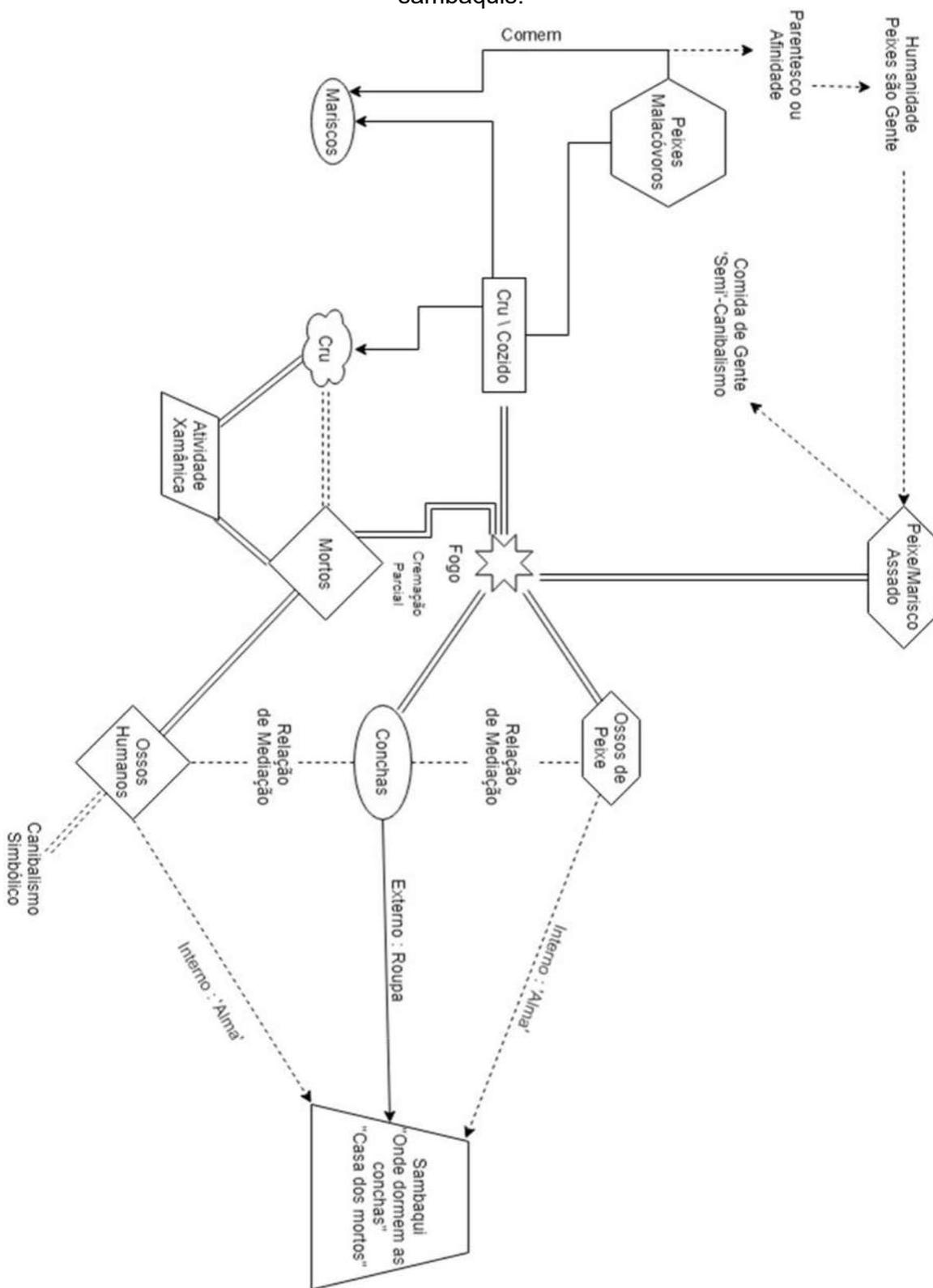
Tomemos a situação dos peixes, que só podem ocupar uma posição na oposição. De fato, oito animais marinhos encontrados como restos faunísticos são consumidores de mariscos e outros moluscos. Nove deles, a arraia (*Myliobatis* sp.), o Sargo (*Sparidae* sp./*Archosargus probatocephalus*), o Enxada (*Chaetodiptus faber*), o Peixe-Cofre (*Ostraciidae* sp.), o Sernambiguara (*Trachinotus falcatus*), o Prejereba (*Lobotes surinamensis*), o Parú (*Chaetodipterus faber*), o Cangulo (*Balistes capriscus*) e uma espécie de pinípedo (*Pinnipedia* sp. – Foca ou Leão-Marinho) aparecem também como zoólitos. Na visão perspectivista, isso possui implicações que permitem expandir mais nosso mapa ontográfico. Levando-se em consideração a relação de consubstancialidade dos xamãs amazônicos (VILAÇA, 2017), podemos inferir que estas espécies de peixes eram vistas como uma humanidade muito similar a dos sambaquianos, com possibilidade real de intercomunicação. Talvez, se não estas espécies, mas talvez os zoomorfos, fossem afins ou cognatos dos sambaquianos; além da questão da morte, pela alimentação. A questão evidente se coloca: se estes animais eram tanto afins ou cognatos dos sambaquianos, porque lhes serviam de alimento? Isso configura a relação entre humanos e peixes como uma espécie de canibalismo, outro elemento constante da lógica filosófica ameríndia (FAUSTO, 2002). Pensamos que há algum tráfico simbólico entre este canibalismo efetivo e o canibalismo simbólico dos sepultamentos adultos, já ressaltado alhures (POMPEU, 2015).

## 6.12 PARA DENTRO DA CASCA

Voltando aos mariscos, na outra ponta de possibilidades do mapa, sua situação de alimento-duplo, por assim dizer, lhes confere um caráter de mediação simbólica bastante interessante. Na questão do cru/cozido, comer cru ou cozido, como se pensa no expediente estruturalista, significa estar mais alinhado aos animais ou aos humanos, à natureza ou a cultura: se o corpo é o modo de comunicação elementar do multinaturalismo, o alimento que o constrói e nutre é um critério fundamental de teoria ontológica (V. Outra oposição já citada é a de exterior/interior, que reflete no sambaqui como um todo em oposição à mobilidade dos zoomorfos e repercute no marisco como uma separação entre concha/molusco. Isto nos impele a considerar que os mariscos podem assumir as duas posições e oposições, emulando um cardápio que aparenta uniforme e próprio, tanto para os animais quanto para os humanos. Em comparação com os ossos de peixe, existem muito poucas conchas com evidências de queima – interpretamos que elas teriam sido cozidas ou que os fatores tafonômicos de percolamento dos sedimentos pela cal das conchas embranqueceu o que um dia foi escurecido pela ação do fogo. A explicação está disposta – os peixes, porque não comem os mariscos assados ou cozidos como os humanos, permanecem peixes. O que impede os sambaquieiros de virarem peixes são eles próprios comerem peixes, que podem ser objetificados e nivelados como alimento.

Ainda há algum ruído nisto, entretanto. Não seria mais fácil simplesmente se alimentar apenas de peixes e excluir os mariscos dessa dieta perigosa? Aparentemente, os dois alimentos eram indispensáveis aos sambaquianos e, provavelmente, um ao outro também. Se a importância alimentar dos mariscos é irrisória, como já se sabe, é porque sua importância deve ser simbólica. O marisco, por existir em caráter duplo de consumo e por se aproximar mais da coleta do que da caça é uma dessas comidas que são “boas para se pensar”. O próximo gráfico denota as relações cosmológicas-culinárias que sintetizam estes valores sambaquianos básicos – em nossa concepção.

Figura 132 – Esboço de relações entre diferentes entidades captadas nos sambaquis.



Fonte – FILIPI POMPEU (2020)

Parece lógico, portanto, sugerirmos pensar os mariscos como um alimento que possui uma característica fundamental de transformação – seja como substância provocadora, seja como agente transformadora. Aliás, consideramos possível também que peixe e marisco eram alimentos individualmente menos eficazes para o controle da construção corporal do que se consumidos juntos. As relações entre os peixes que comem mariscos como gente e os humanos, adquirindo aqui um caráter complementar, talvez sendo o alimento prototípico da humanidade e corporalidade sambaquiana: ...the *Miranã*, who assert that humanbeings were made up of different fish species. Dmitri Karadimas (...) refers to primordial creations as acts of 'artifactual organization of species', each species being fabricated from the bodies and body parts of other natural species. (SANTOS-GRANERO, 2009, p. 6).

### 6.13 AS MARÉS VERMELHAS

Ainda sobre os mariscos e diplomacia – e com certeza a especulação mais distendida deste trabalho – é a questão da toxicidade dos moluscos bivalves e sua relação com o evento natural das marés vermelhas. Quando fixamos os mariscos como uma comida potencialmente perigosa pelo seu trato mediador entre humanos e peixes, nos lembramos dos enigmáticos zoólitos e dos xamãs ameríndios que devem alterar seus pontos de vista para se comunicar com outras alteridades. O uso de alucinógenos têm sido uma preocupação constante dos estudiosos em sambaquis (e dos antropólogos e xamãs também), que apontam os zoólitos como as peças relacionadas com esta prática há anos. Estas ideias carecem de comprovação definitiva e de análise química de substâncias das cavidades. Não oferecemos resultados deste tipo, mas apresentamos uma correlação entre as marés vermelhas, os mariscos e o xamanismo através de uma leitura puramente antropológica, embasada pelo comportamento de algumas espécies de animais que foram plasmadas na rocha.

Marés vermelhas são fenômenos limnológicos resultantes da explosão demográfica de fitoplanctôn de várias espécies. Quando condições ideais de salinidade, temperatura e nutrição destas plantas microscópicas são atingidas, suas populações crescem de modo exponencial, mudando a coloração da água para tons escuros, que costumam se revelar vermelhos, dando nome ao fenômeno. As

condições do ótimo Climático, desta forma, não devem ter afetado apenas a biota imediatamente identificável como sambaqui, mas também essa microbiota que têm passado ao largo das considerações da arqueologia. Subentendemos que marés vermelhas eram mais recorrentes do que hoje em dia, representando uma ocorrência bastante singular. Contribuindo para esta singularidade, estão os fitoplanctons que produzem neurotoxinas prejudiciais à saúde humana e animal.

O impacto ambiental provocado por uma maré vermelha é fácil de notar por causa do morticínio que impera na paisagem. Assim como algumas espécies de animais esculpados costumam se comportar (prejerebas, parús e cangulos, que boiam ao sabor da maré como se estivessem mortos), peixes de diversos tamanhos – e até mesmo mamíferos aquáticos de porte considerável – podem ser vitimados e sufocados. Estas mesmas espécies de peixes estão relacionadas às intoxicações provocadas por marés vermelhas, como o capítulo anterior informou. Como se o paralelo com o perspectivismo já não fosse suficiente, se sabe que conforme se ascende na teia alimentar que está estabelecida no ambiente litorâneo, maior é a concentração de toxinas na carne do animal. Em suma, quanto maior for o predador, maior será sua concentração de ictiotoxicidade, maior será a sua capacidade de alteração perspectiva e corporal daqueles que o consomem, inadvertidamente ou não. Se consumido, o marisco ou peixe pode causar náusea fraca a moderada, vômito, diarreia, parestesias nos lábios, boca e dedos, variando desde desconforto a até sensação de dor. Ataxia, perda de coordenação, paralisia parcial dos membros, fala arrastada, dor de cabeça, dilatação das pupilas, fadiga, depressão, sensação de dentes moles ou dor dental e, em raros casos, fechamento da glote, vertigens, alucinações visuais e coma também podem ocorrer. A paralisia e parestesias são os sintomas mais frequentes. Os efeitos começam algumas horas após o consumo, e podem ser detectados por até uma semana; embora existam casos de sequelas irreversíveis que comprometem o sistema cardiovascular e o sistema nervoso periférico e central que duram até a morte dos acometidos (WATKINS et al., 2008; FRIEDMAN, et. ali.; 2017).

Parecem amparar a presença de distintas questões sensíveis das marés vermelhas os mitos de origem do veneno de pesca (LEVI-STRAUSS, p. 399-401) e a um mito sobre um xamã que sonha paralisado em seu corpo e se vinga de uma família rival que negou o pedido de casamento feito por seu filho à filha deles, levando consigo toda a aldeia (GUSINDE, 1982, p. 614-617). As marés vermelhas deveriam ser

observáveis e provocantes ao pensamento e atitude, dado que suas armações de significados ainda se apresentam no conhecimento indígena como mito. A ideia de conectar as marés com os mitos de origem do veneno de pesca acena para nossa hipótese de que os mariscos seriam aproximados aos vegetais.

Mas, mais interessante é que um dos sintomas mais noticiados são vertigens e alucinações. Embora estes sintomas não sejam muito agradáveis, a experiência xamânica não é recreativa. Suspeitamos que, ao menos no caso da região sul, associados aos zoomorfos platiformes, essa relação entre as marés vermelhas e a paisagem/esculturas detinha um papel fundamental na compreensão e circulação do cosmos sambaquiano. Não sabemos, entretanto, como isso se dava; se as pessoas encarregadas da diplomacia multinatural, observando parús, prejerebas e cangulos boiando, seriam capazes de dizer se estão mortos, entorpecidos ou apenas fingindo ser detritos ou animais mortos pela maré vermelha para outros predadores – estes, nós, os humanos – já que não é possível detectar a contaminação de um alimento por maré vermelha através do paladar, do odor ou de alguma descoloração. Cozinhar a carne não elimina a toxina nem reduz os índices de toxicidade já estabelecidos. A toxina também fica associada com os fluidos corporais das pessoas contaminadas, podendo ser detectados, por exemplo, no leite materno e no sêmen (FRIEDMAN, et. alii; 2017); o que, mais uma vez, propõe uma aproximação prática com o multinaturalismo e a questão corporal (VILAÇA, 2017; TOLA, 2008).

Saber dizer se é possível comer um marisco ou um peixe apenas olhando com atenção para a sua alma deve ter sido uma proeza notável e premente para o xamanismo sambaquiano, talvez, ajudando a definir personalidades individuais, por acidente ou mérito. Também surge a ideia de que o consumo de alimentos marinhos contaminados fosse, afinal, intencional – sua sazonalidade poderia ser associada com ciclos de ritos de maioridade (consumir marisco ou peixe tóxico para “formar” o corpo adulto através de vômitos e diarreia), ou mesmo em casos de necessidade de comunicação diplomática. A pessoa-xamã encarregada por “reviver” um afligido (coma é um dos sintomas e dura poucas horas), comeria da mesma comida (“dos mortos”, já que os animais comem e morrem e o multinaturalismo associa a morte à transformação animal) para ir lá negociar com as alteridades que levaram a vida deste embora: “Esperem! Isso é um engano! Ele não está morto!”.

Não avançaremos mais nesta questão<sup>394</sup>, dado que apenas a citamos como um vislumbre da atividade xamânica dos sambaquis, algo até então apenas sugerido pelas cavidades. A maré vermelha, como um prego cosmológico, finca e fixa as camadas cosmológicas de um sambaqui arqueocosmológico ao redor do seu vetor básico de contaminação: o marisco bivalve.

#### 6.14 A LÓGICA DA CAVIDADE – II

Depois de tanta prolixidade, seremos objetivos: a única entidade arqueológica sambaquiana que está presente em todas as escalas que comentamos em todas as páginas que redigimos é o molusco. Em diferentes momentos, contudo, os moluscos detêm importâncias distintas: num caso, pode ser uma roupa; pode ser um alimento; pode ser duro como a rocha e oco como uma fruta. A sua dupla cavidade, em que valvas esquerdas e direitas só são reconhecíveis para os iniciados, está presente nos sambaquis e zoomorfos como cobertura e base, centralidade e abstenção estratigráfica e estilística. O corpo do marisco também é impossível de associar com as outras formas animais que permeiam a imagética das esculturas – não há esculturas de mariscos, mas abundam cavidades nas esculturas, o que as afastam de um “real realismo”, por maior que seja a quantidade de detalhes que o animal disponha. A presença, ou transformação, da cavidade num corpo acontece em quatro enunciados – “A problemática ameríndia da distinção natureza/cultura, nesses termos, antes de ser dissolvida em nome da comum socialidade anímica humano-animal, deve ser lida à luz do perspectivismo somático” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b, p. 389):

O corpo é um artefato que pode ser vestido (SANTOS-GRANERO, 2009);

O artefato (zoomorfo) pode ser, ou vestir, roupa animal (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b);

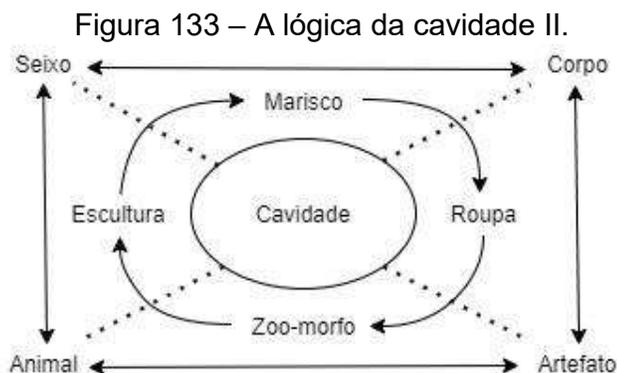
O animal pode ter um corpo de seixo (PROUS, 1977a);

Os mariscos bivalves crescem nas pedras, como roupas;

---

A maré vermelha já foi proposta como motivo para as famosas migrações polinésias para a América. Em conjunção com a mudança artefactual nos apetrechos de pesca, associada no Brasil à chegada dos ceramistas, o mesmo padrão de alteração de pesca de arrecife para de profundidade foi identificado conjuntamente com a sequência de deslocamentos prévios à migração (RONGO, BUSH, VAN WOESIK, 2009). A “mudança mítica” detectada por Prous (1977a) no sentido do deslocamento norte-sul dos sambaquis e dos estilos sambaquianos (acabamos de comentar os platiformes) é consonante com o estudo em questão. Fica a hipótese.

A partir dessas constatações, elaboramos o seguinte esquema, que, pensamos, subjacente a qualquer esforço de compreensão da cultura sambaquiana ontem e hoje:



Fonte 22 – FILIPI POMPEU (2021)

Isto nos leva a propor uma interconexão íntima e inseparável em condições filosóficas entre os corpos, as esculturas e os mariscos. Todos giram ao redor do que explicamos anteriormente como a “lógica da cavidade”: se, no animismo, todas as almas são humanas e todos os corpos, animais – o “valor” da cavidade é o oposto ao da forma humana ou animal, tanto esculturalmente quanto cosmologicamente. Se ao virar uma escultura cobrimos ou revelamos seu lado-cavidade ou lado-animal, não é possível afirmar que, ao menos uma noção multinaturalista de corporalidade não era adotada pelos sambaquianos:

Como argumento importante em favor da ideia de que o modelo do corpo são os corpos animais, recordaria que não há praticamente nenhum exemplo, na etnologia e mitologia amazônicas, de animais ‘vestindo-se’ de humanos, isto é, assumindo um corpo humano como se fosse uma roupa. Todos os corpos, o humano incluído, são concebidos como vestimentas ou envoltórios; mas jamais se veem animais assumindo a veste humana. O que se acha são humanos vestindo roupas animais e tornando-se animais, ou animais despindo suas roupas animais e revelando-se como humanos. A forma humana como um corpo dentro de um corpo [em nossa acepção, as cavidades que cabem nas esculturas, supra], o corpo nu primordial – a ‘alma’ do corpo. (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b, p. 389).

Da mesma forma que a lógica da cavidade atravessa a realidade arqueológica dos sambaquis, a alma humana primeva atravessa a filosofia ameríndia. Isso ajudaria a explicar a ausência de moluscos e vegetais como motivos para os zoomorfos – na verdade, todas as cavidades zoomórficas são, em nossa ideia, a cavidade de uma valva de marisco, sendo todas as esculturas zoomórficas (pelo menos aquelas com

cavidades evidentes<sup>395</sup>) um animal híbrido entre marisco-pedra-bicho. Assim, por razões avessas, mas muito pertinentes, Klokler coloca:

A ausência de representações de moluscos é notável, devido ao fato destes sítios terem sido construídos majoritariamente com moluscos. Tal ausência poderia implicitamente indicar o papel secundário de moluscos em rituais. Por outro lado, talvez a importância dos mesmos estaria evidente através do seu uso em festivais sazonais e para a construção de estruturas massivas, e com isso estaria removida a necessidade de representá-los em zoólitos. Dessa forma a própria estrutura representaria a deferência de sambaquieiros aos moluscos. Ou talvez o papel de moluscos fosse distinto de outros animais e, portanto, sua representação não seria requerida. O mesmo poderia ser pensado acerca de corvinas e bagres, peixes importantes em festins funerários, mas não encontrados em zoólitos. (KLOKLER, 2016, p. 31).

Discordamos dessa assertiva; o papel dos moluscos é tão importante quanto o dos animais e o dos humanos. Eles não apenas fazem parte do corpo do sambaqui, mas parte do corpo dos animais esculpidos e não esculpidos também; seja como dureza, como contentor, ocultador ou suspendendo as asas das aves no ar. Ao que parece, para os sambaquianos, em algum momento do passado houve um “marisco primordial”, de onde toda a vida veio, ou foi ali encontrada. Como base do sistema alimentar dos sambaquianos, os peixes ditos “bons para comer e pensar”, zoomorfos, tem como comida de sua espécie, os moluscos. Os outros peixes, ao devorar estes últimos, assomam humanidade como predação, num sabor multinatural – e acumulam essa disposição como as ictiotoxinas se acumulam na teia alimentar. Não é à toa, afinal, que a chegada dos povos ceramistas provocou alterações tecnológicas e cosmológicas; como observamos, os sambaquis ceramistas diversificam suas capturas e começam a abundar tubarões na zoofauna e como esculturas – o famoso tubarão-branco N° 253 é uma das maiores esculturas em volume e detém atributos de esculturas sobrelevadas, paquiformes e cruciformes<sup>396</sup>, “englobando” diferentes tipologias *prouisianas* como diferentes alteridades dentro de si, por exemplo<sup>397</sup>.

---

Nos faltou espaço, mas também entendemos que as cavidades variam em sua forma de abertura e se antagonizam com qualquer elemento escultórico que esteja em sua face oposta. Se pensarmos cavidades como aberturas, por exemplo, podemos aproximar sulcos como os da entidade mascarada N° 37 e da manjuba/peixe-rei N° 266 a esta lógica; assim como algumas relações estabelecidas, como as planificações dorsais dos cruciformes C (que eram suportes para outras esculturas, em nossa visão), por exemplo, e incluir uma série de zoomorfos que, realmente, não tem cavidades, mas aberturas pelas quais se pode entrar ou sair, vestir ou despir, real ou metaforicamente, aquela roupa. Talvez exploremos melhor isto em outro momento, mas, por ora, apenas podemos apontá-la. Seu estilo inclusive, poderia ser associado a outro famoso selácio, a arraia N° 6, com qual compartilha diversas técnicas escultóricas e a classificação híbrida de “atípica”. A essa escultura aproximamos o tubarão mutilado N° 126 e o recentemente aflorado N° 270.

Assim, em mais um paradoxo que caracteriza a ambiguidade sambaquiana, os moluscos onipresentes na estrutura arqueológica estavam invisíveis como estilo zoomórfico elementar; esperamos termos convencido com esta ideia quem leu até o momento.

## 7 ZOOMORFOLÓGICAS: MITOLOGIA PÓS-ESTRUTURAL E ANÁLISE ESCULTÓRICA DE ALGUNS ANIMAIS ESCULPIDOS

*“...el estructuralismo es como el totemismo: nunca existió.”*

*Viveiros de Castro, 2009, p. 26*

Logo adiante do delta do Rio Nass, que serpenteia entre as montanhas do noroeste canadense, existe um pequeno arquipélago chamado Dundas, composto de um pequeno número incontável de ilhas. Situado nas terras natais dos povos *Haida* (*Haida gwaii*), contam os seus vizinhos setentrionais, os *Tsimshian*, existe ali uma ilha onde podem ser encontrados pedras em forma de animais. Aconteceu assim:

(...) o Corvo estava voltando para casa, depois de muitos anos longe da sua terra natal. Ele voltou, vestindo seu velho manto de corvo, e convidou todas as criaturas que moravam entre a ilha na foz do Rio Nass para um banquete no lado externo da ilha. Quando eles chegaram lá, Corvo foi de encontro a eles. A maré estava alta e todos se encontraram na frente da casa que Corvo havia escavado para si na rocha. Este foi o primeiro potlatch, e Corvo lhes disse: ‘Chefes! Tenho apenas gratidão a todos por terem vindo ao meu potlatch. Eu estive ausente por muito tempo, e agora estou feliz em vê-los novamente. Eu gostaria de dizer algo mais, no entanto: eu gostaria que vocês ficassem aqui e se tornassem pedras’. E então, todos os animais viraram rochas. Ele continuou: ‘E eu também virarei uma pedra!’; e assim que ele o disse, Arraia mergulhou rapidamente. Por isso as arraia ficam no fundo do mar. As pessoas ficaram muito felizes que todas aquelas criaturas haviam sido transformadas em pedra; o próprio Corvo havia se transformado numa pedra em forma de corvo. Por isso, quando as pessoas hoje em dia veem uma arraia, elas imitam o corvo e gritam ‘Caw, caw, caw!’; quando Arraia ouve isso, ele morre. Aquela ilha agora está cheia de pedras que parecem monstros: baleias, orcas, tubarões, e assim por diante... – e Corvo continua lá de pé, em frente à sua casa escavada até hoje (BOAS, 1916, p. 100).

Outras versões do mito alteram um pouco alguns elementos. Numa delas, Corvo faz um totem de pedra ao invés de escavar uma casa – e os animais vêm “em ondas de espuma” até lá. Nessa versão, é o Corvo que desaparece antes, revelando com este ato os animais das pedras, cada um com seu brasão clânico individual. Outra variante afirma que os animais vêm, por sua vez, dentro de canoas que são baleias assassinas. De qualquer forma, quando os animais chegam lá, o Corvo os divide entre animais e seres sobrenaturais do mar e da terra; feito isso eles desaparecem, e um totem é erigido como se tivessem sido transformados em pedra: *“...and therefore the stone remains leaning against the cliff”*. Ainda em outra narrativa sobre o mesmo evento de criação, quando os animais monstruosos chegam à casa do protagonista,

trazem consigo uma maré alta – os mais perigosos se sentam nos bancos atrás da casa, e o protagonista os apazigua com oferendas de pena de águia, tabaco, tinta vermelha e gordura. Eles aceitam e falam que não atacarão mais os barcos das pessoas; a história se encerra com o protagonista vestindo as roupas de seus convidados e inventando os brasões clânicos. Muitas outras variações e desdobramentos desse mesmo mito foram afortunadamente compilados por Franz Boas (1916, p. 718).

Todavia, nosso trabalho é sobre sambaquis, fenômenos completamente distintos, aparentemente, dos *potlachs* e da cultura material dos povos do noroeste canadense. Qual a conexão possível entre povos indígenas que parecem apenas compartilhar diferenças gritantes de geografia e temporalidade? É possível realizar constatações arqueológicas a partir da mitologia indígena? – ou, melhor, é possível aprender arqueologia com os mitos indígenas?

O objetivo final desta tese é referendar alguns métodos para o uso do perspectivismo, pós-estruturalismo, mitologia e etnologia como fonte para interpretações arqueológicas. Para tanto, é necessário brevemente recuar um pouco mais, até as estruturas mitológicas que embasaram a origem da teoria antropológica perspectivista. Infelizmente, não poderemos levar essa ideia até as últimas consequências, mas demonstraremos, unindo mitos, estilos de arte indígena etnografadas que os mitos indígenas possuem tráfico simbólico constante com as esculturas zoomórficas através das opções estilísticas e tipológicas que caracterizam esse gênero de artefatos.

Quando Lévi-Strauss aproxima o mito da linguagem, ou de uma metalinguagem, já que a estrutura significativa está ausente e presente como significante, há certa afinidade entre os corpos do perspectivismo e a cultura material. Como já foi observado e cartografado nos animais esculpidos, componentes do corpo do sambaqui e dos comportamentos dos animais “naturais”, não há uma distinção radical entre corpo e artefato (SANTOS-GRANERO, 2009a) que exija um movimento análogo na formulação de uma metodologia arqueológica multinatural. Os corpos são artefatos construídos de modo sistemático quando atravessamos da natureza para a cultura e, de fato, constituem uma comunicação, uma linguagem (SEEGER, DA MATTA, VIVEIROS DE CASTRO, 1979).

O elevado rendimento simbólico dos valores culinários (cru, cozido, fresco, podre, fermentado), a articulação entre discriminações

sociológicas básicas (cognatos, afins, inimigos) e grandes oposições que diríamos cosmológicas (humanidade e animalidade, vida e morte, masculino e feminino), a presença de uma elaborada reflexão ritual sobre a alteridade e a mortalidade, e toda a vertiginosa dialética de comunicação entre o interior e o exterior do socius, eis a matéria de que é feita a experiência Wari', matéria e experiência que nos situam imediatamente no universo descortinado por Lévi-Strauss (CASTRO, 2017, p. 23).

A ideia é tentar perceber cada uma dessas categorias, problemáticas e temáticas enquanto manifestação material dos sambaquieiros. Evocações sobre a situação mitológica dos zoomorfos têm sido aventadas desde o início do estudo tipológico (PROUS, 1977a; MILHEIRA, 2014), mas ainda não há um debate formalizado. Isto muito se deve, imaginamos, à natureza de difícil circunscrição dos mitos. Como diz o maior interessado e pioneiro explorador da lógica subjacente do corpus mitológico americano, Claude Lévi-Strauss:

Tampouco não deve causar surpresa o fato de este livro, declaradamente consagrado à mitologia, recorrer a contos, lendas e tradições pseudo-históricas e fazer amplas referências a ritos e cerimônias. Na realidade, rejeitamos as opiniões precipitadas sobre o que é e o que não é mítico e reivindicamos para nosso uso toda e qualquer manifestação da atividade mental ou social das populações estudadas que, no curso da análise, se revelar capaz de completar o mito ou esclarecê-lo. (LEVI-STRAUSS, 2004, p. 22).

Um exemplo pode ser providenciado. A partir de um mitema em que a cestaria, a arte do trançado e músicas são o resultado de relações com serpentes, podendo ser com base na predação, ou não, os Waujá atestam que os mitos viram canções, que se transformam por extensão em danças. O dançar só é possível àqueles que dispõem de um corpo, entrando aí os adornos e pinturas corporais, caracterizando dançarinos. A dança atualiza o mito como “verbo tornado corpo” (BARCELOS NETO, 2011, p. 988), efetivamente reificando alguns elementos da narrativa. Não queremos dizer que os zoomorfos são elementos mitológicos exclusivos, mas sim, que a mitologia pode repercutir enquanto matéria – argumento antes tocado sugestivamente por Milheira (2014, p. 199), quando comentando as esculturas.

Todavia, é André Prous que faz o comentário mais instigante a respeito de uma relação efetivamente mitológica dos zoomorfos:

Il nous semble donc que ces fameuses cavités et cupules qui ne sont obligatoires ni pour une espèce animale ni pour un type donnés et peuvent s'appliquer également à d'autres objets sur lesquels elles n'ont apparemment que faire (haches) modifient par leur seule présence la valeur, le sens, d'un objet. En soi, une pièce a cavité doit

être un mythogramme que nous sommes incapables de déchiffrer. Si l'on admet que ces cavités sont symboliques, il faut admettre que leur support préféré (la représentation animalière) pourrait bien l'être aussi. Cela seul peut d'ailleurs expliquer la permanence d'un bout à l'autre du litoral de formules aussi rigides que celles des zoolithes géométriques, ceux-là mêmes qui sont toujours marqués par une cavité. Formes en croix, en losange, emplacement et forme de la cavité, limitation volontaire du réalisme, utilisation géométrique des masses selon un code toujours répété... Tout cela ne pouvait se transmettre si longtemps et si loin sans le support d'un mythe, d'un ensemble de prescriptions fondées sur un savoir commun. (PROUS, 1977a, p. 136-137).

Já havíamos elencado nossas suspeitas sobre a importância da cavidade anteriormente e guardamos esta citação para este momento. Agora, depois de toda a ressalva das teorias antropológicas, arqueológicas e filosóficas sobre a coisa-conceito (HOLBRAAD, 2009; HOLBRAAD, PEDERSEN, 2017), animismo, multinaturalismo e perspectivismo indígena (DESCOLA, 1998, 2006; VIVEIROS DE CASTRO, 2011a; VILAÇA, 2007), estruturalismo (LÉVI-STRAUSS, 1981), fenomenologia (HUSSERL, 2001; MERLEAU-PONTY, 1968, 1986), ontologia e ontografia (HARMAN, 2011, 2017a, 2017b; BOGOST, 2012; HEIDEGGER, 2001), arqueologias ontológicas (OLSEN, 2003, 2007, 2010; ALBERTI, MARSHALL, 2009; ALBERTI et ali.; 2011) e teorias de malhas e redes (LATOUR, INGOLD, 1992; 2000, 2012, 2013, 2015a; 2015b). A sugestão pouco ortodoxa sobre “Si l'on admet que ces cavités sont symboliques...” é por demais arrebatadora para não ser seguida; de fato, o capítulo inicial, sobre a etimologia da palavra sambaqui vai de encontro a essa atitude ao atribuir uma série de significados pertinentes ao de “cavidade” que estão no mesmo campo semântico de sambaqui e concha (supra).

Porém, tanto o estudo dos mitos, quanto nossas interpretações anteriores acerca da cosmologia sambaquiana, estão enraizados e vicejam sobre um terreno estruturalista. O termo, por vezes, causa comoção como retrógrado e, em contrassenso com nossa teoria que promulga a análise de série contínuas, estabelece polarizações – a mais importante e central, a de natureza e cultura, bastante atacada pelas referências arqueológicas e antropológicas modernas que recém citamos acima. Afinal, é possível associar a mitologia indígena, recolhida juntos a grupos viventes ao longo do centenar e meio da história da antropologia brasileira com a evocativa cultura material deixada pelos sambaquianos, cuja língua e etnonímio estão perdidos para sempre nas areias do tempo?

Inicialmente, fomos instruídos que não. Que os polos estruturalistas se revelavam muito cerrados, mesmo tendo sido ressaltados e compilados a partir do contato imediato. Isso se dá porque, realmente, Lévi-Strauss, ao escrever as *Mitológicas*, subsumiu as mitologias e miudezas diversas da vida cotidiana, ritos, mitos e artefatos sob esta égide. Mas isso não foi à toa; pelo contrário. Observe como, a partir da lógica estipulada na ciência do concreto (LÉVI-STRAUSS, 1981) ele atravessa as escalas relacionais estipuladas por polos que, até então, na antropologia, eram de difícil conjugação:

Dito de outro modo, as operações da sensibilidade já têm um aspecto intelectual e os dados externos, de ordem geológica, botânica, zoológica, etc., nunca são intuitivamente apreendidos em si mesmos, mas na forma de um texto, elaborado pela ação conjunta dos órgãos dos sentidos e do entendimento. Tal elaboração se faz simultaneamente em duas direções divergentes: por decomposição progressiva do sintagma e por generalização crescente do paradigma. Uma corresponde ao eixo que poderíamos chamar de metonímico; substitui cada totalidade relativa pelas partes que nela discerne e trata uma por vez cada uma dessas partes, como totalidades relativas de ordem subordinada, sobre as quais exerce o mesmo trabalho de decomposição. Assim, por trás de cada par de oposição primário, aparecem pares secundários, por trás destes, terciários, e assim por diante, até que a análise encontre as oposições infinitesimais em que se compraz o discurso metafórico do ritual. O outro eixo, que é propriamente o do mito, remete antes ao eixo metafórico; subsume individualidades sob o paradigma, alarga e empobrece simultaneamente os dados concretos, obrigando-os a transpor um após o outro os limiares descontínuos que separam a ordem empírica da ordem simbólica, depois da ordem imaginária e, finalmente, do esquematismo. (LÉVI-STRAUSS, 2014, p. 654).

evidente, contudo, que estes polos não são necessariamente indígenas, senão decantados por um viés ocidental; mas é esse o risco de qualquer tradução. É impossível obter dialética se alguém não ocupar um lugar de Eu. Viveiros de Castro já havia pontuado isso ao comentar o uso de etnonímicos e do etnocentrismo indígena e ocidental, que se baseia na mesma premissa filosófica deleuziana (VIVEIROS DE CASTRO, 2011b). Para ele, ao contrário de como as polarizações estruturalistas eram lidas ao começo e ao longo das *Mitológicas*:

O discurso da mitologia estrutural estabelece as condições de toda antropologia possível. Toda antropologia é uma transformação das antropologias que são o seu objeto, situadas todas, desde sempre, no 'ponto de articulação de uma cultura com outras culturas'. O que permite passar de um mito ao outro, e de uma cultura a outra, é de mesma natureza que o que permite passar dos mitos à ciência dos mitos, e da cultura à ciência da cultura. Transversalidade e simetria. Abre-se com isso uma conexão inesperada entre o projeto das

Mitológicas e o princípio de simetria generalizada de Bruno Latour e Isabelle Stengers. (VIVEIROS DE CASTRO, 2013, p. 244)

Acusado posteriormente de se filiar a uma abstração apolítica por conta da abrangência de seu projeto (WEISMANTEL, 2014), dado que o perspectivismo multinatural realmente amalgama a etnografia indígena local numa filosofia continental – e que essa intangibilidade não fornece subsídios para um debate político, ele e outros dois autores que temos citado com alguma frequência, informam:

(...) este é o elemento central da virada ontológica: trata-se de uma tecnologia da descrição(...) formulada a partir da intenção otimista (não-cética) de tornar o 'otherwise' visível por meio de experimentos com as possibilidades conceituais (Holbraad, no prelo) presentes em um dado corpo de materiais etnográficos. Nós enfatizamos que este material pode ser retirado de qualquer lugar, de qualquer tempo e de qualquer pessoa; não há limites para os tipos de práticas, discursos e artefatos que são passíveis da análise ontológica. Aliás, articular 'o que poderia ser' nesse sentido implica em uma atitude não-normativa ou antinormativa, que tem implicações políticas em vários sentidos (HOLBRAAD, PEDERSEN, VIVEIROS DE CASTRO, 2014:398 - grifos nossos).

Assim, há uma clara convergência entre o multinaturalismo perspectivista e esse “pós-estruturalismo” levi-straussiano. Sempre será impossível realizar traduções culturais sem ruído – pelo contrário, esse “equivoco controlado” (VIVEIROS DE CASTRO, 2019), como já comentado é essencial para que se possa realizar qualquer tipo de tradução; principalmente a tradução dessa passagem entre natureza e cultura, que nunca foi e jamais será um problema exclusivamente arqueológico. O estruturalismo é como o totemismo porque a sua única tarefa não é a de servir como um ponto de chegada, senão como um ponto de partida – mas, para isso, deve-se assumir um destes pontos como de partida. Não podemos admitir que, por nossas evidências sambaquianas exprimirem conceitos básicos da lógica do concreto, como cima/baixo, cru/cozido; caça/coleta; esquerda/direta; pesca/caça e dentro/fora, os sambaquis estejam condenados a permanecer no esquema natureza/cultura. É tão impossível iniciar uma pesquisa sem sermos ocidentais quanto viver sem objetos materiais (OLSEN, 2010). Se conseguimos convencer que os sambaquis nos ensinam arqueologia (LÉVI-STRAUSS, 1981), transformando conchas, pessoas e animais em sedimento corporal (VIVEIROS DE CASTRO, 2019), como demonstramos no capítulo

precedente (supra), também podemos dizer que o conceito de binômio parece não ter nos acompanhado com o mesmo fôlego. O purismo etnológico, arqueológico – e, por que não, mesmo indígena – é uma ilusão pertinente à condição etnocêntrica-ontológica mais elementar: a de que alguém precisa ser Eu para que alguém seja um Outro – e há tantos destes que ainda podem ser vistos!

A partir disso, podemos voltar e analisar, sob a ótica da estrutura mítica, os zoomorfos. A porta deixada aberta por Proust, sobre o “mitograma” que a cavidade representaria, reflete de modo tão simpático com o conceito estruturalista de “mitema” que não podemos nos furtar de explicá-lo. Felizmente, para um olhar arqueológico, uma descrição arqueológica; Lévi-Strauss, que também detinha alguns volumes sobre cultura material em sua biblioteca, faz a seguinte analogia para explicar o que seriam os “feixes de relações” de onde parte o seu raciocínio: Imaginemos arqueólogos do futuro, que viessem de outro planeta quando toda a vida humana já tivesse desaparecido da Terra e escavassem nossas bibliotecas. Esses arqueólogos não sabem nada acerca de nossa escrita, mas tentam decifrá-la, o que requer a descoberta prévia de que o alfabeto, tal como imprimimos, se lê da esquerda para a direita e de cima para baixo. Contudo, uma categoria de volumes continuará sendo indecifrável desse modo. São as partituras de orquestra, conservadas no departamento de musicologia. Nossos especialistas irão certamente se esforçar por ler as pautas uma depois da outra, começando pelo alto da página e tomando todas em sucessão. Perceberão então que certos grupos se repetem com intervalos, de maneira idêntica ou parcial, e que certos contornos melódicos, que se apresentam afastados uns dos outros, exibem analogias entre si. Talvez se perguntem, então, se esses contornos, em vez de serem considerados sucessivamente, não deveriam ser tratados como elementos de um todo, que deve ser apreendido globalmente. Terão descoberto assim o princípio que chamamos de *harmonia*: uma partitura de orquestra só faz sentido quando lida diacronicamente ao longo de um eixo (uma página depois da outra e da esquerda para a direita) mas, ao mesmo tempo, sincronicamente ao longo do outro eixo, de cima para baixo. Em outras palavras, todas as notas situadas na mesma linha vertical formam uma grande unidade constitutiva, um feixe de relações (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 301-302 – grifos do autor).

Esses “feixes de relações”, portanto, estão focalizando elementos dispersos em um todo global, ao qual ele sintoniza com a sensação de harmonia e distribuição em variáveis equivalências em um determinado conjunto unificado: uma escultura zoomórfica. “A captura de ritmos e quantidades” é o título de um subitem da tese de André Proust sobre os zoomorfos (1977a, p. 79) que se dispõe a informar relações de alternância com relação ao mitograma da cavidade, dos detalhes realistas e dos contornos geométricos – o que nos dá roteiros ou índices a partir dos quais podemos

estabelecer eixos de análise. As tipologias prousianas são eixos dessa espécie. Combinando estes vários elementos, pode-se divisar não apenas as regras, mas as exceções; que não raro, transformam-se em regras, como é o caso dos paquiformes torrenses, por exemplo.

Um mitema é similar a um mitograma no sentido de que orienta eixos de análise. No caso mitológico, os mitemas correspondem a temáticas pertinentes a um determinado mito que se repetem em outras versões do mesmo mito, ou em mitos totalmente diferentes de grupos indígenas muito distantes no espaço. Esses mitemas são organizados em ordem diacrônica, ou seja, de acordo com a ordem dos eventos de cada versão do mito; desta forma, novas transparências surgem entre os polos inicialmente selecionados para fomentar a análise. Do mesmo jeito como as tipologias prousianas estabelecem motivos (cruciformes são alados; platiformes são peixes chatos; sobrelevados são animais marinhos), os mitemas estabelecem temas, que, por sua vez, fundamentam eixos, também roteiros, que podem ser pensados para outras situações do mesmo fenômeno. Por exemplo, a partir de três versões de um mito de origem que envolve a origem e emergência do povo *Zuñi*:

Quadro 16- Esquema estrutural básico de três mitos de origem *Zuñi*:

Versão Cushing <sup>399</sup>		Versão Parsons		Versão Stevenson	
Deuses, <i>Kyanakwe</i>	aliados, usam cordas vegetais	<i>Kyanakwe</i> sozinhos, cordas vegetais		Deuses, homens	são aliados, usam cordas vegetais
vencem os		vencem os		vencem os	
Homens, sozinhos, usando corda de tendão (depois, de fibra)		Homens e deuses	que são aliados, usam cordas de tendão	<i>Kyanawke</i> , sozinhos, usando cordas de tendão	

Fonte 23- Adaptado de Lévi-Strauss, 2012a, p. 317

Para analisar esses mitos, Lévi-Strauss dispõe interpretações prévias: “a agricultura é fonte de alimento e, portanto, de vida, mas a caça, que também obtém alimento, se assemelha à guerra, que é morte” (LÉVI-STRAUSS, 2012a, p. 316). Lembremos, entretanto, que essas interpretações são baseadas na ciência do concreto (Op. Cit., 1981), que é a lógica fenomenológica fundamental da abstração indígena (Op. Cit., 1975). Assim, ele cria escalas de intensidade que são vigentes para algumas relações que estão estipuladas no quadro acima. Estas relações permitem a

Os *Kyanakwe* são um povo mítico contra quem os *Zuñi* lutam no relato para obter tecnologias de caça ou agricultura.

criação de tonalidades ou teores, que, posteriormente, florescerão como ambiguidades plenas. Em uma versão, há antagonismo pleno entre aliança ou hostilidade com os deuses do céu e os *Kyanakwe*, assim como há uma inconstância entre o uso de cordas vegetais ou de tendão por cada uma das partes conflitantes da narrativa.

Este sistema é análogo ao publicado por Prous para analisar as diferentes formas de variações das representações, formas e cavidades das esculturas zoomórficas – com a diferença de que o eixo diacrônico está baseado na presença ou ausência do mitograma da cavidade:

Quadro 17 – Tabela sinótica entre cavidades, tipologias e formas gerais dos blocos.

Realismo	realismo menor (1-2) forma geométrica				realismo maior (3-4) forma não geométrica			
	Triangular	Ovoide s	Quadrilob ulares	Crucifo rme	Animal			Humano
2 Volumes Heterog êneos					Chato	Espess o		
Com Cav.	Triangul ares	Nucleif ormes A	-	-	-	-	-	-
Sem Cav.	-		-	Nucleifor mes A e B	Crucifo rmes A, B e C	Sobrelev ados	Platifo rmes A e B	-
Com e Sem	-	-	-	-		-	-	Paquifo rmes Em Osso

Fonte - Adaptado de Prous (1977a, p 36).

Contudo, não apenas os objetivos, como as conclusões de ambos os autores divergem como é de se esperar por seus objetos de pesquisa. Ao atingirmos esta etapa de nosso trabalho, já podemos dizer que seria interessante, talvez, procurar por mais correlações entre os sambaquis e outros elementos que são constituintes do corpus de conhecimento dos grupos do noroeste canadense. Reiteramos que a ideia não é buscar correlações espaciais ou temporais, dado que seria justamente este o motivo para proibir uma comparação entre as duas culturas. No entanto, entendemos que, se nos deslocarmos através das formas das estruturas dos contingentes mitológicos que dispomos – as esculturas zoomórficas e os mitos indígenas do seu oposto hemisférico e oceânico – obteremos mais pontos em comum; além de uma visão inspiradora dos animais marinhos como elementos contingentes da paisagem litorânea. Vamos iniciar com os sambaquis.



## 7.1 A ARRAIA Nº 6 E SEU DESDOBRAMENTO ESTILÍSTICO E MITOLÓGICO

A primeira escultura que escolhemos para analisar é coincidentemente a primeira a ter surgido com caráter de exceção durante essa época de pioneiras pesquisas acadêmicas sobre sambaquis: a arraia Nº 6 do catálogo de Prous (1974a, p. 16, 70). "Estes almofarizes têm a forma de Raias e a cavidade acha-se sobre o ventre do animal habilmente imitado pelo artista índio", diz Wiener (1876, p. 14), inaugurando um momento em que os zoólitos e os sambaquis entram no radar arqueológico. Convidado pelo diretor do Museu Nacional, Ladislau Netto, ele se aventura por todo o litoral catarinense – citando sambaquis de Itajaí, Joinville e Laguna – descrevendo topografia, camadas e material encontrado com um toque naturalista típico de uma expedição etnográfica rumo ao 'Brasil profundo'. Apressado pelo volume de informação a organizar, parece não ter sobrado tempo para contar sobre como obteve este e o pássaro pousado Nº 5; este último seria comunicado apenas nove anos depois por Ladislau Netto (1885, Estampa VI).

A escultura foi feita em diabásio, uma matéria-prima dura e popular entre outros zoomorfos. Pesando cerca de 1 kg (Castro-Faria, 1954, p. 8) e mensurando 185 mm de comprimento, 131 mm de largura e 38 mm de espessura (Prous, 1974a, p. 16), podem ser conferidos "Dois olhos picoteados; ondulações em relevo; incisões de boca, genitália masculina e cinco pares de brânquias" (Prous, 1974a, p. 16). Digno de nota é a "nadadeira dorsal em forma de espículo" (Castro-Faria, 1954, p. 8). O ventre carrega a boca, que é a metade inferior de um quadrado, cinco pares de sulcos marcando as brânquias, genitália masculina e a cavidade. Aguilar (2000), mostra que a peça foi manchada com tinta sintética vermelha nas bordas recentemente. Recessos laterais e sulcos posteriores se repetem no dorso e no ventre (ver item anterior), marcando as nadadeiras principais e pélvicas. Uma pequena elevação na cauda, "espículo", parece marcar a presença do aguilhão, embora não esteja anatomicamente correto. No dorso há um ponto claro após o aguilhão em sentido caudal em diversas imagens; outro ponto está próximo ao recesso da nadadeira no lado esquerdo da escultura. O primeiro parece ser mais intencional que o segundo, mas não podemos tomar nenhuma conclusão definitiva sem consultar a escultura. Outra questão é a possibilidade de haver um relevo contínuo dorsal no sentido cabeça>cauda (uma espinha dorsal), conforme suposto por nós a partir de Prous (2015, p. 92). Embora tenha sido inicialmente identificada como *Rhinoptera* sp., teve

sua filiação retificada ainda em 1974 para *Myliobatis sp.*, sem contestação até o momento. Espécies que migram e ocupam o litoral brasileiro são apenas três: *M. freminvillii*, *M. goodei* e *M. ridens*.

Embora a tipologia prousiana nos ajude a inferir localização provável ao Ihe considerar um platiforme atípico (o situando, talvez, como oriundo de Laguna, terra natal desse notável estilo marítimo), sabemos que também é da sua natureza animal dos zoomorfos se deslocarem por conta mais ou menos própria – e assim tem sido há um considerável período de tempo. Sabemos que ela estava guarnecida sob o N° 10270, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Quaisquer outras informações relevantes<sup>400</sup> pereceram no lamentável incêndio; isso se a própria escultura não produziu lascamentos térmicos espontâneos. Quanto à sua tipologia peculiar, “On ne peut considérer cet objet comme un véritable platiforme d’après notre typologie, car sa cavité est ventrale, non latérale; il possède par les autres attributs de cet groupe” (Prous, 1974a, p. 17).

Prous ainda realiza mais alguns comentários de interesse sobre a escultura em sua tese:

La Raie N° 6 appartient au genre *Myliobatis* et à la famille du même nom. Elle se distingue de *Rhinoptera* (avec laquelle elle est confondue in Castro Faria 1959) par deux bosses frontales, soigneusement indiquées dans la pièce qui nous occupe; tout les organes sont exactement représentés branchies, sexe mâle et éperon compris. Cet animal, commun sur le littoral, ne présente normalement aucun danger pour l’homme et n’offre actuellement ps d’intérêt alimentaire. Par contre, nombreux sont les restes de raies que l’on trouve dans les sites

---

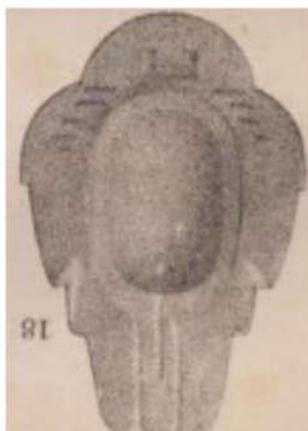
Como a nota manuscrita encontrada por Gomes (2012, p. 225), sobre elementos estratigráficos do depósito votivo da Ilha de Santana.

Figura 134- Visão ventral da arraia Nº 6



Fonte - AGUILAR (2000)

Figura 135- Visão ventral da arraia Nº 6

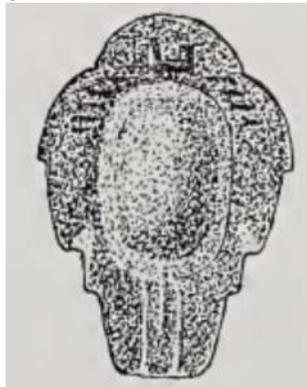


Fonte - AGUILAR (2000) Fonte - WASSEN (1967, p. 252)

Figura 136- Visão ventral da arraia Nº 6



Fonte - PROUS (2015, p.92)  
Figura 137- Visão ventral da arraia Nº 6



Fonte - PROUS (2015, p.92) Fonte - LADISLAU NETO (1885, Estampa VI)

Figura 138- Visão ventral da arraia Nº 6



Fonte - WIENER (1876)

Figura 139- Visão dorsal da arraia N° 6



Fonte - CASTRO FARIA (1954)

Figura 140 - Visão dorsal da arraia N° 6



Fonte - PROUS (2015, p.92)

Figura 141- Visão dorsal da arraia Nº 6



Fonte - PROUS (1974a, p.70)

As grandes diferenças entre dorso e ventre (dorso/olhos/volume-cabeça/excisão-aguilhão  $\neq$  ventre/boca/plano-cavidade/incisão-pênis) estão conectadas pelos recessos dos apêndices laterais e pélvicos nos dois lados. Contudo, elas se organizam em um só sentido, opondo sequencialmente características presentes entre si, como mostrado:

Quadro 18- Estrutura básica da distribuição dos elementos estilísticos na Arraia Nº 6 - I.

Dorso	Ventre
Olhos redondos + sulco natural horizontal	Boca semi-quadrada
Elevação dos olhos	Cavidade circular escavada no plano (+ veio natural vertical)
Excisão do aguilhão (seguida de uma suspeita de cúpula)	Incisão do pênis (próximo ao ânus; poderia ser uma vulva)
Sulco nadadeiras laterais	
Sulco nadadeiras pélvicas	

Fonte – FILIPI POMPEU (2021)

A posição anatômica dos olhos, no topo da cabeça e em face inversa à da boca, acompanhada como exceção plena da realidade anatômica dos animais em geral pelo formato do apêndice oral. Embora esta seja uma característica típica do animal, que o permite afinal ser afiliado à morfologia da escultura, o sentido dos demais aspectos escultóricos seguem explorando essas possibilidades.

Vejamos: Os olhos são atravessados por uma linha de fratura natural do bloco (Castro-Faria, 1954), num eixo que conecta os dois, portanto, paralelo ao da cavidade. A boca, por sua vez, está no mesmo plano onde outra cavidade circular é atravessada por veios minerais do seixo escolhido, mas em sentido vertical, como pode ser visto em Prous (2015, p. 92). Como não podemos afirmar que essas características nativas do seixo foram de fato conceituadas dentro da escultura – mesmo que existam outros casos conhecidos que apropriem eventos tafonômicos ou intrusivos – já que não as observamos pessoalmente e pesquisas anteriores não as comentam.

Mesmo assim, a distribuição dos aspectos apresenta uma estrutura esquemática invisível; mas saliente: enquanto os olhos são divididos paralelamente nas faces de um volume dorsal elevado, a cavidade e a boca foram escavadas no centro intermédio de um plano regularizado. O animal parece harmoniosamente equilibrado e chamativo ao olhar por causa dessa distribuição preliminar.

O aguilhão dorsal, conhecida tática de defesa das arraiais foi colocado em paralelo de invisibilidade com o pênis. Embora ambos os órgãos tenham a função de penetração, um deles está relacionado com a caça, o veneno, a inimizade, a guerra e a destruição em geral, sendo disposto como uma excisão; e o outro, está voltado para o parentesco, a aliança, o sêmen e à formação familiar, escavado por incisão. Isso pode ser um indicativo de identidade de cada face: o dorso camuflado com as armas eriçadas e protuberantes, voltado aos inimigos que estão do lado “de fora”, de trato específico para com não-humanos; enquanto o pênis, órgão criador, é interno aos assuntos humanos, voltado para as cavidades, sendo ele mesmo uma pequena cavidade que muito bem poderia ser uma vulva, diante das noções que temos deduzido. Um lado projeta e injeta a morte; o outro insere e recebe a vida.

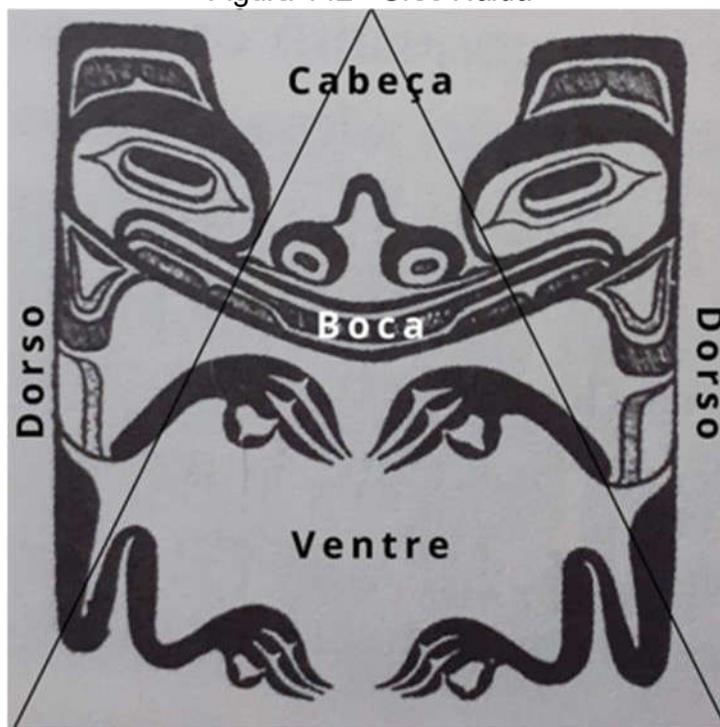
## 7.2 CONVERGÊNCIAS MITOLÓGICO-ESTILÍSTICAS TRANSCONTINENTAIS

Essa conexão com a fertilidade ganha robustez quando recordamos que: “Em relação à América do Norte, cabe mencionar principalmente os *Yurok* e outras tribos da Califórnia que comparam a arraia ao aparelho genital feminino (o corpo representa o útero e o rabo, a vagina)” (LÉVI-STRAUSS, 2004, p. 289). Ora, por quê um elemento anatômico faliforme seria comparável à vulva? Talvez os sambaquis possam ajudar. A arraia Nº 6 dispõe a sua cavidade ventral logo acima do sulco genital –

costumeiramente identificado como um pênis pela taxonomia. Logo, não seria estranho colocá-la em pé de igualdade com o útero que os *Yurok* veem no corpo das arraias: [cavidade = útero]. Uma inversão, portanto, que pode ser resolvida se considerarmos, novamente, o sulco genital da arraia como negativo e positivo no mesmo sistema. Para tanto, nos apoiamos novamente nos *Yurok*, que empregam sentido idêntico no ato de romper com o binário: uma vagina longa e cilíndrica que, afinal, guarda o aguilhão venenoso.

A crítica atenta perceberá que nos evadimos de comentar sobre os cinco pares de brânquias que, embora estejam no ventre do animal, apresenta uma sequência que é numericamente igual ao ordenamento dos aspectos escultóricos na frente e no verso do zoólito. A diferença é que as brânquias estão no sentido oposto aos da leitura aspectos escultóricos, convergindo para a boca e não para o pênis/vulva escavado. Assim, temos uma correlação da boca, que não é uma boca usual, com o pênis/dúbia, comparando uma inversão a uma ambiguidade.

Se nos apêndices anteriores, boca e olhos estão numa distância maximizada um do outro, o mesmo não acontece com a parte ventral, que vai afinando e se reúne através dos sulcos das nadadeiras laterais e pélvicas, em forma de “V” – o que, finalmente, ajuda a dar sentido para a forma irregular do “U” que a boca traça, convergindo a ela no eixo cabeça-cauda. Mas, mais importante, ela “desdobra” as faces ventral e dorsal de um modo análogo ao da arte indígena da costa noroeste dos Estados Unidos, que também os planificam. Observemos:

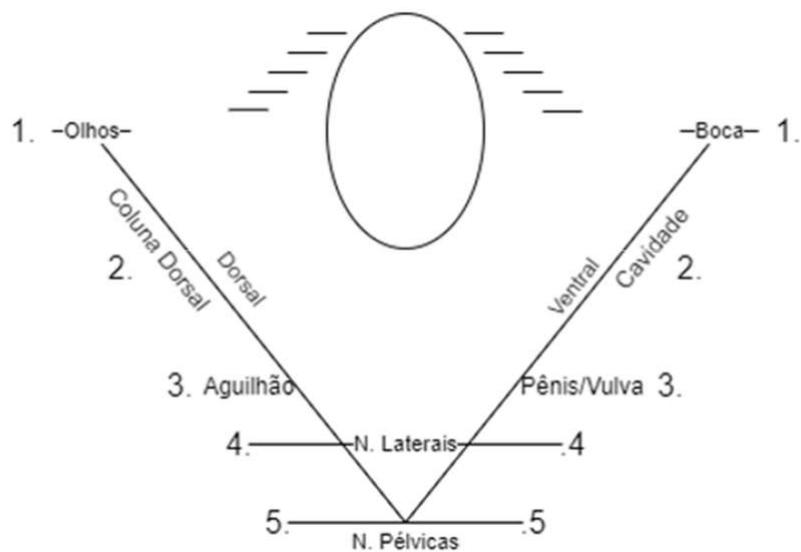
Figura 142 - Urso *Haida*

Fonte - Adaptado de BOAS (2014, p. 218)

Figura 143 – Estrutura básica da distribuição dos elementos estilísticos na Arraia

Nº 6-II

Ponta da Cabeça



Fonte – FILIPI POMPEU (2021)

Os povos do pacífico norte do continente americano, que contam as versões do mito de origem das pedras zoomórficas (*Haida*, *Kwakiutl*, *Tlingit*, *Tsimshian*) têm como uma das características de sua arte a disposição planificada de animais em duas metades – seja para pintar entradas de tendas, decorar caixas ou entalhar braceletes e totens. O exemplo *Haida* acima ilustra essa ideia e, nos permitimos trazer ainda um comentário especializado sobre algumas das possibilidades dessas disposições anatômicas: “A transição do bracelete para a pintura ou entalhe de animais numa superfície plana não é difícil. Segue-se o mesmo princípio; e ou os animais são representados como divididos em dois com os perfis se juntando no meio, ou uma visão da frente da cabeça é mostrada com dois perfis adjacentes do corpo” (Boas, 2014, p. 218 – grifos nossos).

A fórmula grifada, aplicada no urso *Haida*, permanece a mesma na arraia. Apenas está instalada de modo diferente, com o ponto de convergência visível nos sulcos das nadadeiras da parte posterior; a cabeça da arraia, contanto, segue contendo uma conexão entre as faces, mas invisível, e, portanto, inversa à *Haida* aqui representada. Os dois povos, distintos no espaço e no tempo, parecem, contudo, concordar numa expressão que procura colocar a maior quantidade de elementos corporais possíveis num determinado plano de representação. O objetivo parece ser fractal: ao se obter uma fração, se obtém uma amostra do todo – mesmo que os *Haida* tenham aversão a espaços vazios (Boas, 2014, p. 241), enquanto os sambaqueiros pareciam subverter a seu favor as formas naturais dos seixos que lhe servem de suporte expressivo (Proust, 1977a). Esta é a comparação num ponto de vista frente/verso, mas não explica adequadamente o ordenamento contrário ao eixo estabelecido cabeça/cauda pelos pares paralelos de brânquias.

Primeiro, talvez seja melhor entender o porquê da escolha de uma arraia como motivo mítico e escultórico. Há uma série de mitos *Tsimshian* que falam de uma época em que as pessoas-animais não conseguiam ir aos arrecifes recolher mariscos e isca para pescar por causa dos Ventos, que sopravam sem parar. As pessoas-animais se organizam e resolvem tomar uma atitude: vão todos até a sua casa, para ter com eles. Entretanto, por um odor infecto ou lufadas de ar violentas, os animais não conseguem se aproximar deles (numa variante, o Berbigão falha e é punido pelo Corvo, tendo sua concha quebrada e sendo devorado). Eventualmente, um deles, consegue ultrajar ou chamar a atenção dos Ventos que saem correndo pela porta: adiante, estão o Linguado e a Arraia, que haviam preparado uma armadilha, se deitando diante da

porta (noutra variante, apenas o Linguado se deita “in two rows”). Ele pisa e escorrega no lado liso do Linguado e acaba caindo sobre a Arraia, se retalhando em seus esporões dorsais e morrendo. Apenas o Vento Oeste escapa, mas promete que fará a maré alternar duas vezes por dia para que as pessoas possam recolher conchas. Em outra versão, os protagonistas tentam prender um Vento num barco mágico pertencente a Corvo que abre e fecha sozinho; nessa variante o Linguado faz o Vento cair dentro do barco, onde é coberto e aprisionado por Arraia (Boas, 1916, p. 658-660).

Outro mitema recorrente associado a arraia é a do duelo contra o corvo, onde ambos lutam disparando flechas um contra o outro:

(...) it is a fish like all flat fish, slippery underneath and rough on the back. And the other capacity, which allow the skate to escape very successfully when it has to fight other animals, is that it is very large seen from above or below, and extremely thin when seen from the side. An adversary may think that is very easy to shoot an arrow and kill a skate because it is so large; but just as the arrow is being aimed, the skate can suddenly turn or slip and show only it's profile, which, of course, is impossible to aim at; thus it escapes. (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 22).

Ou seja, a arraia (e seus pares de brânquias) são interessantes no mito à medida que proporcionam uma resolução específica para um problema específico – assim como qualquer outro animal ou personagem mítico qualquer. É evidente que os *Tsimshian* e os povos sambaquianos deveriam ter questões diferentes para serem resolvidas – isto torna-se conhecido ao considerarmos que o urso *Haida* acima não tem o mesmo valor de frente/verso que uma arraia, mas será aplicado a uma superfície que assim o é, como uma fachada de tenda.

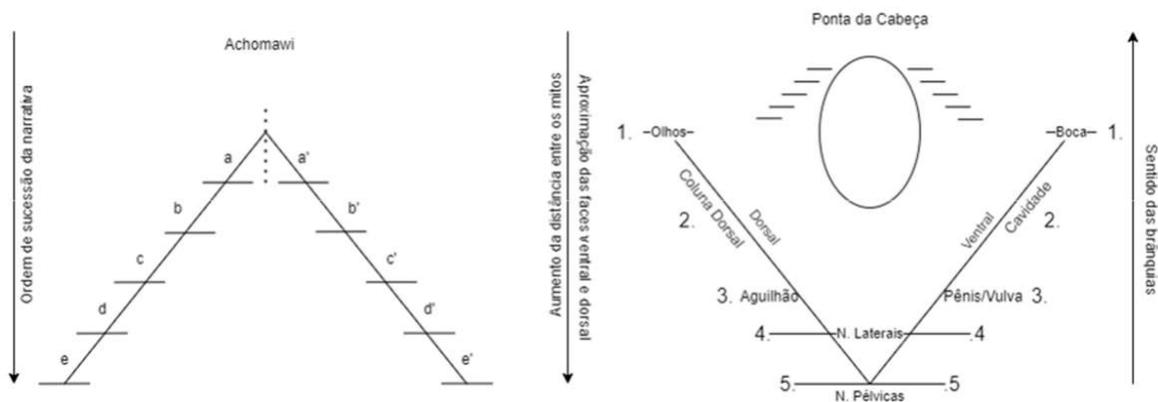
Ainda reforçando esse aspecto dual como organizativo para além da abstração mítica, vem em nossa consideração um esquema que procura associar as diferentes inspirações que orientam distintos ordenamentos de eventos míticos de grupos indígenas vizinhos. Nos limites meridionais da mesma região noroeste dos Estados Unidos são vizinhos e coexistentes no mesmo vale os *Klamath*, *Modoc*, *Achomawi* e *Yana*, que compartilham alguns personagens e mitemas em suas narrativas cosmológicas. Contudo, as inversões, oposições e convergências que existem em seus mitemas, quando comparados, apresentam diferentes posições geográficas de início e fim – num lugar do vale onde um mito encerra sua história numa etnia, na etnia

vizinha o mesmo mitema inicia a gesta do personagem, transportando consigo a ordenação da narrativa:

Vimos que a versão yana consegue consolidar duas histórias em uma, mas com duas condições, a de inverter o conteúdo de uma e integrá-la a outra invertendo a ordem de sucessão da narrativa. A simetria interna dessa versão está, portanto, parcialmente situada na ordem diacrônica. Mas se a transpusermos em termos sincrônicos, será preciso concebê-la desdobrada num eixo vertical, no qual, de cada lado do plano de simetria, duas séries de imagens se sucedem, reconstituindo um mito único, comparável ao conjunto formado por um indivíduo de carne e osso e sua imagem estivesse refletida num espelho que estivesse ligeiramente inclinado acima dele. A cabeça seria tangente a seu próprio reflexo, e as outras partes do corpo se repetiriam, de um lado e do outro, na mesma ordem, com os pés nas duas extremidades. (...) esse tipo de simetria também corresponde ao modo como se ajustariam, pelas pontas, as imagens que observadores situados em lados opostos teriam de uma mesma paisagem. (...) O que elas fazem, afinal, é traduzir o fato, atestado pela situação geográfica das duas tribos, de que uma está fora, e olha para dentro, enquanto a outra que está dentro, olha para fora. (Lévi-Strauss, 2014, p. 119-120 – grifos nossos).

A nossa arraia, se comparada como se fosse sequencialmente ordenada a partir de um critério similar de ordenamento pareado, fornece notável analogia com a sucessão de eventos nos mitos *achomawi*, como esquematizada pelo belga:

Figura 144 - Comparação entre a ordem narrativa de mitos *Achomawi* e a distribuição de caracteres estilísticos na arraia N° 6



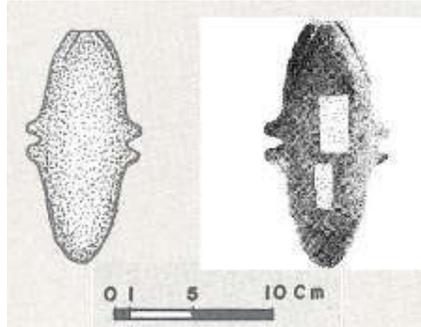
Fonte - Adaptado de LÉVI-STRAUSS, 2014, p 120.

E, finalizando:

digno de nota o fato de tais construções narrativas corresponderem estreitamente às construções, bem conhecidas no campo das artes plásticas, com o nome de 'desdobramento da representação' (...). O desdobramento que se observa na América do Norte (...) respeita um plano de simetria vertical, de cada lado do qual, como no mito achomawi, se alinham lateralmente os lados esquerdo e direito do corpo, cada uma de suas partes respeitando sua distância relativa ao plano mediano. Poder-se-ia até dizer que esses dois tipos de figuração plástica também, correspondem a perspectivas na apreensão de um mesmo objeto – corpo humano ou animal, no caso – respectivamente visto de fora ou de dentro (Lévi-Strauss, 2014, p. 121-122).

Finalmente, voltamos às brânquias: nos animais não-mitológicos elas costumam estar pareadas em "V" e não em "A". Ao lembrarmos que nas arraias animais (não-escultóricas) os pares de brânquias estão apontados para a parte posterior e não para a anterior – que é justamente o setor da escultura que ressalta a distância entre olhos e boca, fica claro o grau de liberdade que se fez necessário.

Figura 145 – Baleia paquiforme Nº 167.



Fonte - Adaptado de KERN (1970, Fig. 1) e PROUS (1974a, p. 111)

Alguns outros exemplos de menor força estão no fragmento Nº 146b (em que não é um bico), no morcego Nº 171 (em que é um alinhamento de cúpulas que perfazem orelhas/olhos/boca), no peixe cará duplo Nº 35 (três cúpulas centrais) e no recipiente animalista Nº 130 (um detalhe impreciso, de teor anatômico ambíguo<sup>401</sup>). A escultura Nº 37 é um caso especial e a trataremos em outro momento.

Figura 146 – Cavidade com elementos zoomórficos Nº 146b



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)

Figura 147 – Cabeça decapitada Nº 136



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)

---

Morfologicamente, poderia ser a genitália de uma arraia ou tubarão (clásper) – em que as incisões laterais seriam as brânquias (compare com a arraia Nº 6). Dado o nível de “abstração” tradicional do estilo sambaqueiro, para preferir formas naturais dos blocos, consideramos plausível esta possibilidade que aproxima os termos da relação tempo de trabalho/morfologia natural/anatomia animal – já que parece, pela fina espessura da escultura, que houve considerável desgaste do bloco inicial. Contudo, a ausência de apêndices laterais torna qualquer animal apenas meramente visível ali.

Figura 148 – Morcego cruciforme Nº 171



Fonte - PROUS (1977a, Prancha IV)

Figura 149 – Cará bicéfalo Nº 35



Fonte - PROUS (2015, p.88)

Enfim, o estilo geral evocado pela arraia Nº 6 ecoa ainda em outras duas esculturas zoomórficas. Destas, apenas a Nº 65, conhecida no Sambaqui do Rio Velho (SC) é uma arraia inequívoca. A outra, de Nº 34, torrense (RS), simplificou a fórmula geral ao extremo. Note-se que a arraia Nº6, segundo Prous (1974a), é um platiforme atípico; a Nº 65, uma das raras esculturas diversas, cuja aspereza do dorso de uma arraia foi ressaltada por alteração térmica; e a Nº 34 é um nucleiforme A, da primeira variedade – o que o aproxima mais dos paquiformes do que dos platiformes, que é a orientação do animal além da rocha.

Outro animal, igualmente referente na ontologia do pacífico norteamericano, é o já citado linguado. Sua anatomia é perfeitamente análoga à de seus colegas do grupo dos selácios, sendo um animal com os conceitos de ventre e dorso intercambiáveis com os de frente e verso. Vimos anteriormente na narrativa *Tsimshian* que Linguado, contudo, não é tão agressivo quanto Arraia; o seu papel consiste em fazer o Vento sobrevivente escorregar ou dentro de um barco (onde é “tampado” por Arraia), ou sobre os esporões mais que ásperos do dorso de Arraia (talvez simplificados na elevação dorsal já comentada da arraia Nº 6). Interessante esta relação, que interpola liso e áspero com dentro e fora. Não obstante, linguados tem como característica morfológica adicional os dois olhos estarem situados do mesmo

lado dorsal – o que fundamenta outro paralelo com a arraia, que também os têm no dorso, mas um de cada lado<sup>402</sup>.

Nos sambaquis, entretanto, nenhum estudo ainda havia apontado a possibilidade de linguados existirem como zoomorfos. O Professor de Zoologia e ictiólogo da UFRGS, André Luiz Netto Ferreira, quando apresentado ao sargo (*Archosargus probatocephalus*) N° 7<sup>403</sup>, o precisou como um linguado do gênero *Paralichthys sp.*<sup>405</sup>. Consideramos, então, bastante curioso o fato da escultura não possuir olhos, apesar de vários outros detalhes que apontem para uma identificação taxonômica possível com esta ou aquela clade. Na perspectiva multinaturalista que nos orienta, porém, isso só nos interessa como produto e não como exclusão. Aliás, não parece dessa forma ser à toa que as nadadeiras excisas peitorais da escultura existem em ambos os lados, da mesma forma que a boca conecta um lado ao outro da escultura. De fato, a única diferença que há entre lado esquerdo e direito é a cavidade, ampla e rasa – e um sulco raiado na nadadeira peitoral inferior do lado direito (Ver Anexo III). Outras possibilidades de um linguado estão no tentativo N° 288, fragmento encontrado em Santa Vitória do Palmar (RS), identificado como pertencente ao gênero *Paralichthys sp.* (RIBEIRO et ali., 2002, p. 30); e o já conhecido, mas pouco citado, N° 66, recolhido no Sambaqui do Rio Velho (SC) – pesa a seu favor uma possível identificação com o gênero *Symphurus sp.* o fato de ter cauda convergente e não separada por vértebras como o gênero usualmente detectado, *Paralichthys sp.* A isso se acrescentam as 22 incisões dorsais, que podem indicar, talvez, um pertencimento à espécie *P. jenynsii*, que possui entre 7-20 bandas dorsais (MUNROE, 1998, p. 100). Finalmente, é instigante ela pertencer ao mesmo sítio onde foi exumada a escultura de arraia N° 65 – um paralelo que, como vimos, é também mitológico. Contra isto, concorre o fato do apêndice oral inciso não ser vertical, mas horizontal. Mas não importa, realmente, qual é a espécie exata de linguado; no fundo, todos os linguados são peixes de fundo [sic]; peixes sensivelmente diferentes em morfologia que, na visão indígena, altera o seu comportamento. Isso significa dizer que, se

---

A possibilidade de observar as arraias com uma face inferior, como muitas imagens disponíveis sugerem pelos cantos superiores da boca que pode parecer olhos, parece não ter sido favorecida pelo estilo sambaquieiro – ao menos no caso da arraia N° 6. Através de imagens obtidas pessoalmente e publicadas por Ivana Oricchio em sua dissertação de mestrado sobre as esculturas (2020). Nossa gratidão é imensa. Comunicação pessoal, em outubro de 2019.

existem animais duplos por inversão de perspectiva<sup>406</sup>, bicéfalos<sup>407</sup> e iterações<sup>408</sup>, tácito considerar a que identificação definitiva de qualquer zoomorfo é apenas um projeto. Esta indiferenciação, no caso do sargo/linguado N° 7, é conceitual e poderia ser resolvida com uma mera pincelada de ocre. A proposta do estilo platiforme parece sempre afirmar a indiferenciação: dorso pode ser ventre, liso pode acabar áspero e sargo pode ser linguado.

Os platiformes A ainda têm uma última característica estilística importante: a presença de apêndices dorsais e ventrais raiados com sulcos. Estas nadadeiras, que também podem ser excisas peitorais no mesmo lado da cavidade (que em fato é um plano), formam conjuntos sequenciais numéricos de sulcos em cada apêndice. Prous encontrou alternâncias entre pares/ímpares, progressões de base 2, 3 e 4 (especialmente 3-4-8-12) e alguns números primos (7, 11, 13), dentre as onze esculturas que compõem a tipologia.

Figura 150 - Peixe (Sargo/Linguado) N° 7



Fonte - Retirado do site do Museu Nacional do Rio de Janeiro <sup>409</sup>..

Por exemplo: Prous (1974a, passim) indica ao menos duas esculturas (N°s 29 e 39); Gomes (2012, p. 210) celebrenemente avista a tartaruga no antropomorfo N° 150; Oricchio (2020, p.) aproveita a sugestão e encontra um tubarão-baleia disfarçado nos contornos esquemáticos de um animal alado, o zoomorfo N° 226. Ribeiro (1977, p. 14-15), já encontrava dificuldades similares junto ao inédito N° 245, da serra gaúcha, onde preferiu diagnosticar a incerteza exata entre um quelônio e uma ave.

Por exemplo: N° 35, N° 132; N° 155

Por exemplo: N° 122 e N° 201.

[www.museunacional.ufrj.br](http://www.museunacional.ufrj.br)

Figura 151 - Detalhes das nadadeiras excisas do Sargo/Linguado Nº 7.



Fonte - Adaptado de ORICCHIO (2020<sup>410</sup>)

Infelizmente, correndo o risco de desviar o foco para além do devido deve ser evitado, nos restringiremos a considerar que no caso dos Platiformes A, as bocas dos platiformes e/ou as nadadeiras parecem ser o ponto de inflexão entre lado esquerdo e direito – assim como são as nadadeiras ventrais e dorsais, quando inscritas em ambas as faces (caso de apenas alguns Platiformes A). As bocas dos platiformes A são todas do lado anterior da cavidade, no lado esquerdo do animal, o que institui, ao menos, uma orientação do animal.

Esta questão binária que notamos, a partir da arraia e dos platiformes como um comportamento generalizado entre os zoomorfos, como veremos ao longo deste capítulo. Sua importância também está espelhada nos mitos, que irão conjugar a forma animal ao comportamento animal; e isso tudo jamais em apenas um ângulo:

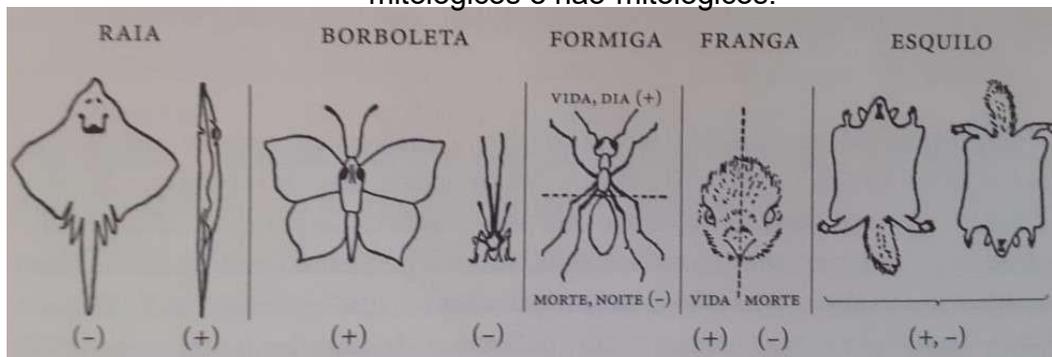
O leitor terá certamente notado que os três tipos de animais cujo papel nos mitos acabamos de examinar intervêm na medida em que cada um deles serve de suporte para uma oposição binária. Tal oposição, ligada à anatomia, à fisiologia ou aos hábitos, depende de fenômenos observáveis e, portanto, remete a uma dedução empírica. Era o que ocorria no caso, (...) das formigas e das vespas cuja cintura fina parece dividir o corpo ao meio e permite encarregar esses insetos do papel de separadores para instituir a alternância entre dia e noite, vida e morte; (...). os galináceos, (...), reúnem de modo paradoxal dois traços opostos, a presença de carne e ausência de gordura. Os peixes chatos, por sua vez, parecem anormalmente largos quando vistos de frente, e anormalmente finos quando vistos de perfil. E finalmente, à diferença de outros quadrúpedes, certos ciurídeos [esquilos na Norte América] conseguem virar completamente sobre si mesmos, para irem para cima ou para baixo. Mas as crenças míticas não se atêm aos dados da observação. Sobre o resultado da dedução empírica, isto é, o binarismo, elas aplicam uma dedução transcendental que, para além do esquema abstrato de uma escolha entre os supremos contrários que são a vida e a morte, dedica-se a gerar toda uma imagística, que reincorpora ao real: cabeça da franga viva de um lado e morta de

---

A autora forneceu imagens originais.

outro<sup>411</sup>; gnomos sobrenaturais que explicitam as características observadas no esquilo no plano empírico, por meio de comportamentos presumidos e análogos para com seus filhos e seus inimigos; constelações permanentes, cujo caráter distintivo está no fato de, por estarem sempre presentes no céu, serem invisíveis de dia, como a raia se apresentando de perfil, e plenamente visíveis à noite, como a raia de frente (LÉVI-STRAUSS, 2014, p. 537-538).

Figura 152 – Relações entre as formas e as ambivalências de alguns animais mitológicos e não-mitológicos.



Fonte - LÉVI-STRAUSS (2014, p. 539)

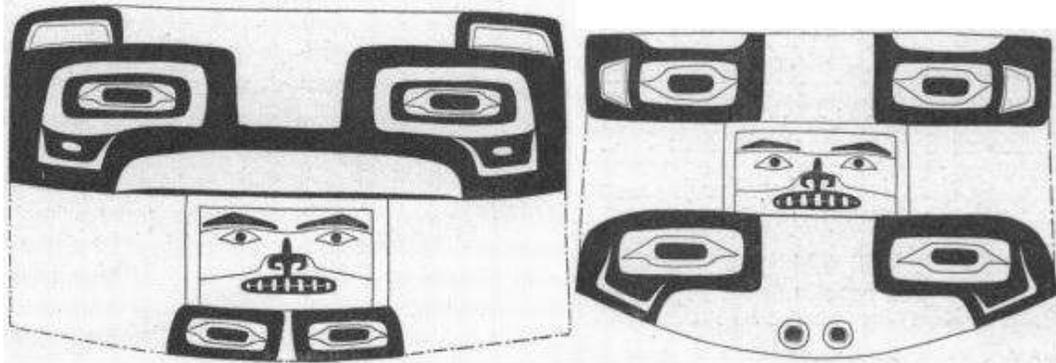
Embora a arraia Nº 6 seja um platiforme atípico, os platiformes A não se correspondem da mesma forma que a distribuição no primeiro caso: há uma inversão entre esquerda/direita e dorso/ventre, como já colocado. Não é espanto constatar que este modelo bidimensional não se adequa bem para a grande maioria dos zoomorfos. Felizmente, os povos do pacífico norte podem nos auxiliar nessa tarefa a partir da análise (curiosa) de um outro tipo de artefato, mas bidimensional: as mantas cerimoniais e de status social chamadas *Chilkat*.

Os *Tlingit*, cujo subgrupo dá o nome corriqueiro aos mantos, os chamam de *gus-halai't*, ou, "as dobras do corpo" (EMMONS, 1907, p. 329). Sua origem remonta a tempos primordiais onde os animais usavam as mantas como os seres humanos: ao removê-las, também removiam sua faceta animalista e revelavam-se humanos também. Trançado com pele de bode montanhês e cascas de bétula torcidas, intrincados padrões figurativos dispersam de modo regular, motivos animais:

An animal – as a bear, a wolf, or a beaver – is pictured sitting up on its haunches; a bird, with distended wings, outstretched feet, and drooping tail; a fish, as diving, with the head at the bottom and the flukes of the tail flattened out. The figure is then split lengthwise, down the middle on the opposite side, and rolled out and flattened as it were, which gives that undue breadth to length which is desired to fill the

given space. The head, which is the most important feature, thus appears in double profile, greatly exaggerated, while the body proper is almost eliminated in favor of the more distinctive parts. In the case of a bird form, the head alone may be said to be dissected, and the expansion of the wings and tail may be considered as natural; and, in depicting a fish, the tail is not bisected, although it suffers distortion in the exaggerated breadth, in order to correspond with the double profile of the head. (EMMONS, 1907, p. 348).

Figura 153 - As duas tipologias de mantas *Chilkat*

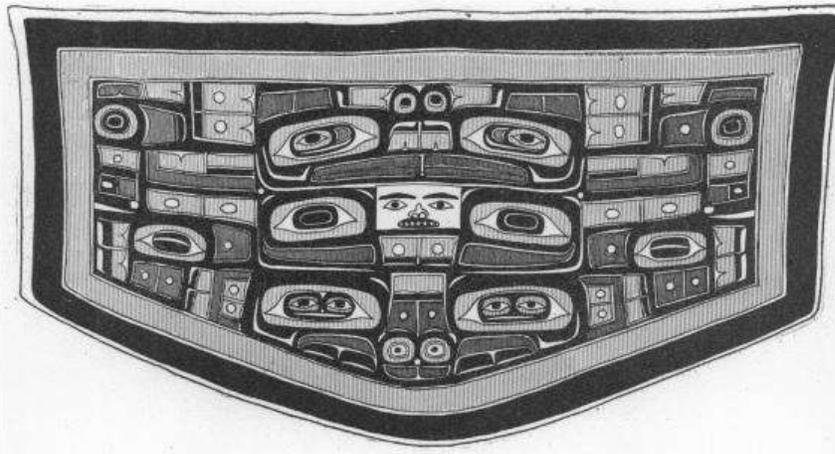


Fonte - Adaptado de EMMONS (1907, p. 355).

As mantas *Chilkat*, como se pode compreender, observam duas tipologias. Enquanto um modelo usual divide as “células” disponíveis em inferior/superior (esquerda na imagem acima), o outro estilo tende a favorecer a cabeça, centralizando um rosto cercado por vários olhos e decorações que evocam corpos animais. Apesar da grande quantidade de apensos nestes corpos, contanto, se torna difícil observar com clareza qual é o animal em questão; embora exista uma normativa clara sobre o que costuma, pode ou não pode ocupar determinado espaço dentro da área planejada do manto, a evocação animal antecede a identificação:

the essential cause of ambiguity lies in the selection of eye designs, all of which are of a size equal to the principal head of the figure (...). When the two upper eye designs are taken as the principal head, the whole design may be looked as one certain kind of animal. If the middle or lower eye designs are taken as the principal head, and entirely different animal results. (BOAS in EMMONS, 1907, p. 389).

Neste manto, por exemplo, podem ser avistados ursos, baleias, linguados e corvos, segundo a interpretação de dois antropólogos consultados por Boas:

Figura 154 - Animais misturados numa manta *Chilkat*

a. According to Emmons, it represents on top a brown bear sitting up. On the body of the bear is a raven's head; the hind-quarters are treated as a whale's head, the eyes being the hip-joints, the mouth the feet, of the bear. The principal figure is also explained as a whale; the head is below. The body, which is turned-up, is treated as a raven's head, and its tail as a bear's head. The side-panels are the sides and back of these animals, but also an eagle in profile on top, and a raven in profile below.

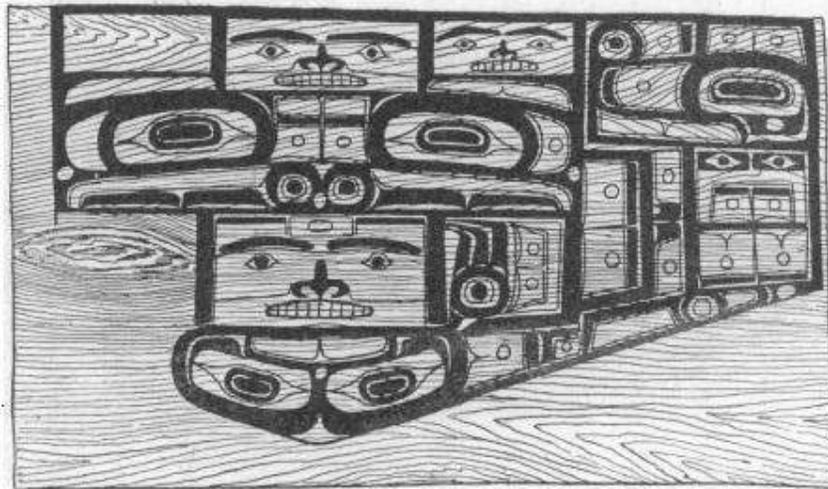
According to Swanton, the whole blanket represents a halibut; the head is below; the whole large middle face, the body; the face near the upper margin, the tail; the wing design next to the lowest head, the small pectoral fins; the rest of the lateral fields, the continuous border fin.

Fonte - Adaptado de EMMONS (1907, p. 372).

Trançados ao longo de um ano cada um pelas mulheres em teares específicos, os motivos animais a serem entremados são dados pelos homens em tábuas pintadas (“printing boards”) que por vezes são usadas para várias peças. Essas tábuas possuem cerca de dois terços do tamanho de um manto normal – por quê, tecnicamente, apenas metade seria necessária para reproduzir o motivo, mesmo que haja discrepâncias de simetria entre lados esquerdo e direito no resultado final. O que importa é que essas eventuais assimetrias estão articuladas para existirem dentro de um pré-arranjo formulaico; se para os povos sambaquianos os volumes animalistas de blocos naturais são favorecidos por evocar naturalmente um corpo humano ou roupa animal; para os *Tlingit* os corpos múltiplos e quase uníssonos de vários animais que ressaltam o corpo como roupa. Ao mesmo tempo, em ambas as atitudes, a ambiguidade é inerente de acordo com a perspectiva tomada. O desdobramento *Tlingit* é de fora para dentro – os animais são vistos de acordo com o que a pessoa que dança está fazendo: “When the dancer is at rest, the sides of the lateral design would be naturally at the side of the body; but when dancing and shaking his rattle, the elbows are often lifted, and by this motion the whole back is extended, and the whole central design may be seen in rear view” (BOAS in EMMONS, 1907, p. 356). Usando a lógica multinaturalista, quem dança não precisa ver os motivos do manto *Chilkat*,

pois já está incorporando essa perspectiva, sendo cego para si mesmo ao poder um mundo-outro – apenas quem vê essa pessoa dançar pode realizar a exegese do manto. Já o desdobramento zoomórfico exige a posição do bloco inicial e a de quem se encontra com ele com relação a ele. As cavidades, como o forro do manto *Tlingit*, estão invisíveis, a não ser que você abra ou vista o manto; ou vire e observe a cavidade. Enquanto o manto exige a mobilidade do dançarino, os zoomorfos impelem que você se movimente ou movimente a eles.

Figura 155 – Tábua de desenho para um manto *Chilkat*.



Fonte – Adaptado de EMMONS (1907, p. 355).

A bilateralidade, ou bissecção, se preferido, aparece com a distribuição paralela de elementos corporais que permitem a identificação animal mesmo quando apenas projetados como a tábua pintada acima. A tábua, de madeira, está assim, em caráter de equivalência ao bloco natural dos zoomorfos. Mesmo alguns detalhes, como a própria distribuição destes elementos corporais parece ser ecoada junto ao litoral do outro lado do hemisfério do mesmo continente – aqui. Como os olhos e bocas que são repetidos em ambas as metades de diversas mantas *Chilkat*, existe um certo padrão de incisão dos bicos, que, por questões anatômicas compartilhadas entre espécie animal e matéria prima é uma incisão periférica na borda extrema de um seixo neste caso – que ainda pode ser marcado por dois traçados convergentes a este ângulo (ex. N° 105; N° 118; N° 162, etc... PROUS, 1974a, passim). Usualmente, são traços contínuos, se limitando a circunscrever a estreita área da borda do bloco. Raros casos são incisados apenas de um lado (fragmento N°118). A provável baleia N° 167, como tantas outras esculturas idiossincráticas do estilo mais meridional, conflagra esta

relação geométrica com claras intenções perspectivas, aplicando o sistema aos apêndices laterais e supervalorizando o uso na boca.

Figura 156 - Bicos incisivos duplos convergentes  
Nº 105, convergência não-conjuntiva



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)

Figura 157 - Bicos incisivos duplos convergentes  
Nº 118, incisão parcial



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)

Figura 158 - Bicos incisos duplos convergentes  
Nº 162, incisões convergentes



Fonte - FILIPI POMPEU (2018)

O desdobramento já havia sido posto a descoberto anteriormente no trabalho pioneiro de André Prous, como já referido, em “un rythme ternaire”: antes da cavidade – cavidade - depois da cavidade; e, à direita da cavidade – cavidade - à esquerda da cavidade (PROUS, 1974a, p. 81). A diferença entre os *Chilkat* e o ritmo ternário da cavidade é que entre os pescadores sazonais de linguados do Pacífico, as mantas são centralizadas sobre o que será a cabeça, ou parte posterior, de um zoomorfo; já os animais dos escultores do litoral meridional atlântico colocam todo o peso do eixo principal como extenso a partir das cavidades e suas bordas. Existe, em todos os animais com uma cavidade, uma simetria automática inicial.

Esta seria uma simples adoção direta, contanto, se não existisse a tipologia sobrelevada prousiana – e isto é uma excelente oportunidade para também podermos falar de outros animais que aparecem na mitologia *Tsimshian* e no bestiário sambaquiano. Não obstante, é preciso buscar outras referências mais.

A baleia sobrelevada Nº 1 foi noticiada pela primeira vez por Castro-Faria (1954, p. 12), que a considera “uma autêntica miniatura” por conta da presença de diversos detalhes incisos na rocha macia de matriz arenítica; incluindo respiradouro com duas narinas e os sulcos mandibulares. Boca e olhos também são presentes; além de pigmentação ocre nos sulcos do lado esquerdo. É bastante provável que a admiração de Castro-Faria – e, admitamos, de qualquer pessoa para quem isto é

querido – seria só aumentada se as nadadeiras laterais e caudal não houvessem sido amputadas; à caudal preservou-se uma pequena seção que indica a bifurcação terminal. Uma saliência dorsal na parte posterior parece mais ou menos íntegra, realizando a existência de uma última nadadeira.

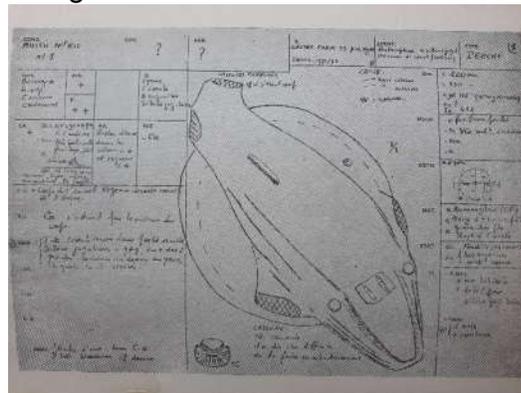
Figura 159 – Baleia mutilada Nº 1.



Figura 159

Fonte – Adaptado de Castro-Faria (1959, Fig. 15).

Figura 160 – Baleia mutilada Nº 1.



Fonte – Adaptado de Prous (1977b, p. 92)

Figura 161 – Baleia mutilada Nº 1.



Fonte – Adaptado de Gomes (2012, p. 80).

Mas, se estamos falando de sobrelevados, isso quer dizer que nossa descrição deixou metade da escultura de fora. A grande cavidade foi escavada num volume inferior, como se a baleia flutuasse sobre ou carregasse um grande fardo dentro de si, já que ambos os apêndices laterais partem desse bloco. Não temos imagens do interior da cavidade, mas sabemos que seu fundo é plano (o único caso dentre os sobrelevados), e que não há sinais de uso (PROUS, 1974a, p. 15). De forma geral, e em se levando em consideração outros sobrelevados “clássicos”<sup>412</sup>, é o único caso de cavidade com fundo chato – há ainda um caso de cavidade perfeitamente redonda (Nº 24). Outras particularidades incluem a predominância de animais marinhos (embora para nós, pareça a totalidade como veremos) e a dificuldade na avaliação do volume global: os animais são pequenos se aproximados a espécies de outras tipologias; porém, a massa do bloco que contém a cavidade costuma ser maior (Op. Cit., 1977a, p. 44-45).

Uma vez de posse destas orientações arqueológicas, relembremos a preferência estilística por blocos naturais que contenham atributos animalísticos (Op cit, p. 87), pois ela funciona de modo diferente, a nosso ver. No caso dos sobrelevados, em fato, funciona com esta ambiguidade referente aos tamanhos. Independentemente se é possível considerar que o bloco inicial tivesse possuído uma forma próxima à que avistamos hoje, podemos aferir que houve uma preservação da cavidade como seixo, pois é o atributo qualitativo que afirma a tipologia: “La cavité est, par définition, logée dans un volume à part; il y a dans ce seul type, dissociation des deux éléments fondamentaux: cavité et représentation” (Op. Cit. p. 45). Pensamos que essa separação faz mais do que insinuar uma cavidade: ela insere uma distância. Distâncias inserem, por sua vez, profundidade na perspectiva que costuma ser vencida apenas através de deslocamentos – estes que se tornaram bastante dificultados para a baleia mutilada Nº 1, aliás. Essa intuição de movimento, todavia, não é horizontal, senão vertical, no caso dela; mas não só nela. Por exemplo, a Imagem 160 mostra uma ficha original do catálogo de André Prous, de acordo com uma perspectiva de cima para baixo. O delfínídeo Nº 24, ao contrário da *Ballaenoptera* sp. Nº 1, não tem praticamente nenhum detalhe inscrito além de seu contorno; sua situação lateralizada em relação ao bloco sempre permite que o animal aquático seja

---

Nºs 24, 25, 33, 64, 66, 141, 170, 192, 225 e, talvez, o inédito 242.

visto de cima. Ao se girar a base, contanto, este animal desaparece da vista; ou seria melhor dizer, mergulha? Isto quer dizer que é possível dizer que as preferências referentes aos sobrelevados implicam, em fato, eixos perspectivais particulares com relação não apenas aos animais, mas aos espaços nos quais podem ter circulado – seja como animais, esculturas, seixos, músicas ou constelações.

Figura 162 – Animal aquático nº 24 visto de cima.



Figura 16

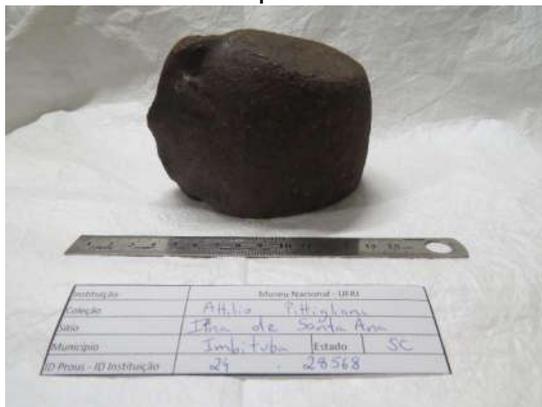
Fonte – Adaptado de Castro-Faria (1959, Fig. 16)

Figura 163 – Animal aquático nº 24 visto de cima.



Fonte – Oricchio (2020). Comunicação pessoal.

Figura 164 – Animal aquático nº 24 visto de cima.



Fonte – Oricchio (2020). Comunicação pessoal.

O quadrúpede N° 33 talvez seja o melhor para expressar esses movimentos centrípetos de uma observação superior. Observe-se que suas patas estão estiradas ao longo do bloco que contém a cavidade<sup>413</sup>. A cabeça, possui apenas uma boca; outros detalhes, se existiram, parecem ter sido removidos por uma intensa afecção térmica. febril, que está presente em toda a superfície como a aspereza que coroa diversas rachaduras que se estendem em ambas as metades, em várias direções. Isto nos leva a deduzir se a incisão oral não teria sido realizada após a exposição ao fogo. Hoje reconstituída, quando observada, dá a impressão de que o animal que está (ou foi posto?) ali está olhando para baixo para descer, após ser alçado, ou subiu para melhor ver algo que está abaixo. Ao mesmo tempo, podemos nos sentir observados se nos colocarmos na perspectiva de Proux (1974a, p. 78) e divisarmos mesmo um quelônio marinho distraído quando observamos de cima como avistado por Oricchio (2020) e Gomes (2012, p. 150). Sem trair a norma de animais aquáticos que é pertinente aos sobrelevados, o último exemplo contém em sua perspectiva os contornos do animal.

---

A escultura quadrúpede N° 95 possui quatro patas em relevo suave, mostrando uma forma enfraquecida da técnica usada junto ao N° 33. A N° 37 parece ser o exemplo mais forte do mesmo fenômeno.

Figura 165 – Tartaruga-Marinha Nº 33.



Figura 19

Fonte – Adaptado de Castro-Faria (1959, Fig. 19)

Figura 166 – Tartaruga-Marinha Nº 33.



Fonte – Adaptado de Gomes (2012, p. 150)

Figura 167 – Tartaruga-Marinha Nº 33.



Fonte – Adaptado de Prous (1974a, p. 78)

Figura 168 – Tartaruga-Marinha Nº 33.



Fonte – Oricchio (2020). Comunicação pessoal.

Uma outra escultura que é consideravelmente recorrente é o miracéu sobrelevado Nº 25. A identificação zoológica é exata por causa dos apêndices elétricos que o peixe possui (*Uranoscopidae sp.*). Ao contrário da pretensa tartaruga marinha Nº 33, o polimento não afetado e a boca é realizada em estrias paralelas dentro de um retângulo, em analogia aos “lábios” do animal. Indivíduos da espécie tem um padrão de comportamento similar ao das arraias e linguados, sendo um peixe de fundo, demersal – o peixe se enterra na areia do fundo e fica espreitando, olhando para cima, o que lhe dá o nome popular em português e inglês (“stargazer”).

Figura 169 – Miracéu Nº 25



Fonte – Inserir dados

Figura 170 – Detalhe do Miracéu N° 25



Fonte – Adaptado de Castro-Faria (1959, Fig. 19)

Figura 171 – Miracéu enterrado na areia do fundo.



Fonte – Ver este rodapé:<sup>414</sup>

A N° 192 é pensada por Prous como um cetáceo: “nous interprétons pour notre part la partie antérieure de l’objet comme la représentation d’une gueule ouverte de baleine vraie, avec ses fanons. La discussion est possible (1977a, p. 54). Como os sulcos, que na N° 1 são os sulcos mandibulares, estão voltados para cima, é provável que a baleia esteja numa posição, novamente, *de cima para baixo*. A pose é análoga à do processo de alimentação do maior mamífero da Terra:

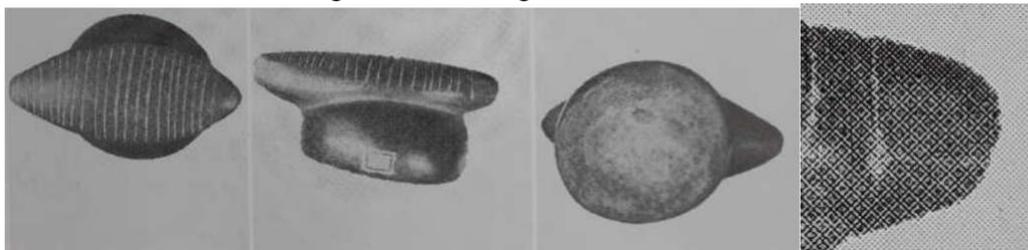
Figura 172 – Baleia-Azul em processo de alimentação.



Fonte – Ver o seguinte rodapé:<sup>415</sup>

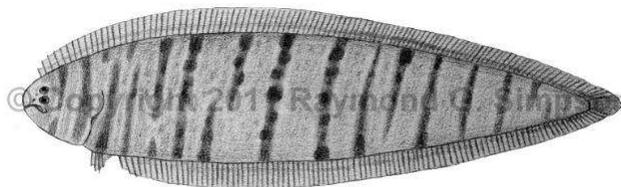
A última escultura é o linguado sobrelevado N° 66 (talvez do gênero *Symphurus sp.*). Já o descrevemos *supra*.

Figura 173 - Linguado sobrelevado N°66



Fonte – BIGARELLA, 2010, p. 161.

Figura 174 -Linguado da espécie *Symphurus jenynsi*



Fonte - SIMPSON (2011<sup>416</sup>)

As cavidades sobrelevadas, portanto, criam uma distinção tripla: animal/cavidade/dentro da cavidade. Mas o mais adequado é se pensar na *clareza* destas perspectivas. As cavidades sobrelevadas, por serem as de maior volume

<https://www.youtube.com/watch?v=-mVG6MtH-Kc>

A referência está na imagem, mas a imagem foi acessada em:  
<http://watlfish.com/species/cynoglossidae/symphurus-jenynsi/>

interno e por precisarem “fechar” quando a efígie animal está voltada para cima, inserem um outro tipo de distância, a da *visibilidade*. Não é equivocado afirmar que o que está mais próximo de nós está mais visível, assim como o que está distante, está menos visível.

Voltando aos animais, talvez isto fique um pouco mais iluminado. Vejamos: o miracéu N° 25 é um animal que se enterra nos fundos arenosos, possui uma ferroadada venenosa óssea e outra elétrica, apontadas para cima – um predador ctônico. O linguado N° 66 também é um animal de fundo, mas se camufla no solo para escapar de predadores; ele não é piscívoro como o antecessor. A baleia N° 1, semi-enterrada dentro do seixo e alijada de seu ir e vir sazonal e migratório, parece verdadeiramente *encalhada*, no limite final entre a água e a terra firme, a vida e a morte, entregue pela maré à sua própria sorte<sup>417</sup>. Seu movimento tradicional para que isso ocorresse, foi invertido: ao invés de singrar a costa no usual sentido norte-sul, acabou aventurando-se para oeste e acabou deixando a si mesma, indefesa. O quelônio N° 33, uma tartaruga marinha hoje, está *sobre* uma rocha ou, talvez, seus ovos recém depositados e enterrados – é um animal melhor adaptado para a água, embora seja capaz de transitar entre os planos, onde sua migração concorre com a postura de seus ovos em vários pontos da costa brasileira. A baleia N° 192 está em posição vertical de alimentação – ao que tudo indica – onde seu corpo, dentro da água, não é visível por completo; com seus contornos ocorrendo de forma distorcida, sugerindo uma observação de bem longe, talvez um promontório ou uma falésia. Sua cavidade é minúscula e alta. O golfinho N° 24 está na água, mas é conhecido o comportamento do animal que indica aos pescadores onde estão os cardumes de peixes e acompanha os barcos. Seu salto é referenciado em um mito *Selk’nam* que veremos adiante e o associa com um estágio liminar entre água e céu; o importante é que neste exemplo, o golfinho é visto *de cima*, mesmo que a escultura precise ser vista de perfil para tanto. Assim, o golfinho pode estar *abaixo*, mas a perspectiva que o torna visível é a que a miniaturiza, inserindo a distância. Por isso, ele está no topo, por assim dizer, de nossas considerações:

---

O encalhamento de baleias junto aos povos litorâneos era motivo de celebração e guerra, como se vê, por exemplo, entre os Selk’nam da patagônia argentina. O mesmo povo lembra de xamãs lendários que com seu poder, atraíam e faziam encalhar baleias. A escultura N° 225 parece também estar encalhada, com os apêndices voltados para cima, semi-enterrada pela maré – mas não conhecemos essa escultura pessoalmente e as imagens disponíveis são poucas e pouco nítidas.

Tabela 2- Esquema básico do deslocamento de sobrelevados dentro da área de atividade da terra-firme, da maré e da água.

Terra Firme		Céu		Alto-Mar	
Golfinho Nº24	Quelônio Nº 33				
Linha da Maré	Linha da Maré	Baleia Nº 1	Aquático Nº 225	Linha da Maré Linguado Nº66	Baleia Nº 192  Miracéu Nº 25

Fundo da Água/Terra  
Fonte – FILIPI POMPEU (2021)

Arranjados de acordo com as possibilidades de perspectivas distribuídas a partir dos pontos de vista disponíveis, os sobrelevados atravessam a paisagem contida em seu microcosmo coletivo. Nesta hora de incômodo, lembremos da passagem de Lévi-Strauss acerca da importância do corpo dualizado das formigas e vespas “cuja cintura fina parece dividir o corpo ao meio e permite encarregar esses insetos do papel de separadores para instituir a alternância entre dia e noite, vida e morte...” (2014, p. 537) Não podemos e não devemos apontar exatamente se e qual cada caso, porém, podemos dizer que as marés estão associadas com essas mesmas relações de vida/morte e dia/noite, já que suas variações altimétricas estão ligadas com a gravidade lunar e a possibilidade de ir coletar mariscos e o que quer que tenha sido deixado durante a retirada implica na morte de uns para sobrevivência de outros – assim como há o potencial de encontrar com eventuais seixos zoomorfos que por ali habitam. O invisível simbolizado pelas cavidades e ressaltado pela visibilidade animal pode estar relacionado horizontalmente com as linhas de fundo, de alta e baixa da maré e do céu, como o esquema demonstra. Além disso, as esculturas traçam o deslocamento dos animais ao longo das linhas intercruzadas da paisagem – todas elas centralizadas pelas variações da maré e admitidas de diferentes escalas paralelas que sobem ou descem como a linha d’água de uma versão do já falado mito de origem das marés onde a linha alta d’água é presa pela mão por uma velha que é derrubada ao chão, cegada e suja nos olhos e boca por Corvo com terra, após tratá-lo mal verbalmente (BOAS, 1916, p. 64).

Contudo, as cavidades ainda opõem com sua massividade e apenas uma “invisibilização” do interior em contraponto a uma elevação do animal não nos parece suficiente. Em um mito similar ao dos *Haida*, o anti-herói (*trickster*), encarnação exemplar do transitório e efêmero isolado na ilha do Rio Nass (a versão é *Coos*), passa por maus bocados onde uma baleia está envolvida: “Enquanto isso, o pai do herói, que falava todas as línguas, inclusive a das baleias, mandou o cetáceo engoli-lo e levá-lo de volta à terra. Saiu das entranhas do bicho completamente careca, reduzido a um esqueleto, mas com o coração” (LÉVI-STRAUSS, 2014, p. 545). Duas coisas fazem eco aqui aos zoomorfos, à primeira vista: o “descascamento” da personagem que foi parcialmente digerido dentro da baleia – que faz eco com as tartaruga N° 33, visivelmente alterada com calor que, hipoteticamente, apagou seus atributos físicos e fisiológicos – e o deslocamento da baleia *para fora* do Rio Nass como um barco; semelhança com a variação *Tsimshian* da “seixificação” dos animais e a variação dos animais *chegando* na ilha sobre baleias assassinas, já referendadas antes, não parece mais uma mera coincidência.

Outro mito, desta vez *Selk’nam*, sobre a origem dos golfinhos está na história de *Kemanta* e seus parentes. Após ouvir uma tempestade retumbar ao longe, *Kemanta* e sua família resolvem fugir nadando (em vez de serem abandonados em uma ilha, como Corvo entre os *Tsimshian*), porém, *Kemanta* não sabe nadar. Ele *escala uma rocha* e a família tenta atirá-lo na água diversas vezes, em um movimento repetido que lembra a maré; até que conseguem. *Kemanta* afunda. Seus parentes, então, *nadam por debaixo dele* e o *erguem por sobre as ondas*, cada vez que ele afundava – até que, finalmente, ele aprende a nadar e, desde então, nunca mais voltaram à terra firme (GUSINDE, 1990, p. 598-599<sup>418</sup>).

Mais um mito muito interessante dos *Tsimshian* ajuda a pensar as cavidades – e o conseqüente posicionamento do animal – de uma forma invertida: como caixa/tampa. O xamã *Tsegu’ksks*, que é levado (em vez de fugido como no mito anterior, ou abandonado, como no primeiro mito *Tsimshian*) ao fundo do mar por uma baleia orca sobrenatural e dela ganha um bastão em forma de lontra (!) e uma caixa cuja tampa é em forma de baleia (!!). O bastão é capaz de cortar o gelo (como as cavidades e o comportamento animal rompem suas respectivas superfícies do fundo,

---

Outro mito de origem *Haida*, que está na conclusão, comenta sobre um marisco *meio enterrado na praia*, cuja concha era totalmente diferente das outras ao entorno e de onde vinham curiosos ruídos de dentro... (*infra*)

do mar, do ar, do céu...) e, de brinde, ainda leva mais uma caixa que serve como barco e uma canção (BOAS, 1916, p. 474). Noutra versão mais elaborada, a aldeia deste xamã é exterminada por um esquilo de madeira de outro xamã, dotado de vida. *Tsegu'ksks* deita numa canoa, canta, faz sacrifícios não descritos e é trazido para o fundo do mar. Lá, novamente, ele ganha uma caixa em forma de orca assassina e um bastão mágico – mas, dessa vez, por uma entidade anônima. A baleia quebra o gelo, se tornando um barco após seu comando verbal; e ela e o bastão matam todas as mulheres da aldeia do xamã responsável. Nas guerras que se seguem entre as duas partes, ele acaba perecendo e revivendo espontaneamente ou usando artimanhas; quando, finalmente, é vencido, a estrutura da narrativa detém uma forma analogicamente pertinente ao início do mito de origem dos seixos zoomórficos: “His body is tied in a box, but he revives and sits on the grave-box in the shape of an owl. A painted pole which he has erected in front of his house falls over and is seen to be rotten. at the same time the owl falls back into the box dead (Op. Cit., p. 870).

No mito de origem dos seixos zoomórficos, Corvo chama os animais com a pretensão de fazer o primeiro *pottatch*, portanto, com um caráter de aliança; já *Tsegu'ksks* quer vingança porque um animal de madeira de outro xamã destruiu os seus parentes (e, conseqüentemente, suas alianças). No primeiro mito, Corvo escava uma casa no lado externo da ilha do Rio Nass, lugar do fogo e da segurança e abrigo da vida; no segundo mito, *Tsegu'ksks* ao reviver pela última vez, se transforma na coruja que adorna uma caixa-túmulo – se covas são comumente escavadas, a caixa aqui é uma *ascendência* da cavidade com relação ao chão, ainda mais se tratando de um caso funerário. Finalmente, depois de se transformar em pedra, Corvo continua em pé na frente de sua casa escavada na ilha – conectando em convergência positiva (para cima) ainda com outra versão desse mesmo mito que poderia ter ficado avulsa: “...and therefore the stone remains leaning [“up”] against the cliff” (Op. cit. p. 718) ao mesmo tempo que conecta com *Tsegu'ksks*-tampacoruja caindo sozinho para dentro de seu túmulo, em disjunção negativa, recém narrado. Algumas outras proposições dessa mesma seara ficarão para outra ocasião. É preciso seguir em frente.

Os sobrelevados restantes são de animais cuja cabeça está sendo esticada *para fora* do bloco, em dois volumes separados como se espera. Não são animais que pertençam claramente a um domínio terrestre, aéreo ou aquático – parecem contrastar em seus contornos não exatamente uma necessidade de conhecer o

animal; mas de ver o seu comportamento ou onde está. As esculturas N° 64, N° 141, N° 170 e N° 242 são versões do mesmo fenômeno:

Figura 175 – Sobrelevado talvez aquático Nº 64.



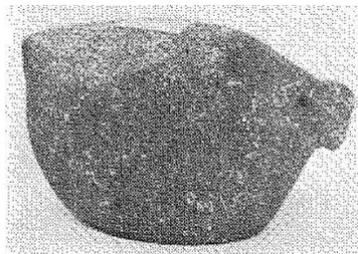
Fonte – Bigarella (2010, p. 161)

Figura 176 – Sobrelevado de cabeça de Tartaruga-Marinha Nº 141.



Fonte – FILIPI POMPEU (2018)

Figura 177 – Sobrelevado Nº 170.



Fonte – Prous (1977a, p. 111).

Figura 178 – Falso sobrelevado Nº 242.



Fonte – FILIPI POMPEU (2016)

Alguns deles, em fato, estão próximos aos nucleiformes se ignorássemos o papel da cavidade, quase tendo uma cauda, ao que parece, no animal Nº 170. A pretensão aqui parece ser mais aproximá-los dos volumes principais, provocando uma

ambiguidade entre corpo e seixo – como se a atividade escavatória/protetora do miracéu Nº 25 e do linguado Nº 66 tivesse servido de exemplo comportamental; no caso do Nº 64, a cauda sofreu fraturamento parcial, restringindo ainda mais o animal<sup>419</sup>. Se podemos adicionar uma espécie de “norma perspectiva” acerca dos sobrelevados até agora é que eles sugerem com ênfase quais são os pontos de vista sobre si mesmos: esse comportamento é global no caso dos aquáticos evidentes que analisamos antes e local no caso destes “menos-típicos”. Os Nºs 64 e 242 impelem uma visão de cima, pois a face de cada um está voltada para cima de certa forma, como mostrado nas imagens. O Nº 64, aliás, possui um olho picotado e o outro perfurado – caso único dentre os zoomorfos, incrementado pelo seu polimento geral que é elaborado (PROUS, 1974a, p. 28), provavelmente, deixando a sua superfície bastante lisa. Já os dois olhos picotados do Nº 242<sup>420</sup>, aparentemente às pressas, podem ser olhados juntos na imagem que fornecemos, cujo eixo é *cima/baixo*, em variação diagonal. O tamanho organiza entre os volumes ajuda a organizar as restantes, Nºs 141 e 170; estas tornam necessário uma aproximação extrema para a captura (em fato, tentativa) da identidade animal. Mesmo muito próximos à Nº 141, parecemos diante de algo miniaturizado – não porque sabemos o nosso tamanho real (é impossível ter a perspectiva real de si mesmo), mas porque o bloco que sustenta essas pequenas cabeças “brotantes” sempre está visível em paralaxe com quem observa – bloco esse, maior por desígnio de tamanho. E desígnio esse, de brotar do seixo, que já se tornou comentário quase sobressalente, ao citarmos de novo Prous e o grupo de esculturas que têm esse estilo de aproveitar volumes zoomórficos de blocos naturais.

Figura 179 – Antropomorfo Nº 23 e Ninho de Aves Nº 235.

---

Que poderia ser um peixe ou quelônio (este último pelo formato da cabeça); mas não ousamos pronunciar qualquer um, já que não avistamos a escultura pessoalmente. O fragmento Nº 120 é muito similar a esta escultura – seria uma cópia parcial ou total?



Fonte – Esquerda: Prous (1974a, p. 75); Centro: Afonso (2017, p. 211); Esquerda: Prous (1974a, p. 235, p. 152).

Figura 180 – Ave paquiforme falsa sobrelevada Nº 13.



Fonte – Gomes (2012, p. 162).

Figura 181 – Terrestre falso sobrelevado Nº 95.



Fonte – FILIPI POMPEU (2018)

Figura 182 – Ave cruciforme mutilada Nº 99.



Fonte – FILIPI POMPEU (2018)

Contudo, a intuição ainda aponta para outras esculturas que, se não participam tecnicamente do parâmetro *prousiano* de sobrelevados, mas entretêm a disposição

seccionada de dois volumes, apesar de não lembrarem tecnicamente criaturas aquáticas. Um exemplo é o Antropomorfo de Iguape, Nº 23, com dois volumes distintos funcionando da mesma forma atrativa que o Nº 242 – mas com uma ênfase muito maior a nível local e global. A ausência de cavidade está contemplada pela faixa polida no bloco quadrangular que encarna, no mínimo, um corpo – esta faixa é ímpar no catálogo de esculturas por sua circunscrição horizontal e central através do bloco<sup>421</sup>. Mas, se nos sentirmos inseguros por admitir esculturas sem cavidade dentro desta categoria, não precisamos ir muito longe. Por exemplo, a ave Nº 13, o quadrúpede Nº 95 e a ave esquartejada Nº 99 e o ninho Nº 235; as aves estão sustentadas por suas cavidades, que elevam suas asas acima do vazio guardado abaixo de si (como um vácuo?) – mas numa delas a cavidade também poderia ser seu estômago (Nº 13), já que o vazio se projeta para dentro de seu âmago, até próximo do dorso do animal. O mesmo pode ser dito do quadrúpede Nº 95, cujas patas curvas abraçam o bloco com mais suavidade do que seu aparentado, o quelônio queimado Nº 33. Seria ele também um quelônio como a cabeça indica? Não podemos responder, pois seu corpo mal ascende do seixo, além da cabeça. Já a ave esquartejada Nº 99 apresenta uma sólida diferenciação entre o corpo animal e a cavidade ventral, com uma cavidade de bordas altas, fundo reto, e cabeça morfologicamente similar ao Nº 242, com a escavação entrando pouco no animal. O ninho Nº 235 não é nada menos que uma iteração da estrutura maior/menor outrora vislumbrada junto às cabeças Nº 141 e 170; adicionando uma cabeça central maternal/paternal, de caráter protetor, que já apontamos *supra* e, com isso, outro eixo de análise. Dois pares de filhotes, que talvez possam ser vistos como apêndices laterais anteriores e posteriores se vistos de cima, ladeiam e são acolhidos pela cabeça central mãe/pai, cujo sentido flui inescapável para um novo flerte com a fertilidade; que foi inaugurado com convicção na “manipulação” da arraia Nº 6.

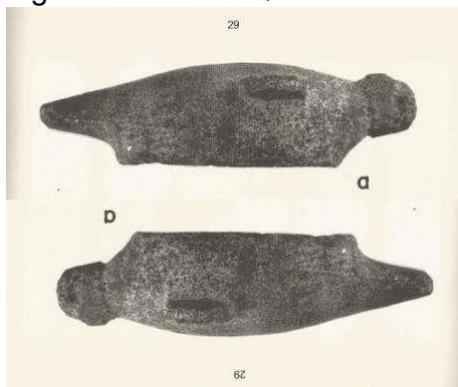
De qualquer forma, pudemos deixar claro que a prioridade da distância está ligada à perspectiva situada no eixo *cima/baixo*; mas é pensada ora como graduação da exposição visual do animal, ora pela redução do tamanho e quantidade do atributo. As esculturas sobrelevadas compartilham e combinam estas qualidades entre si – porém, quanto mais externalizado é o animal, mais aquático ele parece. A referência mitológica faz correlações distintas; mas podemos notar que a inversão da cavidade

---

Voltaremos mais tarde a esta escultura.

sobrelevada (ou que eleva, no caso dos tecnicamente não-sobrelevados) confere à cavidade o uso *como uma tampa*, de modo mais intenso; e *como uma caixa*, de modo menos intenso e dependente de um terceiro elemento. A atividade contentora fica pareada com a de deslocamento, se assumirmos o parentesco entre as quase-sobrelevadas voadoras e terrestres e a presença animal nos mitos das baleias como barcos; que pode ser facilmente vertida para os pássaros se considerarmos que se, não seriam “realmente” capazes de carregar algo por “não ter fundos”<sup>422</sup>, ao menos detêm o espaço contentor: a ave/quelônio N° 245, encontrada na Serra Gaúcha após a publicação do catálogo de zoomorfos já é descrita como: “(...)no caso de depressão dorsal a nossa peça seria um quelônio e ventral, um pássaro (...)” (RIBEIRO, RIBEIRO, SILVEIRA, 1977, p. 15). Assim, o transporte é possível; depende do que está sendo transportado e por quem.

Figura 183 – Ave/Quelônio N° 245.



Fonte - RIBEIRO, RIBEIRO, SILVEIRA (1977, p.29)

Poderíamos seguir explorando mais a fundo as esculturas, suas relações estilísticas e mitológicas; mas o que dispomos já parece suficiente para embasar as conexões propostas ao início do capítulo. É tácito apontar que partimos, primeiramente, da seguinte constatação: tanto a arte sambaquiana quanto a arte dos povos em questão praticam o uso das imagens desdobradas. Ou, ao menos consideramos suficiente que ela esteja presente no artefato-guia que os zoomorfos são. A distância espacial e temporal entre os exemplos que dispomos é tão evidente

---

Na verdade, há um mitema muito recorrente nas *Mitológicas* que envolve a personagem principal correndo risco de morrer de inanição, ou porque tiveram suas nádegas devoradas por aves de rapina, como é no mito Bororo que servirá de fio condutor para toda a série (LÉVI-STRAUSS, 2004); e como a continuação do mito Tsimshian em que Tsegu'ksks sai de dentro da baleia apenas 'coração e osso' (BOAS, 1916, *supra*). Infelizmente, não poderemos discorrer sobre esta questão potencialmente importante para o simbolismo das cavidades nesta ocasião.

quanto o fato de apostarem no mesmo processo de apropriação das formas estéticas. O estilo, o tempo e o espaço são distintos, porém, os métodos e intenções têm se demonstrado convergentes: não é possível purificar (LATOURE, 1994) os zoomorfos, senão, aceitá-los em sua totalidade multinatural: “Si l’on admet que ces cavites sont symboliques, il faut admettre que leur support préféré (la représentation animalière pourrait bien l’être aussi)” (PROUS, 1977a, p. 136)

Não pudemos reconstituir as mitologias sambaquianas – tampouco era este nosso interesse; o que nos era querido, e que pensamos ter demonstrado, é que é possível pensar as esculturas zoomórficas e sua conexão simbólica com os sambaquis e as conchas de moluscos ao ponto da abstração mitológica ao ponto da reificação. Encerramos esta última etapa com a bênção que leva a pensar que a arqueologia é muito mais antropológica/etnológica do que parece:

A lógica do pensamento mítico pareceu-nos tão exigente quanto a que fundamenta o pensamento positivo e, no fundo, pouco diferente. Pois a diferença está menos na qualidade das operações intelectuais do que na natureza das coisas a que elas se referem. Já faz bastante tempo que os tecnólogos perceberam, em seu campo, que um machado de ferro não é superior a um machado de pedra porque um seria ‘mais bem feito’ do que o outro. Ambos são igualmente bem-feitos [são machados], mas o ferro não é a mesma coisa que a pedra. (LÉVI-STRAUSS, 2012a, p. 330).

## 8 CONCLUSÃO

A longa, mas instigante, epígrafe que abre nosso projeto de pensar nas bases elementares de uma cosmologia sambaquiana não foi escolhida à toa. Na coletânea chamada *As Cosmicômicas*, o escritor de literatura fantástica Ítalo Calvino relata com o auxílio dos mais variegados protagonistas, uma história geológica da Terra como múltiplos mitos de origem organizados numa crescente geológica. Desde os átomos e seus problemas familiares, passando por rochas, plantas, dinossauros e moluscos (BOGOST, 2012), são tomados como testemunhas da constante transformação da crosta terrestre enquanto precisam lidar com questões profundamente existenciais provocadas por relações com outros atores insólitos – que o ocidente relegaria ao *status* de objeto.

A inversão de perspectiva, contudo, não está na escolha dos protagonistas de Calvino. Como fonte de inspiração para suas narrativas ficcionais, ele costuma enxertar, da mesma forma que nós fizemos com ele, uma epígrafe do lado oposto da esfera do conhecimento. No caso do conto *As Conchas e o Tempo*, do ciclo tardio de suas *Cosmicômicas*, o parágrafo que abre o enredo fala sobre a multiplicação de material fossilizado a partir de 520 bilhões de anos atrás, nos períodos Cambriano e Ordoviciano quando moluscos começam a secretar suas idiossincráticas conchas calcárias. Ao contrário, entretanto, do que os cientistas usualmente interpretariam como um mecanismo de defesa, o escritor impregnou uma intuição filosófica, baseado na ideia da primeira pessoa que *entendeu* a sucessão dos estratos geológicos<sup>423</sup> como uma sequência temporal; assim também teria brotado a necessidade das primeiras conchas:

“Era preciso que eu começasse estabelecendo alguns sinais na continuidade incomensurável: estabelecer uma série de intervalos, isto é, de números. A matéria calcária que eu segregava fazendo-a girar em espiral sobre si mesma era, justamente, alguma coisa que seguia ininterrupta, mas enquanto isso a cada volta da espiral ela separava a borda de uma volta da borda de outra volta, de modo que, querendo contar alguma coisa, podia começar contando essas voltas. O que eu queria fabricar para mim, enfim, era um tempo somente meu, regulado exclusivamente por mim, fechado: um relógio que não precisasse prestar contas a ninguém sobre o que marcava. (...)uma parte do mérito é de vocês também, o que estava escrito nas linhas do caderno de terra, vocês é que souberam ler (...), conseguiram soletrar os caracteres retorcidos do nosso balbuciante alfabeto espalhado por

---

Que sabemos ser George Cuvier (1769-1832).

entre milenares intervalos de silêncio, e tiraram dele um discurso inteiro, sequencial, um discurso *sobre vocês*” (CALVINO, 2007, p. 329 – grifos do autor).

“A arte imita a vida”, diz um axioma tão abstrato quanto difícil de refutar. Falecido em 1985, Calvino não teve a oportunidade de conhecer a história de *Hafrún*. Em 2006 uma dragagem no litoral da Islândia trouxe às terras secas um molusco da espécie *Arctica islandica*, cujo ambiente são as profundidades sempre imersas, onde a luz só indireta. Qual não deve ter sido a surpresa da equipe científica quando, após necropsiar o espécime, se tratava do animal não-colonial mais antigo da história; os seus anéis de crescimento totalizavam 507 anos de idade. A descoberta auxiliou os cientistas a conhecer mais sobre o processo de *senilidade negligenciada*, um dispositivo biológico teórico que estaria associado com grandes longevidades – mas isso jamais teria sido possível sem a morte do animal, já que a concha deve ser cortada para que sua idade seja estabelecida (WANAMAKER JR. et. alii., 2008<sup>424</sup>). Não importa que tenha nascido em 1499, qual era a sua importância em seu grupo social, o tamanho de sua prole e os eventos que testemunhou (incluindo uma erupção); para nós, sua existência foi efêmera, nati-morta. “*Hafrún*”, um nome póstumo, feminino, que quer dizer “mistério do oceano”, desvelou um mundo oculto para os humanos; mas a natureza de sua existência teve de ser sacrificada e para sempre permanecerá, de fato, um mistério irrevogável.

Enquanto nós, ocidentais, paradoxalmente assassinamos *Háfrun* em prol do conhecimento científico para compreender os processos da longevidade, os povos sambaquianos também estavam preocupados com o *tema da mortalidade* ao erigir os sambaquis. Mas é evidente que suas preocupações não eram mais de compreender por que a vida não é eterna, e sim, talvez, de fazer compreender as conexões que *transformam* algo vivo e animado/móvel em algo morto e sésil/inanimado. As conchas dos mariscos, onde contamos anéis de crescimento para entender o passado, parece que eram pensadas pelos sambaquianos como um resultado elementar de toda atividade vital: o consumo alimentar por parte de uma alteridade outra. Esse consumo, simbólico ou não, sempre deixará um resíduo elementar, que são as conchas, ossos, penas, escamas e assim por diante, cuja importância

---

WANAMAKER JR., A. D.; HEINEMEIER, J.; SCOURSE, J. D.; RICHARDSON, C. A.; BUTLER, P. G.; EIRIKSSON, J.; KNUDSEN, K. L. Very long-lived mollusks confirm tephra-based radiocarbon reservoir ages for North Icelandic shelf waters. *Radiocarbon*. Vol. 50. Nº 3. 2008. p. 399-412.

simbólica não foi menosprezada, senão supervalorizada por essas pessoas. Quanto mais se come, mais se mata e mais se morre, maior é essa vitalidade mortuária do sambaqui.

Outro exemplo, mais próximo e já citado em nossa obra, está no exemplo Wajãpi; o tempo estratigráfico, como pensado pelos mais velhos, é explicado como o crescimento de uma árvore: “começa com uma pontinha, um talo, uma folha e vai crescendo, vai subindo a folha: a parte de cima da árvore é a mais antiga” (CABRAL, 2014, p. 327). Ora, pensamos, conectando a árvore, sua relação vital de crescimento e a passagem do tempo, os sambaquis, as conchas dos moluscos e as relações entre alto e baixo podem ser conectadas numa analogia vital

Pensamos que elas observavam com cuidado estas relações de *crescimento*; afinal, a alimentação também *nutre* um corpo que fica *cheio*, estufado, satisfeito; e, por que não, grávido. Observamos as diversas conexões do conceito de concha junto ao decantamento de seus *campos semânticos*, um deles, é o da fertilidade e da nutrição (*supra*). A gravidez, como sabemos, gera uma duplicidade e uma continuidade descontínua – tanto artefatos e filhos podem estar relacionados às substâncias que competiram e congregaram para a criação de cada um dos corpos (SANTOS-GRANERO, 2009a; VILAÇA, 2007; TOLA, 2010). Conforme esse acúmulo infla, é possível dizer que as pedras também crescem: assim como as esculturas zoomórficas emergem das cavidades como se surgissem do perióstraco<sup>425</sup> das conchas, os seixos selecionados para serem esculpidos também insinuam uma forma animal que parece uma entidade dentro de uma membrana fina e justa que recobre toda a sua superfície. Nós chamaríamos normalmente essa superfície de *córtex* da rocha; mas, se o animal está visível em seus contornos, ou aquilo é a sua pele, ou é um invólucro que o retém – em ambos os casos a forma do seixo ditará não apenas o modo de deslocamento favorecido pela criatura talvez ainda incógnita, mas o quanto dele está passível de observação, sendo este um animal ambíguo enquanto cavidade indissociavelmente distintos.

Ao longo de nosso trabalho, diversas associações desta espécie foram feitas.

No primeiro capítulo, buscamos levantar o *campo semântico* do sambaqui através do resgate das várias terminologias associadas aos sítios arqueológicos e à principal matéria que os compõe, as conchas de bivalves. Com os termos coletados, foi

---

Sua parte externa.

possível considerar o desdobramento do significado de sambaqui até outras dimensões significantes: fertilidade, alimentação metáforas corporais e ideia de acúmulo se fizeram ecoar com maior sonoridade.

O segundo capítulo busca atravessar as escalas de um modo similar. A paisagem sambaquiiana, esperamos, foi apresentada como conectando três diferentes formas animais: esculpidos, depositados nos sambaquis e móveis/em deslocamento na paisagem. Entretanto, desenvolvemos nosso foco na listagem e formas de deslocamento destes últimos animais. A ideia era justamente poder criar uma classificação paralela, baseada nos elementos fundamentais da passagem e por uma acepção global das esculturas. Isto nos levou a um roteiro pautado pela *forma de deslocamento* que a escultura sugere *a partir de sua forma animal*.

Para compreender as formas animais e seu papel na paisagem, tivemos que nos aproximar de algo que não é usualmente tomado como sensível: a teoria abstrata. Os capítulos três e quatro buscam atualizar e antecipar a teoria antropológica, arqueológica, fenomenológica e ontológica – numa transição e derramamento uma dentro da outra – em busca de uma interrelação suspeita entre estas disciplinas. Mais do que suspeita, pudemos mesmo associar algumas conexões dos capítulos anteriores, comprovando a flexibilidade das teorias de coisa-conceito (principalmente) e seu vínculo com as noções de transitoriedade que o animismo perspectivista dispõe. Analisando alguns estudos pontuais de arqueologia animista, também procuramos fundamentar nosso esforço por esta mesma senda.

O quinto capítulo se voltou novamente aos sambaquis munido de argumentos. Antes que pudéssemos aplicá-los, discorremos brevemente sobre alguns estudos recentes sobre zoomorfos – e longamente sobre o estudo principal de André Prous (1977a). Durante a análise e aproximação das ideias levantadas nos dois capítulos anteriores, perscrutamos novas formas de encarar as esculturas – a saber, aplicando a fórmula simples que evoca o caráter etológico dos animais. A partir daí, e das novas interpretações feitas acerca das esculturas, e aliando os comportamentos etológicos dos animais não-esculpidos com os esculpidos foi possível notar uma preferência pelos fatores de alimentação dos animais e a partir deles, redundando esses fatores nas próprias esculturas. Tentamos, em virtude da perspectiva global, portanto, elaborar um ontográfico que versasse sobre todos os casos onde foi possível intuir uma espécie animal. Este gráfico, que também aliou elementos volumétricos da

escultura e das cavidades pertinentes, nos impulsionou para desenhar com linhas tênues um panorama geral da paisagem e da cosmologia sambaquiana.

Essa cosmologia foi melhor contextualizada através da conexão de alguns pontos entre a cavidade, os animais e a mitologia indígena. Um estilo de arte autóctone pôde ser colocado em contraponto com algumas das regras fundamentais da fórmula sambaquiana; essa reiteração também providenciou argumentos válidos (em nossa concepção, mas devidamente embasados por autores célebres) para que se possa aplicar noções pós-estruturalistas para o estudo do que seria uma arqueologia animista.

Animista sim, pois todo o esforço que empregamos significava, justamente, *interpretar e contra-interpretar* as esculturas, os sambaquis, os mitos, a paisagem e sua interrelação irredutível. Tivemos que reduzi-la, todavia; o que poluiu com certeza o nosso texto dado que por vezes é difícil falar de um assunto sem tocar no outro. Acreditamos que isso tenha ocorrido diversas vezes ao longo do texto – contanto, isto jamais se deu numa forma linear. Em diversos momentos a nossa arbitrariedade surgiu como modo de “controlar” o argumento, dado que, ao contrário do que se espera de uma tese, este tipo de conhecimento não têm início ou fim. Isto pode ter incorrido, talvez, numa gota de desconfiança com relação às nossas proposições – em resposta, dizemos apenas que estas últimas são apenas nossas e nos responsabilizamos por elas.

Assim, em nossa perspectiva, as esculturas podem estar associadas à ritos de passagem; com sua construção sempre inacabada sendo associada a ciclos naturais da chegada e partida dos animais e de pessoas em migração através do território sambaquiano. Também com certeza estavam relacionados aos processos funerários; mas, adicionamos, provavelmente também aos de puberdade, gravidez e nascimento, onde consideramos o seu uso como regulador e talvez transformador da natureza de determinados alimentos considerados tabus. Tabus estes que podem estar relacionados ao sucesso ou não na pesca/caça, à cerimônias de nomeação, advento da puberdade e etecetera; temáticas estas que sempre exigem alteração corporal mais ou menos definitiva.

Isto nos leva a considerar que, se os zoomorfos estiveram relacionados a cerimônias desta espécie, também é possível aventar a possibilidade de que relações de parentesco eram estabelecidas entre as esculturas e as pessoas, como os sepultamentos atestavam isoladamente. Assim como entre os *Anishinaabe*

(MATTHEWS, ROULETTE, 2018), é possível que essas esculturas fossem consideradas *parentes ou pais* de várias pessoas nesta sociedade por contribuir de modo ainda pouco claro com sua alimentação. Da mesma forma, um seixo animal encontrado e desenvolvido em sua forma animal por alguém interessado, poderia ser muito bem *um filho* cujo corpo é construído com elementos voltados para a observação (VIVEIROS DE CASTRO, TAYLOR, 2006). Isso ajudaria a explicar um pouco o abandono das esculturas e o seu sepultamento: como intimamente associados aos corpos humanos sepultados, talvez aquelas fossem as únicas pessoas que poderiam se comunicar especificamente com as esculturas. Sua morte teria as assassinado por conjunção, dado que nenhum parente humano do morto saberia ou poderia interagir com elas. Os depósitos votivos também sugerem sepultamentos ou abandonos rituais (GOMES, 2012) já que igualmente afastam as esculturas do olhar, da mobilidade e da vida – contanto, parecem ser mais tardios, sugerindo uma certa periculosidade com relação aos sítios conchíferos.

Também podemos apontar algumas contribuições ao perspectivismo ameríndio. Uma delas, é que, ao menos nos sambaquis, a pesca parece ter possuído uma importância simbólica similar, ou idêntica, à da caça. Em virtude disto, mas apesar de mal termos comentado questões de temporalidade, é possível igualmente situar um pouco a teoria multinatural na linha do tempo. Embora não saibamos com clareza como eram as relações perspectivas além da cosmologia prévia que delimitamos, esperamos ter deixado claro que havia algum tipo de relação multinatural/pós-estrutural, como a pensamos hoje, vigente entre estas populações. Isto, dado a acepção de novas tipologias zoomórficas, como zoomorfos miniaturizados e monumentais, nos leva a uma questão fundamental: se, no multinaturalismo perspectivista *qualquer* coisa pode ser dotada de vida e atividade social; e os zoomorfos são esculpidos a partir das formas originais dos seixos e diques recolhidos por essas pessoas, *qualquer coisa pode ser um zoomorfo*, da mesma forma que *não existem ecofatos*, uma vez que estes pertençam a um contexto arqueológico reconhecível. Assim, perguntamos, será que não existem muitas outras escalas e formas de entidades arqueológicas que não estamos sendo capazes de ver? O que precisamos saber para vislumbrar os contornos destes mundos-outros ainda por avistar? Não sabemos, mas pensamos ter estabelecido alguns pontos de partida.

Outra importante aquisição ao conhecimento arqueológico deriva dessa visão sempre parcial dos animais nas coisas; especialmente nos seixos. Prous havia feito uma

interessante analogia com uma classe de artefatos *Böe* que se comportariam como “monstres dont la vue est interdite?” (Prous, 1977a, p. 102); pensamos que essa analogia coincide com o que pode ser visto nestas rochas

Finalmente, faremos esta última, derradeira interpretação. Prous já havia notado a recorrência das cavidades sob as suas formas usuais e em “cúpulas”, que são geralmente encontradas não apenas em animais zoomórficos, mas também nos antropomorfos<sup>426</sup> (PROUS, 1977a, p. 136). Não iremos, diante do tanto que já foi expresso acerca da humanidade de fundo do perspectivismo ameríndio, avançar o que já parece evidente. Apenas citaremos um último mito e revelaremos uma última escultura; ambos talhados na palavra e na madeira pelo chefe e artista *Haida*, Bill Reid sobre a *origem da humanidade*:

“There was a time before humans when the water covered the earth. Over a vast expanse of sea, flew Raven, bored and lonely; until finally the waters began to recede. Supernatural beings were already upon the first reefs to emerge. The newly formed island soon became home to many creatures – natural, as well as supernatural. It was a time when everything was possible: boundaries between earth, sky and sea became non-existent. All beings were able to pass to one domain through another through miraculous powers of transformation. Generous forces carved the land providing shelter and food for many different animals. Birds filled the skies, whales and fish swam the seas. Raven, through cleverness, trickery – and even outright theft – traveled about, changing things to his liking. He brought fresh water to the island; and he even stole the Sun to provide light to the world.

But now, he was bored and restless. Things had become too settled; he craved for mixture and set out for another adventure. After gorging himself at the beach in [termo em língua *haida*] he noticed a large shell, covered with kelp and unlike any others. Strange sounds came from inside. Upon closer examination, he saw the shell was full of tiny creatures hiding in terror. Fortunately, for these creatures, Raven was no longer hungry, so instead of shoveling them down his throat; he used his smooth, tantalizing voice to coax them out to this world. They began to emerge – a few ran timidly back in; but eventually Raven persuaded all to come out. he had discovered the first humans: the Haida...” (REID, 1990<sup>427</sup>).

---

Onde a faixa central do N° 23 também corresponderia a uma cavidade por sua situação central, circunscrita e auxiliando visualmente a trazer a inspiração emersiva de um sobrelevado.

<sup>427</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=kJ1khnqghVM>; e [https://www.youtube.com/watch?v=5f\\_fkZ3tW3U](https://www.youtube.com/watch?v=5f_fkZ3tW3U)

Figura 184 - Raven and The First Men (1980). Bill Reid (1978-1998).



Fonte - Museu de Antropologia da Universidade de Colúmbia Britânica,  
Vancouver, Canadá<sup>428</sup>.

---

<sup>428</sup>[https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Raven\\_and\\_the\\_First\\_Men#/media/File:The\\_Raven\\_and\\_the\\_First\\_Men,\\_Museum\\_of\\_Anthropology\\_\(7960613690\).jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Raven_and_the_First_Men#/media/File:The_Raven_and_the_First_Men,_Museum_of_Anthropology_(7960613690).jpg)

## REFERÊNCIAS

- ABBADE, C. M. S. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. Cadernos do CNLF. Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Vol. XV. Nº 5. T. 2. p. 1332-1343.
- AFONSO, M. C., DEBLASIS, P. Aspectos da formação de um grande sambaqui: Alguns indicadores em Espinheiros II, Joinville, SC. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. Nº 4. p. 21–30. 1994.
- AFONSO, M. C. Arqueologia dos sambaquis no litoral de São Paulo: análise da distribuição dos sítios e cronologia. Especiaria. V. 17. n. 30. 2017. p. 203-227.
- ALBERTI, B.; MARSHALL, Y. Animating Archaeology: local theories and open-ended methodologies. Cambridge Archaeological Journal, V. 19, P. 344-356. 2009.
- ALBERTI, B.; FOWLES, S; HOLBRAAD, M.; MARSHALL, Y.; WITMORE, C. 'Worlds Otherwise': archaeology, anthropology and ontological difference. Current Anthropology. V. 52. Nº 6. December. 2011. p. 896-912.
- ALLEN, M. J.; PAYNE, B. Mollusks in archaeology: an introduction. IN: ALLEN, J. (Ed.) Mollusks in Archaeology: methods, approaches and applications, Havertown: Oxbow Books, 2017. 200 p.
- ALMEIDA, J. M. Sambaquis. Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro. 1893. p. 44-45.
- ALVES, C. C. Análise Zooarqueológica de um Sambaqui Fluvial: o caso do sítio Capelinha I. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, USP, São Paulo, 203 p. 2008.
- AMARAL, M. M. V. do. As Oficinas Líticas de Polimento da Ilha de Santa Catarina. Dissertação (Mestre em História; Área de Concentração: Arqueologia). Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre. 1995. 132 p.
- AMARAL, P. G. C.; Interações entre evolução sedimentar e ocupação humana pré-histórica na costa centro-sul de Santa Catarina, Brasil. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas, Belém, Vol. 5, Nº 1, P. 105-128. Jan./abr. 2010.
- ANCHIETA, J. Arte de grammatica da lingoa mais vsada na costa do Brasil. Coimbra: Antonio de Mariz. Primeira edição. 1595.
- ANDRADE, A. B.; MACHADO, L. F.; HOSTIM-SILVA, M.; BARREIROS, J. P. Reproductive biology of the Dusky Grouper, *Epinephelus marginatus* (LOWE, 1834). Brazilian Archives of Biology and Technology. Vol. 46. Nº 3. 2003. p. 373-381.
- ARAÚJO, P. R. V.; ODONE, M. C.; VELASCO, G. Reproductive biology of stingrays, *Myliobatis goodei* and *Myliobatis ridens* (Chondrichthyes: Myliobatidae), in southern Brazil. Journal of Fish Biology. Vol. 89. Nº 1. Special Issue. 2016. p. 1-25.
- ÂRHEM, K. The Cosmic Food Web, Human-nature relatedness in ten northwest Amazon. IN: DESCOLA, Philippe; PÁLSSON, Gísli. Nature and Society:

- anthropological perspectives. New York: Routledge. Segunda edição. 2001 [1996]. p. 185-204.
- ASSUNÇÃO, D. Sambaquis da Paleolaguna de Santa Marta: em busca do contexto regional no sul de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, USP, São Paulo, 146 p. 2010.
- BACHAND, M.; TRUDEL, O.L.; ANSSEAU, C.; ALMEIDA-CORTEZ, J. Dieta de *Tapirus terrestris* Linnaeus em um fragmento de Mata Atlântica do Nordeste do Brasil. *Revista Brasileira de Biociências*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 188-194, abr./jun. 2009.
- BARCELOS NETO, A. A serpente de corpo repleto de canções: um tema amazônico sobre a arte do trançado. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, V. 54, Nº 2, P. 981-1012. 2011.
- BARCELOS NETO, A. O trançado, a música e as serpentes da transformação no Alto Xingu. p. 181-197. IN: (Org.) SEVERI, C.; LAGROU, E. Quimeras em Diálogo: grafismo e figuração nas artes indígenas. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2013. p. 181-198.
- BANDEIRA, D. da R. Mudança na estratégia de subsistência: o Sambaqui Enseada II, um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 127 p. 1992.
- BARBIERI, E. Os Albatrozes: desajeitados em terra, mas ágeis no ar . 2010. Artigo em [Hypertexto](http://www.infobibos.com/Artigos/2010_3/Albatrozes/index.htm). Disponível em: [http://www.infobibos.com/Artigos/2010\\_3/Albatrozes/index.htm](http://www.infobibos.com/Artigos/2010_3/Albatrozes/index.htm)>. Acessado em: 2, outubro, 2020.
- BARBOSA, L. Pequeno Vocabulário Tupi-Português. Rio de Janeiro: Livraria São José. 1951.
- BARCLAY, W. The Land of Magellanes, with some account of the Ona and other indians. *Geographical Journal*. V. XXIII. London. 1904. p. 62-79.
- BARRETO, Cristiana. Brazilian Archaeology from a Brazilian perspective. *Antiquity*, 72, p. 573-581. 1998.
- BARRETO, C. Arqueologia brasileira: uma perspectiva histórica e comparada. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo. Suplemento 3. 1999. p. 201-212.
- BARRETO, C. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. *Revista USP*. Dossiê Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira I. São Paulo. 44. 2000. p. 32-51.
- BARRETO, C. Modos de figurar o corpo na Amazônia Précolonial. IN: ROSTAIN, S. (Ed.) *Antes de Orellana: Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*. Quito: Artes Gráficas Señal. 2014. P. 123-132.
- BARROS, M.; BORGES, L.; MEIRA, A. A Língua Geral como identidade construída. *Revista de Antropologia*. São Paulo. V. 39. Nº 1. 1996. p. 191-219.

- BECK, A. Os sambaquis do Brasil meridional, Litoral de Santa Catarina. Anais do Museu de Antropologia da UFSC, Florianópolis: Santa Catarina, N. 3. p. 57-70. 1970.
- BELEM, F. R. Do Seixo ao Zoólito: a indústria lítica dos sambaquis do sul catarinense: aspectos formais, tecnológicos e funcionais. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, USP, São Paulo, 2012. 237 p.
- BELL, M. Sheepshead: *Archosargus probatocephalus*. Species of Conservation Concern. South Carolina. 2015. Disponível em: <https://www.dnr.sc.gov/swap/supplemental/marine/sheepshead2015.pdf>. p. 1-7. Acessado em: 2, outubro, 2020.
- BEISIEGEL, B. M. Notes on the Coati (*Nasua nasua*) (Carnivora, Procyonidae) in an Atlantic Forest Area. Brazil Journal of Biology, São Carlos, Vol. 61, N° 4, P. 689-692. Nov. 2001.
- BERNARDES, R. A.; DIAS, J. F. Aspectos da reprodução do peixe-porco, *Balistes capriscus* (Gmelin) (Actinopterygii, Tetraodontiformes, Balistidae) coletado na costa sul do Estado de São Paulo, Brasil. Revista Brasileira de Zoologia. Vol. 17. N° 3. p. 687-696.
- BEYER, C. "Edmund Husserl", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Summer 2018 Edition), Edward N. Zalta (ed.). Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/sum2018/entries/husserl/>. Acessado em 17, junho, 2020.
- BEZERRA, N. P. B.; Biologia pesqueira dos Tubarões-Martelo (*Sphryna spp.*) no Oceano Atlântico sudeste e equatorial. Doutorado em Oceanografia. Recife: UFPE. 2017. p. 130.
- BIGARELLA, J. J. Contribuição ao Estudo dos sambaquis do litoral norte de Santa Catarina. I – Situação geográfica e descrição sumária. IN: BIGARELLA, J. J. Sambaquis. Curitiba: Posigraf. 2011a. p. 121-164.
- BIGARELLA, J. J. Contribuição ao Estudo dos sambaquis do litoral norte de Santa Catarina. II – O Sambaqui do Rio Pinheiros. IN: BIGARELLA, J. J. Sambaquis. Curitiba: Posigraf. 2011b. p. 165-203.
- BIGARELLA, J. J. Os sambaquis na evolução da paisagem litorânea sul-brasileira. IN: BIGARELLA, J. J. Sambaquis. Curitiba: Posigraf. 2011c. p. 15-29.
- BINFORD, L. Em Busca do Passado: a decodificação do registo arqueológico. Portugal, Mira-Sintra. 1983. P. 304.
- BOAS, F. Arte Primitiva. Petrópolis: Editora Vozes. 2014. p. 359.
- BOGOST, I. Alien Phenomenology: or what it's like to be a thing. Minneapolis: University of Minnesota Press. 2012. 175 p.
- BONATO, V. Ecologia e História Natural de Tatus do Cerrado de Itirapina, São Paulo (Xenarthra: Dasypodidae). Dissertação (Mestre em Ecologia). Instituto de Biologia, UNICAMP, Campinas. 2010. 80 p.

- BONETTI, C. O sambaqui na visão dos cronistas. Coletânea. Rio de Janeiro. Ano XIII. Fascículo 26. Julho-Dezembro. 2014. p. 241-261.
- BORDIGNON, M.O. Padrão de atividade e comportamento de forrageamento do morcego-pescador *Noctilio leporinus* (Linnaeus) (Chiroptera, Noctilionidae) na Baía de Guaratuba, Paraná, Brasil. Revista Brasileira de Zoologia, Curitiba, V.23, N.1, mar. 2006. P. 50-57.
- BORIĆ, D. The theater of predation: beneath the skin of Göbekli Tepe images. IN: WATTS, C. Relational Archaeologies, London/New York: Routledge. P. 42-64. 2013.
- BRAGA, J. Ecologia e Comportamento de Tamanduá-Bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) Linnaeus, 1758 no Município de Jaguariaíva, Paraná. Tese (Doutora em Ciências Florestais). Setor de Ciências Agrárias, UFPR, Curitiba. 2010. 104 p.
- BREDER JR., C. M. On the Behavior of young *Lobotes surinamensis*. Copeia. Vol. 1949. Nº 4. 1949. p. 237-242.
- BRENNER, A. The structuralism of Lévi-Strauss and the Visual Arts. Leonardo, Vol. 10, N. 4, P. 303-306. Autumn. 1977.
- BROOKE, M. Albatrosses and Petrels Across The World, Oxford: Oxford University Press, 2004. P. 499.
- BRITO, T. P.; OLIVEIRA, A. N. D.; SILVA, D. A. C.; ROCHA, J. A. S. Conhecimento ecológico e captura incidental de tartarugas marinhas em São João de Pirabas, Pará, Brasil. Biotemas. Vol. 28. Nº 3. 2015. p. 159-175.
- BRYAN, A. L. The Sambaqui at Forte Marechal Luz, State of Santa Catarina, Brazil. Brazilian Studies. 1991. 112 p.
- BUSACCA, G. Places of encounter: relational ontologies, animal depiction and ritual performance at Göbekli Tepe. Cambridge Archaeological Journal, V. 27, N. 2, P. 313-330. 2017.
- CABRAL, M. P. De Cacos, Pedras Moles e Outras Marcas: percursos de uma arqueologia não-qualificada. Amazônica, Revista de Antropologia. Vol. 6. Nº 2. 2014. p. 314-331.
- CABRAL, M. P. No tempo das pedras moles: arqueologia e simetria na floresta. Tese (Doutorado em Antropologia, Área de Concentração em Arqueologia). Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- CABRAL, O. R. Da Raridade dos Zoólitos Plataformas. Anais do Instituto de Antropologia, Florianópolis: Santa Catarina, Ano I, Nº 1, P. 3-20. 1968.
- CALAZANS, M. O. Os Sambaquis e a Arqueologia no Brasil do Século XIX. Dissertação: Mestrado em História Social. 173 p. 2016.
- CALIPPO, Flávio Rizzi. Sociedade Sambaqueira, Comunidades Marítimas. Revista de Arqueologia, Rio de Janeiro, V. 24, Nº 1, P. 82-111. 2010.
- CALVINO, Í. Todas as Cosmicômicas. São Paulo: Companhia das Letras. 2007. 364 p.

- CARDIM, F. *Tratados da Terra e da Gente do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria J. Leite & Cia. 1925 [1584].
- CARVALHO, M. *Dicionário Tupi (antigo) - Português*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia. 1987. Volume I: Antropologia. São Paulo: Ed. Sumaré/ANPOCS. P. 109-223.1999.
- CASTRO, E. B. V. de. O nativo relativo. *Mana*, Rio de Janeiro, V. 8, N. 1, 2002. P. 113-148.
- CASTRO, E. B. V. de. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. IN: CASTRO, E. B. V. de. (Ed.). *A Inconstância da Alma Selvagem – e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify. p. 345-400. 2011a.
- CASTRO, E. B. V. de. Esboço de cosmologia Yawalapíti. IN: CASTRO, E. B. V. de. (Ed.). *A Inconstância da Alma Selvagem – e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify. p. 27-85. 2011b.
- CASTRO, E. B. V. de. Entrevista para a Revista Sexta-Feira. IN: CASTRO, E. B. V. de. (Ed.). *A Inconstância da Alma Selvagem – e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify. p. 473-491. 2011c.
- CASTRO, E. B. V. de. Xamanismo e Sacrifício. IN: CASTRO, E. B. V. de. (Ed.). *A Inconstância da Alma Selvagem – e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify. p. 457-472. 2011d.
- CASTRO, E. B. V. de. *Metafísicas Canibais — elementos para uma antropologia pós-estrutural*, São Paulo: Cosac & Naify, 2015a. 288 p.
- CASTRO, E. B. V. de. Who's afraid of the ontological wolf: Some comments on an ongoing anthropological debate. *Cambridge Anthropology*, V. 33, N. 1, p. 2–17. 2015b.
- CASTRO, E. B. V. de. Apresentação. IN: VILAÇA, A. *Comendo como Gente: formas do canibalismo Wari' (Pakaa Nova)*, Rio de Janeiro: Mauad X, 2ª Edição. P. 21-32. 2017.
- CASTRO-FARIA, L. de. O Problema da Proteção aos Sambaquis. *Arquivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, Vol XLIX, P. 95-137. 1959a.
- CASTRO-FARIA, L. de. *A Arte Animalista dos Paleoameríndios do Litoral do Brasil*. Rio de Janeiro: Museu Nacional. 1959b. 21 fig. 15 p.
- CERBONE, D. R. Perception. IN: DIPROSE, R.; REYNOLDS, J. (Eds.) *Merleau-Ponty: Key Concepts*. 2008. 2014. New York: Routledge. p. 121-131.
- CHEREM, J. J.; GRAIPEL, M. E. MENEZES, M. E. SOLDATELI, M. Observações sobre a biologia do gambá (*Didelphis marsupialis*) na Ilha de Ratoes Grande, Estado de Santa Catarina Brasil. *Biotemas*, Florianópolis, V. 9, Nº 2, P. 47-56. 1996.
- CHEIDA C.C.; RODRIGUES, F.H.G.; MOURÃO, G.M. Ecologia espaço-temporal de guaxinins *Procyon cancrivorus* (Carnivora, Procyonidae) no Pantanal Central. 6º Congresso Brasileiro de Mastologia – A Mastozoologia e a Crise de Biodiversidade. Mato Grosso: Corumbá. 25 a 29 de Junho. 2012. Sem paginação.

- CHOMSKY, N. Syntactic Structure. Berlin, New York: Mouton de Gruyter. P. 117. [1957] 2002.
- CHMYZ, I. Dados à arqueologia do litoral norte e do planalto de Canoinhas. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados Preliminares do Quinto Ano. Publicações Avulsas do Museu Goeldi, Belém, N. 26, p. 53-66. 1974.
- CHMYZ, I., SGANZERLA, E. M., CHMYZ, J. C. G. Novas contribuições para o estudo do sambaqui de Matinhos no Estado do Paraná. Arqueologia, Curitiba, V. 1, Número especial, p. 1-55. 2003.
- CLIFFORD, J. Introduction: partial truths. In: CLIFFORD, J.; MARCUS, G. (Eds.). Writing Culture: the poetics and politics of ethnography. Berkeley: University of California Press. 1986. P. 1-26.
- COLLET, G C, PROUS, A. Primeiro informe sobre os sambaquis da região de Itaóca (SP). 1 Apresentação e localização. Arquivos do Museu de História Natural, Belo Horizonte, V. 2, p. 31-35. 1977.
- CUNHA, M. C.; Os Mortos e os Outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Kraho. São Paulo: Hucitec. 1978. 199 p.
- COLONESE, A. C.; COLLINS, M.; LUCQUIN, A.; EUSTACE, M.; HANCOCK, Y.; PONZONI, R. A. R.; MORA, A.; SMITH, C.; DEBLASIS, P.; FIGUTI, L.; WESOLOWSKI, V.; PLENS, C. R.; EGGERS, S.; FARIAS, D. S. E.; GLEDHILL, A.; CRAIG, O. E.; Long-term resilience of late Holocene coastal subsistence system in southeastern south America. PLOS ONE. April. Volume 9. Issue 4. 2014. P.1-13.
- COSTA, A. Introdução á Arqueologia Brasileira (Etnografia e História). Coleção Brasiliana. Vol. 34. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 3ª Edição. 1959 [1938]. 413 p.
- COSTA-NETO, E. M.; LIMA, K. L. G. Contribuição ao estudo da interação entre pescadores e caranguejos (Crustacea, Decapoda, Brachyura): considerações etnobiológicas em uma comunidade pesqueira do Estado da Bahia, Brasil. Actualidades Biológicas. Vol. 22. Nº 73. 2000. p. 195-202.
- COSTA-NETO, E. M.; MARQUES, J. G. W. Etnoictiologia dos pescadores artesanais de Siribinha, município de Conde (Bahia): aspectos relacionados com a etologia dos peixes. Acta Scientiarum. Vol. 22. Nº 2. 2000. p. 553-560.
- DA SILVA, V. E. L.; VIEIRA, D. S.; TEIXEIRA, E. C.; FERREIRA, A. C. L.; ASSIS, I. O.; RANGELY, J.; FABRÉ, N. N. Maturity, fecundity, and reproductive cycle of *Conodon nobilis* (Actinopterygii: Perciformes: Haemulidae) in tropical waters of the Atlantic Ocean. Acta Ichthyologica et Piscatoria. 2019. Vol. 49. Nº 3. p. 235-242.
- DE MASI, M. A. N. Aplicações de isótopos estáveis de O, C e N em estudos de sazonalidade, mobilidade e dieta de populações pré-históricas no sul do Brasil. Revista de Arqueologia, Rio de Janeiro, V. 22, N. 2, p. 55-76. dez. 2009.
- DEBLASIS, P.; KNEIP, A.; SCHEEL-YBERT, R.; GIANNINI, P. C.; GASPAR, M. D. Sambaquis e Paisagens: dinâmica natural e arqueologia regional no litoral sul do Brasil. Arqueología Suramericana/Arqueologia Sul-Americana, Buenos Aires, V. 3, N. 1, Enero/janeiro, P. 29-60. 2007.

- DEBLASIS, P.; FARIAS, D. S.; KNEIP, A. Velhas tradições e gente nova no pedaço: perspectivas longevas de arquitetura funerária na paisagem do litoral sul catarinense. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 24, p. 109-136, 2014.
- DEL PUENTE, S. V.; CHAVES, P. T. Atividade reprodutiva do peixe-espada, *Trichiurus lepturus* (Teleostei, Trichiuridae), vulnerável à pesca de pequena escala no extremo-norte do litoral de Santa Catarina, Brasil. *Biotemas*. Vol. 22, Nº 2. 2008, p. 77-84.
- DENADAI, M. R.; SANTOS, F. B.; BESSA, E.; BERNARDES, L. P.; TURRA, A. Population biology and diet of the puffer fish *Lagocephalus laevigatus* (Tetraodontiformes: Tetraodontidae) in Caraguatatuba Bay, south-eastern Brazil. *Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom*. Vol. 92. Nº 2. 2012, p. 407-412.
- DESCOLA, P. Estrutura ou Sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *Mana*, Rio de Janeiro, V. 4, N. 1, P. 23-45. 1998.
- DESCOLA, P. Genealogia de Objetos e Antropologia da Objetificação. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre. Ano 8. Nº 18. 2002. P. 93-112.
- DESCOLA, P. *As Lanças do Crepúsculo: relações jivaro na Alta Amazônia*. São Paulo: Cosac Naify. 2006.
- DESCOLA, P. *Beyond Nature and Culture*. Chicago: University of Chicago Press. 2006. 2013.
- DIAS, A. S. Um projeto para a arqueologia brasileira: breve histórico da implementação do PRONAPA. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, V. 19, N. 22, p. 25-39, 1995.
- DIAS, G. *Diccionario da lingua Tupy chamada lingua geral dos indigenas do Brazil*. Rio de Janeiro: F. A. Brockhaus. 1858.
- DIAS JÚNIOR, O.; CARVALHO, E. Tradição Itaipu (RJ) – Discussão de tópicos a proposta de um modelo teórico. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, V. 17, N. 20, p. 157-166. 1990.
- DICCIONARIO da lingua geral do Brasil, que se falla em todas as villas, lugares e aldeas deste vastissimo Estado, escrito na cidade do Pará, anno de 1771. 1771. Disponível em: [https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-MS-81/UCBG-MS-81\\_item1/index.html](https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-MS-81/UCBG-MS-81_item1/index.html) Acesso em 12, março, 2019.
- DOMANSKA, E. Is This Stone Alive? Prefiguring the Future Role of Archaeology. *Norwegian Archaeological Review*. V. 51. N. 1. 2018. p. 22-35.
- DOMIER, M. L.; KOENIG, C.; COLEMAN, F. Reproductive Biology of the Gray Snapper (*Lutjanus griseus*), with Notes on Spawning for other Western Atlantic snappers (Lutjanidae). IN: (Eds.) ARREGUÍN-SÁNCHEZ, F.; MUNRO, J. L.; BALGOS, M. C.; PAULY, D. *Biology, Fisheries and Culture of Tropical Groupers and Snappers*. ICLARM Conference Proceedings, Nº 48. 1993. p. 189-201.
- DUARTE, P. *O Sambaqui visto através de alguns sambaquis*. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais. 1968.

EDRIS, Q. L.; LEITE, C. S.; SILVA, C. S. A.; MELO, L. F.; FANELLI, C. Análise do conteúdo alimentar de tartarugas-verdes (*Chelonia mydas*) mortas em encalhes na Costa de Peruíbe, litoral sul de São Paulo. UNISANTA Bioscience. Edição especial: I Seminário Internacional – Oceanos Livres de Plásticos. Vol. 7. Nº 6. 2018. p. 77-98.

EMPERAIRE, J., LAMING, A. Les sambaquis de la côte méridionale du Brésil: Campagnes de fouilles (1954-1956). Journal de la Société des Américanistes, Paris: Musée de L'Homme, Tome XLV, p. 5-163. 1956.

EMMONS, G. T. The Chilkat Blanket. Memoirs of the American Museum of Natural History. Vol. III. Anthropology. Vol. II. December, 1907. p. 398-404.

ESTANEK, A., 2016. Preparativos funerários no Sernambetiba – sambaqui vida e morte. Unpublished PhD Dissertation. Universidade Federal do Rio de Janeiro - Museu Nacional.

FAUSTO, C. Banquete de gente: comensalidade e canibalismo na Amazônia. Mana, Rio de Janeiro, V. 8, N. 2, p. 7-44. 2002. FERNANDES, J. L. Os sepultamentos do sambaqui de Matinhos. Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas, Rio de Janeiro, V. II. 1954. p. 579-602.

FERNANDES, J. L. Os sepultamentos do sambaqui de Matinhos. Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas, Rio de Janeiro, V. II. 1954. p. 579-602.

ESTANEK, A., 2016. Preparativos funerários no Sernambetiba – sambaqui vida e morte. Unpublished PhD Dissertation. Universidade Federal do Rio de Janeiro - Museu Nacional.

FAGUNDES, K. Mudanças morfofisiológicas sazonais durante o ciclo reprodutivo da Prejereba (*Lobotes surinamensis* BLOCH, 1970) (Perciformes: Lobotidae) em seu ambiente natural. Mestrado em Ciências, Área: Fisiologia Geral. São Paulo: USP. 2019. p. 73.

FAUSTO, C. Banquete de gente: comensalidade e canibalismo na Amazônia. Mana, Rio de Janeiro, V. 8, N. 2, p. 7-44. 2002.

FERNANDES, J. L. Os sepultamentos do sambaqui de Matinhos. Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas, Rio de Janeiro, V. II. 1954. p. 579-602.

FERREIRA, Lúcio Menezes. Território Primitivo: a institucionalização da Arqueologia no Brasil (1870-1917). Porto Alegre: EDIPUCRS. 2010. 220 p.

FERREIRA, L.; NOELLI, F. Richard Francis Burton, os sambaquis e a arqueologia no Brasil Imperial. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo. 17. 2007. p. 149-168.

FIGUTI, L. Estudo dos vestígios faunísticos do sambaqui COSIPA 3, Cubatão, São Paulo. Revista de Pré-História. V. 7. 1989. p. 110-124.

FIGUTI, L. O homem pré-histórico, o molusco e o sambaqui: considerações sobre a subsistência dos povos sambaquieiros. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo. V. 3. 1993. p. 67-80.

FIGUTI, L. Os sambaquis Cosipa (4200 a 1200 anos BP): Estudo da subsistência dos povos pescadores coletores pré-históricos da Baixada Santista. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, V. 8, N. 2, p. 267-283. 1995.

FIGUTI, L., & KLÖKLER, D. Resultados preliminares dos vestígios zooarqueológicos do sambaqui Espinheiros II (Joinville, SC). *Revista Do Museu De Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, V. 6, p. 169-187. 1996.

FIGUTI, L., 2008. A recipe for a sambaqui: considerations on brazilian shell mound composition and building. In: ANTCZAK, A., CIPRIANI, R. (Org.). *Early Human Impact on Megamollusks*. BAR Archaeopress, Oxford, 2008. pp. 67–80.

FISH, S.; DEBLASIS, P.; GASPARG, M. D.; FISH, P.; Eventos incrementais na construção de sambaquis, litoral sul do Estado de Santa Catarina. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 10, p. 69-87. 2000.

FORD, J.A. Método quantitativo para estabelecer cronologías culturales. *Manuales Técnicos*. Nº 6. Washington: Pan American Union. 1962. 121 p.

FOSSARI, T.D. A Indústria óssea na arqueologia brasileira: estudo- Indústria óssea na arqueologia brasileira: estudo piloto do material da Enseada (SC) e Tenório (SP). Dissertação (Mestrado), FFLCH/USP, 1985. 271 p.

FOSSILE, T. Peixes na alimentação de povos pré-coloniais: Estudo ictioarqueológico do Sambaqui Cubatão I. Monografia (Graduação em Biologia), UNIVILLE, Joinville. 2014. 83 p.

FOSSILE, T.; FERREIRA, J.; BANDEIRA, D. R.; COLONESE, A. C.; SILVA, S. D. Da subsistência à extinção: a exploração da fauna do Holoceno tardio aos dias atuais na Baía Babitonga, SC – uma breve reflexão. IN: COSTA, R. S.; SALGUEIRINHO, J. B.; GUERRA, O. A. *Tecnologias Para a Sustentabilidade: debates interdisciplinares IX*. Palhoça: Editora UNISUL. 2018. p. 43-65.

FREDE, D. The question of being: Heidegger's project. IN: (Ed.) GUIGNON C. B. *The Cambridge Companion to Heidegger*. New York: Cambridge University Press. 1993. p. 42-69.

FREITAS, M. O. Auto-Ecologia de *Epinephelus morio* e *Mycteroperca bonaci*: epinefelídeos comercialmente importantes e ameaçados no Banco de Abrolhos. Doutorado em Ecologia e Conservação. Curitiba: UFPR. 2014. p. 120.

FRIEDMAN, M.; FERNANDEZ, M.; BACKER, L.; DICKEY, R.; BERNSTEIN, J.; SCHRANK, K.; KIBLER, S.; STEPHAN, W.; GRIBBLE, M.; BIENFANG, P.; BOWEN, R.; DEGRASSE, S.; QUINTANA, H.; LOEFFLER, C.; WEISMAN, R.; BLYTHE, D.; BERDALET, E.; AYYAR, R.; CLARKSON-TOWNSEND, D.; SWAJIAN, K. BENNER, R.; BREWER, T.; FLEMING, L. An updated review of ciguatera fish poisoning: clinical, epidemiological, environmental and public health management. *Marine Drugs*. Vol. 15. Nº 2. Issue 72. 2017. p. 1-41.

GARCIA, R. Glossario das palavras e frases da lingua Tupi, contidas na "Historie de la mission des pères capucins en l'isle de Maragnan et terres circonvoisines" do Padre Claude D'Abbeville. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro do Rio de Janeiro*. Tomo 94. Volume 148. 1923. P. 7 - 100.

GASPAR, M.D. Aspectos da organização social de um grupo pescador - coletor caçador: Região compreendida entre a Ilha Grande e o delta do Paraíba do Sul, Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Arqueologia), Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 364 p. 1991.

GASPAR, M. Considerations of the sambaquis of the Brazilian coast. *Antiquity*, V. 72, N. 277, P. 592-615. 1998.

GASPAR, M. D. Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GASPAR, M. D.; DEBLASIS, P.; FISH, S.; FISH, P. Sambaqui (Shell Mound) Societies of Coastal Brazil. IN: ISBELL, H.; SILVERMAN, W. (Eds.) *The Handbook of Southamerican Archaeology*. New York: Springer. 2008. P. 319-338.

GASPAR, M. Tudo junto e misturado, separado pela crença e compactado pelo tempo. *Habitus*. Goiânia. V. 14. Nº 1. Jan./Jun. 2016. p. 35-50.

GIAMAS, M. T. D.; SANTOS, L. E.; VERMULM JR., H. Influência de fatores climáticos sobre a reprodução da manjuba *Anchoviella lepidentostole* (FOWLER, 1911) (TELEOSTEI, ENGRAULIDAE). *Boletim do Instituto de Pesca*. Vol. 10. p. 95-100.

GIBSON, J. *The Ecological Approach to Visual Perception*. New York: Taylor and Francis. 1986.

GOLDMAN, S. F; GLASGOW, D. M.; FALK, M. M. Feeding habits of 2 reef-associated fishes, red porgy (*Pagrus pagrus*) and gray triggerfish (*Balistes capricus*), off the southeastern United States. *Fishey Bulletin*. Nº 114. 2016. p. 317-329.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A.; OLSEN, B.; WEBMOOR, T.; SHANKS, M.; WITMORE, C. *Arqueología Simétrica: Un giro teórico sin revolución paradigmática*. Complutum. N. 18. 2007. p. 283-319.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A.; HERNANDO, A.; POLITIS, G. Ontology of the Self and Material Culture: arrow-making among the Awá hunter-gatherers (Brazil). *Journal of Anthropological Archaeology*. Vol. 30. Nº 1. 2011. p. 1-16.

GOMES, A. *Perspectivas interpretativas no estudo das esculturas zoomórficas pré-coloniais do do litoral Sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Curitiba: Universidade do Paraná. 2012. 243 p.

GOMES, D. M. C. O perspectivismo ameríndio e a ideia de uma estética americana. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas. Antropologia*. Vo. 7. Nº 1. 2012. p. 133-159.

GOMES, D. M. C. O lugar dos grafismos e das representações na arte pré-colonial amazônica. *Mana*, Rio de Janeiro, V. 22, N. 3, P. 671-703. 2016.

GRAMATICA da lingua geral do Brazil, com hum Diccionario dos vocabulos mais uzuaes para a intelligencia da dita lingua.1750. Disponível em: [https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-69/UCBG-Ms-69\\_item1/P1.html](https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-69/UCBG-Ms-69_item1/P1.html). Acesso em 12, março, 2020.

GIANNINI, P. C. F.; VILLAGRÁN, X. S.; FORNARI, M.; NASCIMENTO JR., D. R.; MENEZES, P. L.; TANAKA, A. P. B.; ASSUNÇÃO, D. C.; DEBLASIS, P.; AMARAL., P. G. C. Interações entre evolução sedimentar e ocupação humana pré-histórica na costa centro-sul de Santa Catarina. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas. Volume 5. Nº 1. Belém. Jan/Apr. 2010. p. 105-128.

GROSE, A. V.; CREMER, M. J. Aves migratórias no litoral norte de Santa Catarina, Brasil. Ornithologia. Vol. 8. Nº 1. 2015. p. 22-32.

GROTTI V. E.; BRIGHTMAN, M. Humanity, Personhood, and Transformability in Northern Amazonia. IN: BRIGHTMAN, M; GROTTI, V. E.; ULTURGASHEVA, O. (Orgs.). Animism in Rainforest and Tundra: personhood, animals, plants and things in contemporary Amazonia and Siberia. New York: Berghahn Books. 2012. P. 162-174.

GUSINDE, M. Los Indios de la Tierra del Fuego. Los Selk'nam. Tomo II. Buenos Aires: Centro Argentino de Etnologia Americana. 1982. p. 455-1139.

HARMAN, G. On vicarious causation. IN: (Ed.) MACKEY, R. Collapse II. Oxford: Urbanomic. 2007. p. 187-221.

HARMAN, G. The Quadruple Object. Alresford: Zero Books. 2011.

HARMAN, G. If not all stones are alive...: radical relationality in animism studies. Journal for the Study of Religion, Nature and Culture. V. 11. Nº 4. 2017a p. 481-497.

HARMAN, G. Object-Oriented-Ontology: a new theory of everything. London: Pelican Books. 2017b.

HARVEY, G. Animism: respecting the living world. Kent Town: Wakefield Press. 2005.

HAZIN, F. H.V.; OLIVEIRA, P. G.; BROADHURST, M. K.; Reproduction of the Blacknose shark (*Carcharhinus acronotus*) in coastal waters off northeastern Brazil. Fishery Bulletin. 100. 2002 p. 143-148.

HEGGARTY, P. Linguistics for Archaeologists: principles, methods and the case of the Incas. Cambridge Archaeological Method. Vol. 17. N. 3. 2007. p. 311-340.

HEIDEGGER, Martin. Being and Time. Translated by John Macquarrie & Edward Robinson. 21ª Edição. 2001.

HEIDEGGER, M. Building, dwelling, thinking. Poetry, Language, Thought. Translated by Albert Hofstadter. New York: Harper & Row. 1971.

HERBST, D. F. Conhecimento ecológico local dos pescadores do litoral de Santa Catarina sobre a Tainha (*Mugil liza*) Valenciennes 1836 (Osteichthyes, Mugilidae). Mestrado em Ecologia. Florianópolis: UFSC. 2013. p. 134.

HILBERT, K. 'Cave canem!': cuidado com os 'Pronapianos'! Em busca dos jovens da arqueologia brasileira. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas, Belém, Vol. 2. Nº 1, P. 117-130. Jan.-abr. 2007.

- HODDER, I. Theoretical Archaeology: a reactionary view. IN: HODDER, I. (Ed.). Symbolic and Structural Archaeology. New Directions in Archaeology. Cambridge: University Press. 1982a, p. 1-16.
- HODDER, I. Symbols in Action: ethnoarchaeological studies of material culture. Cambridge: Cambridge University Press. 1982b. P. 244.
- HODDER, I. Theory and Practice in Archaeology. London: Routledge. 1992. p. 285.
- HODDER, I. Agency and individuals in long-term processes. IN: DOBRES, M-A. ROBB. J. (eds) Agency in Archaeology. New York: Routledge. P. 21–33. 2000.
- HOFWEBER, Thomas. Logic and Ontology. The Stanford Encyclopedia of Philosophy IN: E. ZALTA (ed.) Stanford Encyclopedia of Philosophy. <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2021/entries/logic-ontology/>>. Acessado em: 25, outubro, 2019.
- HOLBRAAD, M. Ontology, Ethnography, Archaeology: an afterworld on the ontography of things. Cambridge Archaeological Journal. Volume 19. Issue 3. October. 2009. P. 431-441.
- HOLBRAAD, M. Can The Thing Speak? Working Papers Series. Nº 7. opemn Anthropology Cooperative Press. 2011.
- HOLBRAAD, M; PEDERSEN, J. A. The Ontological Turn: An Anthropological Exposition. Cambridge: Cambridge University Press. 2017.
- HOLBRAAD, M.; WILLERSLEV, R. Transcendental Perspectivism: anonymous viewpoints from Inner Asia. Inner Asia. V. 9. 2007. p. 329-345.
- HOLBRAAD, M.; PEDERSEN, M. A.; CASTRO, E. B. V. de. The politics of ontology: anthropological positions. 2014. Disponível em: < <https://culanth.org/fieldsights/462-the-politics-of-ontology-anthropological-positions>>. Acessado em 24, dezembro, 2020.
- HOLT, G. J.; FAULK, C. K.; SCHWARZ, M. H. A review of the larviculture of cobia *Rachycentron canadum*, a warm water marine fish. Aquaculture. Nº 268. 2007, p. 181-187.
- HUGH-JONES, S. The Fabricated Body: Objects and ancestors in Northwest Amazonia. IN: SANTOS-GRANERO, F. (Ed.). The Occult Life of Things: native Amazonian theories of materiality and personhood. Tucson: University of Arizona Press. 2009. P. 33-59.
- HURT, Wesley. Interrelationships between the natural environment and four sambaquís, coast of Santa Catarina, Brazil. Occasional Papers and Monographs. Nº 1. Bloomington, Indiana: Indiana University Museum. 5 figures, 10 plates, Fall 1974. 23 p.
- HUSSERL, E. Logical Investigations. Vol. I-II. London: Routledge. 2001. 362 p.
- IHERING, H. A civilização pré-histórica do Brasil meridional. Revista do Museu Paulista. Volume I. 1895. p. 35-159.

- IHERING, H. Archeologia comparativa do Brazil. Volume IV. Revista do Museu Paulista. Volume I. 1904. p. 520-575.
- IHERING, H. A questão dos índios no Brazil. Revista do Museu Paulista. Volume VIII. 1911. P. 112-140.
- INGOLD, T. Becoming Persons: consciousness and sociality in human evolution. *Cultural Dynamics*. V. 4. 1991. p. 354-378.
- INGOLD, T. Editorial. *Man. New Series*. Vol. 7. N. 4. 1992. p. 693-696.
- INGOLD, T. *The Perception of The Environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. New York: Routledge. 2000.
- INGOLD, T. Towards an Ecology of Materials. *Annual Review of Anthropology*. Vol. 41. 2012. p. 427-442.
- INGOLD, T. *Making Anthropology, Archaeology, Art and Architecture*. Oxon: Routledge. 2013. p. 163.
- INGOLD, T. Is there life amidst the ruins? IN: WITMORE, T. *Archaeology and the New Materialisms*. *Journal of Contemporary Archaeology*. V. 1, N. 2, 2014. P. 29-33.
- INGOLD, T. Resonators Uncased: Mundane objects or bundles of affect? *HAU: Journal of Ethnographic Theory*. Vol. 4. Nº 1. 2014. p. 517-521.
- INGOLD, T. Repensando o animado, reanimando o pensamento. In: INGOLD, T. (Org.). *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Editora Vozes. 2015a. P. 115-126.
- INGOLD, T. Quando a formiga se encontra com a aranha: teoria social para artrópodes. In: INGOLD, T. (Org.). *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Editora Vozes. 2015b. P. 144-152.
- INGOLD, T. *The Life of Lines*. Oxon: Routledge. 2015c. 172 p.
- INGOLD, T. Back to the future with the theory of affordances. Rejoinder to Keane, Webb. 2018. "Perspectives on affordances, or the anthropologically real". *HAU: Journal of Ethnographic Theory*. Nº 8. (1/2). 27-38. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*. Nº 8. (1/2). 39-44. 2018.
- INSOLL, T. 2011. "Animism and Totemism." In *The Oxford Handbook of the Archaeology of Ritual and Religion*, ed. Timothy Insoll, 1004–16. New York: Oxford University Press.
- INSTITUTO, Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. *Atlas dos Manguezais do Brasil*. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2018. 176 p.
- ISAAC, V. J. Synopsis of biological data on the Whitemouth Croaker *Micropogonias furnieri*. (Desmarest, 1823). *FAO Fisheries Synopsis*. Nº 150. 35 p.
- JERRAM, D.; PETFORD, N. *Descrição de Rochas Ígneas: guia geológico de campo*. Tradução de Ana Maria Pimentel Misuzaki e Rualdo Menegat. Porto Alegre: Bookman. 2ª edição. 2014. 265 p.

JOINVILLE, Prefeitura Municipal de; CULTURAL Fundação; SAMBAQUI, Museu Arqueológico de. Joinville: primeiros habitantes. Itajaí: Casa Aberta Editora. 2010. 130 p.

KERN, A. A.; LA SALVIA, F.; NAUE, G. Projeto arqueológico do litoral setentrional do Rio Grande do Sul; o sítio arqueológico de Itapeva, município de Torres. Arquivos do Museu de História Natural. Atas da IIª Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. 1983. p. 75-86.

KERN, Arno Alvarez. Paleopaisagens e Povoamento Pré-Histórico do Rio Grande do Sul. IN: KERN, Arno Alvarez (Org.). Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: Mercado Aberto, 2ª Edição, Série Documenta, P. 13-62. 1997.

KECK, F. Introdução a Lévi-Strauss. Rio de Janeiro: Contraponto. 2013.

KLOKLER, D. M. Food for Body and Soul: Mortuary Ritual in Shell Mounds (Laguna - Brazil), Ph.D. dissertation (Doctor of Philosophy) Department of Anthropology, University of Arizona, Tucson, 2008. 369 p.

KLOKLER, D.; VILLAGRAN, X. S.; GIANNINI, P. C. F.; PEIXOTO, S.; DEBLASIS, P. Juntos na Costa: zooarqueologia e geoarqueologia de sambaquis do litoral sul-catarinense. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, Nº 20, P. 53-75. 2010.

KLÖKLER, D. Otólitos pra que te quero? Revista de Arqueologia. V. 29. Nº 1. 2016. p. 3-17.

KLÖKLER, D.; GASPAR, M. 'Há uma estrutura funerária em meu sambaqui..., esse sambaqui é uma estrutura funerária!'. IN: GASPAR, M., SOUZA, S. (ED.). Abordagens estratégicas em sambaquis. Erechim: Habilis. 2013. p. 109-26.

KOHN, E. How Forests Think: toward an Anthropology Beyond the Human. Berkeley: University of California Press. 2013.

LA HURE, Conde de [V. L. Baril/Chabaud]. Considérations sommaires sur l'origine des amas de coquillages de la côte du Brésil. Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Carta. Lata 15. Doc. 9. IN: LANGER, Johnni. Os Sambaquis e o Império: escavações, teorias e polêmicas, 1840-1889. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, V. II, P. 35-53. 2001.

LACERDA, J. B. O Homem dos Sambaquis (contribuição para a anthropologia brasileira). Archivos do Museu Nacional. Vol. VI. 1885. p. 175-203.

LAMING-EMPERAIRE, A. Problèmes de préhistoire brésilienne. Annales. Histoire, Sciences Sociales, V. 30, N. 5, 1229-1260. 1975.

LANGER, J. Os sambaquis e o Império: escavações, teorias e polêmicas, 1840-1889. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo. 11. 2001. p. 35-53.

LATOUR, B. Jamais Fomos Modernos. Rio de Janeiro: Editora 34. 1994.

LATOUR, B. Perspectivism: type or bomb? Anthropology Today. Vo. 25. Nº 2. April. 2009. P. 1-2.

LE BRETON, D. Antropologia dos Sentidos. Petrópolis: Vozes. 2016.

LEACH, E. Concluding adress. IN: RENFREW, C. The Explanation of Culture Change: models in prehistory. Pittsburg: University of Pittsburg Press. 1973. p. 761-772.

LEÃO, E. Antonina Pré-histórica. Arquivos do Museu Nacional. 22. 1919. p. 231-240.

LEITE, F. R. A Língua Geral Paulista e o “Vocabulário da Língua Geral Paulista”. Dissertação de mestrado em Linguística: Instituto de Estudos da Linguagem: UNICAMP/SP. 2013. p. 190.

LEHRER, A. The influence of semantic fields on semantic change. IN: FISIÁK, J. Historical Semantics and Historical Word Formation. Berlin/New York, Amsterdam: Mouton de Gruyter. 1985. p. 283-296.

LEMOS, V. M. Aspectos da biologia reprodutiva e padrão sazonal de recrutamento dos juvenis do pampo (*Trachinotus marginatus* (TELEOSTEI, CARANGIDAE) no sul do Brasil. Dissertação (Mestrado em Oceanografia Biológica). Rio Grande: FURG. 2010. p. 74.

LEONARDOS, O. H. Concheiros naturais e sambaquis. Publicações do Serviço de Fomento da Produção Mineral, avulsos, Departamento Nacional de Produção Mineral, Rio de Janeiro, vol. 37, 1938. 109 p.

LESSA, C.; CARVALHO, A. Marcadores de estresse ocupacional, atividades cotidianas, ambiente e escolhas culturais: uma discussão sobre estilos de vida diferenciados em três sambaquis do litoral fluminense. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas. V. 10. Nº 2. 2015. p. 489-507.

LÉVI-STRAUSS, C. O Totemismo Hoje. Lisboa: Edições 70. 1975.

LÉVI-STRAUSS, C. Estruturas Elementares do Parentesco. Petrópolis: Vozes. 1982.

LÉVI-STRAUSS, C. O Pensamento Selvagem. São Paulo: Papirus. 1989. 320 p.

LÉVI-STRAUSS, C. Myth and Meaning. London: Routledge. 1989.

LÉVI-STRAUSS, C. O Cru e o Cozido. Mitológicas. Volume 1. São Paulo: Cosac Naify. 2004.

LÉVI-STRAUSS, C. O Homem Nu. Mitológicas. Volume IV. São Paulo: Cosac Naify. 2014.

LÉVI-STRAUSS, C. As organizações dualistas existem? IN: LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia Estrutural. V. I. São Paulo: Cosac & Naify. 2012. p. 193-236.

LÉVI-STRAUSS, C. A estrutura dos mitos. IN: LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia Estrutural. V. I. São Paulo: Cosac & Naify. 2012a. p. 293-332.

LIMA, T. A. Dos Mariscos aos Peixes: um Estudo Zooarqueológico da Mudança de Subsistência na Pré-História do Rio de Janeiro. Tese (Doutoramento em Arqueologia)

- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo. São Paulo. 691 p. 1991.
- LIMA, T. A. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil. Revista USP. Dossiê Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira I. São Paulo. 44. 2000a. p. 270-327.
- LIMA, T. A., MAZZ, J. L. La emergencia de complejidad entre los cazadores recolectores le da costa atlántica meridional suramericana. Revista de Arqueología Americana. Nº 17, 18, 19. julio 1999-diciembre 2000b. p. 129-175.
- LIMA, T. S. O Pássaro de Fogo. Revista de Antropologia, São Paulo, Vol. 42, N.1-2. 1999. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011999000100008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011999000100008&script=sci_arttext). Acesso em 4, julho, 2019.
- LIMA, T. S. Um peixe olhou para mim: O povo Yudjá e a perspectiva. São Paulo: UNESP/Instituto Socioambiental; Rio de Janeiro: NuTI. 399 p.
- LOPARIĆ, Z. Heidegger. Coleção Passo a Passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004a. 86 p.
- LOPARIĆ, Z. A linguagem objetificante de Kant e a linguagem não-objetificante de Heidegger. Natureza Humana. Nº 6. V. 1. 2004b. p. 9-27.
- LUCHERINI, M.; VIDAL, E. M. *Lycalopex gymnocercus* (Carnivora: canidae). Mammalian Species. Nº 820. 2008. p. 1-9.
- LUCIANI, J. A. K. Fractalidade e troca de perspectivas. Mana, Rio de Janeiro, V. 7, N. 2, P. 95-132. 2001.
- MÄDER, A.; SANDER, M.; CASA JR. G. Ciclo sazonal de mortalidade do Pinguim-de-Magalhães, *Spheniscus magellanicus* influenciado por fatores antrópicos e climáticos na costa do Rio Grande do Sul, Brasil. Revista Brasileira de Ornitologia. Vol. 18. Nº 3. 2010. p. 228-233.
- MADRE DE DEUS, Fr. G. Memórias para a Capitania de São Vicente Hoje Chamada São Paulo e Notícias dos Anos em que se Descobriu o Brasil. São Paulo/Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos. 3ª Edição. 1920.
- MANTELATTO, F. L. M.; FRANSOZO, A.; Reproductive biology and moulting cycle of the Crab *Callinectes ornatus* (Decapoda, Portunidae) from the Ubatuba region, São Paulo, Brazil. Crustaceana. Vol. 72. Nº 1. 1999. p. 63-73.
- MARGARIDO, T. C. C. Aspectos da história natural de *Tayassu pecari* (Link, 1795) (Artiodactyla, Tayassuidae) no Estado do Paraná, sul do Brasil. Tese (Doutorado em Zoologia). Universidade Estadual do Paraná, Curitiba. Setor de Ciências Biológicas, 2001. P. 109.
- MARTIN, L.; SUGUIO, K.; FLEXOR, J. M. Informações adicionais fornecidas pelos sambaquis na reconstrução de paleolinhas de praia quaternária: exemplos da costa do Brasil. Revista de Pré-História, São Paulo, V. 6, p. 128-4. 1984.
- MATTHEWS, M.; ROULETTE, R. "Are all stones alive?" Anthropological and Anishinaabe approaches to personhood. IN: (Eds.) ASTOR-AGUILERA, A.; HARVEY,

- G. Rethinking Relations and Animism – Personhood and Materiality. New York: Routledge. 2018. P. 173-192.
- MATTOS, A. Prehistoria Brasileira. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional. Brasiliana. Série 5ª. Vol. 137. 324 p. 51 fig. 1938.
- MAUSS, M. A category of the human mind: the notion of person; the notion of self. Translated by W. D. Halls. IN: CARRITHERS, M.; COLLINS, S.; LUKES, S. The Category of Person: anthropology, philosophy, history. Cambridge, New York, Melbourne: Cambridge Press. [1938] 1985.
- MELLO-ALVIM, M. Caracterização da Morfologia Craniana das Populações Pré-históricas do Litoral Meridional Brasileiro (Paraná e Santa Catarina). Arquivos de Anatomia e Antropologia, Rio de Janeiro, V. 3, p. 292-318. 1978.
- MEGGERS, B; EVANS, C. A Utilização de Sequências Cerâmicas Seriadas para Inferir Comportamento Social. Boletim Série Ensaio. Nº 3. Set/85. Instituto de Arqueologia Brasileira. 1985.
- MELLO E ALVIM, M. C. & Uchoa, D. P. Contribuição ao estudo das populações de sambaquis; os construtores de sambaqui de Piaçaguera, São Paulo, Instituto de Pré-História/USP. 1976. 55 p.
- MENDONÇA DE SOUZA, Alfredo. História da Arqueologia Brasileira. Pesquisas. Antropologia, São Leopoldo, IAP, Nº 46. 1991. 157 p.
- MENEGHIN, U. Falsificaciones arqueológicas en el Uruguay. Orígenes. Nº 7. 2008 40 p.
- MENEZES, M. J.; ANDREATTA, M. D. Os sepultamentos no sambaqui “B” do Guaraguaçu. O Homem Antigo na América, São Paulo: Instituto de Pré-História. 1971. p. 5-20.
- MERLEAU-PONTY, M. The Visible and the Invisible. LEFORT, C. (Ed.). Evanston: Northwestern University Press. 1968. 282 p.
- MERLEAU-PONTY, M. El Ojo y el Espíritu. Buenos Aires: Editorial Paidós. 1964. 1986. p. 70.
- MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes. 1999. 662 p.
- MERLEAU-PONTY, M. A Natureza. São Paulo: Martins Fontes. 2000. 448 p.
- MILHEIRA, R. Esculturas Líticas Sambaqueiras: algumas possibilidades interpretativas. Reflexões a partir de uma coleção lítica do LEPAARQ/UFPEL. Monografia. Pelotas. 2005. 66p.
- MILHEIRA, R. Zoólitos: algumas reflexões sobre as esculturas sambaqueiras. In: ZOCHE, J. CAMPOS, J. ALMEIDA, N. RICKEN, C. Arqueofauna e Paisagem. Erechim: Habilis. 2014. p. 187-208.
- MONTOYA. A. R. Tesoro de la lengua guaraní. Madrid: Juan Sanches. Primeira Edição. 1639.

- MOTA, A.; CAMPOS, E. C.; RODRIGUES, J. D. Seletividade em redes de emalhar utilizadas na pesca de acará *Geophagus brasiliensis* (Quoy & Gaimard, 1824) (Osteichthyes, Cichlidae) e época de reprodução na represa de Ponte Nova, Rio Tietê, Estado de São Paulo, Brasil. Boletim do Instituto de Pesca. Vol. 10. 1983. p. 119-127.
- MOTTA-JUNIOR, J. C.; C. J. R.; ALHO. Ecologia alimentar de *Athene cunicularia* e *Tyto alba* (Aves: Strigiformes) nas estações ecológicas de Jataí e experimental de Luiz Antônio, SP. IN: SANTOS, J. E.; PIRES, J. S. R. (Eds.). Estação Ecológica de Jataí. Volume I. São Carlos: RIMA Editora. 2000. P. 303-315.
- MOORE, D. Historical Development of Nheengatu (Língua Geral Amazônica). IN: MUFWENE, S. S. (Ed.). Iberian Imperialism and Language Evolution in Latin America. 2014. p. 108-142.
- MORESCO, A.; BEMVENUTI, M. A. Biologia reprodutiva do peixe-rei (*Odontesthes argentinensis*) (Valenciennes) (Atherinopsidae) da região marinha costeira sul do Brasil. Revista Brasileira de Zoologia. Vol. 23. Nº 4. Curitiba. 2006. p. 1168-1174.
- MOURÃO, J. S.; NORDI, N. Etnoictiologia de pescadores artesanais do estuário Mamanguape, Paraíba, Brasil. Boletim do Instituto de Pesca. São Paulo. Vol. 29. Nº 1. 2003. p. 9-17.
- MOYLE, R. G. A molecular phylogeny of Kingfishers (*Alcedinidae*) with insights into early biogeographic history. The Auk, V.123, N. 2, P. 487-489. 2006.
- MÜLLER, Fritz. On Brazil Kitchen Middens, Habits of Ants, Etc... Nature. February. Nº 17. P. 304-305. 1876.
- MULLER, J. C.; DIETRICH, W.; MONSERRAT, R.; BARROS, C.; ARENZ, K. H.; PRUDENTE, G. Dicionário de Língua Geral Amazônica. Potsdam: Universitätsverlag Potsdam/Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 2019. 384 p.
- MUNROE, T. A. Systematics and ecology of tonguefishes of the genus *Symphurus* (Cynoglossidae: Pleuronectiformes) from the western Atlantic Ocean. Fishery Bulletin. Vol. 96. Nº 1. 1998. p. 1-182.
- MURPHY, S.; COLLET, A.; ROGAN, E. Mating strategy in the male common dolphin (*Delphinus delphis*): what gonadal analysis tell us. Journal of Mammalogy. Vol. 86. Nº 6. 2005. p. 1247-1258.
- NAVARRO, E. A.; O último refúgio da língua geral no Brasil. Estudos Avançados. 27. 76. 2012. p. 245-254.
- NEVES, W. A. Paleogenética dos grupos pré-históricos do litoral sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina). Pesquisas. Antropologia, São Leopoldo, IAP, N. 43,1988. 178 p.
- NIMUENDAJU, C.; VIVEIROS DE CASTRO, E. B. Curt Nimuendaju: 104 mitos indígenas nunca publicados. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Nº 21. P. 64-112.
- NISHIDA, P. A coisa ficou preta: estudo do processo de formação de terra preta do sítio arqueológico Jaboticabeira II. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade de São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia. 2007.

- NÓBREGA, T. P. da. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. Estudos de Psicologia. V. 13. Nº 2. 2008. p. 141-148.
- NÓBREGA, T. P. da. Corpo e Natureza em Merleau-Ponty. Movimento. Porto Alegre. V. 20. Nº 3. p. 1175-1196. jul.set. 2014.
- NOELLI, F. FERREIRA, L. M. A Persistência da Teoria da Degeneração Indígena e do Colonialismo nos Fundamentos da Arqueologia Brasileira. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, V. 14, Nº 4, P. 1239-1264. 2007.
- NUNES, M. U. S. O conhecimento ecológico de pescadores sobre a reprodução e migração dos recursos pesqueiros em um ecossistema costeiro subtropical do Atlântico Sul. Doutorado em Ecologia e Conservação. Curitiba: UFPR. 2020. p. 92.
- OKUMURA, M. M. Diversidade morfológica, micro-evolução e ocupação pré-histórica da costa brasileira. Pesquisas. Antropologia, São Leopoldo, IAP, N. 66. 2008. p. 306.
- OKUMURA, M.; EGGERS, S.; The people of Jabuticabeira II: reconstruction of the way of life in a Brazilian Shellmound. Homo, V. 55, P. 263-281. 2005.
- OKUMURA, M.; BOYADJIAN, C. H.; EGGERS, S. Análise da exostose do meato auditivo externo como um marcador de atividade aquática em restos esqueléticos humanos da costa e do interior do Brasil. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. Nº 15-16. 2006. p. 181-197.
- OLIVEIRA, J. J. M. Vocabulário elementar da língua geral brasileira. Revista do Arquivo Municipal. São Paulo. Ano III. V. XXV. 1936. p. 129-171.
- OLIVEIRA, J. P. Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colônial, territorialização e fluxos culturais. Mana, Rio de Janeiro, V. 4, N. 1, P. 47-77. 1998.
- OLIVEIRA, P. A. Ecologia de fêmeas de ouriço-preto *Chaetomys subspinosus* (Olfers 1818) (Rodentia: Erethizontidae) nas florestas de restinga do Parque Estadual Paulo César Vinha, Guarapari, Espírito Santo. Dissertação (Mestrado em Zoologia de Vertebrados). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2006.
- OLSEN, B. Material Culture After Text: re-membering things. Norwegian Archaeological Review. Vol. 36. Nº 2. 2003. p. 87-104.
- OLSEN, B. Keeping Things at Arm's Length: a genealogy of symmetry. World Archaeology. Vol. 39. Nº 4. 2007. P. 579-588.
- OLSEN, B. In defense of things: archaeology and the ontology of objects. Lanham: AltaMira Press. 2010.
- ONOFRE. Dicionário Português-Brasileiro e Brasileiro Português. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. AYROSA, P. (Org.). 1934 [1795].
- ORSSICH, A. de S. Observações arqueológicas sobre sambaquis. Cadernos de Arqueologia. nº 2. Curitiba: Museu Paranaense. 1977, p. 61-67.

- PASSAMANI, M. Ecologia e Comportamento de um Grupo de Sagui-da-Cara-Branca (*Callithrix geoffroyi*) em um Fragmento de Mata Atlântica no Espírito Santo. Dissertação (Mestre em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre), UFMG, Belo Horizonte. Sem paginação. 1996.
- PEIRANO, M. Etnocentrismo às avessas: o conceito de “sociedade complexa”. Dados, Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro. Vol. 26. Nº 1. 1983. p. 97-115.
- PEIXE, S., MELO JUNIOR, J. C.; BANDEIRA, D. (2007). Paleoetnobotânica dos macrorestos vegetais do tipo trançados de fibras encontrados no sambaqui Cubatão I, Joinville – SC. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, V. 17, p, 211-222. 2007.
- PENNA, D. F. Breve notícia sobre os sambaquis do Pará. Archivos do Museu Nacional. Rio de Janeiro. N. 1. 1876. p. 85-99.
- PEREIRA, A. Análise Morfológica e Morfométrica de duas Espécies de Albatrozes: Albatroz-de-Sobrancelha (*Thalassarche melanophris*) e Albatroz-de-Nariz-Amarelo (*Thalassarche chlororhynchos*) (Procelariiformes: Diomedidae). Mestrado em Biologia Animal. Porto Alegre: UFRGS. 2018. p. 84.
- PIAZZA, W. Estudos de Sambaquis (Nota Prévia). Série Arqueologia, Florianópolis, Instituto de Antropologia, N. 2, 1966. p. 72.
- PIAZZA, W. Dados à arqueologia do litoral norte e do Planalto de Canoinhas. In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas e Resultados Preliminares do Quinto Ano 1969-1970. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Publicações Avulsas, N. 26, pp. 53-68. 1974
- PIAZZA, W.; PROUS, A. Documents pour la préhistoire du Brésil méridional. 2. L'État de Santa Catarina. Cahiers D'Archéologie D'Amérique du Sud. Paris: École des Hautes Études em Sciences Sociales. 1977.
- PINTO, I.S., LOSS, A.C.C., FALQUETO, A. & LEITE, Y.L.R. Pequenos mamíferos não voadores em fragmentos de Mata Atlântica e áreas agrícolas em Viana, Espírito Santo, Brasil. Biota Neotropical, V. 9, N. 3: Disponível em: <http://www.biotaneotropica.org.br/v9n3/pt/abstract?inventory+bn03109032009> Acessado em 20, janeiro, 2021.
- PLENS, C. R. Processos construtivos de um sambaqui fluvial. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo. Nº 23. 2013. p. 3-18.
- POLETTA, G. L.; LARRIERA, A.; KLEINSORGE, E.; MUDRY, M. D. Genotoxicity of the herbicide formulation Roundup (glyphosate) in broad-snouted caiman (*Caiman latirostris*) evidenced by the comet assay and the Micronucleus test. Mutation Research/Genetic Toxicology and Environmental Mutagenesis. Nº 672. 2008. p. 95-102.
- POMPEU, F. Cronologia e práticas funerárias dos sambaquis dos estados do Paraná e Santa Catarina (4951 - 2850). Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. 242 p.

POMPEU, F. G. Tanatológicas: contribuições do perspectivismo ameríndio para a Arqueologia da Morte. IN: GONÇALVES, L. P.; LIEBEL, V. (Orgs.) Espaços e Sociabilidades no Mundo Ibero-Americano. Série Mundo Contemporâneo. 13. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2018. P. 205-232.

POMPEU, F.; HILBERT, K. Nossas outras arqueologias até as últimas consequências. Vestígios. Vol. 14. Nº 1. 2020. p. 116-139.

PRESLEY, S. J. *Eira barbara*. Mammalian Species, N. 636, p.1-6. 2000.

PROUS, André. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. Dédalo, São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia (Universidade de São Paulo), Ano X, Nº 20, Dezembro, P. 11-127. 1974.

PROUS, A. Les sculptures zoomorphes du sud brésilien et de l'Uruguay. Cahiers D'Archéologie D'Amérique du Sud. Paris: École de Hautes Études. Nº 5. 1977a.

PROUS, A.; PIAZZA, W. Documents pour la histoire du Brésil Méridional. 2. L'État de Santa Catarina. Paria. Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud. 1977b.

PROUS, A. Arqueologia Brasileira. Brasília: Universidade de Brasília. 1992. 613 p.

PROUS, André. Os moluscos e a arqueologia brasileira. Arquivos do Museu de História Natural, Belo Horizonte, N. V, XI, p. 241-298. 1987.

PROUS, A. Esculturas de pedra, arte e fronteiras culturais pre-históricas. IN: AMARAL, A. (Curadoria). 34º Panorama da Arte Brasileira: da pedra, da terra, daqui. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo. 2015. P. 35-100.

PROUS, A. As esculturas de pedra (zoólitos) e de osso dos sambaquis do Brasil meridional e do Uruguai. Revista Memore, Tubarão, v.5, n.1, p. 197-217, jan./abr. 2018.

RATH, C. Noticia ethnologica sobre um povo que já habitou a costa do Brasil, como com o seu interior, antes do dilúvio universal. Revista Trimestral do Instituto Geographico e Ethnographico do Brasil. Tomo XXXIV. Parte primeira. 1871. p. 287-292.

RAUTH, J. W. O Sambaqui do Macedo A.52.B. - Paraná - Brasil. Arqueologia, N. 2, Curitiba: Publicação do Conselho de Pesquisas da Universidade do Paraná. 1960. 99 p.

RAUTH, J. W. O Sambaqui de Saquarema, S.10.B - Paraná - Brasil. Curitiba: Conselho de Pesquisas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: Universidade do Paraná. 1962. p. 73.

RAUTH, J. W. Nota prévia sobre a escavação do sambaqui do Porto Maurício. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 1: Resultados Preliminares do Primeiro Ano, 1965-1966. Publicações Avulsas, Belém: Universidade do Pará. N.º 6, p. 47-58. 1967

RAUTH, J. W. O Sambaqui do Gomes, S.11.B - Paraná - Brasil. Arqueologia, n. 4. Curitiba: Conselho de Pesquisas da Universidade Federal do Paraná. 1968. p. 99.

RAUTH, J. W. Nota prévia sobre a escavação arqueológica do Sambaqui do Godo. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 3: Resultados Preliminares do Terceiro Ano, 1967-1968. Publicações Avulsas, Belém: Universidade do Pará, N. 13, p. 75-99. 1969a.

RAUTH, J. W. Nota prévia sobre a escavação do sambaqui do Rio São João. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. 2. Resultados Preliminares do Segundo Ano, 1966-1967. Publicações Avulsas, Belém: Universidade do Pará, N. 10, p. 75-93. 1969b.

RAUTH, J. W. Nota prévia sobre a escavação do sambaqui do Ramal. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 4: Resultados preliminares do quarto ano, 1968-1969. Publicações Avulsas, Belém: Universidade do Pará, N. 15. p. 1971.

RAUTH, J. W. Nota prévia sobre a escavação do sambaqui do Rio Jacareí. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 5: Resultados Preliminares do Quinto Ano 1969-1970. Publicações Avulsas, Belém: Universidade do Pará, N. 26, p. 91-104. 1974a.

RAUTH, J. W. Escavação arqueológica do Sambaqui G. II – S. 28 – R. Revista de Antropologia. Curitiba: Universidade do Paraná. p. 27-106. 1974b.

REITZ, E. J.; WING, E. J. Zooarcheology. Cambridge: Cambridge University Press. 1999.

REYNOSO, C. Crítica de la Antropologia Perspectivista. Segunda Versão. 2017. Disponível em: <<http://carlosreynoso.com.ar/archivos/articulos/Carlos-Reynoso-Critica-de-la-antropologia-perspectivista.pdf>> Acessado em 14, maio, 2018.

RIBEIRO, P. A. M.; RIBEIRO, C. T.; SILVEIRA, I. A ocorrência de zoólitos no planalto meridional: Barros Cassal, RS, Brasil. Revista do CEPA. Santa Cruz do Sul. Nº 5. P. 5-32. 1977.

RIBEIRO, P. A. M. Material arqueológico no Museo de Ciencias Naturales y Antropológicas de Paraná, Provincia de Entre Rios, República Argentina, proveniente do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Pesquisas. Antropologia N º 31. 1980. p. 11-23.

RIBEIRO, P. A. M.; PENHA, M. A. P.; FREITAS, S. E.; PESTANA, M. B. A Ocorrência de Zoólitos no Litoral Centro e Sul do Rio Grande do Sul, Brasil. Documento. Arqueologia. Nº 11. Rio Grande: Editora da FURG. 2002. P. 45.

RIBEIRO, B. O Índio na Cultura Brasileira. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro. Biblioteca Básica Brasileira; 22. 2013. p. 210.

ROBINSON, S. K. Use of bait and lures by Green-backed Herons in Amazonian Peru. Willson Bulletin, V. 106, N. 3. P. 567-569. 1994.

RODRIGUES, A. D. A composição em Tupi. Logos. N. 14. Separata. 1951. p. 1-8.

RODRIGUES, A. D. Esboço de uma introdução ao estudo da língua Tupi. Revista Brasileira de Linguística Antropológica. V. 3. N. 2. Julho. 2011. p. 31-44.

- RODRIGUES, J. B. Vocabulário indígena com a orthographia correcta (complemento da Poranduba Maranhense). IN: ROCHA, F. M. (Ed.). Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. V. XVI. Fascículo 2. 1984. p. 1-64.
- RODRIGUES-CARVALHO, C.; SOUZA, S. M.; Marcadores de estresse mecânico-postural em populações sambaquieiras do Estado do Rio de Janeiro. *Habitus*. Goiânia. V. 3. Nº 2. P. 241-259. Jun./dez. 2005.
- RODRIGUES, L. L. Frugivoria e dispersão de sementes pelo Jabuti-Piranga *Chelonoidis carbonaria*. 2016. 46 f. Trabalho de conclusão de curso (Ecologia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências (Campus de Rio Claro), 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/156035>>. Acessado em 18, novembro, 2020.
- ROHR, J. A. (Pe.). Os Sítios Arqueológicos do Município Sul-Catarinense de Jaguaruna. Pesquisas. Antropologia. Nº 22. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas. 1969. P. 37.
- ROHR, J. A. O Sítio Arqueológico do Pântano do Sul, SC – F – 10. Florianópolis: IOESC. 1977.
- ROTH, W. A Semântica Histórica: um campo abandonado da linguística? *Filologia e Linguística Portuguesa*. N. 2. 1998. p. 61-79.
- RONGO, T.; BUSH, M.; VAN WOESIK, R. Did ciguatera prompt the late Holocene Polynesian voyages of discovery? *Journal of Biogeography*. Vo. 36. 2009. p. 1423-1432.
- SABATINI, COSTA, 2001 - Etograma da Paca (*Agouti paca*, Linnaeus, 1766) em Cativoiro. *Revista de Etologia*. Vol. 3. Nº 1. P. 3-14. 2001.
- SAMPAIO, T. O Tupi na Geographia Nacional. Rio de Janeiro: Typographia da Casa Eclectica. 1901.
- SANJAD, N. “Ciência de potes quebrados”: nação e região na arqueologia brasileira do século XIX. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. Nova Série. V. 19. N. 1. janeiro-junho. 2011. p. 133-163.
- SANTOS, C. F. M. dos; CONCEIÇÃO, G. C. da; BRACHT, F. Lagostas, Baiacus e Sernambis: a fauna marinha da América portuguesa e o cotidiano colonizatório no século XVI. *Portuguese Studies Review*. Vol. 21. Nº 1. 2013. P. 173-192.
- SANTOS, E. F. Ecologia da cutia *Dasyprocta leporina* (Linnaeus, 1758) em um fragmento florestal urbano em Campinas - SP (Rodentia: Dasyproctidae). 2005. 72 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2005.
- SANTOS, G. M. Estudo da reprodução e hábitos reprodutivos de *Schizodon fasciatus*, *Rhytiodus microlepis* e *Rhytiodus argenteofuscus* (Pisces, Anostomidae) do lago Janauacá. *Acta Amazônica*. Vol. 10. Nº 2. 1980. p. 391-400.
- SANTOS, L. B. A indústria de cimento no Brasil: origens, consolidação e institucionalização. *Sociedade & Natureza*. Uberlândia. 23. 1. abril. 2011. p. 77-94.

- SANTOS, M. L. A importância da Tainha (*Mugil liza*) na pesca cooperativa entre golfinhos (*Tursiops truncatus*) e pescadores de tarrafa em Tramandaí, RS. Mestrado em Oceanografia Biológica. Rio Grande: FURG. 2016. p. 60.
- SANTOS, M. P. Estrutura populacional e aspectos alimentares e reprodutivos da Pescada-Branca *Cynoscion leiarchus* (Cuvier, 1830) (Sciaenidae, Pisces) na região estuarina da Baía de Guaratuba, Paraná. Monografia de Bacharelado em Ciências Biológicas. Curitiba: UFPR. 1997. p. 36.
- SANTOS, P. R. S. A pesca artesanal da Miraguaia (*Pogonias cromis*, Sciaenidae) e consequências da sobreexploração, no estuário da Lagoa dos Patos. Mestrado em Biologia de Ambientes Aquáticos Continentais. Rio Grande: FURG. 2015. p. 72.
- SANTOS-GRANERO, F. (Ed.). The Occult Life of Things: native Amazonian theories of materiality and personhood. Tucson: University of Arizona Press. 2009a. 277 p.
- SANTOS-GRANERO, F. From Baby Slings to Feather Bibles and From Star Utensils to Jaguar Stones: the multiple ways of being a thing in the Yanéscha Lived World. In SANTOS-GRANERO, F. (Org.). The Occult Life of Things: native Amazonian theories of materiality and personhood. University of Arizona Press. 2009b. P. 105-127.
- SAUSSURE, F. Curso de Linguística Geral. 27ª Edição. São Paulo: Cultrix. 2006. 279 p.
- SAUTCHUK, C. E. The pirarucu net: artefact, animism and the technical object. *Journal of Material Culture*. Vol. 24. Nº 2. 2018. p. 1-18.
- SAZBÓN, J. Mito e história em la antropologia estrutural. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión. 1975. 94 p.
- SCHAAN, D. A Linguagem Iconográfica da Cerâmica Marajoara. Dissertação em História (ênfase em Arqueologia). Porto Alegre: PUCRS. 1996. p. 169.
- SCHMIDT, A.; BEMVENUTI, C. E.; DIELE, K. Sobre a definição da zona de apicum e sua importância ecológica para populações de caranguejo-uçá *Ucides cordatus* (Linnaeus, 1763). *Boletim Técnico-científico do CEPENE*. Tamandaré, Pernambuco. V. 19. N. 1. 2013. p. 9-25.
- SCHÜCH, G. Os Sambaquis. *Ensaios de Sciencia por diversos amadores*. I. Março. 1876. p. 81-89.
- SEEGER, A.; DA MATTA, R.; VIVEIROS DE CASTRO, E. B. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. *Boletim do Museu Nacional. Nova Série. Antropologia*. Nº 32. Maio. 1979. P. 2-19.
- SERRANO, A. Subsídios para a Arqueologia do Brasil Meridional. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, V36, Nº 2, p. 5-42, 1937.
- SERRANO, A. The sambaquis of the brazilian coast. In: *Bulletin*, Nº 143. STEWART, J. H. *Handbook of Southamerican Indians, the marginal tribes*. V. 1. Washington: Smithsonian Institution. 1947. p. 401-408.

- SCHMITZ, P. I. A ocupação pré-histórica do Estado de Santa Catarina. *Tempos Acadêmicos. Dossiê Arqueologia Pré-Histórica*. Nº 11. 2013. P. 6-24.
- SHANKS, M. The life of an artifact in interpretive archaeology. *Fennoscandia archaeologica*. XV. 1998. p. 15-42.
- SHANKS, M. Symmetrical archaeology. *World Archaeology*. Vol. 39. Nº 4. 2007. P. 589–596.
- SIMÕES, M. O museu Goeldi e a arqueologia da Bacia Amazônica. *Antologia da Cultura Amazônica*. São Paulo. 6. 1971. p. 173-189.
- SIMÕES, M. Índice de Fases Arqueológicas Brasileiras (1950-1971). Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. *Publicações Avulsas* Nº 18. 1972. 75 p.
- SILVA, S. F. S. M. Arqueologia das práticas mortuárias em sítios pré-históricos do litoral de São Paulo. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade Estadual de São Paulo, Curitiba. *Museu de Arqueologia e Etnologia*, 2005. 408 p.
- SILVANO, R. A. M.; MACCORD, P. F. L.; LIMA, R. A.; BEGOSSI, A. When does this fish spawn? Fisherman's local knowledge of migration and reproduction of Brazilian coastal fishes. *Environ. Biol. Fish.* Nº 76. 2006. p. 371-386.
- SIMÕES, M. F. Índice das Fases Arqueológicas Brasileiras, 1950-1971. *Publicações Avulsas do Museu Emílio Goeldi*. Belém, Pará. N. 18. Formato em fichas de campo.
- SMITH, D. W., "Phenomenology", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Summer 2018 Edition), Edward N. Zalta (ed.), Disponível em = <<https://plato.stanford.edu/archives/sum2018/entries/phenomenology/>>. Acessado em 7, março, 2019.
- SOFFIATI, A. O Manguezal na História e na Cultura do Brasil. *Campos dos Goytacazes: Editora da Faculdade de Direito de Campos*. 2006. 108 p.
- SOUZA, L. M.; CHAVES, P. T. Atividade reprodutiva de peixes (Teleostei) e o defeso na pesca de arrasto no litoral norte de Santa Catarina, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia*, Vol. 24. Nº 4. 2007. p. 1113-1121.
- SOUZA, R. C. C. L. de; LIMA, T. A.; SILVA, E. P. da. *Conchas Marinhas de Sambaquis do Brasil*. Rio de Janeiro: Technical Books. 2011. 254 p.
- STRATHERN, M. Sem Natureza, sem Cultura: o caso Hagen. In: STRATHERN, M. (Org.). *O Efeito Etnográfico e outros ensaios*. 2014a. P. 23-76.
- STRATHERN, M. A pessoa como um todo e seus artefatos. IN: STRATHERN, M. (Ed.). *O Efeito Etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify. 2014b. P. 487-510.
- SUDJIC, D. *A Linguagem das Coisas*. Rio de Janeiro: Intrínseca. 2010. 223 p.
- SUGUIO, K. Relationship between shell-middens and neolithic paleoshorelines with examples from Brazil and Japan. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo. V. 3. 1993. p. 55-65.

SUGUIO, K.; MARTIN, L.; BITTENCOURT, A.; DOMINGUEZ, J.; FLEXOR, J.-M.; AZEVEDO, A. Flutuações do nível relativo do mar durante o Quaternário Superior ao longo do litoral brasileiro e suas implicações na sedimentação costeira. *Revista Brasileira de Geociências*, V. 15, P. 273-286. 1985.

TAYLOR, B. *Encyclopedia of Religion and Nature*. London & New York: Continuum. 2005.

TENÓRIO, M. C. Identidade Cultural e Origem dos Sambaquis. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia*, V. 14. p. 169-178. 2004.

TIBURTIUS, G.; BIGARELLA, I. K.; BIGARELLA, J. J. Contribuição ao estudo dos sambaquis do litoral norte de Santa Catarina II: O sambaqui do Rio Pinheiros (Nº 8). *Arquivos de Biologia e Tecnologia*. Curitiba: Universidade do Paraná. V. 9. p. 141-197. 1954.

TIBURTIUS, G.; BIGARELLA, I. K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. *Pesquisas. Antropologia*. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas. N. 7. 1960. p. 51.

TIBURTIUS, G. *Arquivos de Guilherme Tiburtius*. I. Joinville: Museu Arqueológico do Sambaqui de Joinville. 1996. p. 102.

TIBURTIUS, G. O Sambaqui Conquista (NR. 9). *Boletim Paranaense de Geografia*. Nº 18-20. P. 71-125. Outubro de 1966.

TIBIRIÇÁ, L. C. *Dicionário Tupi Português*. Santos: Traço Editora Ltda. 1984.

TILLEY, C. *A Phenomenology of Landscape, Places, Paths and Monuments*. Oxford/Providence: Berg Publishers. 1994. 221 p.

TOLA, F. "Eu não estou só(mente) em meu corpo": A Pessoa e o Corpo Entre os Toba (Qom) do Chaco Argentino. *Mana*. Nº 12. V. 2. 2007. p. 499-519.

TRIGGER, B. *A history of archaeological thought*. Cambridge: University Press. 6th edition. 1995 [1989].

TYLOR, E. B. *Primitive Culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, art and custom*. London: John Murray, Albermale Street. 1871.

TURNER, T. The Crisis of Late Structuralism. *Perspectivism and Animism: rethinking culture, nature, spirit and bodiliness*. *Tipití*. V. 7. Nº1. 2009. P. 3-42.

VALENÇA, José Rolim. *Herança: a expressão visual do brasileiro antes da influência do europeu*. São Paulo: Empresas Dow, 1984.

VARNHAGEN, F. A.; *Ethnographia indigena: linguas, emigrações e archeologia*. *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*. Tomo XXI. 4º Trimestre. 1858 [1846]. p. 389-938.

VAN INWANGEN, Peter; SULLIVAN, Meghan, "Metaphysics", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2018 Edition), Edward N. Zalta (ed.),

Disponível em = <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2018/entries/metaphysics/>>. Acessado em 11, outubro, 2019.

VIDOLIN, G. P. Aspectos bioecológicos de *Puma concolor* (Linnaeus, 1771), *Leopardus pardalis* (Linnaeus, 1758) e *Leopardus tigrinus* (Schreber, 1775) na reserva natural Salto Morato, Guaraqueçaba, Paraná, Brasil. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais; Área de Concentração em Conservação da Natureza). Universidade Federal do Paraná. 2004. 89 p.

VIÉGAS, A. Vocabulário Português-Tupi, Tupi-Português. Campinas: Instituto Agrônomo de Campinas. 1971.

VIEIRA, G. H. F. Toxinas de dinoflagelados marinhos. Arquivos de Ciências do Mar. Fortaleza. Nº 25. 1986, p. 87-106.

VIERTLER, R. A Refeição das Almas: uma interpretação etnológica do funeral dos índios Bororo. São Paulo: HUCITEC/Editora da Universidade de São Paulo. 1991. 221 p.

VILLAGRÁN, X. S. Estratigrafias que falam: Geoarqueologia de um sambaqui monumental. São Paulo: Annablume, 2010.

VILLAGRÁN, X.; KLOKER, D.; NISHIDA, P.; GASPAS, M.; DEBLASIS, P. Lecturas estratigráficas: arquitectura funerária y deposición de residuos em el sambaqui Jaboticabeira II. Latin American Antiquity, V. 21. N. 2, p. 195-216. 2010.

VILLAGRÁN, X.S. O que sabemos dos grupos construtores de sambaquis? Breve revisão da arqueologia da costa sudeste do Brasil, dos primeiros sambaquis até a chegada da cerâmica Jê. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, V. 23, p. 139-154. 2013.

VILLAGRAN, X.S. The shell-midden conundrum: comparative micromorphology of shell-matrix sites from South America. Journal of Archaeological Method and Theory. N. 26. 2019. p. 344-395.

VILLELA, L.B. Genética pesqueira e filogeografia da Anchova, *Pomatomus saltatrix*, (Linnaeus, 1766). Mestrado em Biodiversidade e Biologia Evolutiva. Rio de Janeiro: UFRJ. 2015. p. 111.

VIVEIROS DE CASTRO, E. From The Enemy's Point of View: Humanity and divinity in a amazonian society. Chicago: University of Chicago Press. 1992. 428 p.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O Nativo Relativo. Mana. Vol. 8. N.1. 2002. p. 113-148.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Exchanging Perspectives: the transformation of Objects into Subjects in Amerindian Ontologies. Common Knowledge. V. 10. Nº 3. Fall 2004. Symposium: Talking Peace with Gods, Part 1. 2004. p. 463-484.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Esboço de Cosmologia Yawalapiti. IN: VIVEIROS DE CASTRO, E (Ed.). A Inconstância da Alma Selvagem - e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify. 2011a. p. 25-86.

- VIVEIROS DE CASTRO, E. *Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena*. IN: VIVEIROS DE CASTRO, E (Ed.). *A Inconstância da Alma Selvagem - e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify. 2011b. p. 345-400.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. *Xamanismo e Sacrifício*. IN: VIVEIROS DE CASTRO, E (Ed.). *A Inconstância da Alma Selvagem - e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify. 2011c. p. 457-472.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. *Entrevista com Eduardo Viveiros de Castro*. IN: VIVEIROS DE CASTRO, E (Ed.). *A Inconstância da Alma Selvagem - e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify. 2011d. p. 473-492.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. *Claude Lévi-Strauss, fundador del posestructuralismo*. IN: (Org) OLIVARRÍA, M. E.; MILLÁN, S.; BONFIGLIOLI, C. *Lévi-Strauss: un siglo de reflexión*. Iztapalapa: Universidad Autónoma Metropolitana/Juan Pablos Editor. 2010. p. 17-42.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. *Cosmological Perspectivism in Amazonia and Elsewhere*. HAU Masterclass Series. Volume 1. Manchester: University of Manchester. 2012.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. *Metafísicas Canibais*. São Paulo: Cosac & Naify. 2015. 287 p.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. *A Antropologia perspectivista e o método de equivocação controlada*. Tradução de M. G. Camargo e R. Amaro. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*. Vol. 5. Nº 10. 2019. p. 247-264.
- VOGLIOTTI, A. *História natural de Mazama bororo (Artiodactyla; Cervidae) através de etnozologia, monitoramento fotográfico e rádio-telemetria*. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Agroecossistemas). Universidade de São Paulo: Interunidades em Ecologia Aplicada. 2003. 99 p.
- VOCABULARIO na Lingua Brasilica. AYROSA, P. (Org.). São Paulo: Departamento de Cultura. 1934 [1622].
- WAGNER, G. P. *Sambaquis da Barreira da Itapeva: uma perspectiva geoarqueológica*. Tese (Doutorado em Arqueologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUCRS, 2009.
- WAGNER, G. *The origins of the brazilian sambaquis (shellmounds): from a historical perspective*. *Cadernos do LEPAARQ*. Pelotas. V. XI. Nº21. 2014. p. 210-220.
- WAGNER, R. *A Invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac Naify. 2010.
- WALKER, H. *Baby Hammocks and Stone Bowls: Urarina technologies of companionship and Subjection*. IN: SANTOS-GRANERO, F. (Ed.). *The Occult Life of Things: native Amazonian theories of materiality and personhood*. Tucson: University of Arizona Press. 2009. P. 81-104.
- WALLACE, S. *Contradictions of Archaeological Theory, Engaging Critical Realism and Archaeological Theory*. New York: Routledge. 2011.

- WASELKOV, G. Shellfish gathering and shellfish archaeology. *Advances in Archaeological Method and Theory*. 10. 1983. p. 93-210.
- WEBMOOR, T. What about “one more turn after the social” in archaeological reasoning? taking things seriously. *World Archaeology* Vol. 39. Nº 4. 2007. P. 563–578.
- WEISMANTEL, M. Seeing like an archaeologist: Viveiros de Castro at Chavín de Huántar. *Journal of Social Archaeology*, V. 15, N. 2, P. 1-21. 2015.
- WHEELER, M. *Arqueología de Campo*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica. 1977. [1954].
- WIENER, C. Estudos sobre os sambaquis do sul do Brazil. *Boletim do Museu Nacional*. Rio de Janeiro. N. 1. 1876. p. 1-20.
- WUNDERLICH, A.; PINHEIRO, M. A. A.; RODRIGUES, A. M. T. Biologia do caranguejo-uçá, *Ucides cordatus* (Crustacea: Decapoda: Brachyura), na Baía da Babitonga, Santa Catarina, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia*. Curitiba. Vol. 25. N. 2. 2008. p. 187-198.
- ZEDEÑO, M N. Animating by association: index objects and relational taxonomies. *Cambridge Archaeological Journal*. V. 19, N. 3. P. 407-417. 2009.

ANEXOS

## ANEXO I

O anexo I (Tabela do Campo Semântico de 'Sambaqui') está disponibilizado digitalmente no link abaixo:

[https://drive.google.com/file/d/1h-URwi-oQBW5qVceqloOkL\\_ey5EkPnsT/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1h-URwi-oQBW5qVceqloOkL_ey5EkPnsT/view?usp=sharing)

## ANEXO II

O anexo II (Tabela de Datações de Sambaquis e Concheiros da Baía da Babitonga) está disponibilizado digitalmente no link abaixo:

<https://drive.google.com/file/d/1EgKDChK369Em2V5YwJliCB8hOsgkpG7x/view?usp=sharing>

### ANEXO III

O anexo III (Imagens das Esculturas Zoomórficas) está disponibilizado digitalmente no link abaixo:

[https://drive.google.com/drive/folders/1ZLBVxUWQ8Hyo0D3G19a\\_sYnLSqdVzceb?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1ZLBVxUWQ8Hyo0D3G19a_sYnLSqdVzceb?usp=sharing)

#### ANEXO IV

O anexo IV (Catálogo Atualizado das Esculturas Zoomórficas) está disponibilizado digitalmente no link abaixo:

[https://drive.google.com/file/d/1RTJ0rXoRJYcQyI\\_OcG\\_Ur7LwqiD4smQB/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1RTJ0rXoRJYcQyI_OcG_Ur7LwqiD4smQB/view?usp=sharing)